

Mário Pazcheco
Refrescando a mente

Jardim Rochdale/SP; Taguatinga, Guar/DF – 1974-2019

Revisão

Roberto Gicello

Projeto gráfico, diagramao e arte final da capa

Marcone Barros

 Capa

Consultoria

Luís Eduardo da Silva

Produtora associada

Zanza Meneses

HEUSTÓRIA

Cada vez mais estou convencido de que somos um compêndio de heustórias absurdas e loucas e me tocando de que tmbm rumamos, como O Titanic, em busca do iceberg definitivo. Pode tmbm transparecer que eu esteja deprimido. S peo que não deixem as pressões exteriores abalarem a vossa dor dente...

“No livro corre a estória dentro da história, dando como síntese o que chamo de heustorya. Guimarães Rosa escreveu a estória e não incorpora a história.” **(GLAUBER ROCHA)**

Arquivos consultados

dopropriobolso.com.br, Sindicato do Reggae, Facebook e fanpage Aborto Elétrico

Bibliografia

Contato

www.dopropriobolso.com.br – pazcheco@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogao na Publicao (CIP)

Refrescando a mente : tipo .

– Brasília : Do Próprio Bolo, 2019.

424 p.

1. Tipo. I. Refrescando a mente

ANUÁRIO

- 1974 – QUARENTA E CINCO ANOS DEPOIS**
- 1975 – BYE, BYE JARDIM ROCHDALE**
- 1976 – BRASÍLIA, A CAPITAL MAIS LINDA**
- 1977 – LEME/LEBLON**
- 1978 –**
- 1979 –**
- 1980 – O SONHO ACABOU!**
- 1981 – PERDEMOS O ÚLTIMO ANTROPÓFAGO BRASILEIRO**
- 1982 – O FABULOSO MUNDO DE KRIPTON**
- 1983 – ROCK É UMA ATITUDE, NÃO É MODA**
- 1984 – ÁGUA DE BICA**
- 1985 – EU VIAJEI DE TREM**
- 1986 – META-ROMANCE FEITO DE RECORTES DE JORNAL**
- 1987 – RETROCESSO 87**
- 1988 –**
- 1989 –**
- 1990 – VOCÊ QUER UMA VIDA MAIS REBELDE DO QUE ESSA?**
- 1991 – BALADA DO LOUCO**
- 1992 –**
- 1993 –**
- 1994 – PERDEMOS BUKOWSKI, COBAIN E STEFANIN**
- 1995 – AVENTURA SEM DUBLÊ**
- 1996 –**
- 1997 –**
- 1998 –**
- 1999 – ONDE É QUE ESTÁ O MEU ROCK'N'ROLL?**
- 2000 – SUBLITERATURA ENGAVETADA**
- 2001 –**
- 2002 –**
- 2003 – DOPROPRIOBOLSO.COM.BR**
- 2004 – O FÃ RECONHECE O ARTISTA E VICE-VERSA**
- 2005 –**
- 2006 –**
- 2007 –**
- 2008 –**
- 2009 –**
- 2010 – CERTEZAS EMPRESTADAS**
- 2011 – FRASES SEM FREIO OU FLORESTA DE ERROS**
- 2012 – ANO DO BICO DO CORVO**
- 2013 – EU ME DEIXEI VIRAR UM INCÔMODO?**
- 2014 – 10.000 MIL DIAS DE ROCK**
- 2015 – A SINTAXE DO TROVÃO**
- 2016 – DO IT YOURSELF OU MACACO VÊ, MACACO FAZ**
- 2017 – FACEBOOK OU A COR DA ÁGUA**
- 2018 – COISA DE FÃ**

HEUSTÓRIA VISTA DE DENTRO

“Foi dado o corte epistemológico, eles têm que ver.” (GLAUBER ROCHA)

Este será um prefácio intenso, meio atlas, meio calendário: um mapa para identificar personagens e locais. Escaparam as praças, as árvores, os bancos e a sinuosidade das curvas – a visão da estrada. Aqui, os ônibus serão, essencialmente, o meio de transporte mais usado. Trata-se de um faroeste – “caboclo” –, faltará, talvez, erudição para pegar essas brevidades como em certos pratos refinados falta apresentação aristocrática. Ainda assim, como nos ônibus lotados, os fragmentos de vida atravessarão a condução a tempo de descer na próxima parada, a determinação lhes abrirá passagem. Em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, há o inusitado e o burlesco. Leiam-no. Opere o parto, meta a faca e faça a circuncisão.

A *Heustória* constitui-se de lembranças, de locuções dos domingos de futebol paulista no rádio, de recortes de jornais e revistas, de capas de discos, de vislumbres do cotidiano soterrados pelas perdas implosões que a vida detona e não filma. Uma onda radiofônica regional, local (e brutal) transmite o linguajar beat – assoprado em sílabas e carregado pelas ventanias urbanas.

O perímetro é a vastidão do Centro-Oeste – o mítico “Planalto Central” de JK – que masca pessoas, os retirantes do Brasil pós-paroquial, que, após conseguirem transformar ocupações em lotes, se encontraram no Bar Esperança.

AQUELA COISA BURLESCA COMO SALGADOS DE BOTECO

O CRIME – A *Heustória* é a desorientação da História, através da memória do processo de regredir para ilustrar a vida vivida com palavras e imagens às vezes inéditas – ou através de suas reminiscências, frequentemente incertas, profundamente sinceras. *Heustória* é o processo de uma história apaixonada – exaltada; sem os vergalhões que sustentam as construções históricas, acadêmicas, com respaldo judicial, oficial, cartorial, eivada de impressos imprecisos. Sua escrita será intangível. Deve ser uma história nova, um novo departamento à parte. Além das lendas urbanas é uma história sobrevivente, trazendo à tona fatos que foram colunas nas páginas policiais (jamais pousamos nossos olhos nas sociais). O trabalho será escorado pelos caras mais competentes e loucos que a mixaria pode abarcar. Tudo é insuficiente e escasso e mingado e regrado. Será uma história trancada (não confundir com hermética), que talvez jamais soltaremos – não somos fitas magnéticas. A *Heustória* desagradará os donos do poder, desagradará favoritismos, desagregará amigos e desapontará os ávidos de babados fortes. Porém, em com precisão cirúrgica atingirá e acalantaré aquele público diminuto com aquelas quase extintas histórias daquele arrabalde, que tornam a *Heustória* o ramo mais promissor das memórias da sobrevivência do Homem. Só Brasília, a capital em seus 58 anos oferece material tão comum, insólito, e tão vivenciado e tão marcado em nossos sentidos.

De agora em diante só beberei nos puros blues gasosos da própria bica, aqueles que se parecem com lágrimas. Cotidianamente (re)escrevo passagens subterrâneas, fugas espetaculares e anedotas amargas – espremendo o limão, contemplando o passado com bastante sarcasmo, registrando como os beats datilografaram, escrevendo com três pares de mãos. Nesta jornada, todo dia a prosa deverá seguir para a gráfica, mesmo que ela não saía do lugar.

Heustória é a fusão histórica com a particular, o prosaico, com o que aconteceu na sua vida – ou ainda com 45 anos de irrupção arrependimento e contraculturas. É aquela história que vem de berço, da trajetória em fotos, recortes, daquelas ações de adquirir os pedaços do sonho. A conquista de materiais. As informações seriam levadas do além-túmulo essa é a ideia.

Estou na busca por histórias dissipadas dos meus outros pares. Essa ideia de dar rosto e vazão aos pares é vital no processo de catalogação das emoções.

1974

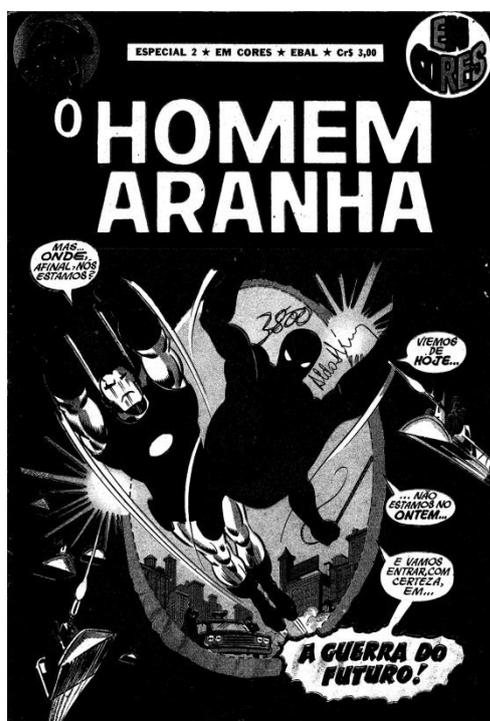
ORIGENS

Nos altos do Morumbi, fomos visitar a Alzira. As paredes altas da mansão eram brancas e tinham vários pôsteres de John & Yoko. Eu jamais tinha visto uma guitarra e um piano bar! Na mais pura tolice genuína fiquei maravilhado com a louça italiana e os cristais dos banheiros e os acessórios que para mim eram 'o ouro de tolo'. Cheguei em casa e recebi um esporro: 'seu tio faz necessidade lá no mato e não ficou deslumbrado, já você, francamente...'. Essas histórias me f. a infância e para não falar que são mentiras, O engenheiro, Adão Rosa era o marido dela. Eu não sabia de disputas de família de migrantes da Bahia onde o tom era 'ela passava fome na Bahia e hoje ostenta' quer ser feliz fique longe da família, do código de silêncio. Eu disse que iria escrever a verdadeira história dos Pazchecos e fui ameaçado: 'te processo de novo'. No Facebook a cada dia escrevo um novo parágrafo da saga a cada like, agora você decide o que vale ou o que é mentira. Penduro quadros nas paredes e me sinto bem-sucedido como a tia do Morumbi.

Esse era um gibi do ano da Copa na Alemanha. Difícil para mim era tomar a iniciativa de pedir para o meu pai comprar a edição. Além disso, o ano escolar ficava ameaçado pelas revistas – líamos tudo que caía nas mãos e a rua toda trocava seus gibis e livrinhos de ficção, espionagem e faroeste

MARÇO/ABRIL – NO TEMPO DOS CAUBÓIS

Nas rádios a canção era "Roy Rogers", com Elton John. Por serem mais velhos, os caras do fim da rua em frente ao rio Tietê só gostavam de histórias de far west e livros de bolso congêneres. Era a febre do início dos 70s e que já começara a subir no termômetro das obsessões infanto-juvenis na década anterior. Faltava-me alguns números básicos, mas eu nem sonhava em novamente resguardar revistas e lembranças: (A)Dolfo era o cara que tinha as revistas na Rua Paraíba, em 1974 – ano de mistério e balas e sequestros típicos das manchetes de jornais como Última Hora.



Eu tinha dez anos. Quando a minha mãe, sabiamente, dispensou a minha primeira coleção. Aqueles gibis do Solar, o Homem do Átomo, Zero, Brotoeja, Riquinho, Motardelo & Salaminho; edições da Turma da Mônica de 1973; os Superman Bi de 1971, as revistinhas de Mandrake, Fantasma, Tarzan, Flash Gordon; os de heróis da Marvel da Ebal se foram, ainda que tenham deixado herdeiros. Hoje eu procuro números da revista de arquitetura Módulo, dos 70s. No entanto, não pense que gasto o suado dinheiro com papel (impresso).

BLUES DO JARDIM ROCHDALE

Bilico, um baixinho atarracado, ganhava a vida 15 dias fora dos muros da cidade, outros 15 dentro. Fazia fretes em carretas para o Paraná e até para o Paraguai – lugares exóticos dos quais trazia coisas que enchiam os meus olhos de assombro e fascinação. Mas a curiosidade mata o macaco: Bilico nunca me deu nada, nem uma bolinha de gude. Sua concessão máxima era permitir, por raros minutos, que eu subisse na boleia da carreta, destas de muitas rodas, que dominavam a paisagem em frente a casa dos meus pais. No toca fitas da boleia ele sempre ouvia "A Casa do Sol Nascente" à exaustão e carregava uma Bíblia. Num desses finais

de semana prolongados, Bilico conseguiu viajar para assistir ao seu grande ídolo numa boate carioca na orla de Copacabana. Bilico voltou triste e desapontado com seu divo, indignado porque sofreu uma "cantada". Não entendeu muito bem. Eu só sei que ele jamais tocou "A Casa do Sol Nascente" de novo.

BLUES DO DEPÓSITO DE BEBIDAS

Senhor Haigo era baixinho e atarracado, calvo de olhos claro e camisa social. Ele sabia que a meninada do cortiço e os filhos dos moradores da rua eram loucos por uma moeda.

Próximo do meio-dia, ele atirava moedas aos céus. Havia duas maneiras de sair com uma moeda no bolso. Disputá-la no ar e ser empurrado e derrubado ou esperar a moeda cair e no meio do bolo ferir os joelhos e sair rastejando com a moeda. Zé Carlos, o menino do cortiço deu mole e sofreu a travessura do bate-pavão, ficou chorando.

Quando eu estiver mais normal, longe do *trifué* das artes escreverei, um blues de como é tomar Tatuzinho ouvindo no "Rio de Piracicaba" com Serjão Reis e sua camisa florida e trabalhando em cima de um velho caminhão entregando garrafas. E a pinga Coquinho com seu líquido acomodado misturado a suco.

•

"Minha mãe, Zuzu Angel, nunca perdoou. Não se conformou com a morte de Stuart. Fez da perda uma bandeira, não baixou a guarda nem abaixou a cabeça. Foi impávida e altiva até o final, principalmente no governo Médici*, o tempo mais terrível. Meu irmão nunca entregou ninguém, era um ideológico. Minha mãe sabia de tudo, claro, e sempre foi solidária a seu filho." (Hildegard Angel, jornalista)

11 DE MARÇO – VISÃO

Glauber Rocha afirma que Golbery e Darcy são os gênios da raça. O general consegue que se expeça um passaporte para Glauber, quando o Itamaraty recebe a incumbência de avisar a Glauber, em Paris, anota: "Foi a decisão tomada – e certa, acho."

ABAIXO A MISTIFICAÇÃO (GLAUBER ROCHA*)

Glauber Rocha, diretor de cinema: "Ernesto Geisel tem tudo para fazer do Brasil um país forte, justo e livre."

Visão me pede para responder alguma coisa, eu também estou procurando uma resposta, a rainha Tomiris que matou Ciro era de um povo que costumava sacrificar aos deuses mais potentes os mais velozes seres humanos. Quando saí do Brasil, em 1971, deixei nas mãos do Tarso e do Maciel um artigo pra Já, onde anunciava que em 1974 baixava uma luz e as sete cabeças da besta se desintegrariam: depois, em outras ilhas, Marcos berrou no meio da viagem: Petróleo! E sabíamos que não era nosso na matéria, mas ideia; quem me encontrou nestes anos em vários continentes se lembra do que estava anunciando. (...)

Visão me pede para responder sobre arte no Brasil de 1964-74: são dez anos de Bode, daquele Demoz que crava fundo as patas no dorso da pele. Reagimos, o sangue correu em Jardim das Piranhas, Antônio das Mortes falou ao terceiro mundo, esperamos agora, sobretudo Eu, que sou protestante, Luz e Ação. Acho que Geisel tem tudo na mão para fazer do Brasil um país forte, justo e livre. Estou certo inclusive que os militares são os legítimos representantes do povo. Chegou a hora de reconhecer sem mistificações, moralismos bobocas, a evidência: Costa era quente, frias eram as consciências em transe que não viram pintar as contradições no espelho da história. Em 1968 eu era albuquerqueista e Antônio das Mortes é o profeta de Alvarado e Khadafi. (...)

Vejam as coisas: agora a história recomeça. Os fatos de Geisel ser luterano e de meu aniversário será a 14 de março, quando completo 35, me deixam absolutamente seguro de que cabe a ele responder às perguntas do Brasil falando para o mundo. Não existe arte

revolucionária sem poder revolucionário. Não interessa discutir as flores do estilo: quero ver o tutano da raiz. (...)

Começemos por economia política e vejamos como se articula o desenvolvimento da superestrutura sobre o subdesenvolvimento da infraestrutura, etc. Acho Delfim Netto burro, idem Roberto Campos. Chega de mistificação. Para surpresa geral, li, entendi e acho o general Golbery um gênio – o mais alto da raça ao lado do professor Darcy. Que Celso Furtado é a metáfora do terceiro mundo dragado pela Wall Street Scout. Que Fernando Henrique é o príncipe de nossa sociologia. Que leio e curto a revista Argumento. Que Chico Buarque é o nosso Errol Flynn. Que entre a burguesia nacional-internacional e o militarismo nacionalista eu fico, sem outra possibilidade de papo, com o segundo. De Cinema Novo? O novo é sempre viveterno e São Bernardo ainda surpreendeu incrédulos da geração 50. Não tenho nada de pessoal contra tropicanalistas: detesto a finura sutil dos machadianos, o revisionismo time-life da moçada abrilhantada. Sou um homem do povo, intermediário do cujo, e a serviço. Força Total pra Embrafilme, Ordem e Progresso. Visão, 11 de março de 1974

DECLARAÇÕES E ESTRONDOS DE ROCHA

"Golbery e Darcy, os dois gênios da raça, se juntassem. Eles são a cara e a coroa do mesmo país. Falta ao Darcy a visão militar e ao Golbery a visão antropológica. Além do mais, os dois nomes terminam em y."

"Os cubanos, a princípio ficaram surpresos, mas acabaram convencidos, o mesmo ocorrendo com Arraes e João Goulart. Por isto me surpreendi com a reação das pessoas. Quando dei essa declaração, achei que estava declarando o óbvio".

No fim de abril, Glauber passa uma semana em Portugal, para ver a *Revolução dos Cravos* e filma o ponto culminante das manifestações, o desfile do 1º de maio. Glauber sonha com aquele mesmo desfecho para a ditadura brasileira que acaba de entronizar seu quarto ditador, o general Ernesto Geisel. Glauber acredita que o general Geisel está trabalhando no Brasil por um regime militar nacionalista e esquerdizante, nos moldes da experiência do Peru (entre 1968 e 1975), onde um governo fardado tinha feito a reforma agrária.

"A Revolução é um ato de Amor e não de Violência. Discordo de Lenin, de Mao, de Guevara. O sangue não purifica. O que revoluciona são as Ideias e não as Armas. Não quero lavar meu corpo e alma no sangue dos fascistas. Muitos machistas dirão: não quer brigar porque é frouxo. Os loucos encontram na morte o máximo de prazer. Os lúcidos encontram o prazer na vida. A Revolução é fundamentalmente a luta contra a morte dos amigos e dos inimigos."

A eminente volta de Glauber Rocha ao Brasil é sigilosamente negociada pelos jornalistas Zuenir Ventura e Elio Gaspari, o ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso e o general Golbery do Couto e Silva, atual chefe da Casa Civil de Geisel.

DECLARAÇÕES E ESTRONDOS DE ROCHA 2

"Ninguém sabe de uma coisa que eu vou dizer aqui em furo. A declaração que eu dei na *Visão* de março de 1974, foi reproduzida em mais de cinco mil xerox e distribuída pelo mundo inteiro. Até hoje não sei quem fez isso. Eu dei uma declaração como cineasta, como intelectual, como livre pensador. Quando cheguei ao Brasil, durante dezesseis meses, toda a imprensa brasileira, com raras exceções, me chama de louco. Então, eu virei uma espécie de figura desfrutada, de jornalistas irresponsáveis que, inclusive dizem mentiras. (...)

"Eu, soube, que um dos responsáveis pela campanha internacional movida contra mim, desde 1974, é o senhor Miguel Arraes."

"A revolução é uma estética."

"Conheço muito bem a vida intelectual brasileira e coloco problemas sabendo que vão provocar discussão, para romper certas teses, porque detesto o dogmatismo, a ortodoxia, meu princípio filosófico não admite dogmas."

"O único eterno subversivo é o artista."

"O povo vive totalmente à margem das querelas tradicionais entre as elites de direita e de esquerda e trata de resolver por si mesmo suas contradições e problemas."

"Vamos derrubar os militares."

"Na verdade, eu ponho frases na boca deles, atribuo significados a estes personagens e depois eles têm de agir conforme o script."

"O roteiro de *A Idade da Terra* foi outra vez proibido pela censura e Rodolfo Echeverria me declarou fora da lei. Todos os cineastas latino-americanos nos negaram solidariedade: estava com febre e úlcera no quarto 418 do Hotel Camporella, Sullivan, 5, México D.F. e fui visitado por Augusto Boal: – Você é um traidor. – Qual é a sua? – 'Suas declarações em *Visão 74!*' Respondi: – 'Sou artista! Sou um burocrata!'"

"Não tenho resposta na boca para todas as coisas. Sou um artista, portanto meu processo é um processo dialético entre o fluxo do inconsciente e minha razão dialética. Assim, posso mudar a qualquer momento."

IMAGENS (O)CORRIDAS

AS ARMAS E O POVO (1974)

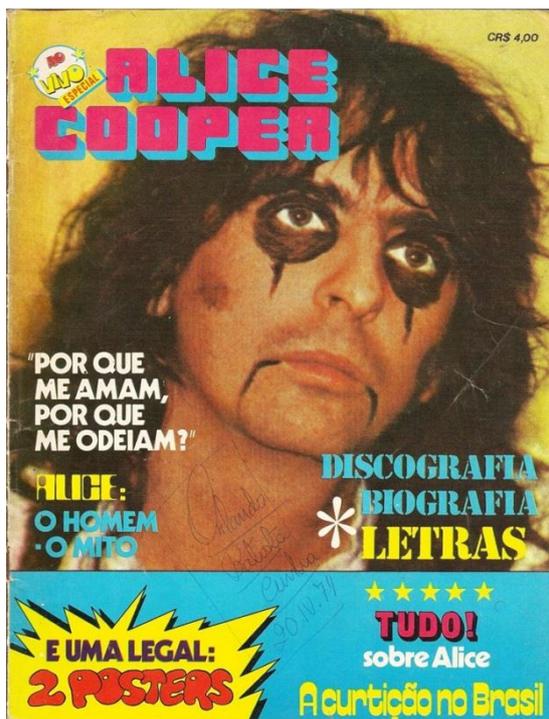
Documentário de 86 minutos, fruto de direção coletiva de 28 diretores da produção portuguesa que, entusiasmados com a *Revolução dos Cravos*, 25 de abril e o primeiro de maio de 1974, *Dia do trabalhador* comemorado em liberdade, por mais de 500 mil pessoas que saíram pelas ruas de Lisboa. Glauber Rocha, um dos muitos diretores do filme, atua também como entrevistador. O germe do trabalho dele no programa *Abertura* da TV Tupi.

SUPER-PALOMA – Super-8, no exterior

VIAGEM COM JULIET BERTO – Super 8, no Egito e na Grécia

LETÍCIA E MOSSA NO MARROCOS – Super 8

Durante trinta dias Letícia Maria Moreira de Sousa, poeta e Mossa, Flora Bildner acompanham Glauber Rocha – e vice-versa – durante um mergulho em Marrakesh com "muito fumo, muito amor, muita alegria, e um filme Super-8 enorme"



A revista do Alice Cooper não é uma referência para o rock nacional. Quem abriu o(s) show(s) foi o *Som Nosso de Cada Dia* com Liminha no contrabaixo. Andy Mills produziu o *Fruto Proibido*. As empresárias de Rita Lee compraram a iluminação do espetáculo. E inspirou o verso: "Não gosto do Alice Cooper, onde é que está meu rock'n'roll?"



30 MARÇO – SOM NOSSO DE CADA DIA FOTO: GRACE LAGÔA

18 DE MAIO – SURGE MAIS UM ROCKEIRO FANÁTICO

Brás morou num cortiço no Jardim Rochdale/Osasco-SP, com certeza ele tinha mais de dezoito anos. Para sobreviver, vendia fitas de cabeça e bandeiras do São Paulo (eu só sei que eu era São-paulino) e tinha um outro cara, Milton, que era palmeirense e que me havia prometido uma camisa do São Paulo; eu, do portão, toda vez que via o cara gritava por ela! Nessa época fui ao Pacaembu e assisti ao empate do Santos e Corinthians. Em campo, Pelé de barba! O jogo foi um magro um a um! O vendedor de moedas de chocolate num tubinho dentro de uma caixa de isopor atirou a mercadoria e não voltou para pegar a grana. Eu pensei que o tubinho (cheinho) era só para mim. Tive que dividir. Esse foi o primeiro choque e depois tive outros. Quem me levou foi o meu pai e os vizinhos que trabalhavam no depósito de bebidas. No cortiço, Brás numa vitrolinha, ouvia um som. Eu pedi para ele anotar o nome daquele disco, que fiquei segurando, hipnotizado pela capa, sem entender nada, mas havia gostado muito. Brás me tratou como moleque inconveniente e, com má vontade, escreveu as músicas daquele selo azul. Brás dançou...

A partir dali eu coleei no Geraldinho, que trabalhava no Banco e curtia krautrock.

7 DE AGOSTO

O equilibrista Philippe Petit, famoso por atravessar as Torres Gêmeas em Nova Iorque, usando apenas um cabo. Mesmo sem ter autorização legal para a arriscada aventura, ele reuniu um grupo de assistentes internacionais e contou com a ajuda de um mentor para bolar o plano, que superou diversos obstáculos para poder ser finalmente executado. A travessia ganhou destaque no mundo inteiro.

10 DE AGOSTO – JORNAL DO BRASIL – JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

Vanguarda, neovanguarda, antivanguarda

23 DE AGOSTO – 'DISCO VOADOR' VISTO POR JOHN LENNON

Um desenho feito pelo ex-beatle ilustrou o contato que ele garantiu ter tido com um disco voador no céu de Manhattan (Nova York, Estados Unidos).

"No dia 23 de agosto de 1974, às 9h, eu vi um disco voador", escreveu ele no desenho.

Em entrevista a uma rádio americana, Lennon falou sobre o episódio: "Essa coisa estava flutuando a cerca de 30 metros de distância. Eu a vi muito perto. Eu poderia atingi-la se estivesse com uma pedra."

24 DE NOVEMBRO

Ouvia rádio valvulado. O primeiro contato com o rock'n'roll não aconteceu naqueles dias radiofônicos porque a sintonia só pegava AM e, então só rolava o programa do Barros de Alencar. Era 1974, no ar, mexendo no botão, o zumbido de sintonia zzzzzzzzzzz para ouvir o campeonato paulista de futebol na Rádio América (Pedro Rocha, Riva, Ademir da Guia; e Pelé foi para os States). E os vibrantes locuções, comentários e chavões de Walter Abrãao Filho, Geraldo Bretas, Eli Coimbra na TV Tupi e os de Alexandre Santos no programa *Gol: o grande momento do Futebol* na TV Bandeirantes.

Domingo triste quando a perna de Mirandinha quebrou feio, como um graveto e nunca mais foi o mesmo. Assim eram aqueles dias carregados de Pholhas / Slade e German rock e, claro! "48 Crash".

cultura

A arte de não saber importar

Hoje ninguém mais acredita: anunciar a vinda de artista estrangeiro de música popular virou uma espécie de brincadeira para alimentar colunas na imprensa. Como disse um crítico, todos os grandes nomes internacionais ou já vieram ou estão para vir ao Brasil. De fato, apenas este ano, de Frank Sinatra aos Rolling Stones, não houve um só grande nome do *show business* internacional cuja presença já não tivesse sido anunciada por um empresário ou divulgada por algum colunista.

Depois que o cantor americano Alice Cooper fez cinco apresentações no Brasil, com ingressos variando de 20 a 160 cruzeiros (e os dois primeiros espetáculos pagaram as despesas da importação), muito se especulou sobre as vantagens e desvantagens desse tipo de iniciativa, que se apresenta sempre como "uma contribuição cultural" ao nosso público, mesmo quando se trata de meras mistificações.

Um jovem mercado consumidor (54% da população com menos de vinte anos, 60% localizada nos centros urbanos), uma estabilidade política e econômica, uma indústria fonográfica em expansão, além do irresistível apelo tropical, pareciam fazer do Brasil o mercado ideal, no momento em que uma grave crise de energia nos Estados Unidos e na Europa impedia que muitos artistas, sobretudo os *pop*, cumprissem suas agendas de apresentação.

No entanto, passados seis meses do fenômeno de Alice Cooper e apesar da visita de alguns outros nomes internacionais, a proclamada invasão ainda não se concretizou. A euforia inicial foi abafada por uma dura realidade em que é difícil saber o que mais falta: recursos financeiros ou uma estrutura organizada para empreendimentos desse nível.

Embora um rápido balanço reve-



Alice Cooper: caprichos satisfeitos, pagamento à vista

fissionalismo desconhecido da maioria dos nossos empresários. E depois porque existem as exigências, que não são poucas e podem ir desde a satisfação de excentricidades (o fornecimento de brinquedos, cobras, etc.) até o cachê e ser depositado em um banco estrangeiro antes de o artista deixar o seu país.

Para Carlos Alberto Sion, por exemplo, que coordenou as apresentações de Alice Cooper, há muitas condições a preencher: "É fundamental ter trânsito lá fora", isto é, ter um bom relacionamento com os promotores estrangeiros. Segundo ele explica de maneira discursiva — porque este não foi certamente o caso de Alice Cooper —, os artistas quando vêm para cá não ganham muito dinheiro e "podem até perder porque em cada deslocamento no Brasil ficam pelo menos quatro dias sem se apresentar: são dois dias de viagem e dois de descanso em que não há *show*".

É necessário então, na sua opinião, vender o Brasil e com argumentos até mais turísticos do que comerciais, explorando os "frutos da terra, o exótico, os trópicos, etc.". É preciso, para a vinda do artista, que exista algo mais, além de muito dinheiro — que parece não haver — e de uma estrutura organizada em condições de sustentar, sem recorrer a arranjos, a estada do artista aqui. Na vinda de Alice Cooper, em que houve muito dinheiro e pouca organização, além de ameaças de cancelamento de *shows*, o conjunto chegou a ridicularizar os brasileiros cantando uma música de Carmen Miranda com o refrão *mañana, mañana*, para dizer que tudo no Brasil se resolve amanhã. As coisas nunca estavam prontas na hora marcada.

Nada disso, entretanto, impediu que o cantor andrógino recebesse na hora marcada 120 mil dólares — o que parece ter sido um pagamento sufi-



Domicio Pinheiro / Estádio

Mirandinha fratura a perna em dividida com Baldini
América/SJRP 0 x 3 São Paulo - 24/Nov/1974

ESCREVENDO SOBRE A MINHA GERAÇÃO E RELIGIÃO...



DA PERIFERIA DO DINHEIRO PARA A PERIFERIA DO PODER

Aos 55 anos, 44 deles em Brasília

Sou um candango honorário oriundo do Jardim Rochdale – Osasco, São Paulo

Minha memória navega pelo velho Tietê

Nada tenho de vitoriano!

DE VOLTA ÀS RAÍZES

Em Goiânia, para qualquer festival de rock, eles sempre vêm com

essa:

– Vocês são de Brasília!

– Não mano, eu sou de Nova Glória emancipada de Ceres perto de Rialma!

– *Viação Aragarina*, a 180 quilômetros daqui!

– Viemos de Brotas de Macaúbas na Bahia. Nos anos 50, percorremos 1200 quilômetros pela BR-153, (conhecida como Belém-Brasília).

– Sou neto de Avelino Baiano que quase morreu sangrando de um corte no joelho, ele era hemofílico e chegou na cidade de Ceres em cima de um caminhão para ser salvo.

– Eu? Eu cheguei a morar no Centro-Oeste em 1975 vindo de Osasco/SP, mas me lembro que aos nove anos estive na capital em 1973!

•

No grupo escolar *Júlia Lopes* em Osasco, nossa classe começou o ano letivo de 1974, cantando “O Vira”, o estrondoso sucesso dos Secos & Molhados, achei inovadora a atitude da professora dona Lillian, ela disse a minha mãe que se estivesse grávida, ela perderia o:

O gato preto cruzou a estrada / Passou por debaixo da escada.

E lá no fundo azul / na noite da floresta.

A lua iluminou / a dança, a roda, a festa.

Vira, vira, vira / Vira, vira, vira homem, vira, vira

Vira, vira, lobisomem

Vira, vira, vira / Vira, vira, vira homem, vira, vira

MERGULHADO NO BLUES

O suspiro da fossa vaza a parede do portão e o líquido esverdeado flui, escorre numa calha de cimento (guias) descendo da primeira casa até a última, até encontrar uma galeria que o despejava no Tietê. O mato no Tietê entre Rochdale e o Piratininga se entrelaçou de tal forma que as pessoas atravessam o emaranhado sobre o rio como numa rede vegetal. Os pés das pessoas saem pretos como se tivessem cruzado um campo alagado de petróleo.

DEPOIS DAS CHUVAS

A diversão era catar tampas plásticas de garrafas e simular uma corrida de barquinhos na vala. Para libertar as rolhas e tampas usávamos varas. Outra diversão era como bravios animaizinhos urbanos revirar o lixo que jogavam nos terrenos baldios. Não havia água encanada. Frente à casa, havia um cortiço com melhor estrutura; na casa colada à minha, meus melhores amigos: Geraldo e Marcos, e meu xará, Mário, apanhavam mais do que eu. Eu sempre pulava o muro da divisa para jogar futebol de meia com eles. Vi escola punir muito menino. O pai deles era violento. Colada na casa deles havia o segundo cortiço, onde o pai de um outro amigo, Harry, que recolhia lixo, trouxe uma bola de látex e de casca e essa foi a melhor bola que tivemos durante um tempo. Era azedo conseguir sair de casa autorizado para jogar uma pelada nas margens do Tietê e a orientação era: "cuidado com o rio jamais entre e cuide do seu cu!" Hoje aquelas margens estão tomadas por favelas.

Naquele fim de mundo, naquela rua suja, passar frente à casa da menina mais bonita me causava embaraço pelo cabelo grande e a roupa, digamos, sem impacto algum. Mas Carlinhos fechava o cerco e me convidava a entrar. Ele e suas irmãs. A caçula da mesma idade que a minha e estudamos o primário juntos. Eu havia fracassado nos esportes como atletismo e natação e agora, contrariado (ou quando via ficção na tevê), subia a rua para frequentar as aulas de karatê. Odiava os sábados. A técnica para despistar o ódio era me afastar de casa o maior tempo possível. A irmã de Carlos, a cada dia, florescia e mostrava-mais radiante. Carlinhos tinha dezessete anos, ele era o adolescente que eu viria a ser – com acne e boca desproporcional, esses detalhes. Nos meus dez pobres anos. Estilista era o Carlinhos. Talento nato para criar cabelos e desenhar roupas para mulheres – propaganda antecipada de xampu e esmalte de unhas. Ele mostrava isso em vários de seus cadernos. Na casa deles, moderna, ouviam Beatles, Stones e Mutantes. Era um tempo ruim para meninos aventureiros, pois seus pais eram homens frios e duros como diamante e exerciam brutalmente sua autoridade. Nossos pais trabalhavam na mesma fábrica. Então Carlinhos fugiu de casa pela primeira vez e foi parar na ilha de Arembepe. Sua dieta macrobiótica era à base do coco verde. Lá, ele foi obrigado pelos hippies a vender maconha. Um dia, ele avistou um barco e fugiu pelo São Francisco. Magro, voltou para casa com diarreia e a heustória correu. Tempos depois, ele fugiu para o Rio de Janeiro... dessa vez não fiquei sabendo da volta. Para minha tristeza, a família da Adriana vendeu a casa – 1974 foi um ano triste.

CABELOS DOURADOS

AI, MEU DEUS QUE SAUDADE
DOS SEUS CABELOS DOURADOS
AI, MEU DEUS QUE SAUDADE
EU QUERO QUE O DIABO CARREGUE QUEM TIROU VOCÊ DE MIM

DE MANTUÁ, O BABY DOLL DE JERSEY
DE MANTUÁ, VOCÊ ACORDA VA E FICAVA VERMELHA DE RAIVA

MINHA LINDA, MINHA GUA
FIQUE AQUI COMIGO
VOCÊ É O MEU SOL, VOCÊ É O MEU MAR
VOCÊ É O MEU TIPO
MINHA LINDA, MINHA CASA
MINHA MUITO LOUCA
BABE, PRECISO DE VOCÊ

E NOS SONHOS, NÓS TEMOS DISCOS VOADORES
E NOS SONHOS DEUS DISSE A NÓS PARA SERMOS OS REIS DO
ROCK'N'ROLL

BABE, BABE, BABE!
VAMOS PORA CASA
ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARA

BABE, BABE, BABE!
EU QUERO BEIJAR A SUA BOCA
E NADAR NO SEU OCEANO

LETRA: ARNALDO DIAS BAPTISTA

1975

**O ROCK ME
TROUXE AMIGOS,
ESSA HEUSTÓRIA
RESSURGE
SEMPRE FORTE**

*Eu comecei moleque
comprando em
Osasco, um
compacto dos
Beatles*

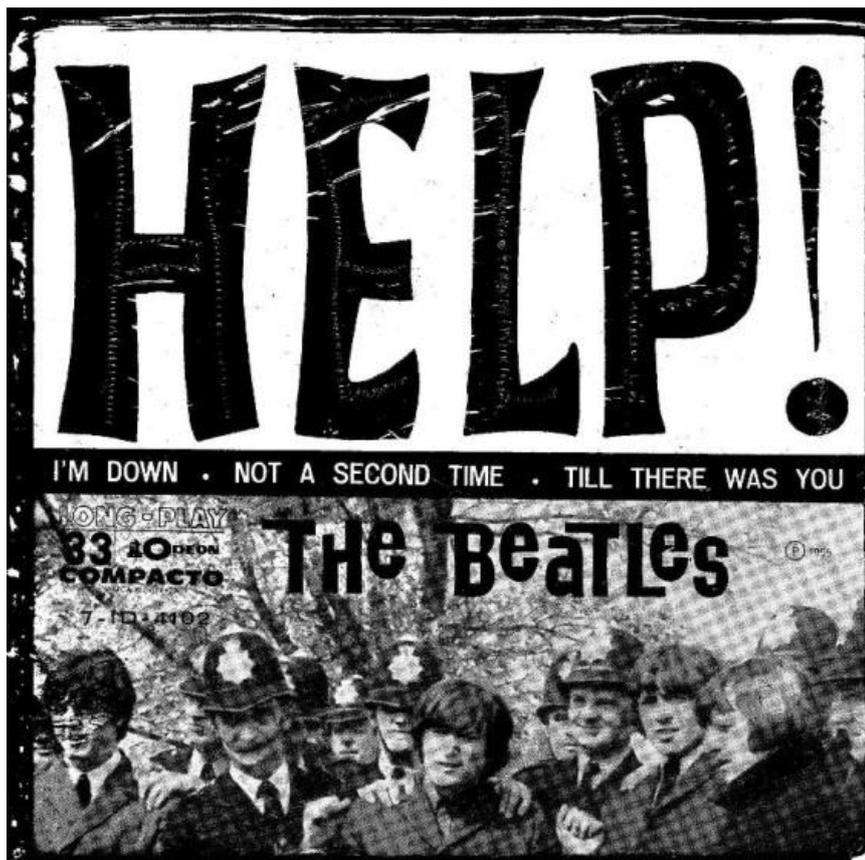
Porém, agora uma nova família grande voltou a ocupar a casa. Os irmãos Daniel Cabeça e Girafa logo se tornaram meus amigos. Na casa mágica deles, suas irmãs mais velhas vestiam bermudas apertadas, o que me deixava faminto a ponto do namorado delas ficar rindo de mim. O Ano começou bem, com a vivência deles, minha rebeldia solitária encontrava eco – só que dessa vez fui eu que parti para o Centro-Oeste, terra que eu desde os nove anos. Voltei para o lugar onde eu deveria ter nascido.

Os dois irmãos chegaram para momentaneamente alegrar a minha vida: Cabeça, de olhos verdes, e Girafa, o irmão maior e mais doce. Na casa deles acontecia um fato que me deixava sem graça: todas as vezes que eu via as irmãs deles de bermudas eu experimentava uma ereção.

No fim da rua, na casa do Geraldinho caixa no banco, foi que eu entrei em contato com os LPs de krautrock; aos sábados eu ajudava a limpá-los. Na mesma Rua Paraíba, Carlão (irmão mais velho do Sérgio Brito) também colecionava discos.

Nesta manhã me lembrei de Sérgio Brito, Sérgio Cabrito, na 5ª série. Ele era o terror da escola. Habitávamos às margens do rio Tietê – Sérgio vivia com o irmão e irmã mais velhos, Carlão e a gostosa da Tereza, encrinqueira. Cabrito passava as tardes escravizado em tarefas domésticas, após a aula tudo o que ele fazia era arrumar a casa. Não me lembro se eram órfãos ou não – pra mim, um choque. Cabrito era um cara sensível, diferente daquele “pau que nasce torto”. Uma vez, seu irmão pediu para ele rabiscar do lado de fora da sua bolsa o título *Excelsior, A Máquina do Som*; então Carlão, mais velho, gritou com ele: – “Ei, Tá faltando uma vírgula!”

Todas as heustórias inventadas foram importadas de 1975. Conheci os barracos de fundo nas ruas do Jardim Rochdale. Como já disse, ali conheci Cabeça e Girafa e suas irmãs as irmãs mais bonitas do planeta. Na esquina, o Geraldinho do Banco, o Brás possuía também um compacto arrasador dos Beatles, “I Wanna hold your hand”. Nas casas das minhas primas Alvenita e Vilma, eu frequentava os quatinhos onde estavam os discos. Era uma coisa de fã-clube mesmo – e um dos discos que eu comecei ouvindo foi Slade, com aquela histeria: o clipe deles vinha do Top of the Pops. Slade tocou até no Barros de Alencar. Esse disco pirou muita gente!





BLUES DA PQP 2

Cai no rock, com um compacto. Talvez essa queda seja a responsável pela nossa mudança para Brasília. Lá em Osasco-SP as pessoas costumavam morrer jovens. Outro dia fiquei com raiva: “Você caiu no rock com onze anos?” Respondi: “Ninguém vai contar a heustória do jeito que eu vi!”. Ainda naquele ano aconteceram coisas ótimas talvez a primeira punheta. Outra coisa boa, era a radiola Philips,

que acoplávamos o gravador no auxiliar, esse som deu muito trabalho, travava o automático, e quando veio para Brasília queimou, pois era 110 volts. Se eu fosse mais esperto, ela estaria comigo.

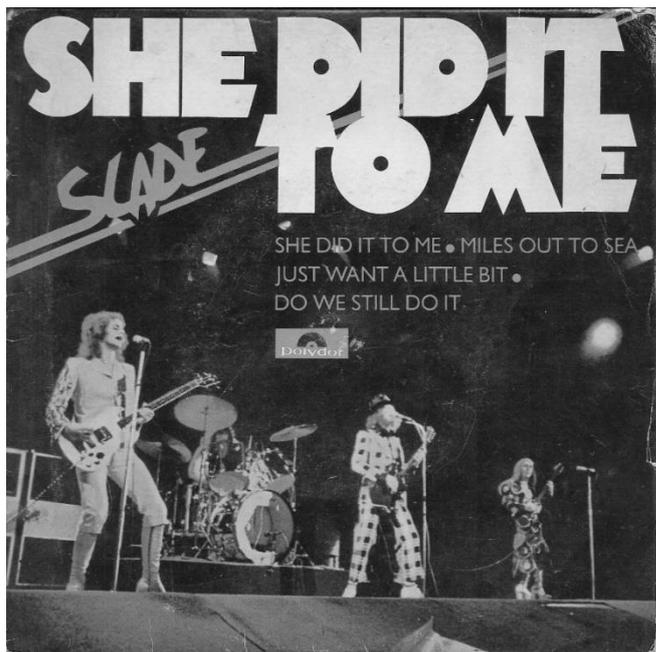
•

O diplomata Wladimir Murinho toma posse à frente da Secretaria de Educação e Cultura, e fica imediatamente entusiasmado com o projeto da 508 Sul.

Nesse mesmo ano, outra novidade vem marcar o início da ebulição cultural na cidade: a instalação de uma construção em forma geodésica, que passa a ser chamada de *Balão de Ensaio*.

O *Balão*, (a estrutura no formato de três quartos de esfera) concebido pelo arquiteto Sérgio Prado, com oito metros de diâmetro, destinava-se especialmente à dança e à música e foi montada próxima a Escola Parque da 308 Sul. Também serviu como palco para espetáculos de teatro de bonecos e ponto de encontro de artistas plásticos e dos primeiros músicos de rock da cidade. Essas tentativas de movimentar a cena cultural da cidade e protestar contra a falta de espaços acabaram em destruição quatro anos depois. A estrutura foi derrubada a marretadas por funcionários da extinta Fundação Cultural.

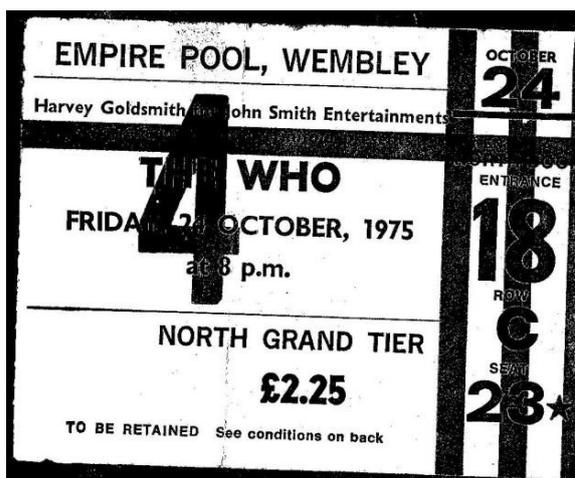
17 DE AGOSTO – SÃO PAULO 0 (3) X 1 (0) PORTUGUESA



Campeão Paulista de 1975 – a maior série invicta de um clube paulista

OUTUBRO

Em carta datada de outubro e assinada por Pierre Kast, cineasta e escritor francês e Costa Gravas, cineasta francês de origem grega, respectivamente presidente e um dos secretários gerais da *Société des Realisateurs de films*, que em termos contundentes, reclamam a Serge Silbermann da *Greenwich Films*, a entrega do material decupado do filme *A Idade da Terra*, observando que foi Luis Buñuel quem aconselhou Glauber a procurar Silbermann.



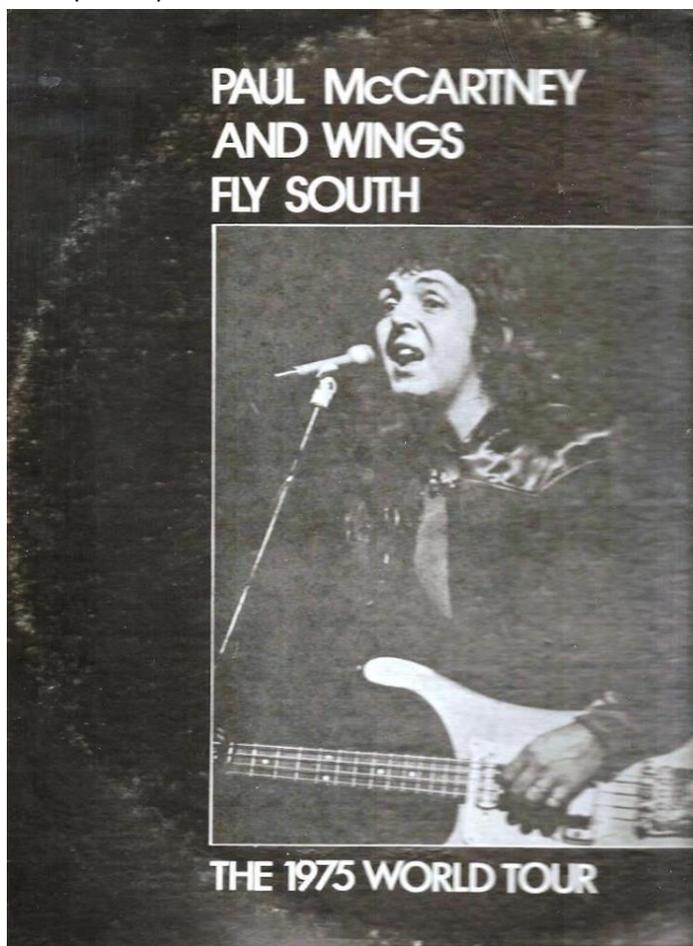
CLARO – Ficção, longa-metragem, colorido (Eastmancolor), 3.000 metros, 110 minutos. Roma, Itália, 1975. **ELENCO:** JULIET BERTO, MACKAY, LUIS MARIA OLMEDO (*EL CACHORRO*), TONY SCOTT, JIRGES RISTUM, LUIS WALDOR, BETINA BEST, YVONE

TAYLOR, FRANCESCO SERRAO, ANNA CARINI, JARINE JANET, LUCIANA LIQUORI, PETER ADARIRE, GLAUBER ROCHA, CARMELO BENE E O POVO DE ROMA.

Resumo dos principais acontecimentos históricos que se desenrolam à época das filmagens – final da guerra do Vietnã, reivindicações trabalhistas das classes operárias da Europa, decadência do capitalismo nos países desenvolvidos e a incipiente expansão das ideias socialistas. Um filme ainda com problemas de produção.

"Porque queria ver claro nas contradições da sociedade capitalista do nosso tempo. O filme é 'claro' por isto: eu quis clarear a mim mesmo e à minha visão do mundo. Liberto-me de toda uma metáfora que é abstrata, mas que também é dialeticamente concreta". (**GLAUBER ROCHA**)

"O Glauber já tava ruim há vários anos. Ele não estava legal, de 1975 em diante eu tava preocupado com a morte dele cinco anos antes dele morrer eu me lembro de comentar várias



vezes com alguns amigos meus, como Cacá Diegues, – O Glauber vai morrer. Ele não comia mais. Não dormia, ficava escrevendo a noite toda, só comia um pouco de macarrão, e comia pão. Ele não fazia as ações normais do cotidiano. Glauber não dizia alô no telefone, ele já começava a falar de política, sobre alguma coisa, nem dizia quem era. Ele passava a noite escrevendo catálogos de telefone inteiros, tem milhares de escritos inéditos. A gente começou a temer pela saúde do Glauber. O mundo foi ficando pequeno demais ou complexo para ele, isso não me cabe dizer. A partir de 70 e poucos o Glauber começou a sacar não tinha lugar para a Utopia da gente, que não ia dar pé fazer um cinema livre do internacional".

(**ARNALDO JABOR**)

NOVEMBRO

Rolling Thunder (Trovão Rolante) é o show dos 200 anos – POP

Bob Dylan viaja pelo leste americano.

1 A 10 DE NOVEMBRO

Este é um legítimo exemplar do álbum duplo americano *Paul McCartney and Wings fly South*. Nele Paul responde se os Beatles se (re)unirão algum dia, também são apresentadas entrevistas de rádio (as tais broadcasts – radiofusão) e a apresentação dos Wings na Austrália. O selo do disco é o tradicional *Trademark of Quality*. Os californianos escreveram na contracapa que o disco foi prensado nas Filipinas. Esse disco resgata emocionalmente todo o esplendor de 1975. Existem outras prensagens, de gerações recentes, e em diversos CDs, mas para ter esse exemplar, o colecionador deverá ter décadas on the road. Ah, não pense, paciente leitor, que fiquei sem cuecas ou adiei o tratamento dos dentes.

ABANDONADO EM SÃO CAETANO DO SUL

A orientação era manter distância de mim na escola. A última vez que vi meu par de primos, eles me largaram num parque-bosque e deram no pinote, eu não queria ir embora com eles e fiquei a rodar, depois reencontrei a casa. O lance legal desse domingo foi que o tio deles, o Pedrinho Vieira me deu o pôster do *Venus and Mars*.

- Saí para ver o visual da Pampulha (MG) e depois de circular pelas margens da lagoa, me perdi, encontrei a subida da churrascaria e Fabiana, ela não sabia que eu tinha acabado de ter um flashback.
- Em Bueno Aires, andei de metrô e para não me perder jamais saía da longa avenida do hostel, mas andamos muito por muitas praças.
- Na boca da noite, no centro da capital de Montevidéu, fiquei sentado na mala sem direção...



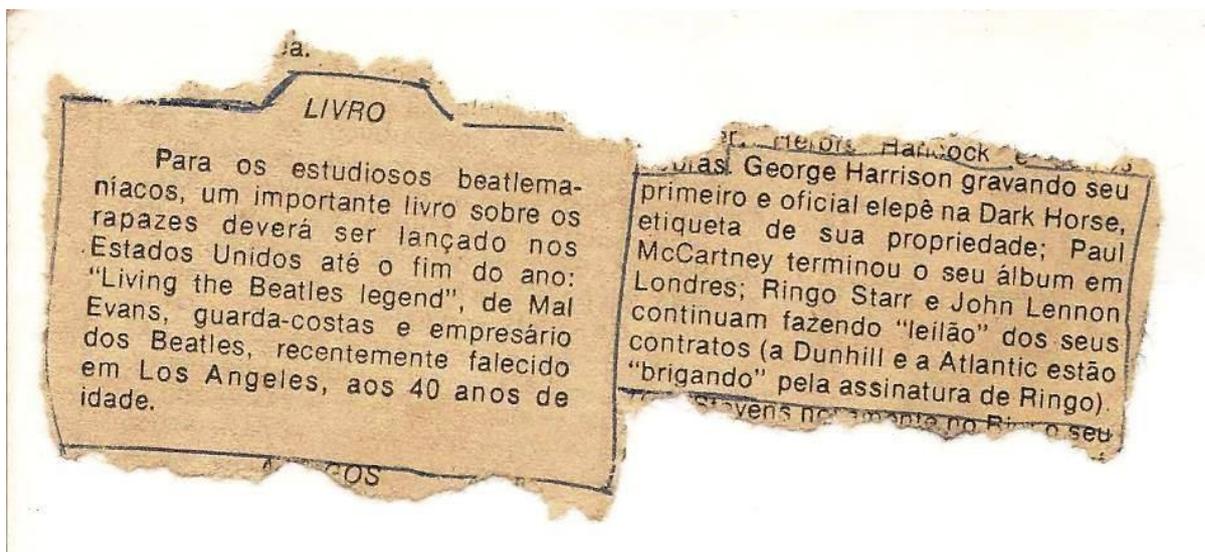
DEZEMBRO – QUANDO PISEI NA AREIA DA PRAIA

Do Distrito Federal, Tio Longuito e família veio a São Paulo passar algum tempo antes do Natal. Meu maior desejo era conhecer o cinema. O filme apropriadamente escolhido foi *Pelé Eterno*, mas nós queríamos mesmo era ver *O Exorcista*, com a possessão demoníaca da Linda Blair. Na Variante azul dele, na rua Antônio Agú, o motorista bronqueou “Mário! Aqui é contramão!”. Difícil era explicar que tinha vindo poucas vezes ao Centro de carro e que desconhecia as placas de sinalização, se existia isso na época.

Ainda nesse mês, no litoral sul paulista, bebi e constatei que a água do mar é salgada, cobri conchas com areia branquinha e tão fininha quanto farinha, as ondas apagavam minhas pisadas numa das praias de Praia Grande. Prazer e delícia, vinte anos depois eu voltaria lá.

1976

5 DE JANEIRO



Living the Beatles legend tá aí o nome do livro do Mal Evans, um biógrafo infeliz que não tinha cópias do original, perdido para sempre desde a sua morte a 5 de janeiro em 1976

DO SUL DE TAGUATINGA PARA O DI (DEPARTAMENTO DE IMOBILIÁRIA DA NOVACAP)

Vim de Osasco-SP para Taguatinga Sul (Vila Dimas, Matias e Sapolândia, na Shis Sul). Morei na QNA 26, próxima à Praça do DI. Estudei na Escola Classe 23 e no CTN e morei também na QNJ 5. Quando menino, ouvia todos os domingos o jornalista berrando "Olha aê o Correio!" (ou o que em meus ouvidos soava também como "Olha eu... o Correio!"). Era do Correio Braziliense que eu tirava a escalação para os meus times de futebol de botão. Em seguida, passei a colecionar recortes sobre os músicos do mundo o rock...

Em Taguatinga Sul, existiu o Cine Rex e no biênio 1975-76, morei um mês na Vila Matias e comprava gibis naquela Praça do Rex.

Eu caminhava desde a Praça do Relógio, no início da Av. Comercial até o final, procurando por gibi usado e tampa de vidro de relógio para jogo de botão. No fim da Comercial, o *Cai Pinto* – famoso lupanar – e, depois, outro puteiro sufocado no matagal, nos fundos da Facita. Hoje se anda-se por ali e não se reconhece nada. Eu ia a pé da QNJ 5 até o CTN e subia até o Jumbo, no Centro. Pra quem veio do Rochdale, o rolê era quente. Mas medo, mesmo, era o de andar no Plano Piloto. Ali sempre foi perigoso.

•

No início do ano, Glauber Rocha despreza os dois primeiros roteiros e viaja para Moscou, onde não conhece ninguém. Do hotel, liga para a Mosfilm, a empresa estatal de cinema, comunicando que havia chegado. Durante seis dias é visitado por Natasha, uma funcionária especialista em Machado de Assis, que lhe mostra as praças, os museus e monumentos da cidade. Pedem-lhe referências e ele dá: Luiz Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista Brasileiro, deve ter ouvido falar de mim. Não apenas ouvira como comparece a uma seção especial de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Dragão da maldade contra o Santo Guerreiro*, numa sala vip da Mosfilm. Prestes vai embora, elogiando, e Glauber Rocha volta ao hotel, esperando. Quando o chamam de volta, querem, naturalmente, um roteiro. O cineasta inventa um roteiro falado, de uma hora, traduzido por Natasha, e tenta derreter o gelo dos tecnocratas soviéticos com uma comparação: – "Acontece comigo o mesmo que aconteceu com Eisenstein no México!" Há uma nova exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. De volta ao estúdio, não há como escapar: o roteiro ou nada! E avisam, delicadamente, que o inverno está chegando.

De Moscou, Glauber vai para Hollywood, com escala em Paris.

Na América, hospeda-se no Magic Palace of the Stars, apesar do nome paródico, o hotel é um muquifo de quinta categoria, perto da linha do trem, conjugado ao lado do Chinese Theatre, no coração de Hollywood.

.....
No exílio californiano Glauber Rocha circula com cineastas *iankz*. O brasileiro acha Francis Ford Coppola parecido com *Antônio das Mortes*, e juntos passam horas escutando Villa-Lobos enquanto conversam sobre filmes.

Martin Scorsese o apresenta ao presidente da United Artists, Michael Medavoy, que o recebe com um elogio de puro nonsense – “Vi *Terra em transe*. É fantástico! Parece um filme de Antonioni.” Robert de Niro, presente à cena, testemunha o interesse de Michael Medavoy, que logo bate na mesma tecla: – “Manda o roteiro que eu produzo o seu filme.” Glauber Rocha passeia com a namorada, Connie, enquanto escreve mais um script. Acabou num jantar na casa de Milos Forman e este o recebeu de braços abertos e veneno ferino: – “Quem diria, Glauber Rocha em Hollywood! Você ficou louco? – Você é um comunista, o que está fazendo aqui?”

Terminada a brincadeira, chama Glauber Rocha a um canto e sussurra: "Isto aqui é o paraíso dos diretores socialistas!"

Michael Medavoy, frustrado com o roteiro que Glauber Rocha manda-lhe, é polido e sincero: "Seu filme é a favor da revolução socialista e contra o imperialismo americano. Isso nós não podemos admitir."

No entanto, pondera, se Glauber Rocha estiver interessado em outro tipo de trabalho, faroeste, coisas assim, voltariam a conversar.

Numa reunião na United Artists, Glauber Rocha cita Bertold Brecht, esculhamba todo mundo, não faz filme nenhum e ainda ironiza: "Vocês não financiariam no Brasil com o dinheiro que têm retido lá?"

Recusado por Allende, por Cuba-Icaic, pelo México, pela Mosfilm, United Artists, Franco Cristaldi, por Coppola e Serge Silbermann, nada feito. Os produtores não financiam os filmes de Glauber Rocha e não aprovam um roteiro que intuí o fenômeno da globalização e mostra a falência do Brasil onde tudo está à venda, onde qualquer pessoa com um punhado de dólares na mão compra qualquer coisa. É um roteiro profético do Brasil onde as nossas caras riquezas estão à venda por qualquer preço.

22 DE JUNHO

Califórnia, Glauber abandona o sossegado e velho quarto do confortável hotel Garden Courts Apartments, situado no nº 7021 da Hollywood Boulevard, antigo ponto de encontro de celebridades da tela na época do apogeu dos grandes estúdios.

No dia seguinte, uma quarta-feira, depois de cinco anos de ausência, regressa do exílio. Vestindo um casaco de tweed, logo deixa patente que abandonou as contradições marxistas como a lei cubana de necessidade, uma explicação para a miséria da ilha de Fidel e rompido com a tirania comunista da Tchecoslováquia.

Em solo pátrio passa a defender os esforços para o aperfeiçoamento democrático do presidente Ernesto Geisel, a luz dentro do processo histórico, a propalada abertura: lenta, gradual e segura, o único conceito de avanço político naquele momento.

Além de acreditar no projeto de abertura política de Geisel, Glauber Rocha admite também exercer influência na abertura; enquanto as patrulhas ideológicas substituem o debate das ideias e o acusam de adesista, de ter aderido à ditadura, ele diz uma coisa estupefata: – Na verdade eu ponho frases na boca deles, atribuo significados a estes personagens e depois eles têm de agir conforme o script.

O fascínio de Glauber em conhecer os mecanismos do poder dá-lhe o grande mérito de sacar, que Fernando Henrique Cardoso é a ponta de lança do Pentágono no Brasil, assim como denuncia que o Cebrap em São Paulo é financiado pela Fundação Rockefeller e está a serviço da CIA. funcionando como plano neo-camelô das ciências sociais. Não é por acaso que repicam-se heustórias de Glauber de manhã cedo, enrolado num cobertor como mendigo, caminhando sem rumo pela praia de Ipanema, falando sozinho ou comendo sem pagar nos restaurantes e chamadas de capa Nem Mao, nem Stálin, nem Glauber e leads com o título de *Pobre Glauber! Pobre Glauber!* em semanários esquerdistas em campanha para eliminar o cineasta da vida nacional.

– “Quando eu filmar a *Odisseia*, convidarei o professor Fernando Henrique Cardoso para o papel de sedutor, embora não saiba se o *Príncipe* topa contracenar nu com Ariadne no Labirinto do Cebrap. Epígrafe do livro *O Príncipe da moeda*, de Gilberto Vasconcellos. O sedutor de Ariadne é Teseu. Ela o ajuda na vitória sobre o Minotauro, no *Labirinto*. Ariadne parte com Teseu, mas é logo abandonada.”

Glauber o profeta da Abertura ainda prevê a sucessão de Geisel por Figueiredo, quatro anos depois a vitória de François Mitterrand na França e até Sarney.

Traços e posições particulares deste homem que parecia volúvel ao sabor de declarações e profecias passíveis de estrondos.

30 DE JUNHO – VEJA

Hollywood-Rio

VEJA – *Tem algum projeto imediato de filmagem?*

GLAUBER – Acabei de assinar um contrato de coprodução com a United Artists americana, para rodar *A Idade da Terra*, espécie de prolongamento de *Deus e o Diabo* e *Terra em Transe*. Acho que hoje em dia já dá para se fazer no Brasil um filme de nível internacional, pois existem condições para isso.

VEJA – *Como será o filme?*

GLAUBER – Prefiro não antecipar a história, para não perder a graça. Aliás, nunca estive em meus hábitos filmar a partir de um roteiro preestabelecido. Tenho certas anotações que só se definem cinematograficamente.

19 DE JULHO – MOVIMENTO

Glauber Rocha está em outra

Entrevista com o cineasta de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol'

9 DE AGOSTO ?

E geme o sino em lúgubres responsos

Pobre Glauber!

Pobre Glauber!

(ou: "Nem Lenin, nem Stalin, nem Marx, nem mesmo Machado de Assis". E muito menos Glauber Rocha)

13 A 19 DE AGOSTO – PASQUIM-GLAUBER ROCHA

Querem me matar (ou, votem na arena)

8 DE SETEMBRO – VEJA

'Não me exijam coerência'

O Diretor de *Terra em Transe* diz o que pensa, sem medo de errar

10 A 16 DE SETEMBRO – PASQUIM-GLAUBER ROCHA

Miséria Cinematográfica

26 DE OUTUBRO

Morre um dos principais pintores do modernismo brasileiro Emiliano Di Cavalcanti.

Glauber Rocha: "Eu vim para confundir...". Filma o velório do pintor Di Cavalcanti, sob uma onda de indignação familiar e olhar perplexo dos presentes.

DI-GLAUBER – *Ninguém assistiu ao formidável enterro de sua última quimera: somente a ingratidão, essa pantera, foi sua companheira inseparável.* **(AUGUSTO DOS ANJOS)**

Não-ficção, curta-metragem, 35mm, colorido, 480 metros, 18 minutos. Rio de Janeiro, 1977.

ELENCO: JOEL BARCELLOS, MARINA MONTINI, ANTÔNIO PITANGA.

É a geração de uma nova linguagem para documentários. O curta **DI-GLAUBER** antecipa a geração dos 80s e exerce uma influência deflagradora abrindo um novo campo de prospecção para o curta-metragem através da estética de videoclipe caótico que não esconde as pontas de negativo utilizados e a câmera emprestada.

"Não a reprodução das últimas imagens de Di Cavalcanti, mas um ensaio do próprio fenômeno da morte (...) Uma celebração que liberta o morto de sua hipócrita e trágica condição. (...) Quando filmei o velório, vi que Cavalcanti não estava morto, mas rindo. Eu queria tirá-lo do caixão e quase telefonei para os jornais denunciando que após revelar o filme eu tinha visto que ele estava vivo. Di é o próprio cinema brasileiro, e acreditem, ele não morreu. **(GLAUBER ROCHA)**

"Elizabeth, filha adotiva de Di Cavalcanti processou a Embrafilme e recebeu uma indenização, além de conseguir proibir a exibição do filme.

Trata-se de um xilindró ideológico, um crime de lesa-cultura absolutamente incompreensível, afinal é, provavelmente, o melhor filme do cineasta. (...) Num país cujo presidente da República se diz intelectual não existe um *filho da p...* de prestígio capaz de perceber que uma obra como esta não pode ficar proibida para sempre". **(EVANDRO OLIVEIRA BASTOS)**

"Em O Globo há uma história de sua filha que proíbe a exibição do curta de Glauber sobre Di. Glauber amava Di. Mas não há cura para o filistinismo. Nelsinho Motta me diz que é o melhor de Glauber, cujo talento nunca foi desenhado. Os momentos criadores de seus filmes se perderam quase sempre em confusão e longuers". **(PAULO FRANCIS)**

6 DE DEZEMBRO, COLUNA DE IBRAHIM SUEDE/O GLOBO

Rock diplomático: "Dia 6 de dezembro de **1976** em Brasília: estreia profissionalmente um conjunto de rock que vai fazer balançar, até mesmo por força de solidariedade familiar, todo o Itamaraty: ele é formado por um filho do embaixador Sérgio Correa da Costa que está na ONU; outro do ministro Geraldo Hollanda Cavalcanti, do gabinete do Chanceler Silveirinha (que hoje estará no Rio) e dois do secretário Romeu Zero, do Departamento Cultural". Vai estrear no dia 6 de dezembro de 1976". Faltou informar o nome do supergrupo – duvido que algum dia descobriremos, mas fica o registro inédito do rock Brasília no apogeu da picadura, digo, ditadura militar.

NATAL

Juntei os cobs e comprei o álbum duplo, *Rock'n'Roll Music*, Na Veja, haviam chamado os Beatles de "incendiários". Descobriram o quanto eu tive coragem de pagar pelo disco e falaram que eu tinha que ganhar bem para manter aquele vício de adulto: pinga com música. A partir daquele momento ninguém jamais saberia quanto eu pagaria por um disco. Até hoje armo os esquemas mais mirabolantes de trazê-los para casa. A coisa que mais deixa mais puto, Rafael, é alguém pedir para ver nas sacolinhas o que eu comprei. Há dois anos, abaixei o vidro do carro pra dar um "boa tarde" a um amigo e ele pegou a sacola de discos do banco e ficou bisbilhotando para descobrir o que era, numas de curiosidade nada inocente. Dei graças a Deus que não tinha nada excepcional; mas ficou a vontade de passar com o carro por cima dele.

26 DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Contracultura

Depois do Kaos (1)

Sem dúvida nenhuma, os melhores, e desconhecidos dos intelectualóides, livros de escritores brasileiros (alguns hoje, finamente felizmente, já, tidos como novos (?), que li, encontrei-os ou no "sebo" ou nas "feiras de livros" ou nos "camelôs de livros" estendidos pelas intrafegáveis ruas e ruelas da metropoluída São Paulo com suas sociedades mais que anônimas. E entre os "sebados", "feirados" e "cameloados" encontrei: Ferúccio Fabry – *A Volta* que recebeu o "Prêmio José Lins do Rego"; Aguinaldo Silva – *Canção de Sangue* e *Cristo partido ao meio*; Gerardo Mello Mourão – *Valete de Espadas*; Álvaro Pacheco – *Sonhos dos Cavalos Selvagens* e *A Matéria do Sonho*; e encontrei, também, o que considero da maior importância dentro da "Literatura Brasileira", como acontecimento que foi. Novo, muito antes do novo existir e cair no lugar comum, a *Mitologia do Kaos* em três volumes (?) – *Deus da Chuva e da Morte*; *Kaos*; *Narciso em Tarde Cinza*, de Jorge Mautner.

• *Augusto dos anjos e demônios*

A amarga poesia de Augusto dos Anjos ganha agora mais um inteligente estudo do crítico e poeta Ferreira Gullar, através do lançamento de toda sua obra pela Editora Paz e Terra. O estudo de Ferreira Gullar chama-se *Vida e Morte Nordestina* e atesta a modernidade de Augusto com renovador e cantor de um tempo social e presente na vida humana.

1977

LEME/LEBLON (PARA EDUARDO E FELIPE)

RENATO MANFREDINI JR.

Se um dia você encontrar
O Ícaro do século XX que viveu a estória da folha
seguinte, diga a ele que eu o matei por inveja: eu sempre
quis voar

I

Pelas velas que só são velas por causa do cheiro ocre
/ óleo de soja dos pastéis que animais devoram
em troca de menos uma verde do bolso.

Ele descia

Ilhado e flutuante

metal cromado, lona e fuga nos ombros

O peso da asa triângulo grego

O peso das escadas sujeira zona sul

O peso da água em pouca quantidade

Fria num dia de verão do chuveiro de azulejos cinzas

O peso dos livros

E da consciência paterna

E o zelo materno

O pesadelo vocal na hora do almoço (filet burguês
com arroz mineiro)

Todo dia todo dia todo dia todo dia todo dia todo

Rio de Janeiro

Uma pensão um quarto uma cama um armário

Discos livros coisas

Sempre drogado assistindo os pontos que passam à
velocidade

De quem sabe quantos anos luz

Na televisão sem a imagem falsa das quatro horas
da manhã

Só a luz boa dos pontos que voam em preto e branco

E o livro de Química no colo

E o livro de Hesse na mente

E a morte (talvez) no coração.

II

Distante muito da cidade suja

Subida dura mas o leve peso

Os pés doendo com as marcas simples

Do tênis velho na ladeira clara

E então as curvas que nunca terminam

Sol sem futuro alto da Tijuca

Antigamente era Boa Vista

E o peso aumenta e a subida chega

Onde a clareira escura o espera

E enquanto isso lá no labirinto

Mendigos, ternos, lojas e edifícios

Escolas, táxis, doces e meninas

Dinheiro, dores, praia e esquinas

Saudade, amor perdido e inocência

Crianças feias, torres de concreto

Sempre sempre sempre sempre.

III

Em Belo Horizonte era diferente

Em Belo Horizonte não era assim

Em Belo Horizonte quinze ou quatorze

Rio de Janeiro então dezesseis

Rio de Janeiro de sete às três

Rio de Janeiro amigos não

Rio de Janeiro sujeira e sol

Em Belo Horizonte não era assim.

IV

Quanto tempo perdido entre livros inúteis e a vida

Passando lá fora

E sempre a lembrança esquisita de que ele já tinha
feito

E aquilo que já tinha sido e as coisas do vento e do sal

Do mar

No rosto

O vento.

Já na segunda vez com pés velozes e seguros

E exatos como o pulo

E a dança

E o grito

Inocente

Animal

Selvagem até

Ele voou

Só a asa delta estúpida atrapalhava

E então ela some

E o tecido é rasgado que antes

fizera

E o cheiro intrigante do doce de leite que a mãe

Fazia tão bem

E a moto esquecida de dia queimava o asfalto vazio

E ele cedia

E meninas cercavam seus olhos

E ele cedia ao perfume barato ou Chanel que se importa

Quando se tem alguém para abraçar se esquece
(mais ou menos)

Da prova do dia seguinte.

V

O verde e a madeira

A essência do azul

No alto a corrida

O peso incômodo das asas no começo

A primeira tentativa cortada pela força do vento

Que o jogou de volta

Ao verde do capim ou da grama (rapaz urbano ele nunca sabia)

O laranja e o azul e o branco

Firmes com o cromado metal

Os fios e as cordas suporte

A força do vento e do sal

Do mar

No rosto dos ritos

De calça jeans made in Brazil

Numa ação desconexa

Num ballet infantil

Em pleno ar

Uma dança cômica e triste

O grito crescente

A descoberta do que era ser livre

Livre? Palavra ruim – mais um grito

Não existem palavras

Não existem palavras

Não existem palavras

– Sou um anjo! Gritou.

E o azul do mar o cegou

E o baque com a água fez com que explodisse no

Dia seguinte em todos os Última Hora da vida: "Estudante de Direito
morre ao se jogar da Pedra da Gávea".

Erraram o lugar

Erraram o seu nome

E um pedaço do pano azul e laranja e branco solto

No ar

Caiu um dia em qualquer lugar

Entre o Leme e o Leblon.

27 DE MARÇO

Morre no Rio de Janeiro, a irmã de Glauber Rocha; Anecy Rocha, que caiu acidentalmente no poço de um elevador. A família Rocha se caracterizou pela força e pela tragédia, mas essa dor foi demais para Glauber, recém-chegado, deixando o cineasta abalado e completamente transtornado, começava seu isolamento e distanciamento do pensamento cinematográfico e da realidade brasileira.

"O Cinema Novo sou eu. Quando a canalha diz que o Cinema Novo morreu quer dizer que Glauber Rocha morreu. Por isso, mataram Anecy Rocha. Mas eu estou vivo. Só que eu não sou moleque da Globo, não sou garoto-propaganda da Shell ou da Esso. E não sou teleguiado do PC. (...)

"Até hoje Walter Lima Júnior não explicou como Anecy Rocha morreu caindo de um elevador."
(GLAUBER ROCHA)

A CIDADE MAIS BONITA

"Brasília é a cidade mais bonita do mundo e a grande Verdade Vos Ilumina. Penso que é necessário fazer as coisas. Isto é o que pensava Kubitschek quando dizia: 'É preciso fazer Brasília'. Os economistas diziam que Brasília significaria o colapso econômico do Brasil. É verdade que a desvalorização da moeda foi tão grande que isso provocou uma crise econômica. Mas Brasília foi a revolução cultural do Brasil; com sua construção, o Brasil pôde se livrar do seu complexo diante do colonialismo. O despertar político e a consciência do subdesenvolvimento datam da construção de Brasília. Isso é bastante contraditório, porque Brasília era uma espécie de Eldorado, a possibilidade que os brasileiros tinham de criar eles mesmos alguma coisa. (...)

"Aqui, por exemplo, em Brasília, neste palco fantástico no coração do planalto brasileiro, forte irradiação, luz do Terceiro Mundo, numa metáfora que não se realiza na história, mas preenche um sentimento de grandeza, a visão do paraíso, essa pirâmide, esta pirâmide que é a geometria dramática do estado social, no vértice o poder, embaixo, as bases e depois os labirintos intrincados das mediações... **(GLAUBER ROCHA)**

1º DE ABRIL

"Passei uma semana em Brasília e fiquei impressionado com o baixo nível dos discursos."
(GLAUBER ROCHA)

No dia em que o presidente Geisel fechou o Congresso, Glauber telefonou para Caetano Veloso que lhe passou o telefone de Rogério Duarte em Brasília. Perseguido no eixo Rio-São Paulo, taxado de louco, refém das proliferantes patrulhas ideológicas e em profunda crise existencial, Glauber Rocha atende à pedido do amigo e corre para Brasília.

Quando chega. Brasília vive a crise dos pacotes das reformas políticas, o Congresso Nacional está fechado, a nação traumatizada. O MDB conseguiu rejeitar, no Congresso Nacional, um projeto de reforma judiciária apresentado pelo governo tendo este fechado o Legislativo, aprovado a reforma por decreto e editado o chamado Pacote de Abril, um conjunto de esdrúxulas medidas eleitorais, instituindo a figura do senador biônico, a ser eleito, não pelo povo, mas por um Colégio Eleitoral, que tinha a maioria de seus membros oriundos do partido governamental – a ARENA. Deste modo, a abertura de Geisel pôde ser levada até o final de seu governo, com a revogação, em janeiro de 1979, do AI-5.

Rogério Duarte, que trabalha no jornal Correio Braziliense o recebe no aeroporto levando uma presença. Não precisava. Quando Glauber desce do avião, Rogério Duarte percebe que ele exala profunda marola. – Devia ter fumado muito durante o voo. Em voo, o cineasta substituiu o fumo do Hollywood.

Glauber Rocha, com complexo de perseguição e sentimento de culpa pela morte da irmã, Anecy Rocha, viera a Brasília para duas coisas, ter proteção e incitar o general Golbery a

passar por cima da Rede Globo para apurar a e prender os supostos criminosos da morte de sua irmã. Com quem se desentendera horas antes de sua queda no fosso do elevador.

Chega aqui feito um molambo, com medo e indignado. Passa por uma terrível fase de consumo de droga, com dificuldades de articular as palavras. É assistido pelos amigos até que consiga falar direito, para então saber o que quer e botá-lo em contato com as pessoas. Através do general Golbery é marcada uma audiência com Armando Ribeiro Falcão, ministro da Justiça que o recebe. Glauber comparece e torrencializa a sua versão, que é absurda, mas que ele acredita e enriquece com dados criativos, o cunhado, fã de Hitchcock, teria empurrado a irmã para o fosso do elevador. – É *Um corpo que cai* (de Hitchcock) com *A marca da maldade* (de Orson Welles). Teorizou Glauber. Armando Falcão, o ministro político e ministro da segurança interna do governo Geisel fica horrorizado, mas não dá instruções para que a Polícia Federal faça uma averiguação sumária e enrola Glauber que não se conforma e acha que Armando Falcão faz parte da conspiração de silêncio.

Essa importante e produtiva temporada em Brasília é menos conhecida do que suas passagens por Hollywood, Europa, Ásia e Terceiro Mundo.

EM CARTAZ!

"Como eu poderia pedir a cabeça do Glauber se eu nem tinha o número do telefone do jornal?"
(JAGUAR)

Glauber Rocha escreve no jornal Correio Braziliense artigos políticos coalhados com ypsilon, uma brincadeira linguística com o vanguardismo dos 20s, num estilo tropicalista e na direção da língua tupi, seus artigos "para chamar a atenção de um povo que não lê" escandalizaram o país não pelo fato de ser publicado os artigos apenas, foi que ele foi manchete do jornal. A esquerda radical e reacionária propaga o rótulo de *fascista* e desde então várias pessoas ligam para a redação do jornal para saber o motivo de dar espaço para aquele fascista. No Correio Braziliense, Glauber faz um suplemento inteiro na *Semana Santa*, um espaço que ele não tinha em jornal nenhum do país. Uma coisa louca do ponto de vista de um jornal conservador. Fernando Lemos e Oliveira Bastos perderam a conta dos telefonemas que recebiam de cineastas e intelectuais, os alertando contra a insanidade de dar espaço aos delírios do cineasta.

"Ele está louco, está alucinado, tem que ser internado." Dizia Jaguar e ouvia um sonoro:

"Vá à merda." Respondido por um dos editores.

Em outro telefonema do gabinete de Ney Braga, o então ministro da Educação e Cultura. Chama Glauber de grande intelectual e como resposta é encostado na parede: "Vou poder fazer o meu filme ou não?" – "Me diga, senão eu saio do Brasil agora e vou para a Bolívia." Um emocionado Ney Braga promete que tomará providências e Glauber apresenta um novo orçamento, de 6 milhões de cruzeiros.

Na primeira página do Correio Braziliense, Glauber produz o impacto que o editor-chefe quer e o impacto é tão violento que Glauber passa a ser apontado como um inimigo das esquerdas. Mas ele tem consciência de que veio para o sacrifício e retruca: – Estudo a história do Brasil e tenho uma vasta informação sobre a cultura e a política brasileiras. Os filmes que faço são produzidos pela realidade econômica, política e cultural do Brasil, e então posso me dar o direito de emitir opiniões sobre eventuais contradições políticas do país. Fiz certas declarações antes de o general Geisel tomar posse e algumas coisas que falei mais ou menos se delinearam no quadro político brasileiro. Não aderi ao governo, porque não disputo o poder nem me interessa satisfazer a centros de poder, sejam eles do governo, de partidos ou de grupos econômicos. Eu posso então emitir opiniões independentes de conceitos vigentes.

Substituindo as letras c, i e s por xs, ys, zs e ks, Glauber mexe com a representação dos fonemas brasileiros e com o processo cultural do país. Faz do jornalismo uma trincheira. Escreve artigos enormes e polêmicos, aproveita a proximidade do poder para dar recados ou fazer elogios incômodos à leitores ortodoxos.

7 DE ABRIL – PHROMETEU (GLAUBER ROCHA IN ALVORADA)

Os editores do Correio Braziliense não fazem qualquer restrição ao que ele escreve. As contribuições do jornal e o cineasta começam nesse dia, quando é publicado o artigo *Paixão segundo Glauber*, e três dias depois, no domingo de Páscoa, vem encartado o suplemento místico, *Alvorada* (10 abril de 1977) freneticamente concluído por Fernando Lemos, Glauber, Rogério Duarte e TT Catalão em clima de velório e tragédia grega, onde “os bárbaros plantam os seus mortos”.

II

A ser torturado por um abutre / Alimentado pelo sangue biliar de Prometeu

O abutre rejuvenesce e fica amigo de sua vítima / Que imortalizado pela dor gera o amor

E no prazer de dar sublima o não ser / Projetado da matéria feliz porque viu um nada lacunar entre o ser e o passado / O fulgor do fogo primário feminino

Na memória do amor assumido / Sou ela fogo masculino no ventre da terra prometida.

JORJAMADO NO CINEMA – Não-ficção, média-metragem, 16mm, colorido, 50 minutos. 1977. Entrevista com Jorge Amado em sua casa no Rio de Janeiro. O escritor fala sobre sua obra e sua carreira literária, seus livros adaptados para o cinema, particularmente *Tenda dos milagres*, *Os pastores da noite* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Amigos e parentes opinam sobre os três últimos filmes baseados em suas obras. Cineastas e atores falam sobre *Tenda dos milagres*. Jorge Amado, na intimidade, apresenta sua família. 50 minutos de verdades.

DECLARAÇÕES E ESTRONDOS DE ROCHA 3

"Jorge é a verdade psicossocial das massas num clamoroso espetáculo de Poesya e Miséria, Cozinha do Payz. Jorge Amado faz no romance o que Brecht fez no teatro. Convertendo o povo em personagem principal dos dramas, virou de cabeça para baixo a mise-en-scène de um Romance, no caso brasileiro, que falava do Ocupante na linguagem do Ocupado".

"O bloco do Pacotão nasce no ano do famigerado *Pacote de Abril*, decretos editados pela ditadura militar que se instalou no país a partir do primeiro de abril de 1964, que banuiu, torturou, matou, cassou, fechou o Congresso e inventou até políticos biônicos, sem votos."

"O MDB está fazendo o jogo do capitalismo internacional: uma revolução está amadurecendo e ninguém parece se dar conta dela, mas é possível que ela esteja no cerne do comportamento do presidente Geisel."

"Patrulha é a Igreja Católica em conluio com o MDB, dom Paulo de mãos dadas com o Cebrap, quatro séculos de Inquisição na jogada."

"Fernando Henrique Cardoso é um subcientista social. Não e, nunca foi nem será comunista. É um neocapitalista, um kennedyano, um entreguista. Responsável pela organização das Patrulhas Ideológicas contra intelectuais e artistas revolucionários e nacionalistas. O gancho do Pentágono funciona em São Paulo. A metástase cancerígena abrange a telenovela, a música popular multinacional, o Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, os brasilianistas, as universidades, o marxismo colonizador e a igreja de dom Evaristo, cardeal de Berlim."

"Eles (o Cebrap) fazem estudos sob uma visão materialista grosseira da história, porque acham que aqui é uma reprodução do sistema econômico ocidental, sem levar em conta a antítese irracional da emergência terceiro-mundista, inclusive a tradição do modo de produção africana e árabe nos bolsões brasileiros mais profundos. São bons estudos na parte de pesquisa, mas na parte de interpretação não existe mobilidade dialética no pensamento, resultado do trauma do fracasso de 64, sem que ninguém tenha feito a psicanálise do alter-ego janguista que não respondeu à ânsia revolucionária ou histeria revoltada de um profundo sentimento humanista."

"O intelectual brasileiro é um alienado, é pobre não tem dinheiro para estudar. O Brasil pertence aos brazilianists."

"Aqui o bombardeamento linguístico é terrível. A publicidade é feita em inglês, os cantores cantam em inglês, estão todos escrevendo em inglês, falando inglês – esperando um dia ir aos Estados Unidos."

14 DE MAIO – MANCHETE

Caetano Veloso "Minha amizade colorida com Maiakovski"

15 DE MAIO – ISTOÉ

Glauber Rocha Profeta? Visionário

DISCO

Beatles versus platéia

Conceito Insignificante
SEGUNDO CADERNO 3
Domingo, 24 de julho de 1977

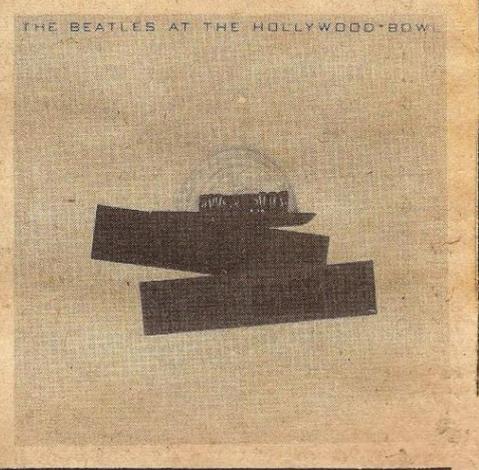
Passam os anos e continuam chegando às lojas "novidades" dos Beatles. Desta vez está pintando **The Beatles At the Hollywood Bowl**, o primeiro disco oficial de gravações ao vivo do grupo. Porém, o problema é que o fato de ser oficial não ajuda muito à qualidade técnica do som em si, o que, em última análise, é o mais importante.

Gravados em duas oportunidades - 23 de agosto de 64 e 30 de agosto de 65 - o LP retrata exatamente aquela época em que a Beatlemania estava no auge, ou seja meninas desmaiando, histeria coletiva e coisas do gênero, o que significa muito barulho e pouca música. E em que pesem os esforços do produtor George Martin e do engenheiro de mixagem, Geoff Emerick, quem quiser realmente ouvir o som dos Beatles no disco acaba ficando na mão.

Martin inclusive trata logo de justificar se na contra-capa do LP: "Para falar francamente, eu não era favorável à gravação do concerto. Tinha certeza que não poderia ficar tão boa quanto as que fazíamos no estúdio, mas resolvemos tentar assim mesmo. Tecnicamente os resultados foram desapontadores, as condições de trabalho dos engenheiros foram extremamente difíceis. O caos - quase posso dizer pânico - que reinava nesses concertos era inacreditável, a menos que você estivesse lá. Os gritos incessantes de 17.000 pulmões jovens e saudáveis tornariam ináudível até mesmo um avião a jato."

De uma forma ou de outra, **The Beatles At the Hollywood Bowl** funciona como documento de uma época das mais interessantes do quarteto - aquela em que estavam curtindo ao máximo a condição de superestrelas e em que ainda eram o supra-sumo do conjunto popular, que buscava realmente o contato com o público. Pelo disco você vê que eram rocs sem grandes macetes, como *Twist and Shout*, *Dizzy Miss Lizzy*, *Boys*, *Roll Over Beethoven*, *Long Tall Sally*, que faziam a

THE BEATLES AT THE HOLLYWOOD BOWL



cabeça da garotada, ao lado das canções um pouquinho mais sofisticadas da dupla Lennon-McCartney, a exemplo de *Ticket to Ride*, *Help*, *All My Loving*, *Things We Said*.

O LP é recomendável portanto, a todos os fãs doentios dos Beatles e aqueles que desejem conhecer de perto o clima de um concerto no início da louquíssima década de sessenta.

JOÃO JOSÉ MIGUEL

24 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Beatles versus plateia

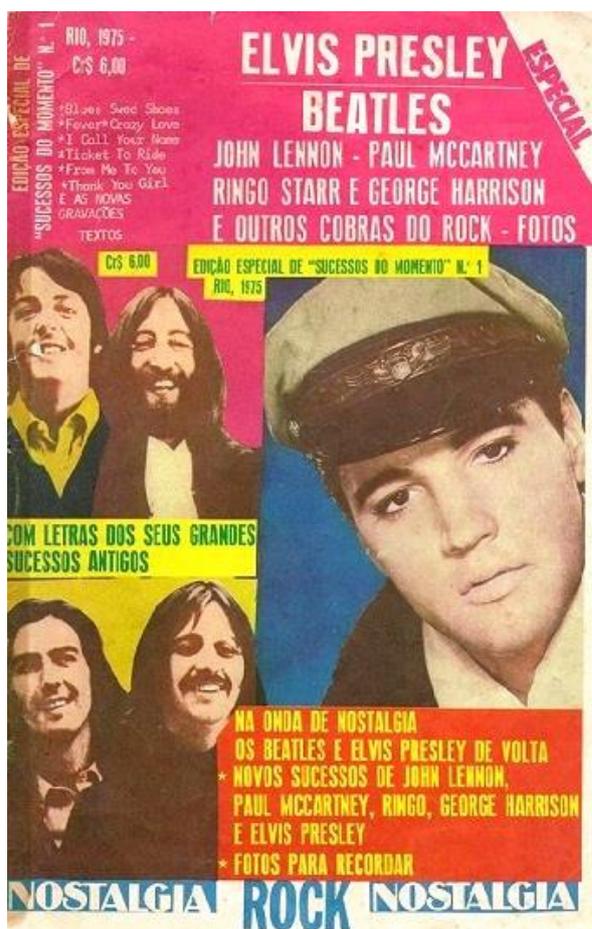
Passam os anos e continuam chegando às lojas "novidades" dos Beatles. Desta vez esta pintando *The Beatles at The Hollywood Bowl*, o primeiro disco oficial de gravações ao vivo do grupo. Porém, o problema é que o fato de ser oficial não ajuda muito à qualidade técnica do som em si, o que, em última análise, é o mais importante.

4 DE AGOSTO

Nasce Pedro Paulo de Araújo Rocha, filho de Glauber e de Maria Aparecida de Araújo Braga (Cuca).

CARREGO UMA AVALANCHE DE DEMÔNIOS E VOU SOLTÁ-LOS

Eles me queimaram sem fritar, me queimaram até para as novas gerações... tentaram me tirar tudo...



Em 1977, o meu padrinho veio dar conselho e só depois a ficha caiu. Ele estava falando sobre drogas e eu tinha 13 anos, vivendo num buraco na QNJ. O ano anterior, eu atravessara os sábados camuflado de pequeno cristão na igreja. Agora, eu tomava conta da Vidraçaria. Meninos surgiam para atormentar meus dias. Eu tinha que atacá-los com pontas de vidro – um monstro, um perdido, um rebelde, um louco. Estudando cinco dias e trabalhando no sábado, meu futuro escolar era uma bomba-relógio.

16 AGOSTO

Neste exato dia, Elvis pretendia iniciar uma nova turnê e já mantinha plano de se casar em breve com sua companheira Ginger Alden. Ele é encontrado morto no banheiro de sua mansão.

Como uma verdadeira bomba, a notícia de sua morte chega a todos os cantos do mundo. Depois de Mickey Mouse, Elvis é a imagem mais famosa e reproduzida do mundo. Ninguém aceitava a ideia de seu desaparecimento. Milhões choraram por sua morte oficial anunciada – para estes o verso "Good times never seem so good...", tirado da canção "Sweet Caroline", virou um

pequeno mantra, da Rota 66 à ferrovia Transiberiana. Outros, dissidentes

Seu funeral é marcado por descabelamentos, desmaios, crises de depressão em massa e até suicídios foram registrados. Notadamente, após uma tentativa de roubo de seu corpo, seu pai decide trazê-lo, e enterrar Elvis, sua mãe e o irmão gêmeo (este último simbolicamente), nos jardins da mansão Graceland, num local batizado pelo cantor de Jardim da Meditação.

•• In 1977, after receiving a distress phone call from Ginger Alden, Presley's fiancée – Presley had divorced his wife in 1973 – Mr. Esposito rushed to find Presley dead in a bathroom at Graceland. He later broke the news to Priscilla Presley and to Tom Parker, Presley's manager. He was a pallbearer at Presley's funeral

Nesta terça-feira testemunhei uma das imagens mais impactantes do rock'n'roll. Naquela tarde triste e fria no colégio CTN. Davi, namorado da Amélia, veio de sua casa no M Norte, ei

apareceu com uma guitarra feita com arame recozido e cantou algumas canções do Rei. Em seu lábio de Hendrix, o cabelo rente e o bigodinho ele cuspiu rock'n'roll. No paletó de feltro de listras, ele reencarnou um selvagem de 1954. Nunca mais vi Davi, ele tinha talento. Tornou-se inesquecível.

P NORTE

No serviço público dei muita ideia. Só que agora que não dou mais: "Espero morrer e não ter que voltar", digo aos porteiros toda sexta-feira; eles riem. Os Vigilantes são meus amigos e temos total liberdade com eles. Me refiro a certas autoridades como "aquele Peão?"... Eles riem mais ainda. "E, aí Peão então você é do P Norte conheceu o Mercadinho Santos? Era dos meus tios!" O cara não acredita: "... sério mesmo?" O Mercadinho ajudou muito a população de lá (no desenvolvimento). Depois contarei como foi vender roupa na Feira no Pedregal aos treze anos, em 1977. Foi aí que comecei a perceber que era um freak bizarro, um doido varrido, pois na minha empolgação: "Pô arrebitei!" Meu padrinho falou para a minha mãe que eu era um fracasso. Foi quando definitivamente surtei e entrei no rock'n'roll.

QUEM TEM PADRINHO NÃO SOFRE OVERDOSE

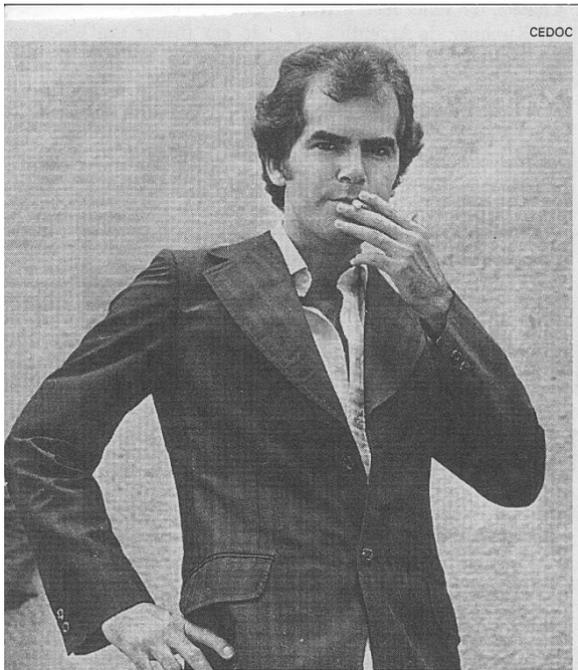
A minha família é de São Paulo, vinda do interior da Bahia. Para ilustrar, eu digo que tínhamos um viés concretista. Aquela estória da São Paulo da garoa, da boêmia. Meu pai trabalhava no forno da fundição e, por ser mais capaz, aprendeu outras funções importantes – o que não o poupou do desemprego. Dona Madalena, nossa vizinha, era mais velha que o século. Em sua idade avançada, usava meias e vestido esvoaçantes. Vivava varrendo. Varria a calçada, varria o jardim, talvez varresse a solidão. Pela boca dela eu ouvi: "... naquela bebedeira do Milton, não tinha só cerveja!". Foi minha primeira referência à *bagonha*. Depois, dona Madalena falava: "... foram os Tupamaros que roubaram os bancos e mataram as pessoas!" Quem eram eles? Revolucionários uruguaios agindo no Brasil? Suas informações chegavam pelo rádio, a rádio Barros de Alencar. Assim eram os 70s na Sampa da minha infância. Cheguei em Brasília e vi os comícios de punks e bancários, e pensei: "Em Brasília a política é irresponsável, eles não seguem leis, uau!". O grande advogado era o Maurício Corrêa e o Santo Guerreiro era o Mário Eugênio. Os tempos mudam e as pessoas caem. Me recordo que naqueles tempos as pessoas eram marcadas a ferro quente – principalmente quem estudava na UnB.

Aos incompletos catorze anos, vieram me interrogar sobre o consumo da maconha. Isso era o que se passava pela cabeça do meu Padrinho. Para aquele meu comportamento errante e fuso-horário alterado, somado à queda de rendimento escolar, devia haver uma cortina de fumaça. Fumada na escola, na rua? Com quem? Acho que nesse dia, me achei um *bosta*. Nem sabia do que o Padrinho falava. Tudo se resumiu em indignação. Meu Padrinho teve cuidado com as palavras, mas eu fui fichado pela primeira vez em casa. Ali me tornei um junkie do rock'n'roll do colecionismo e eu só queria assistir filmes tarde da noite e no outro dia acordar cedo, já queriam me encaminhar para servir ao sistema. Isso me ajudou a compreender os jovens das próximas gerações.

O pior de tudo é que, de início, não captei a mensagem. Não sabia do que o Padrinho falava. Então, depois de tentarem se livrar de mim, ameaçaram me internar no reformatório, me colocar na igreja. Mas eu estava crescendo e escapei. Desde então, a minha vida será rock'n'roll. Décadas depois, chegaram os primos e mostraram aos pais com quantas canoas se faz uma embarcação.

Ninguém se lembrará dessa, o que é anormal é que eu ainda me lembre dessa. Eu era garoto e Derreta, era aquele bêbado que morava no bar – certa vez, O Padrinho pediu para o coitado do Derreta segurar o par de cabos e ele deu na partida – Derreta levou uma descarga que devolveu-lhe à sobriedade, mas ele ficou triste e nunca mais falou com o Padrinho. Quando ele veio falar sobre religião comigo, eu retruquei: Você ainda tortura bêbados?

.....



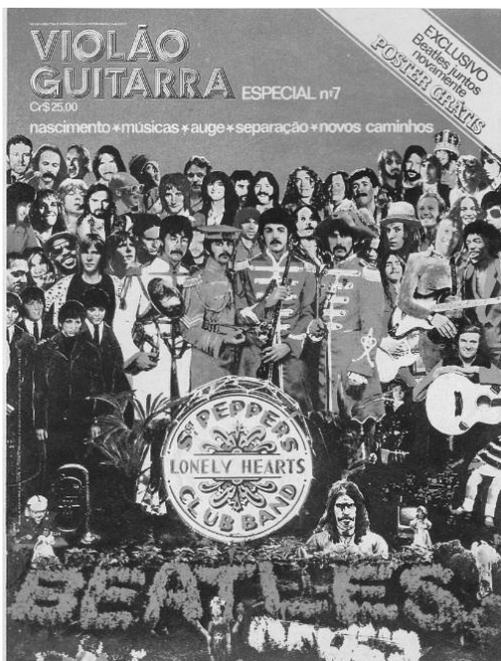
"ROCK'N'ROLL, DEI-LHEI OS MELHORES DIAS DA MINHA VIDA!"

Embarquei nessa só com bilhete de ida e fomos conhecendo gente louca. Uma única condição: jamais apareça no portão da minha casa para me chamar... até hoje eu sigo essa canção... jamais pinte na minha porta sem ser convidado. Anos de balcão nos botecos ao lado da vidraçaria me ensinaram. Naqueles idos da adolescência de duros e gentis aprendizados, nosso salmo era o programa *Gogó das 7* – onde, logo cedo, já se sabia quem estava em liberdade e quem estava atrás das grades. Eu conhecia os nomes dos crucificados que saíam no *Gogó das 7* – Carrefour, Rêrê, Doidinho, Gregorinho, Quarenta, Espigão, Tatu, Caveirinha e heustórias da Loira do 38, A Mansão do Aborto.

Eu procurava emprego com carteira assinada. Meus dedos eram cortados de colocar vidro nas casas. O "Garoto", do Chaplin, pelo menos se divertia, apedrejando as vidraças e desaparecendo na esquina. O futuro? Amolecer massa com óleo diesel queimado. E hoje você chora meu quase infausto futuro com vidro quebrados? Vá se f.!

9 DE SETEMBRO, ATA INICIAL DO CLUBE DO CHORO

"O Geraldo (Valdomiro Dias), meu marido elaborou a ata de fundação, registrada no Cartório do 1º Ofício de Registro Civil e protocolada sob o número 406, no dia 25 de outubro de 1977." (ODETTE ERNEST DIAS)



O fotógrafo Ivaldo Cavalcante é muito legal. Primeiro é um dialeto típico da QNJ; ele mantém aquele olhar-notícia – na sua galeria, no seu espaço, o Ivaldo cria os artefatos visuais segundo a cartilha de um Warhol, de um Bresson, de um Mário Eugênio e “a ambiguidade do estacionado e do movimento”.

Em Taguatinga Norte, os compactos estavam na moda. Eu tinha alguns (o que era coisa pra caramba) de todos os gêneros e cantores. Nesse raríssimo, Rolling Stones há a expressão Twenty Golden Oldies com certeza mais uma informação para o título do vindouro fanzine Oldies but Goldies, cinco anos antes eu já estava incutido com esse nome

QNJ

Voltava a pé do CTN para casa para guardar o troco da passagem. Eu era o rei da porta de trás do baú – 38 anos depois eu fui trabalhar no transporte e encontrei alguns daqueles motoristas que sabiam que eu descia pela porta de trás para comprar um livro; acredite, o preço da passagem equivalia ao preço de um livrinho.

De vez em quando eu voltava do M Norte via dedão, porque não consegui descer – era roleta russa. Uma vez, na banca da velha Shis, uma decisão difícil: um gibi de herói uma revista *Pop* ou a Rock? Quem estivesse na capa decidia.

LEFT SIDE 'MAMMA MIA'

Maroca, a vizinha na QNJ 5, não ficava nem um pouquinho satisfeita quando tocávamos na vitrola este hit. Pelo menos Maroca não era hipócrita de censurar a música como muita gente aí.

Quando na parada do cemitério não subia gente no Alvorada, o jeito era pagar a passagem e descer na primeira parada da M Norte – que era chamado de *Planeta dos Macacos* – e era longe pra caramba da velha Shis Norte das casas grandes da Novacap.

Na época das águas, era esparramada serragem de madeira no interior dos ônibus, o soalho deles era besuntado com óleo resultava escorregadio. Os ônibus eram tão velhos que nos seus pisos havia buracos e rodávamos vendo o asfalto e a poeira entrando. Em 1976, meus pais me levavam para comprar calça Panuzzi na Feira da Ceilândia. O único ponto de referência do Setor O, a única coisa que existia, era o ponto final. As casinhas da Shis eram padronizadas! Havia uma depressão (o *zeitgeist* de uns dias tão estranhos) que ameaçava a cidade e sair do conjunto poderia ser fatal. Em Samambaia, a primeira coisa que a Terracap fez foi licitar lotes comerciais – onde as lojas seriam maiores.

Voltando à Ceilândia, suas ruas transversais da ponta até o final tinham desníveis de 50cm a um metro e os moradores escavavam degraus até as suas portas. O governo abria as ruas e a enxurrada levava tudo. Foi assim por muito tempo. A maior aventura era dirigir um Fusquinha sem limpadores de para-brisas, passando creme dental no vidro externo, e mesmo assim embaçava o tempo todo! Da velha Shis, pela QNL, chegamos a pé na inauguração do *Serejão*, estádio de futebol. Pela redondeza, não havia nada só chácaras, até o Clube Primavera de Taguatinga.

'FAROESTE CABOCLO', O FILME

Vi o filme ontem pela primeira vez e a tela grande não é referencial, é licença-poético geohistórica – a Ceilândia do filme não tem nada a ver com a real. Eles “erraram” de satélite e



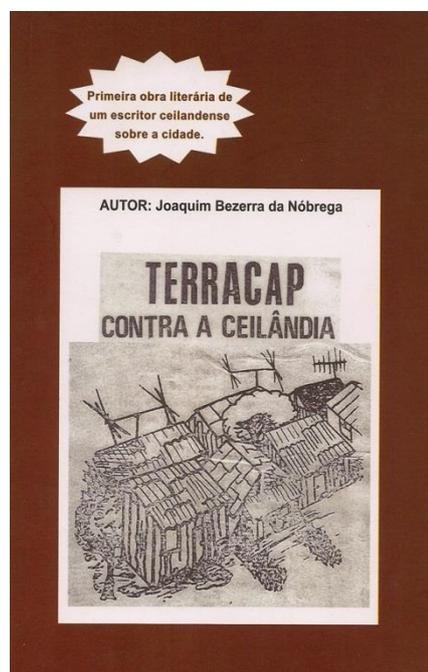
filmaram a Samambaia, que existia em 1978, porém o filme se passa em 1981, numa Ceilândia onde já havia asfalto água encanada e cara de cidade. Em tempo, em Samambaia era onde os cadáveres eram desovados pelo Esquadrão da Morte.

A Ceilândia era urbanizada e teve barracos substituídos, como no Ban-ban. Lá existia a pista central com a linha 316, regular até o Sul de Ceilândia, Ceilândia Norte e Setor O. Depois é que veio a M Norte e as QNQ e QNR são recentes.

AS ZOORIGENS DE DO PRÓPRIO BOLSO

Lá tinha a Vila Tenório
IAPI e Esperança
Tinha o Morro do Urubu
Na Vila do IAPI
As malocas perigosas
Todas partiam dali
Mas depois da remoção
Vieram todos pra'qui

*Nota: nestas imediações do lado do IAPI no Bernardo Sayão existia a Chácara São Néilson, onde vivemos



BLUES PARA MILTON, O MOTORISTA

"Assim, se o visitante encontrarem plena Estação Rodoviária uma reunião de nordestinos portando violão, índio xavante com adereços de madeira nos lóbulos da orelha e gaúcho trajando calças no estilo bombacha, não se deve assustar, pois esta situação está muito longe da extinção. Isso porque nas cidades-satélites e nos municípios goianos que formam a periferia do Distrito Federal, se observa uma clara manutenção de costumes regionais de seus habitantes, pessoas originárias dos mais diversos ponto do país."

Somos operários, eles me deram um diploma. Meus parentes dirigiam coletivos, carretas, guinchos, táxis, e mais tarde, bares, mercadinhos, vidraçaria e lojas de confecções. O que não se faz para ganhar a vida dignamente: "Enquanto almoço e tiro o cochilo, você fica de ouvido no rádio do guincho: se falar esse prefixo, você ouve e me fala".

O longo ônibus estacionou na porta de casa na QNJ 5. Finado Milton era irmão do Antenor, que era casado com a tia Lídia. (bela família 5 primos): "Vou levar o Mário para dar um giro na Rodoviária". Aberta a gaveta das economias não tinha uma nota. Levei um sabão porque eu sempre estava duro, eu só tinha treze anos. Mas fui feliz, em direção ao Plano Piloto. O foda é que foi pela via do Buriti. O ônibus estacionou atrás dos Ministérios, numa garagem na L2 Norte. Descambamos para a Rodoviária. Que piquenique maravilhoso, com pastel e caldo de cana da Viçosa. Voltamos às 5 horas, com os servidores federais. Desci na parada da garagem da Alvorada e o ônibus seguiu para a Ceilândia.

Jamais tive oportunidade agradecer ao Milton por ter me levado para me divertir na Rodoviária, na nossa realidade de peão boiadeiro não existia Plano Piloto.

Longuito dirigia o guincho da Pioneira. Por isso, os caras que trabalharam comigo no GDF me reconhecem das antigas: pelos calotes perpetrados nos ônibus dirigidos por eles em Taguatinga e no Guará – tudo para economizar um troco e comprar um gibi ou livrinho. Não existiam sebos, só as livrarias do Conjunto Nacional.

.....

Ainda me lembro dos almoços no Gama, aos domingos, na casa da dona Josefa, mãe do meu falecido tio Longuito.

Você tinha que pagar empréstimo compulsório sobre o preço das passagens aéreas, por isso poucos conseguiam sair do Brasil. Longuito era um dos poucos homens que podiam sair do país, ele era motorista de ônibus e ia ao Paraguai e, quando retornava, revendia filmadoras gigantes, maiores do que cabeça de elefante – nós nunca nem tocamos nas filmadoras.

CALOTE DE PASSAGEM DE QUANDO O ROCK BRASÍLIA NEM EXISTIA

pior calote do mundo era ao meio do dia na W3 Sul

Sem direito de ir e vir – Você não entende que calotar era um ato de rebeldia e se espalhou pelas linhas. Imagine o prejuízo das empresas. A passagem era cara como um lanche e ainda não tinham inventado o vale transporte para o trabalhador.

O problema crucial era a mixaria para comprar um livrinho da coleção Primeiros Passos, pagar as duas passagens, tomar um caldo e um pastel. Estudante não tinha grana e nem nossos pais, como eu sempre fui meio biscateiro tinha que colocar pedaços de vidros nas casas para defender, os LPs, o rango, o frango, a vódica, o velho barreiro, o chapinha. Meu transporte era bicicleta.

“Calotar era doido demais. As empresas colocaram leões de chácara que, quando pegavam no cacete, era *foda*. Depois do meu primeiro calote, hum! nem ai para os seguranças: era todo dia.

“Nos 80s ir parar na Discoteca Zoom no Gilberto Salomão era emoção, só no calote, mas eu tinha medo. Não de ser pego, o problema seria se a denúncia do calote chegasse lá em casa. Então eu ia mais cedo e, quando a galera chegava, eu inventava mil estórias de calote. Eu tinha um amigo, o Jarbas, que sabia. Então um dia ele me enquadrou: ‘Ou você calota comigo ou conto para todos a sua farsa!’ Humf! Foi o jeito ir com ele. Quando chegamos na parada, a adrenalina a mil, o baú vai parando o ‘esperto’ do Jarbas abrir o vidro da janela e pular. A porta se abre e eu desembarco. Vejo então, o espertalhão esticado entre o meio fio e a calçada, gritando. Torceu o tornozelo. Mesmo assim, conseguiu correr para dentro da Discoteca Zoom. Eu dançava ouvindo Hojerizah e ele com gelo nas canelas o resto é heustória... (...)

“Punk! O Leleco derrubou uma senhora com as compras na 509 Sul. Foi laranja para tudo que é lado da pista e ele não sabia se ajudava a velhinha ou corria. O susto dos gritos dela assombrada com seu moicano de três palmos de altura... bons tempos.”
(ANTÔNIO GONCALVES)

“Tenho uma passagem parecida quando bati a cabeça no meio fio em companhia de Joelzinho. Desde então, penso muito sobre o álcool que eu acho a mais poderosa das drogas – eu bebi vinho e cai da porta de trás do grande circular batendo a cabeça na calçada”.



"Mário, o seu problema de contador de estórias não é problema: essencialmente você descreve (e escreve, porque a grafia é imperativa) o Guará, sua aldeia como um roqueiro da segunda geração dos pós II Guerra descreve Berlim. O problema, sim, é que o Guará não é Berlim. Mas a força do nosso underground tupinambá não perde (nem os pênaltis) pros bunkers felizes dos comedores de chucrute."

(ROBERTO GICELLO)

1978

4 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Glauber Rocha em estado poético

JANEIRO – MANCHETE

Glauber Rocha "A Idade da Terra' é meu último grito"

No Brasil, Roberto Farias custa muito, a liberar o dinheiro que Glauber Rocha precisa, o cineasta passa catorze meses esperando que a Embrafilme lhe repasse as verbas.

É necessária uma conspiração que envolve os ex-ministros, João Paulo dos Reis Velloso e Petrônio Portella; os jornalistas, Oliveira Bastos e Fernando Lemos; os políticos, Roberto Campos, José Sarney, Golbery e Humberto Barreto que empurram o filme goela abaixo da cúpula da Embrafilme, que comanda a política cinematográfica e não reconhece muito Glauber Rocha apesar dele ser superconhecido no exterior, e solicitado para vários festivais, ao lado de Nelson Pereira dos Santos que também é muito reconhecido.



A Embrafilme repassa a Glauber Rocha 10% do que ele havia pedido para fazer o filme. O cineasta já contratou a equipe, e não pode parar, o jeito é arrancar sequências inteiras do roteiro pela falta do dinheiro e *A Idade da Terra* vira quase uma sinopse de um épico. Na versão montada por Glauber Rocha o filme tem quatro horas e meia de projeção. A Embrafilme assistiu, e pede que baixe para três horas e meia. Glauber muito contra a vontade corta o filme, uma hora, mostra novamente à Embrafilme que só distribuirá o filme se cortar mais uma hora, com 160 minutos. Então ele volta para moviola e mutila a sua obra porque um bando de burocratas acha o filme longo.

Ao desmontar sequencialmente *A Idade da Terra*, Glauber cria uma nova expressão cinematográfica; o filme passa a poder ser visto de qualquer pedaço que se quiser.

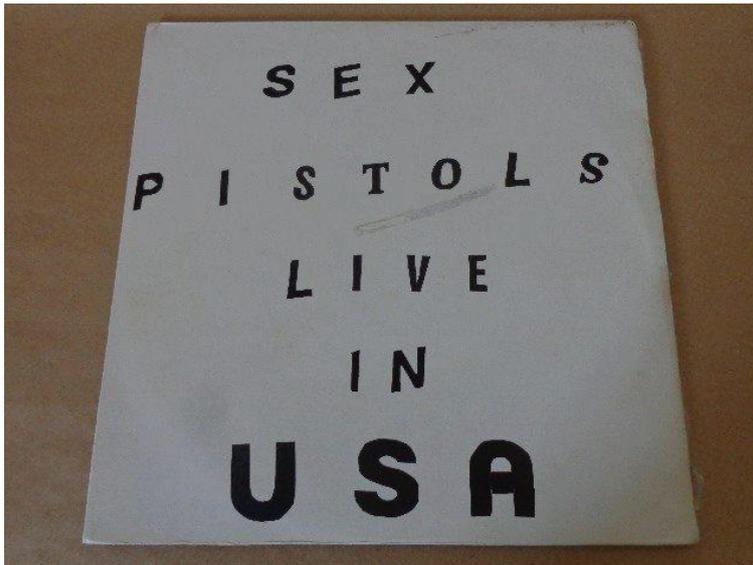
Para lançar o filme depois dos cortes, outra guerra. Golbery de novo em ação. A Embrafilme não quer gastar um tostão com *A Idade da Terra*.

– Não vamos dar nada para esse louco.

A Embrafilme inverte os papéis e deixa de perceber que *A Idade da Terra*, é contraditório e que não se vincula a qualquer receituário-ideário oficial...

Psicologicamente estimulado, Glauber Rocha volta aos círculos da Capital do Brasil onde há misticismo, mitos, deuses e diabos. Além de capital-cenário, Brasília é um elemento vivo e transfigurado na epopeia glaubíca.

Perambula/gargalha pela redação do Correio Braziliense, fala/pensa filosofia/poesia, política/economia, usa o pátio do jornal como cenário, roda cenas de grande plasticidade de *A Idade da Terra*. Glauber, também visita o Vale do Amanhecer e vai à Casa de Tia Neiva em companhia de Paula Gaétan e Quim Andrade, no cômodo onde estão, Glauber ouve um galope e comenta com Tia Neiva: "o próximo presidente virá montado a cavalo"... No terreiro do Raul de Xangô, no Núcleo Bandeirante, ele também filma. O cineasta investe tempo e dinheiro nesse projeto, que corresponde a uma coisa bíblica e religiosa. A iluminação só pintou mesmo em Brasília.



Para as filmagens de *A Idade da Terra*, Glauber e sua equipe hospedam-se no Brasília Palace Hotel, o melhor hotel da capital, localizado à beira do Lago Paranoá, exemplo da arquitetura moderna e que será destruído por um incêndio a 4 de agosto.



Propaganda de página inteira na revista Crawdaddy da única excursão dos Sex Pistols pela América em janeiro de 1978

14 JANEIRO – ÚLTIMA APRESENTAÇÃO DOS QUATRO PISTOLS JUNTOS

Joãozinho Podre não aguenta mais. Nenhum teatro quer se arriscar a ser totalmente destruído e está sem gravadora. Com apenas um elepê editado oficialmente (já que os bootlegs proliferam), *Never Mind the Bollocks*, separa-se dos Sex Pistols. Ele não aguentava mais a palhaçada e o monte de mentiras pré-fabricadas que Malcom McLaren, manipulador da imagem dos Pistols, propunha a fazer como forma de trabalho.

19 DE JANEIRO

Eryk Aruak Rocha, filho de Glauber, com Paula Gaétan, nasce em Brasília, em plena filmagem. Glauber só verá o filho no dia seguinte, trabalha até de madrugada.

O trajeto das locações das filmagens é decidido pela manhã no Palace Hotel, mas Glauber nunca segue o roteiro das cenas, é o rei do improviso, simplesmente sai de carro e decide na hora, junto aos gritos descontrolados e com toda a impaciência que cabe-lhe no peito.

Um dia às 7 da manhã, Glauber está no Teatro Nacional em obras com os operários dando acabamentos e montando os arabescos, ele liga para Fernando Lemos.

– “Vem pra cá.”

“Entre aí.” Diz Glauber a Fernando Lemos que já entra em cena, gravando o roteiro, que Glauber criou na hora. Depois, Fernando Lemos, Maurício do Valle e Antônio Pitanga saem de carro, Glauber no outro carro, filma. O Teatro Nacional é a pirâmide, túmulo dos sonhos do Brasil.

Nos arredores da Torre de TV, onde uma das cenas está sendo filmada, Ary Para-raios surpreende-se com a equipe montada para a filmagem e com a ordem de Glauber: “Entre aí e comece a falar.” O ator/jornalista retruca: “Falar o que?”, “Fale o que quiser.” Dispara o diretor. Pressionado, Para-raios recita os Lusíadas, de Camões, e, em seguida, frases em Latim.

E Glauber Rocha grita: “Vai andando, que a câmera vai atrás...”

O método de improvisação de Glauber é levado ao Extremo, por ele mesmo, sem concessões, o tempo todo a voz da direção é ouvida, o som definitivo é o som-guia, é o delírio total de uma grande aventura poética coletiva onde muitos sabiam que haviam embarcado.

Noutra manhã os atores João Antônio, Dimer Monteiro e Gloria La Boca, (“Glauber, apaixonou-se pela sua atuação”) banham-se na piscina, Glauber Rocha pede uma garrafa de água. Espera 10 minutos. Ela não vem. Ele despede, acompanhado de uma fileira extensa de palavrões, a pessoa responsável por matar sua sede. Na manhã seguinte, ela é recontratada. As filmagens atrasam por um dia quase inteiro por causa do incidente.

Os motoristas de entidades do governo que emprestaram seus carros à produção são proibidos por Glauber de sentarem para comer na mesma mesa da equipe. Eles seriam, como tantos intelectuais espancados por Glauber, agentes da CIA.

Glauber aponta a câmera para os atores, pede que comecem a gravar a cena e em seguida ordena: “Parem, parem!”. “As nuvens estão cobrindo o sol.” E novamente interrompe as filmagens para falar do assunto e ninguém é despedido. Mas xinga o primeiro que lhe cruze o caminho. No Teatro Galpãozinho, os atores brasilienses durante dois dias sentiram o ônus de trabalhar com um famoso cineasta em crise e presenciaram atos e discussões sem sacralidade alguma. Um espetáculo com diálogos deprimentes:

“Você é uma jumenta, uma prostituta, uma incompetente.” Glauber grita com Tizuka Yamasaki, diretora de produção e responsável pela privacidade do cineasta. Tizuka Yamasaki, não responde, ela olha e alega em voz baixa que aguenta tudo porque, afinal de contas, está aprendendo muito com ele.

Apesar de querido pela equipe que dirige, Glauber Rocha joga duro quando falhas acontecem. Numa cena gravada na Esplanada dos Ministérios, um técnico quebra lente caríssima. O cineasta enlouquece. Obriga a equipe a voltar ao Brasília Palace e de meio-dia às seis da tarde têm de ouvir um sermão glauberiano. Glauber estoura orçamentos, briga com os amigos, enlouquece a equipe de filmagem, os produtores, e deixa técnicos à beira do colapso e atores como Antônio Pitanga, que faz o Deus negro, e Jece Valadão, o Cristo índio, desorientados com suas ideias. Tarcísio Meira, exige os diálogos por escrito. Muitos atores também tiram Glauber do sério.

A forma livre, íntima, inventiva, inspirada e surpreendente de Glauber trabalhar no set suscitava um polemismo maravilhoso.

“Foi uma de minhas experiências mais gratificantes e construtivas. O Glauber era carinhoso, instigante, inteligente e polêmico. Os atores eram um instrumento do trabalho dele, que era um diretor-autor, mas nunca um ditador. Lamento não ter estado com ele mais vezes.”
(TARCÍSIO MEIRA)

"Ator que não sabia improvisar não podia trabalhar com Glauber". **(NORMA BENGUELL)**

Na sua segunda passagem por Brasília em janeiro de 1978, Glauber filma *A Idade da Terra*. De outubro de 1978 a fevereiro do ano seguinte, Glauber não gasta e ainda ganha dinheiro, por meio de permuta mora na suíte presidencial do Hotel Eron, onde têm as mulheres que quer nas camas que escolhe e as melhores amigas.

"O protestantismo anglo-saxão provocou a revolução capitalista norte-americana. O catolicismo ibérico miserabilizou sul-américa. O conceito moderno de Civilização Ocidental foi criado pelo Pentágono. Golbery possui um conceito filosófico correto de Civilização Ocidental Cristã mas discordo de seu conceito político. Uma má tática política prejudica uma grande estratégia filosófica. Sendo o Brasil a síntese do Terceiro Mundo não tem sentido o cristianismo romano e sim o Cristo Zoroastriano. Porque Zoroastro foi o Mestre de Cristo e Buda. O cristianismo continua a maior força ocidental e o Enviado aparece encoberto por várias personagens. No Brasil é Sebastião, o louco. O Segundo Sebastião é o êxtase da lucidez." **(GLAUBER ROCHA)**



GUARÁ, 1977-78

“Um perímetro marcado por Niemeyer e batizado Guará, onde transitam os adeptos de Bob Marley, os companheiros de Lennon, o pessoal do sambão, a garotada do punk em coquetel

de receita muito específica, arco-íris, muito adjetivo, intrasferível, pessoal. Os filhos, os filhotes e netos de Lennon fazem parte dessa coisa toda que é o voador circo de uma guitarra, balão iluminado e amplificado.”

(MANEL HENRIQUES, JORNAL DE BRASÍLIA, 8 DE DEZEMBRO DE 1982)

O Guará me recebia desde 1977 e, sempre aos sábados, quando eu poderia estar em Taguatinga jogando bola ou ouvindo um disco, tinha que tomar conta da Vidraçaria e enfrentar os meninos mais velhos. Eu odiava os sábados e só fui me livrar desse sentimento velho demais. Um dia no segundo semestre de 1978, decidimos nos mudar para o Guará.

O LOCAL HÍDRICO MAIS LOUCO DO GUARÁ 2

Era na descida para o Carrefour

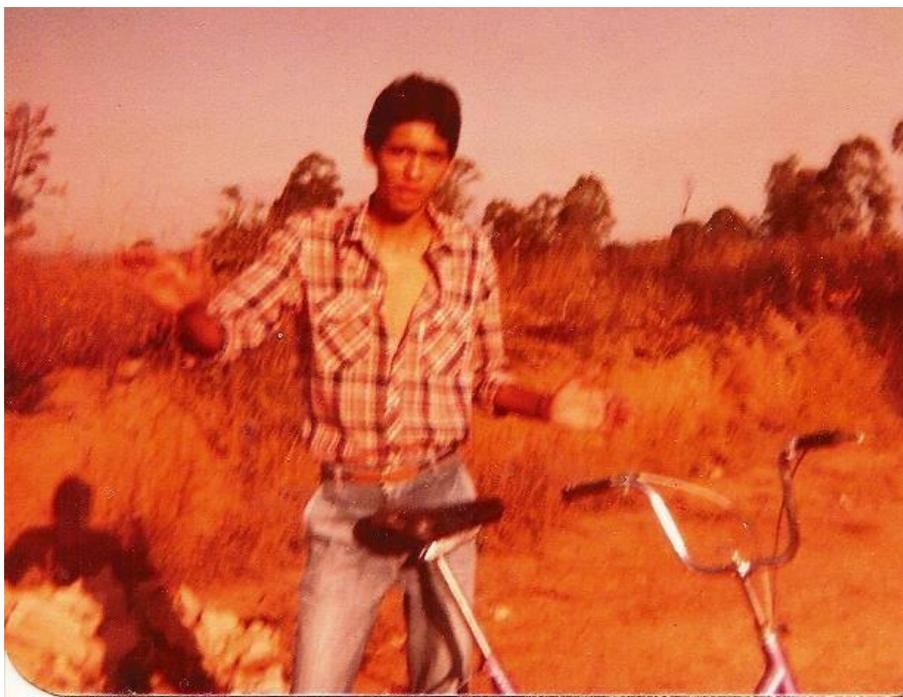
Uma piscina-represa construída em mutirão ainda nos 70s parece-me que ela não existe mais uma vez que vários caminhões retiraram entulho da nascente dela. A piscina se localizava dentro do Parque do Guará abaixo da casa-sede do Parque Ecológico Ezechias Heringer – a água cristalina fluía e suas bordas eram de pedras. Cenário de cinema. Frequentamos lá até 1985, depois não retornamos mais...

"Onde hoje é o Kartodromo do Guará. Atrás dos bares do Cave, existiu um lago com duas ilhas. Nossa praia" **(NARDELLI GIFONE)**

"No Gama era A Geladeira, God bless The córregos!" **(LUCKY AT YOURSELF)**

"Show de bola era minha casa. Ficava jogando pedras lá de cima da linha de trem, fora os banhos. Sim e os baseados queimados" **(FRANCISCO MANOEL)**

"Bica, galeria, córrego, locais de diversão na infância e adolescência!"
(LEOMAR ASSUNÇÃO)



BOSTEIRO

"Quando o vento soprava para a Candangolândia ou Bandeirante, o cheiro podre do excremento era terrível também." **(ANTÔNIO GONÇALVES)**

Cloaca é a palavra usada por paulistas ou cariocas para sistema de esgoto. No Guará 2, as pessoas esbanjavam simpatia ao se referirem como Bosteiro, o governo as chamava, com

eufemismo científico, de *Lagoas de Oxidação*. No Guará 2, existiram dois Bosteiros: um na QE 36 e outro na QE 38 – o povo da 36 sentia nos poros o odor, e o povo da 34 sentia as picadas do mosquito. De dia era um lugar belo e tranquilo – as lagoas gêmeas eram separadas por uma extensa faixa de terra dos tanques gigantes abertos ali desde o início da década de 1970. Jamais se descobriu sua profundidade. Eu costumava zanzar por ali de bicicleta, à procura de revistas para recortes de rock para álbuns – meu novo vício. Definitivamente, não era recomendado andar só. Na aventura, havia campos de futebol, despachos, entulho e estradas desertas, algumas seguiam até a Metropolitana. No Bosteiro, a vida vegetal e animal pulsavam, com o mato vicejante e o voo cinematográfico das garças – aquela paz. Um dia, o Bosteiro foi parar nas manchetes criminais dos jornais: menores roubaram o conjunto de cálices dourados da liturgia da Paroquia da QE 32! A polícia não perdoou! Como terminou? Um policial que frequentava o bar nos contou que a dupla de menores mergulhou no Bosteiro para retirar os objetos sagrados atirados lá.

RETARDADOS

Fui lá na discoteca do Guará 1, na QE 7 e comprei um LP de rock por 80 cruzeiros. Me lembro porque tinha o 80 numa etiqueta. Meu lance era Beatles e Kiss – até o Arnaldo Baptista era fã do Kiss. Jamais tinha ouvido “Whole lotta love” – durante verões ouviríamos esse disco. Luís Ricardo Muniz colocava a caixinha de som na janela e passava as mãos da cabeça à cintura e gritava no meio da rua para quem passasse: “Venham conhecer a loucura do rock”.

A única coisa boa dos 14/15 anos eram os irmãos Muniz. Líamos o gibi do Mad e ouvíamos insistentemente o LP *Superstars do Rock*, a faixa “Whole lotta love”. Ficávamos na rua chamando as pessoas: “Venham conhecer a loucura do rock”. Nossa loucura! E começávamos a atrair gente de todos os lados. Até então, eu jamais havia usado maconha, mas, segundo a sociedade (que tudo sabe e tudo vê), eu estava sempre muito doido quando subia num palco. Como os Três Patetas éramos um trio: eu, o meu melhor amigo e o irmão mais velho dele. Líamos o trio de revistas Mad/Pancada/Porrada e elas influenciavam a nossa vida. Na escola me chamavam de Mad, e eu achava legal. Levávamos meias fétidas ao nariz ou queimávamos formigas com cigarros (essas eram as coisas leves). Um dos termos empregados era *Retardado* – fulano ou filho de tal pessoa é *retardado*! Os discos de rock de Led Zeppelin, Pink Floyd e Queen foram trocados pelos de discoteca – os tempos estavam mudando. Não pegamos o punk e sim a new wave.





HEUSTÓRIAS DA UVA – 1978-79

No Guar dos nobres, num quartinho, Joelzinho costurava bolsas mocassins e aqueles puffs. E no meio e no meio daqueles couros tinha essa revista do Hendrix que ele me deu. Era 1978 e a outra revista eu comprei na Banca do Stanley quando voltava da escola, l pelo meio-dia nesse mesmo ano. Naquele tempo, eu picotava as revistas. Desde então, tenho algumas páginas e, dias desses, novamente as comprei: o pessoal do serviço ficou de olho nas revistas e depois

disse: "Foi depois de l-las que você pirou?" "P, eles têm razão". Depois de l-las  que abracei esse estilo literário, o que está aí nos zines, nos livros, no site. Detalhe: eu tinha lido os três volumes da Rock Espetacular, três volumes, em maio de 1976 – presente de aniversário da minha mãe.

1978-79 – Rock'n'Roll o início de tudo quando a UVA íamos aos shows da Mel da Terra e da Sepultura.

"Darling be home soon" e eu não posso esquecer essa cano porque ela foi a primeira que me fez aproximar de uma mulher nos tempos da UVA.

FAMA?

Experimentvamos uma certa fama, porque a UVA aparecerá antes por volta de 1973! Aglutinvamos estudantes das asas Sul e Norte e viajvamos pelos eixos. Definitivamente éramos conhecidos.

Chaguinhas tinha feito um Super 8. Mancha imprimiu a primeira camiseta com estampa que eu vi, tinha estampa de Led Zeppelin e Jesus Cristo. Pedro Veras tinha um traço próprio e Joel era artesão, Gaspar era professor de matemática.

O rock-guaraense surgiu em 1974, quando os Matuskelas moraram no Guar I. Em 1977, surgiu o Marciano Sodomita, que ensaiava na sala de estar de um apartamento na QE 7. Do Guar 2, outras bandas foram Rocha do Planalto/Extremo/Psicose Crnica. E, de 1985 em diante surgiram Clones de Ludwig, Os Nefelibatas, Alto QI, Tropa de Choque, Os Cabelo Duro, Makacongs. Hoje? Existem dezenas e o Guar têm bares e estdios ligados no rock.

Acompanhvamos as andanças musicais da UVA, um grupo ligado  contracultura, da QE 34. Nos caminhos da UVA tudo: bicicletas, Super-8, skate, acampamentos, motos, rock, girls, noites, pôsteres, camisetas, mocassins, macaes jeans, guitarras, bandas de rock e viagens ao nordeste... Com eles, comecei a conhecer o Plano Piloto e ir a todos os festivais.

No Guar 2, os primeiros músicos que conheci foram Alberto e Zenas de Oliveira (†) logo percebi que os músicos eram meio desajustados. O Rocha do Planalto era um grupo de roqueiros da pesada em todos os sentidos que me mostravam a capa dupla do *Meddle* e apontavam para os braços do Roger Walters e diziam: "Ele se pica". Cresci com medo da capa do disco.

A grande chance do Rocha do Planalto ocorreu quando tocaram na Aruc! E o resultado não foi muito legal... Voltamos pra casa meio abatidos... Descobriram que estavam fazendo tudo errado. O grande destaque foi a apresentao da banda brasileira Sepultura. Também eram boas bandas a Mel da Terra e Pr do Sol. O grande grupo, meio Tero/14 Bis, era o Tellah, com um trabalho instrumental de grande repercussão e respeito. Demorou dois anos para surgir a trinca de ouro do rock hard heavy de Brasília que eram o Fusão, o Extremo e o Nirvana e nós, enfim podemos voltar ao templo da Aruc para dignamente representar o rock made in Guar.

Nunca tive talento musical. Tinha uma discografia e informações. Acumulei fracassos como filho e na escola. É uma saga longa.

Desde cedo, me aproximei e prestei mais atenção no som que saía ao lado da minha casa. Nunca tive banda, fui enxotado por duas e o engraçado é que dezenas de anos depois me convidaram... Ficaram malucos? Conheci Waltinho (†), William Visual; Rich, e Cécé e Manon (ambos de saudosa memória) e, por que não? Flávio, Marciano Sodomita, Renato Matos, Rogério Duarte, também já desencarnado. Da pesada mesmo, outro finado: Marco Antônio Araújo, sem deixar de lembrar de Arnaldo Baptista. Com Rolando Castello Jr., a minha pegada ficou mais profissional. Ainda hoje dou valor a muitos artistas independentes e não passo uma semana sem conhecer um novo talento-batalhador.

Logo de cara conheci, os agora saudosos Arnaldo Neguinho e Paulão, o técnico e também massagista do 32 Esporte Clube. Paulão, metia o par óculos escuros, e marcava contrabaixo invisível nas músicas de Evaldo Braga, encostado no balcão do Bar do Luisinho, mandando ver na cuba-libre. Debaixo da trave agarrava o seu Duzinho, covardemente assassinado a tiros pelo enteado, no Conj. G da QE 32. E porque encontraram pólvora nos dedos seus dedos – ele tentara segurar a arma – inventaram uma mentira deslavada para criar uma cena de *suicídio* – e fazer a verdade vir à tona naquele 1978, em plena ditadura era para os bravos.

Minha mãe observava, de soslaio. A coisa degradingola: no portão surgem Zenas, Sérgio Zulu e Valdir – que apareceu de bermuda com as letras de Kiss garrafalmente pintadas à caneta. Indignada, ela perguntou “O que é aquilo?”. Indignada, ela também ficou quando uma moicana usou o banheiro da Vidraçaria. Vários loucos passaram pela casa da minha mãe. Hoje, eu a entendo e por isso digo: não existe nada mais pesado do que “Whole lotta love”, compreendo essa coisa de afrescalhar e gostar de outras porcarias é pop.

5 DE MARÇO – SÃO PAULO 0 (3) X 0 (2) ATLÉTICO/MG

O primeiro título Nacional. O time do São Paulo foi o responsável pelo mais ensurdecedor silêncio já ouvido no Mineirão.



Mais do que nunca Rolling Stones

O tempo passa mas o carisma dos Rolling Stones permanece. Sem dúvida, os cinco ingleses não são apenas a maior banda de rock do mundo - são a única (principalmente agora que o Who, único grupo a fazer-lhe alguma sombra, sofre um violento golpe, com a morte do extraordinário baterista Keith Moon).

Obviamente o tempo andou fazendo alguns estragos na imaginação dos Stones, que adquiriram o pernicioso hábito de repetir alguns clichês roqueiros em praticamente todos seus álbuns. Tanto que vez por outra chegam a praça discos nitidamente a quem das reais possibilidades criativas do quinteto. Esta entretanto não é o caso de seu novo Lp, *Some Girls* (Rolling Stones Records/EMI - Odeon), como também não fora o do disco de estúdio que o precedera, *Black and Blue*.

Como de hábito o rock e o rhythm'n'blues constituem o alicerce de praticamente todos os quarenta minutos do disco, o que significa muita pauleira e muito feeling. Porém a grande vantagem de *Some Girls* sobre a maioria dos últimos produtos dos Rolling Stones é o fato de haver captado uma garra, uma fome de música que nos fazem lembrar o início de carreira do conjunto.

Em certas ocasiões completamente arrasadores (*Respectable, When the Whip Comes Down, Lies*), em outras balançantes como os bons grupos soul (*I Miss You* e na canção de Norman Whitfield, *Just My Imagination*, gravada em meados dos sessenta pelos Temptations) os Stones ainda encontram energia para curtiem estranhas e deprimentes baladas à la Lou Reed (*Some Girls, Beast of Burden*) e aventuras como sempre bem sucedidas pelo território da country music (*Faraway Eyes*). E, in-

variavelmente temperando estes ritmos com letras profundamente sarcásticas e amorais que não respelam esteio algum da sociedade ocidental (pela primeira vez num disco do grupo as letras estão integralmente reproduzidas num encarte, o que facilita bastante a tarefa daqueles não muito afeitos ao inglês nada limpo de Mick Jagger.

Não bastasse isto, *Some Girls* (não fugindo à regra, um Lp magistralmente produzido) uma vez mais aponta para um detalhe não muito focalizado da música do grupo: o perfeito desempenho dos instrumentistas. Pois, se Mick Jagger é hoje o cantor mais destacado da cena rock, deve isto tanto a seu próprio talento quanto à competência e segurança de Keith Richards, Bill Wyman, Charlie Watts (este é um mágico) e (de três anos para cá) Ron Wood.

17 DE JUNHO – SÃO PAULO 1 X 0 PALMEIRAS

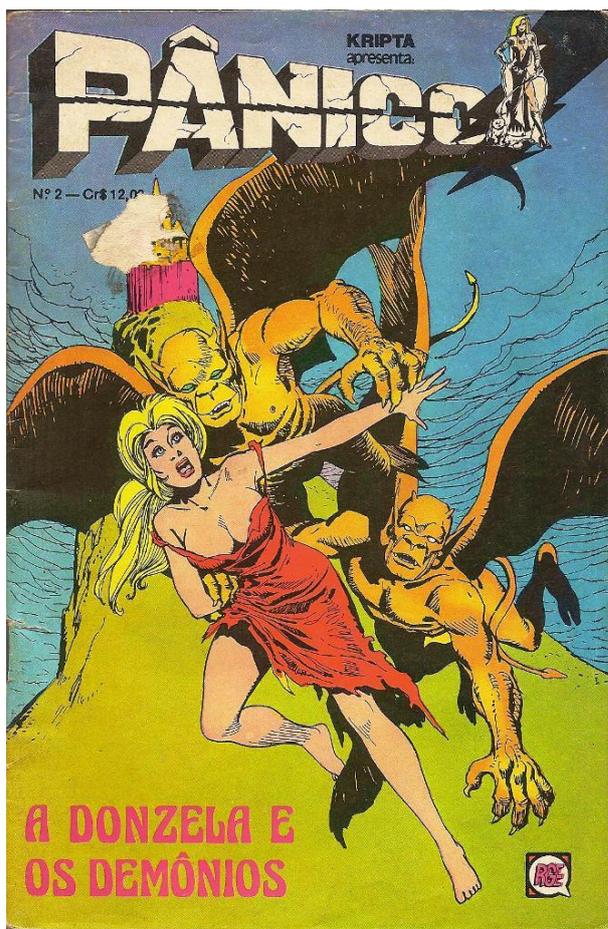
Paulista de 1978 – Serginho silencia os verdes no último minuto.

Serginho golpeia a bola em câmera lenta, gol: mais um do maior artilheiro do São Paulo em todos os tempos.

JULHO, CORREIO BRAZILENSE

Mais do que nunca Rolling Stones

Ainda em 1978, o que se ouvia dos Rolling Stones era “Angie” além de uns compactos de



uma série nacional, hoje raríssimos. A SomLivre soltou dois LPs num único envelope (a primeira vez que vi uma edição assim tínhamos que ceder ao apelo pois era mais barato – passavam vídeos de arquivo na propaganda de lançamento que me enlouquecia). O povo de casa ficou de orelha em pé sai o sinfônico dos Beatles e entraram aqueles sons rudes e exuberantes de suas Majestades Satânicas. Foi com esse disco que começamos a aprender as primeiras músicas dedilhadas dos Rolling Stones. Adorávamos “Dandelion”, “Child of the Moon”, esse *Greatest Hits* nos impulsionou a correr atrás das traduções das letras. Era o maior barato, em plena repressão no Guará, sair à noite e ouvir o Zé Marcos tocando no violão, “Jumpin’ Jack Flash” – milhares de anos depois descobri que o disco era outra armação americana do Allen Klein. Adquirir dezenas de outras coletâneas dos quatro cantos do mundo tornou-se o vício de um stone alone.

JULHO – CORREIO BRAZILENSE

Mais do que nunca Rolling Stones

SETEMBRO – COOJORNAL

Golbery, poder e silêncio

Para os inimigos do governo Geisel, ele é o "Satânico Dr. Go", o "Tenebroso", o "Gênio do Mal". Para Ernesto Geisel ele é o primeiro conselheiro, a palavra indispensável em qualquer decisão. E para a sua numerosa corte de admiradores, ele é o "Maestro da Distensão", o "General do Diálogo", o "Gênio da Raça". Quem é, afinal, o todo-poderoso Golbery?

11 DE OUTUBRO – ISTO É

Quem patrulha quem

- *Sim, ela existe*

Um inventário do que pensa e faz, hoje, a esquerda brasileira.

- *O cinema faz as contas: cadê o 'boom'*
- *No palco, como na vida*

Uma peça de Augusto Boal, exilado há sete anos, enfim chega aos teatros brasileiros.

11 a 17 DE DEZEMBRO, EM TEMPO:

AI-5: O TERROR QUE VIROU LEI

No próximo dia 13 de dezembro, faz dez anos que o Ato Institucional n.º 5 – o AI-5 –, foi baixado durante o governo do marechal Costa e Silva, para servir de suporte legal à repressão desenfreada e ao terror contra todo tipo de oposição ao regime militar. De imediato, a medida implicou no fechamento do Congresso Militar, em cassações, inúmeras prisões,

aposentadorias compulsórias e outras violências e arbitrariedades. Ao longo desta década, o AI-5 foi usado permanentemente contra os movimentos populares, dando aos generais-presidentes poderes ditatoriais para garantir a ordem de exploração e da opressão. Como a esquerda brasileira enfrentou o AI-5? Ela previa a hipótese do golpe dentro do golpe em 1968? Que tipo de influência teve o AI-5 sobre a atuação de várias organizações de esquerda? Depoimentos de Jacob Gorender, Florestan Fernandes e José Genoíno Neto.

"Aí por volta de 1978, a ditadura militar que amordaçava a inteligência brasileira já demonstrava alguns sinais de cansaço. A despeito disso, não dava a menor trégua ao dramaturgo Plínio Marcos, o mais censurado de todos os autores brasileiros contemporâneos. Curiosamente, Plínio nunca militara em nenhuma organização de esquerda. O seu partido era (continua sendo) o dos desertados, desvalidos, 'merdunchos', como diria o João Antônio. Sua temática a violência que esmaga os sem-defesa." **(CINEAS SANTOS)**

27 DE DEZEMBRO – ISTOÉ

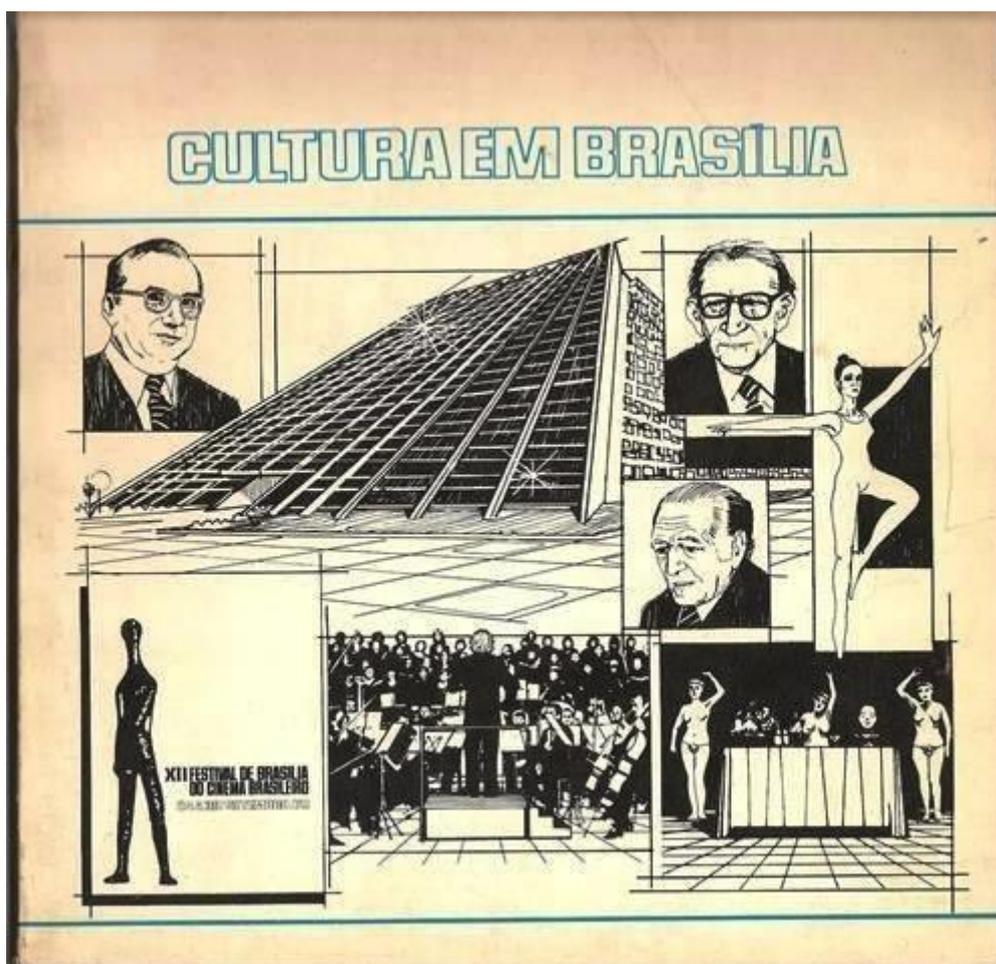
Glauber pede arreglo, mas...

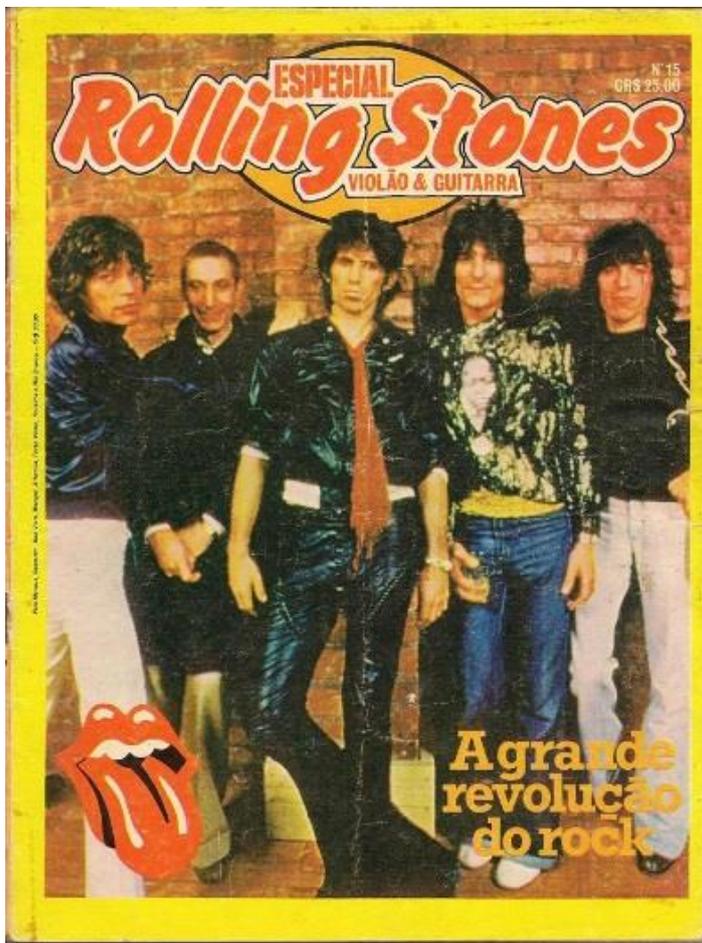
Conciliação? Ninguém quer

Exceto o cineasta e seus tradicionais amigos baianos.

- *Caetano tira o dedo do violão e aponta*
- *'Fazer Teatro é, sim, um ato político'*

Consuelo de Castro e os compromissos sociais do auto.





1979

Quando eu comecei nu rock, ganhei na promoção um pôster dos Rolling Stones que chegou meses depois todo amassado, este pôster gigante colorido durou décadas que fim levou o Robin?

21 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

GLAUBER ROCHA: NÃO SOU COBRA MANDADA

“Eu proponho 1979 como o ano zero da cultura brasileira”
(GLAUBER ROCHA)

“Não há consumo, só dispersão. Eu acho que o Brasil terá novos partidos políticos com facilidade.”
(GLAUBER ROCHA)

“O redator distorceu minhas palavras, fez uma matéria escandalosa porque eu propus uma coisa óbvia como a lua: o general Figueiredo nomear um intelectual para o Ministério da Educação e Cultura. São ignorantes, não sabem sequer que o De Gaulle nomeou o André Malraux. Distorceram e disseram que eu estava para trás, que era um corrupto, cobra mandada que recebia dinheiro do governo, uma coisa inteiramente absurda, irresponsável. Eu ia escrever uma carta, mas deixei pra lá, quer dizer, a revista diz que é minha amiga, eu converso numa boa o cara vai lá e faz uma coisa dessas. Felizmente o Paulo Francis escreveu um artigo me defendendo, esculhambando essa desonestidade. Você não pode discordar de nada.”

Glauber Rocha, refere-se ao artigo *Conciliação? Ninguém quer* de Ruy Castro com as participações de Lúcia Romeu e Wagner Carelli, *Istoé*, 27 / dez. / 1978.

DECLARAÇÕES E ESTRONDOS DE ROCHA 4

“Estou trabalhando *A Idade da Terra*, há dois anos, e só gastei 500 mil dólares, Francis Ford Coppola gastou cinco anos em *Apocalypse Now* e mais de 30 milhões de dólares. Ninguém vê isso. A imprensa vive dizendo que já montei o filme não sei quantas vezes, e coisa e tal.

“*A Idade da Terra* é a desintegração da sequência narrativa sem a perda do discurso infra-estrutural que vai materializar os signos mais representativos do Terceiro Mundo, ou seja: o imperialismo, as forças negras, os índios massacrados, o catolicismo popular, o militarismo revolucionário, o terrorismo urbano, a prostituição da alta burguesia, a rebelião das mulheres, as prostitutas que se transformam em santas, as santas em revolucionárias. Tudo isso está no filme dentro do grande cenário da História do Brasil, por meio da arte nova, como se fosse Villa-Lobos, Portinari, Di Cavalcanti ou Picasso. O filme oferece uma sinfonia de sons e imagens ou uma antisinfonia que coloca os problemas fundamentais de fundo. A colocação do filme é uma só: é o meu retrato junto ao retrato do Brasil.”

“Ficou um filme muito bom. Muito bom mesmo.”

“O que eu poderia dizer é que eu tive prazer a fazer o filme, foi o único filme que não me torturou e que, depois, tive prazer em ver.”

"Acho que todo sujeito que tiver dinheiro para ir assistir ao meu filme, tem condições de entender perfeitamente. Glauber Rocha sobre *A Idade da Terra*."

"Não é jornalismo, nem cinema. É vida."

(GLAUBER SOBRE O PROGRAMA 'ABERTURA' NA TV TUPI)

"Há um interesse histórico nas imagens. É engraçado o confronto entre a linguagem convencional do documentário e as intervenções do Glauber, típicas do cinema que ele fazia".

(ISMAIL XAVIER)

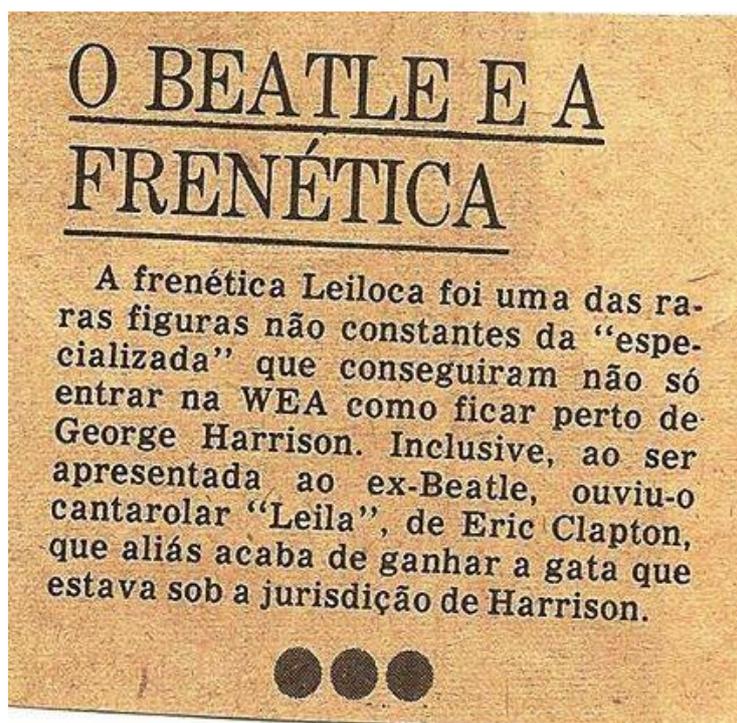
"O Glauber era a maior audiência dentro do programa *Abertura*. Com o lançamento do *Cabeças cortadas*, no Rio de Janeiro em três cinemas da *Rede Bruni*, garantindo quatro semanas para o filme entrar nessas salas e matérias além do próprio Glauber ter falado, pois ele como personagem, homem de vida pública e artista polêmico, as pessoas se interessavam, tinham um frisson para saber o que o Glauber estava dizendo, até o Golbery queria saber o que o Glauber Rocha estava dizendo. O que aconteceu, foi que esse filme teve uma divulgação enorme em todas as revistas da época, tipo *Veja*, fizeram matérias grandes nos jornais, todos publicaram e nós ainda gastamos um dinheiro em publicidade paga como se faz no lançamento de um filme, e *Cabeças cortadas* não deu renda praticamente nenhuma e nem pagou as cópias. Infelizmente, um cara dentro da mídia com as pessoas meio que o idolatrando, todos querendo ouvi-lo, mas ninguém queria ver os filmes dele, essa era uma realidade e uma experiência que nós tivemos no lançamento deste filme."

(QUIM ANDRADE)

29 DE JANEIRO

George Harrison no circo da Fórmula Um: Interlagos

- *O Beatle e a Frenética*





George Harrison: na platêia do GP do Brasil

George Harrison no circo da Fórmula Um: Interlagos

O Grande Prêmio do Brasil de Fórmula Um é o principal escopo da próxima vinda ao Brasil (dia 31) do Beatle George Harrison, fã que é dos bólidos de corrida. É mesmo possível que a sua augusta presença-lembrança divida com o promissor F-6 de Emerson as atenções da massa. De lá, onde será fotografado nos treinos e no GP pelos enviados especiais do "Time Magazine" e do "Washington Post" (e pela rapazi das lentes nacionais), vai ao Rio, onde dá uma coletiva pré-lançamental de seu novo Lp, que vai aos ares nacionais em março e acaba de ser colocado em bocas americanas e européias. Depois da *cole* o superguitarrista fica ainda flinando alguns dias no verão carioca e retorna para Los Angeles.

29 DE MARÇO

Nasce Ava Pátria Yndia Yracema Gaétan Rocha, filha de Glauber e Paula. Glauber apresenta, para a TV Tupi, um projeto para a realização de um programa diário de entrevistas.

12 DE MAIO – A VOLTA FELIZ DOS WHO

Com a morte do baterista Keith Moon pensava-se que o conjunto pop The Who iria desaparecer. Pelo contrário, ele ressurgiu em Fréjus, na França, dando um concerto excepcional. Durante duas horas, os cinco Who – Kenny Jones, Roger Daltrey, Pete Townshend, John Entwistle e um novo nome nos teclados – tocaram e cantaram músicas como "Pinball Wizard" e "See me Feel me", para 16 mil assistentes. Era de noite e para saudar a boa forma do The Who, um número igual de isqueiros foram acesos. O conjunto, diante de tanto êxito, não ficará só nisso. Já tem data marcada para se apresentar brevemente em Paris.

PLACAR 1979

Abril
D S T O O S S
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30

Maio
D S T O O S S
1 2 3 4 5
6 7 8 9 10 11 12
13 14 15 16 17 18 19
20 21 22 23 24 25 26
27 28 29 30 31

Junho
D S T O O S S
1 2
3 4 5 6 7 8 9
10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23
24 25 26 27 28 29 30

Julho
D S T O O S S
1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

Agosto
D S T O O S S
1 2 3 4
5 6 7 8 9 10 11
12 13 14 15 16 17 18
19 20 21 22 23 24 25
26 27 28 29 30 31

Setembro
D S T O O S S
1
2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
% 24 25 26 27 28 29

Outubro
D S T O O S S
1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12 13
14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27
28 29 30 31

Novembro
D S T O O S S
1 2 3
4 5 6 7 8 9 10
11 12 13 14 15 16 17
18 19 20 21 22 23 24
25 26 27 28 29 30

Dezembro
D S T O O S S
1
2 3 4 5 6 7 8
9 10 11 12 13 14 15
16 17 18 19 20 21 22
% % 25 26 27 28 29

a qualidade que manda

FOTO ADHEMAR VENEZIANO

A contínua metamorfose de David Bowie

A afirmação pode parecer leviana, mas a verdade é que quem não conhece a obra de David Bowie dificilmente pode ter uma visão correta do que foi a música pop na década de setenta. Afinal, das dezenas de ídolos enlatados pela indústria fonográfica anglo-americana nestes últimos dez anos, raríssimos sobreviveram a mais de três ou quatro discos, e não exatamente por seu trabalho possuir reduzida consistência, mas sim em função da massificação rapidamente exterminar quaisquer possibilidades de uma evolução criativa.

Tanto Bowie quanto o reduzido número de astros tipo setenta ainda hoje importante - Joe Cocker, Led Zeppelin, Johnny Winter, Elton John, Rod Stewart - passaram (ou passam) inclusive por seríssimas crises em termos artísticos, devido a uma superexploração de sua imagem pela máquina do showbiz. Com o herói inglês do épico *Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* este período de mergulhos em territórios pantanosos ocorreu entre 73 e 75. Mas quando os deixou para trás, era já um artista capaz de cuidar dos rumos de sua carreira, sem impressionar - se seja com os big-bosses das gravadoras, seja com o público.

De lá para cá, o trabalho de Bowie cresceu a tal nível que hoje é sem dúvida o único dos astros desta década a merecer um lugar ao lado dos grandes mestres vivos dos sessenta, como Bob Dylan, os Beatles, Rolling Stones, Grateful Dead ou Neil Young. E quem teve oportunidade de conhecer seu novo Lp, *Lodger*, recentemente colocado no mercado pela RCA Victor, sabe que o cantor/compositor continua a fazer jus ao título de "camaleão do rock". Bowie recusa - se a estacionar sobre determinado som que tenha dado certo em termos comerciais. Fórmula não é papo para ele e cada disco contém muitas surpresas, no sentido real da palavra.

Isto, porém, não é um dado que marque a carreira de Bowie apenas nos últimos anos. Nascido em Londres, em 1947, David Robert Jones por diversas vezes interrompeu sua carreira musical para dedicar - se a atividades tão diversas quanto a mímica (trabalhou com o consagrado Lindsay Kemp), escola de artes, zen-budismo (teve prestes a tornar - se monge num mosteiro situado na Escócia) e o cinema. Dotado de talento e inteligência (dados geralmente não levados em conta pelos enlatadores de rock), Bowie certamente teria que entrar em choque com o sistema castrante do showbiz.

Hoje em dia, ao analisar - se a obra do inglês, é fácil notar o quanto ele tem se concentrado numa viagem extremamente pessoal, carregando a seu lado, para paragens quase sempre instigantes, o público conquistado por *Ziggy Stardust*, seu disco mais bem-sucedido, comercialmente falando. Não por acaso, o Lp apontava - se no mais puro rock, reunindo clássicos como "Five years", "Suffragette city", "Roe-



k'n'roll, suicide" e "Lady Stardust".

Porém, a insistência na linguagem roqueira acabou transformando - se na fase menos produtiva da carreira do cantor/compositor. *Alladin Sane* e *Diamond Dogs* de certa forma parecem hoje exercícios nihilistas, visando basicamente a destruição da linguagem do rock através da concentração total em clichês tipo hard. Mas quando tudo levava a crer que David Bowie havia se tornado mais um dos kamikazes pop, o lançamento de *Young Americans* mudaria radicalmente o rumo das coisas.

Carregado de influências do soul e do rhythm'n'blues, *Young Americans* dava margem a total manifestação da negritude do inglês, através de riffs altamente dançáveis, vocais ricos em feeling e o estímulo da maior relação corpo/mente. No disco, uma parceira com John Lenon, "Fame", subiria às paradas demonstrando que Bowie tinha condições de abrir a cabeça de seu público, injetando - lhe novos conceitos musicais. Este processo teria seqüência com *Station to station*, seu melhor trabalho desde *Ziggy Stardust* e onde as aventuras com ritmos negros norte-americanos seriam levados até às últimas conseqüências, através de extensas faixas, que não raro excediam a 10 minutos, de duração.

No início de 77, contudo, nova guinada teria lugar na obra do ar-

tista. O Lp *Low* marcaria o início de sua associação com o vanguardista Brian Eno, figura responsável pela área eletrônica do grupo Roxy Music e por uma das obras-primas da safra pop 70, *Taking Tiger Mountain By Strategy*. Gravado na Alemanha, *Low* contrapunha rocks curtos e pesados a incursões em terrenos da música experimental. As letras, por sua vez, mostravam um poeta preocupado com os destinos do planeta, traçando visões apocalípticas das mais carregadas em obsessões do nível de "Always crashing in the same car" e "Breaking Glass". No ano seguinte, *Heroes* - também realizado com a colaboração de Eno - levaria adiante o burlar destes climas surrealistas, acertando em cheio uma vez mais.

Lodger, que agora chega às lojas, completa a trilogia Bowie/Eno. Entretanto, a temática diverge dos anteriores, assim como a música. Desta vez são acentos orientais (mais particularmente do Oriente Médio) que colorem faixas como "Yassassin", "Red sails" e "African night flight", onde imagens esquizofrenizadas surgem ao lado de trabalhos mais lineares (tipo da linguagem há muito não utilizada pelo compositor). O que mais surpreende, contudo, é a energia insana de cada uma das canções. "D.J.", "Look in anger" ou "Boys Keep swinging" reforçam a imagem de Bowie como um artista visceral, capaz de estruturar sua música a partir de passeios por qualquer área - rock soul, jazz, erudito - desde que dela flua uma inquestionável urgência emocional.

Cantor com um domínio absoluto de seu instrumento, Bowie por outro lado possui sensibilidade suficiente para valorizar a participação dos ótimos músicos presentes em *Lodger*. Eno nos sintetizadores e Carlos Alomar na guitarra, assim acabam tornando - se os outros destaques do Lp, desde já jóia rara do pop moderno.

JUNHO - CORREIO BRAZILIENSE

A contínua metamorfose de David Bowie

5 DE JULHO

O Teatro Sesc Garagem é inaugurado com a apresentação do espetáculo *A Capital da Esperança*, uma criação coletiva do grupo Carroças, dirigida por Humberto Pedrancini. Chico Expedito é o escolhido para ser o diretor do teatro.

JULHO

Os gibis da Marvel voltaram a ser publicados pela editora Abril. Alexandre, um vizinho parrudo pegou emprestado os três primeiros números da revistinha Heróis da TV. Tempos depois, eu vi os exemplares na casa do Daniel e perguntei como ele tinha adquirido, "Troquei com Alexandre!", respondeu. Fosse hoje, eu teria dado queixa de receptação de furto. Foi um dos fatos que contribuíram para eu mergulhar de vez no rock. Foi somente seis anos mais tarde, em 1985, quando notei que tinha um bom estoque de revistas, é que comecei uma nova coleção de super-heróis da Marvel. Relembremos quando, aos 10 anos, minha mãe deu fim na minha primeira coleção (recordo-me dos gibis voando sobre o muro para a casa do vizinho para que eu não perdesse o ano). Outro choque: encontraram dentro da fronha no travesseiro minhas revistas masculinas suecas usadas.

Conj. C da QE 34. Outro futuro amigo, Sidney mudou-se para uma casa frente à casa do meu melhor amigo. Rich me disse: "Ele têm discos dos Beatles e começa a ouvi-los cedo às 8 horas". Assim persuadi o novo morador a trocar alguns LPs dos Beatles por revistinhas de super-heróis Marvel da RGE! Esse futuro amigo dos LPs tinha a caixa do Ponto Frio Bonzão e foi muito legal ao me repassar o LP *Rarities*, que mantenho até hoje. Lamentável foi ter trocado as revistinhas.

15 DE AGOSTO – VEJA

Briga de musas

Joan Baez e Jane Fonda dividem a esquerda.

AMARELO BLUES DO MAVERICK

Adalberto era motorista da Viplan. Seu Maverick amarelo jamais abandonava a garagem. Eterna regulagem de combustível e problemas no carburador. Quando decolava, carregava a UVA toda!

Na mesma, QE 34, Mazinho, bancário, dirigia o seu Maverick – este dourado. Parava na esquina e todos entravam. Rolava bem alto no coração "I'm gonna crawl", do recente lançamento *In Through the Out Door*.

ENTERRAR O FESTIVAL

.....

Terminado o filme *A Idade da Terra*, Glauber vem a Brasília para divulgar o semanário carioca *Enfim*, para o qual ele escreve e conversar com o general Golbery.

Glauber, instala-se no Eron Hotel e por casualidade, quase conversa com o presidente Figueiredo, durante a inauguração da exposição do pintor Waldomiro de Deus. Glauber ia chegando no saguão do hotel, quando o presidente e sua comitiva abandonavam o Salão Ouro do Eron.

21 DE SETEMBRO

No dia seguinte, sexta-feira, Glauber Rocha bastante agitado com crise estomacal acompanhado por sua mulher, Paula Gaétan, consegue sua internação no Hospital das Forças Armadas, quer fazer um exame, pois desconfia que esteja com câncer. Glauber nunca confiou nos médicos e quase sempre os levou à loucura com sua tendência em incorporar sintomas de diferentes doenças e apelando para tratamentos alternativos ou de vanguarda.

Deitado por horas na banheira do HFA, Glauber fala alto em tupi-guarani e faz discursos antimilitares. Quando o pneumologista solicita uma nova radiografia do tórax para outra avaliação. Um desesperado Glauber Rocha repete insistentemente que vai morrer...

Fernando Lemos tem que pedir ajuda a Eduardo Mascarenhas, amigo e analista de Glauber, para convencer os psiquiatras do HFA, que não querem soltá-lo. O argumento de Mascarenhas: "Ele está liberado para expressar livremente, o seu inconsciente o tempo todo."

25 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Terça-feira, tarde típica do cerrado, 38 graus. O *XII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*, segue o seu clima de mundanismo normal, e se depender dos concorrentes não entrará para a história. O evento havia sido transferido de julho para setembro, com a

explicação oficial do diretor da Fundação Cultural, Ruy Pereira da Silva, de que não há hospedagem para todos os artistas e convidados, em julho. A apatia e frieza são totais, apesar das sessões da mostra competitiva serem abertas ao grande público.

Institucionaliza-se o Hotel Nacional, como o único capaz de receber os artistas, tendo o mesmo tornando-se um verdadeiro quartel-general de estrelas nacionais que àquela altura, quase deserto, sequer dava sinais de que ali estavam hospedados os convidados.

Tranquilo, Glauber vê Brasília

Terminado o filme *A Idade da Terra*, Glauber Rocha veio a Brasília para rever amigos, descansar um pouco e conversar com pessoas que sabem das coisas. Afinal, aqui é o Planalto Central. Circulando muito pouco, Glauber instalou-se no Eron. Por casualidade, quase não conversa com o Presidente Figueiredo, durante a inauguração da exposição do pintor Waldomiro de Deus. Glauber ia chegando no saguão do Hotel, quando saía o Presidente e sua comitiva. Mas, isso é o de menos, porque não faltará oportunidade, conforme comentou, logo depois, sem que Glauber pedisse ou soubesse disso, o Sub-Secretário de Imprensa da Presidência, Alexandre Garcia. "Só acredito no futuro se novas lideranças assumirem o poder", eis uma de Glauber. Ele acha que jovens intelectuais revolucionários que lutaram, sem optar pelo exílio, construindo a abertura, deveriam candidatar-se nas próximas eleições diretas aos Governos estaduais. Cinema, que é o seu forte, não tem definição - por enquanto. Talvez ele compre uma terra, um sítio, aqui em Goiás, para viver uns tempos longe da impossível terra urbana do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador. Uma das preocupações de Glauber Rocha, em Brasília, é divulgar o semanário carioca *Enfim*, para o qual ele escreve. Bem informado, na semana exata da discussão das reformas partidárias, Glauber Rocha trouxe do Rio o livro *La Politique et les parties à Rome au temp de Cesar*, de Lyly Ross Taylor. Um arrojado sócio político-cultural sobre a estrutura do poder e os partidos, na Roma de Cesar. Glauber Rocha não sabe quanto tempo ficará em nossa Capital (TGF).



Glauber Rocha não está interessado no Festival

gastas, ele não havia sido sequer convidado pelo festival e instigantemente surpreende quando resolve quebrar o marasmo: – "Vocês querem uma entrevista?" E Glauber começa a metralhar, à pleno pulmões, berra para o grupo de artistas que conversam e tomam uísque à beira da piscina do Hotel Nacional e ouvem tudo: – "Este é primeiro escândalo do *Festival*. Eu vim à Brasília para fazer este escândalo. O *Festival* morreu aqui, hoje. Este *Festival* desmoraliza toda a cultura brasileira. Os maiores cineastas não estão aqui. Os cineastas têm que ir hoje e pedir a demissão do senhor Ruy Pereira, se eles tiverem vergonha na cara. Ele censura muito mais que a censura. Foi ele que censurou os filmes independentes. Estamos em um governo de Abertura. Estou revoltado diante de tudo isso. O diretor da Embrafilme não deveria permitir isso. Estes filmes curtas-metragens são muito ruins. É a canalha intelectual. O júri do *Festival* é um júri policial que não entende nada de cinema, dirigido por agentes da CIA. É uma vergonha. A Fundação é formada por uma canalha intelectual. É uma vergonha. Estes cineastas substituídos que tomam dinheiro da Embrafilme para filmar a bunda da Sônia Braga. (*Dama da Lotação*). Esses cineastas são traidores do cinema brasileiro. Mas o *Festival* morreu aqui. É um manguê!"

É a primeira voz que se levanta em público, contra o festival que agoniza. Está decretada a falência do festival, que segundo Glauber, virara um prostíbulo da pornochanchada. A seu ver, os cineastas desfrutaram das benesses do Hotel Nacional e lançam mão do dinheiro público para filmar o traseiro da Sônia Braga.

E nisto, o antropólogo e documentarista francês Jean Rouch se aproxima. Rouch havia hospedado Glauber durante seu exílio na França. Cumprimentam-se em francês, mas, de repente, Glauber com o dedo em riste na direção de Rouch, grita: "Você é um espião francês. Tu est un espion! Eu vou te entregar para o serviço de informações. Vous êtes un agent du Quai d'Orsay."

"Vous êtes un colonisateur! Está espionando o nordeste brasileiro."

Jean Rouch ri amarelo, sem entender nada. Glauber mistura francês e baianês.

"Não ria! Eu te conheço. Você sempre espiona os povos do Terceiro Mundo. Você só pode aparecer em um festival como este de pornochanchada. "Cinique! Cinique! Um festival de corrupção, de prostituição. O Brasil de Figueiredo não aceita espiões."

Condenada a desorganização do festival e afirmado que o mesmo está infiltrado de agentes externos, o tumulto está armado, o cineasta é contido por seguranças do hotel, que tentam impedi-lo de berrar com um outro estrangeiro que entra para defender o compatriota, a aglomeração adensa-se e acaba no meio do saguão. Um dos diretores do Hotel Nacional tenta serenar os ânimos: "Eu peço ao senhor um pouco de calma." E Glauber: "Senhor zorra nenhuma. Aqui quem está falando é Glauber Rocha, o maior cineasta do mundo, muito melhor do que Godard e Eisenstein."

O diretor do hotel tenta intervir e Glauber responde: – "Não há confusão nenhuma. Estou apenas dando uma entrevista coletiva aos meus amigos jornalistas. Eu fui jornalista mais de dez anos na Bahia."

O segurança do Hotel Nacional, acompanha Glauber, que pergunta já no meio do hotel:

– "O senhor é segurança?" E o segurança:

– "Sou!"

– "Então comece a interrogar aquele espião francês ali. Senão eu saio do Brasil agora. Estão boicotando a Abertura de Figueiredo. Estou revoltado diante de tudo isto."

Já do lado de fora Glauber consegue mais audiência para o seu comício e diz que pedirá aos ministros da Educação e da Justiça, intervenção na crise da cultura do país e arrasa com o júri do festival dizendo que ele é policial e composto por incompetentes que não entendem nada de cinema e repete: "Eu vim ao Brasil para enterrar o festival."

26 DE SETEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Deus (ou o diabo?) mata o festival

27 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

NO PRIMEIRO PARÁGRAFO DE UM ARTIGO DE MEIA PÁGINA ELE ADVERTE:

A cultura brazyleyra está com kanzer. Toritoma Maligno. Carcinoma Embriogênico.

Melonena pulverizantyz. Metástase: os efeitos destrutivos possuíram órgãos, membros e almas dos artistas, dos burocratas que se ocupam de produzir, realizar e distribuir cultura no Brazyl. A televisão está contaminada pelos enlatados promocionais do FBI e da CIA (órgãos de segurança yankz).

E nesse mesmo dia Glauber provoca outro rebuliço no Aeroporto de Brasília, paga uma passagem para o Rio de Janeiro, via TransBrasil, com um cheque simples, o gerente da

empresa tem de comparecer ao balcão e endossar pessoalmente o cheque de Glauber que pôde assim viajar.

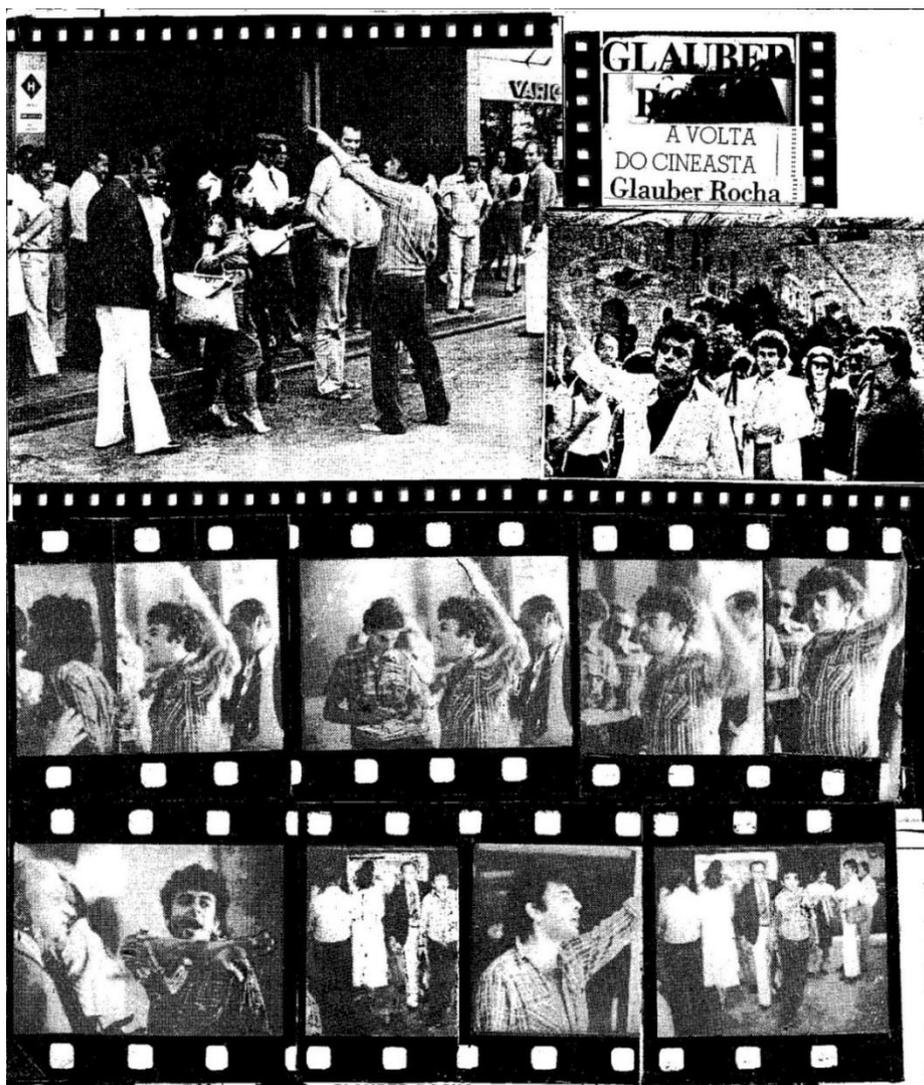
Glauber segue para o Rio de Janeiro, sem saber do diagnóstico de um possível tumor maligno pulmonar, uma vez que não realizou a segunda radiografia e entra num processo de automedicação e dieta. Tem problemas de pulmão e fuma muito, uma tosse que não acaba. Os médicos decidem que deve parar de fumar e logicamente ele não para... Acha que tem um foco de sinusite e bico-de-papagaio.

Para Glauber, Brasília é o Eldorado, aquilo que os espanhóis e outros visionários perseguiram, a lendária cidade do futuro democrático mundial. Aqui ninguém o ameaça, o cobra ou questiona: – Está usando droga ou não? Isso não interessa à ninguém a força do poder e o carisma de Glauber passam por cima disso tudo.

Em setembro, na quarta e sua última vez na Capital, Glauber enterra o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro...

Brasília, Hotel Nacional, ao localizar Harry Stone, agente da Motion Picture e desafeto convicto seu, o baiano parte para a confrontação perseguindo-o aos berros, e mesmo o *iankz* entrando no elevador para o apartamento, Glauber fica gritando na porta do hotel: "Entreguista, traidor do cinema brasileiro."

"Harry Stone dá uísque para os críticos e influi na orientação da indústria cinematográfica brasileira." **(GLAUBER ROCHA)**



– ATÉ O GOLBERY QUERIA SABER O QUE O GLAUBER ESTAVA DIZENDO

QUIM ANDRADE EM ENTREVISTA A MÁRIO PAZCHECO

O cinéfilo Lácio Urias, deu o toque: – “Você precisa conhecer o Quim Andrade, o primo-irmão do Glauber e produtor executivo de *A Idade da Terra...*”

“Talvez o Glauber tenha até ajudado na Abertura, foi uma coisa que o Jango tinha falado, e aí o grande problema do Glauber com o Miguel Arraes. Essa reunião que eles tiveram lá na Europa, eles tinham tirado uma posição de apoiar essa abertura lenta e gradual, e como o Glauber saiu na frente e deu aquela entrevista e não foi bem recebida no Brasil, eles recuaram, o Gabeira, o Miguel Arraes e o Glauber ficaram sozinhos. Então ele não podia recuar mais no que havia dito, e ele passou a agir dessa forma, a botar na boca dos militares as coisas que ele queria que os militares fizessem.

“E inclusive para tentar se livrar da situação em que ele caiu, se os militares não fizessem a Abertura, o Glauber estava lascado, ele teria sido... Glauber tinha de lutar por essa Abertura, então ele teve de passar para o lado dos militares para obrigá-los a abrirem para ele poder respirar. Para ele não ser um traidor, ele teve de vestir a camisa de uma luta especial, tendo sido colocado nela pelo Miguel Arraes e o pessoal que saiu fora, e ele teve que ir e tocar o barco sozinho de uma história que todo mundo estava dentro dessa história. Inicialmente **era** para todos fazerem parte dessa postura que o Glauber teve, como eles recuaram e o Glauber já tinha dado a declaração, não teve como voltar atrás, teve de seguir em frente e botar as palavras...

“Reis Velloso era o intermediário que abria muito espaço para o Glauber, o ministro era amigo do Glauber, foi casado com a Regina Roseburgo, que era amiga de Glauber. Então dessa amizade abria-se de fato um espaço real no Planalto, na capital, e o Glauber botava as coisas – os militares precisavam do Glauber; o Golbery precisava do Glauber, de alguém da oposição apoiando a *Abertura lenta e gradual*, porque as pessoas queriam que houvesse uma coisa radical, uma mudança radical: – “Vamos acabar com o governo militar e implantar hoje um outro sistema.

“O Glauber ficou como o único porta-voz dos militares e ele não podia agir de outra forma, porque ele tinha entrado numa armadilha, ele tinha ódio do Miguel Arraes por causa disso, porque o Miguel Arraes botou ele nessa armadilha, ele tentou falar mal do Miguel Arraes, dizia que ele era o homem que negociava o petróleo lá nas Arábias e vendia petróleo para o Brasil, por isso ficou rico, mas não deu certo.

“Glauber teve de passar para o lado dos militares, e a esquerda tratava ele como louco.

“Esse foi o problema: se ele voltasse atrás, aí sim ele seria chamado de louco.

“Entendeu o problema? Não tinha como voltar, ele tomou um caminho e o seguiu...”
(QUIM ANDRADE)

– GOLBERY E GLAUBER CONVERSAVAM MUITO!

ALEXANDRE GARCIA EM ENTREVISTA A MÁRIO PAZCHECO

Em Brasília, Glauber Rocha costumava jantar e deixar seu endereço e telefone com o jornalista Alexandre Garcia.

“Eu conheci Glauber pessoalmente no Palácio do Planalto. Eu era subsecretário de Imprensa da *Presidência da República* e deve ter sido no meio do ano de 1979.

O Glauber foi lá para procurar o ministro Golbery, e eu fui recebê-lo na recepção. Conversamos bastante, e ele me disse que era fã do ministro Golbery, que gostava muito de conversar com ele. Não era a primeira vez que Glauber tinha ido lá, depois ele foi mais duas ou três vezes ao

Palácio. Eu ouvi do ministro Golbery elogios ao Glauber, dizendo que gostava muito dele, que era um homem muito inquieto, muito inquisidor, muito curioso, muito interessante, muito inteligente. Essa admiração era mútua, pelo que eu percebi.

"Eu tive algum relacionamento com o Glauber, porque duas ou três vezes a gente jantou junto em Brasília, conversando sobre questões nacionais, cinema, Golbery, e notei também que o Glauber era um sujeito que admirava o Golbery e que, se a gente quiser entrar no campo político, eu poderia até dizer que o Glauber via no Golbery uma espécie de caminho da Abertura. Ele não estava admirando governo militar ou admirando governo não-democrático, ele estava ali admirando uma pessoa tão inteligente quanto ele, tão inquisidora quanto ele, tão parecida com ele, cada um no seu campo.

"Era um encontro de dois semelhantes, e ele via que o Golbery poderia ser um caminho, como foi efetivamente, que resultou na devolução do poder aos civis. Acho que ninguém pode criticar Glauber por ter procurado Golbery, porque ele procurou no intuito de buscar caminhos para a *Abertura*, para a devolução do poder aos civis e também para mostrar a arte dele, mostrar o que ele fazia, mostrar a criatividade dele, e era bem recebido, o que era uma coisa rara na época.

"Golbery e Glauber conversavam muito pessoalmente, frente à frente.

"Glauber subia lá para o quarto andar, ia para o gabinete do Golbery, entrava no gabinete do Golbery, só quem estava lá dentro era o Golbery, portanto eles conversavam. Eu nunca vi Glauber ficar do lado de fora da porta, e se houver alguma dúvida, é só perguntar para a dona Lurdinha, que era secretária do ministro Golbery, ou para o Juquinha Mamede, que era o chefe de gabinete." **(ALEXANDRE GARCIA)**

DECLARAÇÕES E ESTRONDOS DE ROCHA 5

"A *CYA* quer nos impor as coisas, a *CYA* quer nos impor o negrismo, o viadismo, o mulherismo, que não levam a porra nenhuma!"

"A palavra de ordem é cortar minha cabeça, estão cortando com a língua, espero que não venham com facões."

"Arte só existe quando não há repressão. Mas aqui não se trata só da repressão das leis, dos códigos, da força: há também a repressão interna, o código interno. Escrever um verso é escrever a primeira coisa que vem à cabeça, a primeira loucura, o primeiro desbunde, a primeira imagem. Eu poderia até dizer que arte não tem relação direta com talento, mas sim com coragem. É preciso ter coragem para admitir uma subjetividade caótica, cósmica. Isso não quer dizer que tudo o que for liberado será belo, há uma variação, uma escala. Todo homem tem possibilidade de fazer arte, de liberar arte."

"Existirá uma síntese dialética entre o capitalismo e o socialismo. Estou certo disso. E do Terceiro Mundo seria o nascimento da nova e verdadeira democracia, a democracia que não é socialista, não é comunista, não é a capitalista. A democracia é o desreinado do povo. Sabemos todos que morremos de fome no Terceiro Mundo, sabemos todos das crianças, pobres, velhos abandonados, loucos, famintos. Tanta miséria, tanta desgraça. É necessária uma revolução econômica."

"A revolução soviética já era, a revolução francesa já era, o Eurocomunismo... Adeus Europa (...) vamos descobrir o Brasil."

"Os russos e os americanos estão de mãos dadas para manter o mundo colonizado."

"O Brasil é um país grande. América Latina, África, não se pode pensar **num** só país. Temos que multinacionalizar e internacionalizar o mundo dentro de um regime interdemocrático. Com a grande contribuição do Cristianismo e todas as religiões, que são a mesma religião."

"O fato dos heróis terem sido heróis, não me impede de criticar seus erros políticos."

"Golbery e Darcy, os dois gênios da raça, se juntassem. Eles são a cara e a coroa do mesmo país. Falta ao Darcy a visão militar e ao Golbery a visão antropológica. Além do mais, os dois nomes terminam em y."

"Os cubanos, a princípio ficaram surpresos, mas acabaram convencidos, o mesmo ocorrendo com Arraes e João Goulart. Por isto me surpreendi com a reação das pessoas. Quando dei essa declaração, achei que estava declarando o óbvio."

"Golbery é uma síntese de Splenger e Euclides da Cunha."

"Eu apenas leio os telegramas internacionais das agências. Leio os editoriais dos jornais. Ouço as declarações dos políticos e sei o que se está passando é uma questão de análise."

"Quem diz que a primeira parte de *Os Sertões* é ilegível está completamente alienado: Euclides da Cunha era geólogo militar e ouviu de *Antônio Conselheiro* a revelação de tudo. Uma leitura atenta de *Os Sertões* pode revelar, inclusive, o mapa dos lençóis petrolíferos brasileiros: está tudo em código."

"O profeta Souzaândrade fez uma profecia sobre a hora presente e cantou 'a revolução feita pela espada de Deodoro'."

"O grande Descartes poderia ter terminado seus dias como mascate em Pernambuco, pois quando fugiu da perseguição religiosa, em França, foi acolhido e escondido por Maurício de Nassau, que implantou o primeiro governo protestante no Brasil."

"Segundo um jornalista da Abril, amigo de Delfim Netto, Juracy Magalhães teria me prometido o Governo da Bahia caso eu o chamasse de gênio."

"Conheço muita gente que considera Delfim ou Campos inteligentes. Respondo sempre que economista idealista é burro. Idealismo ou retórica. Leiam Campos leiam Furtado. Se Furtado é materialista, Campos é dialético. E por aí podemos explicar porque Furtado era ministro de Jango e hoje Campos ou Delfim estão no poder."

"O ideal do jornalista é escrever um livro. O jornalismo é a única literatura militante. Melhor que as telenovelas é a Coluna do Carlos Castello Branco. Interpretação cotidiana de Brasília. Carlos Castello Branco é melhor que Machado de Assis."

"Se o pessoal do jornal *Movimento* estivesse no poder Glauber Rocha cineasta revolucionário do Terceiro Mundo seria fuzilado porque escolheu Machado de Assis."

NO MUNDO DA BOLA

No futebol de rua, você chega meia hora antes das 9 horas na manhã de domingo para ter uma chance na primeira partida e, eventualmente, ter outra numa próxima. O objetivo é ganhar a primeira e deslanchar (ficar em campo). A primeira sempre será de 3 gols. No futebol de rua não tem chapéu (eles te matam), no máximo uma caneta. O jogo é viril e rápido; com o ombro, eles te empurram pra fora do asfalto. E batem, e batem e tentam entrar com bola e tudo. A única coisa que pode salvar você é a sua malícia, agilidade e estática. Nunca saía do golzinho! A bola rolava todo domingo de manhã e atraía um contingente de peladeiros ávidos e robustos. A tradicional pelada rolava na ponta do Conj. E da QE 34. Correspondia a um clássico: Alexandre, Onísio e seu irmão Carlinhos, Bailarina, Sérgio Zulu, Boinha, Boguinha, Zenas, Tônico, Geraldo Serralheiro, Donizetti e agregados de ocasião – a maioria em excelente forma física, oriundo dos Bombeiros, da Matinha ou do Exército (os *Catarinas*, soldados vindos do Sul que serviam no DF). Junta-se ao povo gente que havia puxado um breve tempo de cana e um monte de adolescentes. A ordem é bater da canela pra cima. E o pau torava. Os touros arrancavam tudo pela frente ou ao lado. Futebol, porrada, adrenalina, entradas ríspidas e meios rasgados, para delírio da torcida. Todo santo Domingo até o meio-dia. Num balão, a bola de salão caiu no jardim da casa de frente. Silenciosamente, o morador não tão mais velho que os peladeiros pegou a machadinha de jardim e abriu um buraco na bola. Ninguém se manifestou, cada um seguiu para casa. Pesou na decisão da rapaziada, talvez, o histórico da

rua. Emergiu o episódio do dia em que o morador do sobrado no fim do conjunto tirou a vida do pai que jogava bola com seus filhos. Ninguém nunca mais gritou: Gol! Racha! Levanta!

Acovardei-me e não contei a heustória da história do homem mau que, com suas imensas mãos, apertou a bola até explodir o seu coração em meio a um enxame de craques. Seu nome? Açougueiro! Ele devia estar desbastando o excesso da sua galha. A aparência da sua mulher despertava comentário. Era esguia como uma árvore, boca vermelha – de boneca – e calças apertadas dividindo e delineando suas pernas, dos tornozelos até a fronteira das nádegas. Passava grande parte de seu tempo com o vizinho, que tinha a mesma idade. Isso chamou a atenção da quadra inteira. Quem se meteria com O Açougueiro e seus cabelos desgrehados de maluco? No mínimo, aquela bola dividida ao meio, diante de nós humilhados e enfraquecidos, era a constatação cabal e uma amostra grátis do aquele homem poderia cometer.

•

Frente ao beco do Conj. C da QE 34, tanto a casa ímpar como a par eram chefiadas por sádicos. Nem sabíamos o que era sadismo ou violência doméstica. A tristeza estampava a face das mães e seus filhos. A mim, cabia a missão de recuperar a bola quando invadia esses jardins. Eu esticava a mão pedindo a bola de volta. Certa vez ouvi: "Meu pai vai te dar um tiro." Eu sumia e ia jogar bola em outros conjuntos. Assim era o futebol de rua nos tempos da ditadura.

Falei da camarilha do Zach, Alberto, Sérgio Zulu, e dos falecidos Zenas, Arnaldo Neguinho, os irmãos Clóvis e Cláudio Mola e não citei o Anísio Maia que começou a contracultura no Guará com sua biblioteca em meados dos 70s. Não esqueço da heustória do cemitério onde ele rodava pelas lápides nas tardes de segunda a sexta em cima da moto.

Ainda faltavam 10 quilos para eu ser considerado magro. Osso era mais que apelido, era usado, como no latim escorreito dos seminários, em sua ruidosa forma vocativa: E ai, Osso!"; "Osso, meu pai quer a guitarra de volta!" Então, apesar da pompa linguística, quando Sidney acompanhado de seu tique, me chamava de Osso, eu desditosamente me sentia como um cachorro. E, precipitando, sacava: "Eles vão fazer alguma merda". Engano. Os caras eram gente fina. Protegeram-me, a mim e a minha magreza, por anos. Prova: no conjunto deles, o F, eu podia jogar bola sossegado.

Certas pessoas castigam os mais fracos. Posteriormente, melhorei muito. Virei chefe de quadrilha na QE 34 do Guará e adjacências. Mas essas são outras heustórias macabras, brotadas da mente de Mário Pazcheco – que quase mais nada tem a ver com o alegre vacilão daqueles remotos dias de 1979, quando assustado atendia apenas por Osso.

Tava *diboa* no portão da casa dos meus pais, na QE 34, domingo, hora do jogo, daquele jeito, quando gritaram: "Osso!" Aí eu pensei: "F.! Qual foi?". Eles fora econômicos nas palavras: "Nos siga! Nos acompanhe!".

Chegamos na porta da casa do Zach e foram dois gritos curtos: "Zach, Zach!" Quando ele abriu a porta um esquadrão afro-ninja adolescente praticante das artes marciais, invade a casa. Sua mãe, pasma: "O que está acontecendo!?". "Seu filho é um maconheiro", afirmou, secamente Sidney, acompanhado pelo seu indefectível tique nervoso. Eu arrumei coragem e retruquei: "Pega leve!". A cabaça guitarra Giannini Stratocaster 1979 creme foi vista saindo pelo vitroux do banheiro. O pelotão de amigos rapidinho se evadiu da cena. No Conj. F, eles dançavam e passam a guitarra de mão em mão. Era um troféu e eu a isca. Por fim perguntaram: "E aí, Osso?". Respondi: "Não gosto de rolo. Vocês são ninjas mesmo. Foi cinematográfico". Eles estão rindo até agora, o triste é que nunca mais nos reencontramos para comentar essas situações.

Já que o Movimento não tem porta-voz vou eu mesmo. No início dos 80s, se Zé Marcos tocava Rolling Stones no violão, Pedro Veras tocava The Who. A primeira banda em que eu descolei emprego foi a Rocha do Planalto (eu ainda era menor). Eu a acompanhei em todas as

formações e talvez eu tenha agido como produtor e tenha até indicado membros para a formação. Estive no único show fora dos ensaios. Amarildo, Soneca, Zach, Zenas (desaparecido) e, no contrabaixo e na bateria, quem passasse pela rua e soubesse tocar.

NO COVIL DA ESPERANÇA

Os caras eram doidos. Um laboratório total de loucura, um estabelecimento bruto, porém respeitador. Assim era o Bar Esperança do Vicente Sabino, barman e craque de futebol do Gama, que já nos deixou. No Vicente, aprendi tudo. Eles separavam o caderno de cultura do jornal para mim. Se não fosse por eles, teria perdido muita coisa. "Guarda pro livro", dizia Natálio Sorrentino, um paulista gente fina, educado, camarada, que também nos deixou. Dos malandros do morro, como o saudoso Joel que dirigia Kombi escolar e o apelidaram carinhosamente, o motorista de "Anciã". No balcão, tínhamos Paulão no contrabaixo imaginário, louco sem perder a grandeza. Tinha Cosme, Valdique, Teixeira, Garrincha (que já se foram) e o eletricitista João Queimado. Palitinho, o pintor e ganhador da loteria. Tinha Nego Bill, Vicente Garapa, Jacinto, os finados Jairão Cabeção, compadre Zé Milton, Jair Mecânico e os sobreviventes Zé do Caixote, Almir, Elias e mais gente e mais que moravam nos prédios apelidados de Serra Pelada.

QE 32 do movimento reggae – se eles eram punks, new wavers – tinha os oldwavers de Taguatinga – nós também éramos cosmopolitas, nossa faculdade era em Kingstown e o reggae, o ritmo da cadeira...

TOSCO & BRONCO

Nos 80s. Na QE 32 do Guará 2, reduto literato de alta qualidade, a Beat generation estava em alta incandescente. No Conj. K, Negão (marido da Cláudia) era um personagem beat de olhos verdes, vizinho chegado de Chico Bueno. Eu retornava às 4 da matina, me deixavam na entrada de baixo da quadra e, ao cruzar a praça, na primeira casa da esquina, lá estavam eles de pijamas elétricos. "Vamos entrar?", a resposta era imediata, "Podes crer, bodar!"

O Bar Esperança do Vicente Sabino era o maior reduto de figuras beat tipo Palitinho que ganhou na loteria, o Serginho de Serra Pelada, Zé Olavo, Daniel e por aí... O beat genuíno que me assustou e ensinou a viver chamava-se Cécé. Guimarães era o Rei dos beats, falava de Gregory Corso todos os dias; "bronco" mete bronca – uma pena de Corso saiu *Gasolina e Lady Vestal*. No original, o inglês dele é beat, fácil de entender.

.....

Palitinho deu uma carreira atrás do Zé Olavo gritando: vou matar o seu filho! Não sei o que ele



Illustration by Diana Bryon

fez e também não sabia que ele era fundista. Quanto mais eu vivo, mais eu escrevo. Tenho horror à heustória dos resignados, nunca irei me arrepender de tudo o que eu disse e vivi e é **muito** chato as pessoas perguntarem: "por que vocês não aparecem mais em casa?". Eu vivo com um pé no passado para deixar em dia as heustórias. Quanto mais louca, mais verdadeira a disciplina. Escrevem livros para imprimir verdades, pontos de vista, coisas superadas. Me ajude a me livrar da heustória com elegância.

TERRAL

Uma conjunção de ideias. Eu, adolescente em 1979, procurava bancas de revistas e nada de revistas usadas. As coleções floresciam longe dos olhares e nem havia tantos consultórios assim – em 1979/80, o Brasil foi invadido por uma ordem americana tipo "entrar em forma". Quem comandava era a Jane *Foda* digo Fonda, que malhava naqueles colans colados – existiam bicicletas de corrida que eram roubadas quando você soltava do guidom e ia a qualquer lugar e os punguistas pulam e pedalavam para longe. Me lembro da filha de Henry Fonda em *Amargo Regresso* e de *Xanadu*. Nessa época, o quente eram paredes espelhadas. Na QE 28 surgiu um bar chamado Terral, dos sócios Carlinhos e de uma rapaziada ingressa recentemente na federal. Eles eram nascidos em 1960. O bar o Terral durou rápido e acabou. O engraçado era que a rapaziada era da QE 32 e migrou para a QE 28. Dentro do bar existia um mezanino de madeira e, lá em cima, descansava uma bateria. Uma única vez eu vi alguém tocar "Have you seen the rain" – era esse tipo de som que rolava na época. O Terral fechou suas portas, e suas chapas imensas de vidro espelho foram vendidas para as academias que agora surgiam com o apelo Fonda.

CADÁVER NO BUEIRO

Foi um dia letivo normal em 1979. Eu ia para a escola, entre as QEs 34/32. Naquele tempo, por morar na 34 e trabalhar na 32, eu era um dos poucos que podiam circular livremente naquela espécie faixa de Gaza. Caminhando, senti um malcheiroso terrível exalando de um bueiro.

Na manhã seguinte, a polícia abriu o bueiro e encontrou um cadáver, só de cuecas. A operação é delicada e exige estômago: primeiro jogam-se litros e litros de desinfetante, depois o pobre servidor amarra o corpo pelas axilas e exige para os curiosos se afastem, pois, o braço pode-se partir e voar larva pra todo lado. No dorso, havia manchas verdes e o cabelo havia derretido e se tornado uma máscara de zumbi.

Depois a gente esperava com ansiedade pela matéria no Correio Braziliense – era assim a vida nas QEs 19 32 34 isto sim o faroeste caboclo.

12 DE OUTUBRO – MANCHETE

.....

O dia em que o punk rock morreu

Uma jovem apunhalada num hotel. Mais do que uma ocorrência policial, é o fim da última rebelião pop.

NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

O mergulho de Elton John nos pântanos discotequeiros

11 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Devadip Carlos Santana – Oriente e Ocidente na música de um roqueiro latino

Após um excelente LP com sua banda, o guitarrista mexicano Carlos Santana lança um álbum solo onde leva avante experiências de fusão entre jazz, rock, ritmos latinos e música oriental, com resultados gratificantes.

O mergulho de Elton nos pântanos discotequeiros

JOAO JOSÉ MIGUEL

Simpatize ou não com sua figura, aprecie ou não suas obras, qualquer pessoa que tenha acompanhado a evolução da música pop na década de setenta não seria capaz de, em plena posse de suas faculdades mentais, negar a importância de Elton John como cantor e compositor. Altos e baixos, é claro, marcam sua carreira e o fato de trabalhar um rock - básico, sem maiores sofisticadas, sempre fez com que muita gente o confundisse com um mero produto enlatado pela indústria de disco britânica com o intuito de faturar alto durante algum tempo.

Hoje em dia, contudo, é difícil não se curvar diante da quantidade de canções de primeira linha acumuladas por Elton. De baladas como "Rocket man", "Skyline Pigeon", "Daniel" e "Candle in the wind" a rocks quentíssimos, do nível de "Crocodile rock", "Saturday night's alright for fighting" e "Bennie and the jets", a marca muito pessoal do astro inglês se faz presente. Seu piano, ligado em linha direta com frenes de um Jerry Lee Lewis ou o romantismo Kitsch de um Liberace chegou a tornar - se inclusiva uma das marcas registradas da boa música pop desta década (que não é muito, por sinal).

Isto, entretanto, não aconteceu assim de uma hora para outra. Já em meados dos anos sessenta, Reginald Kenneth Dwight, nascido no dia 25 de março de 1947, batalhava por um lugar ao sol. Blues e rhythm'n'blues eram então seus principais interesses em termos de música, e durante muito tempo o tecladista integrou um grupo intitulado Bluesology, que chegou inclusive a apoiar nomes de peso da música soul em visita à Inglaterra, como Patti Labelle and the Bluebelles e Major Lance.

O Bluesology em algumas de suas formações contou com figuras que posteriormente se destacariam na cena pop, como o então já veterano cantor Long John Baldry, o guitarrista Neil Hubbard (que acompanhou Joe Cocker durante certo tempo) e o trompetista Marc Charig e o saxofonista Elton Dean, que se envolveriam com o mais consistente grupo da justiça rock - free jazz britânica, o Soft Machine.



Nome de destaque do rock dos anos setenta, Elton John ataca de discothèque em "Victim of Love"



Como o Bluesology nunca chegou a funcionar perfeitamente o pianista resolveu assumir um novo nome - Elton Hercules John - e partir para a carreira solo. Quando encontrou o letrista Bernie Taupin as coisas começaram realmente a andar, e após um primeiro Lp que passou totalmente despercebido (Empty sky), o nome de Elton John tornou - se sucesso nos quatro cantos do planeta, através da canção "Your song".

Nos últimos anos, a carreira de Elton não vem se desenvolvendo de forma muito linear. O fim da parceria com Bernie, em 1976, certamente alterou de forma violenta sua produção, e o último de seus grandes sucessos data do mesmo ano: "Don't go breaking my heart", gravada em dueto com Kiki Dee. E na mesma época tomou uma decisão, não mantida por tempo suficiente para abalar seu prestígio: a de não mais se apresentar em shows ou programa de televisão.

Nada disto, contudo, fazia prever o que aguarda o ouvinte no

Lp "Victim of love" lançado agora no Brasil pela Rocket/PolyGram: Elton John, um dos heróis do momento no rock, mergulha firme em direção à discothèque. E para isso liga - se logo a um dos mestres do gênero, o produtor alemão Peter Dinklage, responsável pelo sucesso da grande rainha do disco, Donna Summer.

O mais interessante é que ao mesmo tempo Elton abriu mão de sua posição de compositor, não comparecendo com uma música sequer ao longo das sete faixas do álbum. Todas elas - com exceção do clássico "Johnny B. Goode", de Chuck Berry - assinadas por Bellotte e seus parceiros. Gravado parte na Alemanha, parte nos Estados Unidos, o Lp foi arranjado por outro discotequeiro - mor, Thor, Baldursson, e conta com a presença de músicos especializados no gênero.

Resultado da brincadeira: "Victim of Love", é logicamente, um disco altamente profissional, capaz de animar qualquer pista de dança. Contudo, em momento algum é possível notar - se nele, realmente as características que fizeram de Elton John um grande artista de rock'n'roll (nem mesmo piano ele toca no Lp). Cantando com o mesmo brilho de sempre, Elton garante assim alguma emoção maior para faixas como "Spotlight street", "Born bad" e "Johnny B.; Goode". Mas no geral, se o produto final está longe de ser desastroso, também não convencer um ouvinte mais exigente (mesmo que pouco preconceituoso).

3 DE DEZEMBRO - MANCHETE, O CONCERTO DA MORTE

No palco, um dos mais famosos conjuntos de rock, The Who cantava sem saber que o início de sua temporada nos Estados Unidos deixava um saldo de 11 mortos

"Parecia o verdadeiro estouro da boiada", confessaram perplexos policiais e sobreviventes da tragédia. Dezoito mil jovens esperaram durante seis horas que as portas do Riverfront Colyseum fossem abertas e começaram a pisar uns nos outros. Além dos mortos, ficou a imagem do pesadelo

MÚSICA / crítica

FIM DO ANO, O DISCO DO VINHO

A volta do Status Quo com o LP *Whatever You Want* e seu toque new wave foi saudada com várias audições da balada "Living on an Island". O lançamento de *Whatever You Want* coincidia com o relançamento de vários álbuns recentes do grupo pelo selo Vertigo, à preços módicos, nas discotecas. Assim, entramos os 80s ouvindo muito Status Quo.

Após tantas festas e garrafões de vinho, é incrível como o LP esteja sobrevivo e ainda tocando bem. Um ano depois, um amigo nosso de Goiânia que na Europa tocou guitarra na banda Brain (Brazil/Spain), tomou cerveja com o baterista John Coghlan no Marquee Club!

McCartney planejou gravar um disco com os Beatles novamente reunidos. Esse álbum, pelo qual a CBS norte-americana pretendia pagar cerca de US\$ 12 milhões, não foi gravado por discordâncias entre os integrantes do lendário grupo.

31 DE DEZEMBRO

O Esquadrão da Vida sai pela primeira vez às ruas da capital do Brasil. Desde então, muita coisa se passou. Desejamos a todos um ano novo cheio de novas descobertas e de muita coragem, com alegria sempre! Parabéns para nós! Não é fácil ver o mundo de cabeça pra baixo, mas com certeza vale a pena! Um beijo bem grande!" (ESQUADRÃO VIDA)

1980

Era tempo de Milionário e Zé Rico (a dupla tinha filme deles no cinema). A família Pazcheco alugava ônibus e íamos a Nova Glória. Nesse ano fomos presenciar a inauguração do busto do meu avô materno, Avelino Baiano – ilustre comerciante pioneiro – na praça. Eu frequentava as boates tomando cuba com o olho aberto. Quem confirmou a heustória foi a própria Ana Luíza quando montou uma árvore genealógica para as cotas raciais.

A PRIMEIRA VOLTA QUE EU GANHEI NUM LP

Adquiri, não lembro onde, aquele *Greatest Hits* de capa azul, do Bob Dylan, e o Zé Olavo me vendeu um *House of the Holy* novo, meu primeiro Led Zeppelin e me deu um play de *Rubber Soul*, original mono, maltratado e riscado. Por azar, minha mãe e minha tia pegaram logo este e aconselharam-me a jamais comprar discos usados e que eu devolvesse aqueles. Acabei vendendo-os para o Neto, irmão caçula do dono de um mercadinho na QE 32. Não me pagou. Me enrolou. Eu falei com o irmão mais velho do rapaz e nada. Acho que ninguém desconfiava, mas eu tinha chegado de Taguatinga Norte com poeira nas ventas. Quando o caloteiro pintava no caixa do mercado, eu me servia de picolés, chocolates, danones ou qualquer coisa. Assim diminui o prejuízo e aprendi muito. Naqueles tempos, muitos boicotavam o começo de qualquer coleção, mas eu já tinha partido e tomado prejuízo.

De ganhar *volta* eu entendo meu irmão. Mate esse pulha!

Finalmente, quando eu ouvi *Rubber Soul*, pensei: "Porra, os Beatles tão imitando os Monkees!".



"Discosom ao lado da lotérica Zebrinha, e ao lado da Técnica Alemã; ao centro, o cinema. Bons tempos" (ANTÔNIO GONÇALVES)

Gilberto Gil lançou o compacto-simples "Não chore mais (No woman, no cry) / "Macapa". Fui à loja e o comprei e toquei poucas vezes em casa. Alberto pegou o disco emprestado para tirar o hit. Passaram-se meses... Em algum domingo terrível daquele ano, os meus pais perguntaram: "O que aconteceu que você nunca mais ouviu 'Não chore mais'?". Dei uma saidinha e fui direto na casa do Alberto. Ele havia imposto um toque de recolher determinando que jamais o chamassem em sua própria casa – seus parentes eram *Federais*. Passei a cabeça pelo portão



e dei dois gritos: Alberto! Alberto! Alberto que era temido por ser praticante do nunchaku, saiu. "Quero o disco do Gil!" Ele ainda quis protelar. Insisti "Só saio daqui com o disco do Gil, meus pais querem ouvi-lo". Alberto devolveu o disquinho com poucas marcas. Foi tocado naquele domingo que me fiz homem, só tinha 15 anos.

DURO & QUEBRADO: LEMMY QUE JÁ MORREU MAIS VEZES DO QUE JIM MORRISON, NÃO ESTÁ MAIS ENTRE NÓS!

Bastos (do Sindicato do Reggae) já era bancário. E comprava o que via pela frente. Chegou com o *Bomber*. Eu vi o selo Bronze Records e pensei: progressivo tipo Uriah Heep

ou Manfred Mann. Quando eu ouvi: "Que cara dura esses caras não tocam nada, mas fazem barulho!" – quando ouvimos o disco caímos de quatro –, para nós, roqueiros radicais recém-acordados, achamos o som não muito trabalhado. Anos mais tarde, quando acendíamos o cachimbo do vovô – sempre alguém citava: "homens mortos não contam mentiras" era o código –, o tal LP *Bomber* caiu no gosto da turma e agitou as festas. Eu gostava de "Stone dead forever". Dois anos depois saiu o "ao vivo". Esses discos foram a trilha das nossas festas. Até então, eu não curtia muito punk rock. Mas Lemmy foi a ponte para a nova onda do heavy metal e o crossover punk que nos aproximou de bandas como Sepultura e Detrito Federal. Ele está entre nós!

Nem sabíamos que Motörhead era uma droga que entortava a mente – com menos de 40 quilos (emprego nem pensar), meu cabelo começava a incomodar e, baseado em Robert Plant, começamos timidamente a pintar os jeans na altura da pélvis. Nós nem conhecíamos Os Magrellos e desconhecíamos loucura pesada. Bastos, já trabalhava e ainda não era do Sindicato do Reggae comprava uns discos que depois de ouvidos se ele não gostava os jogava na minha mão, nem pensava em grana de imediato: "Depois você me paga". Assim conheci o primeiro do Pink Floyd que veio com outro *Saucerful*, num álbum duplo com um sapo saindo da boca na contracapa. As revistas haviam falido, a Somtrês quando não falava de Stones, Made

in Brazil e Beatles tocava de leve na nova onda inglesa do heavy metal. Eu e Nardelli e muitos outros, sacando a escassez das informações, migramos para jornais como Correio Braziliense e O Globo. O bom do Motörhead é que eles eram novos para a rapaziada. Para nós um Status Quo rejuvenescido.



Ex-Beatle é preso em Tóquio

O ex-Beatle Paul McCartney, algemado e escoltado por policiais, chega à delegacia onde foi interrogado ontem, depois

de ser preso ao desembarcar no aeroporto de Narita, em Tóquio, com 220 gramas de maconha na bagagem. Segun-

do as leis japonesas, Paul McCartney pode ser condenado a até sete anos de prisão. (Página 18)



Mini-cantata pop

O Pink Floyd está com um novo disco nas lojas, o álbum - duplo **The Wall**, gravado entre abril e novembro do ano passado. E, para surpresas gerais, oferece ao longo das quatro faces do novo trabalho, material suficientemente instigante para que se possa considerar seus 13 anos de carreira, uma marca vital na história da música pop.

Afinal, não se deve esquecer que ainda hoje o quarteto inglês representa o supra-sumo daquela variante pop rotulada de rock progressivo, cuja evolução durante a década de setenta levou muitos grupos a territórios extremamente pantanosos. Na verdade, com exceção do próprio Floyd e de alguns raros conjuntos - hoje extintos - dentre os quais, o King Crimson foi o mais importante - o som progressivo muito pouco apresentou de consistente. A derivação eletrônica, assentada na arapuca dos sintetizadores, destruiu em curto prazo de tempo alguma esperança que se pudesse alimentar na criatividade de Emerson, Lake And Palmer, Yes, Rick Wakeman, Triumvirat e outros personagens que hoje não passam de zeros à esquerda na cena pop.

The Wall, embora em momento algum, possa pretender o papel de disco revolucionário - de impacto similar ao causado por um **Ummagumma** em 1969, ou um **Dark Side of the Moon** quatro anos mais tarde - , deixa claro que os membros do conjunto estão conscientes das limitações de sua arte, enquanto rock progressivo, procurando opções concretas, principalmente no terreno dos temas - para suas canções.

Fruto do psicodelismo dos meados da década de sessenta, o Pink Floyd - então liderado pelo louquíssimo guitarrista Syd Barrett - entraria de sola na cena musical inglesa, através do **Lp The Piper at the Gates of Dawn**, onde letras voltadas para o surrealismo lísergico se apoiavam em decodificações realmente inéditas da linguagem roqueira. Aquilo era vanguarda e durante um bom período de tempo o quarteto levou à frente tal bandeira, abrindo caminhos para toda uma experimentação de fundamental importância para o crescimento do som pop.

NOVOS RUMOS

O que diferencia a banda dos outros artistas envolvidos no rock progressivo, contudo, é ter percebido a tempo o rápido esgotar das possibilidades criativas do gênero, durante a primeira metade da década passada. E se até 73, quando o genial **Dark Side of the Moon**, chega às lojas, o grupo acumula nada menos de nove Lps em sua discografia, daí em diante, mostra - se muito mais cuidadoso, com uma média - considerada baixíssima para qualquer artista, envolvido na máquina do showbiz - de um álbum a cada dois anos.

Em termos puramente musicais,

The Wall, nada mais acrescenta à obra do Floyd. Desde o lançamento de **Wish you were here**, em 75, que tomou - se evidente a nova filosofia do grupo: os limites de seu território de ação já estavam estabelecidos, portanto, o quarteto não pretendia ousar mais a nível de música, mas sim, encontrar a forma esteticamente perfeita, possibilitada pelos elementos acumulados durante os anos anteriores de sua carreira.

E neste momento que se mostra decisivo o desempenho do baixista Roger Waters, de uma hora para outra, revelado como um poeta de agudo senso crítico, capaz de trazer o Pink Floyd uma vez mais para os territórios das canções. Não as mesmas canções psicodélicas de oito anos atrás, mas outras, cujas letras continham uma identificação profunda com o real. E é exatamente sob este ponto de vista que **The Wall** se mostra um passo à frente na carreira do conjunto.

A poética de Waters, geralmente amarga e mordaz, traça uma visão nada otimista das relações humanas nesta sociedade tipo "Admirável Mundo Novo", que a civilização ocidental impôs ao planeta. Da doença da família à das instituições de ensino, passando pela própria problemática do artista em relação à indústria do superconsumo musical, o álbum cava fundo na sua análise dos descompassos da vida moderna.

VISÃO CRÍTICA

The Wall, inclusive, deve ser encarado como um trabalho conceitual, quase que uma minicantata pop, onde o texto concentra a maior parte das atenções. Nunca anteriormente se encontrou tanta voz nos discos de Floyd. São 75 minutos de gravação, dois terços dos quais, no mínimo, dominados pelas letras do baixista que, por sua vez, é dono de sensibilidade suficiente para tecer com leveza o denso panorama que acaba envolvendo o ouvinte.

Não é rock óbvio, de espírito contestatório na base do "vamos arrasar com tudo", explorado pelo pessoal do punk que se espalha por **The Wall**. E letras ora chegadas e um humor depressivo, ora casuísticas, como as de "Mother", deixam isto bem claro: "Mãe você acha que eles jogarão a bomba?/ Mãe, você acha que eles vão gostar da canção?/ Mãe, você acha que eles tentarão esmagar meus bagos?/ Mãe, posso construir um muro?/ Mãe, posso concorrer para presidente?/ Mãe, posso acreditar no governo?/ Mãe, irão eles me colocar na linha de fogo?/ Mãe, será que eu estou mesmo morrendo?/ Mãe, vai fazer todos os seus pesadelos tornarem - se realidade/ Mãe vai colocar todos os medos dela em você/ Mãe vai prendê - lo aqui juntinho de sua asa/ Ele não o deixará voar, mas o deixará cantar/ Mãe conservará o bebê confortável e quente/ Naturalmente, mãe o ajudará a construir o muro/ Silêncio agora,

bebê, não chore/ Mãe irá examinar todas suas namoradas/ Mãe não deixará ninguém sujo se aproximar/ Mãe esperará até você voltar/ Mãe sempre descobrirá por onde você esteve/ Mãe, o conservará saudável e limpo/ Você sempre será um bebê para mim/ Oh, mãe, ele precisava ser assim tão alto? "

E este clima que se manifesta também em outros pontos altos de **The Wall**, como "Another brick in the wall" (em três partes), "Comfortably numb", "Nobody home", "The trial", e "The show must go on". Por outro lado o trabalho de Waters não poderia ser rotulado de pretensioso, apesar de colocar em xéque situações que não raro estimulam abordagens ingênuas e apressadas. A este equilíbrio, digamos, filosófico do baixista/poeta se soma então a inquestionável competência do Pink Floyd em termos instrumentais.

O SUPERGRUPO

O álbum é, sob este ponto de vista, irretocável. O profissionalismo da produção - a cargo do próprio Waters, em companhia do guitarrista David Gilmour, de Bob Ezrin (produtor cujo ecletismo lhe permite trabalhar também com personagens como Alice Cooper e Kiss), e do engenheiro de som James Guthrie - faz com que o mosaico sonoro seja estruturado com a necessária meticulosidade. Baladas, rocks de médio peso e alguns acessos agudos de esquizofrenia roqueira se sucedem por entre efeitos sonoros utilizados com moderação, sintetizadores colocados na sua devida posição de apoio e uma orquestra arranjada com exatidão por Ezrin e Michael Kamen.

The Wall, por sua vez, dominou o topo das paradas durante diversas semanas em ambos os lados do Atlântico. E nos shows em que sua música é apresentada, o grupo volta a lançar mão de toda uma parafernália, tipo superprodução. Cecil B. de Mille, que tem marcado suas apresentações nos últimos anos. Há, por exemplo, um avião bombardeiro com asas de aproximadamente cinco metros, que preso a um cabo de aço, dá vôos rasantes, zumba sobre a platéia e solta fumaça. A figura materna, quando o grupo canta "Mother", é representada por um boneco de nove metros que se enche de ar. E um muro, medindo também nove metros de altura e com cerca de 63 metros de extensão, é construído, utilizando - se 340 tijolos de cartolina.

Portanto, um grupo tecnológico, que assume suas raízes do rock eletrônico progressivo e utiliza - se das regalias que seu status de superstar oferece, o Pink Floyd segue à frente mantendo uma rara saúde criativa. E se nada apresenta mais de experimental ou vanguardista, é, em compensação, uma boa banda de rock, o que, ao contrário do que muita gente pensa, há muito deixou de ser material abundante no mercado pop.

17 DE JANEIRO

Por motivos óbvios o fim do sonho se aproxima e vamos ficar por aqui. Naquele 17 de janeiro de 1980, Paul McCartney aparece algemado no **Jornal Nacional**. Lógico que minha mãe fez o maior discurso, alertando para a nefasta influência das drogas - hoje eu a entendo completamente. Naquela noite foi de amargar - rock'n'roll demos-lhes todos os espaços de nossas vidas!

27 DE MARÇO, CORREIO BRAZILIENSE

The Who: ao vivo ou em estúdio, o supressumo do rock inglês

9 DE ABRIL, CORREIO BRAZILIENSE

Pink Floyd: The Wall mini cantata pop



17 DE ABRIL

Passei a corresponder com a Revolution (SP) e Live (RJ) fãs-clubes dos Beatles (tenho as cartas). Depois fomos pioneiros em imprimir camisetas com estampas de rock e de Jesus! Ninguém dos bodinhos do Plano Piloto dava valor na plateia... Os fotógrafos não tiravam fotos nossas. Foi assim que construímos a ponte do arco-íris. Pedi para um fotógrafo fazer uma foto minha e de um amigo. O cara da máquina nos desprezou tipo "Quem são vocês?". A partir deste momento passei a odiar os fotógrafos.

21 DE ABRIL – INAUGURAÇÃO DO TEATRO DULCINA, BRASÍLIA

“A convite de JK, veio a Brasília n final da década de 60. Na ocasião foi o próprio presidente que mandou Dulcina escolher um terreno no conjunto do SDS. Sendo mística, espírita, ela gostava de trabalhar com cristais e tinha premonições, entre estas a de se transferir do Rio Para Brasília. E assim fez, anos depois. Vendeu o seu teatro na Cinelândia, e que começou a construir aqui um moderno teatro de palco tipo italiano com iluminação suspensa.

“Seis anos depois em 1980, o Teatro Dulcina de Moraes, foi resultado de muita luta da parte da conhecida artista, que contou com uma grande ajuda do governo militar: – Uma curiosidade que pouca gente sabe: todas as cadeiras da plateia foram doadas pela esposa do general Figueiredo antes de ser presidente, que também era espírita e amiga de Dulcina de Moraes, da mesma forma como recebeu boa ajuda da filha do presidente Geisel, também espírita e artista plástica” (GUILHERME CABRAL)

19 DE MAIO



Ex-beatle Ringo Starr acidentado em Londres

19 A 25 DE MAIO – MOVIMENTO

Por baixo do pano: o pacote de maio!

O fantasma do AI-5 na cassação de João Cunha

A manutenção da famigerada Lei Facão

Desculpas esfarrapadas para adiar as eleições

Estudantes e jornalistas enquadrados na Lei de Segurança

28 DE AGOSTO – BATALHA DOS LEÕES

Perto de ti a vida é um paraíso/ é o mundo a derramar felicidades/ a tristeza transformada em riso/ Perto de ti a vida não tem mágoas/ é um jardim repletíssimo de flores/ Longe de ti meu coração palpita/ minha alma chora entristecida e louca/ chego a ouvir a minha voz aflita/ E o sorriso esqueceu a minha boca

Versos que dona Lúcia Rocha fez para o filho no aeroporto no dia em que este embarcou para o exílio final.

Glauber têm muitos admiradores e espera que os críticos reconheçam o valor do filme para que ele se recupere, porque ele é supersensível com tendência a não aceitar críticas.

Contra o embotamento da sensibilidade, os complôs dos empresários europeus e a esclerose da inteligência crítica, Glauber Rocha leva à Europa, *A Idade da Terra* para a XXXVII Mostra de Cinema de Veneza, da qual fora convidado a participar, já estava acordado que o filme seria premiado ao fim foi boicotado. *Atlantic City* de Louis Malle e *Glória*, de John Cassavetes dividem o prêmio. Quando o filme passa a crítica italiana o malha igual à brasileira. Glauber Rocha não estava fazendo o filme para ganhar. Mas aí o francês Louis Malle o provoca.

“Glauber, cabeça fria. Festival é assim mesmo. Nem todos podem ganhar.”

Glauber Rocha, responde: "Você é um cineasta de segunda categoria. Não tem condições de me derrotar. Você é medíocre, faço cinema do futuro e você uns filmezinhos comerciais." E continua: "Malle, você sabe que não é nada disso. O que se passou aqui foi algo muito diferente. Você ganhou o Leão de Ouro porque as cartas estavam marcadas. Você venceu porque o seu filme foi produzido e teve a promoção da Gaumont, uma multinacional imperialista."

Malle ironicamente, volta ao diálogo: “E o seu filme foi produzido por quem?”

“Pela Embrafilme, uma empresa estatal de meu país.” Responde Glauber Rocha.

Malle irônico: “E o Brasil não tem um regime fascista? Ou você é daqueles que acha que Figueiredo é democrata?”

Glauber Rocha berrando: “Fascistas são vocês, que manipulam as multinacionais do cinema, que impõem toda sorte de mediocridade ao mercado do Terceiro Mundo.”

“Fascista é você, Malle, e não o presidente Figueiredo, que está redemocratizando o Brasil. Devido ao ataque Malle fica paralisado e Glauber Rocha avança...”

Diante da fúria do leão das 7 cabeças, Malle abandona o saguão do Hotel Excelsior, Glauber Rocha de dedo em riste ainda repete:

“Fascistas! Fascista!”

Malle perde a cabeça e volta correndo. Aproxima-se de Glauber Rocha, como se fosse agredi-lo. Glauber arma a guarda e grita: “Quebro a sua cara, fascista.”

Depois de apartados, Glauber ainda bate:

“Oh Malle, você Nouvelle vague, sempre foi servil à sub-Hollywood, por isso fique sabendo que você merece é um leão de merda, e não o leão de ouro.”

O valente Rocha não aceita o resultado do prêmio e, com a coragem inata, investe contra os críticos, jornalistas e o próprio vencedor, o comportamento *Atlantic City*. Ninguém mete o dedo na cara dele. Quando chega na rua, que está cheia de pessoas, todos gritam Glauber! Glauber! Aplaudindo-o. Glauber Rocha agita e não paga o hotel, manda Carlo Lizzani, organizador da mostra pagar. Denuncia que o júri está vendido a Hollywood. Segundo Glauber Rocha a direção do festival, favorece o cinema comercial “É uma vergonha, o júri foi pago pelos

Gaumont, Columbia e pela RAI-Radiotelevisione Italiana. É um festival comercial e não um festival cultural.”

O jornal editado pelo festival comunica, por meio de uma nota, que não publicará mais nada relativo ao seu filme até que ele se retrate, devido às suas declarações “inadmissíveis e injuriosas”.

Por causa do escândalo *A Idade da Terra* não será apresentado no II Festival de Cinema Ibérico e Latino-Americano de Biarritz.

Ao ser criticado, um Glauber Rocha enojado investe violentamente contra os 18 jornais italianos que tinha lido pela manhã, unânimes em considerar sua mais recente obra uma lamentável e precoce revelação do crepúsculo de seu talento e da grande confusão mental em que vive e trabalha desde que voltou ao Brasil.

Glauber Rocha parte para uma agressão generalizada, mais veemente e contundente no caso de três críticos – Grazzini, do *Corriere Della Sera*: “Uma montagem paranoica e uma recitação de obsessivos, um acúmulo de sons e cores que não transmitem nem emissões nem ideias.” (...) Acolhido como um filho pródigo pelos militares e como um traidor pelas esquerdas, por seus velhos companheiros de rua. Savioli, do *L’Unita*, e Micciché, do *L’Avanti*. – Além de estúpidos, decadentes, corruptos, vendidos ao capital americano, intolerantes, escravos, imperialistas como os demais. Teriam a agravante de agir como burocratas de Partidos. Glauber Rocha não perde a oportunidade para declarar, numa conferência de imprensa:

“A cultura europeia está acabada, o Cristo é do Terceiro Mundo, o futuro é o Brasil, quem pensa que este seja um país fascista erra grosseiramente. E retira-se, furioso, da entrevista. Antonioni, discorda do discurso, mas identifica em cada plano do filme um acontecimento, saí em defesa pública, afirma que *A Idade da Terra* será um filme compreendido depois do ano 2.000. Antonioni faz talvez a melhor definição de trabalho: – “Os filmes vencedores são produções corretas e comuns. Logo serão esquecidos. Mas *A Idade da Terra* é um filme que não se esquece nunca, que deixa sua marca em nós para sempre.”

Alberto Moravia vibrou durante a sessão. Margareth von Trotta, no júri, apoia Glauber discretamente. *Le Monde*, *Humanité*, *Libération* e o próprio *Cahiers du Cinéma* publicam críticas favoráveis. Naquela altura do campeonato, o procedimento desses intelectuais franceses representa um alívio na humilhação e mágoa que corroíam Glauber e alteravam seus planos eventuais de estabelecer-se na Itália.

SETEMBRO – MANCHETE GLAUBER ROCHA NO FESTIVAL DE VENEZA

“Fiz o que Figueiredo faria se estivesse aqui. Botei para quebrar. Somos um país pobre, mas não temos o direito de calar diante de uma indústria dos países ricos.”

“E também não quero mais saber da polêmica cultural brasileira. Ela se resume em discutir se a sunga do Gabeira é mais transparente do que as calcinhas ou o sutiã do Caetano Veloso. Estamos em pleno ridículo cultural e isso tudo já era. Aproveito a Manchete para dar um adeus definitivo à vida cultural brasileira. Vocês não me verão mais, nunca mais.”

“Chamaram ele de *o grande, o gênio, o sábio*. Parecia uma Torre de Babel todo mundo falando uma língua. Todo mundo tinha aplaudido o filme.” (LÚCIA ROCHA)

LOUIS MALLE EM ENTREVISTA A AMIR LABAKI

“Estávamos ambos hospedados no Hotel Excelsior. O filme de Glauber não foi bem recebido pelos críticos. As pessoas não entendiam que, de repente, o filme era uma espécie de homenagem ao regime militar. Não me lembro dos detalhes. Glauber era em geral amado pelos críticos do mundo inteiro. Ele teve uma entrevista coletiva em que ficou muito nervoso e começou a atacar cineastas como eu e John Cassavetes e acabamos por dividir o Leão de

Ouro. Glauber disse que eu tinha ido a Hollywood e tornara-me um verdadeiro capitalista. É claro que não fiquei contente com aquilo. (...) Soube depois na França que a imprensa brasileira fez um grande barulho sobre isso, mas no resto do mundo a imprensa levou em conta o contexto. Um dia depois, mais ou menos, eu estava voltando ao meu quarto, tarde da noite, e vi Glauber andando pelo corredor, embalando um bebê e cantando para ele. Olhei para Glauber e ele para mim e tivemos uma pequena conversa. Foi a última vez que o vi. Na manhã seguinte voltei a Paris e ele morreu pouco depois. Minha última imagem de Glauber foi bela." **(CADERNO MAIS, FOLHA DE S.PAULO, 21 JAN. / 1996)**

"O Festival de Veneza andou esquecido, estava fraco, sem importância, estava meio apagado durante um período. Ele estava sendo retomado, não tinha grande importância mundial, porque o Festival de Veneza, e eles estavam querendo torná-lo comercial, era mais cultural. O Festival de Cannes também é empresarial, você vai lá, tem tudo que é sala de cinema exibindo, acontecem mostras paralelas, gente negociando filme do mundo inteiro. E o Festival de Veneza não tinha esse prestígio, então eles negociaram a premiação, fato que o Renzo Rossellini, que era o diretor da Gaumont, acabou contando que foi negociado, foi dado o prêmio para as empresas por isso que gerou essa coisa toda, e o Glauber já estava sabendo dessas histórias. (...)

"Glauber estava assistindo *A Idade da Terra*, com o Michelangelo Antonioni, a pessoa convidada por ele para assistir ao seu lado, e Antonioni gostou muito do filme...

"Glauber gostava de fazer comícios. Lá em Veneza, foi o mais fantástico de todos. Aconteceu que havia mais de 200 jornalistas do mundo. O Louis Malle veio falar que havia sido feito um acordo na premiação e que *A Idade da Terra* estava fora da premiação; que o júri resolveu não premiar o filme brasileiro porque era produzido por uma empresa estatal de um país que não era democrático, e o filme dele havia sido negociado. Foi muito engraçado, o Glauber armou uma posição de caratê, que ele nunca lutou e soltou um grito: 'Pá! Pra cima do Louis Malle', isso foi à noite, no saguão do hotel, quando ele falou essa história. No dia seguinte, na hora do almoço, a premiação saiu... Com a exclusão de *A Idade da Terra*, Glauber começou um escândalo, os jornalistas começaram a se aglomerar, e o Glauber seguiu para a frente do Hotel Excelsior, andando e discursando em direção ao Palácio do Festival, e os jornalistas como se formassem um batalhão, escoltando-o... Com aquelas 200 câmeras clicando parecendo armas, e ele discursando e gritando, e eu um pouco atrás dele andando, foi o maior escândalo. Foi bacana! Uma das cenas mais bonitas e fantásticas que já testemunhei, porque ele realmente conseguiu pegar ali mais de 200 jornalistas do mundo inteiro, e ele era o centro das atrações, todo mundo louco com ele." **(QUIM ANDRADE)**

A IDADE DA TERRA

EM 1973, EM CARTA, GLAUBER ROCHA JÁ ANUNCIA ESSE PROJETO

"Ficarei na Itália trabalhando com Renzo e tratei de produzir meu próximo filme o mais rápido possível. O filme se chama 'A Idade da Terra', deve ser filmado na África, Ásia, América e Europa. É um projeto de grande ambição, o maior que já saiu da minha cabeça, porém custa um milhão de dólares, que nem o produtor daqui se arrisca". Ficção, longa-metragem, 35mm, colorido (Eastmancolor/ Cinemascope). Rio de Janeiro, 1980. 4.350 metros, 160 minutos.
ELENCO: MAURÍCIO DO VALLE – JOHN BRAHMS; JECE VALADÃO – CRISTO ÍNDIO; ANTÔNIO PITANGA – CRISTO NEGRO; TARCÍSIO MEIRA – CRISTO MILITAR, GERALDO DEL REY – CRISTO GUERRILHEIRO; ANA MARIA MAGALHÃES – AURORA MADALENA; CARLOS PETROVICH – DIABO; NORMA BENGUELL – RAINHA DAS AMAZONAS; MÁRIO GUSMÃO – BABALAÔ; DANUZA LEÃO – MULHER DE BRAHMS; GLÓRIA X – PROSTITUTA; LAURA Y – MULHER MORENA; PALOMA ROCHA – JOVEM MULHER; PARTICIPAÇÃO DE: CARLOS CASTELLO BRANCO, JOÃO UBALDO RIBEIRO, RAUL DE XANGÔ, TT CATALÃO, PAULA GAÉTAN, ARY PARA-RAIOS, CLYDE MORGAN, GERARD LECLERY, ROGÉRIO DUARTE, SANDOVAL, TELMA DUARTE, ADELMO RODRIGUES DA SILVA, ARI JOSÉ DE OLIVEIRA, ALBERTINO DOS SANTOS, AMARO SANTOS DA SILVA, ALEXANDRE RIBONDI, DAVI ANTÔNIO NETO, DIMER CAMARGO MONTEIRO,

FERNANDO LEMOS, JOÃO JOSÉ MIGUEL; JORGE HENRIQUE TOSTA DA SILVA, JOÃO ANTÔNIO DE LIMA ESTEVES, JANDUIR DE LIMA SOEIRO, JOSÉ JUSTINO DA SILVA, JOÃO JOSÉ PRAZERES (CEGO), MARIA CONCEIÇÃO BISPO DOS ANJOS, MARIA DA GLÓRIA DE MENESES GELTO, MARLY VIANA DE SOUSA, ROMÁRIO SCHETTINO, VANDERLEY DOS SANTOS CATALÃO, WANILDA SILVA MACHADO.

Originalmente deveria ser filmado na África, Ásia, América e Europa. Depois apenas na América do Norte, em Nova Orleans, Califórnia, Chicago e Nova Iorque. Longo filme barroco não comercial, proposto com a *Estética da Fome*. Desdobra-se entre negros, camponeses, operários, políticos, revolucionários – os filhos do Terceiro Mundo. Uma novidade Barroca-épica, novo em enquadramento, som, interpretação e montagem – o épico de Brecht, no brabo barroco de Jorge Amado. Segue o romance da bíblia – mas não Cristo mortis.

"Disseram que o filme era louco, incompreensível que eu tinha deixado de ser marxista para virar cristão. E que a minha visão do mundo já não estava mais comprometida: disseram que eu tinha traído os princípios revolucionários. Quer dizer, me atacaram ideologicamente querendo me imputar responsabilidades políticas, e foram incapazes de entender o sentido e a novidade formal do filme porque são ignorantes. (...)

GLAUBER ROCHA A FERNANDO SILVA PINTO

"Eu mostro no filme que o mito cristão que é um mito solar, vem da Ásia, vem da África, vem do Oriente Médio e que a Europa sequestrou a verdadeira identidade de Cristo, entende, importando um deus. Então eu disse que como o filme mostra um Cristo negro interpretado pelo Antônio Pitanga, um Cristo pescador e místico interpretado pelo Jece Valadão, mostro o Cristo que é o conquistador português, o São/Dom Sebastião, interpretado pelo Tarcísio Meira, mostro o Cristo guerreiro Ogum de Lampião, interpretado por Geraldo Del Rey. Quer dizer, são os quatro cavaleiros do Apocalipse que ressuscitam o Cristo no Terceiro Mundo, para recontar o mito através dos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João e os 4 cavaleiros do apocalipse cuja identidade eu revelo no filme quase como se fosse um Terceiro Testamento, o filme assume um tom profético, realmente bíblico e religioso".

A Idade da Terra dialoga com os filmes da Belair, combina scope e câmara na mão fora da altura do olho, fotograma abstrato e fotogramas inaproveitáveis aproveitados, véus e ab-cena. O infracenso da linguagem: a câmara giratória filma a própria equipe que filma, o atrás da câmara. Jogo de foco e som direto com todas as interferências. Circumcena e claquetes, o diretor dirige o indirigível. Para-cena e dia-cena, cena-ucrônica. Tudo isso, toda essa escolha, todas essas figuras, todo esse procedimento, toda essa concepção de produção e expressão.

GLAUBER ROCHA A JOÃO LOPES, IN O SÉCULO DO CINEMA

"Eu já estava mais ligado aos rituais primitivos, quer dizer, ao teatro do irracional que é o teatro popular, mas já não no sentido de documento histórico, político, ou etnográfico, mas no sentido órfico, quer dizer, no sentido de pegar naquela matéria e transformá-la numa matéria audiovisual. Essa matéria estrutura um discurso que não se define, porque já não existe aquela crença – é um problema filosófico – na racionalidade da história, ou seja, numa dramaturgia que leve a resultados catárticos, como se arte fosse uma metáfora que com a revolução tudo se resolvesse. (...) *A Idade da Terra* reflete essa luta entre a história e a fantasia solta, deixando ver o que é que a fornalha do inconsciente produz em contato com aquela matéria cultural, como é que aquilo se pode transformar e como é que o cinema pode captar aquilo. Está mais próximo de um poema solto, um poema em verso livre. (...) Eu acho que a fé, a crença é uma coisa fundamental na criatividade artística. Eu acho que *n'A Idade da Terra* coloco um problema de crença porque, de certa forma, o filme investe o mito cristão, mas não o mito do Cristo católico, europeizado ou civilizado, investe numa espécie de cristandade, mas uma cristandade descristificada. O meu Cristo não morre, não vai crucificado. Acho inclusive que no meu filme não há sofrimento como nos outros filmes. Aí, acho que há uma crença **num** humanismo, numa espécie de humanismo revolucionário, qualquer coisa que..."

Desfilando e desdobrando-se pela tela em ópera carnavalesca e em cortejos místicos sem fim *A Idade da Terra*, em clima de delírio e profecia, resgata o universo simbólico/ritual brasileiro costurando-o com a linha da metáfora.

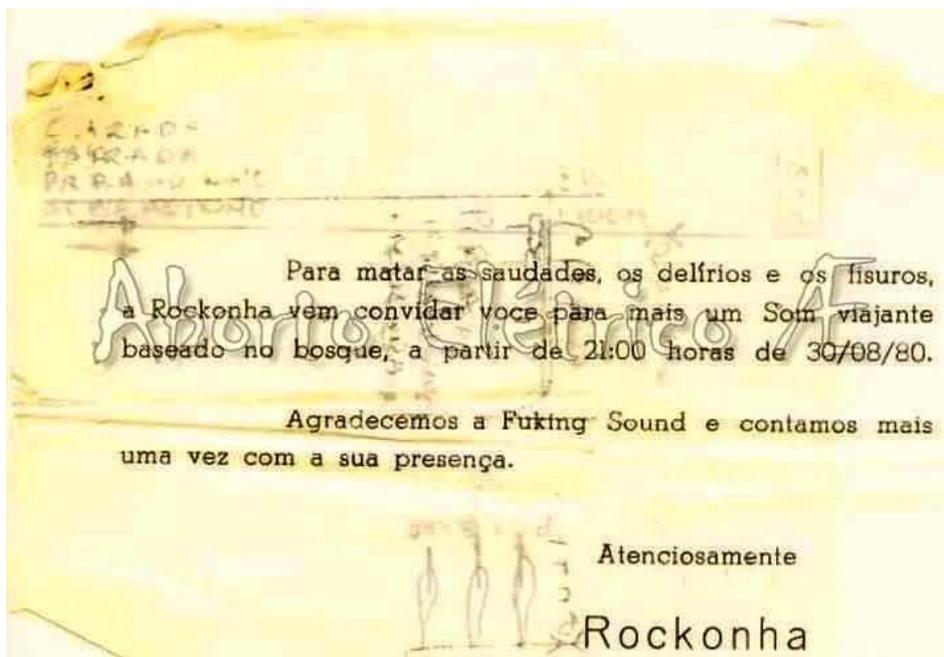
Do Brasil-Colônia (capital Salvador) ao Brasil-Império (capital Rio de Janeiro) desaguando no Brasil República (capital Brasília), as consecutivas capitais do Brasil, tornam-se a cloaca do universo numa tentativa desesperada e extrema de universalização dos mitos religiosos **num** estilo descontínuo, fragmentário e caótico.

Num estilo descontínuo *A Idade da Terra* nos revela as imagens dilaceradas da cabeça de Glauber Rocha. É um testamento precoce arremessado nas telas antes de sua morte, um filme em que o público chega a rasgar as cadeiras e poucos o assistem até o fim e inclusive o cineasta sabia quem dormiu nas poltronas do Belas Artes.

“Quando ele estava terminando de fazer o filme ele não tinha mais dinheiro. Eu tinha uma casa, que ele me ajudou a comprar com o dinheiro que ele ganhou com *Cabeças cortadas*. Aí eu vendi a casa para ele terminar o filme, que não estava nem finalizado quando ele recebeu o convite para o Festival de Veneza.” **(DONA LÚCIA ROCHA)**

Norma Benguell, teve o prazer, dentro do caos de perseguições políticas, de dar a Glauber Rocha a alegria de ganhar o prêmio de “melhor atriz coadjuvante da Radio Uno e Menção Honrosa em Veneza com o trabalho que ela fez.

“Foi admirável que, praticamente morrendo, Glauber soube renovar suas concepções, renunciar às ostentações de vanguarda, para privilegiar antes de mais nada o prazer do público. Pena que ele faleceu sem poder fixar numa película essa sua nova visão hedonista do cinema.” **(SYLVIE PIERRE)**



30 DE AGOSTO

Nesse sábado, eu ajudei Zenas e a sua Kombi velha a chegarem a tempo da exibição: andávamos com um garrafão de vidro dentro da Kombi e tivemos que parar em vários postos para reabastecer (Não me pergunte o motivo de tamanho consumo de fundos). Finalmente, conseguimos chegar a Cultura Inglesa! Para ver *Help!* No banheiro feminino no foyer, óbvio!, era escrito "Women"; bati na porta! Entrei! Zenas dava uns tapas: "vamos embora que não estás no Palácio de Buckingham!".

Em Brasília, beatlemaníacos da pesada, pela loucura era o contrabaixista Zenas de Oliveira: na cara dura roubava o rádio FM da própria mãe para ouvirmos o especial do Beatles tínhamos que fazer vaquinha para comprar pilhas.

Reconhecidos beatlemaníacos também eram Renato Russo, pela coleção de discos e dos mínimos detalhes, e Manel Henriques, o jornalista bukowskiniano-beatle-fã. De vez em quando, eu punha os olhos neles e só falava em Beatles. Sempre gostei de Lennon que iria atravessar o Atlântico com a sua nau no leme e atracar em Liverpool em 1980. Este era mais um de seus sonhos malucos. Mas Lennon, agarrado ao leme da sua pequena embarcação, teve que salvar a tripulação da sua nau numa tormenta nas Bermudas ainda em 1980.

Jimi Hendrix por Sganzerla. *Woodstock. Monterrey Pop. Exibições de Rock é Rock Mesmo* no Gama. Cine Brasília.

Na Cultura Inglesa, ao final do mês de agosto, eu assisti a *Help!* E nesta mesma sala, uma semana depois do assassinato de John Lennon, assisti a *Alucinados do som e da guerra*.

5 DE SETEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Glauber Rocha em Veneza Um vulcão baiano cospe fogo sobre a 'Cultura europeia'

10 DE SETEMBRO – O GLOBO

Festival de Veneza – Glauber briga com Malle e o chama de medíocre e fascista

12 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

"Os perplexos não acreditam na Ásia, no zen, no transe. O transe não é levado a sério. À medida que aumenta a perplexidade deles, aumenta a minha clareza. À medida que eles se sentem deslocados, eu que sempre nadei em águas submarinas estou na tranquilidade".

Mautner Mutante da Nova Era

Entre nós, Mautner. Desembarcando de um Boeing 474, trajando uma camiseta branca, uma rabeça, pastinha 007 e um gravador, era o próprio menestrel eletrônico. Com ele, sua banda, Néelson Jacobina, Ronald Pinheiro e seu manager Jorge Luís. Do aeroporto direto para a redação do Correio, onde com uma energia possível apenas num guerrilheiro do ultra mundo, ofereceu pano para manga de altas costuras sobre o vir a ser. Mautner chegou, não do além, mas de Itaúnas, Minas Gerais, para lançar seu último livro, *Panfletos de uma Nova Era* e participar como político, poeta e profeta, do lançamento hoje, no Clube da Imprensa, do jornal *Transe*. Checado por Chacal, Brother e Severino Francisco, entre outras afirmações estarrecedoramente atuais, diz que o artista e o intelectual de hoje em dia, devem descer dos pedestais da Cultura e dar seu testemunho do que vai pelo mundo, para o que há de novo possa surgir organicamente. Jorge Mautner, que se diz político desde os 7 anos, quando

fundou seu primeiro partido, faz seu jogo. Aberto e esperto.

22 DE OUTUBRO – MANCHETE

Nossos ídolos quarentões (ou quase)





5 DE NOVEMBRO – VEJA

A juventude da beleza

A roqueira Rita Lee ganhou. Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo

21 DE SETEMBRO

Em Nova Iorque onde foram fotografados fazendo compras na Quinta Avenida, o ex-beatle, hoje também ator, Ringo Starr, e a atriz Barbara Bach anunciaram o seu casamento, marcado para o início do próximo ano. Eles estão em Manhattan para o lançamento do filme *O Homem das*

Cavernas.

100

LIGADAS

Mesmo tendo engordado ainda mais a lista dos astros do rock desaparecidos em condições misteriosas — ao que tudo indica o fator drogas não é suficiente para explicar o corpo encontrado na casa do guitarrista Jimmy Page — a morte do baterista do Led Zepelin, John Bonham, não pode ser considerada uma grande perda para a música pop. Revolucionário no final dos sessenta, quando entrou em cena, o quarteto começou a descer a ladeira após seu quarto LP e ultimamente, restringia-se a repetir chavões de rock pesado em seus discos. Um dado interessante é o envolvimento do Led com transas da magia negra o que, segundo algumas interpretações, poderia justificar a barra pesada que se abateu anos atrás sobre o cantor Robert Plant — quase bateu as botas num acidente automobilístico e tempos depois perdeu um filho — e a recente morte de Bonham.

Para os fãs do Zeppelin, ao menos um dado positivo: o filme do grupo, "Rock mesmo", volta as telas de Brasília nos próximos dias, como homenagem ao baterista.

★ **Rock é Rock Mesmo**- Filme do grupo de rock inglês Led Zepelin, registrando apresentações no Madison Square Garden, de Nova Iorque, "Rock é Rock Mesmo" está sendo apresentado em homenagem póstuma ao baterista John Bonham, recentemente falecido em Londres. Esta será também a última exibição do filme em Brasília, já que seu certificado de censura está prestes a vencer, sendo logo após queimadas as cópias. No teatro Galpãozinho de amanhã a domingo as 18 horas.

27 DE SETEMBRO

Por ordem do Estado, o filme do Led Zeppelin estava proibido e o gen. Leônidas iria mandar fogo no certificado de exibição e na cópia — eu jamais tinha visto o filme e aquela cena na entrada dos gangsteres. Aí John Bonham morreu e liberaram o filme. A distribuidora mandou altas fotos para divulgação, todas presas na parede da bilheteria do Galpãozinho. Quando sai do teatro, as fotos foram surrupiadas. Logo aprendi mais um delito do rock'n'roll, e o som era do Pardal, com 2.000w. Sorry, periferia Brasília era rock, era setembro de 1980 eu era menor — mas já tinha 16 anos.

"Som Pardal... Pode-se dizer que foi a primeira firma de som profissional de Brasília, sem contar as bandas de baile. O Pardal foi um dos meus primeiros mestres. O echo era produzido com fita de rolo." (SÉRGIO PINHEIRO)

Lincon Lacerda, é um *recuerdo mucho loko* saber que foi uma dobradinha sair do filme *Rock é Rock Mesmo*, e ir direto para o lançamento do LP *Continente Perdido* do Tella. Será que pegamos a sessão das 14 horas e depois seguimos para o Food's/Cine Chaplin na 111 Sul?

"Sim! Depois do show, a galera foi para o Beirute, lá conheci Luciano, um publicitário e, também, a Nani que cantou 'Juriti' (foi a primeira vez que ouvi esta canção)".

(LINCON LACERDA)

YES LANÇA O SURREAL E VISIONÁRIO LP DRAMA

Ah, como se fosse possível voltar a setembro de 1980, para aquelas pick-ups com tampas transparentes tocando LPs e os amigos! Todos de espinhas vermelhas nas caras, como cerejas! Um futebol às 10h, de bem com a vida, e o ano letivo em outubro ameaçado. As formigas dentro do cérebro

saindo pelos poros. As cigarras cantam e o Yes faz o som mais introspectivo, incapaz de ser repetido, ainda que audível – a visão derradeira do paraíso, com guitarras e viradas de baterias. O espetáculo vai começar! É rock na chácara... sábado de torpor... ai, que saudades de Glauber e dos seus planos de nos livrar da espoliação capitalista. "Chega de espetáculos fajutos: vamos ensaiar. Quero cortinas de isopor. Chega de manchetes repetidas! Chega de servir ao deus metal! Chega das próprias exposições que a corrupção não descansou um só dia e virão novos golpes!". Os golpes são a forma que qualquer governo encontra para continuar o serviço não terminado no golpe anterior.

"Chiiii... cuidado, Mário, se não eles cortam a sua língua o seu rabo preso no elevador."

ANAIS

Doctor, o instruído vizinho do Conj. A na QE 34, passava um ar de intelectual. No final de 1980, em meio aos exames finais, quando alguns de nós sabíamos que tínhamos perdido o ano letivo, *Superman 2* foi levado às telas. Doctor, com sua fala mansa, apareceu no conjunto com uma revistinha ilustrada a lápis com o título de *Superthin* ("Supermagro") eu era caricaturado, nessas páginas, como um esqueleto voador com capa – e no final havia uma entrevista comigo feita em minha mansão em Hollywood! Nessa tirinha, o esqueleto aparecia fumando. Doctor era sabido mesmo. Sabia inglês tanto quanto os professores. Ele não me deu o único exemplar existente com medo que eu o rasgasse. Nunca mais soube o que foi feito com a vida do Doctor, nem me lembro do seu nome de batismo.

Foi o primeiro fanzine! Até então os boletins informativos dos fã-clubes eram impressos em offset (das origens *Do Próprio Bol\$o*).

19 DE NOVEMBRO – SÃO PAULO 1 X 0 SANTOS

Paulista de 1980 – A revanche de 1978 – início de Era gloriosa.

23 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Glauber no futuro

Amanhã é dia de Festival

TERÇA-FEIRA – 9 DE DEZEMBRO

Por um momento, meus olhos cansados não veem nada – além das pós-imagens embaçadas do pesadelo. Semiacordado pelo grito estridente do vinco da janela aberta eles se arregalam sou acordado na metade da manhã por Ismael Lennon & Sidney Presley, sem entender o porquê estarem gritando: – O sonho acabou!

10 DEZEMBRO

O ex-beatle John Lennon é assassinado em Nova Iorque – ZERO HORA

Quadro de Dali pode ter motivado crime – O GLOBO

Mulher do projetista relata crime do pintor – O DIA

– Depois de atirar no meu marido, ele (o pintor Iberê Camargo) saiu caminhando calmamente, com a secretária.

Giscard quer abafar caso dos diamantes, diz jornal – O GLOBO

11 DEZEMBRO

Papa diz que a paz mundial depende da Polônia

Brejev tem plano de paz para Golfo Pérsico

ESCRITOR POLONÊS RECEBE O NOBEL EM NOME DOS OPRIMIDOS

ESTOCOLMO – Ao receber ontem o *Prêmio Nobel de Literatura* das mãos do rei Carlos Gustavo XVI, na capital sueca, o escritor e poeta polonês naturalizado americano Czeslaw Milosz, de 69 anos, disse que “neste século do exílio, a pobreza e a perseguição forçaram milhões de pessoas a sair da Polônia”.

• *Noel Rosa, 70 anos. A Vila está em festa*

• *Uma vigília silenciosa por John Lennon* – **JORNAL DO BRASIL**

14 DEZEMBRO – O GLOBO

É difícil acreditar, mas ele insiste: Bob Dylan encontrou Cristo

22 DE DEZEMBRO

"Se conseguirmos, no curso de 1981, colocar em movimento internacional o grupo **A**, assim como a edição dos roteiros (...), eu já dormiria com a esperança de ter salvo a vida, ou os filmes." **(GLAUBER ROCHA, CARTA)**

FOFOCA DO NATAL

Ainda adolescente pobre e besta e sonhador. Passei o Natal na casa do vizinho, comendo rabanadas e bebendo algum vinho. Pensei: "que noite legal!". Um outro amigo me disse que a mãe desse amigo onde eu passei o Natal, perguntou: "A Família do Mário não faz ceia?" *Pqp!* Além de ser dado como doido, maconheiro, ainda passava carão na família. Rezei para minha mãe não descobrir. Depois eu passava frente a casa deles rindo, como louco, e abrindo os braços, e rindo mais ainda, gesticulando e seguindo a canção.

Dessas merdas o mundo está cheio.

27 DE DEZEMBRO – MANCHETE

O QUE PENSA GOLBERY SOBRE A ABERTURA E A CRISE ECONÔMICA

"Paradoxo estranho parece, sem dúvida, o querer-se levar avante uma liberalização democratizante desde o campo político, logo agora quando tão negativas são as condições vigentes na área econômica, a reclamarem, insistentes, por controles mais amplos e efetivos e, pois, uma disciplina centralmente coordenada, com profundos reflexos em toda a estrutura governamental e social. Em realidade, não nos resta outra opção.

Momentos muito mais favoráveis não foram, dantes, aproveitados, por motivos que aqui não nos cabe pesquisar. Mas isso, de qualquer forma, não justificaria o retardar-se ainda mais aquele processo descentralizador, já há muito reclamado como necessário e urgente. Além do que, as pressões contrárias, hoje fortes e quase insuportáveis, voltariam a acumular-se aceleradamente, pondo em risco a resistência de todo o sistema nessa enorme panela de pressão em que, como já teria sido assinalado em tempos, passados, veio a transformar-se o organismo nacional, após década e meia de crescente compressão".

(AFINAL, QUEM É GOLBERY? REPORTAGEM DE ALEXANDRE GARCIA)

Os que reclamam que o Planalto não abre mão do comando da abertura, como resultado de uma imposição golberiana/aquiniana, se esquecem de que os choques Alacid/Passarinho –

Marchezan/Passarinho, isto nas próprias hostes governistas, dispensam até de se comentar as defecções partidárias, prova concreta de uma ideologia político-partidária muito à brasileira.

No capítulo: de fato, o hiato dos últimos 16 anos parece que apagou a maior parcela da criatividade dos políticos brasileiros, que hoje podem ser rotulados em duas categorias: os que são a favor do governo porque se beneficiam dele e os que são contra porque não o são, com suas dignas exceções apenas confirmando a regra. Em tal quadro, o negócio é atribuir ao ministro Golbery e a Heitor de Aquino maquiavelismo, mais para justificar a falta de

credibilidade da classe política, que não inspira ao Planalto a confiança necessária para que se transfira o comando da abertura. (CONSUELO BADRA, IN MANCHETE)

O Governador Paulo Maluf foi a grande atração da entrega de destaques da Associação Comercial do Distrito Federal. Principalmente porque o governador paulista, um dia antes de aportar em Brasília para o evento, foi classificado como candidato à sucessão presidencial (civil) da preferência do ex-presidente Emílio Médici. No plenário da entidade, uma loucura: todo mundo queria apertar a mão de Maluf, que distribuiu até autógrafos.



1981

• Cássia chega a Brasília. Tem 18 anos e trabalha como garçonete e cozinheira.

3 DE FEVEREIRO

Glauber Rocha encontra o Presidente da República, João Baptista de Oliveira Figueiredo que acabara de visitar um shopping center na cidade portuguesa de Cascais. A caminho de seu carro, o presidente identifica, em meio a multidão de curiosos, a figura de Glauber Rocha, que lhe acena. Figueiredo acena também, aproximam-se e apertam as mãos, seguido de forte abraço, é trocado entre os dois. Figueiredo diz:

“Glauber, você é que é feliz, porque pode respirar este ar longe das exigências do protocolo.”

“Toca para a frente o seu programa de *Abertura*, presidente. Diz então Glauber Rocha ao chefe de governo.”

FEVEREIRO – VISÃO

Agora, Arnaldo sem Mutantes

Começar de novo.

8 DE FEVEREIRO

Figueiredo pode ser o líder do Terceiro Mundo (O GLOBO)

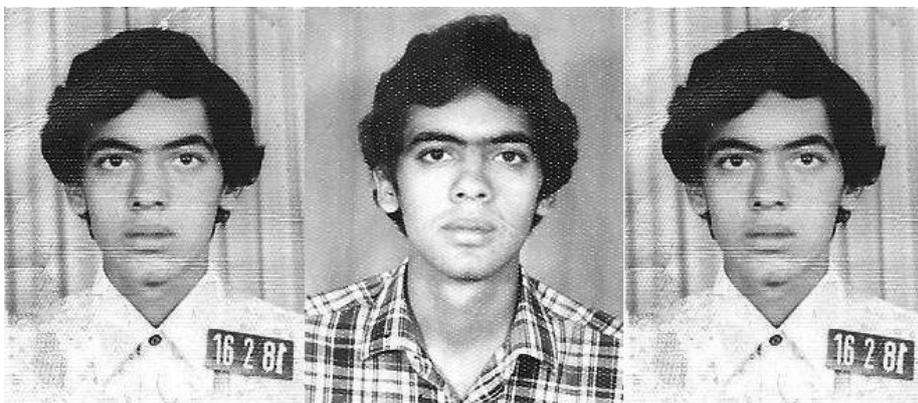
9 DE FEVEREIRO – BILL HALEY O ÚLTIMO ACORDE DO PAI DO ROCK

Texas, Estados Unidos. Um jovem entra num dos quartos da mansão que reside com toda família e encontra morto, sobre a cama, seu próprio pai, Bill Haley (1926). Morreu o homem que no início dos anos 50 deu vida ao rock'n'roll. Morreu o pai de Elvis Presley, de Little Richard, dos próprios Beatles, dos Rolling Stones e de todos os milhares de fãs da música agitada, explosiva.

10 DE FEVEREIRO

Escroto era uma gíria usada em Brasília e eu achei horrendo se referir às pessoas assim, me viam à mente sacos escrotais. Então, Divine lançou uma música chamada "Born to be cheap" que, traduzida a gíria, era algo como *Nasci para ser escroto* e eu adorei o título, mas achava pesadíssimo. Décadas depois, comecei a escrever a heustória, *Lapso*. Eram textos sem nexos, tipo Crumb e Skrotinhos, com muita sátira e confusão mental. Os contos curtos de freiras de capuz sendo atropeladas e outros vacilos ficaram na gaveta. As revistas americanas de metal anunciavam discos da Black Flag. Os compactos independentes ingleses eram prensados sem capa e vinham numa embalagem plástica transparente, com o desenho impresso. Nunca mais vimos algum desses. Surgiu também a vontade de montar um selo. Os artistas mais velhos, a maioria ligados a desenhistas e serígrafos, falaram da ideia de montar um selo com as bandas dos amigos. Então, veio o alistamento militar e matou muitas dessas ideias rebeldes antissistema. Ali nasce o conceito *Do Próprio Bolço* – aproveitamos os poucos recursos, mas falhamos em escala industrial. Tempos depois surgiu o selo americano Enigma Records.

Com apetite destruí revistas e jornais, eu metia tesoura sem dó com a morte de John Lennon comecei a guardar páginas inteiras. Depois, comecei a guardar alguns cadernos culturais, o que recolho até hoje em menor escala.



20 DE MARÇO, O INESQUECÍVEL SHOW DO QUEEN NA TV GLOBO

Continuei reverente aos Beatles, mas a Queen foi a banda cuja carreira no ápice eu mais senti a febre. Não me envolvi com tanta proximidade de nenhuma outra banda. A carreira da Queen foi meteórica, tanto que, no auge, fizeram esse show transmitido pela televisão.

Naquela noite inesquecível ocorreu também o ataque de flatulência do meu melhor amigo do Conj. C, apesar do desconforto intestinal, ele, em casa, casa com um gravador de mão, tentava gravar o show.

UM LINDO LUGAR

“A gente vive feliz, sem prestar muita atenção à felicidade, e, de repente, a ideia de que Glauber podia morrer foi como uma punhalada funda no peito. Agora, graças a Deus, estou tranquila. Os médicos disseram que dentro de uma semana ele vai ter alta. E em setembro vamos voltar para o Brasil. Será melhor para ele convalescer.” **(PAULA GAÉTAN)**

Glauber Rocha pede um gravador, ordena que ninguém o incomode e, tranca-se numa sala, sozinho, torrencial *palavrimagem* para o gravador da revista Cahiers du Cinéma. Glauber Rocha agudamente analisa Pier Paolo Pasolini, o acusa de ter sido “perverso” quando deveria ter sido “subversivo”. Os dois lados da fita cassete são preenchidos. É também o acerto de contas com a crítica italiana sobre o delírio da ‘fascinação fascizante’. Os dentes gastos e quentes do leão nem trincaram num esboço de *arquivo*.

PASOLINI O CRISTO ÉDIPO

(GLAUBER ROCHA* – *CAHIERS DU CINEMÁ HORS SÉRIE, 1981)

Pasolini foi aquilo a que chamo o produto do milagre do Plano Marshall em Itália. Após a geração da fome – os neo-realistas: Rossellini, De Sica, Visconti, Antonioni, Fellini – o cinema italiano tornou-se uma indústria, o neo-realismo perdeu completamente o sentido revolucionário e criador de novas formas. O momento de Pasolini representa a passagem da fome à gulodice e penso que o escândalo Pasolini era uma “mais-valia”, um luxo para essa Itália que queria ser desenvolvida do ponto de vista industrial e moderno, do ponto de vista ideológico, mas que era na realidade uma Itália desagregada, arcaica, selvagem, bárbara, anárquica. Contudo, a selvageria, a barbárie, a anarquia pasoliana eram dominadas pela disciplina marxista, pelo misticismo católico, tornando-se então numa barbárie maquiilhada. O que me choca no seu cinema é a ausência de poder, nunca é convincente, os seus personagens são fracos, e penso ser por isso que ele não sincroniza os diálogos. Notei que na dobragem dos filmes de Pasolini existia sempre um ligeiro desfasamento entre os movimentos dos lábios dos atores e as palavras. Uma vez, num restaurante em Roma, ele disse-me que a língua italiana não existia, e por isso o teatro não existia na literatura italiana, o que o levou a realizar Édipo Rei em dialeto siciliano.

Penso que em *Accattone*, existe uma certa sensualidade no personagem desempenhado por Franco Citti, mas depois, no seu cinema, tudo é muito frio: são adjetivos que tentam valorizar substantivos estéreis. Pasolini tinha a razão, a inteligência, a cultura que são a conquista de um intelectual civilizado, mas ele dizia: “Sou um civilizado apanhado pela barbárie”. Ele rejeitava a sociedade capitalista, mas aceitava-a no sentido em que se tornou um profissional da indústria editorial e cinematográfica. Ele passou do “estatuto” de cineasta marginal (realizando filmes que não davam dinheiro) a cineasta que fazia filmes abertamente comerciais como a Trilogia. Assim, penso que salvo o filme inicial *Accattone*, e o último, *Salò*, todos os outros filmes de Pasolini demonstram toda essa ambiguidade, que é o seu melhor. Ele estava comprometido com a ambiguidade. Porque na verdade, para ele, a homossexualidade não era uma prática sexual normal, mas uma religião, uma ideologia, um mecanismo de fetiche, um misticismo. É o que se vê nos seus filmes, essa dialética entre o Cristo e o Édipo, o Cristo-Édipo, quer dizer os problemas do pai assassinado (assassinado porque traiu como Deus traiu Cristo, o que podemos ver bem em *O Evangelho Segundo S. Mateus* quando, no momento da morte, Cristo diz: “Pai, porque me abandonaste?”. O que é o momento mais forte do filme, ele é crucificado no falo do pai (inexistente) e a mãe que esconde sempre a condição da mulher (as mulheres estéreis e histéricas, ou as mães possessivas que não cedem o lugar à mulher). Esta fusão Cristo-Édipo leva-o ao desespero, à irrisão, à infelicidade permanente. Então, ele fala sempre de sexo, mas não nos entregamos aos seus filmes. Os personagens são frios teóricos, a violência é programada, o sexo é sempre “dobrado” pelo cérebro (é por isso que os seus filmes são sempre dobrados), e ele vai em direção à tragédia, ao sacrifício, à autopunição edipiana e cristã.

Há uma coisa interessante no cinema de Pasolini: o orientalismo. A Itália é um país de influência árabe e essa impossibilidade de Pasolini ser moderno é compensada, sublimada pela naturalidade dessa orientalidade. É por isso que ele se quer “povo”, mas é somente um desejo, porque, quando realiza, ele torna-se católico. Por exemplo, em *As mil e umas noites*, Ninetto é como São Francisco de Assis com os Árabes, tornando-se então num filme jesuíta catequista. Pasolini não está interessado nem pela cultura árabe nem pela sua política, ele interessa-se pela sexualidade árabe, mas do ponto de vista de colonizador.

Salò é o filme de Pasolini que eu prefiro, porque penso ser o melhor filme do ponto de vista da forma: está bem enquadrado, bem montado, bem representado, o filme torna-se num corpo convincente, com uma violência existencial, e não com a violência teórica dos outros filmes. Porque em *Salò* ele diz a verdade ao afirmar “aqui está, sou pervertido, a perversão é o fascismo”. “Gosto dos rituais fascistas, fiz *Salò* porque é o teatro dessa perversão e o meu personagem, o meu herói ama os torcionários como eu amo o meu assassino”. É a punição, o mito de Édipo cristão. Eu me liberto completamente desse pasolinismo e também desse

cristianismo, desse edipismo moralizante, porque, para mim, primeiramente, Édipo não existe mais, e o cristianismo não é uma religião, é uma revolução de amor, de prazer, na verdade, não de sofrimento.

E após o filme ele morreu numa aventura de exploração do sexo proletário. Pasolini intelectual comunista, revolucionário, moralista, era agente da prostituição, quer dizer que ele pagava aos rapazes, os *ragazzi di vita*, pelo sexo. Ele procurava os pobres, os ignorantes, os analfabetos e tentava seduzi-los como se a perversão fosse uma virtude.

Pasolini não gostava verdadeiramente das mulheres. Godard gosta das mulheres, mas pensa que elas são sempre putas ou musas românticas. Em Godard há o amor, a paixão, não o sexo: em Pasolini há o contato sexual, mas não o amor, não a paixão. Há somente a paixão teórica, o que interessa a Pasolini é o irrisório, é a perversão.

Penso que o sadismo, que se tornou num mito da cultura contemporânea, sobretudo para a geração de Pasolini, é o renascimento de espírito fascista nessa geração e é também uma "mais-valia" sofisticada das sociedades que não têm verdadeiramente problemas de sofrimento. Sade na sua época, Sade na Bastilha, é uma coisa, mas o neo-Sadismo como fetiche, como mito é o delírio da fascinação fascizante.

Pasolini, em *Salò*, aceita a sua verdadeira personalidade. Mesmo se a morte de Pasolini é um atentado fascista, eles aproveitaram a encenação pasoliniana para o matarem segundo os seus próprios ritos.

No meu último filme *A Idade da Terra*, falo de Pasolini, digo que desejava fazer um filme sobre o Cristo do Terceiro Mundo no momento da morte de Pasolini. Pensei nisso porque queria fazer a verdadeira versão dum Cristo Terceiro-mundista que não teria nada a ver com o Cristo pasoliniano. Pasolini procurava no Terceiro Mundo um alibi para a sua perversão. Para mim, o conceito de subversão é muito diferente do conceito de perversão, porque a perversão culturalmente constituída pelos intelectuais sadianos não é a minha. Para mim a subversão é inverter verdadeiramente essa perversão por um fluxo amoroso que não exclui a homossexualidade.

O problema não é a homossexualidade ou heterossexualidade, é o problema da fascinação pela herança fascista, os grandes ballets contorcionistas de um homem vindo do campo, de uma civilização arcaica, e que utiliza várias linguagens (a literatura, o cinema) para sublimar, disfarçar e enfim, com *Salò*, atingir a sua verdadeira personalidade que não era nem Cristo nem Édipo, mas que era qualquer coisa de muito misterioso, o prazer fascista.

Ele assume a tragédia, punido pelas falsas máscaras de Édipo e de Cristo. Os prazeres fascistas conduzem à tragédia porque a punição é o mito do Édipo Cristão. Nisso está o fulcro do mistério, não só de Pasolini, mas também do Pasolini que se tornou, por causa disso, um mito contemporâneo.

DECLARAÇÕES EM FRANCÊS TRANSCRITAS POR ALAIN BERGALA – IN PASOLINI CINÉASTE – CAHIERS DU CINEMÁ (HORS SÉRIE, 1981).

TRADUÇÃO DE LUÍS MOREIRA – IN FOGO CERRADO, Nº2 JUN. / 1990.

ORGANIZAÇÃO FINAL DE TEXTO: MÁRIO PAZCHECO

CARTA-TESTAMENTO – SINTRA, 11 DE MARÇO DE 1981

Querido Oliveira

Somente agora pude escrever-lhe, pois muitas atribuições não me permitiram notícias concretas. Estou agora mais tranquilo – tratando-me de uma doença do coração, Pericardite – que quase me levou pra cova. Tive a sorte de encontrar um bom médico e preciso de dois meses de repouso. Aproveito este período para botar a vida em ordem.

O Celso Amorim, que tem sido um bom amigo, arrumou-me aqui um contrato para escrever um roteiro para o Instituto Português de Cinema, que me permitirá viver até o fim de maio – e ficar curado. Depois de maio, – tudo é obscuro, pois não tenho certeza se o IPC produzirá o filme. Tanto no Brasil como aqui – continuo pobre, dependendo do dia-a-dia para viver. Este longo exílio começado em 1971, continua. São dez anos de intensa atividade cultural deficitária.

No Brasil – como você bem sabe – tenho poucos amigos. A Idade da Terra produziu vinganças terríveis – é o preço pago por ter apoiado o Geisel em 1974. Esta atitude política deixou-me ódios implacáveis. Os meios cinematográficos se vingaram e se vingam. Assim, eu que construí 50 por cento do cinema brasileiro, continuo exilado e pobre, embora pensem que eu seja rico.



Pedi aqui um empréstimo ao Banco do Brasil – que me permitiria abrir uma empresa de comunicações, mas me foi negado. Este empréstimo – eu pedi também ao Aluizio Magalhães, e ao diretor da SAC (Secretaria de Assuntos Culturais do MEC) mas até hoje (já passaram três meses) não obtive repostas.

Gostaria de saber se você tem acesso ao Celso Langoni – pois pretendia pedir o empréstimo a ele, mas não o conheço. Imagine que tenho cinco roteiros prontos e dez livros para publicar. Mas não encontro editores no Brasil e não tenho capital para produzir os filmes. O valor deste material literário e cinematográfico poderia me render muito – se eu conseguisse capital para industrializá-lo. Tenho pavor de voltar ao Brasil pobre e dependente ainda da Embrafilme. Seria a morte. Em suma, um “caso dostoievskyano”.

Sei que você tem problemas – mas lhe peço ajuda em extremis. Não tenho casa no Brasil, tenho seis filhos, a saúde cambaleia. Tudo isso aos 42 anos. O empréstimo que preciso é de dez milhões de cruzeiros. Sei que o Delfim concedeu pela Caixa Econômica, empréstimo desta monta (monta: MONTA: perdoe-me o (?) ecianismo...) ao José Celso Martinez pra reconstruir o Teatro Oficina.*

Se eu conseguisse pelo Banco do Brasil ou pela Caixa ou qualquer banco privado ou estatal – um empréstimo de dez milhões – eu poderia voltar ao Brasil e fundar uma empresa de comunicações – e assim editaria meus livros em coprodução com o editor e poderia produzir meus filmes em situação independente. Fora dessa possibilidade – estou f. Tenho vontade de lhe mandar alguns arquivos, mas não tenho condições de escrever nada, devido à saúde e ao desânimo.

Será que o Sarney ou Passarinho ou mesmo Ludwig não poderiam me ajudar? Além das OBRAS inéditas, sou proprietário de 6 filmes (Barravento, Deus e o Diabo na Terra do Sol, Terra em transe, O dragão da maldade contra o Santo Guerreiro, O leão das 7 cabeças, Claro) que relançados no Mercado e lançados na TV poderiam render mais de 20 milhões, considerando que estes filmes ainda são inéditos nos Estados Unidos, Rússia, China e outros mercados.

A Idade da Terra não me rende nada porque é de propriedade da Embrafilme e daí só tenho cinco por cento dos direitos autorais. Se eu posso abrir uma empresa no Brasil, terei chances de relançar os filmes e vendê-los na tevê e nos mercados ainda virgens.

Tanto os dez livros inéditos (romances, peças, ensaios) quanto os roteiros inéditos e os filmes serviriam de garantia ao empréstimo. Afinal, 11 milhões, é pouco dinheiro. O Banco do Brasil financia agricultores improdutivos e a Funarte joga dinheiro grosso pela janela, como o Serviço Nacional do Teatro, o Instituto Nacional do Livro – etc – financiando articuladores incompetentes.

Preciso libertar-me desta miséria injusta que pode me conduzir ao marginalismo, à dependência e à morte. Caso esse empréstimo seja possível eu poderia voltar no mês de maio e instalar a empresa em Brasília pois o Rio é uma cidade perigosa, onde sofri várias ameaças, antes de viajar o ano passado.

Você é a única pessoa no Brasil a quem posso pedir este favor. Se for possível, responda-me. Meu endereço é Hotel Central, Sintra, Portugal. Meu telefone é 292.2090, Sintra. Posso ser localizado também através da embaixada em Lisboa pelo dr. Carlos Garcia, que é o Adido Cultural. Está é a minha única chance de voltar. Não sendo possível, ficarei pela Europa até conseguir me libertar.

Envio-lhe alguns recortes do que tem saído por aqui.

Abraços fraternais / Glauber Rocha.

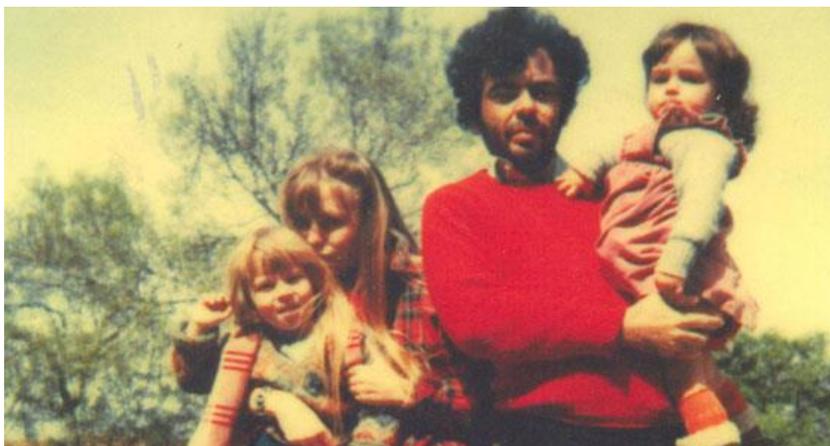
(Telegrafe acusando o recebimento da carta)

Um pachorrento pai de família. Carinhoso ora briguento com sua musa-esposa Paula Gaétan. Beijoqueiro com os filhos caçulas – Aruak e Ava. Enquanto estes jogavam almôndegas, Glauber Rocha despejou a artilharia de seu prato em todas as direções, deixa petrificado garçons, amigos e fregueses.

Ainda era fevereiro, quando a família Rocha abandonou o minúsculo apartamento em Paris.

Motivado pelo esforço de renovação que se registra no cinema português e por causa de uma transação metafísica com o escritor Eça de Queiroz. Numa viagem metafórica e poética, Glauber Rocha troca o frio glacial de Paris por uma vida mais módica em Portugal. Segue para Sintra, cidade de serra a 19 quilômetros de Lisboa.

O objetivo principal dessa renovação é a criação de uma cinematografia de língua portuguesa,



aberta, portanto, ao Brasil e a África, que depende da efetização de um acordo luso-brasileiro... Esse projeto é também a concretização do tricontinentalismo que Glauber Rocha defende. Um novo movimento de cinema com a livre circulação dos filmes brasileiros e portugueses que,

extrapolando, abrangeria o mundo de fala portuguesa.

Glauber Rocha mora no célebre Hotel Central, citado em diversas obras de Eça de Queiroz do qual o cineasta se confessa leitor apaixonado. Na melancolia lusitana da rotina preguiçosa e anuviada dos dias finais em Portugal, Glauber Rocha além de começar a recuperar-se fisicamente, ele cobre uma lacuna cultural: aperfeiçoando a escrita em português... Trabalha em dois roteiros, uma adaptação básica do livro *Os Maias*, a obra-prima de Eça de Queiroz, e o segundo um melhor definido, o roteiro final, *O Destino da Humanidade*, rebatizado de *O Império de Napoleão*, que seria rodado, em Portugal em outubro...

Em Sintra, Carlos Pinto, técnico português de cinema, o hospeda por algum tempo na sua casa, na Casa das Magnólias até hoje recorda-se da frase do cineasta numa das primeiras vezes em que se encontraram:

– “Venho aqui para Sintra para morrer. É o lugar mais bonito que conheço, já vivi em vários lugares do mundo e agora quero descansar.”

Em março, foram assinados os acordos luso-brasileiros.

8 DE ABRIL

Ainda se recuperando da pericardite, Glauber Rocha concede longo depoimento ao crítico português João Lopes.

Glauber Rocha com as olheiras habituais e malbarbeado, aparentemente não passando um aspecto absolutamente doente, aparece no vídeo *Sintra is a beautiful place to die*.

22 ABRIL – POLÍCIA PROÍBE "SHOW" DE BAEZ EM S. PAULO POR "DESOBEDIÊNCIA"

Joan Baez foi proibida de se apresentar em São Paulo pela ditadura.

30 ABRIL

Destacamento de Operações de Informações (DOI) do 1º Exército, no Rio, preparava um atentado terrorista no Riocentro.

Figueiredo premiou os militares envolvidos com a impunidade.

13 DE MAIO – JORNAL DE BRASÍLIA

Clima de rock na cidade. E bom

Com ameaças de arrombar a porta do teatro, gritinhos, uma música simples e dançável. Sem dúvida, a jovialidade energia do grupo Mel da Terra conquista seu público. Isso foi mostrado no show *Lábio Doce*, apresentado no último final de semana. Um visual e música bonitos

22 DE MAIO – JORNAL DO BRASIL

Joan Baez em São Paulo e amanhã no Rio as canções da não violência

25 DE MAIO – JORNAL DO BRASIL

Conclave do Sol – Nove mil pessoas, muita música e uma Joan Baez que só pôde dançar

A benção, João de Deus

JUNHO

Está pronto a primeira fase do cenário do filme, que se chamará *O Império de Napoleão*.

No mês seguinte, o secretário de Estado da Cultura demite a administração do *Instituto Português de Cinema*, pondo fim à política que ele vinha desenvolvendo. O novo ministro empossado, Antônio Brás Teixeira, suspende o financiamento prometido. Glauber Rocha mostra-se extremamente preocupado e adocece com profundo desalento.

Glauber Rocha ofegante com uma cor muito macilenta e ferrosa senta à mesa na casa de João Ubaldo Ribeiro em companhia do escritor Jorge Amado e de Márcio Sousa, para compartilharem uma feijoada.

“Você tá amarelo, tá anêmico, precisa se tratar...” Diz, João Ubaldo Ribeiro.

Glauber Rocha reponde puxando a bolsa do olho procurando sinal de algum glóbulo vermelho.

.....

Começa a surgir o Plebe Rude. Com o fim de Os Metralhaz, o baixista e vocalista André se juntou a Felipe, que saíra do Caos Construtivo e a Gutje, que havia sido expulso da Blitz 64. Tempos depois encontram Ameba, numa festa, bêbado, com um copo de gim na mão e cantando. Imediatamente o convocaram para cantar no grupo. Ana e Marta Detefon, que a princípio eram plebetes (tietes do pessoal da Plebe), acabaram se juntando à banda.

30 DE JULHO

Glauber Rocha, descobre que está tuberculoso, com o pulmão direito *f.* e o esquerdo avariado com possibilidades de *kanzer!*

3 DE AGOSTO

Está muito doente e estendido na cama solta sangue pela boca. Com a saúde em declínio irremediável é internado num hospital próximo de Lisboa para tratamento de problemas broncopulmonares.

No leito do apartamento 26, do Hospital da CUF, Glauber Rocha semiconsciente, chega a dizer:

“Miguel, nada deu certo. Portanto, acho que a cinematografia de língua portuguesa voltou a ser um mito que deverá ser novamente reconstruído. Sob suspeita de tuberculose, logo fala-se em broncopneumonia, Glauber Rocha sem ter consciência de que está muito mal e apesar de estar no oxigênio e um pouco sem fôlego, faz comentários exaltados sobre a oposição e discursos sobre a *dialética da enfermidade*. Quer voltar ao Brasil para evitar que Golbery saía do Governo.”

"Um dia recebo um telefonema me convidando a participar de uma reunião no hospital juntamente com a Paula Gaétan, o João Ubaldo Ribeiro, o Jorge Amado e a mulher, dois médicos e o embaixador do Brasil. Ficou decidido que ele seria mandado para o Brasil. E agora é que eu vou abrir o bico: eu ouvi tanta besteira nesta reunião! Só se falou em drogas, com uma argumentação absolutamente primária. O hospital era muito conservador. Fazia um calor insuportável e o Glauber saía sem roupa pelo corredor. Ele era um personagem que agitava o hospital. Glauber estava um pouco inchado, com o aspecto horrível. A vinda dele para o Brasil foi decidida muito mais em função da coisa antidroga dos médicos portugueses do que por qualquer outro motivo." **(CARLOS MARQUES)**

26 DE AGOSTO – RELATÓRIO SOBRE A DOENÇA DE GLAUBER

(CHRISTINA AUTRAN ESPECIAL PARA O ESTADO DE S. PAULO)

LISBOA – As condições de internamento do cineasta brasileiro Glauber Rocha no Hospital da CUF antes de seu embarque par ao Brasil onde morreu no dia seguinte à sua chegada, continuavam repercutindo em Lisboa onde os noticiários das rádios comentavam as informações publicadas em alguns jornais brasileiros em que se incriminava a equipe médica e o hospital que deram assistência a Glauber Rocha. Mas também os membros da administração do hospital e os médicos que atenderam o cineasta rebatiam as críticas que receberam através desses mesmos programas de rádio e de televisão.

Henrique Mello, da Administração do Hospital da CUF, onde Glauber estava internado, negou que o hospital pudesse ser responsabilizado pela internação do cineasta. “O realizador cinematográfico ocupava um dos quartos do hospital como doente externo – há dois tipos de internamento no Hospital da CUF, um onde o hospital oferece toda a sua equipe e outro tipo de

internação onde somente são oferecidas as condições de infraestrutura e os médicos não pertencem aos quadros do hospital – e era tratado pelos médicos César Abel e Fernando Rodrigues. O administrador disse ainda que o “enfermeiro que acompanhou Glauber Rocha o Brasil, levava consigo não um relatório, mas vários”. Um deles era de autoria do dr. César Abel e outro estava a cargo do catedrático Aires de Sousa, entre eles uma tomografia computadorizada, análises bacteriológicas e outros elementos.

Glauber foi assistido em Portugal pelos médicos César Abel e Fernando Rodrigues, que participaram de um noticiário da televisão na noite ontem e informaram que enviaram junto com Glauber um relatório resumido, devido à falta de tempo para a elaboração de outro mais completo, já que a viagem foi antecipada em um dia. Nesse relatório, foi mencionado um componente pneumônico e também a presunção de Glauber Rocha estar sofrendo de uma doença muito grave que não poderiam revelar devido ao sigilo profissional. Disseram, no entanto, que “para bom entendedor, meia palavra basta”.

– Prontifico-me a mostrar para qualquer médico uma fotocópia do relatório, dentro do segredo profissional. O relatório foi reduzido, mas correto.

O dr. Fernando Rodrigues disse ainda que no fim desse resumo do relatório, a equipe de médicos que assinou informava aos seus colegas brasileiros que estavam à sua disposição para qualquer pergunta complementar, fornecendo-lhes nomes, residências e telefones de casa e dos consultórios. O médico queixou-se de não ter recebido nenhum telefonema e lamentou a “campanha levantada sem bases por uma imprensa sensacionalista”, reiterando que continua à disposição dos seus colegas brasileiros.

– Se não recebemos um só telefonema, presumimos que os médicos brasileiros tenham ficados satisfeitos com nossas informações.

O dr. Fernando Rodrigues disse também que Glauber levava consigo os resultados de uma tomografia feita pelo dr. Aires de Souza, confirmando a existência de massa de alta densidade e no pulmão direito. Para ele, a equipe de médicos possui um documento assinado pela mulher de Glauber rocha responsabilizando-se pela decisão de transferi-lo.

– Os médicos teriam-se oposto à alta, caso o doente não estivesse em condições de viajar. Fomos procurados por pessoas muito amigas do paciente que foram explícitas ao explicar a situação de sua família no Brasil, que queria tê-lo perto. O doente estava em estado grave, mas não corria risco pelo fato de ser transportado.

Jorge Amado, grande amigo de Glauber Rocha, morando atualmente em Lisboa, disse ontem estar “arrasado” com a perda do amigo: – “Sinto-me vazio. Acompanhei Glauber desde o momento em que ele foi para Sintra e depois quando veio para Lisboa. Ele viveu muito a própria doença, acompanhou a evolução da enfermidade. Era um homem quem todos os momentos esteve voltado para o Brasil, para os problemas brasileiros, vivendo cada coisa que acontecia lá, como por exemplo a demissão do Golbery. Glauber teve uma reação forte e chorou. Estava muito preocupado com as coisas brasileiras, com os problemas.”

Segundo Jorge Amado, houve um momento em que “Glauber aprecia bem melhor e estava muito satisfeito porque os críticos ingleses tinham gostado do seu último filme, *Idade da Terra*.”

Glauber estava extremamente contente, dizendo que o filme ia entrar no circuito comercial na Inglaterra e nos Estados Unidos. De sua cama de enfermo no hospital, ele acompanhava as coisas.

Jorge contou que passou uma semana fora e, tendo voltado para vê-lo, achou que Glauber havia piorado.

“Achei-o muito abatido, pálido demais. Estava lívido. Foi aí que sua mulher me disse que tinha decidido voltar par ao Brasil com ele e que os médicos haviam concordado com sua ida. Embarquei par ao Norte na quarta-feira pela manhã, cedo, sem ainda saber o dia do seu embarque. E aí já foi o fim.”

Jorge Amado acrescentou ainda que “foi testemunha da constante atenção e interesse do embaixador e do cônsul do Brasil, que deram a Glauber toda a assistência”.

DIPLOMATA BRASILEIRO RELATA NOTA DA JUNTA

(FÉLIX BAPTISTA DE FARIA, CÔNSUL GERAL – FOLHA DE S. PAULO. 22 DE MARÇO DE 1986)

1. Em adiantamento ao telegrama nº 227. Encaminho, em anexo, cópia do comunicado que a junta médica, que atendeu a Glauber Rocha, distribuiu, com relação ao noticiário que está sendo divulgado a respeito de sua atuação.
2. No parágrafo 2º do comunicado, é mencionado, pela primeira vez nessa política, a questão de drogas alheias ao tratamento, e que o dr. Cesar Abel me confidenciou que constava do relatório escrito aos médicos brasileiros (“além de fatores exógenos atuando desde há muito longa data no sentido de enfraquecer as defesas orgânicas do doente”).
3. Na reunião em que participei, referida no ofício nº 252, os médicos declararam que seu diagnóstico era inconcluso, porquanto a viagem de Glauber Rocha interrompera a série de exames programados, dentre os quais uma punção pulmonar para a biopsia da massa acusada no pulmão direito pela radiografia computadorizada, mas não levada a efeito porque as sequelas incomodariam o paciente numa viagem imediata. Acrescentaram também que a radiografia computadorizada não pode chegar ao abdômen em virtude do estado de fraqueza do enfermo, o que os levou a interrompê-la. Mas a junta médica acredita que essa massa seja metástase de tumor cerebral.
4. Os médicos afirmaram também que quando tomaram medidas enérgicas par impedir o fornecimento de drogas ao doente estranhas ao tratamento, o mesmo adotou uma atitude negativa, negando-se a comer, o que os obrigou a alimentá-lo com soros.
5. Desejo registrar que os médicos que atenderam a Glauber Rocha demonstraram uma grande dedicação e enorme interesse pelo doente, se reunindo diariamente e até mais de uma vez no mesmo dia para examinarem a evolução de seu estado de saúde. Telefonavam-me com frequência para informar-me dessa evolução, avançando até aonde a ética profissional permitia. As informações que tenho recolhido tanto sobre o dr. Cesar Abel, como o dr. Fernando Rodrigues são as de profissionais respeitados e com elogiável curriculum vitae. Não me julgo contudo habilitado a avaliar a qualidade do seu trabalho profissional.

20 DE AGOSTO

Glauber Rocha em estado de coma, é trazido para o Brasil.

21 DE AGOSTO

Rio de Janeiro, depois de 13 horas, sem soro e negligentemente assistido, uma vez acompanhado apenas por sua família e um policial nas funções de enfermeiro, chega ao *Galeão* ao amanhecer de sexta-feira. Ao vê-lo, o médico Pedro Henrique impede sua transferência para o hospital, exigindo que antes passasse pelo ambulatório do próprio aeroporto. Transportado em ambulância do aeroporto Santos Dumont, para o Centro Médico Bambina, em menos de uma hora, verifica-se a origem do mal, constatando, que a “broncopneumonia” instalara-se no organismo do cineasta há quarenta dias, aproximadamente. Mas, certamente, ele vinha sofrendo de septicemia (estado infeccioso em que há no organismo um ou diversos focos, que lançam periódica ou continuamente, os germes no sangue) nos últimos cinco dias ainda em Portugal, mas ninguém se refere ao fato no relatório dos médicos portugueses. Nada pode-se fazer.

Corredores frios de hospital e febre alta, Glauber Rocha sua muito e pergunta outra vez por sua mãe, dona Lúcia, seu corpo está nu e os tubos de borracha entram-lhe pelo nariz, ele parece o Cristo do Terceiro Mundo, visto de baixo, dos pés da cama, e lá no ar seu queixo ergue-se tentando engolir o ar da orla. Na cama da agonia apertam-lhe a mão e os joelhos,

querendo impedir que ele vá, a luz que não queríamos que extinguísse rumo ao túnel junto com o mistério e as profecias de um Brasil sensível e popular que recentemente expira. Na parte da tarde, Glauber Rocha está inconsciente, em estado de coma. Olhos pisados, desalento, ombros caídos, e suas últimas palavras referem-se aos filhos.

SÁBADO – 22 DE AGOSTO

Vinte e quatro horas depois de chegar ao Rio de Janeiro vindo do aeroporto de Lisboa, Portugal; Glauber Rocha aos 42 anos falece em Botafogo, os últimos carinhos pela porta entreaberta. No relógio 9h20.

O diagnóstico é complicado, envolve pericardite, tuberculose e câncer. Causa mortis: septicemia embolias pulmonares múltiplas, choque bacteriano.

Vinte e quatro horas antes, os médicos portugueses tranquilizavam Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro:

“Podem usar o fim de semana, que ele está muito bem.”

Glauber Rocha, morto/vivo. Consenso tirado, união. Assistimos ao formidável enterro de sua última quimera.

“Onde estão as cópias em 16mm dos seus filmes?” Correria, a distribuidora da Embrafilme aberta na marra. Todos velando seu corpo no Parque Laje enquanto uma tela improvisada sobre cavaletes mostra as imagens de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Terra em transe*, *Barravento*. Tentou-se uma cópia de *Di*, o filme sequestrado e confinado no *MIS*.

Resolve-se filmar o velório, o gaúcho Silvio Tendler recebe a missão dos colegas Cacá Diegues e Joaquim Pedro Andrade de dirigir as filmagens do velório e do sepultamento de Glauber Rocha.

Silvio Tendler, Walter Carvalho, Fernando Duarte, Cristiano Maciel e John Howard, revezam-se atrás de três câmeras, em 16mm capturando o clima de emoção e tristeza que abate a classe cinematográfica brasileira naquela manhã. 200 minutos de filme rodado, que mostram a tensão e as situações surrealistas que marcaram o velório e o enterro do cineasta.

Exibe-se o vídeo de José Carlos Asberg, onde Glauber Rocha acusa todos os cineastas de o traírem. Então a câmera filma vários deles, que riem nervosamente com seu caixão ao fundo. Só mesmo alguém como Glauber Rocha poderia fazer as pessoas rirem daquela maneira num enterro que é o seu. Seu sorriso de ironia é coberto por um poncho, pés descalços, no pulso uma fita do Senhor do Bonfim.

Cada um exorcizava a dor de uma maneira própria. Bilhetes, poemas. De acordo com Paula Gaétan: “Glauber, era como se sabe, um guevarista. O curioso é que também começou a morrer numa espécie de foco: em Sintra estávamos isolados. Por isso fiz questão de colocar a foto de Che no caixão”: – “Como Che, Glauber era a vida, não era a morte.”

Paloma, a primeira filha de Glauber Rocha, chora debruçada sobre o caixão logo que o cortejo se prepara para deixar o Parque Lage, ergue os braços e despede-se do pai.

Quase todo mundo que foi chorar sua morte, para aparecer no Jornal Nacional, não falava com ele em vida. Achava que tinha ficado maluco, chato, impertinente e discursivo.

Rua Jardim Botânico, o cortejo fúnebre leva uma hora e 15 minutos para chegar ao cemitério, transforma-se numa passeata política e cultural, acompanhada por cerca de 300 pessoas, a única homenagem que os amigos sabiam que agradaria ao cineasta.

Uma dor calma, aguda, passos lentos e conversas sussurradas.

Sol de meio-dia, a “Quinta Bachiana” na voz de Maria Lúcia Godoy. O caixão desce ao túmulo nº 4988-A, aleia 12 do Cemitério São João Baptista e cerca de oitocentas pessoas vão embora.

E a morte, de repente, apaga toda crítica da cabeça de quem o apedrejou. Escreveu, Wilson Cunha.

Os jornais falaram muito pouco sobre a chegada de Glauber Rocha ao Brasil, o Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde e Folha de S. Paulo anunciaram em notas escondidas, frias e objetivamente, sua internação no Centro Médico Bambina, os destaques eram: o novo filme de Tarzan com Bo Derek e a malfadada visita do mito Godard na Fau (USP). Enquanto na notícia Glauber é apenas tratado como “cineasta” ou na terceira pessoa, na notícia sobre Godard, elogios fartos como “mito” pontilhavam a matéria.

Só perceberam a importância de Glauber Rocha quando ele morreu. Fato consumado, destacaram a notícia em primeira página e o consagraram o maior cineasta brasileiro e nas entrelinhas especulavam as possíveis causas, falavam de overdose, buscando testemunhas portuguesas e anos depois os mesmos jornais voltaram a especular desta feita, Aids!

Em vida, poucos jornais brasileiros o ajudaram ou o elogiaram. Só criticaram. Afinal, como um *Santo Guerreiro* pode ser mais importante que os estrangeiros, na sua casa?

Com o título *A morte do cineasta Glauber Rocha*, o jornal francês *Le Monde* anuncia Glauber Rocha na primeira página como “um poderoso inovador, um grande artista brasileiro, na alma e na consciência” e na matéria *A serviço da Revolução* em quatro colunas, diz o jornal que, quem o acompanhou à última morada – escritores, cineastas, atores e cantores, artistas brasileiros de todas as classes – prestou a Glauber Rocha a melhor homenagem que ele teria desejado: “realizar uma espécie de união sagrada em torno dele, que simbolizou o amor louco por sua pátria, O Brasil e, para além do Brasil, da América Latina, explorada a sangue e fogo”.

O jornal *France Soir*, destaca em título: *Morto aos 42 anos, Glauber Rocha era um dos renovadores do cinema brasileiro* e lembra o que foi a carreira do desconcertante realizador de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, que ganhou o *Grande Prêmio da Crítica do Festival de Cannes*, com *Terra em transe*. “Glauber Rocha – conclui – ficará como uma das grandes figuras do cinema contemporâneo”.

Libération dedica-lhe uma página inteira, tendo como título *A morte de Glauber Rocha*, e logo abaixo: “Genial e modesto, o mais conhecido e – sem dúvida – o maior dos cineastas brasileiros estava um pouco esquecido. Cinema Novo, Tropicalismo, Tricontinentalismo estão distantes. Ele, Glauber Rocha, não esquecia nada”. Uma grande foto de Glauber ilustra a matéria. *Le Quotidien* disse em título: “Os cineastas voltam a morrer, No Brasil. Glauber Rocha, pai do Cinema Novo”.

O tabloide nova-iorquino *Village Voice* credita-lhe profunda influência no cinema internacional por seus ensinamentos, seus escritos e seus filmes. Nos Estados Unidos o maior exibidor cinematográfico independente Daniel Talbot, anuncia que seu mais novo cinema se chamará Glauber Rocha. O diretor Francis Ford Coppola lastima sua morte em nome dos “amantes do cinema, que também sofreram uma perda”. O ministro da cultura de Cuba, num telegrama à família do cineasta afirma que a obra de Glauber Rocha enriqueceu a cultura latino-americana, a revista *Cahiers du Cinéma* e o presidente Figueiredo enviam telegramas de pesar à viúva do artista, Paula Gaétan, lamentando a sua morte. Os sucessos profissionais de Glauber Rocha fazem o ministro Rubem Ludwig, da Educação e Cultura lamentar profundamente o seu desaparecimento. O governador Paulo Maluf dá o nome de Glauber Rocha à escola estadual de primeiro grau do Jardim Ipanema, localizada no município de Guarulhos, em São Paulo. O Senado Federal realiza uma seção em homenagem ao cineasta. Homenagens e apreços que confirmam mais uma vez, seu prestígio e fama internacionais.

Miguel de Sá da Bandeira, ex-diretor do Instituto Português de Cinema, demitiu-se do cargo quando Glauber morreu, escreveu um artigo no jornal *Expresso* acusando o ministro de tê-lo assassinado.

“Meu ídolo político é Napoleão Bonaparte.” **(GLAUBER ROCHA)**

•

Conheci o Velho Conic em 1981, frequentei o Jegue Elétrico, o primeiro sebo de Brasília, tocado pelo palhaço-jornalista Ary Para-raios e no balcão de venda o Válter, que me olhava desconfiado por passar horas em pé dentro da loja folheando livros da contracultura no original em inglês, especialmente Allen Ginsberg. Compramos os LPs *Clara Crocodilo* e *Quando a sorte te solta um cisne no meio da noite* e, lógico, discos de Arnaldo Baptista e Itamar Assumpção. O Conic é mais teatral devido a Dulcina, mas também já foi profundamente literário. Outra grande figura foi o jornalista Wanderley Lopes Pinho, que editou o jornal Rajneesh, posteriormente a revista *Transe* e por último o tabloide Fogo Cerrado. Suas publicações atingiam marcas fenomenais. Conheci Renato Matos no restaurante-alternativo Cheiro Verde onde recolhíamos esses exemplares. Na filial da Presença, reuniam-se os bardos e onde encontrávamos as edições de *Morangos Mofados* e *Feliz Ano Velho*.

6 A 12 DE JULHO

Assisti o filme, *Magical Mystery Tour* no Teatro Galpãozinho.

AGOSTO – SEPULTURA

Veja o mundo te alucina / Te apavora e te extermina / A morte parece chegar / Deixe de ser materialista / Olha a lua como é linda / Te abre os olhos para amar / Loucura, imperfeição do homem / Vê como luta contra a fome / Mata e rouba pra viver

Eu descobri o rock pesado durante um concerto do Sepultura na quadra da Aruc, no Cruzeiro. Em julho, assisti ao filme, *Magical Mystery Tour*, no Galpãozinho e no mês seguinte (setembro) aconteceu, O Inesquecível, *Rock Cerrado!* Com Mel da Terra! Walter Franco, Baby Consuelo e Pepeu Gomes, Raul Seixas, Robertinho de Recife e Roupa Nova!

"Meu primeiro show no Sepultura foi no *Panelão da Arte*, na 312 Norte. Eu tocava bateria, Robson contrabaixo; Eduardo na guitarra, Magu Cartabranca no teclado e Cláudio Acioli Figueiredo nos vocais, era 1981. Ivo veio do Rio de Janeiro e estava desempregado, meu pai arranhou emprego para ele que morava lá em casa. Era meu professor de bateria, na época ele tinha uma Pinguim. Com o assassinato do Cláudio Acioli no Pará, como eu sabia as letras, passei a ser o vocalista e a estreia foi na Danceteria Kremlin, Cruzeiro Velho. (...)

"Sepultura foi a minha primeira banda, foi uma escola. Aprendi muito com a banda e vestia a camisa. Ajudava nas letras, voz, instrumentos, tudo, amava tocar na banda. O nome era muito pesado, Sepultura e naquela época era difícil manter um nome como este, ditadura militar, sem falar que éramos todos muito loucos. No primeiro show que iríamos fazer no auditório do Ginásio do Cruzeiro: *Rock Ensino*. O show nem havia começado, já tinha algum público. De repente, chegou um caminhão cheio de PMs. Deram uma geral e encontrar maconha num tubo de charuto. Acabaram com o show e fomos todos presos, levados em cima do caminhão da PM. Depois fomos liberados". **(IZAMAR MENDONÇA)**

"E ESSA FLOR QUE NASCE COM SERENO, TOME CUIDADO ELA PODE SER VENENO"

"Essa música, 'Cogumelo', era parte do repertório que a turma da minha rua no Cruzeiro cantava nas madrugadas. A primeira vez que lembro de ouvir, foi na esquina do 'prédio' único edifício alto que havia no Cruzeiro dos anos 1980. Acharmos ousado e irreverente. E não tínhamos noção se fala de drogas. Apenas iam em consonância com as questões da juventude e era som rock'n'roll com solos, bateria forte, baixo intenso, era tipo um complemento 'hard' da 'Pequena Mágoa' do Mel da Terra. Tinha a letra escrita em um diário, perdido no tempo. Não consigo me recordar da letra toda hoje." **(LI LA).**



"Ela não era do Sepultura. O Robson, baixista que ficava cantando ela."

(IZAMAR MENDONÇA)

23 DE AGOSTO, A GALERA DA QE 32 NO 'ROCK CERRADO'

Presenciamos *O Woodstock do Cerrado!* Com Mel da Terra! Walter Franco, Baby Consuelo e Pepeu Gomes, Raul Seixas, Robertinho de Recife e Roupa Nova!

Belini, irmão do Guilherme, jogador profissional de futebol, pediu ao repórter que a sua foto saísse no jornal. Foi o que rolou na segunda-feira – e o cara de trás é o Hudson Gomes.

"Creio eu que o primeiro da esquerda para direita é o meu irmão Delinho".

(NARDELLI GIFONE)

Eu vi Raul Seixas ao vivo! Eu tinha 17 anos e ainda estudava e andava sozinho para evitar encrencas desagradáveis segundo o paladar moral de minha família. Depois, acho que foi na escola à noite que falamos do show dele!

WALTER FRANCO NO ROCK CERRADO

Seu guitarrista mandou muito e foi a primeira vez que vi/ouvi alguém mandando na guitarra. E seria assim: guitarristas fenomenais, que **eu vi** em apenas uma apresentação e jamais descobri seu nome – alguém os conhece?

27 DE AGOSTO A 2 DE SETEMBRO –

PASQUIM

Glauber morreu Céu em transe

1981

Essa foto é do arquivo da Mônica Sebba, moradora do conj. D da QE 34, ela têm outras fotos desse dia. Nela aparecem: Ike, o falecido irmão do Bú (cêtaai?), a alta, Mônica Sebba, dom Bastos, Guel de Guilherme e Fernando Glu-glu. Bastos já trabalhava e ainda não era do Sindicato do Reggae comprava uns discos que depois de ouvidos se ele não gostava os jogava na minha mão, nem pensava em grana de imediato: "Depois você me paga". Assim conheci o primeiro do Pink Floyd que veio com outro *A Saucerfu of secrets!*, num álbum duplo com um sapo saindo da boca na contracapa. As revistas haviam falido, a Somtrês quando não falava de Stones, Made in Brazil e Beatles tocava de leve na nova onda inglesa do heavy metal. Eu e Nardelli e muitos outros, sacando a escassez das informações, migramos para jornais como Correio Braziliense e O Globo. Fernando Neves, da QE 32 que estagiava na CEF retornava depois do almoço com vários cadernos culturais de jornais do eixo Rio-SP – assim a informação rolava. Nesse tempo, guardávamos as páginas inteiras e picotávamos as folhas. E



com Guel visitávamos a casa das primas até que elas pintaram armadas na praça da QE 32 querendo receber o cachê delas. Era domingo, seis da tarde eu ia na padaria comprar pão e elas e a rapaziada atrás da grana – foi nesse dia que o saudoso Alex, irmão de Doca esquentou a

orelha de quem passara o cheque sem fundo – detalhe ao fundo a Merceria do seu Lula,

28 DE AGOSTO, CORREIO BRAZILIENSE

*"Infelizmente, Glauber morreu com uma má informação. Nós não recebemos os 11 milhões do Delfim, como ele diz. No mais, nossa situação é como a dele, só que estamos vivos e ele morto. Muitos pensam (como Glauber) que o Oficina tem dinheiro. Mas não. Nossa situação é cada

31 DE AGOSTO – VISÃO

Morre Glauber

O fim no Brasil, aos 42 anos.

2 DE SETEMBRO – ISTO É

Gênio da raça

Histórias de Glauber Rocha, o artista das metáforas. De sua infância inquieta às turbulências políticas, do desencanto estético à morte patética, inexplicada.

- *A grandeza do dragão* – **VEJA**
- *Glauber Rocha O drama e a glória de um artista* – **MANCHETE**
- *Glauber Rocha a serpente no ventre da ovelha* – **MANCHETE-CARLOS HEITOR CONY**

6 DE SETEMBRO – MOVIMENTO

Um gênio intocável?

- *A um gênio tudo se desculpa, até mesmo o direitismo?*

REPRISES

DEPOIMENTOS DE GLAUBER ROCHA (LUIS MARIANI) Curta-metragem.

ABECEDÁRIO (MANUEL CARVALHEIRO) Curta-metragem.

Realizado em Paris a partir de depoimentos e reforçado por letreiros, o vídeo experimental, feito pelo diretor português, mostra um Glauber Rocha movimentando-se com dificuldade e respondendo às perguntas de forma lacônica, amarga: – “Não precisa fazer filmes, está tudo nos livros. Eu só aceitei fazer este filme porque você é meu amigo.” Sobre Eisenstein: – “Se aburguesou, ficou tentado por Hollywood.” De repente, pega uma bisnaga na mesa e fala que um camponês brasileiro não come nem aquilo. Sobre o psicanalista Jacques Lacan: – “Qualquer pai-de-santo de terreiro no Brasil sabe mais do inconsciente do que Lacan. Irônico: Quem saca estas coisas de cinema é o Godard – que é suíço, entendeu?”

SINTRA IS A BEAUTIFUL PLACE TO DIE (PATRICK BAUCHAU)

Vídeo-documentário caseiro, 90 minutos com as últimas imagens de Glauber Rocha feito em abril ou maio de 1981, durante um almoço na sua casa.

Previsto para ser incluído no filme, *O Estado das Coisas*, de Wim Wenders, o vídeo acabou rejeitado na montagem.

Apesar da precariedade técnica, o ator belga Patrick Bauchau argumentou que se tratava de um documentário histórico ao tentar vendê-lo inicialmente por quatro mil dólares a Antônio D’Avilla, representante da Embrafilme em Paris, que regateou durante um ano, até fechar a transação por 1.500 dólares.

“Agora podemos conversar, podemos falar da morte. Diz Glauber no primeiro plano. (...) Sou suficientemente forte para sair dessa. Só tenho medo da morte estúpida, por exemplo, morrer assassinado. Mas morrer num processo revolucionário não é problema.(...) Meu psicanalista sempre fala que a minha doença não é física, mas sim uma multiplicidade de desejos. Meu corpo é partido como a *Guernica* de Picasso (...) O marxismo é uma filosofia anarquista, pois vem de uma sociedade sem Estado e sem classes. Eu sou anarquista e não monarquista, sou partidário de Orfeu e não de Narciso. Narciso é o fetiche da extrema direita. A vaidade é a grande razão de todos os crimes, de toda a brutalidade humana e da frivolidade. (...) Stálin foi genial. Foi justo. Ser contra Stálin é bobo. Toda a direita intelectual que se passa para a esquerda detesta Stálin. (...) Eu não gosto mais de movies. I move but I don’t like movies.”

Glauber Rocha que aparece com um abajur o tempo todo além de afirmar: “Sintra is a beautiful place to die”, para o visor da câmera, ao final segura a lâmpada do abajur e diz: “Nick Ray is a gay decadent... Welles is the only genius!”

GLOBO REPÓRTER GLAUBER MORTO/VIVO (EDUARDO COUTINHO E JOSÉ CORDEIRO)

Excepcional homenagem e direção geral de Paulo Gil Soares, este especial é a matriz de várias imagens usadas em outros documentários. São depoimentos de Calazans Neto, imagens do colégio Dois de Julho, inauguração do Cine Glauber em Salvador com a presença de Antônio Carlos Magalhães, as excepcionais entrevistas e flashes informativos desde o óbito no Centro Médico Bambina à vigília e o enterro de Glauber Rocha, a dor e a emoção de dona Lúcia Rocha, imagens que fornecem um tom do que será Glauber, o filme de Silvio Tendler, que teve o áudio das fitas perdido.

OUTUBRO – JORNAL DE LETRAS

SCLIAR: QUARENTA ANOS NA LIDA COM TINTAS E PINCÉIS

O pintor Carlos Scliar está completando quarenta anos de ininterruptas atividades artísticas. Quarenta anos de fidelidade à pintura, no manejo constante das tintas e dos pincéis, levando às telas a expressão de seu extraordinário poder de criação e de comunicação visual, Scliar, que nasceu no Rio Grande do Sul em 1920, já realizou inúmeras individuais, participou de memoráveis coletivas. Não tem conta o número de prêmios importantes que já conquistou e reflete o reconhecimento dos méritos de sua obra como contribuição à arte contemporânea brasileira. De sua autoria são as belas ilustrações de bons livros de autores nacionais. Recentemente realizou uma grande mostra no Solar Grandjean de Montigny, com telas

representativas das várias etapas de sua pintura. E vinte telas do seu ciclo de Ouro Preto, famosas, conjunto ameaçado de dispersão, foram adquiridas a alto preço por um colecionador, empenhado em incorporá-las à sua valiosa pinacoteca.

4 DE OUTUBRO – SÃO PAULO 6 X 2 PALMEIRAS

Paulista de 1981 – O gol de Mário Sérgio segundo tempo 13 minutos. Mário Sérgio inicia o calvário verde... e o conclui, ele mesmo, aos 24; cinco gols em onze minutos.

7 DE OUTUBRO – VEJA

O Renascimento

Stones voltam ao circuito e batem records

SEBOS DE BRASÍLIA

Na Asa Norte, existia O Sebo talvez o primeiro descontando o Antiquário Fortaleza II (Banca) que ainda é na 511 Sul. No SCS, Banca de Livros usados. Cope Livros e revistas (matriz 409 Norte e filial, 715 N), Flor das Águas 406 N, Lendo e Pintando, 309 N, Livraria Antiquário, 108 S, Livraria do Chico – Livraria do Imaginário, UnB Ala Norte, Livraria Pindorama, 505 S, Samarcanda – Locadora de livros, 207 S e Sebinho de Livros, 406 N. Do Guará para se chegar à Asa Norte embarcava-se no Executivo, uma linha que só tinha uma porta e a passagem era caríssima. Quando inventaram o vale-transporte, tornou-se possível ir a outros pontos de Brasília, estudantes do Guará que estudavam no Guará não tinham direito a passe estudantil.



FUSÃO NA 102 SUL

Bahia na bateria, Marco Canto nos vocais, Franco no contrabaixo, Renato na guitarra e Ana Paula na flauta – me arrisco a dizer que a canção é "Stairway to heaven", então já temos duas andas de hard rock em 1981: Sepultura e Fusão e no próximo ano aparecerão outras como a Fallen Angel.

1982

PODE ROÇAR A LÍNGUA NOS LÁBIOS

Não sei, até hoje, se fã e crítico entendem de música. O ano de 1982 sempre foi a minha cápsula do tempo. Ainda compro revistas desse ano e guardo coisas da época desde o início do fanzine em mostruários e sei que a copa do mundo de 82 foi disputada na Espanha e Argentina e Inglaterra estavam em guerra e que foi o ano que Elis Regina nos deixou.

Em 1982, os flyers digitais eram chamados de filipetas. Trabalhamos com os artistas de rua, um pessoal totalmente independente de academia, universidade – uma geração que experimentava o boom da xerox, da pornografia e serigrafia.

Joe Perry Project uma ode à insanidade – o boogie woogie branquelo travou as nuvens no céu da boca. O melhor som de guitarra é quando ela engasga. *I've got the rock'n'rolls again* é o segundo LP desse projeto e, na minha visão, um dos mais perfeitos discos de rock'n'roll de todos os tempos desde Eddie Cochran. O rock'n'roll desmunhecava. Era necessário devolver a masculinidade e o orgulho ferido aos fãs. E esse disco foi a luva de boxe que nocauteou as caixas de som. Frutos da MTV, os dois clipes de "I've got the rock'n'rolls again" e "East Coast, West Coast" chegaram ao Brasil porém o disco jamais chegou e mesmo assim inspirou o surgimento de várias bandas de hard rock tocando nos subúrbios. A energia do *Never Mind the bollock* a descarrilhada do AC/DC, tudo na origem dos blues pesados – baladas elétricas –, rocks de mercenários, de homens famintos com o timbre negro das estações de trem e do linguajar do rap de nova-iorquino. Depois desse disco, não precisaríamos de mais guitarristas.

.....

Fernando Neves, da QE 32 que estagiava na CEF retornava depois do almoço com vários cadernos culturais de jornais do eixo Rio-SP – assim a informação rolava. Nesse tempo, guardávamos as páginas inteiras e picotávamos as folhas.

NO NINHO, EU ERA O ENXERIDO...

Em alguma noite, passamos um pedaço dela juntos: eu, Roberto e Sueli. Depois das cervejas, desceram a ladeira juntos, ela sempre de olho nele... Na manhã seguinte, seminu, saí da cama para interceptar Roberto na escada de casa... Descemos, Roberto estava *agitadaço* pois queria que uma coisa dele fosse devolvida e essa coisa teria sido subtraída dele à mando meu.



Roberto me deu prazo até o meio-dia! Isso significava uma encrenca gigante. Liguei para Sueli e não fui nada gentil com ela: "Traga, Sueli! Uma mulher de boca grande e larga, desceu a mesma ladeira entre a 30 e a 32. Estava numa saia branca curtíssima". Pensei comigo: "Será que ele vai gostar?".

"Tá feliz, hein, Sueli?" A noite foi boa! Agora me responda com mil diabos "Por que você sequestrou o 38 do Roberto?", "Fiquei com medo de ir para casa sozinha e levei a arma"! Sueli carregava o 38 dentro de uma bolsa branca presa pela axila. O problema maior foi resolvido. Duro foi contornar, em casa, o Roberto em transe na escada. Mas nisso eu sou craque com as palavras.

.....

Na banca da QE 34, Stanley vendia jornais e revistas (hoje ele trabalha em hospital). Ali na banca ocorreu um fato que jamais esqueço: deixei lá o *Disco do sofá* do Frank Zappa e desde então, passados quase quatro décadas, jamais reencontrei esse disco. Nessa quadra do Guará tudo aconteceu. Foi onde eu conheci os amigos mais nobres e próximos. O balanço é altamente favorável QE 34 balança o meu coração.

Os rockeiros nacionais foram os primeiros a saltarem fora e moverem suas barcas no rumo da MPB. Shows não apareciam. Nas redações da capital, os velhos jornalistas culturais, conformados com seus dois empregos, não acreditavam no potencial da nova onda, pois desconheciam o que acontecia à distância de um litro de gasolina.

11 DE FEVEREIRO – JORNAL DE LETRAS

Fanfarras aos 60 anos da Semana de Arte Moderna de 1922

18 DE FEVEREIRO – JORNAL DO BRASIL

O Jazz moderno perde um de seus criadores – Thelonious Monk 1920-1982

ABRIL – JORNAL DE LETRAS

Trinta anos de carreira do cineasta, Walter Hugo Khouri

3 DE ABRIL – MANCHETE

Freud não era freudiano



10 DE ABRIL

Data do anúncio da separação dos Beatles, doze depois, eu começaria a encher as gavetas com apostilas de planos mirabolantes.

Esse tijolinho é de maio de 1982. Eu não tinha juízo ou estava muito envolvido na fantasia e caía na besteira de divulgar o telefone da Vidraçaria. Isso atraía malucos do mundo todo. Mas eu achava legal ter o tijolinho do Jornal do Rock. Tudo na maior das purezas e ilusões. Não sabia nada de Letras, patrocínio, mas esse era o jeito, e arrastava os amigos – uma aventura de 37 anos e cinco meses.

Devido ao grande fluxo de cartas trocadas com fãs de rock de vários

estados, entramos numas de rodar o fanzine. Arrumamos caixas de grampos, grameador, carimbo e uma resma. Envelopes foram conseguidos e, de vez em quando, até selos! Essa onda rolou porque Brasília era "Brasília a capital das máquinas xeroxs". Nosso fanzine sem patrocinador, revisor e nem colunas – aliás, no mundo dos adultos ninguém nunca tinha visto um fanzine e pensavam que seria um jornalzinho mesmo. Sem horizonte, sem aumento de tiragens, o que *f. Do Próprio Bol\$o* precocemente. Achava que a informação deveria ser de graça, pois não havíamos pago pelas cópias. Nessa época, emprego era de estagiário ou contínuo, nome geracional para office-boy do serviço público. Os que estagiavam na Caixa Econômica usavam um conjunto, ridículo: blusa de cambraia com camisa e calça na cor turquesa – alguns vestiam uma camiseta branca por baixo para a camisa do uniforme, aberta, passasse como um sobretudo descolado – o jovem no desalinho garboso da pobreza, desafiando as formalidades ocas do patrão.

E assim os amigos foram incumbidos de conseguir as cópias das folhas. Então, me lembro rindo! Flagraram (ou quase) meu melhor amigo tirando as cópias... ele teve que colocá-las dentro das calças. O bom foi que tivemos que nos instruir – estudar e aprender a escrever na tora e na base da bala. Que fique o exemplo para nossos filhos.

HEUSTÓRIA IDIOTA

Eu era analfabeto funcional e decidi fazer fanzines. Fracassei por que eu não fazia fanzines com anúncios e colunas. E foi um doce fracasso, porque tinha uma fama no Brasil e o Brasil era grande e só havia uma revista que falava em nós. E falaram nosso nome na TV local: Jornal do Rock e começaram a ligar no telefone da casa do meu pai pedindo discos para criticarem para o Jornal. A coisa ficou feia na época do *Rock in Rio* em 1985: recebíamos ligações a cobrar, nos mais diversos horários e de malucos de todos os pontos do país. Tive que acabar com o Jornal do Rock. Montávamos carimbos e descolávamos resmas. Algumas pessoas pensavam que tínhamos uma máquina de xerox e havia uma mina paulista, a Meire Tchu Girl, que foi ameaçada de ser processada pelos Correios porque ela desenhava infernos nos envelopes – fosse hoje ela seria crucificada.

24 DE ABRIL – JORNAL DE LETRAS

Morre aos oitentas anos o autor de 'Raízes do Brasil'

Morreu em São Paulo, aos oitenta anos, o escritor Sérgio Buarque de Holanda, que, pela obra que nos legou, ocupava lugar do maior relevo no espaço cultural do país.

8 DE MAIO, O REGGAE DA CADEIA

Pense em alguém pressionado à exaustão – esse era eu. Reprovei de ano duas vezes e desempregado. E agora eu tinha ido preso em plena ditadura – Minha mãe estava indignada e eu tinha que arrumar uma desculpa. Foi quando rolou esse matéria que aliviou, mas não limpou a barra. Em maio de 1982, com o reggae da cadeia, começava minha longa carreira de produtor de sonhos.

Em maio, deu no Correio, *Polícia interrompeu homenagem a Bob Marley*. Era a primeira matéria de duas, falando sobre resistência e cultura dos moradores da QE 32 quando passamos a noite atrás das grades. Neste ano, o fanzine soltou três edições. Em outubro, conheci Renato Russo e passei para a cruzada do roque nacional; em dezembro o fã-clubê estava nas páginas do Correio Braziliense e no Jornal de Brasília. Ah! E tinha televisão também. Devem existir rebeldes que ouviram falar do Jornal do Rock no Som Pop – o bom dos nomes é que eles fazem sucesso; sem um bom nome, sem matérias e exposições da alma.

Os quatro organizadores e mais o rapaz do Cineclube Gavião foram levados para a 4ª DP! Eu, o cabeludo dos dreadlocks, o professor de karatê e Serginho Vagabundo, que com uma inesperada *carteirada* da Aeronáutica escapou... Dormimos na jaula com as costas apoiadas na parede – no outro dia viram as marcas nas costas da minha camisa e falaram: "... passou a noite lá!". Difícil foi esconder o que eu não consegui da minha família. Na jaula, havia um pacto se mandarem a gente lavar a viatura, não aceitaremos essa era a nossa rebeldia.

Polícia interrompeu homenagem a Bob Marley

Uma programação cultural organizada com o objetivo de homenagear o cantor Bob Marley e que seria complementada com projeção de filmes e com uma sessão em homenagem às mães do Guará II - foi reprimida pela polícia no último sábado, sob a alegação de que os organizadores não tinham autorização para fazê-la. A festa transformou-se num tumulto que envolveu parte da comunidade da Quadra 32 e os organizadores - inclusive um menor - só foram soltos no dia seguinte, recebendo do delegado o conselho de que devem promover jogos de futebol, porque "música e cinema não são lazer".

Para algumas pessoas da comunidade a festa dedicada ao cantor jamaicano e às mães só foi interrompida pela polícia porque os organizadores consideraram ser suficiente a autorização verbal da Administração Regional. Mas a carta branca da Administração não foi suficiente para evitar que três dos organizadores e um membro do Cineclube, que



programou a exibição de três filmes sobre cultura africana, fossem postos no camburão e levados para a delegacia. Quando a programação musical foi interrompida para a projeção, conforme estava previsto, o público só assistiu a uns dez minutos de filme antes que a polícia chegasse.

A partir daquele momento a praça da QE 32 transformou-se num local de muita tensão. Segundo um morador que estava presente ao evento, "O pessoal foi posto no camburão e levado para conversar com o delegado. Ele alegou que não havia autorização da delegacia e advertiu que não é permitida aglomeração em lugar público", diz ele.

O morador disse que pouco depois foi comprovada a prisão do pessoal e a revolta cresceu entre pessoas da comunidade, fato que serviu para aumentar ainda mais a repressão policial. "Aí a coisa ficou feia, com a polícia cercando as ruas e revistando todo mundo, de metralhadora em punho", revela o morador.

Pra quem presenciava uma programação de lazer tão fundamental para um bairro desprovido de qualquer atividade desta natureza - conforme observa ele - foi lamentável que houvesse uma interrupção de maneira tão violenta. "Havia uma adesão total da comunidade, com jovens,

crianças e velhos sentados ao chão, felizes com o acontecimento, sabendo que ao final haveria uma festa para as mães. Havia faixas alusivas à data pelas ruas, existia um clima de festa". Ele explica que mais de mil pessoas disputavam um pedaço de chão para sentar, na expectativa de assistirem a todas as atividades da noite. "Houve um protesto geral pela interrupção", lembra ele.

Uma das pessoas presas informou que apenas um dos organizadores foi liberado na mesma noite, por ser militar. Os outros permaneceram presos até a manhã de domingo com o único objetivo de impedir que a programação fosse realizada, uma vez que não foram sequer identificados pela polícia. Na saída, foram aconselhados pelo delegado a organizar como lazer para a comunidade jogos de futebol e outras atividades esportivas, porque, na opinião do delegado "cinema e música não são considerados lazer".

Os homens chegaram – eu que já enfrentava as metralhadoras e baionetas na 34 fui lá ver qual era – nos pegaram, fomos interpelados pelo delegado de plantão por não possuímos autorização! O filme sobre o continente africano que era exibido na parede lateral do comércio foi cortado!

TARUGO NO CENTRO DA PRAÇA

O Sindicato do Reggae era perigosamente anti-Establishment – rebeldes – Dylan orava, Lennon cozinhava, Stones torravam a grana. Voz de protesto eram Zé Geraldo e Zé Ramalho. Naqueles idos, Raul era coisa de maluco, isso mesmo muito mais intensamente *maluco* do que hoje – e o Sindicato falava da filosofia do reggae debaixo das baionetas. Pichavam paredes e logo o capacho do delegado vinha e interpelava: "Foram vocês?". Era pau de dar em doido. No dia, no meio da praça eles colocaram como enfeite um imenso tarugo. Eu vi aquilo e falei "Vamos acender... não vai sujar?" O negócio ficou fumegante... e não sujou.

Essa foi uma das muitas. Na primeira nos levaram em cana...

MENTIRAS CABELUDAS ALADAS OU SAGRADAS MARQUE SHIS

Sou um arrivista: uma das primeiras manifestações culturais no Guará foi o time de futebol que se chamava UVA. Em 1974 havia Matuskelas tocando e vivendo de rock no Guará 1. Em 1978, havia a UVA que simplesmente inspirou os cabelos grandes e as festinhas, que ficaram para a frente, o quente era a *Era Disco*.

No final dos 70s, só existia uma banda de rock em atividade na QE 36, anos depois ela atrairia músicos de outras quadras. Na guitarra, Alberto. No Guará 1, havia Os Magrellos, primos dos primeiros punks da capital. Em 1981, na QE 30, aconteceu o primeiro lazer de praça dedicado ao reggae. E se fomos pela área geocronologia, o *Rock Cerrado* aconteceu em 1981, na área administrada pelo Guará.

No ano seguinte, desta feita na, QE 32 (maio de 1982), ocorreu a segunda e maior manifestação de praça com 3 mil pessoas! Neste recorte estão os organizadores. Depois tudo foi festa e moda. Mas o primeiro round foram nós que pagamos o preço, ao oferecer algo além do futebol antes da *Copa de 82* –, e outra: nosso evento foi oito meses! Antes mesmo do *Primeiro Festival de Música do Centrão* e outros festivais. Este texto se refere ao Guará! Nos seus 45 anos de heustória manipulada pela mídia.

Só quem sabe foi quem viveu de olho no furacão. A Polícia reprime o Sindicato do Reggae de Brasília – por fazer cultura ao invés de futebol. Ficamos de cócoras com as costas encostadas na parede da cadeia na 4ª DP. Saímos ao amanhecer e fomos tomar um café no boteco. Os caras ficaram gozando das marcas de sujeira em nossas camisas. Foi a primeira vez que saímos na imprensa com gostinho de quero mais.

Primeiro aniversário da morte do guerreiro Bob Marley: pá rolando, lazer de cultura na 32. O Sindicato do Reggae faz o seu segundo lazer e, naquela noite de sábado, reúne uma grande aglomeração. O trânsito parou e os meganhas ligaram pra delegacia. Fomos em cinco. Eu fazia relações públicas e havia um amigo mais velho mais apto, portanto, a falar com o delegado. E fomos nós fomos no fusca deste amigo e professor de karatê. Na delegacia decidiram que deveríamos passar a noite na cadeia. Por isso jamais ficamos sabendo como terminou esse lazer. Na hora da dura, o saudoso Serginho Vagabundo tirou o corpo dele fora pegou no bolso de trás uma carteira verde oliva com um brasão enorme: "Vocês não podem me prender." Delegado, civil, não entraria em rota de colisão com a Aeronáutica. Serginho saiu e foi dar a informação de que ficamos detidos até a manhã de domingo. Depois desse episódio, parecia que eu carregava uma placa com os números de identificação. Minha mãe ficou colérica: "desempregado, notas vermelhas e agora na polícia". Meu futuro era negro. Meu amigo Nardelli Gifoni Gomes que nunca se lembra dessas heustórias, soltou uma frase lapidar: "O Serginho sempre foi vagabundo". Assim foram os dias de rock e reggae que nos salvaram.

19 DE JUNHO – ZERO HORA

Arnaldo, o mutante que cuspiu na cara da morte

21 DE JUNHO – O GLOBO

Pete Townshend

– Não faz sentido se transformar em zumbi só para satisfazer fantasias doentes

28 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Público não viu a Cor do Som

Impedimento do show do grupo foi o grande incidente da Festa dos Estados, encerrada esta madrugada

A COR DO SOM: UMA FRUSTRAÇÃO GERAL

O concerto do grupo A Cor do Som, que poderia ter se constituído no ponto alto da Festa dos Estados, não passou de um enorme fracasso, deixando desapontadas milhares de pessoas e causando enorme prejuízo financeiro aos seus organizadores.

Por problemas com a aparelhagem de som, o espetáculo não pôde ser realizado na última sexta-feira, e foi adiado para ontem. Uma determinação da Secretaria de Segurança Pública, mandando interditar a Rampa Acústica do Parque da Cidade – local do show –, provocou, porém, o cancelamento da promoção. **(IRLAM ROCHA LIMA)**

30 DE JUNHO – VEJA

O mais longo reinado

Aos vinte anos de carreira, os *Rolling Stones* empolgam a Europa com um show digno de Hollywood.



3 DE SETEMBRO, PROSPECTO DO FICO

Telmo era o feliz proprietário do LP *Presence* e eu imaginava o que significariam aquelas figuras geométricas? Pesado demais, o LP agradava aos Magrellos. Nessa época, a crítica era suprema para mim e eu repetia: "sem inspiração". Por um bom tempo, Okky de Souza foi soberano e eu pensava "quem teria um nome desses?".

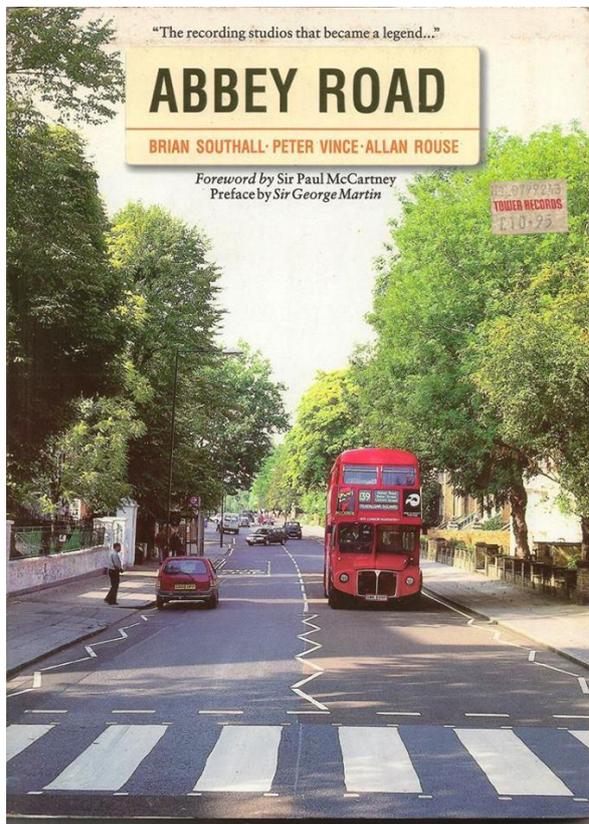
Atingimos a maioria e o letrista Telmo Martins, do Guará, foi lá ganhar festivais com suas letras e músicas – ele discordava de que lá estavam as *melhores cabeças*. Uma dezena de músicos amigos nossos começaram no FICO. Foi quando Geraldinho Hugney começou a tocar contrabaixo por que existiam poucos nessa categoria. Geraldo, colega de classe, direto coçava a ponta dos dedos

mostrando os calos.

3 DE OUTUBRO, JORNAL DE BRASÍLIA

Há vinte anos, o sonho começava

5 de outubro de 1962. Nas lojas de Londres, era colocado à venda o compacto simples de um conjunto de Liverpool. "Love Me Do" e "PS I Love You". Os primeiros sons da grande festa.



O Brasil era tão avançado que construía a sua própria Beatlemania. Além do disco comemorativo da Odeon dos 20 anos da banda, a discografia pirata dos Beatles estava à venda no mercado interno! E não sei ainda quantos fãs-clubes pipocaram. Tudo isso tinha começado em 1979 na revista *Somtrês*, com matérias sobre o Fã-clubes Cavern Club e anos depois, com a coluna *Beatles 4 Ever*, da *Revolution*, o fã-clubes paulista. Na coluna do Mallagoli, eu pescava nomes que jamais tinha lido e me informava sobre lançamentos internacionais! Esse livro, lançado em 1982, é o responsável por todas as anomalias que eu tenho escrito aqui – consultei-o nesse domingo e mais uma vez o livro registrou que o paciente merece alta (o meu é um relançamento).



SETEMBRO

'A Verdadeira Desorganização do Desespero', a peça esquecida de Renato Russo será redescoberta 30 anos depois...

A descoberta de uma peça, *A Verdadeira Desorganização do Desespero*, escrita pelo músico em 1982, revela um lado cênico pouco conhecido do poeta e convida os seguidores da Legião Urbana a (re)descobrir o ícone. Muito além do rock.

5 DE OUTUBRO – FOLHA DE S. PAULO

A revolução dos anos 60

13 DE OUTUBRO – VEJA

A língua Blitz

A juventude do Rio fala conforme a música.

18 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Aplausos, assobios e berros... São so Rolling Stones

23 DE OUTUBRO, O DIA EM QUE CONHECEMOS RENATO RUSSO

A ESTREIA DA LEGIÃO URBANA EM CIMA DOS VESTIÁRIOS DO CAVE

Esse capítulo começa com a manhã cinzenta desse sábado. Ao meio-dia pendurado no telefone, convidando os amigos para o show dos punks. Esse relato é utópico. Por duas décadas, eu não saberia que esse dia viria a ser tão promocional. Para mim, este dia renasceu pela primeira vez em 1988 e, com o passar dos anos, sempre foi-se repetindo com novos matizes e horizontes.

Não preciso consultar a minha caderneta estudantil para saber que as notas vermelhas me acossavam. Que era fim de bimestre e meu pesadelo estava vivo. E que eu tinha ido ao show como um último sopro de liberdade, pois na semana seguinte, a sala de aula me esperava.

Para fãs, não existem lugares intransponíveis e oportunidades jamais serão desperdiçadas. Contudo, algumas vezes podemos nos arrepende, mas não deixará de ser divertido.

Eu conheci o contrabaixista, cantor, letrista e líder Renato Russo no *Show dos punks* – o negócio era tão jurássico que muitos juravam que fora uma apresentação do Aborto Elétrico.

Fomos conhece-lo no Guará II, no início da noite, pouco antes do primeiro show da Legião Urbana na Brasília. O encontro aconteceu num canto mal iluminado, num tête-à-tête improvisado e arrumado pelos amigos.

Essa proximidade renasce em mim algumas vezes – as feições do rosto de Renato Russo escondidas pela barba fechada. Daria um bom esboço (foi o que eu pensei naquele momento). Seu ar de estátua grega, no rosto másculo, carregava a simetria para uma caricatura. Seus olhos inteligentes eram rápidos como bolas de pinball saltando por cima das lentes. A cultivada

barba negra dava-lhe um ar bastante respeitoso. Refletia o ar dos jovens professores de cursinho. Nosso idioma, nosso assunto, era rock'n'roll, – não o barulhento dos Sex Pistols e sim a psicodelia dos Beatles, a revolta de 1968.

O fluxo da conversa foi cortado pelo flash de um corpo se movendo... Cai em cima de Renato Russo, desatinada e animadamente conversando sobre a cena do rock Brasil, da cena dos fanzines. Livros de rock da Brasiliense e discos da Baratos Afins. Ele me disse que saía nos jornais os dias, e eu, estranhando: "Como, se eu leio os jornais todos os dias?".

Sai dali impressionado. O carinha curtia Beatles para caramba e me falara dos discos experimentais deles. Fiquei sabendo que ele era ligado nos Beatles no *Ano de 68* e no casal Lennon.

.....

O senhor Manfredini, dirigindo, trouxe seu filho Renato Russo da 303 Sul. Abriam-se os portões, abriam-se as portas da Kombi e rapidamente os roadies carregaram o cabeçote *Tremendão* do contrabaixo.

O camarim improvisado era o vestiário de futebol pintado na cor de cimento. Todos tiveram que subir por uma escada até a laje do vestiário, como se estivessem no teto da boutique Apple. Não se sabe por que, abaixaram o disjuntor apagando o palco.

Minutos de fama. O camarim improvisado era o vestiário de futebol pintado na cor de cimento e houve um blackout. Até hoje não se sabe por que Tatiana, a terceira produtora do *Rock na Arena* achou de baixar um disjuntor e apagou o palco. Ficamos esperando a volta da luz. Depois que Renato Russo aceitou fazer o release, todos o seguiram e me deram seus releases. A memória é curta eu não me lembro da Banda 69 nesse dia, mas Tati disse que sim e, se ela disse, tá valendo.

A entourage dos punks era atraente. Eles compartilhavam a fama e a amizade. Eu só curtia a curiosidade. Trinta anos depois, uma menina ainda me ameaçava: "apronto um escarcéu se você não tirar o meu nome do texto". Tatiana (Tati), uma das produtoras deste evento, apareceu na minha casa, porém jamais achamos necessário lembrar como foi a ralação para produzir o show e descolar a aparelhagem. As secundaristas (que moravam no Guará) descolaram um caminhão de bebidas para transportar a aparelhagem arranjada sem patrocínio. Na longa carroceria de madeira, elas estavam com vergonha por terem desfilado pelas quadras do Guará.

O orvalho molhou o gramado. E carregado pela coragem fiz minha primeira entrevista profissional com uma estrela ascendente do rock nacional. A marca da pauta bateu forte mesmo foi nos Beatles.

No portão dos fundos do Estádio do Cave é que deveria haver uma placa de homenagem, com os dizeres *A Legião Urbana surgiu aqui*. Adoraria ser chamado para o cerimonial.

DO SHOW NÃO ME ESQUECENDO



Há 37 anos no Cave, no Guará II, neste longínquo sábado, aconteceu o primeiro show da Legião em Brasília! Apresentação praticamente deixada de lado pelos livros do rock Brasília. Junto a eles, Plebe Rude, Capital Inicial, Bambino e os Marginais.

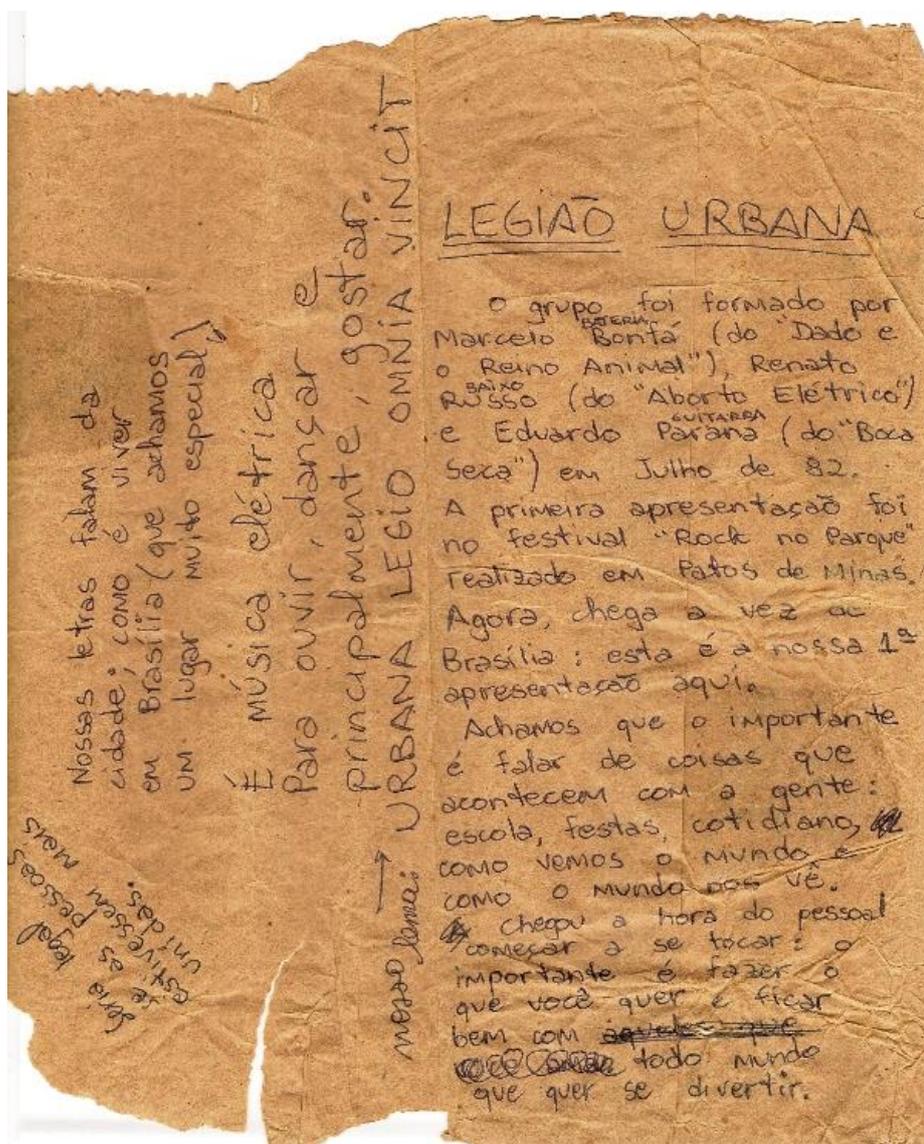
Sobre o show e a sua postura, jamais ouvi alguém próximo comentar. Não sei quais os motivos levam as pessoas a se silenciarem quanto a isso. Flashes do contrabaixo vermelho. Dos pulos e das palavras de luta e do coro "Guará! Guará!". O amplificador do guitarrista engasgava e interrompia, para "Paraná" a noite foi péssima.

Desconheço como o público invadiu o mezanino. Meu vizinho Marcelo Radioativo, com o microfone numa das mãos, agitava a galera. Foi o show mais punk que eu testemunhei. Diferente dos outros shows de rock, naquele o público participava, era contagiante e empolgante. Não achei amador, achei naturalmente explosivo. Assim seriam as apresentações da Legião Urbana, do Capital Inicial e da Plebe Rude. Naquela noite, também tocaram Bambinos e os Marginais (um deles vive hoje na Itália). Não seguiram em frente. Nada amador. Naturalmente explosivo. Tinha muita gente considerando as condições da divulgação próximas do zero.

Naquela noite, Renato Russo aos pulos improvisou rimas ao contrabaixo vermelho, evocando o nome da cidade: "Guara! Guará!" Nas outras satélites, o cantor também as homenageava daquela forma, gritando seus nomes e replicando ao instrumento.

Renato Russo tocou como se estivesse possuído e agiu como se não tivesse outra chance.

A Legião Urbana fez o seu primeiro show em Brasília como se estivesse no teto da butique Apple. Neste mesmo dia, o *Show dos Punks* foi um divisor: Os Magrellos do Guará I conheceram a Turma da UVA do Guará II e passaram a agitar juntos.



O manuscrito de Renato Russo publicado no livro foi conseguido em um sábado chuvoso de outubro. Eu fui ao show e fiquei cara a cara com o Renato. Ele viu a minha empolgação e perguntou assim: "Cadê o bloco de anotações?". Eu tirei um saquinho de papel de pão do bolso e falei: "Eu vou escrever aqui mesmo!"

31 DE OUTUBRO – JORNAL DE LETRAS

O poeta Drummond e seus oitenta anos

Os 80 anos de "um artista combativo"

"Eu devo estar com 80 anos, não duvido. Mas não me sinto como eu imaginava que seria, ao completar 80 anos. Parece que tenho menos idade, por isso acho bom me lembrei que eu tenho 80, porque tomo consciência disto".

2 DE NOVEMBRO – O GLOBO

A Balada de John & Yoko

Em livro, revelações sobre a paixão de um inglês entediado por uma japonesa obstinada.

NOVEMBRO – SOMTRÊS

Uma festa para o rock brasileiro: O Terço voltou

25 DE NOVEMBRO

Estava fantasiado de palhaço, como quem acabara de chegar de *Woodstock*. Virgem como o seu *cu*. Nenhum amigo, quer dizer: tinha o Joel, o Eli, o Zé, o Sandro e o Zenas. Na cabeça, um chapéu de agricultor que muitos queriam. No rosto; uns óculos de serralheiro, que também queriam. Me tomaram, me roubaram, me spunkaram. Passei a odiar acessórios. Para complicar, na cintura das calças eu usava um cinto feito com fios que desciam até os joelhos, impossível não provocar comentários maledicentes: "Olha aquele maconheiro!" Meu sapatinho de índio, um mocassim. Nunca tinha visto uma mulher. Acumulava uma lista de fracassos. O Rich pegou a Ri no tanque e os fraguei. O aterro do vizinho era mais alto e do muro eu via, de pé, o Rich encaixotando a Ri. O engraçado é que a Ri estava de costas para mim e não podia ver o Rich acenando os braços, me mandando ir embora. Como éramos os melhores amigos, me arranquei. Nessa festa, eu conheci a garota mais linda e a minha melhor decepção. Ela me ensinou tudo. Durou quase um ano. Por ela, os caras queriam me pegar. Meu pai tinha que me levar no conjunto dela para nos separarmos. Rob queria me matar! Seu comentário foi: "Ele tem a manha de segurar esses brotos?" Depois dessa minha primeira namorada, aprendi a combater os dragões da maldade. Para meu espanto, Renato Russo contou nossa heustória.

Vesti um terno elétrico pela primeira vez e cortei o cabelo. Fui jurar à bandeira e tirei a carteira de trabalho. Eu jamais tinha pensado em Terceiro Grau. Assim eram aqueles tempos sem educação, só sexo drogas e rock'n'roll. Não se podia errar na foto, se não estava *f.*, não havia grana para fazer outra chapa. Me lembro onde a foto foi tirada e o profissional arrumando-me os ombros: a carteira tinha que ter uma foto presidencial, se não você dançava na seleção.

AINDA ONTEM SOBRE OS MAGRELLOS

Além de seus nomes de batismo, eles atendiam por apelidos como *Cabelo*, *Linha*, *Fiapo*, *Osso* e por aí vai. E também possuíam codinomes impublicáveis usados somente por eles em suas rodas – naquele período de repressão era norma ter apelidos muitas vezes não curtidos pelas famílias.

"In my Chair" ganhou uma versão "Louco até os Ossos" que era tocada pel'Os Magrellos, embrião do Extremo. Statusquomaniacos mesmos eram Luiz Punk, Zé Kuspi e Fernando Camufloyd.

O primeiro LP dos Status Quo que eu ouvi foi *Blue For You*. Que pertencia a Pedro Veras e era ouvido pela UVA. As primeiras tentativas de tirar canções partiam deste disco.

A primeira vez que eu ouvi falar d'Os Magrellos foi em 1983, nos autofalantes de um concerto da Plebe Rude em cima do caminhão na Chaplin na 109 Sul. Concerto esse onde a anunciada Legião Urbana não tocou: "Corrigindo, corrigindo Os Magrellos não são de Taguatinga e sim do Guará" foi a reverberação no autofalante.

Os Magrellos pegaram a ressaca dos dez anos de *Woodstock* em 1979. Nas caixas de som deles, curtiam Casa das Máquinas, Made in Brazil, Patrulha do Espaço, Status Quo, Joe Perry Project, MC5, Stooges, Vibrators, Stranglers... As informações vinham da escola. Curtiam desenhar, tocar e teatro e marcavam presença nas manifestações como *Concertos Cabeças* e na Concha Acústica. Eles nos apresentaram a Patrulha do Espaço!

O filme *Christiane F.* decidiu o caminho de muitos que o assistiram. Os Magrellos não foram exceção. Isolados assistimos ao filme no mesmo cinema que existia na QE 7 do Guará 1.

Nas festas, a entrada deles era apocalíptica: em fila, um por um, entravam correndo com os calcanhares tocando nas pontas dos dedos das mãos voltadas para trás e formavam a roda. Seus jeans, os mais sebosos, e suas camisetas, as mais coloridas e os maiores pelos.

O cunhado do Cécé chegou de Nova York e trouxe uma filmadora que acoplava na televisão e assim foram feitos os primeiros filmes da banda, (havia também um Super-8 da banda nas superquadras). "Uma televisão com entrada de vídeo?" Isso era coisa da Nasa. O mesmo maestro-cunhado ensinou as afinações e descidas das cordas a Cécé!

"ESPANTA JEGUE!"

O Caipira é um cara sofisticado. Ele chegou daquele jeito manso de onça no paletó que carregava anos – puxou um cigarro de palha: "meu pai cocado, eu acho que ele pitou um dos nossos". "O maior gênio que já existiu, é Beethoven, que morreu dizendo que nada sabia de música, que não sabia fazer contraponto, se quem mais soube falou que não sabia direito o que está fazendo, pode falar alguma coisa?". Depois de assar o frango. Descia as cordas e puxava esse som!

Início da década de 80, o cunhado do Cécé era maestro e vivia em NYC. De lá, trouxe uma câmera de vídeo que acoplava na televisão. O maestro ensinou o cunhado "a baixar as cordas", as tais afinações que aparecem nos discos de Led Zeppelin e André Geraissati. "Cécé aprendeu rapidinho a tocar violão". Depois ele dava algumas aulas e quando o aluno era promissor, comentava: "O ouvido dela é bom". Renato (irmão caçula deles?) era bom músico e segurava a flauta transversal, eu nunca entendi porque ele não tocou no Extremo. Na frente da casa deles havia uma fogueirinha que os aquecia agachados com os braços apertando os joelhos, sempre em posição de dar o bote. Conheci o pai do Cécé dividindo a mesma posição com eles na fogueira: *Seu Messias*. Cécé era cuidadoso com a grafia do seu nome: "Messias de Oliveira Júnior!" Ele repetia: "Coloque o *Júnior* se não fica o nome do meu pai". Na fogueira ele nos mostrou uma canção feita para o *Seu Messias* era "Espanta Jegue" uma moda de viola do jeito dele, bem-humorada. Marotamente, Cécé desconfiava que o velho dele encontrara uma das pontas mágicas...

O rock estava *fodido* – era coisa de marginais, de delinquentes. Então, contra todos os acordes progressivos do horizonte, os punks davam início àqueles festivais do começo do fim do mundo (era a novidade). Possui os compactos do Lixomania, e *Botas Fuzis e Capacete* do Olho Seco – o negócio era mal gravado, mas eu sacava o renascimento de selos como Fermata, que ajudavam os garotos. A onda vinha de Curitiba, do Bexiga. Aqui, melodia era o canto dos pássaros (falava-se de dodecafonismo a Zappa), então essa rapaziada jogou fora os discos de Minas, pisou nas flores do Vandrê como velório da ditadura – e curtiu uma com o sambão. Brasileiro nato nunca gostou de rock: "Toca um Pink Floyd que é mais lento". O negócio era o pandeiro, a bunda da mulata. Os Magrellos já saíam de banda. Para a UVA, Raul ainda era o pregador maldito. Eu não esqueci ninguém, nem mesmo os crimes do partido. O movimento cresceu e, como todo movimento, cortaram as línguas afiadas. Poucos podem falar das coisas que é melhor esquecer. Rock em Brasília era para os poderosos, cheios de ácidos, nas discotecas do Venâncio 2000 e, depois, um giro no Gilbertinho. Quando eu descolava um carro e ia mostrar a cidade aos parentes, na verdade mostrava-a para mim.



Tínhamos horários diferentes e nos encontrávamos nos concertos no Cruzeiro, em Taguatinga, no Gama e, de vez em quando, nas L2s ou numa superquadra. Nesses encontros sempre tem um músico-estrela que nos conhece desde o início e faz de conta que não sabe quem nós somos.

Os Magrellos no Guará 1, nos tempos dos eucaliptos Renatoicinho, Luidi (Luiz Punk), Ricardocinho, Cécé

*e Clevicinhado
Sobreviventes, Renato & Ric Brown*

Camufloyd estava em todas, seguido por Lincon Lacerda (Firmino, Barroso, Lácio pintavam) era Butiquim Bues, Asa Norte, Sobradinho. Nessas conhecemos RockOver. Do Gama, a primeira banda que a gente se ligou foi Fungos and Bacterias. Ainda no Gamão, o Extremo tocou no Chaplin Bar. Eu tinha os telefones e os pousos – as pessoas me davam casa: “Não posso ir, não tenho onde dormir”; “Dorme lá em casa!”. Então eu ia.

No centro da capital, no *Parque da cidade* debaixo de uma fonte, pitando um cigarro de papel, eu e Rick, doidões, ouvimos: “Cécé, tão chamando seu nome nos autofalantes!”. Cécé correu e no palco fez um solo daquele filme do concerto do adeus do Cream. Fez um solo de quatro casas coladas, apertadas pelos quatro dedos. Ele achou a última nota do braço da guitarra.

Os pinheiros da autoestrada eram estreitos e a mata fechada. O distinto Tuca Maia contou que atravessou a pista e foi seguido por um desconhecido; Cécé era o prudente: “Vamos até ali”; Luiz Punk era corajoso “vamos lá e dar um pau nele”; eu carregava o porrete.

Os Magrellos eram lendas em seu próprio tempo – eram os boêmios errantes, com tempo inimaginável de estrada e aventuras – era a geração mais corajosa que eu conheci – não eram da idade dos caras dos bailes e não voltaram desiludidos da estrada – era uma geração jovem irrequieta e a fim de conhecer o desconhecido de questionar seus pares; e o engraçado era que os pais deles compreendiam essa ansiedade – queriam o novo e sabiam que o novo vinha do velho – Os Magrellos moravam num arrabalde do Guará 1, na parte leste de onde dava para ver o trem que seguia para Minas antes de chegar em São Paulo.

Saindo do Guará na ponta oeste no pedal, dava para chegar pelo SIA na Torre e nas Escolas da Asa Sul. Luiz Punk fazia esse percurso de bicicleta nos dias de semana, por isso ele conhecia no SIA a zona veredal, por onde atravessando as pistas dava no *Parque do Guará*. Quando eles se mudaram para o Guará 2 da QE 28 para os trilhos da QE 40 era uma festa só, não sabiam que eu morava lá. Às vezes descíamos de bicicleta naquela mata que dá para o Carrefour. Pouco antes, no lado da pista, havia um piscinão natural que a Caesb construía nos

70's. Era de pedra e havia bordas onde passeávamos. Rick Brown III, o mágico das pilhas, tinha métodos secretos para a longa duração das pilhas que eram utilizadas num toca-fitas portátil de plástico, tipo de quem ouvia futebol dependurado num galho. Geralmente, um dos autofalantes falhava e o som sai mono e, de repente, a luzinha vermelha acende e isso significava que o som voltou ao estéreo. Eu jamais parei de falar sequer um minuto. Eles contemplavam a natureza e eu queria penetrar no verde, andar e sair lá em Brazlândia – subitamente, o *Concerto para Orquestra* do Deep Purple voltava para a parte pesada da guitarra e os pássaros revoavam agitadamente. Eles percebiam essas mudanças. Depois saíamos do mato, cada um mais louco do que o outro; no visual, minha bicicleta era a mais ultrapassada – com fome eu falava: "... que tal uma rosca e um Baré?" Cécé ria como um comediante: "O cara tá de larica!" Íamos até a padaria na QE 30. Esse era o ritual quando a tarde permitia que nos reuníssemos. E eu "O que será essa larica?" Os 21 anos estavam chegando e tínhamos que procurar outros rumos.

O Guará Park era esquisito. Começou com uma igreja isolada e, num frio do cacete, numa manhã de domingo, colocando vidro: "Quem vai morar nesse cerrado? Isso é isolado igual aqueles barracos de faroeste!" (Eu fazia trilhas pelos aterros até o Bandeirante, na esperança de encontrar revistas velhas tipo Pop e, uma vez eu encontrei, só que tinha chovido e eu salvei apenas páginas. Ladrões jogavam documentos das pessoas nesses aterros.

Do gueto musical de onde eu saí, os caras tinham discos de Grand Funk Status Quo Black Sabbath e Led Zeppelin Yes e no máximo um Made in Brazil e Casa das Máquinas – o resto para eles era "merda" e atiravam isso na cara das pessoas, como um enorme ato de felicidade: "o seu som é uma merda". Nisso, eles, Os Magrellos, eram bem Quincy Jones e isso é uma narrativa e eu arregalava os olhos para segui-la. Quando o cara debulhava, eles, Os Magrellos falavam "maneiro": "o som do cara é maneiro!". Cresci envelheci e estou lendo uma biografia do AC/DC houve um coitado de um DJ que se esforçou para tocar o disco deles na América, para contratos de shows e distribuição de discos. – Qual foi a paga dele? Décadas depois ao encontrar os caras rapidamente, o AC/DC nem sabia quem ele era: a gravadora, a promotora nem para sinalizar com uma placa. Eu sempre odiei os ídolos e o backstage; não perdi meu tempo. Ídolo é o Tiãozinho do Palitinho, esse sabe tudo.

Um dos arroubos juvenis era não tirar ou permitir fotos e, passadas décadas, algumas dessas pessoas não mudaram de atitude – elas faziam tudo para boicotar as fotos. Por isso temos poucas fotos; as máquinas eram inacessíveis. "Naqueles tempos, nas várias mudanças os albinhos de fotos se perdiam...", é isso geralmente o que a galera responde. Rich ao entregar essa foto: "Essa foto d'Os Magrellos foi feita para a posteridade". Décadas depois, de vez em quando, alguém pergunta: "Cadê você na foto?". É um comentário maldoso, ao qual respondo:

"Minha mãe não permitia andar com eles". Fim de papo brutal. Nos bares, principalmente, com os bêbados nos agarrando e dando sopapos a insistir: "Você conheceu... conheceu meu pai?". Quando a gente dá ideia de que seu pai não dava muito papo no Conic, e cita nomes de alguns padrinhos, aí rapidinho o cara muda: "Você é historiador, conhece a história. É chato lembrar onde derramamos nossas pontas, tipo cinzeiro da heustória...".

Apesar de muitos personagens desta heustória cultural terem sucumbido ao longo dos anos sou um *Boca do Inferno*.

No processo histórico sou confrontado. Me apresentavam e perguntavam se lembra dele? O cara se lembrou de você!

– Que bom!

Eu mantinha alguns ases na manga e a informação: se lembra do fulano? Aquela vez? Era eu!

– Tá ligado? Valeu!

Dezembro ou a última foto inédita d'Os Magrellos que apareceu! Queria andar na companhia de Cécé e d'Os Magrellos naquelas tardes depois das aulas em setembro, com a grama renascendo. Suas ações chegariam à posteridade – eles sabiam que seriam imortalizados. Quando viram a foto certificaram: "Para a posteridade!" Suas frases eram cruas e impactantes. Parte da heustória anda por aí, é uma glória: "O tempo que ainda virá; futuro, porvir".

Nessa competição de ego às vezes eu lembrava fatos dolorosos e ouvia: "Fala quem é você?".

NOVEMBRO

À Tentativa reinventa som na Funarte



8 DE DEZEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Falavam do fanzine na tevê – o fanzine era uma coisa tão nova que espantava e eu nem sabia me defender. Engoli rãs e sapos. Foi assim que fui no show da Legião Urbana. Talvez o meu primeiro show de rock tenha sido em 1975, com Silvio Brito. E de 1975 a 1982 não ocorriam muitos shows de rock, só filmes tipo *Tommy* – por isso passei a curtir quem tocava violão e depois as bandas de garagem. Eu estava envolvido com as que existiam e indo nas satélites – Sobradinho, Cruzeiro, Gama e Taguatinga – onde o rock rolava.

É claro que minha carreira artística começou com um show fracassado que não aconteceu e ali eu

já catalogava os envolvidos, suas responsabilidades e falhas e seriedade.



Eu já ouvia, com estetoscópio, os discos de John & Yoko e, de brinde, os gemidos das suas *fodas*. Eles ainda na base de tirar “All my loving”. “Paul é o cara. Paul é o *Walrus*.” “Hare Krishna”. Arrumei uma coletiva no gramado do jardim do Jornal de Brasília e debaixo das árvores retorcidas fizeram fotos. Foi no mínimo estranho. O sacana e escrachado jornalista Manel Henriques perguntou: “Quem carbura um?”. Em uníssono os 3 Amigos apontaram na minha direção e responderam: “Ele!”. Naquela hora bye bye fã-clube dos Beatles. Pensei: “Ainda bem que não é a polícia. Não posso andar com esses caras. Juro pelo rock’n’roll que jamais colocarei um baseado na boca...”.

Nos jornais novamente. Quando surge a foto – assim revelada num cinzento londrino – respondi que eu não fazia seleção fotográfica, porque nos acharam que as línguas de fora faziam uma sátira ao Kiss, a banda de maior sucesso naquele terrível ano dominado pelos Menudos.

E ainda corria a lenda de que eu passava cigarrinhos do capeta com instruções dentro das capas dos discos dos Monkees. Quem inventava tais absurdos eram os filhos dos donos do poder da QE 34: rock’n’roll foi divertido.

LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS

Li a matéria *Os Beatles valem seu peso em ouro*, de 1966 em que a banda, para amenizar os impostos, fundou várias companhias, entre as quais a LenMac Enterprises.

Nos 70s, rock era associado a drogas (vigilância ostensiva da família: “Olhe a heustória de fulano”). Ainda jovem ostentava o codinome LenMac; um dia chegou um carinha estranho e disse que era simpatizante do movimento Lemac; fiz de conta que o assunto não era comigo... hump! Naqueles idos, você não sabia distinguir Syd Barrett de um informante.

Usávamos codinomes como Mário LenMac, do fã-clube, Beatles Oldies but Goldies, Mário LenMac, do fanzine, Jornal do Rock; nas cartas, Magrinho Podre e também Mário Doidão, Mário do Armário, Kimário, e até Mario LenMac Harrison.

Num show de rock, esse cara me disse: "Tudo bem, Lemac (sic)!?... Conheci um outro Lemac da *Legalização da Maconha* de Belo Horizonte". Ao ouvir isso não gelei, mas fiquei esperto: "Fale-me mais"... e encerrei a conversa. Nunca descobri se eles malucos ou infiltrados. Era assim na época da ditadura sem conversas e sem novas amizades

LenMac era o nome de um dos empreendimentos de Lennon & McCartney!

"Quando o Uruca era solto, ganhava um corte de cabelo. Geralmente máquina zero!"
(LEOMAR ASSUNÇÃO)

Uruca é um personagem azarado do desenho dos Flintstones. Uma das contravenções do programa de rádio do *Gogó das 7* era nomear abertamente os nomes de quem havia caído puxando fumo – com este expediente radiofônico de combate à imoralidade, a família cristã-candanga, agradecida, sentia refluir em sua coluna cervical o gozo matinal de uma massagem chinesa. Todos contra a subversão!

Com este denunciamento medieval difundido em ondas médias, nas manhãs seguintes ao anúncio dos nomes dos réprobos da indizível conduta, os frequentadores do boteco ficavam rindo, escarnecendo: "O filho de fulano rodou, caiu... hehehe... quem diria?, um rapazinho que parecia tão correto!"



Geralmente o bote ocorria nos finais de semana e você tinha que ter uma boa desculpa para ter sumido ou a sua família procurava por você no Setor Militar Urbano no temível PIC (Pelotão de Investigações Criminais do Exército) – a maior roubada. Naqueles clarões abertos do Guará, tínhamos que ficar com os olhos abertos e determinar a roda

numa confluência de becos. Infalivelmente, o camburão aparecia e subia nos becos no encalço dos maconheiros. Fumar erva equivalia a um crime como bater carteira ou furtar pequenos objetos – então nasceu a gíria: Uruca, não!

A maconha é tolerada desde que dê dinheiro. Você esquece o tráfico, a violência praticada por ele, suas faixas proibindo o consumo nas ruas da favela. A maconha é boa, mas nunca se fala daqueles que não conseguem cagar se não derem uma baforada no baseado. A maconha ficou ridiculamente popularizada e vulgarizada e o que se pode fazer é dar uma prensa e ir desses políticos babacas da direita católica-evangélica que querem reprimir os vícios.

Seja homem e diga: "Fui maconheiro, sim senhor!"

E aquela história da polícia queimando o mato das repreensões.

Heustórias de maconheiro por heustória de maconheiro, eu prefiro o engajamento telúrico dos rastas. Fumar maconha sempre foi coisa de homem e com quem você fuma pode dar cana e difamação, como o outro político que difamou o governador do DF, acusando-o de maconheiro. E o governador, o que fez? Nada. Não teve coragem de esfregar a cara deste político nas paredes sujas da prevaricação – quem tem; tem medo.

Nenhum maconheiro que se preze deve dar sua última tragada de sopro vital, sem antes ter dado risada nos cafés de Amsterdam; sem ter fumado um chillum de charas com os santos errantes da Índia ou ter pisado os solos de haxixe do vale do Rif em Marrocos.

12 DE DEZEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

O Instrumental e Tal em suíte. Disco em lançamento

25 DE DEZEMBRO

Chácara São Nélon – *Festa dos 15 anos* de Luciana V. Braga.

MÚSICA-À-TENTATIVA OU QUANDO UNS 3X4 SE REÚNEM PARA FORMAR UM RETRATO 15 X 21

A cena foi feita no pátio do Correio Braziliense, 1982 . A dramatização do som com o grande ator Aluísio Batata na flauta e todo acompanhamento instrumental harmonizado pelo Liga Tripa; À Tentativa. No nome já revela a trilha de tentar mudar o poder da música, desde os tempos do violão e do banquinho, e livrar-se da imposição dos franceses, via Philips, da Shell, de Hollywood. Naqueles tempos, uma música nova frutificava e traçava o seu próprio caminho – e caminho é acidente e vida e vitória também!

– Como era o À-Tentativa?

Rênio Quintas: – Era espetacular. Música À-Tentativa: Gato, Nonato Veras, Zé Miguel, Calouro vixe era tanta gente, acho que além do Nonato tinha mais gente do Liga Tripa na música da cidade...

Como músico Batata passou pelo Grupo Saga, uma banda de rock e não era bem isso que queria. Passou pelo Liga Tripa e foi parar no Música-À-Tentativa, experiência vanguardista, à qual deu corpo e estreou em 1982 na Sala Funarte, no Sesc, pelo Projeto Plateia. Depois vieram alguns concertos ao ar livre: "nossa música é uma música de época. A gente quer ferir a nossa época, ferrar a época com nossas vidas".

LIGA TRIPA

Surgido em Brasília nos anos 80s, o grupo, influenciado pelo movimento literário denominado Poesia Mimeógrafo, possui estilo próprio de compor e tocar suas músicas. Foi ao tocar pelas ruas e bares da cidade, no contato direto com o público, que o grupo ficou conhecido pelo seu trabalho. Este forte vínculo com a identidade musical da cidade fez com que fizessem parte de diversos momentos artísticos, culturais e políticos, formando uma ponte musical entre a cidade e seus habitantes.

"Como você conseguiu essa foto? Raridade! Foi com essa Craviola que eu fui a primeira vez pra rua com Aldo, Ita e Carrapa. E o grande Nonato veras no palco também. Só não lembro aonde foi." **(PAULO BIKO A RESPEITO DA FOTO DE LUIZ ACIOLI)**

"Acho que nesse concerto foi quando ouvimos o Renato Russo cantando pela primeira vez 'Faroeste Caboclo', eu fiquei impressionado com o tamanho da música." **(NONATO VERAS)**

"Acredito que essa foto foi no Rock na Ciclovia no Lago Norte, em 1982. Pois parece ser no mesmo lugar das fotos da Plebe Rude que postei a um tempo atrás lá na página do Aborto Elétrico." **(DINHO KAMERS)**

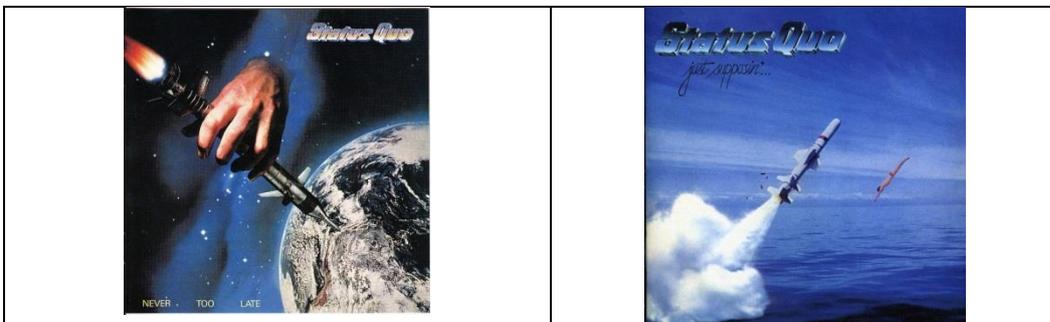


Sentado Nonato Veras e em pé Paulo 'Biko'

CRÔNICAS MORIBUNDAS DO R'N'R

1982 foi o ano em que o Brasil disputou a Copa do Mundo na Espanha.

Ouvíamos o LP *1982*, do Status Quo, e não entendíamos porque nas capas dos discos anteriores apareciam mísseis. Guerra fria foi o tema do *The Final Cut*, *Tug of War* etc. Eu corria atrás do diploma de colação de grau. No fim do ano fiz uma participação numa peça do Colégio JK, que me ajudou na obtenção do canudo. Fiz par com a Miriam que era o oposto de nós! Havia uma outra garota, a primeira namorada a despertar-me paixão, ciúmes e lógico, chifre. Nós éramos uns freaks (desajustados) verdadeiramente loucos e *experientes*. A loucura começou em 1979, Rocha do Planalto tocava porcosamente "Lucy In The Sky" e "Penny Lane". Inventei o fanzine, o jornalzinho que eu distribuía na Secretaria de Segurança, nos shows, no colégio e até como currículo! Para mim, o fanzine serviu de portfólio. Tínhamos duas matérias no jornal, uma em maio e outra em dezembro, havíamos conhecido a Legião Urbana! A peça havia sido sucesso, era uma paródia do Piu Piu de Marapendi (em cima do palco eu ficava escondendo a cara maquiada). Com o diploma e a reservista fui procurar serviço, nada como um emprego para dar fim àquela luxúria.



Gato conta que buscou patrocínio em alguns estabelecimentos comerciais, mas só conseguiu um "boa sorte": - Nós aceitamos a boa sorte que eles nos deram. Já o Caco de Cuia, a Livraria Literatura e o Quinta da 211 Sul nos deram uma força e não nos desejaram boa sorte.

THIS FUCKING CRAZY TIME MACHINE!

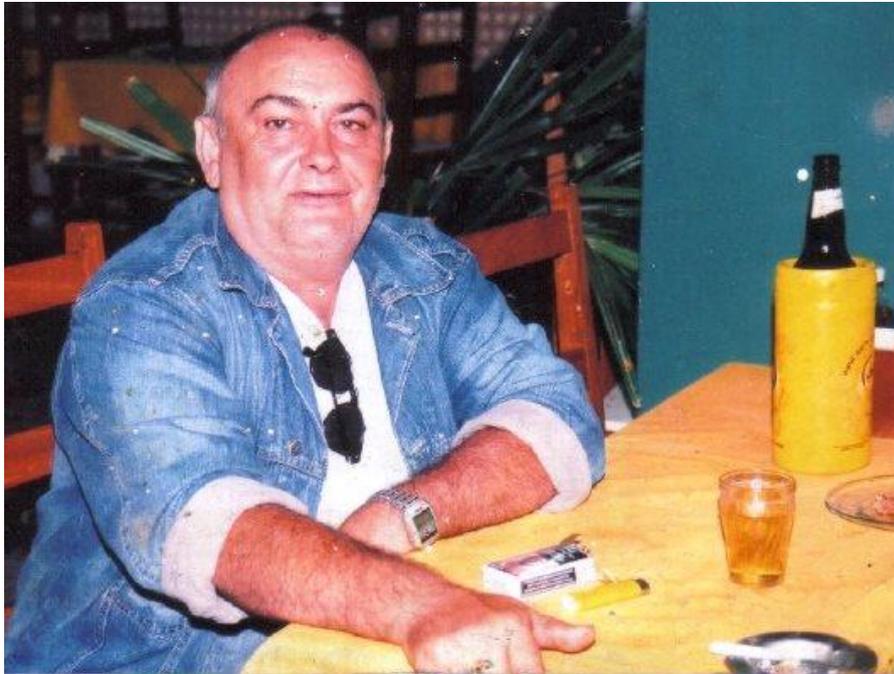
Alguns points de cultura de Brasília no início dos 80s. Depois fomos conhecendo os ex-proprietários e os artistas que passaram por lá (início de muita, mas muita coisa mesmo). A Livraria Literatura no Venâncio 2.000, o gerente era o Kleber Lima (da radical revista Víbora). Kleber era amigo do Renato Russo, que tinha que ser expulso da livraria de tão chato que era. Ledo engano a livraria era ligada ao Partidão. E Kleber Lima era cunhado do baterista da Plebe Rude. Outros points do rock estavam no Cruzeiro, Sobradinho,

Gama (Cine Itapuã, Chaplin Bar) e Taguatinga. Detalhe: éramos quatro anos mais jovens!

Sala de exposições do Banco Central (edifício-sede); Galeria Oscar Seraphico, Itaúgaleria (SDS); La Galleria (210 Sul) Clube de Imprensa, Funarte (Terça Musical), Auditório da Escola de Música de Brasília, Cultura Hispânica, Cultura Inglesa, Aliança Francesa, Sala Le Corbusier (Embaixada da França), Casa Thomas Jefferson (Festival de Jazz de Brasília), Clube do Choro, Concertos Galeria Cabeça, Conjunto Cultural da CEF, Movimento CRESCA, Salas de cinema no Conic (Cines Bristol, Ritz, Atlântida, Salas Miguel Nabut, Badya Helou); Brasília Rádio Center; Circus Show (Festival Eletrônico de Rock), Park Shopping (Sexta Shopping Show); programa, Um piano ao cair da noite, (Brasília Super Rádio FM), Sesc, 913 Sul,

Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio (Ecco) Quarentão, (Ceilândia), Centro de Tradições Populares de Sobradinho, Rádio Jornal de Brasília FM Stereo (Clube da Caverna); Atlântida FM, Discodil, Discotecas Gabriela e 2001, Discoteca do Neci (Neci de Almeida, um dos integrantes do lendário programa "Os Cobras da Notícia"), Baleia Discos. Colina, Atelier do Departamento de Arquitetura da UnB, Bandeirão da UnB, Danceteria da AABB, Ginásio da Ascade (14 Bis e de lambuja Sá e Guarabira); Salão da Asbac, Minas Brasília Tênis Clube, Cota Mil late Clube, Clube Almirante Alexandrino, Concha Acústica (Setor de Hotéis e Turismo Norte), Ermida Dom Bosco, Festival de Música da Lagoa de Formosa, Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros, Teatro Nacional (Salas Villa-Lobos, Martins Penna e Alberto Nepomuceno. O teatro foi renomeado como teatro Nacional Cláudio Santoro, homenageando a obra do maestro e compositor que durante muitos anos regeu a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Praça Lúcio Costa, em frente ao Conjunto Nacional; Estádio de futebol Pelezão; A Turma do Carrossel, Brasília Urgente, na TV Brasília; Biblioteca Demonstrativa do INL, Teatro Galpão (Feira de Música); Teatro Aloísio Magalhães (Centro de Convenções); Teatro do Planetário, Teatro Dom Bosco (702 Sul); Sala Conchita de Moraes (subsolo do Teatro Dulcina, SDS); Oficina Perdiz 708/9 Norte); Tellah lançando *Continente Perdido*. Equipe de Som Sepultura (Eduardo, Magu e Lula), Plebe Rude em cima do caminhão no Chaplin: Ismael Rogério arremessa no palco, moedas enroladas em calcinhas ou cuecas; Pamonhão Kalú da Asa Norte, Casa do Candango, Casa do Ceará 910 Norte (Circo Udigrudi); Teatro Alvorada, Teatro Rolla Pedra Etc & Tall, Colégio Eit, Feira de Arte e Cultura – Faculta; *Rock in Prima* (campo de futebol do Clube Primavera); Cine Teatro do Sesi (Taguatinga); Ginásio do Cruzeiro, Ginásio Coberto do Gama, Praça Salviano Monteiro, Planaltina; Parque Esplanada (Valparaíso); Barão Vermelho no Autódromo. Robertinho 'Heavy' de Recife, no Teatro da Escola-Parque; Show do Venom e Exciter! No Ginásio de Esportes; *Inferno atrás da Torre, Mostra de Vídeos de Rock do DF, Nas Asas do Rock*, Concerto do Liberdade Condicional, na Rampa Acústica do Parque da Cidade. Akneton, no Foyer do Teatro Nacional. Vários shows do Marciano Sodomita na cabeça. O seminário *O Museu, a Biblioteca da Cidade*, Galeria Oswaldo Goeldi e a exposição *Rock Brasiliensis*, Exposições de fotografia nas passagens subterrâneas para as superquadras. Asa sul, Escola Schubert 102/3 Sul, Bar Beirute, Bar do Luís (beco da 109 Sul, feijoadada boa tava aqui), Estação 109, Cavalo de Ferro, Moninho 114 Sul, Odara Café Concerto, Giron, Varandas, Green Dolphin, Speakeasy 402 Sul Cavaquinho 409 Sul. Bar Petiskão, Cristal. Escola Americana 606 Sul. Asa Norte, Café Amigos, Açai, Travessia, London Tavern, Bar do Professor Cafú 102 Norte, Radicaos 105 Norte, o bar-porão acabou depois de uma briga entre punks e playboys; Otello Scotch Drinks, 107 Norte, subsolo, Adrenalina, 206 Norte,

Woodstock Bar, 207 Norte, Mistura Fina, 209 Norte, Picanhas do Sul 302 Norte, Bar Chorão 304 Norte (Clube do Jazz), Broadway 316 Norte, Cafofo 407 Norte e mais Pasárgada, Flor Amorosa, Recanto Carioca, Bar Academia, Jangadeiro. Boate Grog QI 11; Danceteria do Clube do Congresso, Danceteria Sagitarius, do Venâncio 3000. Auditório CIE 01 Guará 1; bar La Revolución, QE 19 Guará 2.



Bar do Luís

"Bons tempos, nessa época, Brasília era um grande autorama, Cine Drive-in, Autódromo de Brasília, Só Kana, Cine Centro São Francisco, a Adega 102/103 Sul e a Rock House ("compramos muitos LPs na mão do Japonês"), Janjão, Arabesque 109 Sul. Points e

casas noturnas. Os bares, Madrugadas, Papos e Panquecas, Le Club, Rainbow, Perestroika ficavam no Gilbertinho e Fina Flor do Samba, as boates L'Escalier, Space World no Coreto do Centro Comercial Gilberto Salomão; Entrecôte, restaurante fino, a nata grã fina, velha elite. Os barzinhos & botecos, Caco de Cuia, Restaurante Coisas da Terra, Jardim das Delícias, canto naturalista; peguinhas do Caseb, motoca sem capacete; Food's 110/11, Ronan e Syang, bicho de goiaba, Fejão, showzinhos no Teatro da ABO (916 Sul) e nas praças da cidade e o Bobodromo e o Restaurante Marrom Glacê, no Guará, daria um memorável livro chamado *This fucking crazy Time Machine!* **(FERNANDO CARDOSO)**

1983

Assim que meus pais compraram a chácara, frente à entrada, passava a Rua dos Carroceiros. Eles foram removidos para a QE 38.

Eu cheguei no mato da Chácara São Néilson. Lembrança de infância: correr pelo capinzal para chegar na casinha pioneira que o seu Zacarias e sua família moravam. Minha família construiu uma casa maior, cujo o desenho era como os das casas do Guará. Eu e minha mãe partilhávamos da sensação de que daquela janela jamais veríamos alguém passando pela frente. O servidor Neto falava todos os dias que os tratores do GDF iriam por tudo no chão.

Aos 19 anos passar para a maioridade significava não pisar na bola: "Você agora responderá pelas suas infrações". Minha família estranhava aqueles jovens que me procuravam – era a maior sujeira e eu perguntava: "Qual o plano?". Tudo na surdina, nada de telefonemas, nada de nomes, o código era silêncio total. Eles estavam de olho em nós – a pressão era grande – ninguém podia saber o que fazíamos ou o que conseguíamos. Livros, revistas, discos eram *mocados*; bola, bicicleta. "Onde passou a noite, dormiu onde?" Vidas duplas e *Lick up* do Kiss no toca fitas – emancipávamo-nos rápido. Até hoje o comportamento é assim.

ROCK

★ **Noite de Rock de Unai -**
será realizada no dia 10 próxi-
mo, sábado, no Clubinho, na Ci-
dade de Unai, com a apresenta-
ção de grupos musicais de
Brasília. Informações com Luis
Ancelmo pelo telefone 2261226.

Senhoras e Senhores, o tijolinho mais histórico do rock Brasília... ou "nós também tocamos em Unai". Todo mundo sabe que o rock Brasília começou em Unai. Quando eu falo tocamos é retórica pessoal, uma necessidade de fazer parte da cena de escolher roupas e perfumes e ir ao show e aportar o mais próximo da banda. Jamais toquei qualquer instrumento (sexual). Há poucos relatos de quando o Extremo saiu do Guará e foi tocar em Unai numa heustória de loucuras e desencontros.

"Na cidade de Unai, foi um vexame, viajamos mais de 300 quilômetros de ida e volta para tocar para umas vinte criaturas." (**HELOÍSA, GUITARRISTA CANHOTA, DE 19 ANOS DO CAPITAL INICIAL**)

MAGRELLOS DO RAP

Grupo homônimo da QE 26, com Genival, Sanderson, Rossi da 30 e outros...

Parte desses Magrellos do Break moravam no Conj. A da QE 34 meus vizinhos – dançaram muito nos lazeres! Tipo 1984! Eles não se misturavam com rockeiros.

FEVEREIRO

Quatro meses depois, voltamos a nos encontrar numa palestra do Maharishi Mahesh Yogi, vulgarmente chamado de "o guru dos Beatles". Sobreviveu a lembrança do Renato Russo falando: "Dentro do disco vem um pedaço de bolo" – essa frase: "Dentro do disco, um pedaço de bolo" ecoou dentro da minha cabeça até o dia em que encontrei o *Álbum de Casamento* de

John e Yoko e finalmente entendi o seu recado. O tal pedaço de bolo era uma foto triangular colorida impressa que vinha dentro do álbum, como um dos adereços.

22 DE FEVEREIRO, MANCHETE

Van Halen

A máquina do rock vai explodir no Brasil.

22 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE



Os Punks também estão chegando. Eles vão abrir a temporada de rock

Começa a temporada de rock no teatro da ABO (916 Sul) e Brasília vai poder conhecer, reunidos no concerto de hoje à noite os seus grupos punks, formados em sua maioria por músicos nascidos na cidade: o Plebe Rude, XXX, Legião Urbana e Capital Inicial. Porque são punks? Eles mesmos respondem – fomos ensinados a consumir o que vem de fora, e se hoje somos o que somos, a culpa não é nossa. Toda nossa geração aprendeu a gostar dos Beatles, Stones, filmes americanos e Coca-cola.

ROCK É UMA ATITUDE, NÃO É MODA (RENATO RUSSO)

Os componentes dos quatro conjuntos fazem parte do que era conhecido como “a turma da colina da UnB”, por isso por volta de 1977, época da abertura e redemocratização (embora a UnB ainda apresentasse alguns problemas). Um maço do Hollywood estava por volta de Cr\$ 15,00 e, na cidade, não existia nada para se fazer. Mas aparece então o que iria acabar de vez com a pouca identidade que a capital tinha com a música discoteca.

Brasília deixa de ser Brasília e passa a ser Rio de Janeiro, como o país inteiro. Para quem gostava de rock, esse foi o fim. Basta ser chamado de colonizado o tempo todo; com a moda disco a situação piora sensivelmente.

Ainda mais porque na mesma época aparece um movimento original e anárquico que pretende acabar com os falsos modismos. É a moda levada ao extremo: antimoda, antiestética, antitudo.

Mas aqui é bem mais fácil controlar a juventude oferecendo a válvula de escape ideal e não uma música que faça todos pensarem e questionarem as hipocrisias construtivas de uma sociedade falsa, à beira da autodestruição atômica. Haha.

Música discoteca não fala desse feito. E a música popular brasileira parece estar mais preocupada com cama e mesa e a sensação das cordilheiras. E o pessoal que faz letras espertas não gosta de tocar rock no Brasil. O que fazer? Será que estão todos satisfeitos? Rock é uma atitude, não é moda. É música da África. Não é música americana. Tem no mundo inteiro.

Texto escrito por Renato Russo para o primeiro grande show reunindo as quatro principais bandas de Brasília: Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e XXX.

20 DE MAIO

Duas notas destoantes na visita do ministro Ibrahim Abi-Ackel ao Espírito Santo no último fim de semana. Primeiro, no almoço em homenagem ao ministro da Justiça, realizado no Vitória Palace Hotel (quatro estrelas), tudo transcorria normalmente até que a música ambiente misteriosamente aumentou para o volume máximo, com os convidados sendo compulsoriamente obrigados a ouvir, estarecidos, um estridente rock'n'roll. Um dos relações públicas do evento contornou a situação, desligando os fios das duas caixas de som. O outro incidente foi mais grave: o ex-prefeito José Maria Feu Rosa, que foi candidato a vice-governador, recusou-se a mostrar ao jornalista Silvio Leite, integrante da comitiva, um abaixo-assinado que seria encaminhado ao presidente Figueiredo. Não satisfeito com a recusa, Feu Rosa ainda disse ao jornalista que "a Imprensa só publica matéria paga". A reação de Silvio foi imediata, da mesma forma que a de outros profissionais de Imprensa ao seu lado. No auge da indignação, o jornalista dizia ter finalmente entendido as razões que levaram o PDS perder a eleição para o PMDB por uma diferença de 168 mil votos. **(RUBENS GOMES)**.

JUNHO

A revista musical, Pipoca Moderna só chegava na banca da Rodoviária. Uma era minha e a outra do Fernando, quando perdíamos, o jeito era conseguir na Distribuidora Jardim, na Asa Norte. Naquele tempo não havia sedex, você tinha que estar trabalhando e rodar pela cidade, procurando pela Mixtura Moderna, que não tinha uma distribuição nacional regular. Se eu perdesse um número procurava Fernando Camufloyd que, com certeza, não teria miséria em folheá-las.

Era através de páginas cariocas que ficávamos sabendo o que acontecia aqui no DF – como sempre foi pelo New York Times que soubemos o que rola na Amazônia.

Eu só tinha recortes de jornais, quando Fernando Neves, retornava do estágio e trazia os cadernos dois – era assim que líamos JB, O Globo. Os colecionadores tinham mares de revistas. As japonesas Music Life eram grossas como listas telefônicas, seu papel era tão fino e as fotos tão precisas em suas páginas que pareciam a realidade mesma, e eram exclusivas. Líamos as americanas Hit Paraders e Circus, raridade era conseguir exemplares dos 70s. Você visitava a casa de amigos paulistas e via números. Lógico que não se pediria os objetos da adolescência deles. Essas revistas chegavam às livrarias com uma unidade ou no máximo duas. O segredo deles? Tinham assinaturas...

O dono daquelas revistas importadas era sebooso pra caramba. Não deixava ler, sequer folheá-las, e mugia: "cuidado com as digitais!"

Assim tomei conhecimento do disco dos astronautas do disco de da Vinci, do disco de Shakespeare, do disco mágico de Lewis Carrol e, agora, vem o disco de Mário Pazcheco – peguei os cobres, fiz vale postal e esperei uma cara pro disco chegar. Pensei: "agora sim, eu tenho um exemplar raro; é o disco que eu mais ouvi". Ia no riacho e o disco estava tocando, abria as janelas e os pássaros cantavam; sempre que eu toco esse disco, uma coisa boa acontece. Deus meu pai minha família foram generosos comigo ou será que o rock'n'roll arruinou para sempre o meu saldo bancário? (Se você prestar atenção na capa verá que não há anúncio do encarte colorido com 24 páginas!).

.....

JULHO – JORNAL DE LETRAS

PAINEL DE CÍCERO DIAS

Conforme já tivemos oportunidade de informar, o Museu Nacional de Belas Artes (RJ), por iniciativa feliz de seu diretor, professor Acídio Mafra de Souza, está restaurando o Painel de Cícero Dias, executado sobre papel com tinta a têmpera, realizado pelo pintor pernambucano no final de vinte, foi exposto no famoso *Salão Nacional de Belas Artes*, em 1930, organizado por Lúcio Costa, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes. Esse *Salão* deve sua fama ao fato de haver rompido com a velha regulamentação acadêmica e assim constituir-se numa audaciosa coletiva de arte moderna, com a presença de destacados artistas que sempre se conservaram alheios a um certame que não dava vez ao que de mais atual se fazia na arte brasileira.

Dada pouca resistência do suporte, o imenso painel de Cícero Dias (mede 12m de largura por 2m de altura) não pode ser convenientemente conservado por seus proprietários.

Quase 50 anos depois de sua exibição, que tem o título de *Eu vi o Mundo, Ele Começava no Recife*, foi doado ao Museu Nacional de Belas Artes (1979), em precárias condições. Apesar do lastimável estado em que se encontrava, o professor Alcídio Mafra de Souza, animou-se a tentar sua recuperação. Entregou a difícil tarefa à professor Norma Carreira Peregrini, Chefe da Seção de Conservação e Restauração de obras de arte em papel, daquele Museu.

A recuperação começou em 1981 e só agora chegou ao final. Cícero Dias que reside em Paris, tem sido informado do andamento desse trabalho. Foi convidado a ver sua composição muito bem recuperada e devera fazer alguns retoques que são indispensáveis, inclusive refazer a assinatura que se perdeu. Em seguida o largo painel terá local apropriado na sala de pintura moderna do Museu, e ficará em exposição permanente, o que sucederá proximamente.

FAYGA OSTOWER E OS OPERÁRIOS

Escreveu Amylton de Almeida (de Gazeta de Vitória): "Internacionalmente conhecida, premiada na Bienal de Veneza, professora de composição e análise crítica no Museu de Arte Moderna, a artista plástica Fayga Ostower, no livro *Universo da Arte*, reata sua experiência com um grupo de operários de uma fábrica, para quem deu um curso de arte, no horário de trabalho, com as máquinas rodando. O resultado é uma experiência fascinante – o livro repete as aulas e as reflexões posteriores – que exige, antes de sugerir, a democratização do conhecimento da arte".

5 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Kinks, o melhor rock do mundo

10 DE SETEMBRO, CORREIO BRAZILIENSE

Beatles Forever – A grande chance de ver os Beatles no palco, "ao vivo".

Poucas vezes tinha visto alguém tocar profissionalmente guitarra ao vivo – talvez só os guitarristas do Walter Franco e Tony Osanah, do Raul Seixas, no *Rock Cerrado*. Marcus Rampazzo arreventou, fez o solo do Eric Clapton em "While my guitar...". Então, Deus, o cara que cuida de todas as coisas, nos colocou frente a frente num tête-à-tête e eu deslizei, sôfrego e insaciável, minhas mãos sobre as guitarras num quarto de hotel.

Para Marcus Rampazzo (descansem em paz! Só houve um guitarrista e esse era George Harrison!).

1º DE OUTUBRO

Renato Russo assina sua carteira de trabalho como locutor na Rádio Planalto. Exerce também as funções de apresentador e programador nos programas: Reprise, Primeira Classe e With

The Beatles. Renato trabalhou na rádio por apenas 2 meses, a sua saída é em dezembro, quando pede demissão devido aos compromissos com a Legião Urbana.

9 DE NOVEMBRO

Punks da Capital

Movimento que começou no Lago só agride com música



Bosco era menino assim como nós, que íamos aos shows de todas as escolas. Eu falava mesmo era com o Félix Amorim. Eu nem sabia que o Bosco tocava guitarra. Bosco era amigo do Nascimento, que, segundo ele mesmo, começou a vida lavando carros no estacionamento do Ministério da Agricultura. Raras vezes fui à Biblioteca do Ministério, onde trabalhava Cleydson. Em outros andares Marlene e o cantor Castello Branco – todos amigos do Bosco, que era lotado no gabinete do ministro. Como seria a cena do ministro dando bom dia para o Bosco no mesmo elevador? Das assembleias e festas subíamos pra Rodoviária

Eu estive no Bar Esperança na QE 32 – onde tudo aconteceu e não precisa acontecer mais... Não que eu não saísse de lá. Eu devia estar procurando "emprego" nos classificados. Meus predcados eram a datilografia e a teletipia. Virei fã e começava a ler o jornal pelo Marão Eugênio, depois a página de esportes. O problema é que o jornal passava por muitas mãos e

eu conseguia uma destas páginas na lixeira, jornal naquele tempo era caro, mas a pilantragem e malandragem e a bandidagem tinham mais leitura.

Lia a coluna do Mario Eugênio, que pagava o salário dos jornalistas – com um medo do caramba de sair o nome de algum amigo, pois ele publicava todas as ocorrências policiais, até furto de galinha! Eu tinha catorze anos!

Mário Eugênio pode ter sido um grande *fdp* por ter fodido a vida de muitos garotos ligando suas vidas precoces à carreira criminal. Mas ele também tinha coragem de falar de Ana Lúcia.

E acho Cuzão que você não folgaria com o Mário Eugênio, pois ele esfregaria o seu 38 na sua cara. Sucesso era frequentar as páginas criminais da cidade, éramos inimigos da polícia. A polícia reprimia manifestações artísticas e qualquer reunião com mais de 4 pessoas.

FINAL DE ANO, SAPATEADO EM CIMA DO ÔNIBUS

Nos cinco dias da semana, Todinho (Gama) levava o ônibus da linha W3 Sul – Guará para a 4ª DP. Um outro motorista, Seu Chico, abria o sorriso e eu descia. Algumas vezes na cara dura comprava o livro e voltava duro – de vez em quando, me sacaneavam e me levavam para falar com o fiscal, isso no Guará.



Voltando da semana de inauguração do Park Shopping SIA/Guará. Alguns caloteiros arrebatavam a trava da janela de segurança. Naqueles idos, ainda não se conhecia a expressão surfar (pelo menos sobre ônibus). Para o condutor assustado: "eles estavam sapateando em cima do teto do coletivo". Todinho fazia as curvas em marcha lenta para que ninguém caísse.

DAS COISAS QUE FAEMOS NA VIDA E (NÃO) NOS ARREPENDEMOS...

De graça, o poeta, Véber (à esquerda, sem camisa) entrava numas comigo, e eu fazia vistas grossas. Numa noite, debaixo do poste de luz, rasguei a minha camisa e pedi uma força para amarrá-lo no poste. Não me pergunte como, mas sempre alguém topava participar dessas minhas iluminações. E Véber ficou amarrado e gritando: "Me soltem!". Quem se aproximava eu dizia: "Ele é louco e vai parar no hospício...". Finalmente, ele se soltou e eu estou correndo até agora e rindo muito.

QE 32 Bloco B – Possivelmente ali no canto esquerdo, Luís Padeiro (que deixou saudade) carrega o freezer do puxadinho da padaria que virou bar. Ainda no maldito 1983, eu cursava finalmente o fim do segundo Grau com 19 anos. Numa sexta-feira à noite, voltei do Colégio J.K. e fui ao Bar do Quindeu, no fundo da casa-loja onde eu morava no Bloco A lado oposto do B. Era uma noite tropical as pessoas entoavam "Dá-me um Cornetto, muito crocante", várias embalagens de Chicabons espalhadas pelo chão e nas mãos picolés de goiaba de limão. No outro dia Motta, o dono da padaria, passou por lá recolhendo as cascas e os papeis. Na noite anterior, usaram uma imensa barra de ferro maleável para arrastar o freezer até as grades de



proteção do puxadinho e evadiram com várias caixas e potes. Motta, o empresário gente boa, não fez nada, e jamais voltou a vender sorvete.

.....
São Paulo, Caieiras,
cover de si mesmo,
Raul Seixas vai preso!
Na delegacia
descobrem que trata-
se do original em
pessoa.
.....

"O Álbum Branco da Patrulha do Espaço foi e continua sendo muito importante em nossa história. Com ele, iniciamos nossa parceria com o então estreado selo Baratos Afins; vendeu superbem para um independente, gerou várias canções populares com os fãs da banda, como 'Columbia', 'Festa do Rock', 'Cão Vadio' e 'Bomba'.

"Foi o único disco da Patrulha, que teve

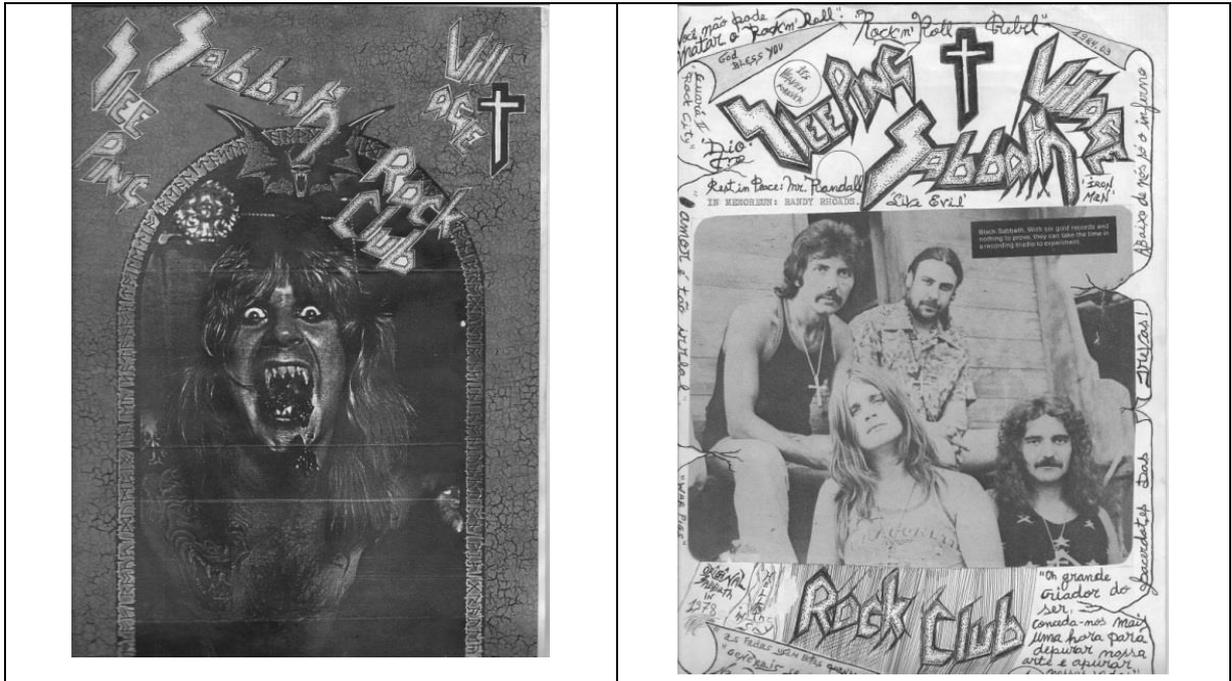
uma boa difusão em rádio, na Ipanema FM, em Porto Alegre, o que nos rendeu shows antológicos e sold out no Petrópolis e no Araújo Viana, em Porto Alegre e ainda refletiu em popularidade e também shows sold out no interior do Rio Grande do Sul.

"Agradecimentos aos saudosos Tico Terpins e a Zé Rodrix, que nos deram a maior força e carinho para gravarmos no estúdio deles, o Mica e Ivo Barreto que o gravaram, o Luiz Calanca que abraçou nossa causa e o Lincoln Baraccat que fotografou e fez a arte, a Ricardo Barão que detonou o disco na rádio e ao Geanone, que promoveu nossos shows no Sul, esses dois acreditaram na Patrulha e devemos muito a eles, finalmente mas não menos importante, nosso agradecimento a toda a galera, garotos e garotas da época que fizeram a festa do rock conosco, em nosso querido Rio Grande do Sul". **(ROLANDO CASTELLO JR., BATERISTA)**

28 DE DEZEMBRO – BEACH BOY DEVORADO PELO OCEANO

Marina Del Rey – O baterista do conjunto The Beach Boys, Dennis Wilson, de 39 anos, afogou-se no último dia 28 à noite no Pacífico, perto da costa californiana de Marina Del Rey. "Wilson e alguns amigos estavam num barco, quando ele escorregou e caiu no mar. Tentou nadar até a embarcação, mas não conseguiu. "Seu corpo foi encontrado uma hora mais tarde", disse o delegado de Marina Del Rey, subúrbio de Los Angeles.

Dennis Wilson, seu irmão Brian e Carl, além de seu primo Mike Love e Al Jardine, fundaram o conjunto Beach Boys no começo dos anos 60. Desde então gravaram 35 discos e ganham 15 discos de ouro; entre seus principais "Good Vibrations", "California Girls" e Surfin' USA".

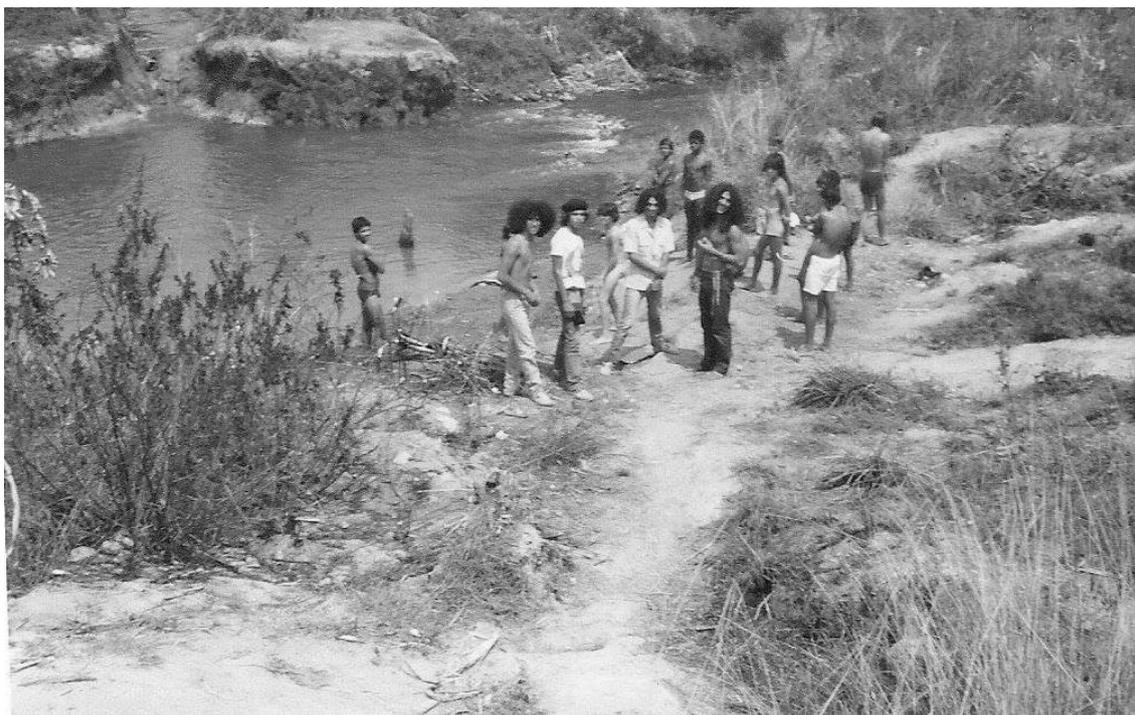


1984

Variantes dos mesmos problemas de sempre – eu comecei a carregar caixas e instrumentos por um motivo simples – era a maneira de amenizar o ingresso – me dá um prato, um pedestal e ficava no tablado montando a coisas – desde os primeiros dias quando qualquer amigo fosse tocar com Os Importantes – a ordem era ficar de olho em tudo tipo pedal microfone – prato e etc – outra barra era colar em alguém com carro e pegar uma carona – pois sem transporte sem amplificador e eu seguia espremido no banco de trás do fusca com o 'ampli' de qualquer amigo – ali constitui as maiores batalhas pessoais da minha vida sem abrir ou agredir mas que eu jogava na cara jogava.

AGUÁ DE BICA

LOCALIZAÇÃO: *A Bica era no Parque Denner (Polo de Moda)!*



No mesmo setor abaixo da chácara 14, o córrego Vicente Pires corre por debaixo do túnel de um pontilhão elevado construído para alinharem os trilhos do trem.

A Bica se escondida depois de um matagal, depois de uma faixa intermediária de terra em frente às chácaras e além da pista asfaltada e abaixo da QE 30. Eles nem terminaram o Primeiro Grau Roberto fumava um manufaturado e soltava a fumaça na narina do seu cachorro com olhos vermelhos. Um dos outros é Babão, o terror do pedaço. Ambos têm apenas 13 anos. Cabulam aula e meninas em topless se banham. Roda a garrafa de Chapinha.

Logo as meninas que frequentavam A Bica começaram a aparecer com sintomas de gravidez. Surgiram boatos de que a água d'A Bica aumentava a fertilidade.

Não se sabe qual o tipo de comunicação, mas mães de família desciam, pescadores desciam, mateiros e os grupos, porém, jamais, reuniram-se.

"Vocês se lembram do cano furado e dos cristais ao lado do trilho do trem?"

(NARDELLI GIFONE)

O buraco no cano da galeria de abastecimento d'água foi aberto a golpes de picareta e o esguicho subiu! Os cristais eram abaixo da Chácara dos Paraíbas e o povo do Bar do Quindeu desceu para recolhê-los.

– É o filho do Ivan, Vidraceiro, que vive na sinuca do Vicente .

Jamais mexeram comigo e eu jamais mexi com ninguém. A Chácara São Néilson virou a Chácara do Pai do Mário. Nos mapas, ali, um dia se chamara Parque das Cascatas. Não era bem uma bica, a água corre debaixo de um túnel, mas nunca falaram que se tratava de um córrego. Índios afiam facas e limpam peixes, índias grávidas se lavam. Eles não caçam encrenca e sabem que eu não tive nada a ver com o tiro de escopeta que o caseiro. Gilmar (†) atirou na direção do índio trepado na árvore. Todas as folhas caíram e o Ibama foi notificar o meu pai e eu tive que resolver o imbróglio. Assim conheci Sting e peguei um autógrafo dele. Ainda ando ali, agora desarmado, converso bem menos com os invasores (em missão diplomática) e também me convidam para os novos condomínios, a política mudou.



- Você é um de nós.
- Você foi ameaçado.
- Ele é filho de posseiro.
- É o mais velho aqui.
- Obrigado, obrigado.

- Na paz!
- E o rock?
- Vai rolar... aparece lá em casa.

O pôr-pegante-do-Sol chama. Subo o túnel na linha do trem. No elevador, antes dos malditos prédios, dava para ver o horizonte do fim do Guará 2 até o Carrefour. Dentinho ainda passa por ali, onde perdeu um pedaço do seu pé. Zezinho Blues e os cães cantam – o trem passa e um dia, rasgarei nele para São Paulo para comprar discos na Baratos Afins.

19 DE FEVEREIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Punks de Brasília assaltam o sul do País

Grupos e críticos do Rio de Janeiro acham que o som dos

anos 80 está chegando da capital federal.

Variantes dos mesmos problemas de sempre – eu comecei a carregar caixas e instrumentos por um motivo simples – era a maneira de amenizar o ingresso – me dá um prato, um pedestal e ficava no tablado montando a coisas – desde os primeiros dias quando qualquer amigo fosse tocar com Os Importantes – a ordem era ficar de olho em tudo tipo pedal microfone – prato e etc – outra barra era colar em alguém com carro e pegar uma carona – pois sem transporte sem amplificador e eu seguia espremido no banco de trás do Fusca com o 'ampli' de qualquer amigo – ali constitui as maiores batalhas pessoais da minha vida sem abrir ou agredir mas que eu jogava na cara jogava.

ROLLA PEDRA ETC & TALL PROD.	
PROGRAMAÇÃO DE ABRIL	
<p>Semana de abertura 06/4 Sexta 21:00 hs. Show MPB - BANDA DE LÁ GRUPO VEREDAS</p> <p>07/4 Sábado 21:00 hs. Show de ROCK PLEBE RUDE CAPITAL INICIAL LEGIÃO URBANA OS RATOS (DE BSB) ELITE SOFISTICADA 08/4 Domingo Manhã: Show Infantil 10:00 hs. CIRCO GIRASOL MAMULENGO PRESEPADA PALHAÇO PALHA</p> <p>Noite: Teatro e MPB 21:00 hs. UMA SATELITE FORA DE ÓRBITA com o grupo RETALHOS Show com CARLINHO GOMES</p>	<p>2.ª Semana 13/4 Sexta 21:00 hs. Show MPB BANDA DE LÁ</p> <p>14/4 Sábado 21:00 hs. Show de ROCK CAPITAL INICIAL ELITE SOFISTICADA</p> <p>15/4 Domingo Manhã 10:00 hs. Teatro de bonecos CIRCO GIRASOL Noite 21:00 hs. Show MPB CARLINHO GOMES</p>
<p>3.ª Semana 21/4 Sábado 21:00 hs. Teatro UMA SATELITE FORA DE ÓRBITA com o grupo RETALHOS</p> <p>22/4 Domingo 10:00 hs. Manhã Show Infantil MAMULENGO PRESEPADA Noite 21:00 hs. Teatro UMA SATELITE FORA DE ÓRBITA com o grupo RETALHOS</p>	<p>4.ª Semana 27/4 Sexta 21:00 hs. SEXTA CHORO</p> <p>28/4 Sábado 21:00 hs. Show de ROCK PLEBE RUDE LEGIÃO URBANA</p> <p>29/4 Domingo 21:00 hs. Show MPB GRUPO VEREDAS</p>
<p>COLABORAÇÃO: JOTA JOTA VEÍCULOS LTDA.</p>	

9 DE MARÇO – LÁ COMO CÁ

O Rolling Stones voltou a sofrer a censura da emissora de tevê nos Estados Unidos: o videoclipe da música "She was hot", foi recusado por duas emissoras: o canal a cabo MTV não quis exibir o vídeo porque nele aparecia a lata de um refrigerante, a NBC considerou uma das cenas muito "sugestiva" e só aceitou exibir o vídeo depois de editá-lo a seu gosto, mas com a aprovação de Mick Jagger.

7 DE ABRIL – TAGUATINGA

A Plebe Rude, Capital Inicial, Legião Urbana, Ratos (De BSB) e Elite Sofisticada se apresentam na noite inauguração do

Teatro Rolla Pedra. A Legião Urbana tinha a sua volta agendada para o dia 28 do mesmo abril, há divergência de que se apresentaram ou não.

23 DE ABRIL

Antevéspera da votação, pela Câmara dos Deputados, da emenda Dante de Oliveira. O presidente, general João Batista Figueiredo, decreta Estado de Emergência no Distrito Federal. Até segunda ordem, qualquer manifestação política está proibida em Brasília e nos seus arredores.

5 DE MAIO, ROLLA PEDRA

Parte da cena do rock brasileiro ficou marcada no Rolla Pedra – bar e espaço cultural inaugurado no centro de Taguatinga, na Rua do Sorvete, e que sem nome e que durou até 1986. Com capacidade para 120 pessoas, o projeto foi criado por José Fernandez, Marcos Antônio e José Maria. A casa foi inaugurada sem perspectiva alguma de lucro. "Nós três morávamos numa periferia cultural e o estado não investia em recursos para a cidade [Taguatinga]. A nossa ideia foi fazer um lugar que fomentasse tudo o que a gente pensava sobre cultura, nela como um todo. Porque o problema era que a gente se via obrigado a ir para o Plano Piloto se quisesse ter acesso a alguma coisa diferente. Nós fizemos o Rolla Pedra para renovar a cara de Taguatinga." assevera Fernandez.

•

O baterista Rich voltava do primeiro show do Extremo no Rolla Pedra. Sentado ao fundo do ônibus, ele segurava o álbum duplo pirata *Destroyer*, do Led Zeppelin – retornava de Taguatinga para o Guará 2. Ele tinha se mudado para um dos blocos acima da QE 28. Eu sentei ao seu lado e puxei conversa.

Logo depois, o garoto carioca Fábio Fagundes que rodava numa bicicleta com um violão nas costas, se juntou à turma. Mais tarde ele foi para Londres.

7 DE MAIO – VISÃO

O Gismonti dos anos 80 – Marco Antônio Araújo, mais um mineiro na trilha do sucesso.

21 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

Roger Daltrey, a reflexão do mod

•

Os integrantes da Legião Urbana saem da cidade em direção ao Rio de Janeiro. Dado Villalobos dirige seu Passat. Bonfá conduz o Fusca que Dado tinha lhe vendido. Renato já está no Rio, esperando eles chegarem. Devido à derrota no Congresso Nacional da Emenda Dante de Oliveira, a da *Diretas Já*. “A cidade estava em estado de sítio. Lembro dos tanques de guerra nas fronteiras do Distrito Federal.” Talvez, por isso, “Soldados” seja a música da Legião que o guitarrista associa mais diretamente com a capital federal.

26 DE MAIO

Durante a festa *Rock Baby*, na primeira conversa social que mantive com Cécé, eu perguntei quem é aquela gata de cabelos pretos?

– Gostou da Sandra? Pode ficar com ela!

Na hora fiquei sem palavras e nervosamente me desculpando.

Estava claro que o espírito do Cécé era desprovido de amarras e ele estava acima das necessidades sexuais básicas da carne.

14 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

MORRE ALUÍSIO BATATA – 1962/1984

A ‘Progressália’ perde seu mestre-sala

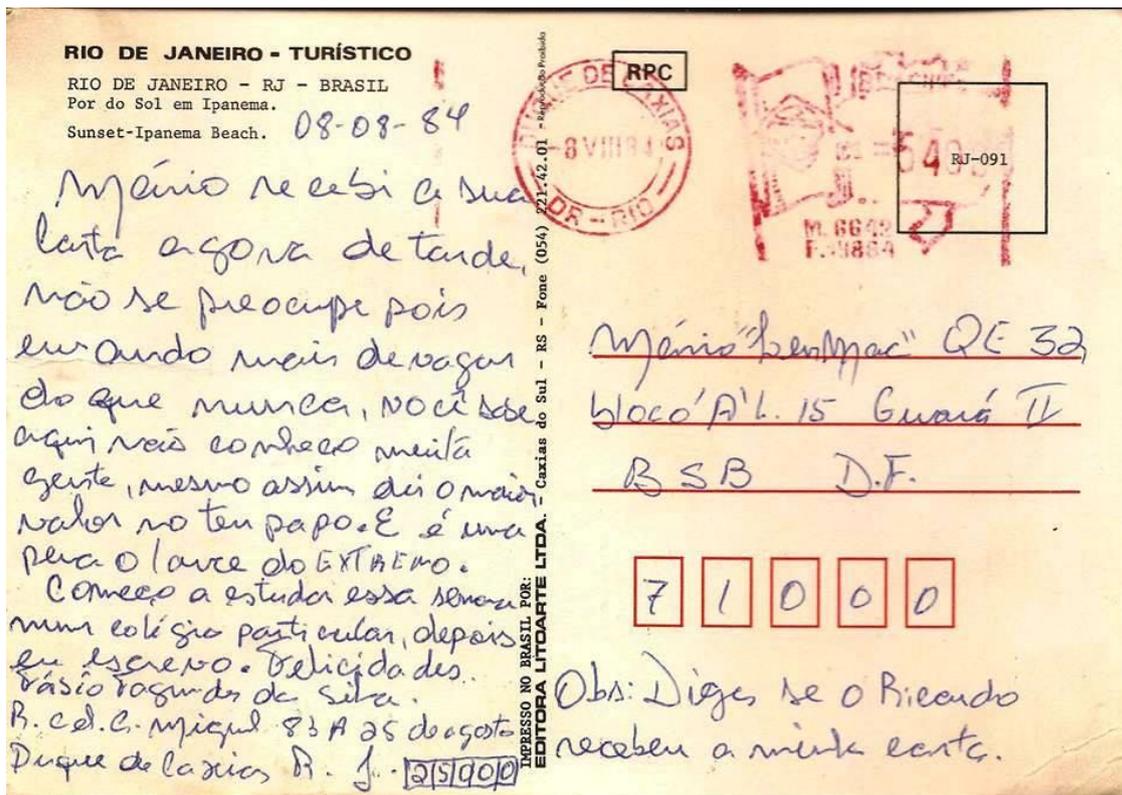
• A última viagem de um ator irrequieto – CORREIO BRAZILIENSE

A música, o cinema e o teatro de luto. Brasília perde um de seus maiores agitadores culturais.

Essa é dolorosa trata-se do Convite de casamento de Rosângela e Erlânio que morreu pouco



tempo depois afogado. Erlânio, Mário e Hugney Geraldo cursaram o Segundo Grau no Centrão em 1982, na noite descobrindo a aventura de frequentar a QE 19, o point nessa época.



OUTUBRO – JORNAL DE LETRAS

RAWET E MELLILO – (JORNAL LITERÁRIO – ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA)

A morte prematura de Samuel Rawet (22 de agosto) desfalca a literatura brasileira de um dos seus criadores mais importantes. Entre o conto e o teatro, que tanto o fascinava, ele se equilibrava, desde a década de 50.

Todos se lembram da estreia luminosa e vitoriosa do jovem Samuel Rawet, em 1956, como autor.

José Olympio lançava o belo volume dos *Contos do Imigrante*, com que o gringuinho baixote e ágil dos subúrbios da Leopoldina arrombava de repente as portas da literatura brasileira.

A história é conhecida. Tendo Samuel Rawet submetido os originais dos seus contos juvenis a Pedro Dantas, que então dirigia o suplemento do Diário Carioca, este levou o livro e o autor ao escritório do editor José Olympio, para que ele, com o seu aval, o publicasse. E o moço colaborador dos suplementos se tornou autor. E autor festejado.

A revelação imediata de um grande contista, dos maiores. Tristão de Ataíde, falando sobre o conto no Brasil, em junho de 1956, se referia com entusiasmo, nessa conferência pública, à estreia de Samuel Rawet. O seu nome chegava à Academia.

O conto foi o seu gênero por excelência. Cultivou-o com perfeição. É certo que incursionou também pelo ensaio de feição filosófica, um pouco à maneira de Martin Buber, por quem tinha vasta admiração. O teatro o atraiu sempre. Era sensível à vida como espetáculo. Mas foi o conto que de fato o realizou e o projetou.

Depois de trabalhar com Oscar Niemeyer e Joaquim Cardozo no projeto de Brasília, depois de viver longos meses em Israel com a equipe de Niemeyer, como calculista, e era muito competente, passou alguns anos no Hotel Paissandu, no Flamengo, até se recolher por fim a sua solidão distante de Brasília.

Isolara-se, talvez cansado. Ou desiludido. Surpreendeu-nos a notícia melancólica da sua morte, quando ainda esperávamos muito do seu excepcional talento literário.

Mellilo Moreira de Mello era fraternal amigo de Guimarães Rosa e estreou sob as bênçãos do criador de Miguelim.

Contista e romancista, teve no *Solar de São Manuel* (1978) o seu momento mais harmonioso e profundo. Deixou um livro de ensaios, *Andanças*, com impressões de viagens e leituras, livro saboroso que exprime muito bem a complexidade e sinceridade do seu espírito de humanista.

Escrevia regularmente no Jornal de Letras as suas *Cartas da Alemanha*, tão nítidas e informativas. Pretendia publicar um volume com elas. Seu livro de contos mereceu o louvor caloroso de um Sílvio Júlio, espírito exigente, severo. O mestre octogenário escreveu todo um ensaio crítico a respeito desses contos, minicontos, satiricontos, com um entusiasmo surpreendente e irreprimível. A morte dos dois grandes amigos coincidiu no tempo, um em Petrópolis, seu refúgio, outro no Hospital Silvestre, em Santa Teresa, vitimado pelo coração.

Ficaram, pois, unidos pela morte simultânea os dois finos escritores, tão universais, tão abertos, tão lúcidos, tão curiosos de tudo, tão sedentos de informar-se, Mellilo era uma biblioteca. Sabia tudo. Lera tudo. Tinha uma sede intelectual insaciável deveras. E amava as viagens, não só as intelectuais, também as geográficas. E recentemente foi à Bahia, preocupado com as suas pesquisas. Amava intensamente o Brasil, o Rio, sua cidade, a praia de Ipanema, junto à qual morava. Era um carioca integral.

Rawet nasceu na Polônia. Mas se tornou um carioca perfeito. Mellilo nasceu aqui, aqui estudou e aqui viveu, exceto os anos em que serviu ao Itamarati no exterior. Seu último posto foi Dusseldorf, onde era Cônsul-geral do Brasil. Mas não gostava do frio. Tinha saudade do Sol sobre as Palmeiras e do mar carioca.

Guardou, sim, nos últimos anos uma espécie de tristeza ou mágoa serena, por causa da marginalização crescente da literatura, entre nós. Sofria com isto. Este foi um traço comum, que os uniu, a Rawet e Mellilo, dois exemplares servidores das letras. Sofreram ambos com esse fenômeno, a que não chamarei triste, mas tristíssimo, o da morte das palavras.

* Mellilo Moreira de Mello (1920-1984) Diplomata. Em 1971 e 1972, quando exerceu o cargo de cônsul-geral do Brasil em Santiago, participou do monitoramento dos brasileiros exilados no Chile. Em 15 de junho de 1971, informou o MRE sobre os dados de viagem ao Uruguai do banido Edmur Péricles Camargo. Edmur foi sequestrado no dia seguinte, numa escala em Buenos Aires, e entregue clandestinamente pelas autoridades argentinas ao governo brasileiro e, desde então, se encontra desaparecido.

Fonte: <https://www.documentosrevelados.com.br/depoimentos-torturas-denuncias-ditadura/lista-oficial-de-torturadores-da-ditadura-militar/>

24 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Punks, um filme atrapalhado pela timidez

XVII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

A utopia de Brasília para as massas

A utopia de Brasília finalmente é revelada para todo o País, nos gritos musicais das novas bandas que tomam o mais polêmico espaço na criação brasileira. Uma cidade de carros oficiais, estados de emergência e desesperos concretos, assustadoramente, apresenta a mais fina nata do rock brasileiro, depois de uma fase de romances açucarados e divulgação massificada de uma nova onda de rebeldia, à Jovem Guarda, no corpo da juventude brasileira. Os punks brasilienses negam tudo, até mesmo o rótulo, e mostram porque são legítimos, são legião e odeiam as ilusões.

16 DE DEZEMBRO

ROCK

HOUSE

Discos Nacionais, Importados, Camisetas,
Pets, Posters, Videos e muito mais !!!

VENHA VISITAR - NOS

EQS 102/103 - Cine Centro São Francisco
Loja 19 - Telefone: 226-3001 - Brasília - DF

Legião Urbana

Começa a invasão das hordas de Brasília

MÚSICA URBANA

CAPITAL INICIAL

LEGIAO

URBANA

PLEBE EDUA

colegio alvorada

916 dias 4-5
norte maio
\$ 2000 21 horas

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL
UMA EQUIPE A SERVIÇO DA COMUNIDADE

1985

Na primeira entrevista da Legião Urbana para o Estadão, em 1985, a banda se definia da seguinte maneira: " Não é new wave, heavy, nem punk. É Legião Urbana "

17 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

'O Pau do Homem' volta ao Galpão

A polêmica peça de Peterson Diesel *O Pau do Homem e a Língua da Mulher*, dirigida por Jota Pingo com músicas de Edu Viola e do grupo Anjos e Arranjos.

EU VIAJEI DE TREM PARA SÃO PAULO

Voltei aos gibis. Entre 1979 troquei-os por LPs. Eu costumava ler dar os gibis... Agora, eu tinha uma coleção considerável e retomei o colecionismo até os dias de hoje.

Foram 24 horas extenuantes no interior dos vagões de ferro e calor. Diante dos pais da Branca, na Rodoferroviária, não tinha coragem de comprar uma passagem leito e embarcar na cara dura.

.....
Mais uma vez em São Paulo, os velhos dilemas familiares, controlavam os gastos e conversas ao pé de ouvido. Tudo parecia inapropriado.

Um fato extraordinário: a primeira vez que eu fui a Baratos Afins e o Luiz Carlos Calanca me



deu um pito inolvidável. Juntei um monte de discos de diferentes artistas e coloquei na mesma estante. Depois me apresentei, disse ser o Mário de Brasília, o que fazia o Jornal do Rock e me apressei em comprar, o segundo e o terceiro LPs de Joe Perry Project – que não eram aquela coisa! Mas também trouxe um disco que marcou as nossas festas: primeiro e único LP da Ave de Veludo.

Nas calçadas dos dias passados, trafeguei pela Galeria do Rock.

Saindo de lá, caminhei até a rua e, logo limiar de uma praça ensolarada, li:

"Woo Bop Discos". A magia aconteceu. Uma lojinha acanhada e foi como cair de um sonho na toca do coelho.

Quando avistei, no interior do estabelecimento, o disco *Armagedon*, da banda do Keith Relf, foi tudo telepático, como se ele estivesse me esperando. Paguei um preço relativamente alto (mesmo com desconto) pelo LP. Algum dia, este bolachão seria tocado no Planalto Central ad exhaustum e mudaria nossas vidas para sempre. As cordas fremiriam, elásticas, virtualmente feitas de intestino humano, esticavam, estralavam, regurgitavam e não se

partiam. Absolutas! Abruptas! Absurdas! Até Cécé, que tinha a manha de tocar a nota certa, confessou algo para poucos ouvidos: “Não tá igual ao disco!”. Aí eu aprendi que releitura e cover são a mesma coisa.

É curioso dizer, jamais comento que tenho ou comprei este LP! Passaram-se anos até que eu mostrasse “o som” aos caras. E nesse dia de epifania, a faixa “Silver Tighrope” escreveu sua letra em nós. E sempre que eu a ouço, revejo claramente o cabelo liso do Cécé, partido ao meio, escondendo o rosto, a dedilhar o firmamento com a guitarra em punho.

E não acabou por aí meu périplo discotecomaniaco: ainda na lojinha Woo Bop, adquiri o EP do Violeta de Outono, som que junto com o Armaggedom, seria fundamental para a formação de uma banda lendária (que poucos conheceram!) chamada ALÉM. Trouxe ainda outro LP marcante dali: o primeiro da banda britânica Dirty Tricks! Saí de lá convencido de que eu era um autêntico paulistano.

Nessa época, o ato de comprar discos já provocava reações contrárias: “Você só compra discos?” O negócio é que eu estava gastando a minha suprema grana com o que eu gosto mas



eles estavam preocupados com o futuro e nem viram a própria morte.

COLLECTOR'S ITEM

A doce tia Deusdete dava duro nas mansões do Morumbi. Ela meu deu esse compacto simples italiano com um enorme furo no meio. "Come Together"/"Something", o engraçado é que sempre a "Something" é que aparecia no lado A! Um dos originais dos tempos finais

da Beatlemania.

33 anos atrás, ela me deu um raríssimo single italiano dos Beatles de furo largo com "Come together" no lado 'A'; "se você já tiver me devolva"... Nenhum dólar jamais comprará esse exemplar. Ainda nos 70s, nossos parentes do Goiás foram nos ver em São Paulo,

FÉ NÃO MUITO PESADA

Eu era bem fanático e talvez não tenha mudado nada – God Bless Ozzy!

Estive Sobradinho, antes do punk rock ter explodido por lá; quando ainda existia a banda Feto Podre, que, apesar do nome, assinava um repertório inspirado no blues. Foi na satélite serrana que surgiu o fã-clube, *Sleeping Village*, dedicado a Black Sabbath. Inicialmente Jan, Celso, Paulinho e Nem, da Quadra 8. Um dia, fizeram um flyer.

O fanzine, *Sleeping Village*, totalmente dedicado ao Black Sabbath, era uma bíblia bem acabada, com as altas traduções, fotos e letras. Rodou o Brasil de 1983 a 1985 e fez o maior sucesso. Guilherme Iommi era o fã paulista responsável em grande parte pelo sucesso da

publicação, o inglês dele era melhor, e também tínhamos Antônio Carlos, um tradutor profissional para as matérias das revistas Circus e Hit Parader.

No Brasil, Sleeping Village Sabbath Rock Club foi o primeiro a divulgar que o Black Sabbath havia sido Polka Tulk! Informação passada por Guilherme Iommi. A propósito, em São Paulo, Guilherme mostrou-me dois autógrafos do Ozzy, o primeiro num livro e outro num pedacinho de papel. Pedi o autógrafo menor, Guilherme disse que não havia jeito. Fui embora, ali morreu a amizade e o fanzine do Black Sabbath para sempre.

ONDE ANDARÁ MELVIN?

No início do ano, um grupo de amigos pretendia ir ao *Rock in Rio* e dormir na praia... foi quando surgiu Melvin que já tinha carro zero e os instrumentos de sua banda eram comprados na Zona Franca de Manaus. "Magrão! Você não teria 5 mil cruzeiros?" Ele explicou que trabalhava na bolsa e conforme a alta de certas ações, ele as comprava barato e depois as revendia se dando bem (as tais informações privilegiadas). Muitos vizinhos embarcaram nessa. Quando a casa caiu, Melvin sumiu e os seus pais venderam o sobrado. A última notícia que tive de Melvin foi dele vendendo produtos de beleza e de limpeza da Amway. Pobre Melvin.

NO MEIO DE UMA EXPLOSIVA CARREIRA, UMA GRANDE CENA FINAL

Fanzineiro, jogava xadrez com os poetas da geração mimeógrafo – que jamais imprimiriam seus trabalhos textos e peças – músicos da fina flor da MPB, ex-jogadores de futebol da várzea.

Bom gosto: ouvíamos, o LP *Tapestry*, era da cabeceira da UVA. Nesse tempo legal, as coisas começavam a acontecer com intensidade e rapidez que acompanham os giros da eternidade.

No velho Conj. C da QE 34 perdi a primeira namorada para o meu melhor amigo e não sei como caiu na mão esse LP importado "Tapeçaria". Fiquei uma pancada de tempo ouvindo "I Feel The Earth Move". Passei um ano, dois anos sem sair de casa aos sábados à noite – foi quando comecei a andar mais com Osmar, Kiko, Anísio Maia, Laska e seu irmão Bitonho, jogávamos xadrez no Bar 32º Graus.

O saudoso Osmar perguntou: "Conhece aquela chácara que tem bambu?" Sim. Fomos lá e o Osmar cortou uns pés de bambu para uma festa Junina na 32. O também saudoso, Joel, possessor da chácara 10, por um bom tempo me cobrou os bambus e eu não fui avalista...

Passei a ser intimista e a escrever melhor. É quando você aprende a trepar, fazer sexo é uma coisa muito pessoal e depois do medo, você ri da situação – tipo, só ela me compreenderia ou eu só gozava com ela –, meu pau fica duro e lateja toda vez que eu ouço esse disco. É como se estivéssemos trepando na cozinha e o ousado carteiro entrasse. Trepando é uma guerra, uma conquista e eu nunca inspirei futuro ou estabilidade. Estava muito interessado em encher o vazio da vida com quem entendesse nossas necessidades vitais que, naquele momento, não era sexo. Eu nunca vi o amor como sexo. Amor não precisa de sexo, o sexo é legal quando tem aquela situação secreta de se entregar, se esfregar e ir longe – ir longe mesmo atrelado.

•

O Extremo estava intrigado desde a entrada de Mentex "um dos grandes erros de estratégia foi deixá-lo ter entrado". Agora ele ficou com a banda tirou o batera e o vocal e mudou de nome, mas a amizade do Extremo era mais forte. Tuca subiu no palco com um par de asas mordiscadas por arrebites, abriu os braços e insinuou um voo e voou rasante, tropeçou na borda do palco e caiu em cima da mesa de equalização do finado Hermann. A galera pirou – achava que fazia parte do show! O Ginásio de Esportes do Gama inteiro tremeu. Foi o último ato. Foi o que me contaram.



Aquele Verão Cultural começava com o show da Cida Moreira e Legião Urbana na Sala Funarte e, mais à frente, o show *Instrumental 1985* de Marco Antônio Araújo Grupo!



1985, lançava uma nova realidade econômica. Eu tinha namorada e brevemente uma carteira assinada pelo banco. Estávamos trabalhando nas lojas C&A e alguns haviam viajado para tentar cursos e mercado de trabalho.

Aquele rock'n'roll em português era substituído pelo heavy metal.

A era dos shows ao vivo nos gramados chegara ao fim. Nada de *Encontro de Músicos do Guará*, shows no Cave ou no Chaplin na 111 Sul. As únicas apresentações ao vivo agora eram no *Cabeças*, que ocorria na Rampa Acústica no Parque da Cidade.

Tota: Xadrez! Hábito e aulas herdadas na QE 32, sempre um polo gerador de movimentos

11 DE MARÇO

É aberta no Cine S. Luiz 1, no Rio de Janeiro, a mostra *Glauber por Glauber*, a primeira retrospectiva completa do cineasta.

7 A 19 DE MARÇO, FUNARTE

“Uma menina me ensinou. Quase tudo que eu sei. Era quase escravidão. Mas ela me tratava como um rei” Eu e *Branca em nossos macacões* assistindo à Legião Urbana – Foto: BsBNight Recordações da noite de Brasília (FACEBOOK)

Ele achou que ninguém tinha vindo para o seu show. Renato Russo deu uma boa olhada na nossa cara iluminada pela lâmpada da carrocinha. E ele foi embora. Minha namorada perguntou se ele me conhecia. Foi a última vez que eu o vi ao vivo.

A última vez que vimos Renato Russo não é fácil de contar porque é muito sentimental. Peguei minha namorada, Branca, no Venâncio 2000 e atravessamos o gramado até a Sala Funarte, além de nós tinha a carrocinha de pipoca e o porteiro. Renato Russo chegou a pé. Visivelmente alterado. Veio na nossa direção e me deu uma boa encarada. Pensei que ele nos chamaria para a passagem de som... não rolou. Eu devo ter dito: "Oi Renato". Ele virou as costas. Branca perguntou: "Ele te conhece?" Outra ação desastrada foi tentar convencer o porteiro a assistir o ensaio de Renato Russo com Cida Moreira. Só ouvimos.

Quando, no show, pintou a canja do Renato em "Summertime". Alguém gritou: "Janis!" Renato parou e respondeu: "Gershwin!". Minha performance na primeira cadeira do show também foi reprovável. Passei o show todinho gritando na primeira fila: "Traidores". Era moda em Brasília chamar as pessoas de traidores.

A gente era jovem.

ABRIL

Grande parte das bandas tinham que passar pela *Feira de Música*. O negócio encheu de tal forma que foi necessário colocar uma televisãozinha numa Kombi para transmitir o que acontecia lá dentro. Camufloyd não perdia uma. O clímax foi 1985! E, quando parecia que o negócio iria estourar, o governo cortou a grana...



Esse recorte deve ser de abril. Como podemos observar, meu preconceito musical era camuflado, uma vez que eu guardava recortes da cena toda. Espero que vocês tenham gostado da revisão *heustórica* e *histriônica* do irmão Belushi que nunca se livrou do sarcasmo dos Magrellos.

4 DE ABRIL – UMA BANDA QUE FAZ ESCÂNDALO*

Escola de Escândalo

Um dos expoentes do novo estilo de rock nascido em Brasília e que faz sucesso no eixo Rio/São Paulo, o grupo Escola de Escândalo se apresenta no próximo dia 7, no *Rock in Prima*, promoção do Clube Primavera de Taguatinga. A banda mostrará seus novos trabalhos como "Luzes", "Complexo" e "Quatro Paredes" (que fala da vida de um presidiário), além de outras músicas já bastante conhecidas do seu público, como "Popularidade" e "Menino prodígio", executadas nas rádios FM do Rio de Janeiro.

Formado há um ano por Bernardo Mueller, vocal; Marielle Loiola, vocal; Geraldo Ribeiro, baixo; Fejão (sem i mesmo), guitarra; e Eduardo Espinoza, bateria, o grupo já tem uma agenda um tanto quanto intensa. É sempre convidado para apresentações em danceterias do Rio de Janeiro, onde está com um show marcado no Circo Voador para o final destes mês.

Também está em fase de acertos finais um espetáculo em Goiânia. Escola de Escândalo tocará, ainda, no *Festival de Música da Lagoa Formosa*, que será realizado de 30 de maio a 2 de junho, e, no dia 9 de julho, estará no Ginásio de Esportes de Brasília, ao lado de Paralamas do Sucesso e outras bandas de rock da cidade.

Bastante eclético é o que se pode dizer do conjunto de influências que caracterizam as músicas do Escola de Escândalo. Mas seus integrantes preferem não usar rótulos para um estilo que consideram próprio. Todas as composições têm letras de Bernardo Mueller e melodias criadas coletivamente, o "que faz das músicas, segundo eles, um trabalho diferente, pois todos nós sofremos influências de nossos estilos preferidos".

7 DE ABRIL – ROCK IN PRIMA

Hoje, o forte astral do Êxtase em Taguatinga

.....

Nesse mês, andamos léguas à noite, do Guará do Bandeirante, Maurício, meu amigo, veio do Cruzeiro de ônibus. Numa noite de sábado chegamos no Ban-ban e nenhum sinal de música de praça da Legião Urbana. Ninguém sabia de nada e como voltar? Naquele tempo, se já não existia ônibus imagine táxi! Retornamos tristes, no dedão. Por isso, a partir de então, jamais me esqueci que nos shows de Brasília nunca ocorria nada. Isso é certo. Foi quando deixei de ir aos shows da Legião Urbana. Show em Brasília era assim: não arrecadavam a grana e metade do cast dançava, a violência das turmas cancelava o show, andavam em cima dos ônibus (ou depredavam-nos) e tudo termina na delegacia. Engraçado hoje eu trabalho com os motoristas de ônibus daqueles dias – Todinho sempre levava o ônibus para a delegacia e o Seu Chico, agora aposentado, me deixava descer pela porta da frente porque eu tinha gasto a grana comprando um livro da coleção *Primeiros passos*. Algumas vezes, me levavam no ponto final para falar com o fiscal que eu não tinha grana.

Oh, Rock'n'Roll, dei-lhe todos os meus centavos!

10 DE ABRIL – JORNAL DE LETRAS

CORA CORALINA, ATÉ SEMPRE

Calou-se a voz de Cora Coralina com a naturalidade de uma ave do cerrado que deixa de cantar. Em paz com Deus, em paz como mundo e principalmente em paz consigo mesma. Era preciso vê-la há poucos dias, tomada de esperança, a rezar por Tancredo Neves, pouco se lhe dando se o precederia no ingresso à eternidade. E precedeu de quase uma quinzena. Mas foi tudo tão natural como uma ave do cerrado que deixa de cantar. Poeta, poeta e poeta, Cora Coralina (1889-1985) não foi outra coisa na vida. Foi a consciência do Brasil Central, foi a consciência da mulher simples "bem parideira, bem criadeira", foi a consciência do século dezenove varando quase de ponta a ponta o século vinte, como que quisesse pegar com a mão o século vinte e um. Coragem e espírito não lhe faltavam para isso.

Cora Coralina de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de *Meu Livro de Cordel*, de *Vintém de Cobre*, até sempre.

29 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Vem aí o Festival da Lagoa de Formosa

24 DE MAIO, “QUANTO VOCÊ QUER?”; “NÃO ESTÁ À VENDA!”

O violão elétrico Del Vecchio é de 1957, está comigo desde maio de 1985 – foi presente da Branca. Sempre namorei este violão que pertencia ao pastor Vicente, pai do Daniel (saudosíssimos da QE 32). Seu Vicente era um homem branco de alta estatura. Pioneiro de Brasília e talvez um ítalo-paulista, comerciante carismático e gente fina. Um dia cheguei em



casa e o violão estava na minha cama. Cécé tocou no Del Vecchio até 2001, Ricardo Dezotti passou uma semana tocando nele, Luciano Reis passou dias dedilhando-o e também . Desde então, ele fica guardado. Blavis, tirou as teias dele! O velho Del Vecchio, décadas atrás, saiu para uma reforma em Taguatinga e quando fui buscá-lo bateram minha carteira no ônibus. O cara da reforma não acreditou quando falei que havia perdido o dinheiro dentro do ônibus, *fdp!* Tive que arrumar a grana de novo e não foi uma boa reforma, hoje as cores da madeira voltaram ao normal. Sempre tive um jogo de cordas pesado e sempre acontece de alguém ruim de corda (ou muito entusiasmado) partir a mi então e eu decidi deixá-lo banguelo. Durante um bom tempo, imaginei o Celso Blues Boy tocando nele – que outros artistas do blues venham tocá-lo.

TERÇAS INSTRUMENTAIS

Ontem perguntaram se o violão pertenceu a alguém; pertenceu ao senhor Vicente, comerciante pioneiro de Brasília no Núcleo Bandeirante. Mas também conhecido como André Vicente, pastor. O violão veio da paróquia, fundada por ele no início de Brasília no Núcleo Bandeirante. Na época da compra, 1985, ele vendia também o amplificador. Senhor Vicente, pai do Daniel da QE 32

HOMEM SÉRIO, MAS NÃO MUITO

Pronto para o rock ou para a estrada, tipo estávamos saindo para vender o artesanato do Joel. Note o meu colete de couro e os *sapatinhos de índio* como a moça bonita os chamava os mocassins ou o cinquentenário violão Del Vecchio – época do primeiro namoro sério com a Branca e quando me afastei de um segmento da UVA.

Rebobina a fita!

Eu tinha perdido Norminha Frampton minha primeira namorada, para o meu melhor amigo, Ismael, aquele com quem fundara o fã-clubes dos Beatles. Por ironia (ou por acaso mesmo), eu tomei a namorada do Luiz Ricardo, meu outro amigo.

Os últimos momentos mágicos com a égide do selo rock Brasília foram no show de despedida do Capital Inicial no *Teatro Garagem*. O som da banda era diferente e o público era diferente também. Não havia caras conhecidas. Alguns estudantes de Segundo Grau, e, para completar o ciclo, a *II Temporada de Rock da ABO*.

Quando o rock pesado ganhava um espaço novo na cidade, o Extremo fez uma turnê suicida pelo Gama e acabou sumindo do mapa.

25 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

Banda 69 – Bom humor a serviço do corpo e do rock

3 DE JUNHO – COLUNA MÚSICA – IRLAM ROCHA LIMA

Renato na Playboy

Na "Playboy" que está nas bancas, uma minientrevista de Renato Russo, vocalista e líder da Legião Urbana, ao redator-chefe da revista, Carlos Costa. Renato fala de música, sucesso, política, tietagem, fantasia, nova geração e rock. Sobre Brasília ele disse o seguinte: "É uma cidade muito louca que espelha o Brasil. Centro estudantil, tem uma das maiores favelas do país, além de ser o centro da política, sem muita ética. Muito de tudo isso inspira nossas letras".

4 DE JUNHO

Marco Antônio Araújo – O rock como um elemento

8 DE JUNHO

Rumores

Quatro bandas de rock da cidade num único disco: Finis África, Elite Sofisticada, Detrito Federal e Escola de Escândalo

12 DE AGOSTO – O GLOBO

Na casa de Elvis, a face oculta de um astro

24 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Em chamadas, Plebe Rude invade a pequena área

JULHO, PUNK DE VITRINE

Eu disputava uma vaga de vendedor de calçados no Park Shopping. Um casal andava de mãos dadas, olhando as vitrines. A cara do rapaz tinha marcas, conformava uma pequena lua de acne. Trajava roupas de enleio burguês e, pendurada a tiracolo, uma bolsinha hippie: Marcelo Nova era seu nome. Na hora, eu pensei: "... punk de vitrine". Não fiquei com a vaga da sapataria, mas, um mês depois, assinei carteira. Sorte!

12 DE AGOSTO, O GLOBO

Na casa de Elvis, a face oculta de um astro

SETEMBRO, NO SISTEMA BANCÁRIO CONEXÕES PUNKS NO GAMA

Meu futuro foi traçado no balcão do Bar do Trajano. Luís Trajano, Armante, Batatinha

Fui no Gama, eu conhecia o César, que era guitarrista da Fungos and Bacterias e irmão do saudoso Wellington Mindoim e Bianca que também frequentava shows.

Lá existia um fã-clube dedicado ao Led Zeppelin. O presidente do fã-clube d'O Canto do Cisne, Fernando, me comprou alguns fanzines fiados e nunca pagou. Apesar de me dever, não me dispensou muita atenção, nem cortesias: paguei pelo par de ingressos. Branca, minha noiva, ficou desapontada pela indiferença. Na verdade, ficou *p.* mesmo, mais do que eu pela falta de reconhecimento: "E aquele seu amigo não disse nada, ficou lá bebendo vinho".

Dessas eu coleciono dezenas, mas quem tem um sonho não acorda.

Eu e Carlos Alberto, o Betinho, fomos bancários no SDS. Ele usava a calça lá em cima apertada com cinto e de coturno. Cabelo cortado bem rente, parecia que acabara de dar baixa no Exército. Mas ele tinha moral com os meninos da Guardinha – os menores que faziam o malote. Os cinco dias da semana almoçávamos juntos e ele contava suas aventuras: "Foi doido, moleque, o rolê por São Paulo". E ainda falava das transações com o Chicão pela Devil Discos para lançar o disco da Stuhlzäpfchen Von N. (Supositório Nuclear), da qual era o baterista. Assim foi possível acompanhar, com proximidade, a nova cena e como os discos eram gravados pelos selos de São Paulo.

Conheci outros punks históricos como Chacal, Piolho, Lou, Alex e Catarina fazendo panfletagem anarquista a favor do voto nulo; o Auger com a cabeça raspada e seu taco de beisebol. Andava vestido socialmente exibindo a linda namorada loira.

Outro cara importante foi o Ricardo Bonisson que chegara da Europa trazendo uma mala de vinis e não se importava em emprestar os vinis e sua guitarra Gibson a Gilmar da Stuhlzäpfchen Von N. Troquei muitos (alguns) discos importados com ele por discos de artistas brasileiros.

PUNKS NOT DEAD! RICARDO BONISSON! / GILMAR BATISTA SANTOS



Gilmar e Ricardo na cidade de Tallinn na Estônia

Gilmar fala sobre Ricardo Bonisson Villa-Lobos com muito carinho:

“Ricardo estudou no antigo colégio Compacto da Asa Sul, com Podrão e Zuher, que morava no Gama e o trouxe para conhecer a cena rock do Gama. Viramos amigos imediatamente. Bebi diretamente da fonte, pegando

emprestado todo o material possível, gravando em fitas cassetes e distribuindo entre os amigos. Ricardo também me emprestou por vários anos, a guitarra que me ajudou nos primeiros anos do Stuhlzäpfchen Von N, uma Gibson Marauder, linda e superboa de tocar. Revi meu grande amigo agora em 2018, em Tallinn capital da Estônia, onde e mora e trabalha no Consulado Brasileiro. Punks not dead!"

•

Eu conheci Ricardo relativamente pouco, mas o considero amigo e a respeito dos amigos eu posso tudo, se não a gente vira desafeto.

Em 1985, ele voltou da Europa, onde presenciou o movimento punk na Inglaterra, trouxe na bagagem dezenas de LPs e compactos das bandas mais importantes do cenário inglês, francês, belga e norte-americano. Eu fiquei com dois LPs do Led Zeppelin, o primeiro Jimi Hendrix Experience edição francesa e mais um duplo ao vivo, *Eagles Live* – Ricardo ficou meio perturbado com a minha paixão pelos vinis dele. Do Joy Division, ele tinha um bootleg francês chamado *Atmosphere* que me emprestou. Ricardo trabalhou no Setor Hoteleiro Sul. Ainda hoje, ouço o *Physical Graffiti*. No quarto do Ricardo, havia uma lixeira de escritório com um rosto de Marilyn Monroe que jamais me esquecerei.

Uma vez por mês deixava uma parte significativa do salário no balcão do Sebo do Disco, na Asa Sul. Numa noite dessas, apareceu um rapaz da minha idade com a boneca de um fanzine. A boneca chamou-me a atenção porque o interior era ilustrado com fotos e havia um gabarito (colávamos recortes de revista ou jornais). O texto de abertura era assinado por Renato Russo: "havia alguma coisa muito errada com o vocalista naquela noite, pois ele cantava uma letra diferente, assim que a banda começava a tocar". O texto era sobre Ian Curtis e foi a maior informação que eu tive de como eram as últimas apresentações da banda. Informação totalmente inédita para mim naqueles tempos, jamais pude confirmar esse parágrafo. O patrocínio do Sebo não rolou e o fanzine desapareceu.

7 DE OUTUBRO – JORNAL DO BRASIL

18ª Bienal de São Paulo

Um músico faz a festa

John Cage, 73 anos, percorreu os 36 mil metros de exposição e fez um concerto onde misturou I Ching e música concreta.

ENTRA A ORTODOXIA

Tudo estava *Rock In Rio*. Uma febre de rock. O fanzine que tinha dado os Beatles, tinha feito sucesso com Janis. Estava bastante confortável como Sleeping Village Sabbath Rock Club. Aí, eu li um negócio: *Ortodoxia do Blues* e mergulhei de cabeça. O lance agora era Era Yardbirds. Eu me orgulho pra cacete em ler hoje esses livros importados do Led Zeppelin e ver que a história que nós contamos àquela época é igual à que aparece nestas publicações pós-millennium. Foram quatro edições apenas, mas suficientes para angariar o tal prestígio. O seguinte *Rock'n'Roll* foi fundamental para a onda resistir.

Depois de dois anos sem fazer shows, Rita voltou aos palcos na primeira edição do festival *Rock in Rio*. "Odiei ter participado em 1985", ela comentou em referência ao tratamento inferior que os artistas brasileiros receberam do evento.

"Esta tour será a maior que eu já fiz. Estou tão excitado sobre algumas ideias que temos planejado. Tudo será baseado no *Bark at the Moon*. Talvez teremos morcegos hidrófobos no auditório. Ou talvez alguém traga um lobisomem para a arena, tudo será liberado. Vai ser pirante. Queremos todos envolvidos e sentindo o show. Se o cara que viu nossa última tour e pensou que foi algo, esperem para verem essa. Talvez eu mesmo coloque fogo em mim no Madison Square Garden. Eu sempre quis sair de lá numa chama de glória".

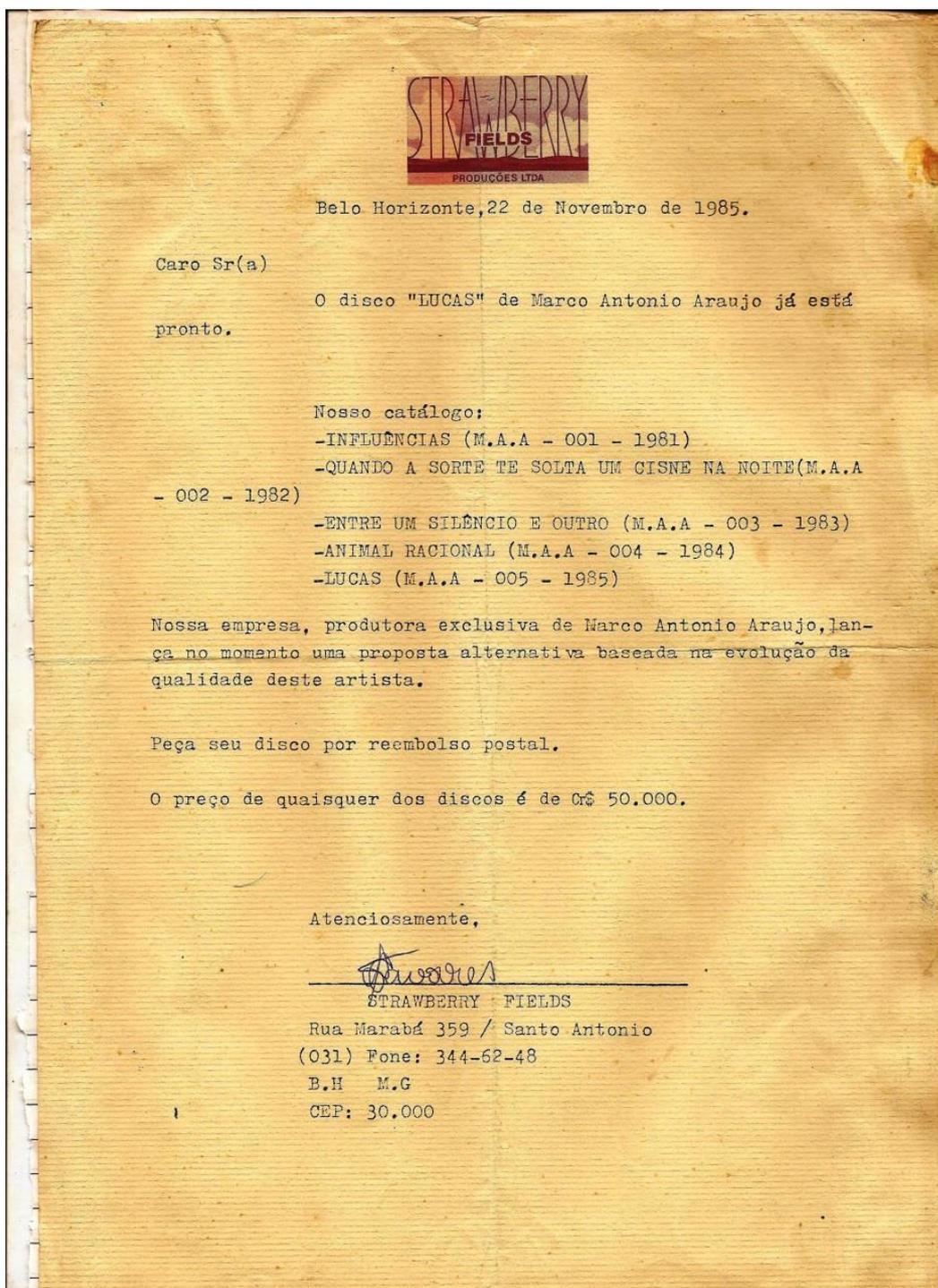
(OZZY OSBOURNE, 1985)

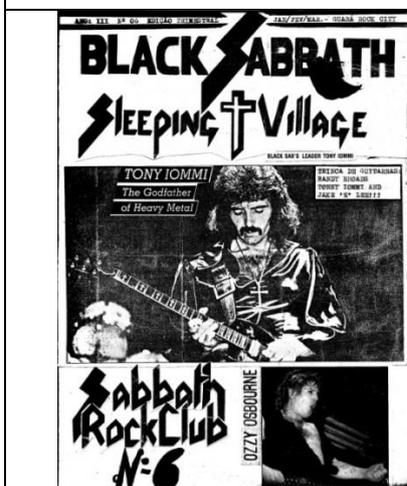
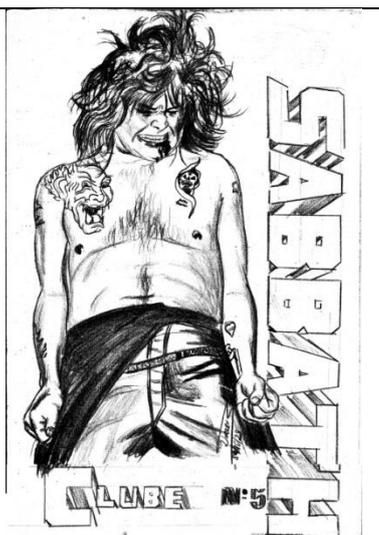
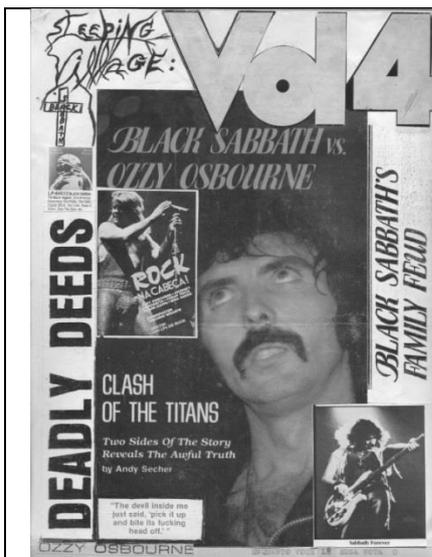
22 DE NOVEMBRO

Tenho alguns documentos que nem são importantes e impactantes, essa carta mostra que estávamos à procura do acorde mágico. Ela é muito importante pois, é a certidão de que eu estive lá. São poucas lembranças que podem reconstituir a tônica do mágico 1985, então veio 86...87... e a morte de Marco Antônio Araújo desfalcou a nossa vida.

22 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 2 X 1 PORTUGUESA

Paulista de 85 – a consagração dos *Menudos*





pu artístico, mas principalmente, 1986

Caso de overdose

Uma overdose de cocaína — e não um aneurisma, como se informou de início — foi que causou a morte do cantor e compositor mineiro Marco Antônio Araújo, no último dia 6. Essa foi a conclusão do Instituto Médico Legal de Belo Horizonte ao fim dos exames periciais encomendados pela Delegacia de Homicídios, que decidiu não abrir inquérito sobre o caso.



Marco Antonio

Na tarde do dia 3, em sua casa, Marco Antônio foi descansar, pedindo que só o acordassem duas horas mais tarde, quando foi encontrado em seu quarto já em estado de coma. Levado a um hospital, acabou morrendo três dias depois.

AFINAL. 4 DE FEVEREIRO DE 1986

7 DE JANEIRO – ESTADO DE MINAS

Marco Antônio Araújo – A guitarra toca um adeus plangente

11 DE JANEIRO

Marco Antônio Araújo – A última cara de Adeus

• A volta de Roger Daltrey

25 DE MARÇO – FOLHA DE SÃO PAULO

LÚCIA ROCHA PROCURA SABER DETALHES DA DOENÇA DO FILHO

A mãe do cineasta Glauber Rocha, Lúcia Rocha, 67, disse ontem que tentará descobrir quem levava drogas ao filho hospitalizado em Lisboa, em agosto de 1981. E se havia “festins” em seu quarto de hospital, com denunciaram os médicos portugueses

César Abel e Fernando Rodrigues a diplomatas brasileiros, eles, na sua opinião, responsáveis pelo doente, deveriam tê-los proibido.

Lúcia Rocha disse que o escritor Jorge Amado e sua mulher, Zélia Gattai, o escritor João Ubaldo Ribeiro e o cantor Fagner frequentavam o quarto de Glauber – ela tem algumas fotografias – mas jamais, a pós a sua morte, em 22 de agosto de 1981, a procuraram para dar qualquer informação sobre a doença do filho.

Lúcia Rocha e a irmã de Glauber, Ana Lúcia, 33, consideraram “muito boa” a iniciativa da Folha de publicar, no sábado, relatórios secretos do Itamaraty sobre a doença do cineasta, “que sempre ficou mal explicada para a família”, disse Lúcia. Ela informou que, no domingo à noite, começou a receber telefonemas anônimos que perguntavam por que levantar este assunto agora, quatro anos após sua morte. “Desde que comecei o projeto ‘Tempo Glauber’ (organização de um arquivo de Glauber Rocha, no Museu da Imagem e do Som, no Centro do Rio), vou recolhendo histórias aqui e ali. Agora, depois desta matéria da Folha, quero saber quem levou drogas ao hospital. Por que não chamaram a polícia? Para não falar no nome de Jorge Amado, que é rico.”

Ela disse que, no dia 10 de agosto de 1981, Glauber lhe telefonou dizendo-se doente, com uma forte gripe que evoluía em pneumonia, e que acabava de lhe escrever uma carta longa, onde lhe contava detalhes. “Esta carta nunca me chegou. Eu quero a minha carta. Após a morte de Glauber, eu telefonei, triste como estava, para Jorge Amado, pedindo algum esclarecimento, alguma informação. Ele me disse ‘estou saindo para uma festa, me liga depois’. A única que me contou alguma coisa foi Paula Gaétan, minha nora, mãe de meus netos. Os médicos portugueses não nos trataram bem, não deram informações”.

A reportagem da Folha, para Lúcia Rocha, deixou “muita gente com medo, porque sabem demais”, mas a família, segundo ela, está interessada em que a verdade venha à tona. Lúcia e Ana esperam hoje a chegada ao Rio da filha mais velha de Glauber, Paloma, 24, para discutirem que providências tomarão, no sentido de tentar esclarecer as circunstâncias da doença e morte de Glauber.

21 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Rock reúne 25 mil jovens na praça do Congresso

27 DE ABRIL – *Moçada, que foto histórica! Nosso saudoso amigo-contrabaixista, Nando também conhecido como Charuto, lá do Conj. C da QE 34, irmão do Ismael Rogério. Ele insistiu com a mãe, Dona Sebastiana (in memoriam) para comprar este contrabaixo num brechó na Asa Norte – exercício árduo conseguir instrumentos de cordas elétricas naqueles idos.*

•

A convite do renomado crítico do Jornal do Rock, a banda Stuhlzapfchen Von "N" (Supositório Nuclear) se apresentou na Praça da QE 32... Naqueles idos, havia o som do palco sem retorno para os músicos e altofalantes no centro da praça... Não se ouvia muito perto do palco, só a guitarra e os outros instrumentos, mas nos falantes era claro: "Instrumento de tortura medieval / é usado na polícia tradicional / é usado por homens de farda azul / não importam com nada fazem chacina". Do outro lado da praça na transversal, apesar de torcer, sabia que iria *dar merda*... Mal o vocalista Gilmar desceu do palco, a dupla de policiais Cosme e Damião foi averiguar seus documentos – foram formais e rápidos –, eu cheguei de mansinho e tasquei “Dando autógrafos?” Riamos pra caramba dessas situações.



FOTOS: JOEL ALVES RODRIGUES





No canto esquerdo, Vicente Sabino (com a barba cerrada e os óculos ray-ban para disfarçar as olheiras das noites em claro do Bar Esperança PT), a sigla significa "ponto de trafego", mas era desafiadora – toda a intelligentsia boemia do Guará passou por seu bar. Da gaveta, eu tirava dinheiro para comprar revistas e ele sabia. Quando virava a noite e chegava pela manhã: "Me conte como foi o rock, o embalo, que eu te dou uma Coca-Cola". "Filho do Ivan nos seus livros, me chame por Mirão e não me deixe de fora!". Foi esse povo bravo foi que seguiu a minha barra diante do primeiro fracasso quando lancei *Balada do Louco*. Mirão guardava pedaços do Correio Braziliense para mim. Quando eu chegava da escola na hora do almoço, o mais excepcional dos barmen jogava sinuca só com uma mão. Ele viu tudo e soltou a língua: "Quando eu morrer, meu corpo vai no caixão, mas a língua numa carreta". Resolveu casos como a polícia. Dos presídios, das delegacias, das bocas, ele obtinha informações secretas e era difícil esconder dele algum fato escabroso. Uma tarde no Conj. G da 32 mataram o senhor Duzinho (goleiro do 32 Esporte Clube) e encontraram pólvora nas mãos dele. "Suicídio!", bradou o advogado da viúva. Mirão saiu na frente do laudo: encontraram pólvora na mão porque ele tentou segurar a arma quando o *Enteado* atirou nele à queima roupa. *O Enteado* da

mesma minha idade que a minha, assassinou o simpático e querido goleiro da blusa preta com o número 1. Séculos depois *O Enteado* veio curtir com a minha cara e eu devolvi: "Já resolveu suas coisas com a Justiça?".

		A NOSSA LIVRARIA DE BRASÍLIA LTDA. Publicação, Distribuição de Livros Técnicos, Culturais, Científicos, Didáticos e outras Publicações, Equipamentos e Materiais Escolares. CLS 104 - BL. C - LOJAS 15/19 - FONE 225-7953 - BRASÍLIA - DF INSCR. GDF 07050107-8 - CGCMF 00330441/0001-90		Nota Fiscal de Venda ao Consumidor Nº 188261	
BRASÍLIA, 2 DE 6 DE 1986		Série D-1 - La Via			
ENDEREÇO					
QUANT.	CLASSIF.	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS	UNITÁRIO	PREÇOS TOTAL	
01	Mirão	Hilbert - Status	112,50	112,50	
				55	
			TOTAL Cr\$ 112,50		

Reprograt e Ema. Brasília Ltda. - CLS 703 - Bl. A - L4, 32 - Inscr. CGCMF 00089597/0001-76 - Inscr. GDF 07052290-1
 Inscr. Tax. Sez3 - 170.001 a 220.000 - Série D-1 - 05/91



Meu Pai e Boró são amigos até hoje e moram na QE 40 – Hélio, casado com a tia Sônia mais o falecido Cidão, casado com a prima Fatinha, e Danilo, o bebê deles: meus primos Magno e Alberto. Nessa trilha na frente resiste uma mata virgem!

Boró, o senhor de bigode e camisa branca, era exímio jogador de bola e marceneiro – sua obra-prima eram cabeças de picas esculpidas magistralmente, as quais ele exibia na mão semifechada, entre os dedos. Jamais consegui que ele me desse uma. Ninhas, seu filho caçula, muito mais jovem do que eu era bom de porrada. Jogávamos juntos e ele me defendia das piabas

•

No duro e amargo e distante ano de 1986, trabalhei no Setor de Grandes Áreas Isoladas Sul e plastificava carteirinhas dos arquitetos e engenheiros recém-formados.

Uma tarde peguei uma pá de fotos de revistas importadas do Ozzy Osbourne e as plastifiquei. "Se dona Alice te pega será o seu fim!". Com grafite escurecíamos as cópias. Nesse terror, o fanzine ainda durou mais três anos. Quando o davam por morto, eu solta uma edição. Não tinham sacado que ele agora era trimestral. Poucos fizeram fanzines por tanto tempo – eu fiz por sete anos. Era a coisa mais amadora e cruel. Eu ia à Secretaria de Segurança e distribuía fanzines como se fosse um trabalho sério. Aí um dia eu saquei que o nosso negócio era tão pequeno, que não precisava de autorização para nada. Às vezes é excelente quando fica óbvio que estão subestimando o essencial.

16 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Rock Brasília

Sucesso de um movimento que vem agitando a cidade

• *Mini-LP Finis Africae: por um novo rock*

The Smiths, banda inglesa apontada como "musa" da Legião, lança sua obra-prima: *The Queen is Dead*.

29 DE JUNHO

Retrato do rock Brasília

Imagens da Música Pós-80 ou Rock Brasiliensis. É a mostra dos jovens fotógrafos Ricardo Junqueira e Guilherme Malheiro, que tem levado muita gente a galeria Oswaldo Goeldi, da Funarte e que poderá ser visitada até quarta-feira.

ÚLTIMA SEMANA DE JUNHO

Os Titãs também deram uma guinada com *Cabeça Dinossauro* (WEA), o terceiro álbum.

Madonna considerada a diva dos anos 80. Pela primeira vez, adota o visual Marilyn para o lançamento de *True Blues*, seu terceiro disco.

JULHO

O Plano Cruzado entra no quinto mês. O Brasil enfrenta uma onda de greves. José Sarney, o presidente da República, e José Aparecido, o governador de Brasília. A população da cidade é de 1.720.000 (mais de 700 mil eleitores).

Brasileiro e brasileiras passam a pagar imposto compulsório sobre os combustíveis na hora de abastecer o carro.

Itamar Franco, senador, candidato do Movimento Democrático Progressista ao Governo de Minas. Fernando Henrique Cardoso faz campanha para eleição de senador pelo PMDB. Cristovam Buarque é o reitor da UnB.

O escritor tcheco Milan Kundera emplaca dois sucessos nas livrarias brasileiras: *A Insustentável Leveza do Ser* e *Risíveis Amores*. Já Gabriel Garcia Márquez acaba de lançar *Amor Nos tempos do Cólera*.

Na tevê, destaque para a minissérie *Anos Dourados* e o programa *Chico & Caetano*. Novelas em exibição na Globo: *Sinha Moça*, *Cambalacho* e *Selva de Pedra*. Já Maitê Proença causa escândalo com banhos de cachoeira em *Dona Beja*, na Rede Manchete.

13 DE JULHO

A festa *Grana, Fama e Você*, com a Plebe Rude, levou 2,5 mil pessoas a Zoom, recorde de público da danceteria.

28 DE JULHO

O RPM está no auge. Quando chega às lojas, *Rádio-Pirata – Ao Vivo* (CBS) já era disco de platina (250 mil cópias).

30 DE JULHO

Os Paralamas lançam no Canecão, o disco *Selvagem?* (EMI). Com 300 mil cópias vendidas em um mês e meio, o terceiro álbum definiu a sonoridade da banda, agora mais “mestiça”.

1º DE AGOSTO

Finis Africae – Caia na armadilha desse som

Legião Urbana: ‘Dois’, o melhor do rock

Novíssimos do rock fazem show

AGOSTO

Capital Inicial lança pela Polygram seu primeiro LP, que leva o nome da banda e traz parcerias com Renato Russo, como “Fátima”, “Música Urbana” e “Veraneio Vascaína”.

3 DE AGOSTO

Zero e Banda 69 fazem a festa do fim das férias

• A ALMA NO DISCO REVISTA DOMINGO – JORNAL DO BRASIL

Hoje Renato passa a maior parte do seu tempo trabalhando, lendo, escrevendo e compondo no silêncio da Ilha. "O Renato Russo é o que dá entrevistas e batalha. O Manfredini fica dormindo o tempo todo", diz ele, enfatizando os estímulos de Dado Villa-Lobos, Renato Rocha e Marcelo Bonfá, seus companheiros na Legião Urbana nos trabalhos que faz. "Aliás", diz ele "não queria dar esta entrevista sem a banda de jeito nenhum, a gravadora é que insistiu", afirma, exaltando seu amor e afinidade aos amigos. Sua fidelidade explica a falta de interesse por badalações: "A coisa que eu mais odeio no mundo é falsidade, tipo ficar rindo para quem eu não gosto ou dando explicações para pessoas. Elas que se danem", diz. Seu tipo apegado e romântico explica a convivência mais estreita com uns cinco ou seis amigos de quem não se separa.

Mas no momento Renato não tem disposição nem para os amigos. Sente-se exausto pelo trabalho de lançamento de *Dois*, que o consumiu por mais de um ano de trabalho. Durante todo este tempo, Renato compôs, ensaiou, sugeriu e mudou capas, em ritmo frenético. Dizem que o trabalho da banda sempre oscila entre a simplicidade – contratando pouca gente para a produção e cuidando pessoalmente de tudo – e a onipotência de cuidar de cada detalhe. "Mas o meu disco é que exprime tudo", explica mostrando as letras das músicas. Em *Dois*, as letras românticas e líricas que falam de desencontros amorosos (como em "Andrea Doria" ou "Acrilic on canvas") sugerem uma recente decepção amoroso, mas Renato é radical quanto ao assunto: "Não penso em amor. Acho que ainda sou muito egoísta para ter um relacionamento honesto com alguém", explica. Seus truques, quando se sente sozinho ou triste, são ouvir "Quase sem querer", faixa do último disco, ou dormir. "Todos os meus amigos dizem que devo fazer análise porque sou exagerado demais", sorri.

A seu respeito, os mesmos amigos que se preocupam, revelam uma paixão sem medidas. O escritor Marcelo Rubens Paiva, amigo de Renato há dois anos – quando ele formava a Legião Urbana – explica nunca ter visto alguém "tão perfeito em tudo". "O Renato inventou um jeito de dançar que hoje todo mundo copia, mas só quem o viu ao vivo, dançando com o tripé do microfone daquele jeito meio sexualidade reprimida, sabe a força que ele tem. Depois tem a originalidade de sua voz e uma composição infinita, que não esgota nunca. Agora, como amigo ele é um doce. Grande contador de histórias, supercarinhoso. Sei que ele parece agressivo, mas esta é sua sensibilidade", diz. Renato recusa os elogios. Diz achar que sua maior importância é estar fazendo algo. "E mostrando que todo mundo que quiser, pode fazer igual".

.....

29 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

A bárbara ternura da Legião

• Renato Russo procurou por Cécé, mas não obteve resposta. O cantor perguntou a Geraldo Ribeiro: "Cadê aquele guitarrista loirinho que ficava pulando na poça d'água?".

•

Uma vez Cécé acompanhou a irmã do poeta e durante esse ensaio ficou o tempo todo de olho na bunda dela. Ele era contra armações, às quais chamava de roubada. Fez isso por tara ou para se livrar. Nessas de bandas, ele se abria. E, então saiu o Disco 2 da Legião Urbana, que alguns o chamaram de "O disco com a capa cor de bosta". Os caras do sebo nos odiavam e a mídia conhecia aquele sarcasmo d'Os Magrellos. Eles poderiam se defender por si sós, não era uma imposição de outro fã de estilos. O disco enalhou em Brasília e até o final do ano foi vendido em promoção – as grandes lojas botavam para f. em cima dos sebos.

O sonho do roqueiro comunista

Som da pesada no lançamento hoje da candidatura de Celso Barbieri à Assembléia

Ricardo Soares

O rock errou?, perguntou Lobão no seu último LP. Não, o rock deixou o palco e subiu no palanque, responde o roqueiro, animador e produtor de shows de diversas bandas Celso Barbieri, 34 anos, que lança hoje (pelo Partido Comunista Brasileiro) sua candidatura a deputado estadual em seu comitê eleitoral, na rua Brigadeiro Galvão, 993, Barra Funda.

Para animar a jam-session político-roqueira, Barbieri convidou duas bandas em que acredita: a Sacerdote (heavy metal) e a Sigma (Instrumental). Entre os agudos e ratalpãs das baterias, Celso vai empunhar seu microfone e anunciar à galera possivelmente vestida de negro sua plataforma política. Ela inclui a abolição da censura para shows de rock e a obrigatoriedade de gravação de bandas de rock nacional pelas multinacionais do disco, numa proporção mais equilibrada em relação aos lançamentos do Exterior.

Os caminhos de Barbieri com o rock and roll não se cruzaram há pouco tempo. Em 1972, ela já estava envolvido com Os Mutantes e O Terço, desempenhando funções que iam desde carregar pesadas caixas de som a organizar a contabilidade ou ainda varrer palcos repletos de copos e pontas de cigarro, depois dos shows.

"São 14 anos envolvido com o rock nacio-

nal, tempo suficiente para perceber que nada vai mudar se não houver uma luta, um grande esforço a nível político" — diz Celso Barbieri. Os olheiros do partido de Montoro já tinham percebido Barbieri bem antes. Tempos atrás, empunhando um microfone com chiado, ele liderou uma passeata de bandas de rock que não queriam o fim da Praça do Rock, espaço dedicado a bandas desconhecidas no Parque da Aclimação. Depois que cessaram os gritos de "roqueiro-unido-jamais-será-vençido", Barbieri também foi vencido pelos argumentos



Barbieri: sem luta, não dá

dos militantes da esquerda do PMDB e descobriu o socialismo.

Hoje ele acredita que esse sistema político "não seria mau para o Brasil". E lembra a seus prováveis eleitores: "Quem tem alguma coisa a perder com socialismo é só Paulo Maluf. Pra quem ganha salário, nada muda" — diz Barbieri, cansado de conviver com a apatia política dos roqueiros. Mesmo assim, hoje ele dá o primeiro passo em busca dos eleitores.

30 DE AGOSTO — O ESTADO DE S. PAULO

O sonho de um roqueiro comunista

2 DE SETEMBRO — FOLHA DE S. PAULO

O rock de calça comprida da Legião

7 DE SETEMBRO

Ganhando da revista Bizz, The Secret Value of Daydreaming, o segundo LP de Julian Lennon

27 DE SETEMBRO — CORREIO BRAZILIENSE

Tem circo novo na Cidade

O Circo Udigrudi, embora exista há 4 anos, só hoje faz sua estreia pra valer com uma programação infantil à tarde e um show de rock à noite.

EDITORA ABRIL S.A. Av. Marquês de Viterbo, 1748 - CEP 01121 - São Paulo - SP Fone: (011) 828-8223 - Caixa Postal 9.830		VIA DE TRANSPORTE: RODOV. Nº MOV. 090	Nº DE CONTROLE 152923
DESTINATÁRIO DA MERCADORIA NOME: MARIO S PACHECO SANTOS END: CE 32 BL A LJ 15 BAIRRO: GUARA II CIDADE: BRASILIA ESTADO: DF		CÓDIGOS DE TRIBUTAÇÃO 1 - TRIBUTADO ICM 2 - ISENTO ICM 3 - NÃO INCIDENCIA ICM *Nota Fiscal aprovada conforme regime especial processado DIT - 1 Nº 616/85*	
SEQ. 1 QTD. 1 UNIDADE: PEÇA CÔDIGO DO PRODUTO: 2470 DESCRIÇÃO DAS MERCADORIAS: LP JULIAN LENNON QUANTIDADE: 1	SEQ. 1 PREÇO UNITÁRIO: 11,58 PREÇO TOTAL: 11,58 TOTAL DAS MERCADORIAS: 11,58 DESCONTO: 0,00 FRETE: 0,00 TOTAL DA NOTA: 11,58		
CARACTERÍSTICAS QTD VOLUMES: 00 MARCA: 00 NÚMERO: 000000 QTD. 01 ESPÉCIE: CX.DE PAP PESO BRUTO: 0,410 PESO LÍQUIDO: 0,190	DATA DE EMISSÃO: 07.05.86 COD. FISCAL OPERAÇÃO: 6.99 NAT. OPERAÇÃO: (BRINDE) NOTA FISCAL - SU 2 LA VIA - DESTINATÁRIO Nº: 0548328668 VALOR DO ICM: 1,96		
DADOS DO EMITENTE C.C.C. (M.F.): 408960860005-42 NOME: SAI 110-401-420 UNID. Fed. SP	DADOS DO DESTINATÁRIO C.C.C. CONSUMIDOR FINAL VALOR TOTAL: 11,58 ALÍQUOTA: 17,00		

4 DE OUTUBRO – CORREIO BRASILIENSE/APARTE

Rádio Center em cruzada antimúsicos

Os músicos só querem manter seu local de trabalho, mas o síndico Néelson Braga quer vê-los longe de um conjunto projetado para abrigar estúdios e emissoras de rádio e televisão através de um documento em que recomenda aos proprietários mais cuidado na seleção de seus inquilinos para elevar o "conceito" do local. Os músicos só não querem a comparação com prostitutas e trabalhar em paz.

8 DE OUTUBRO – ESTADO DE S. PAULO

Revistas na onda

Os darks devem detestar, mas os adeptos da saúde adoram: são nada menos que sete revistas dedicadas ao surf e duas ao skate. Delas, a caçulinha é a Trip, uma publicação de luxo, que já começou com uma tiragem de 40 mil exemplares.

17 DE OUTUBRO

Os Monkees voltaram...

4 DE NOVEMBRO

Hora e vez do Capital

Um espetáculo muito forte. É o que promete o Capital Inicial no Projeto SP.

8 DE NOVEMBRO – JORNAL DO BRASIL/IDEIAS

O herói de Kerouac

Neal Cassady. Ele foi para os beats um exemplo vivo de estilo de vida e pensamento arejado. O seu único livro, *O primeiro terço*, chega agora ao Brasil, com a narrativa errante do autor e suas cartas a Jack Kerouac.

24 DE NOVEMBRO

'Opinião', 22 anos depois – Aqueles que disseram não

25 NOVEMBRO – ESTADO DE SÃO PAULO

Os mil tons geniais

Inquieto e polêmico, Tom Zé segue firme no leme de sua navilouca.

3 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Metaleiros fazem vigília

SAÍMOS PARA VER O VENON E ASSISTIMOS AO EXCITER

Edinho trabalhava na banca de revistas da QE 9 no Guará I, ele era bastante simpático e divertido e gostei dele na hora – me deixou olhar, sem demonstrar resistência, uma revista Rock Brigade.

Meses depois, Edinho reaparece no Conj. R da QE 32, no Guará 2. Alugara um apartamento numa casa original, que transforma em prédio. Ali, aos domingos, fazíamos um churrasco com o Rufino, e depois atravessávamos para o extremo do outro conjunto. Fumávamos um cigarro amigo; nosso terceiro amigo policial era aconselhado a não seguir os nossos passos.

Edinho não era o responsável direto pela sessão de discos da Sandiz, mas indicava alguns para serem adquiridos e assim conseguíamos desconto de funcionário nos LPs. Éramos tão colados que íamos juntos às festas de fim de ano da Sandiz. Mas um dia alguém arruma uma namorada (Gorete).

Nesse tempo “eles” tiraram um som na casa do Phú; Edinho era um baterista veloz de heavy metal e excelente vocalista – sabia as letras; Cristovão, um ás da guitarra; Sérgio, que tocava guitarra era um bom contrabaixista, e eu blá-blá. Não deu certo. Cristovão apagou a fita do ensaio. Comigo, musicalmente, nunca daria certo.



Jovens metaleiros: fazendo gênero na pose para a fotografia

Metaleiros fazem vigília

Eles andam em grupo, vestem-se geralmente de preto, usam braceletes com tachinhas, cultivam cabelos longos e são meio arredios. Aos que os chamam de metaleiros (detectam esse rótulo), respondem com um olhar desafiador. Mas, não passa disso, pois no fundo, apesar da aparente rebeldia, não são adeptos da violência.

Jovens, geralmente na faixa etária entre 12 e 17 anos, os metaleiros brasileiros podem ser vistos em alguns bares da cidade, nos shows de rock (vão, geralmente, para vaiar os grupos que não rezam por seu catecismo), embora prefiram as reuniões que eles próprios promovem, onde escutam discos e fitas piratas ou assistem a algum vídeo importado, obviamente que das grandes bandas de heavy metal.

Sem que tivessem nenhuma informação oficial sobre o dia e horário do chagada do Exciter e Venon a Brasília, ao final da tarde de domingo lá estavam eles acampados no Aeroporto à espera dos seus ídolos, a quem, desde então, têm feito um assédio constante.

Postados à frente do Hotel Bristol se comunicam com os músicos ingleses e canadenses utilizando um estranho código de sinais, através dos dedos. Alguns, mais afortunados já conseguiram chegar bem próximos dos rapazes do Exciter e do Venon e até serem presenteados com fotos dos grupos.

Laudo José, 16 anos, estudante, foi um dos que conseguiu furar o bloqueio dos seguranças e chegar até o saguão do hotel. Ele reclama do fato do Venon não ter um disco sequer lançado no Brasil. “A primeira vez que ouvi o som do Venon foi em 83. Foi uma fita que um amigo meu trouxe de Londres. Essa banda é demais!”.

Embora prefira o Iron Maiden “que tem um som mais trabalhado”, Marcone Crânio diz ser, também, fã do Venon, “que é o pai do black metal, uma coisa mais identificada com o satânico. Mas isso não tem nada a ver com seita ou religião, é mais uma fantasia um lance teatral, que acaba impressionando muito ao público”, explica.

Outro que conseguiu se aproximar dos músicos foi Claudio Killer, 16 anos. “Conversei com o guitarrista do Venon e cheguei até a tirar foto com ele. E um cara muito atencioso, bem diferente desses otários de grupos brasileiros, que pensam ser estrelas e se escondem do público”.

No entender de Karla Sena, 14 anos, que tentava convencer os seguranças, na sua tentativa de entrar no hotel, “existe um forte preconceito contra as bandas de heavy-metal e mesmo contra quem curte este tipo de som. Geralmente somos acusados de violentos e isso não tem nada a ver, é pura deturpação”. (IRL).

Entorpecendo sentidos

PAULO PERALVA
Colaborador

Tente imaginar alguma coisa mais bruta do que o heavy metal. O caminho para o entendimento do que seja o black metal passa por aí. A exacerbação da violência musical através dos acordes em bordão tocados sempre no volume máximo de potentes amplificadores e sem qualquer resquício de melodia que ainda teime em resistir vivo no heavy metal poderiam explicar o que é sua versão black. O que não dá para entender é como uma música que entorpece os sentidos e machuca a sensibilidade pode ser tão venerada.

O Venon, que toca hoje à noite em Brasília, é autointitulado criador do black metal, uma corrente que hoje é forte, e encontra muitos seguidores, principalmente entre as jovens bandas da Califórnia — mais um paradoxo, afinal o que o ensolarado Estado norte-americano tem a ver com os temas lígubres e sombrios abordados pelo gênero e seus cultores? Quem quiser se prevenir do som que vai, literalmente, sacudir a cidade é só ir até a loja de discos mais próxima e comprar o primeiro LP do grupo que está sendo lançado no Brasil.

At War With Satan, lançamento da Continental, é a estupidéz em forma de vinil. Na verdade, este é o terceiro e mais bem-sucedido comercialmente disco do grupo inglês e, mais do que isso, é uma obra (?) pretensiosa, na linha dos álbuns conceituais que fizeram história nos anos 70. O lado A do disco é inteiramente dedicado a um tema, Em Guerra com Satã, uma farrá teatral e imbecilizante, com variações mínimas, que são repetidas no lado B.

Lançado originalmente em 1984, At War With Satan saiu o trio (Cronos, baixo e voz, Mantas, guitarra e Abaddon, bateria) à categoria de um dos principais nomes da nova onda do heavy metal britânico, ao lado do Saxon e outros grupos. É inegável o fascínio que o Venon exerce sobre os metaleiros (black ou não) brasileiros, tanto que seus discos são disputados a tachinhas nas lojas especializadas.

Stand UP (And Be Counted) é o maior hit do grupo e certamente estará no show de hoje, mesmo que seja difícil, até para o maior fã, distinguir os temas. No fim, fica uma dúvida: como é que pode uma música que não dá para ouvir e nem para dançar provocar tanto aue?

Edinho usava gravata de crochê verde. Livre dela, ele parecia um gringo com camiseta preta no saguão do Hotel Bristol. Ele tomava cerveja animadamente com o Exciter, que era a banda mais legal. Saiu lá de com uma foto autografada. Éramos mais velhos e nossas roupas de trabalho diferenciavam da multidão de adolescentes no Setor Hoteleiro. O inglês da conversa deles era bastante estridente, com gírias musicais e sempre repetiam fuckin' para toda coisa e até pretty fuckin' quando se referiam a uma loira. Eu espreitava dona Lindaura, a arrumadeira, que servira Raul Seixas. Eu estava acostumado a hotéis. Certa vez, o baterista do 14 Bis me chamou na regulação porque eu pegara um chocolate de dentro da sacola que penduravam do lado de fora nas maçanetas dos quartos. Disse-me: “Alguém vai ter que pagar por isso!”. Fiquei com medo de ele chamar a polícia. Nos hotéis falávamos com Robertinho de Recife a respeito do segundo disco do Metalmania e esse era o script das nossas aventuras.

Os Magrellos eram os maiores gozadores do cosmo. Cécé dava pulos e socava as minhas costas: “O cara, foi ver o A-bad-don” e fica repetindo A-bad-don. Tuca emendava a sua característica gargalhada de desprezo total pelo mundo no meio da risada: “... ah ah A-bad-don!” . Ficaram gozando da minha cara uma semana: “Como é, o cara tem 3 olhos? E o Mantas?”. Não adiantava querer falar do Exciter só saía A-bad-don! Era final de ano e estávamos empregados. Isso quer dizer tínhamos uma porrada de LPs, para finalmente ouvirmos. Foi quando troquei o *Rush* capa tripla, *All the World's a Stage* e o *Sabbath Bloody Sabbath* inglês independente com ingresso colado na capa pela coleção do *Emerson, Lake and Palmer* e mais uns progressivos com o amigo Edinho. Ele morava no Conj. P, no prédio do Paulo arquiteto. Frente à casa que virou edifício, quase todos os domingos fazíamos um churrasquinho. Depois nossos churrasquinhos passaram para a QE 19, aos sábados, na casa do Fibe.

6 DE DEZEMBRO – ESTADO DE S. PAULO

Legião Urbana ataca no Ibirapuera

Esses roqueiros não respeitam a opinião de ninguém. Mas querem cantar para multidões.

Eu entrava no Conselho Regional perto do meio dia, passava na sala do chefe e roubava o caderno 2 do Estadão. Eu tenho essa matéria de 1986. A Legião, meio que tinha sumido da mídia, e voltou com essa matéria do segundo disco (considerado seu ápice). Ainda me lembro do dia em que li a reportagem e pensei: “... certas coisas não te abandonam e ainda mostram que o mundo não era uma merda”. Imediatamente, fui convencido a pedir para sair e fiquei desempregado, vivendo de pequenos bicos. A barra já era heavy.

8 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Festival Artway/WEA

Rock Brasília lança 10 novas bandas no mercado

12 DE DEZEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Rock & Toques

A invasão do Marciano Sodomita

- *O outro lado podre do poder*

Três jovens do grupo punk-brasiliense Detrito Federal, que se apresenta hoje e amanhã na danceteria Metrópolis, revelam o que pensam da vida, do amor e das caveiras.



A ÚLTIMA DO UDI GRUDI

Destranque a carranca, afrouxe o sapato e vá conhecer o circo de todas as idades

A saideira de 1986 do Circo Udi Grudi via ser neste domingo, às 17:00 na Casa do Ceará, na 910 Norte. No encerramento da temporada de três meses, o Udi Grudi apresentará um espetáculo especial de Natal com a participação de Plínio Mosca no papel de Papai Noel.

O Udi Grudi junta teatro e circo sob a lona, sugerindo uma brincadeira divertida onde números de acrobacia, malabarismo, mágica, equilibrista, aéreo, trapézio e palhaços são costurados por uma sutil trama — empregados versus patrões, a conquista dos meios de produção e a tentativa de revanche... tudo temperado com muito humor e alegria.

UDI EM 87

A partir do ano que vem aí, o circo Udi Grudi vai fazer um giro pelas satélites e aterrissar de volta no Plano Piloto em setembro. A ideia do circo andar pelas satélites é parte de um projeto que pretende fazer um intercâmbio maior entre as comunidades candangas. Além dos espetáculos habituais o circo vai promover, nas satélites, oficinas de teatro, dança e circo, abrindo espaço para os artistas de cada cidade.

15 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Legião na Villa-Lobos

21 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Destranque a carranca, afrouxe o sapato e vá conhecer o circo de todas as idades

.....

Jogo de cena na Martins Penna

A palavra de ordem é ousar. E experimentar, ultrapassar os limites do convencional. Ninguém precisa ser iniciado para entender qualquer proposta. Não há uma regra que atue sobre vontades, sobre delírios. Quem nunca foi, terá agora a última oportunidade: Jogo de Cena, o último de 86, em versão revista e ampliada, invadirá, amanhã, o palco da Sala Martins Penna do Teatro Nacional a partir das 20 horas. Em ação, o espaço livre para todas as artes. A criação plena.

O projeto nasceu há quase dois anos: durante todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, artistas, intelectuais, público se reuniam para uma brincadeira comum. Trabalhos diversos em teatro, música, dança, artes plásticas e fotografia ocuparam todos os lugares vazios do Teatro Galpãozinho, da 508 Sul. Mas o espaço foi ficando pequeno e pouco adequado em termos de infraestrutura às propostas lançadas. Era hora de crescer. E ninguém fez por menos: nada melhor do que as grandes possibilidades que o palco da Martins Penna oferece. E aconteceu a conquista.

Quem sai ganhando com

a mudança são os artistas (através dos recursos cênicos que a Sala fornece) e o próprio público, que agora estará em local mais confortável. Ganham também o teatro (por uma maior divulgação de suas atividades) e mesmo os projetos, que terão limites mais amplos. Uma prova está no fato de a programação incluir um espaço reservado para o cinema de curta-metragem. Amanhã, o quadro será inaugurado com a exibição do filme *Brasiliários*, de Sérgio Bazi e Zuleica Porto.

A programação deste Jogo de Cena inclui trabalhos dos artistas que mantiveram uma frequência de apresentação nas edições do projeto durante todo o ano. De início, logo na entrada da Sala, o público poderá conhecer as fotografias de Arthur Lacerda, João Carlos Fontoura, João Paulo de Oliveira, Mila Petrillo e Marta Imperial. Ao lado, estará acontecendo o *Delírio Eletrônico* da Fundação Bentevi, com oito monitores de televisão sintonizados no que rola no palco e exibindo produções independentes.

Mas o programa terá início com a apresentação do *Desafio da Noite*, instigando a platéia a criar uma cena. Como convidado para o quadro *Pintores da Noite*, o artista Nelson Maravalhas ficará encarregado de registrar em imagens um pouco de tudo o que for

mostrado durante o projeto. Na saída das escadas, dois praticáveis estarão instalados para servirem de palco às interferências. Sem Comentários, dos mímicos Miquéias Paz, Paula Freitas e Jailton Dantas.

Como não poderia deixar de ser, o programa contará com a participação do grupo *Palco Novela*, desta vez, encenando uma estória completa, em três capítulos distribuídos em diferentes momentos da noite. Em cena, *"Sob o Sino de Capricórnio"*, com Ascendente em Peixes, sob direção de Robson Grala.

O quadro *Sua Pessoa Dança* também terá três versões. Na primeira, a energia contagiante do Grupo Bossa. Sobre músicas de Ivan Lins, Chico Buarque e Cartola, as dez bailarinas executarão coreografias de Mironilce Regina. Depois, será a vez do grupo *Eandança*, com uma incrível performance de Márcia Duarte, sob música de Dire Straits e a apresentação da *Coreografia II*, de Luiz Mendonça, com música de Philip Glass.

O *Cometa Cenas* será representado por tendências diversas. Num primeiro momento, a presença do grupo *De Bar em Bar*, mostrando uma seqüência de esquetes de humor. *Mais Palavreado* (baseado em textos de Luiz Fernando Veríssimo) e *Levanta Dal e Faz Alguma Coisa*.

Porra! de Ricardo Machado. Mais tarde, um resumo da peça *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, (apontado como vedete do II Festival Latino-Americano de Teatro, realizado em outubro, na Argentina), com o Grupo *Oficina II*, sob direção de Hugo Rodas e com participação especial de Alexandre Santos no contra-baixo acústico. Por fim: o toque, sempre hilariante, de Marcelo Saback, Vitor Max, Luciana Banana, Cássia Eller, Odila Athayde e Janete Dornellas no quadro *Música Indecência*, que faz uma sátira aos concursos para escolha de misses.

Para o quadro reservado ao toque musical da noite — o *Se Toque* —, Paletó & Gravata Foolyes Presents *Vamos a La Playa*, com José Guilherme, José Geraldo, João Carlos, Murilo Grossi e Dawilton Lacerda. E, no *Realize seu Sonho Cênico*, um show de *bicicross Estilo Livre*, apresentado Antônio Carlos e Márcio Antônio. Para fechar com chave de ouro, todos os artistas que participaram do programa se integrarão na coreografia *Candombe*, de Hugo Rodas.

Todo o programa estará sendo gravado pela *RadioBrás*, com a finalidade de, mais uma vez, tentar patrocínio junto ao empresário local: se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha. Em todo caso, alguns empresários foram contactados para conhecer de perto o projeto e deverão enviar representantes.

Para 87, o Jogo de Cena terá espaços em aberto, exclusivamente separados para inclusão de atrações das cidades-satélites onde o projeto possui ramificações (Taguatinga, Sobradinho e Gama).



**ITA JÓIAS
E
PRESENTES**

Comércio e fabricação própria de jóias em geral. Presentele com uma jóia e seja lembrado para sempre. Desenhos exclusivos por encomenda. Compramos ouro. **VENÂNCIO 3000** Loja 30-N TERREO. FONE: 223.9367



DON RAPHAEL

Onde você tem a sua disposição a mais completa linha de vinhos, queijos, frios...

Don Raphael, a melhor opção para você aproveitar a noite de Brasília.

ADEGA-BAR	QUEIJO E VINHO
ESQ 102/103 - Bl. A - Lj. 101	SCLN 204 - Bloco D - Lj. 3
Cine Centro São Francisco	FONE: 226.0002

PROMOCÃO - SIMONE

• No domingo, andava a esmo, cortava pela QE 34 até a QE 36. Numa garagem, uma televisão com volume alto passava o filme do *Led Zeppelin*, a cópia da cópia riscada (vídeo cassete era um evento). "Entra! Meu pai trouxe espigas de milho da chácara". Quem falava isso era o saudoso Marcelo Alexandre de Oliveira. O milho e a espiga rolavam de mão em mão. Fim da sessão, saímos procurando um barzinho no ainda deserto Guará. Até a frota de carros de então parecia tímida. Na segunda-feira, a depressão arrulhava em nossos ouvidos, logo cedo: estávamos desempregados e largados e sem instrução e sem dinheiro da cerveja e show de rock? Só filme *Rock é Rock Mesmo*. Isso sim era rock'n'roll!

VÉSPERA DE ANO NOVO

Os surdos não ouvem os absurdos que as pessoas comentam esperando pelo coletivo debaixo sob a chuva de uma tarde fria ao final de ano. Um mudo, com todos os sintomas da sede da aguardente, gesticulava fazendo mímica, explicando que não tinha o dinheiro da passagem. Apresentava uma sudorese bíblica na testa, fechava e abria os dedos nervosamente, tentando conter os formigamentos lancinantes da abstinência, o solhos úmidos ressaltavam remelas antigas e a boca seca balbuciava nomes indecifráveis.

.....

Com os cegos, o desprezo não é menos mordaz. Através dos papezinhos distribuídos por seu secretário de desventuras, o ceguinho pedia sua ajuda na esperança módicada de quem crê na humanidade. Felizmente, seu infortúnio de trevas concedia-lhe um alento pungente e silêncio são ao não permitir que ele enxergasse a indiferença no olhar pardacento e vago dos que lhe sonegavam o dinheiro miúdo para adoçar a noite de *Natal*.

Na minha paciência exterior, aguardava ansioso por rodar a roleta do tambor e sentar ao banco, para devorar o conteúdo do jornal de ontem. Pensava na influência do telefone nas relações humanas, enquanto calculava o ganho diário na perspectiva de juntar moedinhas e comprar o gibi do Capitão Underground.

Ao lado, sentada, uma jovem saudável e bela e solitária. Moçoila com a barriguinha de sete meses. Ela queria morrer, sentia-se como uma tartaruga à espera da desova numa praia. Ela não explicou porque engravidou e o pior de tudo: seu homenzinho havia abandonando-a, deixando-a aos cuidados de seus pais, que nunca confiaram nele, e insistiam para que ela o deixasse antes do pior. Pelo menos ela estava sozinha agora – para infelicidade ou felicidade paterna.

Pausa para um cigarro...

Fomos aconselhados a irmos para casa contra a nossa vontade. O mato era o único lugar seguro e corremos como cabritos da montanha. Fomos dispersados pelo aroma do pó de café em contato com a água fervente. Sumimos como surgimos, e tornamo-nos sementes mal germinadas pela sociedade.

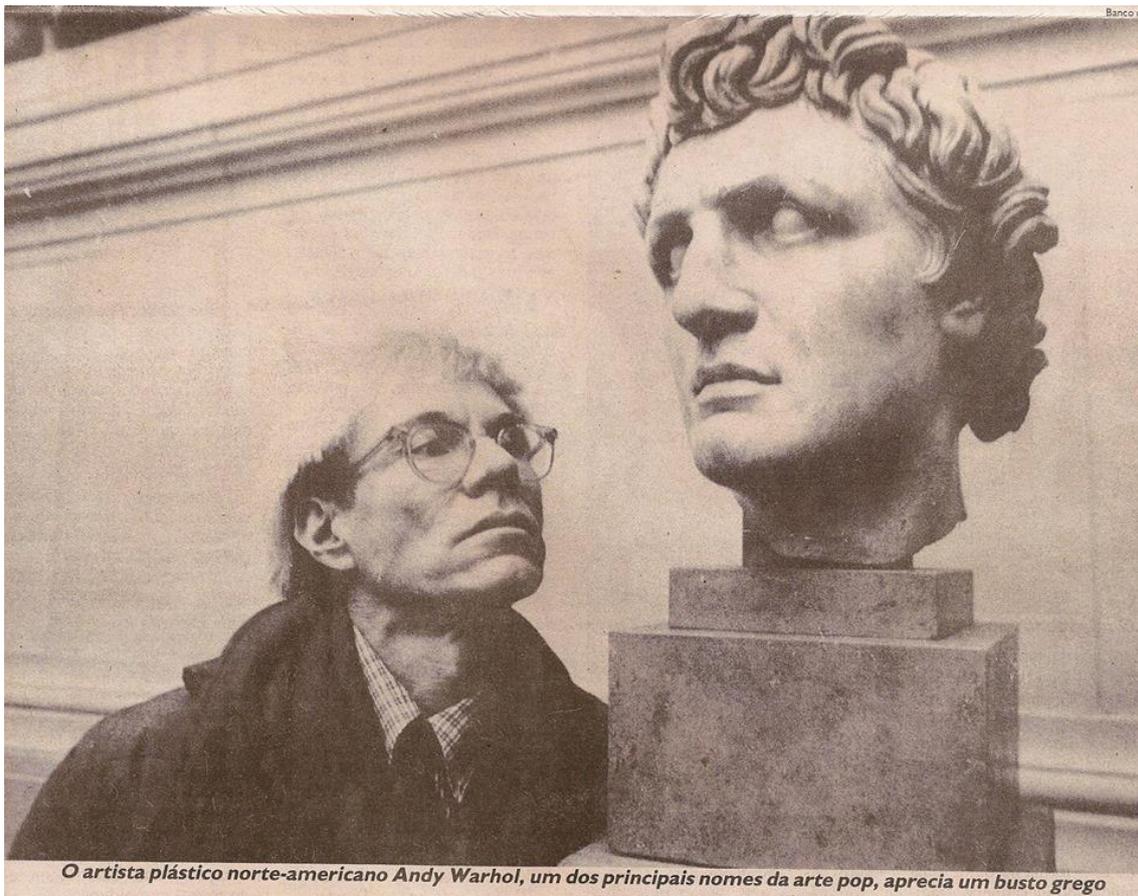
Dai a alguns quilômetros, puxei a cordinha da "cigarra" energeticamente; desci os degraus e me coloquei lentamente em caminhada pelas alamedas da grande cidade. Queria chegar logo aos braços de minha amada e cultivar o alimento da paixão.

Na casa de Ludmila, todos respeitam sua individualidade, sem analisá-lo ou reprimi-lo. Aqui os loucos gargalham de acordo com tempo e necessidade. Sempre há vinho, cigarros e mulheres. Fazem dos corpos uma companhia de balé que rodopia e coreografia um sabá inconsciente diante de garrafas transparentes e vazias. Candelabros improvisados. Clamam por vingança e pedem a presença de velhos ancestrais ou velhos espíritos sábios – os quais nunca aparecem e, quando aparecerem, não quero estar lá para ver.

No pick-up, o bom e velho Pink Floyd. Camila e Ronaldo, gente fina, querem se transformar em aspiradores e aspiram todo o pó do labirinto. Em falta, se contentam com cervejas e quase todas as noites desmaiam em seu quarto de paredes listradas com uma janela que dá para o fundo do quintal, onde dormem as garrafas vazias.

Fomos para a praça para pichar, enaltecer a poluição visual, e a polícia chegou numa Kombi verdinha, com dez homens. Não se sabe de boa ou de má conduta, e pediram nossos documentos, mas na verdade queriam bebericar o nosso vinho e perguntaram: "Não tem barato, só música e vinho?". Ninguém respondeu. Com toda certeza o aparato do tal barato já havia sido incinerado por alguém mais esperto e ninguém deu conta do que eles queriam – para a felicidade da ocasião e tristeza da vizinhança que espreitava pelas frestas das portas e brechas das janelas.

Alguém me ligou me acordando para dizer que estávamos em 1987 e que não devíamos parar de sonhar. Fiquei absurdado 1987!! A linha caiu...



O artista plástico norte-americano Andy Warhol, um dos principais nomes da arte pop, aprecia um busto grego

22 DE FEVEREIRO

Domingo. No hospital da Universidade de Nova York, Andy Warhol tinha sido operado da vesícula, e sofreu um ataque cardiopulmonar fatal, enquanto dormia. Estava com 57 anos e não teve tempo de recuperar a imagem polêmica e o poder de chocar, se desgastando com a supercomercialização de seu trabalho.

25 DE FEVEREIRO – SÃO PAULO 3 (4) X 3 (3) GUARANI

Pela segunda vez, Campeão Brasileiro

Careca passa por mais um; ele marcou o primeiro e o último gol do Brasileiro de 1986.

MARÇO – A MALDIÇÃO DA MODA DARK EM IPANEMA

Atenção pós-caretas e neo-inovadores do pedaço! Cuidado!!! Mais mortal/imortal que vírus, somente o germe dark que se manifesta pelos seguintes sintomas: expressão facial indicando tédio, falta de perspectivas, medo de viver, hábitos noturnos e roupas frouxas de tons negro escuro, causadores de blackout cerebral.

Não é o fim do mundo, nem o início do Armageddon, é a cor da moda onde filhos psicopatas de diplomatas matam seus pais nos gabinetes presidenciais, onde os carecas que perderam seus cabelos de laquê e correm atrás dos metaleiros de camisetas negras que não possuem correntes. A ala feminina insiste nas minissaias e maquiagem berrante, como quem acabou de acordar de uma bad-trip. É o reinado dark, onde shoppings faturam vendendo suas mercadorias, onde importadoras de discos batem *records* de faturamento. O ultimato é saber qual a cor das letras dos encartes e dançar como se rolasse uma canja nalgum show em Londres ou nalguma poluída danceteria de Cubatão.

Dançaram o samba do crioulo doido ouvindo a 6ª de Beethoven na versão massiva de Giorgio Moroder...

PARTE II – A MALDIÇÃO DARK

Uma superprodução dedigna de Dino de Laurentis, totalmente rodada em Ipanema e financiada pela herança da tia do Lobão, o cantor heteronormativo, nietzchiano, dublê de Zaratustra, que "nem sempre se vê, lágrimas no escuro". Um dínamo!.

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Heróis da Inconfidência, Arte no Dark, Violeta dá Sono, Rigoroso Ultraje, Manets Falsos e a estreia do supergrupo Kid Vermelho e as Abóboras do Sucesso. As gangues do asfalto dominam um país falido do 3º Mundo, são os hardcores, os black hearts, yuppies-ups, forever punks e o terrível duelo entre as radicais alas dos dark-metals versus os pós-black devils. No papel principal o galã global Paul Richard, em cenas ousadas, realçando as performances as performances mais sensuais pós Carmem Miranda, vivendo o papel do diplomata psicopata brasileiro, já que o ilustre desconhecido Renato Manfredini Jr., recusou o papel e Roger foi reprovado no teste drive para substituir Renato. O jeito foi importar Mr. Paul Richard.

Tudo ainda corre em segredo, mas sabe-se que a Plebe Grude dirigirá a "Veraneio vascaína" e que Cazuzza e Caetano estão compondo funks atômicos e sambas psicodélicos para a trilha sonora...

RETROCESSO 87

Desperdício de recursos publicitários marketing inútil com os comentários sobre Madonna, Michael Jackson, Tina Turner, Sioux, The Cure, Neo rock, Bruce Springsteen, Venom e outros mais...

Perdi muito lendo para fãs da Blitz, Kid Abelha e Duran Duran, artigos que visavam atingir e sensibilizar leitores e ouvintes amadurecidos com ração de granja. Não sei o que é bom ou ruim, o que é novo ou paleolítico.

Cansei de ver serem repetidas todas as fórmulas de programação, e descobri os sempre velhos chavões acobertando e divulgando que a indústria fonográfica queria através da mídia, um caso? Heróis do Brasil e da Resistência? Ou seria Insistência? Não confio em nenhuma publicação periódica musical (nativa ou importada). Confio apenas nos meus ouvidos.

Li vários anúncios em revistas difundindo a New Age. Música em compact disc. Não temos dinheiro. Crianças passam fome pelo seu prazer. Depois de me afogar na tinta azul compacta esférica bic, optei pela máquina de escrever, pois não treme e não deixaria a letra feia. Não me sinto mais órfão por parte de Led Zeppelin, pois agora The Mission, chegou para ser tudo que o Led deixou de ser. E mais, é uma banda de culto underground, em breve vídeos e pôsteres nas bancas, é quente; aguardem...

Só fiquei triste porque censuraram o anúncio em que eu oferecia para trocar correspondência com metaleiros e procurava garotas românticas que residissem na cidade, além de vender fitas piratas. Estou tão arrependido.

Treck!!! "O disco acabou, vira o outro lado", restou apenas o zumbido de um pernilongo ou mosquito no ar...

Brother Bill e a sua última camisa limpa num sábado à noite esperando pela volta do embalados do Travolta em 1986, digo 87!

Sentia o arrepio na nuca, apertava a mão contra o olho, olhava o espelho e pensava: "Mais louco impossível!". Ajustava o pau com a mão por fora da calça. Juntava os lábios e fazia biquinho. "Que expressão ridícula!", eu escrevia num bloquinho. Um clima de tempestade solar. *Porra!* Sou um homem solteiro e estou faminto. No verso "All my friends got to tell me you was gone for good" eu pensava no Cécé e em todos que eu poderia encontrar. Detalhe o rolê era a

pé. Mãe! Não esquite que talvez jamais volte. Ela jamais esquentou. Sabia que no outro dia eu estaria no batente. Andava de um lado da rua para o outro. Não sabia o que queria da vida. Quando essa vida mundana mudaria? No disco vinha o verso "They put the last clean shirt/On my poor brother Bill", para mim era uma estória de far west sobre uma última camisa limpa. Que nada era sobre um óbito de overdose. E ainda tinha "It's All Over now baby blue" – "The highway is for gamblers, better use your sense". Fazia cinco anos que eu alucinava ouvindo aquele disco e eles acabavam de voltar.

PARTE III – BSB: FIELDS FOREVER

Sentia-me fenomenalmente magro, bodeado por uns drinks, rodeado por filipetas no carpete, onde as paredes são adornadas por espelhos de cristal.

O Açougueiro pediu uma cerveja com maionese, enquanto que a vizinha do 6º andar, de luneta em punho, usava sua paciência de estátua procurando assuntos para a manhã seguinte. Foi em óvni que as carrancas do ABC paulista pintaram para curtirem a noite no Beirute. Caetano apareceu e teve que dar autógrafos, enquanto Renato Russo cantou "Eduardo e Mônica". No final Russo dedicou a música a Caetano, mas dispensou o beijo da mulher aranha numa boa.

Dividimos mesas e bancos, repartimos copos e cigarros. Esgotando a nossa depressão, usei roupas escuras e penteei o cabelo, que foi cortado dark, enquanto ouvíamos rockabilly.

As vítimas da sociedade, em um momento de amor programado optaram pelo vazio ao invés do sem sentido.

Não tive tempo de ler os cartazes distribuídos como vírus pelos outdoors. Deviam anunciar algo. Para que eles servem? Seria algo importante?

O coletivo cruzou as Asas, me deixando numa sauna e a garupa de uma moto me deixou em casa. Os clientes cientes de terno e gravata pagaram as contas e ainda deram uma boa gorjeta. Agradecendo-as com um beijo no rosto e a promessa de retorno.

Um pária da pátria pedia votos num cartaz fixado em um cilindro de concreto no Setor Comercial, em frente a um superbloco na quadra de escritórios.

Dom Bosco previu, Niemayer arquitetou, JK financiou, Glauber filmou em cinemascope, enfim nasceu a capital do ano 2000, onde Tancredo sofreu e o Sarney presenteou o povo com o *Pacote de Tróia*.

Foram cinco décadas em 60 meses, a presilha da braguilha do Gigante que retém a urina na bexiga, procurando um beco para aliviar-nos...

Picharam na Esplanada:

"Punk que é dark – mata pai e a mãe no parque..."

"Dark que é punk – f. pai e mãe"

23 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Só 16 PMs cuidavam do rock

Multidão de 40 mil pessoas estava mal protegida no show.

"Por pouco o badernaço do ano passado não foi reeditado".

JULHO

Mês de aniversário do Edinho. Para comemorar, tomamos uns copos de vinho antes do almoço e ainda no meio da semana. Cheguei em casa na hora do almoço e não havia água e eu tinha que trabalhar no Conselho Regional. Tomei o ônibus sem tomar banho, dormi e cheguei altão. Meu colega de escritório mandou-me dormir no andar de cima e acabou me entregando para a

chefe no escritório central no Plano Piloto. "Não tinha só álcool naquela bebedeira", foi a sua frase marcante.

Nem preciso dizer que perdi o emprego. Edinho desconhecia as razões pelas quais minha mãe não gostava dele. Mas eu insistia que as pessoas eram individuais.

Um dia, Edinho se mudou para a casa de seu pai, no P Sul. Foi metamorfosear em lenda, tocando bateria e cantando no Sarcastic Death.

Muitos anos se passaram e Joelzinho trouxe Edinho na chácara. Eu não sei se eu estava casado. Passando dias da semana no apartamento na QI 27 e fins de semana na chácara, eu havia tido algum desgaste com algum amigo passante. Recordo-me apenas que pensei:

"Edinho é problema do Joel", e não ofereci pousada, mas antes lhe fiz uma primeira pergunta: "Você ainda têm os discos?"

"Olha o que o cara pergunta...", foi sua resposta.

Reencontrei Edinho muitos anos depois no Facebook.

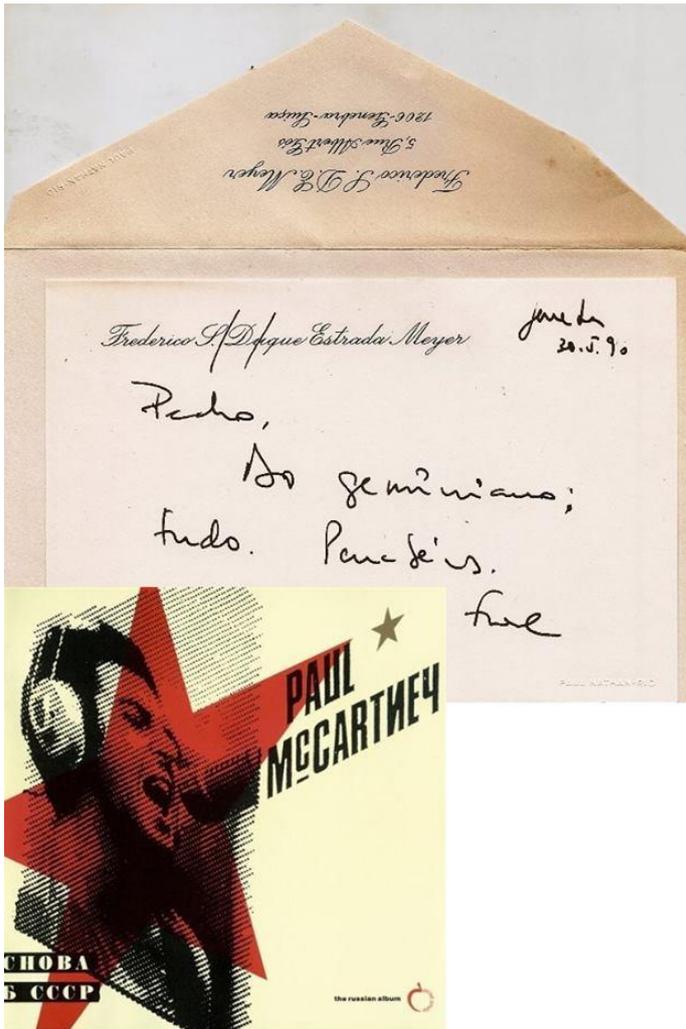
8 DE JULHO

A moral da reconstrução alemã segundo Fassbinder

27 DE JULHO

Os Marcianos Sodomitas no Circo Voador/Rio

		478 PARK SHOPPING BRASÍLIA			
Companhia Brasileira de Distribuição SAISO, Áreas Industriais Sul nº 6.583 - C.C.C. VJ Lojas 148 e 233 - Brasília DF CGC: 47.502.411/0622-02		NOM. TELEFONE 233 5477 Insc. I.D.F. 07083864			
VIA TRANSPORTE	NAT. DE OPERAÇÃO	DATA DE EMISSÃO	SECÃO	SÉRIE	Nº NOTA FISCAL
RODOVIÁRIO	VENDA A CONSUMIDOR 5.12.3.1	04 07 21	42	B-3	Nº 211584
Destinatário: <u>Edson Rodrigues A. Filho</u>		Fone: <u>568 5248</u>			
Endereço: <u>QE 09 conj "C" casa 95</u>					
Inscrição CGC (MF) Nº		Inscrição Estadual Nº			
Bairro: <u>GUARA I</u>		Cidade: <u>BSB-DF</u>			
Localização (Município)		Vendedor: <u>08</u>		Sub-Secção: <u>42</u>	
QD DISCO	DISC. MINAÇÃO	QUANT.	PREÇOS		
FORM. MOD. DC			UNITÁRIO	SUB-TOTAL	
	<u>27777777777777777777</u>	<u>08</u>	<u>175,00</u>	<u>1.400,00</u>	
	<u>Album Duplo Sting</u>	<u>01</u>	<u>129,00</u>	<u>129,00</u>	
	<u>Album Duplo J. P. Hendrix</u>	<u>01</u>	<u>299,00</u>	<u>299,00</u>	
Out: <u>04902/2</u>		desconto P/funcionario			
DESPESAS ACESSÓRIAS (Por cento do destinatário)		Transportadora		SUB-TOTAL	
Frete C%.....	Endereço.....			<u>1.928,00</u>	
Seguro C%.....	Motorista.....	TIPO (<u>04</u>)		<u>339,80</u>	
TOTAL C%.....	Nº Doc.....	TOTAL DA NOTA		<u>1488,20</u>	
CARACTERÍSTICAS DOS VOLUMES		SÓ TEM VALOR COMO RECIBO SE AUTENTICADA MECANICAMENTE.		ICM RECOLHIDO CONFORME LEI VIGENTE	
Marca	Núm.	Quant.	Exp.	P.Bruto	P.Liq.
				DATA DA SAÍDA	
				/ /	
[@ 01 Jarbark. - 010 V. 407088408.002 070838640000 - 400 Plo 000 207.501 a 217.500 Av. 1245 182					



AGOSTO

O ex-beatle Paul McCartney resolveu gravar um álbum exclusivamente para seus fãs na União Soviética.

Segundo Paul, é no país comunista que estavam muitos dos seus "seguidores mais leais". E isso que os Beatles, assim como todos os grandes ídolos do rock'n'roll, eram tidos como inimigos do regime e seus discos, vendidos apenas no mercado negro. Lançado no ano seguinte, o álbum *CHOBAB CCCP* ("Back in the USSR", em russo) foi um sucesso e acabou por dar um empurrãozinho a Mikhail Gorbachev em sua Glasnost ("transparência", em russo), a abertura política, que, junto à Perestroika, culminaria no fim da URSS em 1991.

•

Arte no Escuro segue para o Rio e dão início às gravações do seu primeiro LP. Além de "Beije-me Cowboy" e "Na Noite", conhecidas do público através de shows e execução em rádio, o Arte no Escuro grava mais seis músicas,

com produção do baterista Gutje e Mayrton Bahia (produtor da Legião, Finis e Zero, entre outros).

6 DE AGOSTO – O ESTADO DE S. PAULO

Detrito

Algo podre no Planalto Central

A banda Detrito Federal não é só punk. É rock, funk, country e até umas baladinhas.

23 DE AGOSTO – SÃO PAULO 0 X 0 CORINTHIANS

15º título paulista

Num espaço de seis meses, o São Paulo conquista os títulos paulista e brasileiro.

CORREIO BRAZILIENSE – 7 DE SETEMBRO

LSD, renasce moda dos anos 60

VENDENDO DISCOS

Mais à frente, quando fiquei desempregado de novo eu fui vender discos de rock para as equipes de som de Sobradinho e de outras bocadas, conheci os grandes colecionadores da cidade – acredite: tudo isso aconteceu!



O quarteto Clones de Ludwig em setembro de 1987

13 A 25 DE SETEMBRO – UnB

I Festival Latino-Americano de Arte e Cultura

“Tenho um galo na cabeça desde esse dia quando bati a cabeça no meio fio em companhia de Joelzinho. Desde então, penso muito sobre o álcool que eu acho a mais poderosa das drogas –

No Venâncio 2.000, vendi discos para as equipes de som de Sobradinho. E você vem com essa de que eles jamais ouviram falar de mim? Aí apresento o meu cartão de visitas de um brother que agita a cena lá somos amigos há 29 anos. Eu o conheci quando entrei no serviço se secreto do GDF.

eu bebi vinho e cai da porta de trás do grande circular batendo a cabeça na calçada”.

31 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Fim de semana com muitas bandas

Heróis do Dia, Alto QI e Doutrina Monroe: no Ginásio de Esportes do Guará.

31 DE OUTUBRO – NEFELIBATAS

“Isso aconteceu no Fempluz – Festival de Música Popular de Luziânia (RIP). Foram dois dias de festivais e os Nefelibatas tocaram no sábado e classificaram-se para o domingo. Lembro-me como se fosse hoje: o Sodré, usando um sobretudo, Cris, o guitarrista, usava uma guitarra Telecaster, com um heasstock mais moderno. Troquei ideias com o Lauro,

ROCK

Fim de semana com muitas bandas

Vem aí um fim de semana pra roqueiro nenhum botar defeito. A grande atração dessa farta programação de rock é indiscutivelmente o concerto da Piebe Rude, que vai acontecer na Zoom, amanhã, depois da meia-noite, numa promoção da Agora Eles. É o segundo show que a Piebe faz em Brasília, depois do lançamento, em agosto, de Nunca Fomos Tão Brasileiros, seu segundo disco pela Emi-Odeon. Philippe Seabra, Ameba, André X e Gutje, que vêm se apresentando por todo o País, retornam à origem para tocar e agitar uma galera que sempre os prestigia.

Integrada por músicos originários da ex-Gestapo e ex-Burguesia Decadente, a Heróis do Dia já possui um público fiel no DF. Para esse show, Marcelo Lagos (baixo), Lutz Roberto (guitarra), Nelson Dantas (guitarra), Marcelo Salom (bateria) e Markão (vocal) prepararam um repertório que inclui músicas como Partidos, Problemas e País Ditadores já bem conhecidas do público, Nossos Jovens e Horizonte Perdido, entre outras.

Banda formada em janeiro do ano passado, a Alto QI, desde então vem tendo uma participação ativa na cena roqueira brasiliense, realizando uma série de shows. Participou, inclusive, do festival Rock Brasília – Explode Brasil, promovido pela WEA/ArtWay. Com um estilo que vai do pós-punk ao punk rock, a Alto QI é constituída por Vitor Lopes (vocal), Tex's (guitarra), Ricardo Costa (baixo) e Flávio Barros (bateria).

Wesley Profeta (guitarra), Luiz Antônio (baixo), Júlio Vasconcelos (vocal) e Marco Antônio (bateria) formam a Doutrina Monroe, outra banda que vai se apresentar esta noite no Ginásio de Esportes do Guará. Seu estilo é bastante diversificado, uma vez que mistura no mesmo caldeirão sonoro o **progressive rock** e o **pós-punk**, por exemplo.

Na sequência da programação, amanhã, mais dois shows serão realizados. Em Taguatinga, no Teatro da Praça, a partir das 20h30min, estarão se apresentando os grupos Clones de Ludwig e o 3ª Divisão. Rogério Lima (vocal), Robson Benjamin (guitarra), Edmilson Silva (bateria/percussão) e Amorim (baixo). O Clones já possui uma boa bagagem, conseguida em função da trajetória dos seus integrantes, que participaram de outras formações como Monovox & o PBX, Sobrinhos de Capone e H2O.

Vulcão, Rock'n Roll e Novidade são músicas que o brasiliense conhece na interpretação da 3ª Divisão, banda originária de Taguatinga. Getúlio (vocal), Ney Abrantes (guitarra), Adalberto (baixo) e Zaf (bateria) são os componentes da 3ª Divisão, que ultimamente vem direcionando seu trabalho para tendências do rock dos anos 60.

Por fim, no Fonte Dubom Paladar, no Cruzeiro Velho, presença das bandas Nervos de Seda, de lá mesmo daquele bairro e do badalado 5 Generais, um dos grupos em maior ascensão na preferência dos roqueiros brasilienses, no momento. (IRL)

baterista bem carismático. No domingo, eu fui para ver a final e cadê os caras? Nada. Daí como tinha horário para chegar em casa fui embora sem vê-los e fui bastante chateado. No dia seguinte encontrei com meus amigos que me disseram que eles tinham ganhado o festival. Pela primeira vez não teve marmelada no *Fempluz* e ainda por cima uma banda de rock venceu Uau! Fiquei muito feliz. Um amigo tem a demotape deles. Não sou saudosista mas sinto muito a falta de Inteligência no rock atual." **(ANDRÉ ANTIMÁCULA)**

1º DE NOVEMBRO

Depois da meia-noite a grande atração de rock é indiscutivelmente o concerto da Plebe Rude, que vai acontecer na Zoom. Numa promoção da Agora Eles. É o segundo show que a Plebe faz em Brasília, depois do lançamento, em agosto, do *Nunca Fomos Tão Brasileiros*, seu segundo disco pela EMI-Odeon. Philippe Seabra, Ameba, André X e Gutje, que vem se apresentando por todo o país, retornam à origem para tocar e agitar uma galera que sempre os prestigiou.

No Teatro da Praça em Taguatinga – Clones de Ludwig e 3ª Divisão.

No Fonte Dubom Paladar no Cruzeiro – Nervos de Seda e 5 Gerais.

25 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Admiradores do Heavy Metal não têm pacto com demônios

19 DE DEZEMBRO

A Legião Urbana relança a música "Soldados" no álbum *Que País é Este*, que reunia material inédito do Aborto Elétrico e de outras bandas da chamada Turma da Colina.

Legião Urbana fecha um ciclo em sua carreira

"O que eu vejo é o que vejo na televisão, os caras se digladiando no Congresso como se fossem animais. Eu não entendo o resto. Eu não estou qualificado para falar desses assuntos". **(RENATO RUSSO)**

FIM DE ANO, DESEMPREGADO DE NOVO NO ANO NOVO

Filipeta do sebo, Hontem e Hoje, do saudoso senhor Vicente. Com certeza o maior colecionador de discos da música brasileira de Brasília; admirador de jazz: "Mário você não teria algum disco de jazz americano prensado com anel de arame em torno?" "Cê deve estar de sacanagem...".

Sebo de Discos: a última opção

Carlos Alves Moura

«Compramos, vendemos, trocamos e alugamos» este é o lema do Sebo do Disco, uma das três lojas do gênero no DF. Este lema mostra a versatilidade deste mercado que tende a se expandir, já que o comércio em geral prefere os lançamentos, os chamados discos de sucesso, relançando apenas os títulos que se esgotam rápido. Encontrar um título antigo ou fora de catálogo (não comercializado pelas distribuidoras) torna-se difícil.

Procurados por um público variado, afeccionado pelos diversos estilos de música, não só pela possibilidade de achar raridades, como pelo preço dos novos e usados, «o Sebo é a última opção», segundo Ismar, proprietário, junto com o irmão, Isnaldo, do Sebo do Disco, localizado no Venâncio 2000 e em Taguatinga. O preço do «vinil» usado é 70 por cento do valor do novo. Isnaldo disse que também trabalha com discos novos, com preço abaixo do mercado, mas o seu interesse está no atrativo que eles ofe-



Foto de Gilson da Alice

Sebos: mercados alternativos em grande expansão

recem para as trocas com os usados, esclarecendo que sebo não se obriga a ter tudo, como cobram alguns fregueses, quando não encontram o que desejam. Jazz, blues, clássicos, rock — anos 60, e jovem guarda são muito procurados, e quem tem não quer negociar; os

poucos que aparecem são muito disputados. O Sebo da 107 Norte prefere os discos de música clássica, pois seus donos têm mais cuidado com a conservação.

Nas outras grandes cidades este comércio floresce há muito tempo, aqui há aproximadamente 6 anos. Todos foram unânimes ao afirmar que trabalham por prazer e não por lucro. O Antiquário Fortaleza, situado no Venâncio 2000, no sábado de manhã é ponto de encontro de colecionadores. Segundo o gerente, Mário Pacheco, outra atividade desenvolvida é a venda dos «fan-zines», revistas que divulgam idéias pacifistas a «Antinuclear», a dos punks, carecas, e metaleiros «União» e a edição da Rock and roll voltada para a produção dos anos 50 e 60. O Sebo do Disco virou selo e lançou o LP «Rumores» com bandas de rock da cidade. E o Antiquário Fortaleza prepara-se para abrir sua primeira filial em uma cidade-satélite, provavelmente em Taguatinga.

AGORA BEM PERTO DE VOCÊ

NA ASA NORTE

"HONTEM E HOJE"

COMPRA E VENDA DE

- DISCOS de 78 Rotações
- LPs Nacionais e Estrangeiros novos e usados
 - : JAZZ, Clássicos, Populares, Regionais, Independentes
- DISCOS LASER - CDs Nacionais e Estrangeiros
- Partituras p/ Piano antigas
- Revistas Brasileiras antigas
- Livros edições esgotadas: tudo sobre o Brasil: Literatura, Folclore, MPB, Regionalismo, etc.
- Artigos para colecionadores em geral.

Na SCLN 315 - Bloco C - Loja 74 - Tel.: 273-0569
ao lado da PIZZARIA SPERANZA - Brasília - DF

TEMPO\$ HEROICO\$

Eu (eu?) e Jota Errê levamos a frente o processo das Festas da UVA. Sempre tínhamos que arrumar uma residência que nos acolhesse. No barraco de fundos da casa dele, aconteceram muitas festas; depois fomos para as casas do Edvar e da Jihan (misturávamos hippies pós *Woodstock* com *metalbangers* e góticos).

As biografias não autorizadas registram que eu conheci a turma louca dos Skrotinhos numa festa na casa do Hamilton Cruz, no último conjunto da QE 34 à direita, quando a vista dava para o infinito. Eu retorcia os quadris freneticamente ao som de Joe Perry Project, como copulasse.

É muita, mas muita heustória envolvida. Essa é do tempo da outra Turma do Guará 1, quando eu e a Sueli Saraiva descíamos de ônibus para a 109 Sul ou o Botequim Blues em Taguatinga.

Grande concerto anima domingo em Taguatinga

VI Faculta encerra hoje a semana de cultura e arte

Aberta no último dia 23, chega ao final neste domingo a VI FACULTA — Semana de Arte e Cultura de Taguatinga, que há seis anos vem abrindo espaço para as mais diversas manifestações artísticas do Distrito Federal. O evento é uma realização da Associação de Arte e Cultura daquela cidade-satélite e Cine Clube AACT, com o apoio da Fundação Cultural, Projeto Fala Satélite, Administração Regional e Fora dos Eixos Produção e Sonorização.

Desde a abertura, que vêm acontecendo espetáculo de teatro, música popular, dança, apresenta-

ção de filmes, exposições de pintura e fotografia, etc. Hoje, no encerramento, será realizado um grande concerto, na C1, na entrada da cidade, com a participação das seguintes bandas: Bagagem Clandestina, Seres, Durangos D'América, Sorriso Oculto, Argumento Z, Afrodizia, Rochas, 5 Gerais, Fama, Pânico, Peter Perfelto, Falange, Núcleo de Custódia, Saída Sul, SOS, Torinos, Bionica e Elfus.

Produtor desse concerto, o agitador cultural Fernandez Rolla Pedra, vem ao longo dos anos, acompanhando o desenvolvimento da FACULTA. Ele é quem fala do evento. "De agosto de 82, até agora, muitos passaram no vestibular, muitos casaram, outros foram embora. O garoto Digoró, um radical sem dó, viu tu-

do, assistiu a tudo, desde a I FACULTA em 82. Viu Renato Russo tocando violão e falando de música urbana, os megashows do Rolla Pedra. Digoró via tudo pelas frestas das arquibancadas".

De 82 para cá foram cinco grandes concertos e muita gente, hoje famosa, hoje pop-star, passou por lá. Neste que acontece hoje, estarão participando músicos que já desenvolvem sua carreira há mais tempo, mas, tomarão parte, também, outros que estão iniciando sua caminhada. Quem sabe rumo à fama, ao sucesso. "A FACULTA é uma verdadeira Operação Primavera da arte, com a participação de todos os bichos Taguarus", proclama o grande Fernandez. (IRLAM ROCHA LIMA)



Miro (guitarra/vocal), Sérgio (baixo), Celso (bateria): Durangos da América

Depois a festa continuou no Mutante Bar — a Jihan Arar e o Léo e o Edvar nos acompanhavam — nesse dia rolou a exposição do Fernando Carpaneda. Quem tiver as articulações que marque as pessoas.

Ontem me acabei em álcool e tabaco. Nada mudou; nem o som. Joe Perry Project continua rolando, descarregando seus sons nas águas do Vicente Pires... Skrotinhos, eles me acompanham até hoje; dentre os quais, os ilustres e famosos Léo Saraiva, Marlon Dourado, Mana Gi Lemos, Sueli Saraiva, saudoso Geraldo Lessa (fazíamos o curso de História), Edson Salazar, Macaé, Magda Miranda, Andrea Brito, Isabela, Jihan Arar,

Marcelo Vasques, Marcelo Vítor e Aderbal estes amigos queridos tomavam suas cervejas no Bar Pontekin do Lincon na QE 24.

NA QE 24 DO GUARÁ, FORTUITAMENTE, ENCONTRAVA CÉCÉ NO BAR PONTEKIN DO LINCOLN

Felippe CDC descia do coletivo e arrastava o pedestal pelo asfalto. Ali eu via a poesia daqueles fanzines frescos, feios e sujos; iam tocar no Bar do Lincon – um sábado? Ou domingo? Ou tanto faz. Cécé, que caminhava como se estivesse nas nuvens, apareceu como um personagem de Conan Doyle, fumando cachimbo e de short. Daí o apelido Canela.

Na QE 24 do Guará, fortuitamente, encontrava Cécé no Bar Pontekin do Lincoln. De forma educada, Cécé perguntou ao menino: "Posso tocar um blues na sua guitarrinha?" A resposta foi outra interrogativa: "Tocar o quê?, Foi a senha para que um blues de tempestade de Stevie Ray Vaughan explodisse as paredes.

Depois do rápido e inesperado e mortal solo, perguntei: "Cécé a guitarra era boa?". "Não, o amplificador!"

Cécé desaparecia como um personagem de Aghata Christie!

Ah, vou completar a história. Nessa época apareceu um bar concorrente na área do Guará 2. Durou pouco. A fumaça que subia lá era avistada de longe.

A lauda acabou. Meus parágrafos-ladeiras *bukowskianas* foram engarrafados.

4 DE FEVEREIRO – FOLHA DE S. PAULO

Cinema brasileiro faz noventa anos

23 DE FEVEREIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Liberdade Condicional/Disco

Fugindo dos emblemas e criativo

FINAL DE FEVEREIRO

O documentário do U2, estreou na cidade no Cine Bristol no Conic e fomos ver *Rattle and Hum*, quando B.B. King começou a solar com a rapaziada do U2 em "When Love Comes to Town", a galera dna frente não se segurou e começou a dançar e a gritar e assoviar em frenesi no escuro do cinema como se estivessem diante do show. Quando acenderam as luzes, o pessoal das cadeiras de trás fez aquela cara de são vocês estão perdoados. Era o abismo intelectual dos universitários e dos bodinhos de sapatos lustrados e jacas de couro contra a geração de malucos pós uma década de *Woodstock*, merecíamos respeito e não vaias. No fim da noite passamos no Cine Venâncio Jr, o popular Cine Ritz onde exibia *22 centímetros de colocações perfeitas*. Rock'n'roll sempre há de ser subversivo. Conheço os nomes das meninas que andavam conosco naquele tempo. A nossa amizade era amarrada. Completava-se 10 anos que andávamos juntos. "Bristol tinha área para fumantes." **(ANTONIO GONÇALVES)**

2 DE MARÇO – FOLHA DE S. PAULO

Exposição traz poemas inéditos de Glauber Rocha

• O GLOBO

A festa do Grammy na TV – Renato Russo comenta o Grammy

"Na categoria performance feminina pop, não escolho ninguém da lista. Meu voto fica para a Marianne Faithfull. Também não voto em ninguém para o pop masculino e, no rock, daria meu voto para o vocalista do Simply Red, Mick Hucknall, que não aparece na lista. Também acho péssimas as indicações para dupla ou banda de rock e minha canção do ano não está na lista do Grammy: é 'Happy when it rains', de Jesus and Mary Chain. Na verdade, acho esse prêmio

muito careta, tanto quanto o Oscar. Eles só sabem premiar as coisas médias. Aqui, fariam uma lista que incluiriam, por exemplo, Rosana. Eu prefiro Cida Moreira”.

• JORNAL DE BRASÍLIA

Brasília busca sua memória

O Arquivo Público do Distrito Federal lançou uma campanha para arrecadar material que represente de alguma forma a história de Brasília, desde a sua construção. O projeto Memória da Construção de Brasília começa a partir do próximo dia 7, quando as contas de luz chegarem ao Plano Piloto e às satélites de Planaltina, Taguatinga, Núcleo Bandeirante, além da Vila Planalto – por serem estas regiões as mais antigas da Capital. Segundo Vera Catalão, coordenadora de projetos do ArPDF, “ao todo, serão cem mil folhetos distribuídos”.

As contas contêm informações sobre a campanha e a intenção do ArPDF é pedir a colaboração de pioneiros e demais cidadãos brasilienses para a proposta, que engloba a localização e registro de material histórico em forma de mapas, filmes, fotografias, documentos escritos, plantas, discos, fitas cassete, revistas, jornais, relatórios, cartazes, postais, diários de obras e outros dados sobre a construção da Capital.

Os brasilienses poderão fornecer informações sobre o tipo de material que possui, dizer se pode e como deve ser consultado o material, ou ainda, se ele pode ser doado ou feita uma permuta. Segundo o superintendente do Arquivo Público, Walter Mello, “as informações devem ser enviadas, no folheto, para o ArPDF, com os dados sobre o remetente”. O porte já está pago.

O objetivo principal do projeto é recolher documentos referentes ao nascimento da Capital que estejam abandonados ou mal cuidados e que possam ser recuperados. “O ArPDF tem a finalidade de preservar a memória cultural, social e política da Capital brasileira, preparando um acervo histórico, que possa servir à comunidade na elaboração de pesquisas e estudos acadêmicos e profissionais”, explica Mello.

30 DE ABRIL

Eu sempre resgato uma memória do Cécé – compareci ao lançamento do LP da Liberdade Condicional – banda em que ele tocou a guitarra e Júnior Mentex, o contrabaixo – jamais era permitido chamar Júnior de “Mentex”, mas ele me podia sacanear e me chamar de Mário Doninha. Cécé pedia “não sacaneem o Júnior”, ele é meu amigo”. Assim foi. Havia ocorrido uma assepsia, e fãs do Extremo não eram bem-vindos nos shows da Liberdade. Impreterivelmente antes dos shows sequestrávamos o guitarrista para uma conversa. Eu fui nesse show de bicão. Lembro-me da banda Cygnus – um progressivo forte tipo rock de arena. A Liberdade Condicionou tocou e rapidamente eu tive que ir para parada. Dentro do ônibus, ainda passando pela roleta, vi, no fundo do corredor Cécé já estava sentado com a guitarra no colo. Eu ri. O malandro não perdeu a mania de pedir ao condutor para entrar pelas portas do fundo desde os dias do colégio.

3 DE MAIO – JORNAL DE BRASÍLIA

Filmagem do rock ‘atravessou’

CARONA PERIGOSA

O guitarrista passou na Vidraçaria. Aliás, a irmã dele também morava na QE 32.

Pô! Acabei de ver o clipe de “A Última Floresta” com vocês na TV Globo. “E aquela sincronia de imagem e som, onde foi gravada?” Cécé respondeu com a sua calma escrachada, acompanhada por um longo sorriso: “Foi gravado na Água Mineral. O cara queria nos colocar atrás das grades, numa cadeia... Levamos um pequeno gravador e fizemos a dublagem”. Jamais voltaríamos a ver essas imagens...

Num gesto de extrema gentileza Cécé me carregava pelas Asas para assistir a seus ensaios. É claro que o pessoal pequeno burguês da banda ficava de cara fechada. Como explicar que ali, naquela quadra, a loja de ensaios era alugada pelo irmão do Cécé. Eu havia testemunhado a reforma da sala e lá foi gravada a única fita de rolo do Extremo. Nestes ensaios assisti também o nascimento de uma nova banda (que ficou na promessa): Anjos e Arranjos!

Uma das lendas dos tempos de estudante de Cécé é que ele nunca pegara ônibus e que nunca chegara atrasado na sala de aula, pegava caronas para encurtar o caminho.

De carona e guitarra nas mãos, atravessamos velozmente o Parque da Cidade. Súbito, Cécé disse ao motorista da carona: "Dá para ir mais devagar?" Eu, que curtia o passeio e nem estava aí, fiquei pasmo, Cécé se importava com a vida.

Cécé e Vânia recém-casados me convidaram para uma carne de panela na sua casa no Guarã I. A casa possuía um amplificador e uma guitarra, ele ligava e plugava e ficava tocando às vezes dizia: "Toca aí, Mário!"

7 DE MAIO – IDEIAS/JORNAL DO BRASIL

Ainda há causas dignas de barricadas

Daniel Cohn-Bendit fala do que seria capaz de mobilizá-lo politicamente 20 anos depois do maio de 1968.

Campinas/6/5/88

Prezado Mario:

Obrigado pela carta e pelo fanzine. O Alpha III possui 4 LPS gravados e o quinto deve sair em julho/88 agora.:

Mar de Cristal-estilo tecno-pop-progressivo(1º LP com 10 musicas vocalizadas e 1 instrumental-fóra de catálogo)-1.500

Sombras-estilo E,L e P-instrumental-1.000

Agartha-estilo eletrônico experimental-1.000

Ruínas Circulares-estilo Tangerine Dream e E,L e P-instrumental como o Agartha,só que em outro estilo-1.000

Temple of Delphos(deve sair agora em julho-estilo Triunvirat e Tangerine Dream.)

As capas são todas estilo Yes(Roger Dean).Outros LPS de progressivo que posso te arrumar nacionais:

Himalaya-Fernando Pacheco(cordas suave)-1.000

Terço-Criaturas da Noite(fóra de catálogo nôvo)-1.500

Casa Encantada(fóra de catálogo nôvo-álbum)-1.500

Som Imaginário-1º LP/fóra de catálogo-nôvo-1.500

Sagrado Coração da Terra/1º LP-1.000

Se voce quiser alguns mande cheque nominal ou vale postal p/ Agência Shopping Center Campinas em meu nome-Amir Cantusio Jr.

Junte 200 Cr. p/ despesas de embalagem e correio.Com relação a informações sôbre o Alpha III (fan-club)mande carta p/:

Alpha III Fan Club-

Av.Cardoso Moreira 305/103 \$\$\$

Itaperuna R.J. CEP-28.300 \$\$\$

Com relação ao pioneirismo no Brasil,o grifô foi da Som Tres.

Apesar que não tem ninguém fazendo este tipo de música no Brasil ou já feito(Ex-não há similares ao Agartha e Ruínas Circulares no Brasil).Eu já venho tocando este tipo de som desde 1970.Tenho 31 anos e 25 de estudo musical.Obrigado e abraços:

Amir Cantusio Jr.(Alpha III)

Por trás das ruidosas manifestações estudantis de 68, havia uma luta entre correntes filosóficas de propostas contraditórias. Vinte anos depois essa querela prossegue na crítica neo-humanista a pensadores como Foucault e Lacan. Cohn-Bendit, que liderava os jovens dispostos a mudar o mundo com as pedras

do calçamento de Paris reavalia os acontecimentos.

• *Jards Macalé: 'A burrice torna o País inviável'* – **CORREIO BRAZILIENSE**

Pelos caminhos do rock: uma carta sui generis, a correspondência foi entregue pelos Correios, porém sem o carimbo no selo da agência de Campinas e o remetente, Amyr Cantusio Jr não assinou. Mas é uma carta histórica de um dos batalhadores do rock nacional. 5 de junho de 1988, eu estava na maior das pindaíbas e desempregado.

10 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

Noel Rosa (700 páginas) abre lançamento da UnB

20 DE MAIO

Nesta tarde, a cantora Cássia Eller posa para as lentes de Rubens Rebouças: "Foi uma sessão de fotos para divulgação do trabalho dela".

JUNHO – CONHECENDO JIHAN ARAR

Um cara esquisito esse Mário! Arregala os olhos e fala coisas desconexas! Essa foi minha primeira impressão, em junho de 1988, quando fomos apresentados pela primeira vez. Hiperativo! Que saco, não sabe ficar sentado nem por dois minutos. Lá se foram 30 anos e não mudei de ideia. Apenas acrescentei alguns adjetivos à personalidade deste geminiano que sempre me intrigou. Gente boa! Fala tudo o que vem na telha, sem meias palavras nem subterfúgios gentis. Falastrão! É preciso muita concentração e agilidade de raciocínio para acompanhar tantas ideias borbulhantes que saem da boca dele. Ideias incríveis e conclusões muito loucas sobre comportamentos, músicas, artistas, fofocas, amores, desilusões e falsos moralismos. Agregador. Sabe encontrar o ponto positivo em cada pessoa e o ressalta, com ênfase, provando que é sempre melhor unir do que dividir. Generoso. Abre as portas de sua casa, a qualquer dia e a qualquer hora, sempre disposto a emprestar o ouvido para coisas boas e outras nem tanto. Chato. Ai de você se tirar um disco ou um bilhete do lugar. Ai de você se mexer no acervo dele sem a supervisão digna de um agente da KGB. Nem pense nisso! Grato. Sabe dar valor a cada coisa que você dá a ele. Eleva à milésima potência a importância de um objeto presenteado, por mais simples que seja. Louco. Faz seus personagens parecerem santos ou anjos, quando começa a divagar sobre teorias e filosofias mil. Culto. É de uma profundidade desconcertante. Sempre tem, na ponta da língua, a resposta para qualquer assunto. Sagaz. Não se deixa levar pelas leviandades do ser, nem se apega ao superficial. Sábio. Cala-se quando não tem o que falar.

Se tivesse tempo, ficaria horas escrevendo sobre esta criatura. Este geminiano esquisito, desconexo, hiperativo, gente boa, falastrão, agregador, generoso, chato, grato, louco, culto, sagaz e sábio. Mas, infelizmente, não disponho deste tempo. Portanto, me atenho à restrita condição de expressar a minha enorme admiração por esta pessoa – que aprendi a gostar do fundo do meu coração.

Parabéns pelo seu mais novo livro, *Refrescando a mente*, e obrigada por compartilhar conosco este gigante universo da música e da contracultura, de um jeito tão simples e tão intenso.

18 DE JUNHO

Show da Legião Urbana no Estádio Mané Garrincha, última apresentação em Brasília

A banda contra 50 mil fãs mais cavalos, cassetetes e PMs. Teria sido o *Gimme Shelter* da Legião?

Porque eu não me esqueço desse show de 1988 da Legião Urbana (que eu não fui)? Se não me engano, no mesmo sábado, Flávio Venturini e Toninho Horta se apresentaram de graça e preferimos esse show – eu e Sueli Saraiva. Ainda éramos jovens, mas não mais tão bárbaros. Detalhe sobre o espetáculo troglodita da Legião: lembro-me das pessoas relatando que os sapatos ficaram para trás, afirmando que a cavalaria avançou e que você tinha que ter preparo de atleta de alto rendimento para escapar do cerco.

No day after ao faroeste caboclo, os fãs acamparam na 303 Sul querendo falar com Renato – alguns chegaram a se esconder na garagem do bloco onde a família do cantor morava. Preocupado, o produtor Fernando Artigas recorreu a um amigo comum, Murilo Cavalcante, o Murilão, o mais forte da turma, para acompanhar Renato até o aeroporto.

13 DE AGOSTO – IDEIAS/JORNAL DO BRASIL

Resíduos do futuro

Pynchon quer recompor o mundo contemporâneo com uma rede de ficções, onde tudo é signo e nada pode ser verificado.



17 DE AGOSTO – FOLHA DE S. PAULO

Terapeuta vira parceiro do ex-Beach Boy Brian Wilson

- *Ex-piloto diz ter o único exemplar do primeiro disco gravado por Elvis*

20 DE AGOSTO

Palco de Rua tem último concerto

AINDA UM APRENDIZ

la ao jornal de seis em seis meses e levava uma edição do fanzine. Fui mais uma vez e escalaram uma jornalista para fazer a matéria. Assim que eu disse que a tiragem do fanzine era de cem cópias. A jornalista se levantou e nem se despediu. Ali morreram os sonhos do fanzine e a vontade de fazer coisas sem se preocupar com as coisas do mundo material – por isso muitos se escondem sob a tutela de doido: nunca mais levei fanzines em redações.

Rich Lima me descolou uma chance no JOSÉ, um jornal semanal. Agarrei a chance com os dedos. Era ótimo ter uma resenha toda sexta-feira, durou um semestre. Na faculdade, a resenha fazia sucesso. O duro é que tinha que dar plantão na redação para pegar o cheque e pagar a mensalidade da faculdade. Na faculdade eu fazia um par de trabalhos diferentes e sempre vendia um para salvar o lanche e a passagem. Por isso, os grupos de estudo sempre tiravam cópia das apostilas de cortesia para

mim. É refrescante lembrar que, durante os meus estudos, inúmeras vezes cheguei debaixo da água montado na Monareta para assistir às aulas. Na faculdade, andei 700 horas de ônibus, muitas delas no pinote debaixo d'água, porque eu não gostava de carregar guarda-chuva.

20 DE OUTUBRO – FOLHA DE S. PAULO

Plebe Rude apresenta no Dama Xoc seu último LP pela Odeon

21 DE OUTUBRO



FOTO: OSVALDO PERALVA

9 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Leilão de original é traição a Kafka

30 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

O brilho da Cássia, o fiasco da Legião

FA-CLUBE "OVELHA NEGRA"

CAIXA POSTAL Nº 8907 - CEP 01051 - SAMPA - SP

★ FUNDADO EM 02/12/85 ★

São Paulo, 15 de novembro de 1988

Olá Mário Sérgio

Como vai? Aqui está tudo RITA & ROBERTO.

Graças a Deus.

Ficamos felizes em saber que podemos ser úteis neste trabalho que você vem realizando. Antes de mais nada, gostaríamos de solicitar o envio dos fanzines a que você se referiu, se eles tiverem algo de nossa RITA ou dos MUTANTES, e, também o livro que tiver a biografia de Arnaldo. Pagaremos por isso!

Quanto aos dados, aí vão:

- 1) Data de casamento de RITA e ARNALDO = 30 de dezembro de 1971
- 2) Data de apresentação no Midem = 18 de janeiro de 1969
- 3) Data de apresentação no Olympia = não sabemos (1971)
- 4) Não, RITA LEE não comentou nada. Fez visitas a Arnaldo quando esteve internado, só isso.

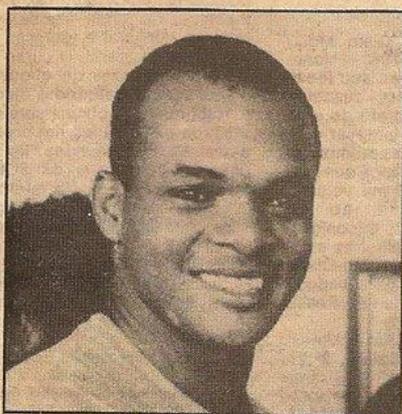
5) De acordo com a própria RITA, seus últimos contatos com Arnaldo foram justamente estas visitas no hospital. Depois, nunca mais. Arnaldo mora em Juiz de Fora/MG e vive em completo retiro, sem que ninguém possa chegar perto. Nem seu irmão Sérgio.

Desculpe não termos a data de apresentação no Olympia, mas isto nem RITA lembra. Quanto aos discos "BUILD UP" e "HOJE É O PRIMEIRO DIA DO RESTO DE SUA VIDA", seguem as fichas delas, extraídas de nosso arquivo. Se precisar de mais alguma informação, é só dizer. As datas são as mais reais possíveis, já que foram retiradas de documentos originais, como a carta do diretor da Companhia Brasileira de Discos, informando aos MUTANTES sua participação no Midem e da certidão de casamento de RITA LEE.

Aguardando sua resposta, despedimo-nos com um fraternal abraço do amigo

Maurício Les
FA-CLUBE "OVELHA NEGRA"

DE: RUA BENEFICENCIA PORTUGUESA, 24 - 4º ANDAR - SALA 414



Renato Rocha, o Negrete

Dentes Quentes

Agora que se desligou definitivamente da Legião Urbana, optando pelo bucolismo de uma vida no campo, na fazenda que adquiriu na região de Mauá, Rio de Janeiro, é provável que o baixista Renato Rocha, o Negrete, (foto) tenha mais tempo para se dedicar ao tipo de rock que mais curte, o *heavy metal*.

Espera-se que com isso venha a ser reativado o Dentes Quentes, grupo que se reúne vez por outra para aplaudidas performances e que tem em sua formação, além do grande Billy, os guitarristas Ameba (Plebe Rude) e Fejão (Escola de Escândalo).

Salvando o verão

O *Rock Verão II* que apresenta hoje, às 11 horas, no Bom Demais, as bandas Argumento Z, Clones de Ludwig e A Divina Tragédia (já apontada como a grande revelação da temporada) terá mais uma rodada no próximo dia 30, com Beta Pictoris, Durangos da América e Baseados no Rock.

Em seguida haverá uma interrupção do projeto, que será retomado dia 13 de fevereiro, com um concerto que reunirá os grupos Dia D, Anesthesia e Lágrima. No dia 20 será a vez das bandas femininas Volkanas e Flammea, ficando para o encerramento o show reunindo Fama e Os Rochas.

Tai uma das poucas coisas que têm salvo o verão brasileiro.

S O N O R A S

■ **Querelle**, obra de Jean Genet, que já virou filme, vai ganhar versão teatral, no Rio de Janeiro. A trilha sonora terá assinatura de Cazuza, que convidou Lôbão para parceiro.

■ **Brasil Mouche**: O Pacotão velho de guerra não perde a verve.

■ **Vem de Zello Visconti** um belo cartão com os seguintes dizeres: No trajeto de 88 os balangandãs sacudidos por "Marilyn Miranda" deixaram o brilho para cantarmos um novo tempo com arte.

O Zello se refere à elogiadíssima exposição que apresentou, ano passado, na Itaú Galeria, com trabalhos de pintura e colagem, homenageando Marilyn Monroe e Carmem Miranda.

■ A associação Elis em Movimento, de São Paulo, adiou para março as homenagens à memória da cantora, cujo aniversário de falecimento transcorreu quinta-feira última.

■ **E a Marisa Monte, hem? Que coisa linda.**

12 DE JANEIRO – FOLHA DE S. PAULO

Capital Inicial lança terceiro LP com show

- *Charlie 'Bird' Parker renasce hoje nas telas de São Paulo*

Eastwood filmou em nove semanas.

PM DÁ UMA GERAL NO BOM DEMAIS. NINGUÉM GOSTOU

Líamos no jornal e íamos conferir a parada. O lance era o seguinte: não descíamos no ponto de ônibus do Bom Demais – ou descíamos um ponto antes ou um depois. Nas raras vezes que íamos de carro, geralmente estávamos tão doidos que estacionávamos na rua detrás. Nunca tivemos *bode* com a polícia. A banda Divina Tragédia era legal mesmo mas durou pouco. E a banda Baseado no Rock, devido ao seu nome levou muitos menores em cana naquela noite que a minha memória escolheu para lembrar.

26 DE JANEIRO

Máquina voadora de Da Vinci em tamanho natural surge em Londres

Máquina voadora de Da Vinci, reproduzida em tamanho natural (11 metros de envergadura) para a exposição.

27 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Enquanto o disco não chega...

Renato Matos faz uma prévia do que será sua estreia no vinil.

3 DE FEVEREIRO

O Akneton está rimando com Pacotão

'Oh Dollar', lançada no Verão Cultural, pode ser um sucesso de crítica no Plano Verão.



MARÇO

Cazuza era o assunto em voga. E eu fui conhecer o mutante lá em Juiz de Fora. Na analogia arnaldiana ele usou esses versos para explicar qual seria o futuro dos instrumentos transistorizados da marca Fender: "Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades / O tempo não para". Eu ri pacas e falei: "Arnaldo, eu não sabia que você era tão contemporâneo!".

O bom dessa foto é que nesse dia, conheci Sônia Abreu e vi como eles são amigos. Ter ido lá foi constatar que várias heustórias eram verdadeiras que ele ia da Graminha à cidade a pé, e que ele fazia várias considerações sobre carros e direção quando andávamos neles, que ele tocava o piano elétrico do alto de um morro. Anos depois eu fui entendendo mais a situação caseira dele, compreendendo melhor seus projetos, como era a vizinha e até o seu amor por cachorros. Os relatos dos jornais eram precisos – essa foto foi feita quando me deixaram na Rodoviária. Essa aventura valeu um capítulo de Kerouac. Muito tempo depois que os discos foram saindo, entendi o que o Arnaldo queria dizer.

STING NA 32!

Outra uma vez, eu curtia o desemprego. Pela manhã, no repetido bate-papo. Waldemar, o vizinho, disse: "Onde anda o Raoni, anda o Sting...".

Sting e Raoni e mais um séquito da Funai caminhavam pelo comércio QE 32 no Guará 2, comprando frutas e verduras.

Foi só olhar o tamanho do nariz do superstar e aquelas roupas de alpinista que, num pulo da cadeira, subi as escadas e procurei pelo disco dele. Alcancei-o no meio da praça e estendi o disco. Resumidamente, entendi que ele disse: "Nada como o bussiness, um disco meu aqui...". Em poucos instantes, uma multidão cercou Sting... O pessoal do Bar Esperança perguntava se eu sabia falar (falava) inglês... Os seguranças dançaram. A multidão avançou na capa do disco e borrou o autógrafo. De dentro do Material de Construção Casarão, os vendedores correram com dois pedaços de durex e eu coleí na capa. Por um bom tempo, fiquei conhecido como o "Fã que reconheceu Sting..." e a QE 32 que não precisava de motivos. Estava em festa.

.....

11 DE MARÇO – CORREIO BRAZILIENSE

Sábado Negro, Parte II no Gran Circo Lar

Com Terminator de Goiânia, Multilator de Belo Horizonte e Deja Vù, a presença brasiliense no concerto.

13 DE MARÇO – O GLOBO

Meu disco inesquecível It's Alive – Ramones (duplo ao vivo, Sire/1978)

"Esse é um dos meus discos inesquecíveis, e o escolho em especial porque foi o disco que me levou a tocar guitarra. Quando eu ouvi as guitarras dos Ramones eu pensei: 'Ué, não é tão difícil assim tocar guitarra'. Como é um disco ao vivo, com músicas praticamente emendadas, fica difícil destacar uma faixa. Mas a cover para 'Do You Wanna Dance', uma música melosa do Johnny Rivers, levada em timo hardcore, me chamou a atenção, porque eu já conhecia a versão original". **(DADO VILLA-LOBOS)**

2 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

A música do grupo mineiro Uakti está em alta. Seus instrumentos feitos de tubos de pvc e objetos domésticos atraíram ao Brasil o cantor Paul Simon. Depois de gravar com ele, o Uakti lançou seu quarto disco, com o mesmo som que é sucesso nos Estados Unidos.

JUNHO

Dos poetas do Conic, conheci Jorge Amâncio, José Menezes de Moraes, Zé Edson e Pezão. Outras livrarias eram a Thot e a Casa do Livro do Heargraves, A livraria Galilei, ligada ao Partido Comunista Brasileiro. Também havia o Jornal do Lago, do Joanfi, com os cartuns do Kleber Marques – futebol e política com Carlão, Eduardo Mariano. No socovão da Livraria Presença, encontrávamos os livrinhos de rock da Braziliense. O rock só pintou no final da década de 1980; quando Gilmar Batista Santos abriu a filial da paulista Devil Discos, cuja matriz era do Chicão em São Paulo e Antônio Celso Barbieri era o designer criador da logomarca; logo depois dessa loja fechada, abriu-se a Berlin Discos em 1989. Coincidentemente a banda Akneton no Conic participou do lançamento de um número da revista Víbora no subsolo, nas boates, e levou seu show *Que tudo vá para o inferno* no Cine Ritz. Mestre Cascão também chamado Afonso Ligório Araújo Mesquita quando da sua jurisdição como prefeito organizou um show de rock debaixo da Praça Vermelha. Onde acontecem os gritos de carnavais e os primeiros de maios.

O popular professor Cafú de Geografia, filiado ao PT, havia alugado uma casa no Conj. P da QE 32 e através dele, conhecemos Carlão Nascimento, Kléber, cartunista, professor Foti e Carlos Peruano, que possuía um restaurante no SIA. Para completar o time, surgiu morando acima da QE 32 num bloco de apartamento, o professor e poeta negro Jorge Amâncio.

Este time de notáveis se reunia no bar do saudoso Serginho Vagabundo e junto com Flávio Pezão (engenheiro paulista, que na década de 70 trabalhou no governo Maluf e não gostava de falar da sua vida) e com Gabriel (espécie de livre-pensador à moda tupinambá). Todos juntos desenvolviam longas conversas em torno da política.

Era 1989, estávamos empenhados em eleger Lula na primeira eleição presidencial direta para presidente da República desde 1961. Muitas festas eram realizadas por toda a Brasília: as principais no Clube Social Unidade Vizinhança Asa Norte.

Era também um tempo de negritude. O rock agora seguia Akeneton e Itamar Assumpção e Banda Isca de Polícia.



BLUES DA 4ª DP

Tarde da noite, depois de reunirmos no Laska Lanches, saímos pelas quadras do Guará 2, ainda sem seus prédios, na avenida principal, colando cartazes de um lazer na QE 32. O giro foi breve, eu achei muito rápido. Os policiais quase aposentados e mal-humorados pararam o camburão e nos convidaram a ir à delegacia. Fomos detidos – Waltinho tossia muito e Osmar na dele. Professor Klecius Oliveira argumentava e tratava a delegada por “Fia”! Frio como pedra, eu só ouvia. De memória, para mim eram dois malucos, dois caretas e eu na coluna do meio – eu fiquei com uma dupla à frente colando os cartazes e outra dupla mais recuada. Eu penso que éramos cinco porque no final da heustória houve o comentário: “Eles pensam que nós não sabemos...”. Na delegacia, esperamos uma cara pela delegada acordar e estudar o nosso caso. Convenientemente, pela lei, fomos enquadrados como divulgadores de material revolucionário ou clandestino e flagrantemente acusados por distribuição de material subversivo! Não adiantava argumentar que se tratava de um cartaz inofensivo. Osmar fez uma oratória estruturada em nossa defesa citou até Getúlio Vargas A Delegada nem se mexeu. Acredito, mesmo, é que ela ficou sensibilizada pelo ataque de asma de Wálter (que durou o tempo exato em que ficamos detidos). Assim, ela não abriu inquérito e nos permitiu dormir em casa.

O saudoso Osmar perguntou: “Conhece aquela chácara que tem bambu?” Sim. Fomos lá e o Osmar cortou uns pés de bambu para uma festa Junina na 32. O também saudoso, Joel, possessor da chácara por um bom tempo me cobrou os bambus e eu não fui avalista.

.....

REFRESCANDO A MEMÓRIA

Não sei em qual campeonato de futebol aqui no DF, batizado de *Candangão*, foi que o popular Toninho (Antônio Carlos), flamenguista da QE 32, saiu na capa do Caderno de Esportes em meia foto! "Toninho como você conseguiu?"; "Na hora que vi os fotógrafos, fiquei de joelhos no gramado e comecei a atravessá-lo como pagando uma promessa". Para mim, essa foi a maior aula de mídia. Eles da QE 32, eram ótimos nisso.

"O Totó (Toninho) era o relações públicas do Sindicato do Reggae nos 80s... Ele ia nas rádios e jornais comunicar e distribuir os cartazes dos Tributos a Bob Marley... O mesmo pegava seu *camelo* sentido W3 Sul e Norte com a mochila recheada de cartazes e colando em todos os pontos de ônibus..." **(NARDELLI GIFONE)**

14 DE JUNHO – FOLHA DE S. PAULO

Guy, Wells e Slim chegam para o festival

2 DE JULHO – SÃO PAULO 0 X 0 SÃO JOSÉ

O campeão da década – O time de chegada

Campeão paulista de 1989; cinco títulos em dez anos.

9 DE JULHO – FOLHA DE S. PAULO/FOLHA D'

O diário satânico de Warhol

O ácido diário que o artista plástico Andy Warhol deixou como presente de grego post-mortem a seus colegas e amiguinhos é contestado numa reportagem de Michael Gross, do jornal Los Angeles Times, que a Folha d' publica com exclusividade no Brasil.

22 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Uma mosca na sopa da MPB

- *Adeus em Brasília*

O último show de Raul Seixas foi no Ginásio Nilson Nelson, em Brasília, no dia 12 de agosto de 1989. Ao lado de Marcelo Nova, com quem vinha fazendo longa turnê pelo país, foi a principal atração do *II Festival Latino-Americano de Arte e Cultura* (Flaac), promovido pela UnB. Era o 50º show da turnê, iniciada em Salvador. Público de 3 mil pessoas recebeu o ídolo com devoção. Aos 43 anos, Raul evidenciava sinais de esclerose precoce. Movimentava-se com dificuldade, amparado por Marcelo Nova. Sua voz soava trêmula, cansada, ao interpretar canções autobiográficas e confessionais, que integram a antologia do rock nacional, como "Maluco Beleza", "Metamorfose ambulante" e "Cowboy fora da lei". O show gerou o CD de estúdio – hoje clássico – *A panela do diabo*, lançado dois dias antes da morte de Raul, no dia 21 de agosto, daquele ano.

(IRLAM ROCHA LIMA)



"Raul foi o cara que me colocou na vida, e eu fui o cara que colocou Raul na vida e fim de papo".

(SÉRGIO SAMPAIO)

11 DE OUTUBRO – JORNAL DO BRASIL

O especialista do lixo – Um gari da Comlurb visita exposições de dois artistas que transformam o lixo carioca em obras de arte

1982-1989 – *Capa do último fanzine: sete anos de grana gasta com selos nas correspondências divulgando as paradas*

Eu estava pirando. Não era educado o suficiente, mas escrevendo em jornal semanal, muito vivo na faculdade e fazendo livro. Usava um dicionário pequeno, porque era o que a grana permitia. Não tinha todas as palavras. Fiz essa colagem-capa, mas o que me intrigava era perspectiva humana do dadaísmo, a figura reclinada ou sentada na cama enviesada – a contemplação – o enquadramento – então, soltava esse zine lá no Cine Brasília. Os textos eram de meter o malho (sempre) fiz zines a vida toda, cada um mais rebuscado ou louco do que o outro, e se Deus permitir, e a xerox, também farei um relançamento desses zines. Era fácil, velho, não tinha que jogar o jogo dos homens!

Nesses idos eu já chamava a coisa de "broca" – estes são Tempos de broca. Era 1989, eu nunca imprimi fanzine em gráfica, pois era ridiculamente caro. No currículo 7 anos de fanzine alucinada e resistência no talo. Na minha cabeça, meus fanzines eram minirevistas de arte, mas tinha informação. A revista Somtrês que era o ponto de união dos fanzineiros, dava sinal de que não iria durar mais. Conseguir um registro era muito difícil. Neste ano, consegui escrever um ano na imprensa. Pensei que tinha conseguido um espaço. Ledo engano. Essa trajetória se parece com várias outras. Nesta dificuldade, entre 1989-1992, saíram dois catálogos de fanzines que me incentivaram a seguir na relação.

É importante para o Movimento Alternativo, a edição de catálogos com a reunião do material publicado. Dos catálogos dos 80s, a produtora Casa do Incesto (Brasília-DF, 1989) saiu na frente. Três anos depois, a Editora Arte de Ler (RJ, 1992,) lançou o *Almanaque de Fanzines*, com boa divulgação no eixo Rio-SP.

3 DE NOVEMBRO

Em outubro, eu disse a meu pai: "Foi muito bom militar no underground, agora eu vou subir naquele ônibus azul do GDF e vou começar uma nova vida – estou ficando coroa já tenho 25 anos".

Morávamos na rua, isso é, acima dos comércios da QE 32. Eu tinha recebido minha carta do



GDF e arrumado a situação no IDRh. Fui e assumi meu cargo. Todos ficaram esperando eu comparecer a meu primeiro dia de trabalho, um dia depois de Finados: "Obrigado senhor, obrigado senhor quero ouvir uma salva de palmas para a banda que nunca nos desapontou".

1990

ODE AOS DONOS DO SISTEMA

"Que o capitalismo se revigore a cada dia".

No 'viver bem' do capitalismo não cabem muitas pessoas inclusive você.

1990, novas e mais fortes e complexas formas de violência na mídia e nas ruas. Os microcomputadores e a Rede Mundial de Computadores. Tudo chegou aos nossos lares e corações na plenitude desta década e seu ocaso ofereceu o ponto de vista perfeito para quem quisesse ver como os anos 1980 foram o espaço entre o fim da Modernidade e o início da Modernidade Tardia, na qual acontece o Capitalismo Tardio

O capitalismo está vivendo um momento de franca vitória. Não há mais o coletivismo. É a primazia do individualismo, nu e cru, cada um por si e sabe-se lá quem por todos.

Eu nem queria perder tempo com estas reflexões, queria gastar o meu dinheiro em paz. Eu nem queria ter consciência – se eu pudesse, compraria uma consciência (uma consciência "customizada", como sói exigir a galera acometida pelo consumismo pandêmico com meio tom de cinza). Mas eu encaro os fatos com mais sensibilidade, pois é do meu bolso que boa parte das coisas é feita; e depois você joga na minha cara que eu ganhei tudo, mal você sabe do preço diante do dilema de mais um novo livro. E como anda a situação na sua cidade?

VOCÊ QUER UMA VIDA MAIS REBELDE, OU ROCK'N'ROLL, DO QUE ESSA?

Hoje reabri minha extensa ficha criminal (boa parte dela a serviço do rock'n'roll) Nunca tive muita grana, nunca passei fome. Entre 1982-1984 eu fui parar na 4ª DP duas vezes e isso significava a ruína, eu seria expulso da casa dos meus pais (eu tinha o status de encostado). Cara! Perdi o número de vezes que fui demitido (para mim injustamente). Conheci os maiores *fdps*. Com o passar dos anos, passei a refletir a vida de maneira semelhante a minha mãe (ela sempre acertava). No serviço público levei de cara uma advertência, que me queimou a carreira toda – o cara disse que eu era um *fdp*, mas não teve culhão de publicar no Diário Oficial do DF. Só que, quando eu solicito alguma coisa, eles vão na pasta e o esporro está lá. Esta é a razão pela qual nunca ascendi, nunca consegui as 40 horas – eu sou um pobre diabo; vá filmar flagrante de maconha na *pqp*. Desse ponto em diante fui trocentas vezes parado em blitz, o escambau. Nunca peleguei, nunca apelei, nunca recorri a mimimis oficiais e extra-oficiais para conquistar o que poderia ter sido meu, por direito e por competência. Por outro lado, nunca sofri qualquer tipo de coação. Olhai os fatos, amigos e desafetos: minha irmã foi atropelada; deram-me o recado via telefone; corri para o Hospital de Base sem pedir ao meu então superior. Como tenho o direito de me defender, no fim das contas, me afastaram para onde eu queria ir.

4 DE ABRIL – FOLHA DE S. PAULO

Wenders viaja pelo mundo no novo filme

8 DE ABRIL

Morte de Sarah Vaughan encerra uma dinastia

10 DE ABRIL

Bergman diz que hoje só o teatro o satifaz

18 DE ABRIL

McCartney chega hoje ao Rio

• *'Macca' traz 35 anos a serviço do pop*

20 DE ABRIL

Preocupação com prejuízos ocupa McCartney

23 DE ABRIL

Paul McCartney diz que Beatles continuam sendo "os melhores"

30 DE ABRIL

Legião Urbana causa tumulto ao parar show

O cancelamento de um show do conjunto Legião Urbana após a apresentação de uma única música pelo vocalista Renato Russo, provocou tumulto entre as três mil pessoas (segundo a Polícia militar) que lotaram o ginásio poliesportivo Dr. Arthur de Mendonça Chaves, anteontem à noite, em Poços de Caldas (MG).

O cantor sentiu-se mal no palco e teve que ser internado. O Comando da PM de Belo Horizonte divulgou nota ontem afirmando que o cantor teve "convulsões no palco".

Segundo a Santa Casa de Misericórdia de Poços de Caldas, Renato Russo ficou em repouso por cerca de duas horas, se recuperando de uma afasia – enfraquecimento ou perda das faculdades mentais de transmissão ou compreensão de ideias, sem lesão das cordas vocais, provocada por perturbação nervosa central.

Com a interrupção, o público passou a exigir a devolução do dinheiro e houve quebra de janelas e desmaios de várias pessoas. O show estava programado para as 21h de sábado, mas os tumultos só cessaram após as 2h de ontem, depois que os ingressos foram devolvidos e os organizadores se comprometeram a realizar um outro espetáculo.

1º DE MAIO

Legião Urbana repõe show em Poços de Caldas

A Legião Urbana tocou anteontem à noite em Poços de Caldas para repor o show interrompido no sábado, devido a uma crise do cantor Renato Russo. Segundo o diretor clínico da Santa Casa da cidade, Guido Cazini, 64, Russo teve distúrbios digestivos e passou por uma crise nervosa que o deixou afônico. Após a interrupção, os organizadores abriram apenas um guichê para a devolução dos ingressos, o que provocou o início do tumulto entre o público de três mil pessoas. Foram quebrados vidros, portas e caixas de luz do ginásio.

12 DE MAIO

Koko Taylor estreia hoje no Blues Festival

- *Preocupação com prejuízos ocupa McCartney*

15 DE MAIO

Festival se consolida com o dobro do público

- *Vídeo resgata a vertigem poética de Ana C.*

30 DE JUNHO E 1º DE JULHO

The Jesus and Mary Chain

19 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

A besta desperta, depois de 21 anos, no Dia de finados

O crítico de cinema Jairo Ferreira escreveu que Zé do Caixão está para José Mojica Marins assim como Carlitos está para Chaplin e Antônio das Mortes está para Glauber Rocha. Mas há uma diferença: enquanto nos dois últimos casos só resta o personagem imortalizado no

celuloide, Mojica, 61 anos, e seu Zé do Caixão estão mais vivos do que nunca. Na dúvida, os paulistanos que passarem pela Rua Augusta no dia 1º de Novembro, pleno dia de Finados, que se cuidem: o Cine Elétrico vai lançar finalmente O Despertar da Besta, filme realizado por Mojica em 1969 e retido durante 21 anos na censura. Depois será a vez do Rio e de Brasília, onde Mojica deve vir, pessoalmente, procurar a tal cópia retida, que até hoje não voltou às suas mãos. E como se não bastasse, Mojica está escrevendo sua biografia – a primeira das três partes já rendeu mais de 700 páginas – além de projetos para um programa de rádio, apresentações no teatro e uma série de tevê.

Autêntico homem brasileiro de espetáculos, comunicador nato, Mojica parece não ver os anos passarem. Entrou nos anos 90 trabalhando a todo vapor, como se ainda estivesse fazendo seu primeiro filme, aos 9 anos, puro sonho de menino precoce. Na Rua do Triumpho, tomando uma cerveja no restaurante Soberano, tradicional ponto de encontro dos cineastas da Boca do Lixo, ainda reina soberbo. Sob um grosso sobretudo, distribui autógrafos na fria tarde paulistana com a desenvoltura de um Hitchcock tropical, abençoado por Deus e o diabo na terra do sol e original por natureza. Encontrá-lo em seu habitat natural não foi difícil, mas passar a limpo uma aventura de 50 anos fazendo cinema no Brasil consumiu uma tarde inteira e muitos copos de cerveja. E na hora de ir embora, a conversa ainda corria solta.

24 DE AGOSTO – FOLHA DE S. PAULO

WTR troca só amanhã os ingressos da Legião

A WTR irá devolver amanhã, das 10h às 18h, os ingressos de quem ficou de fora do show da Legião Urbana no sábado, dia 11, no Estádio do Palmeiras, promovido pela empresa. A devolução será feita somente amanhã no escritório da WTR (av. Paulista, 807, 18º andar, cj. 1822, tel 284-6199, região central).

A WTR havia suspenso a troca dos ingressos desde quinta, dia 16, e não retomou a devolução nos dias que seguiram, embora tenha informado o contrário à Folha, sexta-feira passada. Com isso, várias pessoas tentaram trocar seus ingressos em vão. A estudante Márcia Cruz da Silva, 23, que possui cinco ingressos, foi informada na WTR de que "estavam perdidos".

A prorrogação do prazo havia sido recomendada por Mariângela Sarubbo, assessora jurídica do Procon (órgão estadual de proteção ao consumidor). Segundo ela, "o direito do consumidor persiste". Para William Crunfli, 34, sócio-diretor da WRE, "não existe lei que defina algum prazo específico nesses casos, como apuramos no próprio Procon. Mesmo assim, decidimos trocar os ingressos neste sábado, único e último dia".

29 DE SETEMBRO

Cinemateca festeja o centenário de Fritz Lang com ciclo de 25 filmes

3 DE OUTUBRO

Integrante dos Wailers sofre aneurisma cerebral



LEGIÃO URBANA DIA 13/10 21hs

Estádio Municipal Bruno José Daniel Santo André

Promoção

RADIO CIDADE
96,9 MHz

LOJAS
GLÓRIA
ilustrada

ABRACANDO
ESPORTE
309

SANTO ANDRÉ
Diário a Cidade

Ingressos à venda nas Lojas Glória
de Santo André e São Bernardo.
Informações 285-4182

Filme se distancia do conto de Philip K. Dick

Especial para a Folha

"Vingador do Futuro" tem pouco de "We Can Remember it for you Wholesale", o conto de Philip K. Dick (1928-1982) em que foi baseado. O enredo original conta a história de um pobre coitado, Douglas Quail (Quaid, no filme), que tem uma vida monótona e uma mulher indifferente. Nada no livro sugere o personagem de Schwarzenegger no filme: casado com uma carinhosa loiraça, e com um apartamento luxuoso.

O herói da história acaba recorrendo à Rekall Incorporated, uma empresa que implanta memórias artificiais de férias, em pessoas que não têm dinheiro para tirar férias reais. Quail quer ganhar a

"recordação" de ter sido uma espécie de James Bond em uma missão secreta em Marte. Quando os técnicos da Rekall começam a implantar essa memória artificial descobrem, apavorados, que Quail era realmente um espião aposentado que havia feito serviços sujos em Marte, para uma agência secreta do governo.

A agência governamental descobre que seu ex-agente está para descobrir a verdade e sai em sua perseguição. É neste ponto que os roteiristas Ron Shusett, Dan O'Bannon e Gary Solomon abandonam definitivamente o conto. A partir daí o filme se transforma em uma intrincada história de espionagem.

O personagem do conto avalia que não tem chance de escapar e

tenta negociar com o governo. Para ele a memória falsa que eles implantaram, de uma monótona vida de operário mal pago, fálhou por que não satisfazia o seu ego. Propõe que os técnicos do governo pesquem sua mente e descubram qual a maior fantasia que ele gostaria de viver.

A tal agência aceita e descobre que a fantasia que está enraizada no fundo da mente de Quail é absurda: ele tem nove anos e vê chegar uma nave, a primeira de uma gigantesca frota de alienígenas, que pretende invadir a Terra e destruir a humanidade. Nesta fantasia, os alienígenas ficam tão sensibilizados com a bondade daquele menino que prometem nunca invadir a Terra enquanto ele viver. O conto termina, com os

técnicos descobrindo que aquela fantasia também é real.

As falsas realidades são um tema constante na obra de Philip K. Dick. Ele próprio tinha delírios em que se imaginava em Roma antiga. Tinha visões e acreditava receber o espírito de Elias, um dos profetas do Velho Testamento. Segundo seu amigo e biógrafo Gregg Rickman, estas visões seriam consequência de um tipo de epilepsia.

Este conto foi publicado em português, no livro "A Máquina Preservadora", com o nome "Recordações por Atacado".

(Rogério de Campos)

ONDE ENCONTRAR - A edição portuguesa de "A Máquina Preservadora" (ed. Livros do Brasil) pode ser encomendada na livraria Martins Fontes (r. Conselheiro Ramalho, 330, tel. 219-3477, região central). Preço: Cr\$ 300,00.

6 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

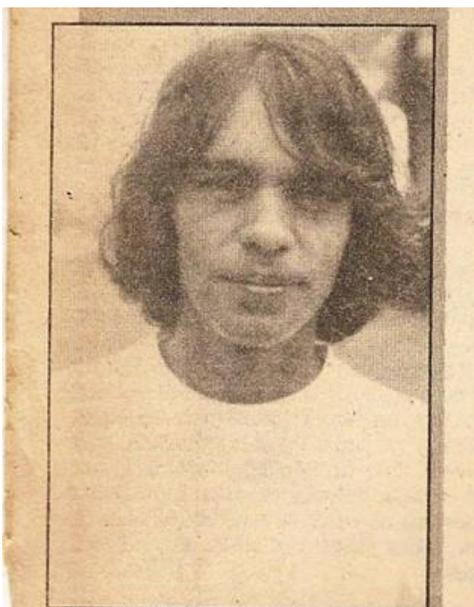
Rubens Gerchman: rolimã artístico

28 DE NOVEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

Gaétan mostra o mundo segundo Lygia Pape

9 DEZEMBRO, MALDITO POPULAR BRASILEIRO

Fui ao lançamento do doc. do Arnaldo Baptista em Belo Horizonte. Eu estava muito doido – empolgado – fumava dentro do cinema, então um homem mais maduro sentou-se ao meu lado e disse: sentarei aqui em solidariedade! Pensei que *porra* é essa? – Em solidariedade a quê? – Ao cigarro, ele respondeu. Aí relaxei e ri. O coroa era fã do Arnaldo. Desavisado, eu apontei o Arnaldo para ele.



Ele faz mágica com os copos e os vidros. Costuma tocar com uma concentração quase mística. Sua pesquisa é um dos mais sutis trabalhos musicais da cidade. Hoje à noite, a partir das 22h00, Fernando Corbal e banda apresentam-se no bar Caderno 2. Não vai ser difícil para o público render-se à beleza do som de cristais de Corbal.

No outo dia, fomos a uma sauna num condomínio qualquer. Ao regressar, ao entrar no elevador, ainda sem saber o andar, eu apertei o 4º. Acertei! Almoçamos, ele tocou "Rolling Stone". "O A e o Z" repetia fragmentos no órgão da mãe da Lúcia, que de vez em quando brigava por causa do cigarro amigo. Deus sabe lá por que eu não tenho uma foto desse encontro. Acho que o respeito era tanto – e eles me deram tanto – que eu achei que não precisava mais de fotos. Lamento.

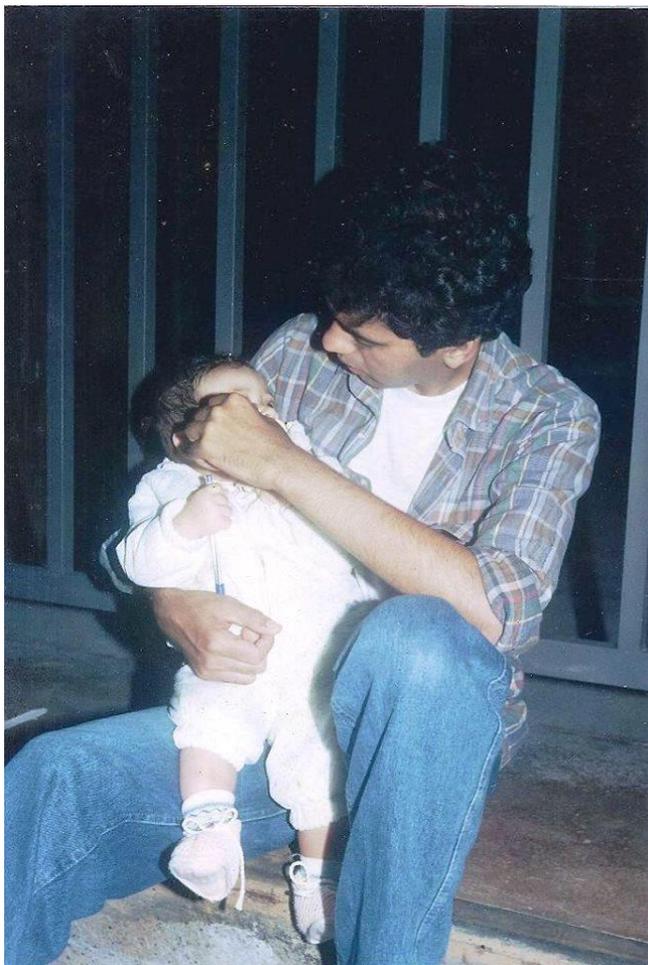
Post Scriptum: minúsculo dentro do prédio na portaria para a rua tinha um botãozinho preto que você apertava para sair como eu não sabia desse ardil perdi a chance de tomar uma Caracu com o Arnaldo antes do almoço.

21 DE JANEIRO, JORNAL DE BRASÍLIA

O trabalho do memorialista é feito para fundir o miolo mesmo. São vários mapas da memória espalhados nas várias comunidades. Boa viagem adentro. A única preocupação que eu tenho é quanto a imagens do interior de minha casa – o resto é liberado. Um recorte do Caderno 2 do Jornal de Brasília me traz uma grata lembrança.

Um ano mais tarde, no carnaval seria a primeira vez que, tête-à-tête conversei com Rolando Castello Junior (50 anos de bateria gritante e esperneante). No meio da conversa, Júnior disse: "tem um cara lá em Brasília que toca copos", respondi que era o Fernando Corbal, que tinha feito parte do Naípe.

1991



11 DE MARÇO – FOLHATEEN

A Legião Urbana está em estúdio, gravando o sucessor de *As Quatro Estações*, que ainda não tem previsão de lançamento. A banda foi reduzida a Renato Russo, Dado e Bonfá. Outra banda, os Titãs também prepara sua bolacha. Há duas semanas ensaiam repertório novo. O LP deve sair em setembro sob batuta de Liminha.

24 DE ABRIL – FOLHA DE S. PAULO

OLIVER STONE FILMA A MORTE DE JOHN KENNEDY

Depois de retratar a vida do cantor de rock Jim Morrison no filme *The Doors*, o diretor Oliver Stone (Oscar de melhor direção em 1986 por *Platoon*) está filmando a vida do presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy (1917-1963) em *JFK*. As cenas que mostram o assassinato de Kennedy no dia 22 de novembro de 1963 foram filmadas no mesmo lugar em Dallas, no Texas (sul dos Estados Unidos), em que o fato aconteceu.

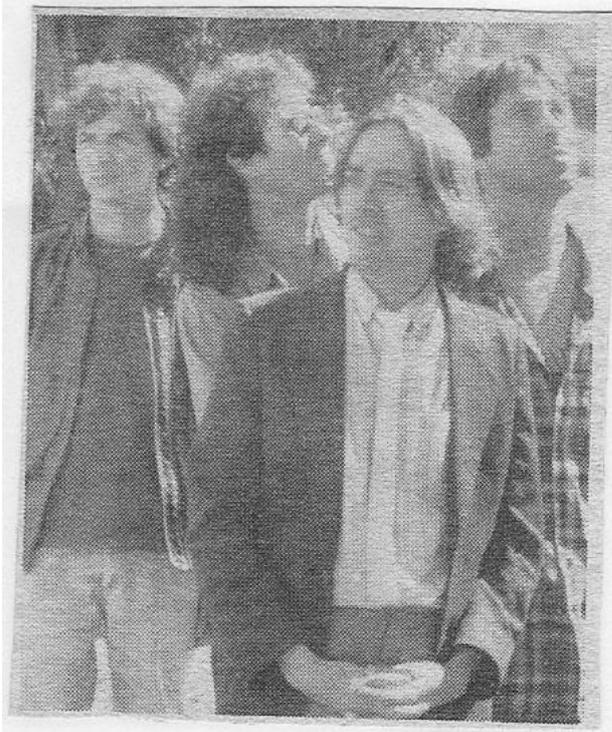
12 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

A insustentável leveza do heavy metal

“O Renato Russo tentou suicídio umas duas vezes, eu só não sei se ele estava ouvindo heavy metal ou Joy Division” **(FEJÃO A FERNANDO MOLINA)**.

17 DE MAIO – FOLHA DE S. PAULO

'Limite' chega aos 60 anos envolto em verdades e mentiras de seu criador



1º DE JUNHO

Caiu num sábado. Pré-estreia do filme *The Doors – O Filme*, by Oliver Stone. Ganhei ingressos na rádio; disseram basta chegar na bilheteria e falar seu nome. Então de Fusca fomos eu, Joelzinho, Eli e Zé. Não entrego quem carregava a garrafa escura de Dreher 900ml. Chegando no Cine Brasília 10 horas da manhã!

Na bilheteria: “Oi! Meu nome é Mário, eu queria as minhas cortesias!”, “Não, não tem cortesia!”. A típica porta fechada na cara: “Senhora quem é o produtor da festa? O responsável pela distribuição do filme?”. O programa se chama *Dança do Rádio*, do produtor Armínio e eu estou aqui com meus amigos e não vou ficar do lado de fora. Dito isto, ouviu-se, seco e súbito: “Podem entrar”. Éramos fãs dos Doors, desde 1979, tipo aqueles que dançavam ao redor de velas. Esse tipo

de coisa me dizia: “Ninguém sabe quem é você; quem mandou se ausentar da cena era 1991?”.

Mil anos luz depois, no mesmo esquema assistimos a *Stoned*, a biografia de Brian Jones. Foi um superfilme.

9 DE JUNHO – SÃO PAULO 0 X 0 BRAGANTINO

Finalmente, Tricampeão Brasileiro

16 DE JUNHO – JORNAL DO BRASIL/IDEIAS

Éramos rebeldes com causa

O filme *The Doors*, de Oliver Stone, reduz os anos 60 e Jim Morrison à loucura narcísica de uma tribo esquisita.

30 DE JUNHO, EXTREMO RESSURGE E FAZ SHOW HOJE NO CANTA GAVIÃO

MICRÓBIO!

Não sei por que cargas d'água, Cécé tinha o salutar hábito de se referir aos chatos e à mídia como *Micróbios*. Diversas vezes colocava o contrabaixista em apuros para fechar a boca do guitarrista, antes de soltar o seu brado: “Um bando de Micróbios!”. Como isso era um chavão velho pra nós, ríamos e havia vários tipos de micróbio – pavorosos. Assuntos de banda, o Cécé cuspiam para fora mesmo. Ele sempre era um cara educado, que não deixava de emitir o que ele achava resumindo “tá dando voltas, andando em círculo”, e quebrava esses círculos com a agógica, que era uma oscilação como um terremoto.

20 DE AGOSTO – FOLHA DE S. PAULO

Martin Scorsese restaura 'Terra em Transe'

FLASHBACS

Nesse ano, a QE 32, havia sido pacificada. Reduto de malandros e de botequins históricos e muitos meganhas. Naquele tempo, qualquer autoridade possuía arma e andava de veraneio. Numa tarde aparentemente calma, uma rápida ação interditou o Conj. J. Ninguém saía ou entrava, para desespero dos pacatos moradores. No outro dia, essa ação contra o tráfico estava na Folha de S. Paulo e foi assim que ficamos sabendo de maiores detalhes.

DESTA FEITA O FREEZER RENDEU UMA GELADA

Na calada da noite, arrombaram a banca de revistas da QE 32 e empurram o freezer com sorvetes e refrigerantes na direção do Conj. J. Na manhã seguinte, a polícia seguiu os riscos no asfalto e chegou a um barraco alugado próximo. O imóvel estava desocupado e coube ao locatário comparecer à delegacia para se explicar.

QUANTOS NÃO CAÍRAM NO GOLPE?

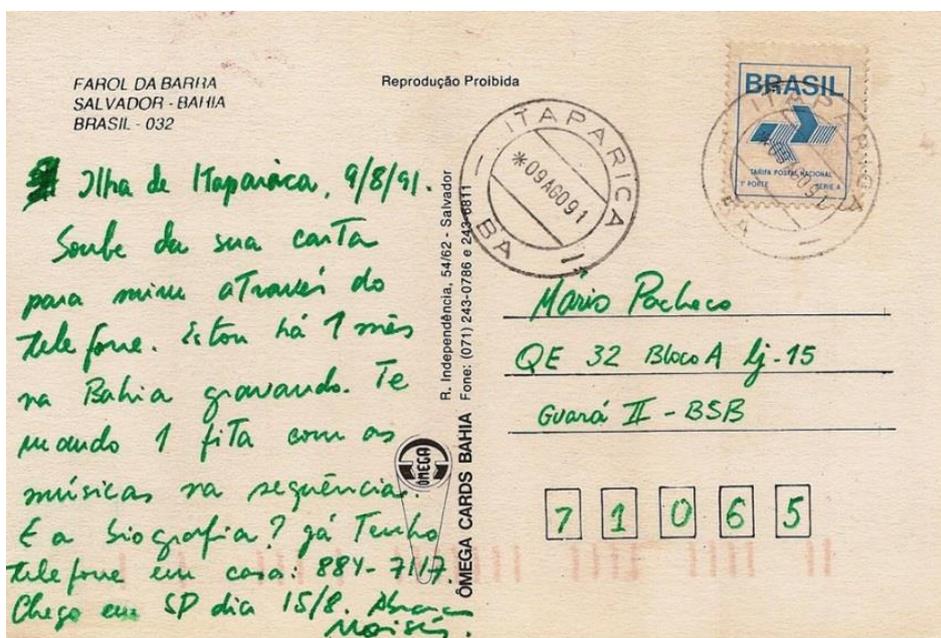
Na QE 32, cometiam-se golpes contra o INSS. Num pequeno escritório alugado numa sobreloja, esquentavam as carteiras para pensões serem obtidas em Goiânia. E antes que a polícia estourasse a sede dos falsários, conseguiram destruir toda a documentação de vários trabalhadores, atrapalhando para sempre a aposentadoria de muita gente.

- Certa madrugada na esquina do Bloco B da QE 32 um carro colidiu com a banca de latão de revistas e a atirou a mais de 10 metros. As revistas foram espalhadas pelo asfalto. O dono da banca comentou: "E se tivesse alguém dentro?".

- No ano de 1978, o velho Roni, bêbado dirigia o seu táxi zero. Saiu do bar na mesma QE 32, fez a curva à esquerda e subiu o seu táxi zero no poste na altura do Conj. O. O condutor saiu

zonzinho com a testa rasgada e uma lente do óculos quebrada.

- Carmelito da QE 15 acabara de abrir a sua oficina no Bloco A da QE 32, seu primeiro cliente foi um Fusca. O dono dele era piloto de corrida. Saíram para testar o motor. Na altura da



então deserta QE 38 o pneu do carro estourou e bateu o lado do carona contra a parede da parada. A oficina de seu Carmelito fechou, era 1983.

- Quantas vezes os carros pularam o meio fio e colidiram com o muro do Conj. K? Uma vez houve uma fuga fantástica, porém, a placa do carro ficou em meio aos destroços do muro. Pode passar por lá, ainda hoje existem os pilotis de segurança. Ninguém dormia tranquilo naquela casa.

Nunca fui memorialista, detalhista, observador, ou um bom fisionomista. Nunca mantive diários e meus poemas eram horríveis. Nunca fui ateu ou oráculo e nem joguei de médio volante. Muitos viram essas cenas várias vezes nas quadras do Guará.

MEU 'SPUNKAMENTO'

Fui tomar cerveja num trailer embaixo da QE 32, no lado direito no Conj. B. Cacei, procurei encrencas e fugi. Mas nem sempre escapamos a todas. Acertaram-me e me deixaram de olho roxo. As causas? Naturais? Acerto de contas? Divisão de produto de tráfico? Todas as alternativas corretas. Paguei um preço sem cicatrizes na cara. Parecia um quilo de carne moída ralada no asfalto.

O pior momento foi quando me avisaram: "Sem levantar a cabeça ou atiraremos!". Por sorte, o policial Loredo, pai do Lauro, abriu a janela e por isso escapei.

Na manhã seguinte, ouvi dos próprios caras que me acertaram: "Quem foi que fez isso com você? – É para nós vingarmos...".

20 DE AGOSTO, FOLHA DE S. PAULO

Martin Scorsese restaura 'Terra em Transe'

NA ASA NORTE, JOGAVA UMA PELADA E BEBIA. UM DIA PRÓXIMO AO MEIO-DIA, NÃO SE LEVANTOU MAIS

DA IGREJA PARA O ROCK

Na minha galeria dos rockeiros, ele era o mais louco (talvez por ser o único rockeiro mesmo). Ele estava largado e seu único bem era uma bicicleta. Se alguma coisa pudesse dar errada seria com ele. Tipo derramar um vidro de nanquim na planta do imóvel que ele desenhava.

Mecenas merece o título de um dos maiores retardados do Guará. Ele pegava emprestado compactos dos Beatles e revistas que as jogavam embaixo da cama do seu quarto em reboco. Para salvaguardar os LPs, eu emprestava os compactos que dei a ele e ele devolvia a revista *Vigu Especial* dos Beatles sem capa e cheia de orelhas e rebocada.

APONTADO COMO A PIOR INFLUÊNCIA NA MINHA ADOLESCÊNCIA

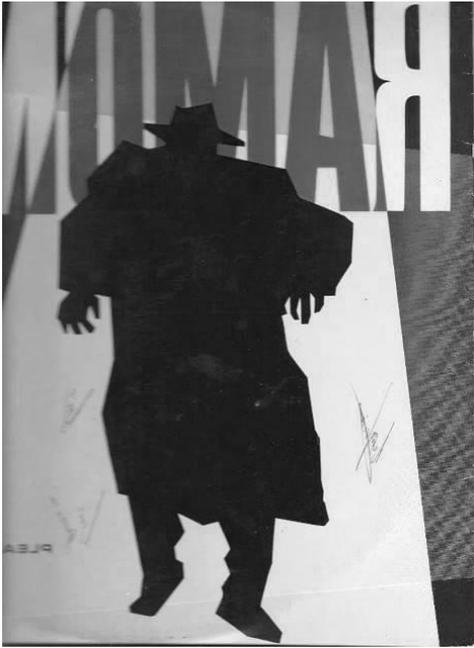
Mecenas quis me atalhar no caminho do tráfico, ele guardava a mutuca num tijolo furado. Na casa dos pais dele estavam construindo um barraco de fundos e em cada tijolo havia um furo para esconder a maconha. "Vá lá em casa e pega!" Assim Mecenas tentava driblar a vigilância de seus pais.

Criou a fictícia Vidraçaria Rosenberg e fez alguns cartões com o telefone dos seus pais (chama-se de biscateiros). Quando o seu pai, um nordestino arretado atendia uma ligação, dava homéricos esporros nos virtuais clientes: "Isso é uma falácia, é uma empresa fictícia, não existe, não perca o seu tempo, Senhora isto não existe."

Quando o filho chegava, o pau rolava pra cima dele: e, Mecenas corria como uma criança demente rindo do pai: quem seria o mais louco? Acho que foi naquela hora que deu o estalo: *Do Próprio Bol\$o!*

Transportava uma meia porta de vidro na bicicleta e colidiu com um carro: Rasgou a camisa social e cortou-lhe as costas. O educado condutor: "Você já tomou prejuízo. Quer fazer curativo na farmácia?".

Começando a trabalhar no GDF, eis que Mecenas ressurgiu na Vidraçaria da QE 32, "E o Mário?", "Está trabalhando" respondeu a minha mãe. Mecenas pediu para usar o banheiro e sem que ninguém visse pegou a cola de sapateiro e quando acabou de cheirar saiu com o saco plástico colado na barba.



“Mecenas, Mecenas não vai se levantar hoje?” Ele está morto em cima da cama, deu trabalho para os seus familiares até na morte.

Essa começou há mais de 40 anos: euforia depois da marola até hoje eu tenho problemas para entender às vezes me saio com essa “só existe na minha cabeça” ainda tento explicar para mim mesmo do que se tratou.

BLUES DA SAUDADE PARA LUIZ PUNK

Luiz Punk era exímio na arte da sinuca e insuperável trocador de bolachas (LPs). Nas férias, nossas atividades se resumiam a jogar sinuca e a trocar discos pelos conjuntos do Guará com garotos mais novos. Eu, Luiz e Rick, barbudos, trocando LPs com os garotos imberbes – suas mães desconfiadas. Chamávamos as senhoras indistintamente de, Dona Maria. Luiz desfilava uma coleção de predicados legais sobre os artistas e empurrava uma avalanche

de heavy metal. Recolhia discos de hard e progressivo. Sua melhor propaganda era para discos dos The Doors – ele não gostava do duplo ao vivo: "Olha esse disco, olha essa capa!"; "Tem aquele som!"; "Foi nesse disco que...". Ele inventava as coisas mirabolantes. Éramos imunes à propaganda do Luiz. Fiquei puto, porque ele ficou com o meu contingente de oportunidades. Coube a eu ficar com esse exemplar da coleção dele.

Luiz Punk, fanático pelo Led Zeppelin, ficou me azarando uma camiseta que tinha Jimmy Page com a guitarra de dois braços na estampa. Troquei a camiseta por uma branca com o nome Ozzy Osbourne e um morcego impressos na tinta verde. Luiz, habilmente pegou a camiseta do Jimmy Page e tirou as mangas e costurou por cima de uma outra maior, quando eu vi a camiseta quase tive um colapso (assim eram aqueles dias).

Nos tempos do Luiz em Brasília, chegamos a morar no mesmo Conj. C da QE 34 em casas frente a frente, onde ele alugava um barraco de fundo. Depois foi pra São Paulo e daí voltou para sua última passagem por Brasília e seguiu para o Ceará. Jogávamos sinuca (ele era jogava melhor) e me vencia, apostávamos LPs.

OUTUBRO – DO THE BLUES

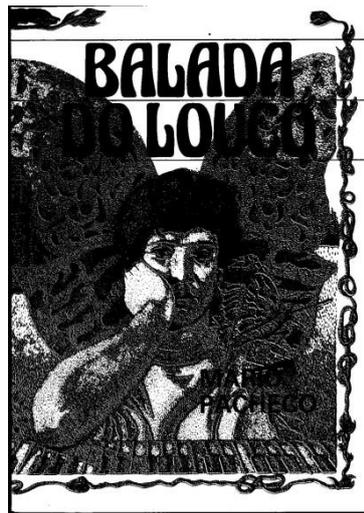
No domingo tomei um porre de cerveja cheguei em casa abracei o meu som e chorei copiosamente, minha mãe não entendeu aquela crise emocional. Levantei na segunda-feira e pensei: “De hoje não passa”. Fui no Juarez, um dos melhores amigos meus que eu nem sabia! e expliquei que eram 10 meses de gráfica e que o papel para impressão do livro havia sido desviado para outro livro, e que eu não sabia como resolver a situação. Sem me dever nada, Juarez foi à gráfica e explicou que em Valparaíso não se levava em conta os direitos humanos, foi assim que o livro saiu. Rockeiros fãs malucos agradecem a Juarez que não tinha nada a ver com nada e comprou essa briga. Num tempo heroico em que a gente desafiava o sistema e peitava o status quo da cidade, um tempo de pura inocência.

23 DE NOVEMBRO, BALADA DO LOUCO

Ungido pelo suor do desespero, num sábado na impressora eu e o gráfico carregávamos resmas de papel na cabeça. Tinha um macete para romper o papel pardo que envolvia as resmas. Eu ajudava o gráfico a lambuzar a máquina, carregava as chapas off set Ozasol. Na hora do almoço eu lhe paguei uma quentinha. O gráfico perguntou: “Você é funcionário do Neguinho?”, respondi sou o ator do livro!

Fiz o lançamento do *Balada do Louco* e me senti como se eu fosse ao lançamento do meu livro. Foi uma superprodução! Com sete anos de fanzines e um de jornal, eu era um escritor analfabeto.

Escurei: "Olha, tem que rolar uns salgadinhos de vitrine de bar". A resposta, rude, foi: "Não vou gastar grana, você gastou as minhas tintas." Ed tinha pintado os painéis e eu levado o papel, o som, o violão e devo ter lavado o banheiro. A mãe da namorada do dono do atelier que me convidou tomou as dores e disse: "Vamos ajudar este escritor quebrado" e nos deram um vidro de maionese com pão Pullman. Meire (que já passou) com sua câmera filmou todos os movimentos e passou dias editando! Colocou os caracteres e me deu o VHS que virou DVD e eu distribuí gratuitamente. Dizem que vão fazer um rock.doc sobre mim. Nele quero mostrar



que eu sou o Ozzy do rock candango e vou realizar um grande sonho que será tatuar a palavra rock nas quatro falanges dos dedos da mão direita. Nesse documentário colocarei um minuto da proibida fita de 1994. Entrevistarei todos os desafetos vivos e mandarei as perguntas. Finalmente saberemos quem é *fdp* nessa heustória.

Execrado pela crítica devido ao péssimo humor do meu português, esta pérola de sabedoria hoje oscila seu preço entre 400 a 600 reais. 212 páginas de sonhos e dez anos de pesquisa. O livro do movimento mais conhecido e inspirador de outros livros mais conhecidos – Louvado Seja Dear Arnaldo.

8 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 3 X 0 CORINTHIANS

Campeão Paulista – O jogo do Raí

31 DE DEZEMBRO, JORNAL DE BRASÍLIA,

Visões de um louco embalado pelo rock

Fã lança biografia de Arnaldo Baptista, o mutante que deu sangue e suingue ao pré-histórico rock brasileiro.

Minha memória dói mais à noite – um mergulho no fundo da psique – Revéro Frank trabalhava no MEC e ele estava descartando livros da biblioteca do próprio MEC, eu recolhia esses livros e entregava na outra porta para Roberto Gicello que estagiava no MEC. Foi assim que eu paguei com esses livros a primeira revisão do copião do livro. Então, um dia Gicello foi para o Pará. Era época dura de Collor.

"Como disse, em entrevista à Bric-a-Bric, o poeta Mário Quintana (que degravei e revisei): 'A pior forma de saudade é a que a gente sente da gente mesmo'." **(ROBERTO GICELLO BASTOS)**

O último show do Nirvana em 1991 foi na véspera de Ano Novo, em San Francisco, no histórico Cow Palace. Pearl Jam abriu o espetáculo tocando "Smells like a teen spirit". O vocalista Eddie Vedder brincou: "Lembrem-se que fomos nós que a tocamos primeiro". Era o reconhecimento daquilo que todos naquela noite no Cow Palace já sabiam: naquele momento o Nirvana era a maior banda do mundo e ""Smells Like Teen Spirit", a maior canção.

Naquela noite, o ator Keanu Reeves tentou se aproximar de Kurt que não deu importância a seus esforços. Ainda naquela noite, mais tarde, já em seu hotel, Kurt e sua namorada, Courtney Love, se sentiram tão assediados que colocaram um aviso na porta de seu quarto: "Por favor, nada de gente famosa. Estamos transando."

1992

Guiomar saiu de férias por quatro semanas. Ele era o responsável pela produção de clippings com matérias sobre saúde publicadas nos jornais do DF. Quando ele voltou, viu os clippings agrupados, com capas, títulos grandes, índices, fotos centralizadas etc. Perguntou:

– Quem fez isso?

Foi o reconhecimento pelo meu serviço.

.....

Minha forte ligação com o rock, aproximou-me de três pessoas que conheceram Renato Russo: Guiomar e Magalhães – que estudaram juntos no CEUB e participaram de atividades poéticas e fílmicas; e, o Jorge, baterista, ainda próximo a mim. Ele viu nascer o rock Brasília, e nunca tocou a sua bateria sob os holofotes, em 29 anos de casa. Minha única pergunta a ele foi: – Quem fim levou o quadro que Renato Russo pintou para Loro, seu irmão?

Todo esse alvoroço era provocado pela matéria

6 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Balada para dois loucos

Dois livros mostram faces ocultas de dois roqueiros brasileiros com caras de bandido: Raul e Arnaldo.

12 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

O ALFABETO DO FUTURO DE RUBEM VALENTIM (SEVERINO FRANCISCO)

Cidade da Paz expõe 21 serigrafias e três esculturas do grande artista plástico que uniu brasilidade ao cosmo

A partir da próxima terça-feira, o brasiliense terá a chance de ver 21 serigrafias e três esculturas do artista plástico Rubem Valentim – falecido no último dia 30 – em uma exposição que inaugura uma galeria na Cidade da Paz, em promoção conjunta com a Fundação Cultural e a revista Bric-a-Brac. Desde o ano passado, a Cidade da Paz já havia decidido dar o nome Rubem Valentim para a sua galeria, mas as serigrafias só foram mostradas até agora em uma exposição realizada em São Paulo. As três esculturas em madeira, medindo dois metros e meio cada, homenageiam Oxalá.

Considerado um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos, Valentim sintetizou em sua obra a carga vivencial da cultura de tradição afro na Bahia e uma mirada universal. As serigrafias são quase que transposições de suas telas, mas impregnadas de uma exuberância de cores. Valentim começou a realizar esse trabalho em 1988: “Nas serigrafias, o trabalho de Rubem Valentim ganhou um sentido poderoso de cor”, comenta Bené Fontelles, que organiza a exposição. “Nas serigrafias, Rubem Valentim realizou mais modificações na cor do que nas linhas. Existe o tradicional grafismo do seu trabalho, mas convivendo com um lado pictorial muito forte, de grande vitalidade. E neste sentido, eu acho que vários artistas brasileiros que chegam à idade dele no Brasil (Tomie Ohtake, Volpi, Athos Bulcão) dão uma grande lição de vitalidade aos jovens”, ressalta Bené.

A Fundação Cultural está editando um catálogo que homenageia Rubem Valentim. E, nos próximos meses, deve ser publicado um livro sobre o artista, com fotos de Luiz Humberto. Ambos os trabalhos com texto de Bené Fontelles.

“Nós preparamos este livro já há algum tempo, mas até agora não foi possível publicá-lo. Os mais importantes críticos do país e alguns dos mais importantes críticos do mundo – é o caso do italiano Giulio Argan – escreveram sobre a obra de Rubem Valentim. Ele não queria mais reconhecimento crítico. Ele queria um livro que fosse um registro poético do seu trabalho”. O crítico Olívio Tavares de Araújo afirma, em texto para O Estado de S. Paulo, que, “ao lado de Volpi e Tarsila do Amaral, Rubem Valentim fica sendo um dos grandes artistas da brasilidade,

sem provincianismo, sem limitação de horizontes, mas como projeto estético e de vida”. Fontelles comenta: “Ele criou ideogramas, alfabetos para o futuro. Acho que vai demorar um pouco para as pessoas apreenderem isto. Para além da carga da cultura afro-baiana, ele tinha uma cultura universal fantástica. Teve formação cristã, e foi profundamente tocado pela cultura oriental. Isto tudo se espelhava no seu trabalho. Cada obra era um altar. Um quadro não era só um quadro. Era um religioso sem religião. Não é só o candomblé que estava codificado em sua obra”.

Fontelles está organizando, desde o ano passado, uma exposição retrospectiva da obra de Valentim para o Masp, neste ano. A exposição não vai mostrar apenas peças criadas pelo artista, mas também uma série de objetos de arte popular e de candomblé, onde ele buscou ideias: “Os brinquedos populares influenciaram muito o uso da cor na sua obra. Quero mostrar todo um lado lúdico nordestino, de onde o Rubem veio, ao lado dos adereços mágicos do candomblé. Ele não queria uma exposição crítica, organizada de forma tradicional, em sequência linear cronológica, mas uma exposição onde o espectador entrasse no espaço e se sentisse envolvido pela magia”. Muitos críticos vincularam sua obra ao construtivismo, mas Fontelles conta que o próprio artista não concordava com esta classificação, pois, embora ele incorporasse as informações do construtivismo, este não era o elemento essencial de sua arte: “A sua arte era muito mais intuitiva” – comenta Bené. O seu construtivismo vinha de nossos índios, que por sua vez, vêm de uma cultura ancestral da China – ou das cavernas. Ele dialogou com a cultura europeia, mas a carga mais forte era da cultura afro, dos tempos de moleque na Bahia”. Uma das frustrações e uma de suas mágoas foi não poder viabilizar o sonho de criar uma fundação de arte em Brasília para abrigar a sua obra e funcionar como um centro cultural de pesquisa para os artistas mais jovens. Valentim chegou a adquirir uma casa para este fim, constituiu uma fundação, registrou os princípios que norteariam a sua ação, mas o projeto não avançou. “Acho que as autoridades deveriam retomar esta fundação em Brasília”, comenta Fontelles, “Valentim reuniu um arquivo precioso de artigos, livros e revistas sobre arte brasileira. E, depois seria uma maneira de manter a sua obra aqui”. Lúcia Valentim, viúva do artista plástico, explica que a ideia do museu não pode se efetivar em razão da falta de apoio de substrato cultural e participação das pessoas da cidade. “Era uma obra para muitas pessoas, não apenas para uma. A ideia dele era não apenas conservar a sua obra, mas também criar um centro de estudo e pesquisa de uma riscadura brasileira”, destaca dona Lúcia.

HUGO CHÁVEZ FÃ DO GUNS N’ ROSES?

“Tenho viajado a trabalho nos últimos 25 anos. E tive minha cota de aventuras no exterior, como escapar de uma tentativa de golpe de Hugo Chávez em 1992, quando o Guns N’ Roses estava tocando na Venezuela.

“Eu não sabia o que era um golpe. Nem sabia como se escrevia (nota: em inglês usa-se a palavra francesa ‘coup’). Eu só sabia que não parecia um bom presságio para nós. Felizmente para mim, Chávez gostava de nossa banda e esperou que nosso avião fretado partisse antes de fechar o aeroporto.” **(MICHAEL MCKAGAN EX-INTEGRANTE DO GUNS N’ ROSES)**



17 DE FEVEREIRO

Júnior afirma que essa é uma das filipetas mais raras da Patrulha do Espaço, de quando o *Primus Inter Pares* foi gravado ao vivo (em estúdio). Por sorte, estive lá e os guitarristas, a banda, o baixista, todos eram fantásticos. O baterista Paulo Zinner deu uma canja em "Arrepiado", mas Percy Weiss esqueceu um refrão – a fita tava rolando.

Pessoas carregam bíblias para todos os lugares e, para as aventuras que eu fui parar, levei esse exemplar. Em São Paulo fiquei frente à vitrine da gráfica do Estadão vendo a rotativa da impressora exposta circulando os jornais. Assim era o processo. Numa maleta xadrezinho, eu carregava os exemplares do *Balada do Louco* – me passava por quem vinha da fábrica ou carregava uma marmitta. Tinha o maior cuidado nos ônibus. Andava a pé horas por ruas desertas e

tudo tinha que ser na base do dedão, com a maleta apertada ao corpo como uma bomba e uma única preocupação: chegar antes das cinco horas na casa da minha avó, no Jardim Rochdale. Eles, assustados com a quantidade de discos que eu comprava, e eu, bobão, na minha.

22 DE FEVEREIRO – FOLHA DE S. PAULO

Kennedy – O Mito desaba

O mito Kennedy está sendo desmontado, 28 anos após a morte do ex-presidente americano. Onde está o exagero? No culto à imagem construída no passado? Ou na revisão profunda de hoje?

14 DE MARÇO

Zé do Caixão festeja 60 anos na sexta-feira 13

16 DE MARÇO

A maldade

Renato Russo tira sarro da própria cara

O vocalista da Legião Urbana não deixa ninguém falar de sua anti-cara de pop star. Ele mesmo se tacha: "Sou tão sexy quanto uma velhinha de bobes no cabelo".

30 DE ABRIL

Para Bressane, Barreto ia 'assaltar' Embra

O cineasta ataca um esquema que teria sido armado para favorecer 'os mesmos que mandavam na Embrafilme'

26 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

O legado da titia

Os primeiros discos de Rita Lee estão sendo relançados em compact discs e mostram primórdios do rock brasileiro.

17 DE JUNHO – SÃO PAULO 1 (3) X 0 (2) NEWELL'S OLD BOYS

A primeira Libertadores

18 DE JUNHO – FOLHA DE S. PAULO

McCartney e os anos 60 fazem 50

19 DE JUNHO

Gerchman resume sua obra em 'Clorofila'

21 DE JUNHO

Teatro pornô adoece junto com o rei do sexo

A pior crise que a Boca do Lixo já enfrentou coincide com os rumores de que Oswaldo Cirilo tem Aids.

4 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

A Alemanha na visão de Fassbinder

23 DE JULHO – FOLHA DE S. PAULO

Miles Davis derrapa no rap em seu último CD

29 JULHO

Sandra F. de Oliveira, secretária da empresa ASD, revela que documentos da chamada Operação Uruguai são forjados.

COM A CARA E A CORAGEM ENFRENTAVA A CIDADE DOS HOMENS MAUS

Nunca tive muita grana, nunca passei fome. Fui expulso da casa dos meus pais aos 27 anos.

Chácara São Néilson, tudo nela me incomodava, até que ela me provocou: "Decifra-me ou devoro-te!". Comecei com uma calçada. Depois uma cerca, um portãozinho, um pé de limão, um caminhão de saibro. A chácara me dava medo: queimou o meu som numa descarga elétrica – Pqp. "Arre, como o povo vive aqui junta lixo nas bananeiras!" Meu pai trazia todo tipo de atrocidade que encontrava pela rua. Peguei umas telhas e cobri a casa; no outro dia o dono das telhas apareceu! "Cadê minhas telhas?", "Usei!" Nova administração! Não tinha chuveiro quente. Abri as caixas do fogão e da geladeira e nem tinha grana de uma televisão. Tomava banho no serviço. Muito ovo frito. Depois fui trocando as portas, reforçando as paredes e colocando tela verde nas janelas. Comprei torneiras e, um dia, um telefone. As pessoas agora poderiam ligar. Trouxe os discos e os livros e a estante. De vez em quando, ela trazia uma quentinha – relacionamento atualizado, não éramos nada.

Waltinho, (que também já fez a passagem) era o filho mais velho do seu Pedro e como o pai era eletricitista, e irmão do Banana. O violeiro, Waltinho pintou com uma guitarra acústica cor-de-rosa, participou de vários festivais de MPB, e contou que a sua prova de fogo, foi quando se apresentou na rádio e tinha um maestro arranjando sua música. Daí ele pegou a mania de mascar gengibre.



(FOTO: JOEL ALVES)

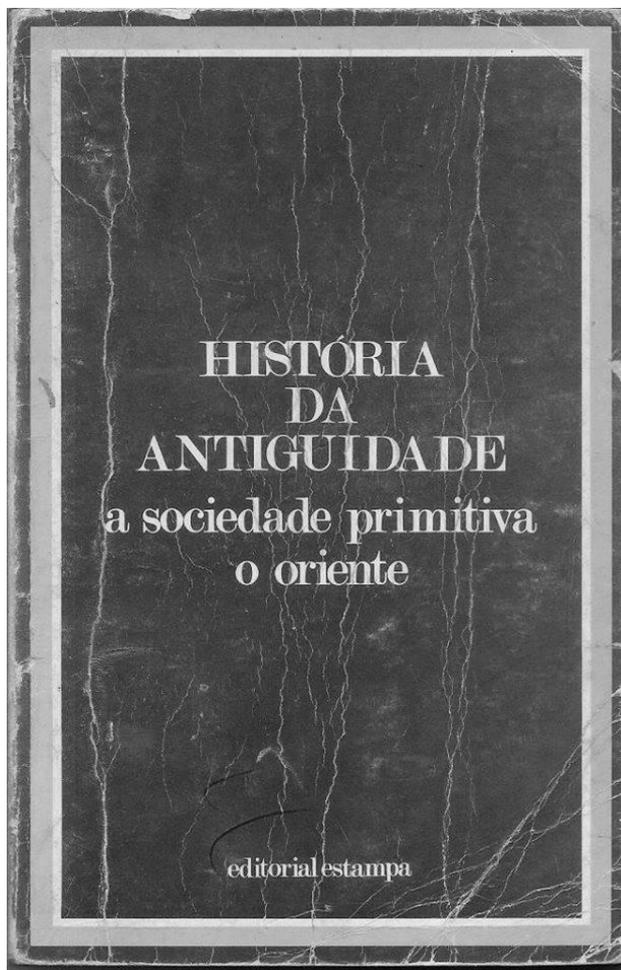
"O Índio, apesar da sua pouca estatura, era um excelente goleiro"
(NARDELLI GIFONE)

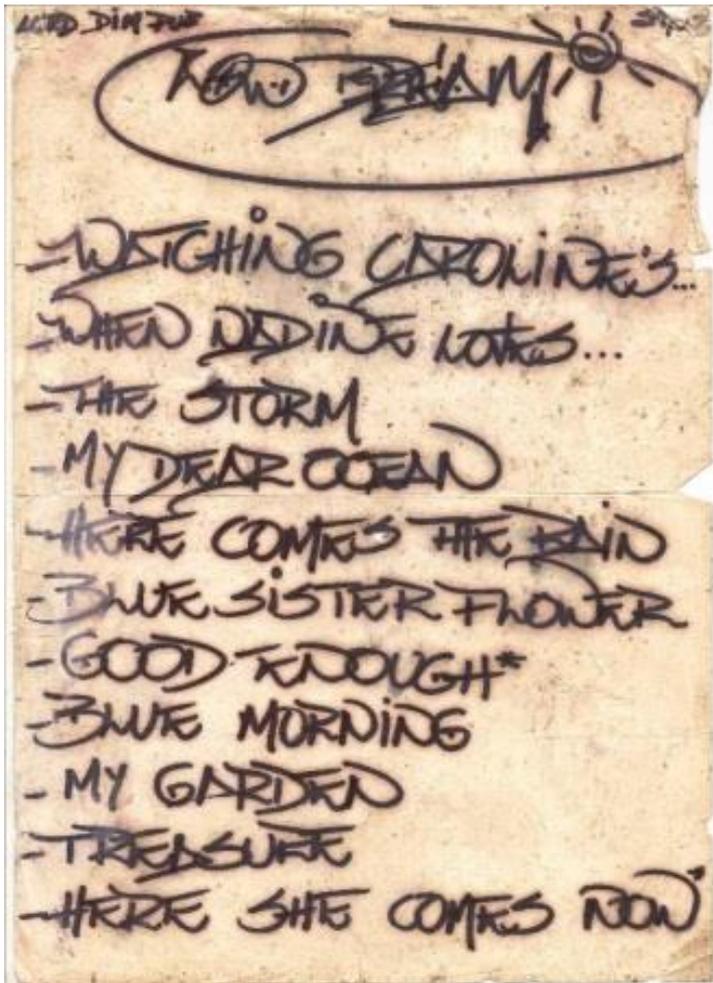
.....

O AMIGO CAPITALISTA DEU SUMIÇO EMPRESTANDO ALGUNS NÚMEROS DA REVISTA PLANETA...

Rich, Distanciamo-nos porque ele era um excelente estudante que nunca reprovou e tinha sua própria velocidade, foram os primeiros da turma a dividir um apartamento com Veras e viajar pelo nordeste: uma nova mentalidade quando os filhos passam noites fora de casa a beber...

QI 8 BI. B loja 3 – setlist estava aprisionado em alguma pasta. Trata-se do fatídico ou violento ou fatal show da Low Dream, nas plagas do Guará, debaixo das barbas de Lord Dim Pub. Nessa folha, Ricardo Retz encontrou significado para sair por aí angariando





GONÇALVES)

"O amigo, Reverendo vulgo Galo, toquei com ele no Trappuss & Farrappus. Boa lembrança."
(HAMILTON ZEN)

5 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 4 X 2 PALMEIRAS

Campeão Paulista. Cafu e Raí arrasam



13 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO
2 X 1 BARCELONA

O Primeiro Mundial

setlists pelos palcos que pisou.
"Tem a letra da banda, trata-se da heustória da banda".
Empolgado foi relacionando as poucas e boas que são a função do setlist – na falta de uma foto, o setlist vale muito.

4 DE OUTUBRO – CORREIO
BRAZILIENSE

Tribos Urbanas

Mauricinhos, skinheads, heavy metal: são muitos os rótulos da juventude

Na Zoonna Z, Little Quail, Família Adams, Deja-Vu, Abhorrent, F.D.F.H., Peter Perfeito, Oz, Bsb-H, Esadof e Blistery se apresentaram lá.

31 DE OUTUBRO

"Hum 'doido'? Doido mesmo era eu em 1993, com a Durangos da América num quiosque na QE 26, no Setor de Oficina do Guará II, num calor desgraçado, tomando 51, tudo abafado e o Ravengar, alucinado com seu vocal meio teatral...". (ANTONIO

1993

12 DE FEVEREIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

O ANIVERSÁRIO DE WALTER SMETAK

O Brasil, especialmente a Bahia abrigou um dos maiores músicos deste século: Walter Smetak. Seu aniversário de nascimento é (12 de fevereiro). Sua morte é (30 de maio de 1994) quando a sua cosmoconsciência reverberava pelos buracos de todas as vértebras ocultas e infraterrenas do Planeta. Smetak não cabia apenas no invólucro banal do "músico contemporâneo" ou figurava como ventríloquo de vanguardas asfixiadas de supra-racionalismo em alta e supra-renais em baixa.

Sua voracidade intelectual transportava o puro jogo dodecafônico ritualizado, matemático de Cage para a geometria euclidiana (feito som) dos Sufis orientais, panritualistas gregos, candomblé desmemorizado (como o rigor xamânico de Rubem Valentim sobre signos sacros). Smetak era uma proposta em processo que materializava a música microtonal em forma e luz. A escultura do instrumento, a senha (antes frase melódica) desenhada como mantra e a carga de significados históricos de uma espiritualidade provocativa: rebelde da Eubiose, discípulo estranho de JHS, guardião e blasfemador do templo, busca a passividade, angústia e sintonia, em um turbilhão de muitos Smetaks.

Sua conduta como mestre foi polêmica pela intensidade de suas propostas e os cabrestos óbvios dos currículos. Em sua oficina, nos porões da UFBA em Salvador, ele sempre recorria a imagem do animal exótico, no zoo das excentricidades de "um velho caduco" com sua bizarra fauna de cabaças e tubos que beijavam o Universo de dentro e o de fora. Constantemente proclamava (em um sotaque baiano-austriaco-irretocável): "O Brasil fica no Brasil. Só enxerga quem não procura".

Foi um grande colaborador do extinto jornal alternativo Ordem do Universo. Este jornal foi o primeiro a juntar os cacos entre pós-guerrilha, pós-LSD, pós-macrobióticos, pós-comunas rurais (Guariroba e Monzodó as re-fazendas de Gil em Brasília) e pós-posteridades. Smetak quase veio habitar o Planalto graças ao sincero empenho do embaixador Murinho, então Secretário de Educação e Cultura, mais um grupo de fraternos cúmplices. Quase deu certo.

Smetak chegou a receber o prêmio Personalidade Global da Rede Globo e teve dois discos editados (um deles pela Philips holandesa graças ao desvelo de Gilberto e Caetano). Suas passagens por Brasília foram comoventes pela sua tempestuosa ternura sempre em conflito ora amando e ora detestando as naturais contradições da cidade. Cada impropério (principalmente contra a seca) era logo redimido por breve poemeto que nos enviava em intensa (semanal) correspondência durante 1975. Daqui saía carregado de cabaças (de Olhos D'Água para Salvador). Às vezes compartilhava algumas com Marco Antônio do grupo Uakti seu discípulo brilhante.

Aqui próximo a Concha Acústica quase fechou com o GDF o erguimento de uma colossal escultura vibrátil e sonora de sua autoridade enorme O OVO. Um laboratório com entranhas sonoras e de autofagia vivencial de 22m de altura. "SmetaR, MuzaR e Razão", disse Caetano em Épico. "Os ilumencarnados novos seres que virão do fundo do céu e do alto do chão", cantava Gil numa fogueirinha de ipê do cerrado.

Era pelo óvulo que premonizava a música eletrônica despida de seu estruturalismo. Preferia acidentes delicados na Natureza. Partituras fractais. O roçar das nuvens para deleite das pedras. Vivia o intervalo pois a sua presença era consistente e plena no meio do abismo. Sem queda. Pela veemência da pausa e não pela obviedade do ruído. Usava massa compacta quando queria o silêncio. Extraía sinfonia dos veículos.

19 DE MAIO – SÃO PAULO 5 X 1 UNIVERSIDAD CATÓLICA

A 2ª Taça Libertadores da América

24 DE MAIO – JORNAL DO BRASIL

Ivan, O Terrível

Cineasta encrenheiro arranja um punhado de inimigos a cada filme

- *Violência, metáfora de Los Angeles* – Joe Schumacher fala de ‘Um dia de fúria’ e diz ter adorado a polêmica

25 DE MAIO

Dedo-duro ou padrinho?

Biografia faz um perfil generoso de Flávio Cavalcanti.

13 DE JUNHO – FOLHA DE S. PAULO

Waly Salomão inventa ‘livro sem gênero’

15 DE JUNHO



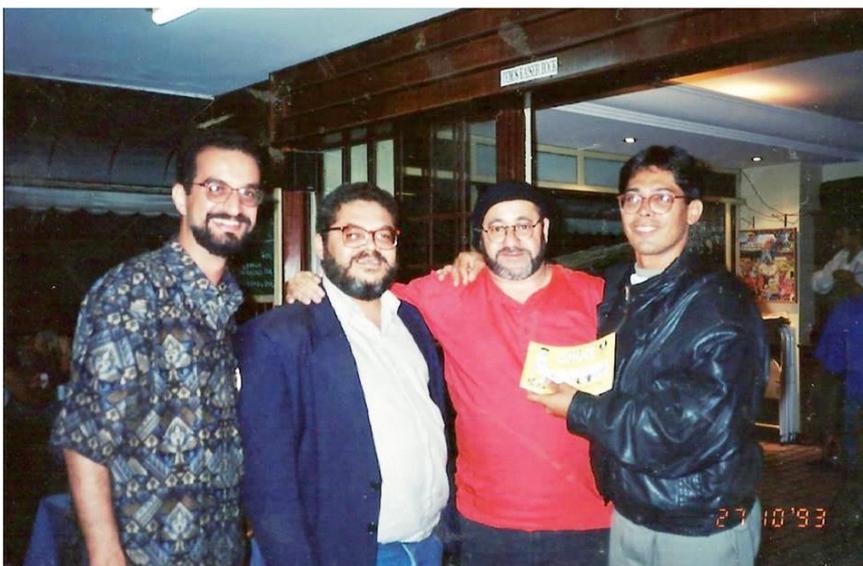
*Legião Urbana
conta sua história
na MTV*

4 DE JULHO

*Jogador, palhaço
e dramaturgo*

Plínio Marcos, o
mais importante
autor vivo do
teatro brasileiro.
Comemora 40
anos de carreira.

27 DE OUTUBRO



24 DE NOVEMBRO – SÃO PAULO 2 (5) X 2 (3) FLAMENGO

Campeão da Supercopa

12 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 3 X 2 MILAN

Copa Europeia/Sul-Americana Toyota

Bicampeão Mundial Interclubes

HUGUY RUPI
ANO 1 Nº I DEZEMBRO/93

"OS BARDOS"
Sandro Ornellas

E stamos perdidos e não estamos sós.
Cantamos a amplidão dos vales
Subindo os olhos pelos montes;
— Não estamos sós.

Estamos perdidos,
Mas crivamos em nosso peito o inefável,
E vibramos em nosso corpo o inesgotável
— O gosto do horizonte inalcançável.

Damos o sopro elétrico
Nesse ar longo e denso;
Alinhamos nossas mentes
Aos rios que dos mortos descem.

É difícil respirar o ar rude de hário,
Sorrir a complacência de um carinho contido,
Versar essa pureza perversa
Que avilta o murmurar do mundo.

Miramos o migrar das andorinhas
Varando as cercanias e
Volvendo cada palmo de sonho
Em infantes fortalezas gentis.

Perdidos, nosso sono fortaleceu-se,
Mas não estamos sós,
Pois legamos ao devaneio do homem
A realidade divina.



Walt Whitman
Valdo Lima Trindade

Walt, por onde vais?
Já não ouço teus versos
Por estes quintais
A grandeza da América não cantas mais
Teus irmãos da Estrela do Sul
Perderam a docilidade e o fulgor
Nossas falhas estão mortas
Nem outono-estéril
E quando me perguntas: — De que adiantará
Toda a tecnologia e estas fórmulas-poemas
Se estão secos por dentro?
Não respondo. Espero que se vá
Doce com leveza feminina sobre a rolva
Susurrando no resvalar das vestes
Do trabalhador de palavras
Um beijo cálido e dormente

DEZEMBRO

Huguy Rupi um artefato literário impactante e desconhecido, formato tabloide editado no Guará na QI, desconheço os autores

1994

9 DE MARÇO

Perdemos Bukowski, o cronista dos amores loucos

Nascimento: 16 de agosto de 1920, Andernach, Alemanha.

Falecimento: 9 de março de 1994, San Pedro, Califórnia, EUA.

Caí na gandaia depravada lendo Bukowski. Na esbórnia, mergulhado na picardia sexual. Uma vida abertamente mundana. Com fatos tipo: como esquecer as chaves da seção na casa da amante e não ter coragem de voltar? Chegava aos 30 anos e não tinha feito nada. Drágeas de optalidon com cerveja. Tinha esse lance de sublitteratura e escrevi uma novela suja. Nem sabia que existiam faroestes undergrounds e HQs com aquela estética dos canos curtos e quentes das armas. *Aventura sem dublê* era bom. Geraldo Lessa, anos depois disse: "Já naquele tempo você escrevia bem". Um *p.* elogio. Radicalizando, escrevi *Lapso*, onde eu queimava o mundo e atraí nuvens negras para cima de mim.

No triênio, 1992-93-95, nasceram, Glauber Renato, Virgílio Stefanin e Ana Luíza e agora papai tinha que largar o vício de revistas e jornais por assinaturas e aprender a trocar fraldas.

• *O solitário Renato Russo* – **CORREIO BRAZILENSE**

O líder da Legião Urbana prepara um disco solo só com músicas em inglês.

"O disco será uma trilha sonora para as pessoas namorarem, um antídoto para a violência".

No triênio, 1992-93-95, nasceram, Glauber Renato, Virgílio Stefanin e Ana Luíza e agora papai tinha que largar o vício de revistas e jornais por assinaturas e aprender a trocar fraldas.

Uma pena, o Nirvana não aparecer em nenhuma dessas capas

16 DE MARÇO – JORNAL DO BRASIL

O rei da angústia está feliz

O novo disco de Morrissey traz outra imagem do ídolo e é consagrado pela crítica.

8 DE ABRIL, TEM DUAS BANDAS QUE EU JAMAIS VI, A OUTRA É FETO PODRE

Estava casado e os meninos nascendo. De luto por Kurt Cobain. Naquele 1994, já era assim: quem gostava, gostou; e eu gostava e ainda gosto, tenho pôsteres deles escondidos. Sai de casa com anuência da mulher – sai de cara para ver a mítica banda Loddó, na Cidade Ocidental, e conheci a Marssal. Era sexta-feira e na terça-feira, tínhamos perdido Kurt Cobain, fui filmado entregando um papel que pedia "Train kept a rollin" – lembrei que os menores de cara virada para a parede cantaram por que sofro repressão. Que era um som dos Ratos de Porão. No fim, ainda chamei o garoto pelo seu nome: "Hélio e disse-lhe ainda tenho o cartaz". Pensei comigo mesmo: "Estou a me transformar em assessor de político."

20 DE ABRIL – FOLHA DE S. PAULO

Willem Dafoe vive o poeta T.S. Eliot

'Tom e Viv' traz a história do autor 'The Waste Land' e de sua mulher Vivienne.

10 DE MAIO

Galeria monta instalação inédita de Oiticica

'CC5', concebida pelo artista com Neville d'Almeida em 1973, é apresentada pela primeira vez em SP.

• *Luz del Fuego fez sucesso sem talento*

O livro 'Luz del Fuego, A Bailarina do Povo' retrata a dançarina das jiboias como vanguarda do feminismo.

23 DE MAIO

Existencialismo dá o tom no fim de século

As novas gerações redescobrem Albert Camus, o escritor que contaminou os anos 50 com o sabor amargo da angústia.

FESTA DA BANANA



O cara acima é o Sandro. Taxista, nos carregou em várias baladas. Um dos melhores amigos dos tempos da UVA. Nessa noite da foto, ele arrumou uma namorada e nos surpreendeu, mas essa é outra heustória – foto jamais vista desde o ano de 1994.

O lance rápido foi entre 1993/94. Conhecemo-nos nas festas do professor Cafú, na QE 19. Naqueles dias, os relacionamentos tinham o poder de chocar! Essa festa deve ter rolado em abril/maio – Geni Stefanin (a mãe do Virgílio, morreu em setembro de 1994). Tenho o filme, que não digitalizo com medo de fazerem uma cópia clandestina e jogarem na rede, mas estará presente no meu rock.doc. Aqueles anos de pura pauleira do rock do Nirvana e da Marssal – Reginaldo esteve lá.



Na chácara em 1994, foi a primeira festa do mesmo jeitinho das festas de hoje em dia. Não tínhamos tintas. Tínhamos vermelhão e azulão, que eram cores de piso. E Edvar fez esse fundo, que durou alguns anos até a casa ser reerguida.

Peguei a capa do *Transa* do Caetano Veloso e fiz um lustre que servia como abajur da lâmpada da sala – a casa já era transada – o lustre e algumas amigas sobreviveram.

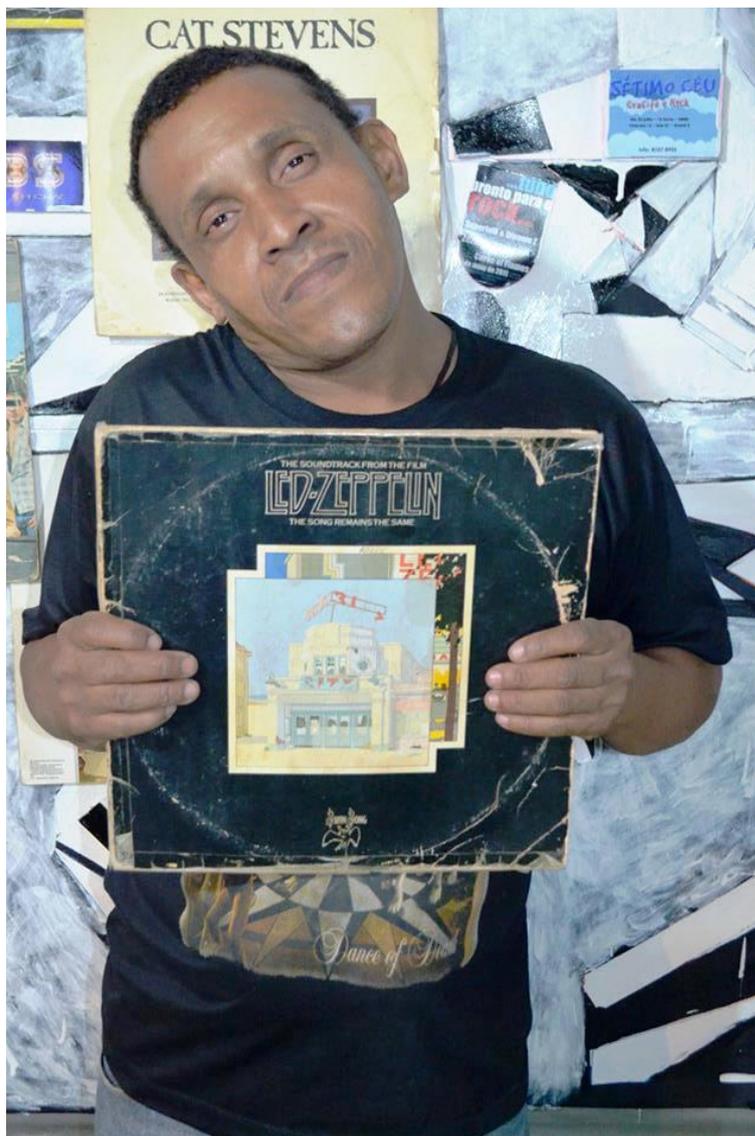
REGINALDO PEREIRA

Ele deu asas a muito dos meus voos cegos. É testemunha ocular, a favor ou contra, e qualquer documentário tem e deve ser começado pela alma dele. Seu codinome é Régis Rock'n'Roll. Ele pegou a mania de guardar recortes de jornais e gosta de VHS e DVDs e confabulamos muito nestes 37 anos. No *Do Próprio Bolço*, o papel do Reginaldo era distribuir as edições do fanzine. Ele pegava alguns números do jornal colocava na garupa da bicicleta ou da moto e seguia pelas ruas distribuindo o material pelas quadras do Guará. Ele tinha orgulho disso. Depois passou a ser mecânico, eletricitista e até motorista de deputado distrital – a autoridade queria que ele assumisse multas que não eram dele. Reginaldo é Rock'n'Roll me ajuda desde 1982. Ele gosta de assar batatas na fogueira.

Sempre um homem de confiança, não esteve presente em muitos momentos públicos, mas na véspera imprimiu sua pegada profissional de Capitão faz tudo. Fã número um da guitarra do menino Virgílio.

DAS CONSPIRAÇÕES DO ROLÉ

Morava na chácara desde 1992, mais uma vez mantive distância do universo roqueiro de Brasília. Motivos? Eu estava sendo pai pela segunda vez – só que, desta feita, eu acompanhava a criança crescendo. Exílio, tipo John Lennon. Passava fins de semana no mato e os dias de semana no apartamento na QI 27.



No calçadão, encontrei-me com Cécé, arrastando pela coleira um beagle, um desses cachorros urbanos, com longas orelhas e madeixas. Cécé estava com uns óculos psicodélicos indescritíveis, detalhe inseparável da sua psique. Ele era inusitado e socialmente bem vestido – magro, errático, elétrico e um detalhe me deixou com a pulga atrás da orelha: o cachorro também estaria usando o mesmo tipo de óculos?

No calçadão, encontrei-me com Cécé, arrastando pela coleira um beagle, um desses cachorros urbanos, com longas orelhas e madeixas. Cécé estava com uns óculos psicodélicos indescritíveis, detalhe inseparável da sua psique. Ele era inusitado e socialmente bem vestido – magro, errático, elétrico e um detalhe me deixou com a pulga atrás da orelha: o cachorro também estaria usando o mesmo tipo de óculos?

– Cécé o que é isso?

– "É pra ele curtir o visual!"

Quando fui pai pela segunda vez, compreendi seu drama de abandonar os shows e correr para casa levando dois frascos com o leite do seu casal de gêmeos

Eu gostava de pensar que pertencíamos a uma gravadora, a Mainman de David Bowie; eu era um dos homens-chave do processo, ele o elemento xis!

Os parentes de Cécé moravam na QE 32 e de vez em quando ele me visitava aos sábados.

Às vezes eu ficava puto quando Cécé me pedia que eu pagasse um conhaque; ele ganhava mais e pagava aluguel e estava duro. Meus pais verdadeiramente gostavam dele que por ser educado.

Cécé aloprou no ônibus do Tribunal. Foi proibido de cantar. "E eu encontrei a solução pro seu caso. E lhe proponho um tratamento pra você melhorar. Eu vou plantar cenouras. Na sua cabeça ..."

Dizem que bebeu a água mineral do ministro e teve que se desculpar...

Cécé substituiu "Micróbios" por "Vou plantar cenouras na sua cabeça".

1º DE JUNHO

MIS reúne filmes e desenhos de Glauber

Começa hoje a mostra que comemora 30 anos da primeira exibição de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol'.

4 DE JUNHO

O cantor Renato Russo lança o seu primeiro trabalho solo, *The Stonewall Celebration Concert*.

15 DE JUNHO – FOLHA DE S. PAULO

Legião Urbana conta a sua história na MTV

10 DE JULHO

"Atletas não podem mentir"

Jean-Luc Godard fala de sua paixão pelo esporte

17 DE JULHO – BRASIL 0 (3) X 0 (2) ITÁLIA

Copa do Mundo, Brasil é campeão após 24 anos, a seleção é tetracampeã

Mundial foi vencido após Roberto Baggio isolar a bola na disputa por pênaltis.

27 DE SETEMBRO – IT'S BLUE

Setembro sem você e eu jamais me esqueço, éramos jovens eu mais... até hoje, flor de maio, flores da primavera, me lembram você, mas eu parecia viver para nada mesmo. O menino e a irmã estão aí e eu peço para a mãe cuidar que eu cuido do rock'n'roll. Sempre foi assim, a primeira garota me deixou porque eu era muito doido; minha família me abandonou porque... Os exames nada deram de errado, eu levei a vida de certa maneira ainda não entendem que naquela cama depois do sexo, eu escrevia a novela onde o corpo é alvo e a mata abaixo da montanha da barriga esconde o mistério. Tudo se resume em trilhar e caçar diamonds and rust, não existe mês ruim, existe vida e contas a acertar.

Os originais d'*Aventura sem dublê* estavam na gaveta – que não era uma gaveta da minha casa, mas era o quarto que eu dividia –, pegaram os originais e jogaram fora. No serviço, propositalmente formatavam o PC para apagar os meus arquivos que eram invisíveis, protegidos pelas senhas.

OUTUBRO

Os Rolling Stones se apresentam em New Orleans.

.....

22 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

A morte na poesia de Mário Faustino

14 DE NOVEMBRO – SÃO PAULO 6 X 1 PEÑAROL

Copa Conmebol Libertadores

AVENTURA SEM DUBLÊ

Loucos, eu e Edvar Ribeiro curtíamos um curto período de liberdade e sol. Pegamos uma folha de papel vegetal e eu soprei do-pro-prio-bol-fo agora esse será o nome. Edvar desenhou a bundinha continental a la Crumb. Nascia a encenca, carregava mais de uma década decana de underground e passaria os próximos 25 explicando porque *Do Próprio Bolfo* não deu certo ou porque não recebeu empurrãozinhos e incentivos' – a logo foi atacada de machista e logo um batalhão de artistas surgiram querendo livros e injeções de grana em suas bandas. Dá uma bola aí, prensa, passa... 35 anos de padrão sinuoso, você conhece as expressões do-it-yourself ou macaco vê, macaco faz? E seguimos, é claro que os poucos amigos capitalistas sumiram de vista. Tivemos tempo demais para fazer resistir a utopia e estender a perseverança.

24 DE NOVEMBRO

Em algum lugar do mundo, talvez eu deva ter fãs. Para esses fãs e antes que o fax se apague

de vez da história da humanidade aqui vai o fax acertando os detalhes finais da produção do CD *Onde é que está o meu rock'n'roll?*

FROM : Panasonic FAX SYSTEM PHONE NO. : Nov. 24 1994 18:15:01 PL

PARA: MARIO PACHECO
FAX: (061) 226-3217

DE: LUCIANA BARBOSA
TELE/FAX: (011) 887-6234

Mario, aguarde o número do CD para
Sonia Abreu, Paulo Maluchy e
José Carlos Costa NETO.

OS AFIOS:

1. ALCA PARRA PRODUTOS NATURAIS
2. VISION STREET WEAR
3. PAPELARIA JOFAN - JUIZ DE FORA

Puteu deixar ir para fora uma
juante, dia 18.

Quase que divide me
ligue.

* Pensei no Anacleto assinar, com sua
letra e assinado uma mensagem
para os fãs... o que acha?

Até!
Luciana Barbosa

1995

Av. Paulista, 1938 - 15º andar
CEP 01310-200 São Paulo SP
Tel. (011)287 1211 PABX
Telex (011)3800
FAX (011)288 9044

Telefone (011) 897-9427

Instituto Cultural Itaú



Ilma. Sra. Maria Lúcia Barbosa
Estrada das Graminhas, 1760
36030-120 - Juiz de Fora- MG

São Paulo, 24 de Janeiro de 1995

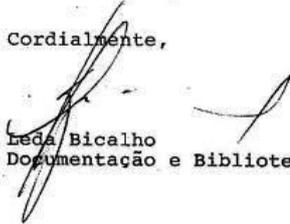
Prezada Senhora,

Agradecemos imensamente a gentileza de nos enviar os livros de autoria de Mario Pacheco. Balada do Louco.

Além de constituir uma valiosa colaboração ao acervo de nossa Biblioteca, já se encontra à disposição para consulta, dos pesquisadores do Módulo Literatura brasileira.

Aproveitamos a oportunidade para comunicar a mudança de nosso telefone para 269-9427/9128, a partir de 1º de fevereiro.

Cordialmente,


Leda Bicalho
Documentação e Biblioteca

THIS FUCKING CRAZY TIME MACHINE! ÚLTIMA CEIA

Musimed, Bateras Beat, Instituto de Bateria, GTR, Instituto de Guitarra, Zero Bar, Teatro dos Bancários, Can Paulo Freire, 610 N, Art Music e Inside Club na 109 N, Boate Tendinha, Subway Discos, Kingdow Comics (gibiteria, Conic – 1996/2018), Co-Mix, T-Shirts, Rage Skate Shop, Auditório Sindsep, Gran' Circo Lar, Zoonna Z, Glicose Bar, 115 N, Paralelo 15, Adega, Astrey bar, Butequim Blues, Miriquiná, Bar do Mocotó, Batik bar, Tuza's bar, Bafafá Cultural e Rock Dog do Léo em Taguatinga. Peyote (P. Sul). Bar da Neci (Setor O). ME Estúdio, Madness Sonorização, Knockdown, Estúdio para Ensaio, Artistik Serigrafia.

- O jornalista Clóvis Sena ressalta outro cinema importante que fez história na cidade: o Cine Atlântida, localizado no Conic, onde desde 1995 há uma enorme sede da Igreja Universal do Reino de Deus. "Era espetacular, tela grande, programação boa. Tinha um salão de entrada para a pessoa esperar. Sou revoltado com o que aconteceu lá."

- Humberto Pedrancini sempre foi um diretor de companhias. O Hierofante é a mais recente empreitada. Foi criado neste ano, fruto da experiência ano Celeiro das Antas, onde montou

Moby Dick. "Ele nasce defendendo o teatro de rua, de aprendizado com o público, que é exigente e cúmplice, aplaudem e jogam a bucha de laranja", conta Pedrancini.

15 DE MARÇO – VEJA

Ídolos na marra

Com forró, rock, palavrões e 170 000 CDs vendidos, os Raimundos tornam-se o grupo do momento.

•

Da série "ninguém viu o filme, ninguém leu, ninguém curtiu". Aí, viadinho, você que malhou o meu português no primeiro livro em 1991, não leu *Aventura sem dublê*, onde me saí melhor, com a elite da língua portuguesa na cidade, que me deu uma força. Tentaram reeditá-lo, reescreve-lo, porém é uma obra maldita digna do Mojica.

Geraldo Lessa ensinou a atualizar um roteiro – com seu jeito sério, ele esculachou: "Isto está uma porcaria!" O uso redundante do gerúndio na ação contínua provocou nele uma reação próxima a de um terremoto. Este era um dos riscos que eu corri quando o convidei para ser escritor fantasma em *Aventura sem dublê*. Ele fez a consultoria da obra que saiu em 1995. Em retribuição, eu criei, neste livro, o personagem Bêbado Gerald, que nada mais era do que um par de Geraldos, o Lessa e o Hugney Geraldo, como se fossem Bukowski numa terrível ressaca matinal. O personagem não tinha nada a ver com Geraldo, mas ele adorou, "Sou eu?" Nunca confessei.

Nota digna de publicação: no lançamento do livro *Aventura sem dublê*, havia um deputado distrital – convidado, nem verdade, mas deputado distrital. Entre os modestos comes e bebes, sorrisos e exclamações, elogios pra cá, elogios lá, eu: "Pois é deputado: o é dez mangos!". Foi legal, decidi nunca mais vender livro na rua.

•

Aos 30 anos, secretamente eu concluí o romance mais porco jamais produzido: *Aventura sem dublê*. Tempos em que eu era tratado como jornalista e escritor – homem quase sério –, mas eu gostava mesmo era do Conic e eu tive que cair de enxada na chácara pra valer

Fiz o *Aventura sem dublê* numa sentada que durou quatro anos, Celso Araújo disse-me que o Afonso Brazza queria filmá-lo (não sei se ele estava zoando); teve um diretor de cinema chileno que gostou do livro e o encomendou ao Delor Martins. Um livro beat, cujo orçamento jamais permitiu pagar também ao desaparecido Zeferino Alves para roteirizá-lo. Especulação sobre o que nunca veio a acontecer, bolas na trave. No final das contas, esse livro me levou para as páginas do Dicionário de Escritores de Brasília, na primeira edição, 1994-95 – um motor movido à diesel.

•

A mídia não perdoa aqueles que fazem sucesso no seu primeiro livro. *Balada do Louco* saiu em 1991. Para mim, o caminho para imprimir livros era fazer tudo. O Problema é que os leitores do primeiro livro jamais lerão o segundo para saberem que você aprendeu alguma coisa. No meu segundo, *Aventura sem dublê*, comecei a utilizar escritores fantasmas, troquei a revisão por algumas galinhas japonesas e Geraldo Lessa me ensinou a atualizar a cena. Um delírio retado de álcool, um coquetel luxuriante de sexo: tudo mentira, passa a régua. Meu roteiro de cinema, um triângulo dos mais pecaminosos da literatura (se tenho vergonha? e como!).

No Conic, no Café Belas Artes, do Ivan acabara de chegar uma cópia do *Dicionário de Escritores de Brasília*. Um monte se acotovelou, procurando os nomes de nossos amigos-escritores do Conic! "O que será aquilo Klebinho?" Cheguei na minha e pedi para olhar o "P"... e num é que meu nome tava lá!? Forte emoção, a minha carreira de tantos ciclotons atingia os píncaros dinovo.

.....

23 DE MAIO, O CARTAZ QUE NINGUÉM VIU



Eu conhecia um arquiteto, amigo, desses de atravessar a tarde na casa dele, fumando aromas. Ele aprendia um acorde difícil e ficava me mostrando no piano. Fã de Arnaldo e Zappa. “Rapaz, vá lá em casa e faça um croquis que eu quero ver se uso o eucalipto para construir a casa!” Foi a última vez que eu o vi. Próximo do Carrefour vendiam-se casas de madeira, fomos perguntar o preço e o meu queixo caiu. Logo ao redor da nossa casa de adobe, essas sublimes casas de madeiras começaram a sufocar minhas vaidades pequeno-burguesas. Comprei umas revistas: Construção & Obra, e comecei a passar todas as manhãs no lixão em frente à chácara. Foi assim que a coisa subiu lentamente e por etapas. Passamos 10 longos anos trabalhando todos os dias – noites e dias. No Quiosque da 40, a rapaziada batia pinho, comia coxinha e cheirava. Não necessariamente nesta ordem. Humpf, “Pazcheco desça uma cerveja!”, “Não posso, tenho que comprar o cimento.” Quando a grillagem chegou perto, gastei o décimo-terceiro num pau de fogo. Foi o melhor investimento. Eu andava com

uma gangue de menores de Samambaia e atirávamos em tudo que se mexia na chácara. Foi quando, por acidente, matamos uma rara coruja branca.

Rock'n'Roll nós lhe demos os melhores dias de nossas vidas.

À tarde eu passava no apartamento do Ninho na Asa Norte e disse: "Vernon Walters vai tocar em Goiânia". Rapidamente, ele desenhou este cartaz "Onde será o show?". "Pô! Numa garagem em Goiânia!". Misturamos Carmem Miranda com Miranda e montamos Os Mirandas que vinha a ser uma homenagem ao Carlos Eduardo... Na verdade, era, também uma homenagem ao CD *Bananas*. Fiquei com o cartaz e a indisfarçável satisfação por ele ter assinado o cartaz e anotado a minha singela colaboração.

BLOODY CLOUDS

Na era do regressive rock, com o funeral do grunge. Andávamos pelo pub Moby Dick, em Taguatinga Sul, erigido sobre as ruínas do famoso Cine Rex... Outros nomes da cena à época como Os Johnsons e ainda outras velhacarias andavam pelo Conic, na Berlin Discos e na Head Collection – aliás, não se esqueça que ela começou suas atividades vendendo camisetas em um dos points mais movimentados de Brasília: A Pedra (a passarela entre o Conic e o CNB). Lá Zezinho Blues passava as tardes soprando sua gaita, suando e vendendo camisetas. O Moby Dick era aconchegante. Cresci na área na Praça do Cine Rex e pisei lá com a Marssal. Nessa noite, também tinha uma banda paulista, cujo timbre da guitarra era puro Nirvana. O problema é que não sei como cheguei e nem sei como saltei (era muito álcool).

•

Cécé foi operado, e ficou com uma enorme cicatriz na barriga. Os pontos ainda estavam recentes e fui dar uma volta com ele de carro até a chácara.

– "Vá devagar"

Mostrei uma guitarra que comprei de Dillo D'araujo. O instrumento estava com o braço rachado e Cécé foi mais uma vez discreto. Não comentou o estado da guitarra.

Quando falei a Dillo D'Araújo que o instrumento estava fodido, ele me disse: "Você comprou por uma pechincha." É nisso que dá ajudar as pessoas: ser passado para trás.

JUNHO – JORNAL ANJ

Internet começa invadir o mercado

A rede mundial de informação Internet está começando a ser utilizada por jornais e agências de notícias brasileiros, enquanto milhares de usuários individuais já usufruem do sistema eletrônico.

15 DE JUNHO – 'LIVE IN EUROPE' NÃO TIRE ONDA COM RORY GALLAGHER

.....

Volte ao verão de 1980, era plena new wave. Pelo menos era isso que líamos nos tabloides. Roberto, primo mais velho dos irmãos Muniz, regalou-nos um lote fantástico de LPs e muita coisa dos 70s – a gente estava no auge do Queen. Um dia, catamos este disco de capa dupla vermelha, edição nacional, arranhadíssimo e o pusemos para tocar por curiosidade. Por ser uma gravação ao vivo tribalista carregada de energia e duetos de voz e guitarra, tornou-se o predileto para incomodar os vizinhos, com as caixas de som na janela dançávamos "Messin' with the kid", na rua, e Rory Gallagher se tornou o nosso herói. Outro Gallagher era personagem de histórias heroicas de tevê.

Nesse disco particularmente, encontra-se todo o repertório e as manhas para quem quer tocar em trio, e olha que a gente ainda nem tinha descoberto o Taste. Os discos Rory Gallagher passaram a ser disputados no tapa! Os anos se passaram e competíamos com Fernando Camufloyd para conseguir os discos do irlandês – considerado o 57º melhor guitarrista de todos os tempos pela revista norte-americana Rolling Stone.

Morre Rory Gallagher

Dublin - O guitarrista irlandês Rory Gallagher morreu em consequência de complicações após um transplante de fígado, anunciou ontem seu empresário.

Gallagher, que tinha 47 anos, foi um dos primeiros irlandeses a ganhar fama internacional no mundo do rock. Muitos o consideravam o melhor guitarrista branco de blues.

Bono Vox, cantor do grupo U2 - também irlandês - declarou certa vez

que Gallagher era um dos dez melhores guitarristas de todos os tempos e "o que é mais importante, um dos dez 'caras mais bacanas' do mundo também", acrescentou.

O guitarrista, fundador da banda Taste, morreu no King's College Hospital, em Londres. Ele tocou com grandes nomes da música, como Howling Wolf e Muddy Waters, e mais recentemente com Slash, guitarrista do Guns'n'Roses.

THIS FUCKING CRAZY TIME MACHINE! ÚLTIMA CENA

.....

Gran Circo Lar, Zonna Z, Paralelo 15, Adega, Astrey bar, Butequim Blues, Miriquiná, Bar do Mocotó, Batik bar, Tuza's bar, Bafafá Cultural e Hot Dog do Léo em Taguatinga. Peyote (P. Sul). Bar da Neci (Setor O).

Saudade do trio: eu, Geraldo e Joelzinho – da Head Collection, loja de adereços e de música, no Conic. Apesar dos nossos quase 30 anos, ainda gostávamos da muvuca e por esse período antes do meu primeiro casamento, desafiávamos as leis da gravidade no *Dojão* cor de cobre, ouvindo em *Ozmosis*, a profética "See you on the other side", e fumando a erva do diabo.

23 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

'Cidadão Kane' foi salvo por milagre

24 DE SETEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Seis vezes Legião

Banda campeã de vendas do rock nacional lança caixa de CDs remasterizados.

2 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Sexo de Hendrix na Europa

16 DE OUTUBRO

Invasão de Mutantes

Grupo que ajudou a eletrificar a Tropicália é redescoberto e recebe uma série de homenagens que vão de concertos e livro até um disco tributo.

4 DE NOVEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

Raimundos 'muda para ser o mesmo'

Grupo lança *Lavo Tá Novo*, primeiro CD em uma grande gravadora, mantendo fórmula que já vendeu 180 mil discos.

1996

18 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Legião Urbana em estúdio

A Legião Urbana volta a gravar. Em estúdio desde a última segunda-feira, a banda brasileira já têm prontas metade das músicas que farão parte do seu oitavo disco. Entre elas as inéditas "Leme/Leblon", "O Livro dos Dias" e "Música para reconstrução de cidades". Quem está produzindo o disco é o guitarrista Dado Villa-Lobos, que nas horas vagas acumula a função de dono do selo Rock It!

31 DE MARÇO

Mutantes andam meio endeusados

Tropicália revive em série de homenagens ao grupo dos anos 60.

MAMONAS

Do lúdico-chulo ao burlesco imortal

■ Roberto Gicelo

A medida em que a poeira emocional baixa, a trágica e prematura morte dos **Mamonas Assassinas** torna-se cada vez mais objeto de discussão. Qual seria a importância dos rapazes para formulação do imaginário do povo brasileiro - principalmente de suas gerações mais novas. Depois que inventaram a **mass-media**, o limite entre o público e o privado tornou-se, invariavelmente, mais tênue. A morte - às vezes ao vivo e em cores - de pessoas de enorme projeção, tornou-se quase tão eivada de comissões quanto o desaparecimento de um ente familiar. Exemplos? Kennedy, Lennon, Daniela Perez, Senna e por aí vai. Estranhamente, não sabemos entender porque muitos de nós, só hoje, depois do avião em que viajavam espatifou-se na Serra da Cantareira, resolvemos prestar atenção no que eles representavam.

Quando a namorada do vocalista Dinho disse, durante os funerais, que "não poderia ser dife-

rente", a moça não quis ser ambígua no desabafo, não quis dizer que a culpa fosse do destino. Acontecer... acontece, mas eles não eram mais que um grupo de rock, eram um fenômeno nacional.

A rebeldia peculiar das crianças e jovens percebeu antes. Palavrão por palavrão, todo mundo fala. Nos colégios, nas ruas, nos campos de futebol, em qualquer lugar. O problema é que os canais de comunicação mudaram, a mensagem deixou de ser o **privado hipócrita** e transformou-se em **público e carismático**, ainda mais se considerarmos que o vírus do humor desenxabido contaminou o País em menos de um ano. Havia o marketing? Havia contingências de mercado envolvendo tanto sucesso? É claro que sim. Mas havia também uma mensagem subterrânea nas letras do grupo, que poucos se preocuparam em decifrá-la antes do desfecho da tragédia. Sarcasmo bem alto-astrol **ad aeternum**. Sem contar que eles faziam rock'n roll operário de primeira, cantado em

português, por saudáveis mancebos, filhos de trabalhadores comuns.

Descabido seria compará-los aos Beatles, recaindo em bufonaria demagógica, como fez um candidato a governador, ombreado-os a Tom Jobim.

Evidentemente que entre os garotos de Liverpool e os de Guarulhos há pontos em comum. O sucesso rápido, a alegria e espontaneidade. E a música **Eleanor Reagby**, por exemplo, que conta as desilusões de uma mulher que, de tão solitária, passaria despercebida em qualquer quarteirão do mundo. O que pode perfeitamente emoldurar o antevero do mundo dos Mamonas - óbvios demais para serem ignorados.

A comparação não passa de provocação, pois há parvos que nunca entenderam o inglês universal dos Beatles, como há os que jamais entenderão o sabor tupiniquim dos **Mamonas Assassinas**.

Apesar das palavras - e além delas - resta o travo na garganta: por quê?

Ketchup blues ou isso aqui é de 1996, publicado na Folha da Serra, de Sobradinho - os escritores edificam e nada constroem sozinhos. Gicello andou conosco num tempo de permanente esbórnica, num período antes que algo se acabe, mas algo indestrutível é a memória - num tempo sem egoísmo onde dividíamos muito mais do que colunas, dividíamos afeto amor, respeito e loucuras proustianas com amigos no Conic.

7 DE ABRIL – JORNAL DE BRASÍLIA

Até quando esperar?

Os roqueiros de Brasília estão bronqueados com o governo do PT, que há mais de um ano não oferece espaços para as bandas tocarem. Com a falta de estímulo e apoio, muitos grupos

acabam e estúdios fecham, enquanto o governo alega falta de recursos para dar uma casa para o rock.

•

Eu queria um disco de rock'n'roll com arranjos classudos, arranjos medievais de Rick Wakeman, solos de Jimi Hendrix e psicodelia. Os produtores foram rindo da minha cara quando descobriram que eu tinha 500 reais mensais para tocar o barco. Comecei gravando bandas que não sabiam gravar; no meio do disco falaram para recheiar o disco com punk rock: "... desculpe-me mas ponha o punk rock na lixeira da heustória". Gravei uma banda punk, cujo vocalista achava que era o novo Renato Russo. Como o CD nunca saía, fui ouvindo o CD-master em todo tipo de aparelho, no toca CD do carro etc. O CD-master tinha um furinho na última música. E foi um parto difícil cloná-lo e salvar a música da Marssal. Assim foi feito o disco de rock'n'roll. Quando tudo estava pronto um dos talentos de Brasília ignorou a gravadora. O que a gravadora fez? Cortou a música de abertura. Quando os caras da banda viram o CD: "Cadê a nossa música?" Pergunte ao vocalista que não passou o fax liberando a tradução para o inglês da "Balada do Louco", algo que ninguém lhe pediu pra verter. Assim, perdi mais grana. Rock'n'Roll é coisa do diabo e do capeta e não se meta nessa parada de porco.

Eu queria projetar os participantes do tributo ao Arnaldo e, onde eu consegui espaço eu ia colocando notas. Ruim é que as bandas indies de Brasília queriam que eu falasse delas e nessa época eu já achava um abuso ter que ir aos shows e falar sem trocadilhos sobre o que eu achava das bandas.

Durante as gravações Renato Russo morreu e um press release colhido por mim foi utilizado na íntegra pelo jornal. Nem citaram a fonte! "A fonte foi a mão do Renato Russo". Mais uma vez eu aprendi as bandidagens do rock'n'roll e graças a eu ter enviado uma cópia clara do press release. Com gases nobres n'alma, deixei de colaborar. Meu nome ainda constou nos colaboradores, mas eu tinha que tomar conta do disco e mandar matérias via fax. Duas coisas que eu não podia fazer.

Dediquei-me a fazer um disco de rock'n'roll, e Geraldo Ribeiro, era um dos craques da espinha dorsal do projeto Arnaldo. Se recebíamos um som mais compacto, oferecíamos uma gravação mais despojada (ou crua e nua) onde podíamos gravar discos voadores e elevadores subindo no Radio Center. À tarde fomos gravar as vozes da banda de blues a Ligação Direta. Geraldo tascou: "Todo pode gravar, pois no coro não precisa ser afinado." Foi um dos caras que traduziu e gravou a nossa atitude e realidade.

NA SURDINA

"Sr. Empresário" – então eles queriam gravar a música inédita do disco-tributo do Arnaldo no disco deles. Arrumei, com uma fã, o telefone do flat do caras bancado pela Virgin no Rio de Janeiro. Falei com Felipe Caduco para telefonar-lhes pedindo que não fizessem aquilo que pretendiam. "Como foi que você ficou sabendo?"

•

Eu tinha cópias de três partituras. A mais estruturada era "Dança de um outro tempo". Naqueles idos era difícil encontrar alguém com piano e que soubesse ler partitura. Levei a partitura a Rênio Quintas, que a executou. Só então eu pude ouvir a música e tentei mantê-la na cabeça (o que não consegui). O próprio maestro escolheu a "melhor". Ao tocá-la, ele disse que a notação na partitura era improvável para uma criança de 7 anos. "Dança de um outro tempo" foi a última música a ficar pronta.

Veio pronta já na DAT e eu não paguei! Cortesia e ato extremo de fé do Bruno Wambier. A versão do Rênio era acústica e a que saiu mais industrial pela qualidade da gravação e pelo timbre do teclado usado. Arnaldo Baptista, ao ouvi-la ainda no cassete, disse que sonhava com essa música e que "não se lembrava da segunda parte!".

.....

•
Concluída a gravação da bela voz de Célia Porto na balada "Garupa", Rênio Quintas foi enfático "Preciso do meu instrumento de trabalho, amanhã!". Para transportar, o piano do Zen Studio para o SCS, foram convocados, os colegas, Inácio Claro, ajudante e o motorista dr. Marcão na Belina, quatro portas. Por falta de vaga, estacionamos na vaga reservada ao bombeiro. Ao abrir, a máquina da porta do desarmou com uma caneta ela voltou a travar. E o piano foi deixado do Ponte Studios.

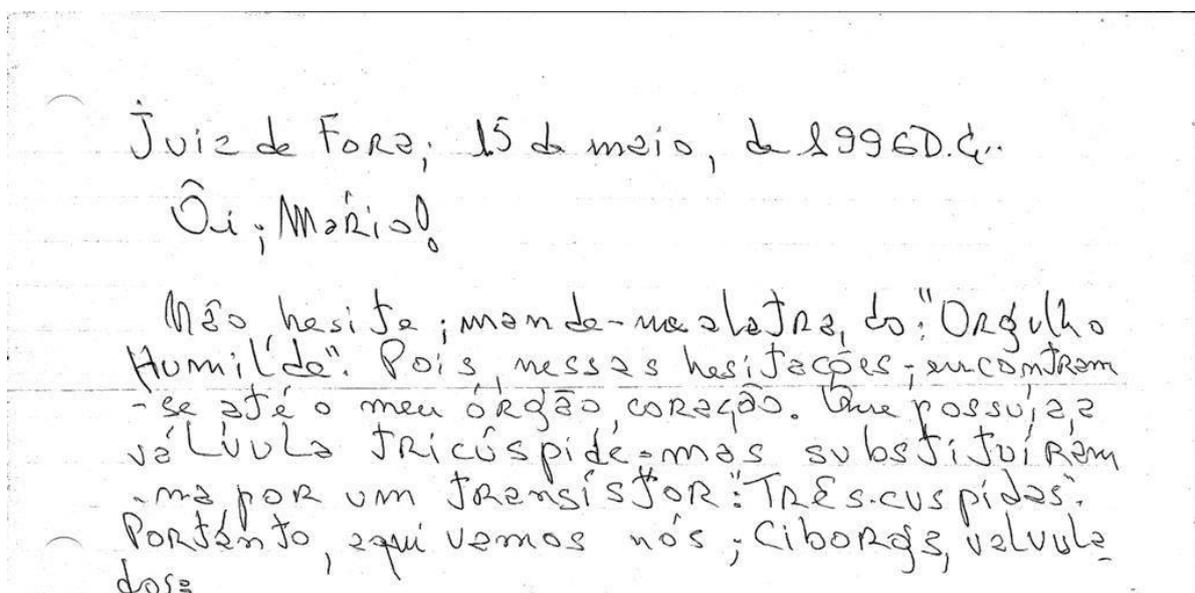
•
Eu costumava ir no Ed. Pioneiras Sociais, e não gostava dali por motivos óbvios, mas tinha excelente trânsito para dar bom dia a todos. De lá, atravessava-se para o SCS – Setor Comercial Sul. Nas lojas Americanas comprava-se chocolate e no primeiro prédio ao lado, o Ed. Infraero, dois rockeiros da pesada tiravam expediente. Um deles era o Célio de Moraes, com quem eu mantinha contato telefônico; o outro, meu xará Mário Linhares, de saudosa lembrança. Ambos desconheciam que um tio, o Zé Maria, trabalhava ali como advogado. Mário Linhares, recém-chegado do Ceará, era, segundo o que diziam, assessor do "Homem". Foi assim que eu chamei a fenomenal banda Khállice, onde ele cantava (originalmente, a banda cantava em português). Através da fita "Demo", deles, que eu saquei que eles seriam grandes.

O novo vocalista verteu as letras para o inglês. Por caprichos e falta de cessão à editora da versão em inglês, "Madman's Lullaby" não abriu o CD-tributo a Arnaldo Baptista. A Dabliú informou-me que a Rita Lee (que só leu a letra) e "apesar de não ter curtido, liberou a versão". Jamais a autorização dessa versão chegou ao escritório. No último minuto, a Dabliú limou a faixa de abertura. Little Quail queria abrir o tributo, mas Andy Costa, o chefe, disse que eles ficariam bem na sétima faixa e assim a cuidadosa seleção foi mutilada. Com o aborto de "Madman's Lullaby", a grande privilegiada foi a Nata Violeta abrindo com o rockão "Sexy Sua"!

A letra vertida para o inglês podia não ser grande coisa, mas a interpretação de Mário Linhares foi avassaladora. É uma das músicas da gaveta que usamos na rede. Ainda posso ter em VHS alguns minutos de "Madman's Lullaby" ao vivo com a Khállice no Garagem.

•
Fui produzir um disco de rock'n'roll e o Geraldo Ribeiro era um dos craques da espinha dorsal do projeto Arnaldo. Se oferecíamos um som mais compacto oferecíamos uma gravação mais despojada ou crua e nua onde podíamos gravar discos voadores e elevadores subindo no Radio Center. Então uma tarde fomos gravar as vozes de uma banda de blues a Ligação Direta. Geraldo tascou vamos todo mundo fazer o coro, pois no coro não precisa ser afinado. Foi um dos caras que traduziu gravou a nossa atitude.

Cavalgava num sonho e escutei uma voz: – Arnaldo Baptista! Assim ouvi falar de Arnaldo



Juiz de Fora, 15 de maio, de 1996.d.

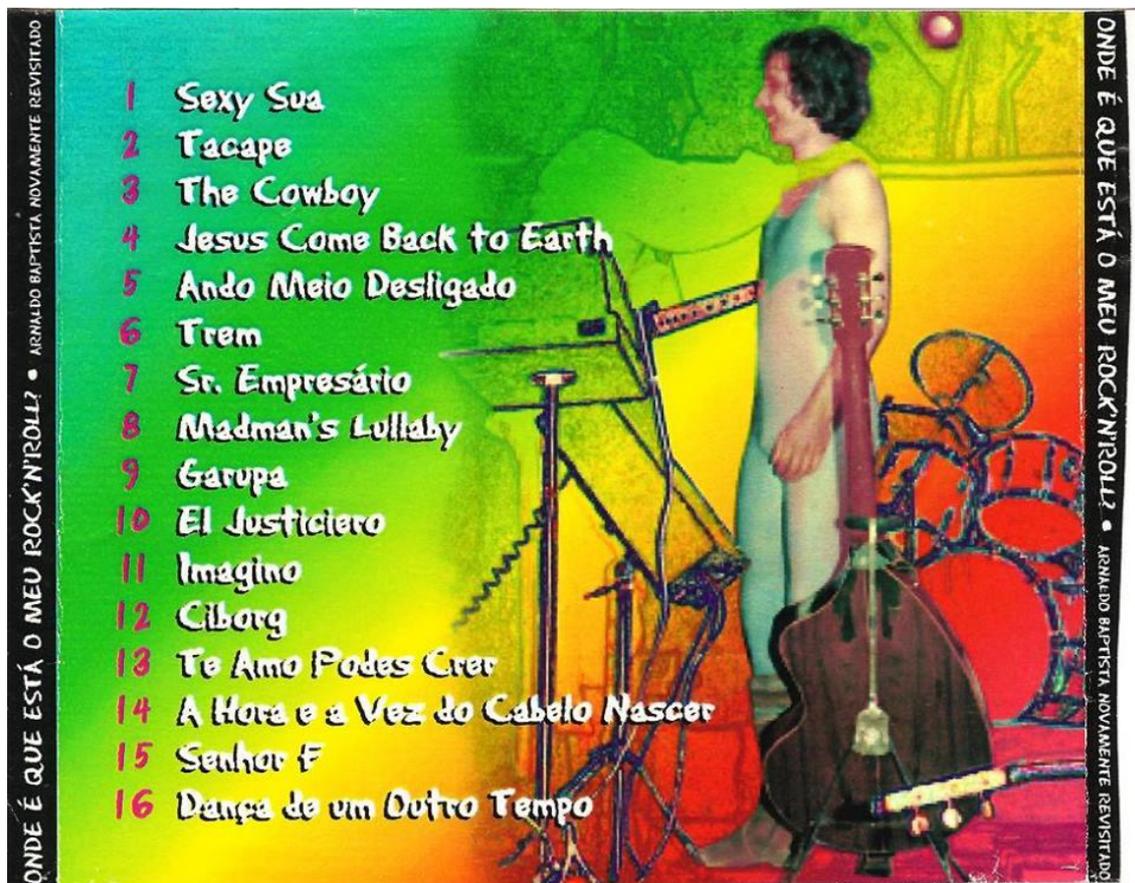
Ôi, Mário!

Não hesite; mande-me a letra do "Orgulho Humilde". Pois, nessas hesitações, encontram-se até o meu órgão, coração. Que possui, a ve Lúula tricúspide=mas substituírem=ma por um JrensísTOR: TRÊS-cuspidas.

Portanto, aqui vemos nós; Ciborgs, velvulo-dos.

Baptista. Logo de saída Onde é que está o meu rock'n'roll?" Será essa frase pode estar protegida?". Quero a capa assim... Não tenho mais nenhuma grana e preciso de mais meia hora de mixagem. O disco seguiu para a gravadora. Joguei o jogo dos empresários e dos advogados: empate: "O CD-master sumiu!". Se vocês não adiantarem as luvas, podem esquecer. Foi assim que cobri a minha casa, e minha mulher começou a respeitar as minhas loucuras com tendência suicida.

Arnaldo Baptista me encoraja levar a frente a nossa hipotética parceira em "Orgulho Humilde", eu faria a letra, um pedaço da letra existe, mas a coragem sumiu – beijo, Arnaldo lindo – foi por essas que eu fui limado e fumado



Meu veículo não utiliza carburadores (É elétrico)

Eu posso te mostrar o Se e você pode segui-lo

Terças e quintas formam um acorde /

Dó-mi-bemol' (sol) do – mi – sol (dó) – (dó) e (sol)

Foi quando eu me disse: "Saía dessa vida!", e eu me ouvi pela primeira vez. Em 1996, imprimir uma imagem de um zipdrive era grana, mas muita grana mesmo e eu já tinha impresso o encarte duas vezes, comprado o zipdrive e mandado via correios. Depois adulteram a capa. Nem sei como meu nome não foi degolado. Cara, ouvi tanta barbaridade que até hoje a pessoa não entende porque eu a mandei se f.! Quinze anos depois quando eu tive chance. Jornais vendidos como a Folha de S. Paulo vetaram o meu nome nas matérias. Ainda bem que em Minas Gerais e no Paraná meu nome ainda saía à luz do dia. E, quando o CD chegou, olhei a contracapa e tinham apagado o Sérgio Dias. O parto durou 24 meses – joguei na mão de satã, agora é com ele... "rock não é coisa do diabo?".

7 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Enciclopédia diz tudo sobre o cinema gay

19 JULHO – JORNAL DO BRASIL

Legião contra maus-tratos às crianças

Programado para setembro o novo disco da Legião Urbana detona três petardos que devem manter o grupo no topo do BRock. A sensível “Esperando você”, o single de trabalho “Via Láctea” e “Dezesseis” uma saga com o impacto narrativo de “Faroeste Caboclo” e “Eduardo e Mônica”. Conta uma trágica história teenager com sabor de James Dean. A capa terá o modelo artesanal de cartolina de *Equilíbrio distante*, o best-seller solo de Renato Russo. No encarte, o compositor defende uma nova causa, a das crianças espancadas – da favela à classe alta.

14 DE JULHO, CORREIO BRAZILIENSE

Legião eterna

Cultura brasiliense comemora os dez anos da obra mais vendida de seus 36 anos de história: *Dois*, segundo disco da banda de rock Legião Urbana, que foi lançado em julho de 1986 e atingiu o patamar de 1 milhão e 100 mil cópias vendidas.

- *Rock e nostalgia*

A foto que ilustra o encarte do disco *Dois* foi feita no Rio e tem como modelos o próprio baterista da Legião e uma amiga-namorada de Marcelo Bonfá, Érica.

- *Razões do coração*

O casal Eduardo Chaperman e Mônica Lavareda, homônimos dos personagens da música do *Dois*, imprimiu um trecho da letra em seu convite de casamento.

.....

- *O homem de cinco milhões de discos vendidos*

Em entrevista exclusiva, o vocalista da Legião Urbana fala de sua depressão clínica e da relação com a cidade onde passou a adolescência: “Tenho ótimas recordações de Brasília, mas também foi o lugar onde tive minha última recaída”.

Rio de Janeiro – Renato Manfredini Júnior nasceu no Rio de Janeiro poucos dias antes da inauguração de Brasília. Mas foi na capital sonhada por Juscelino Kubitschek, onde viveu dos 11 anos aos 25 anos, que o menino gordinho de óculos descobriu o rock’n’roll e realizou seu grande sonho. Maior letrista e cantor de rock do país, o trovador solitário já vendeu cinco milhões de discos.

Poeta elogiado por Chico Buarque, Renato Russo diz que “é do bem”. Sensível, parece sentir as dores do mundo. Não gosta da situação brasileira, sofre pelas enchentes, com a chacina dos sem-terra, com a sua dependência de álcool.

Depois de dois anos e meio longe das bebidas, Renato teve uma recaída da última vez que veio a Brasília, em maio do ano passado. No avião, viu o carrinho de drinques e não resistiu. Bebeu. Dói até hoje.

Em depressão clínica, ele vê tudo negro. Foi assim no dia em que recebeu o Correio Dois para conversa de mais de uma hora em seu apartamento no bairro de Ipanema. Russo estava visivelmente abatido enquanto falou sobre o país, sua recaída na bebida e assuntos como a morte dos Mamonas Assassinas. Quando a conversa mudou de rumo e chegou a Brasília, o clima era outro. Bem melhor.

As lembranças da infância e adolescência na cidade são agradáveis. Renato Russo fala com carinho de pessoas e lugares de Brasília, além das bandas do início dos anos 80. "Plebe Rude era a minha favorita. Escola de Escândalo e Elite Sofisticada também eram boas. Tirando a

parte das drogas, foi um período muito bom. O que a gente fazia era muito legal", diz o vocalista. **(TERESA ALBUQUERQUE)**

• Numa segunda-feira de julho de 1996, como já era de costume, recolhi os jornais do final de semana no gabinete e vi a matéria *O homem de cinco milhões de discos vendidos*. Mostrei a reportagem, de página dupla, à Maga, que a leu atentamente e, antes de terminá-la, fez um comentário impactante, desconcertante, que caiu como uma bomba em meu colo. Constrangido pelo assombro da observação, contestei suas palavras. Ela não deu muita bola à minha réplica. Três meses depois, a observação de Maga deixou de ser um vaticínio para ser a mais angustiante das notícias – Renato Russo morreu de Aids.

Com nome de personagem de gibi, Maga Magalhães era assessora de comunicação do GDF. Nordestina de pele clara, talvez cearense, conquistava as pessoas possivelmente por seu olhar que transmitia uma fibra de flagrante presença, como mulher e como profissional.

Apesar da cultivada inexpugnabilidade, ela, como todo ser humano, também tem seus momentos em que as defesas são rompidas pela necessidade de se livrar dos prolongados silêncios e do pesado fardo de problemas pessoais graves, não-compartilhados. Deixa estar que ela, intuitivamente, encontra em mim, logo em mim!, alguém que lhe transmite confiança e seriedade suficientes para um desabafo. Talvez o retrato em preto e branco do filho rebelde. Ela já percebera também que eu nunca fui de captar considerações alheias e de blablablá de corredores. Quer dizer, ainda que minhas manias e meu olhar de *Lucy in the Sky with Diamonds* denunciasses o contrário, acho que ela enxergou lealdade, e até cumplicidade, em meus olhos.

Voltando às dolentes inconfidências de Maga, ela me contou poucas histórias e estreitou a conversa até chegar a seus sofrimentos como mãe.

Maga era próxima de Renato Russo e foi a primeira (e única) pessoa que me disse que o Renato estava com Aids – na mesma hora em que leu a matéria, antes que a maioria absoluta das pessoas soubesse. Ela me contou que, quando estudava com Renato no CEUB, ele ia até sua casa e, nestas ocasiões, apresentou seu filho. Tanto assim que ele, seu filho, também morreu. De quebra, pra tragédia não ser só tragédia, o resultado dos exames dele foi vazado. Saquei que havia em suas palavras, também, um toque, sutil, para eu ter muito cuidado em não magoar minha mãe. Ela me contou como os mais sagrados protocolos eram implodidos pelas pessoas "acima de qualquer suspeita" e coisas de experiências e de sabedoria.

23 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE/ANTENA

É ouro!

A Polygram está soltando foguete.

Cássia Eller finalmente decolou, comercialmente. O álbum *Ao Vivo*, registro do show *Violões*, apresentado em maio, na Villa-Lobos, já vendeu mais de 100 mil cópias, conferindo à cantora brasileira seu primeiro disco de ouro.

Para comemorar a conquista, Cássia se apresenta dias 26 e 27 próximos no Metropolitan, Rio de Janeiro. **(IRLAM ROCHA LIMA)**

12 DE OUTUBRO – O ESTADO DE S. PAULO

Morre Renato Russo, "Hoje a nossa tristeza é tão exata..."

Após vários dias de recolhimento, durante os quais não se alimentou e manifestou sinais de depressão profunda, morreu na madrugada de ontem o cantor e compositor Renato Russo da banda Legião Urbana. Segundo o atestado de óbito a morte foi causada por septicemia, broncopneumonia e infecção urinária. Ele tinha Aids havia seis anos. Russo que morreu aos 36 anos, deixa um filho de 7, Giuliano. Daniela Mercury, sua admiradora, lembrava ontem uma de suas composições: "Hoje a nossa tristeza é tão exata..."

.....

Compositor quebrou silêncio em julho, numa entrevista publicada ao caderno Zap! (O Estado de S. Paulo), por conta do lançamento do mais recente disco da Legião Urbana, *A Tempestade* ou *O Livro dos Dias*. Gravamos 25 canções, mas daí nos tocamos da inviabilidade de, num último disco de um contrato, lançar um álbum duplo.”

“A gente pretende voltar a tocar, em palcos altos e lugares grandes, assim que passar todos esses meus problemas”. Quais? Não quis revelar. “Mas estou me tratando com meus remédios e fazendo análise.”

Renato era um poço de obscurantismo, monossilábico, que se escondia trás de um ar blasé. Tossia muito e interrompia a entrevista várias vezes para que seu renitente soluço passasse. Aliás, não tem uma pessoa que tenha encontrado Russo nos últimos tempos que não o visse doente, gripado, soluçante ou profundamente deprimido, o que intensificou os boatos a respeito de seu estado de saúde.

• *Via Láctea – Renato Russo* ★1960/ #1996 – **Jornal do Brasil/B Especial**

• **Médico** – confirma que músico tinha Aids há seis anos. Seu quadro agravou-se nos últimos três meses.

• Tárík de Souza – analisa sua importância na história do rock brasileiro e traça trajetória poética.

• **Sua sensibilidade** – extrapolava a lama. Era um nervo exposto da juventude e pulsando rock.

• **Hebert Vianna** – descreve sua personalidade multifacetada: sombrio e solar, dócil e turbulento.

19 DE OUTUBRO

Legião Urbana chega ao fim depois de 12 anos

Líder do grupo pensava em regravar trabalhos de Beto Guedes e Lô Borges

• *Russo está na galeria de poetas atemporais*

Renato Russo, compositor que marcou geração dos 80: terra que chamou de país do futuro engoliu mais um profeta da miragem.

.....
Cantor virou o signo de promessa pelo avesso num punhado de canções indignadas.

• *Solidão e tristeza eram companheiras do cantor*

Ele não gosta de badalação ou assédio e quatro meses antes cantava sozinho e bebia muito no bar Paz e Amor que frequentava.

ADEUS RENATO RUSSO

As cinzas de Renato Russo foram espalhadas por seus pais no Jardim do sítio do paisagista Burle Marx, no Rio de Janeiro. Em Brasília, ficou a pergunta: "O que será do rock da cidade depois da morte do cantor e compositor?" Renato Russo fica sem último desejo: Cinzas do roqueiro foram, enfim, depositadas em jardim de Burle Marx, mas sem as flores que tanto queria.

CONFISSÕES DE UM JANOTA

Eles da minha idade eram punks cabeludos que curtiam Stanglers e Ramones. Eles usavam coletes rasgados e gravatas. No Jornal de Música vinham as últimas do Melody Maker. Eu carregava uma caderneta. A onda do barato era cola e benzina. A banda deles, que era inspiração para nós, lançou seu disco. “Temos que melhorar. Ensaiar mais. No disco deles é tudo bem tocado, eles aprenderam”. Foi o comentário do mestre da guitarra. Envelheci aos 21

anos, vivia a letra de "Ainda é Cedo" e larguei tudo. Era muita responsabilidade. Durante a vida em Teresina ou em Buenos Aires, quando eles tocavam na rádio, meu coração apertava e eu só pensava em voltar para casa. Uma banda que é odiada assim só pode ser boa.

Em 1996, eu sonhava que Renato Russo cantasse no disco do Arnaldo! Eu tinha uma música do Arnaldo que só Renato Russo poderia cantar era *Singin' Alone!* O tempo passou e eu dei depoimentos em palcos e docs por aí. No Teatro dos Bancários fui ovacionado pelos fãs do Aborto Elétrico. Eu era palestrante convidado pela Maninha. Depois, fui curtir meu sucesso tomando cerveja no Conic sem falar nada pra ninguém.

Eu me perguntava: "Sou fã?". Tinha os discos. Quando do lançamento do meu livro, o nome *Renato Russo* me ajudou muito foi meu padrinho. Se aconteceu alguma coisa, devo a ele, a seu carisma, sua lenda, sua loucura.

20 DE OUTUBRO, O GLOBO

Little Quail vence a depressão com um beijo

Após ficar sem gravadora o Green Day de Brasília volta a fazer barulho com disco novo.

1996/97, A BOMBA!

Apresentou-se no Mississipi Club, com a Alto QI, no Clube do Blues. Eu estava alto como uma pipa, com mais de 4 toneis na cabeça. Tempos depois, fomos para o estúdio, tentar gravar esse som, mas a banda era verde para estúdio. Sobrou uma cassete com o Valdeci. Só me lembro disso. Vocês, Joubert Melo, Vladimir Soares e Fábio Caldas, na bateria, estavam no estúdio quando tentamos gravar.

MOMENTOS HISTÓRICOS

Argemiro (guarde este nome). Desde o início dos 80s, eu pensava em como ter um palco, as coisas eram difíceis em 1996. O então estudante da Escola Parque, Argemiro falou-me de um espaço palco-caminhão, onde possivelmente o Aborto Elétrico teria tocado. O caminhão-palco foi deslocado ao Guará para receber a reforma do piso (os alunos nunca conseguiram juntar o dinheiro). Neste mesmo ano, a outra parte da QE 40 começou a ser asfaltada e, antes que a Novacap retirasse o caminhão para entulho, numa blitz espetacular, trouxemos o caminhão para casa. Os planos de Argemiro eram encenar capítulos da Bíblia no palco-caminhão. Hoje, Argemiro que sempre foi um cara aguerrido, que acompanhava de perto nossa trajetória está morando em São Sebastião. Tristemente tem um mês que perdeu a sua esposa. Ano que vem faz 20 anos da instalação do palco-caminhão. Nosso reencontro foi um prenúncio.

1 DE NOVEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Legião na revisão

A cantora brasileira Célia Porto saiu na frente. Conheceu Renato Russo no Prêmio Sharp de 1994 e desde julho prepara com o tecladista Rênio Quintas o seu *Célia Porto canta Legião Urbana*. O CD já está na boca do forno.

• *Cazuza cai na teia virtual*

Família lança site do compositor com 17 letras inéditas. Gilberto Gil, Scarlet Moon e Ney Matogrosso prestigiaram o lançamento do site de Cazuza na internet.

1997

Foram os Paralamas do Sucesso que convenceram dado a tocar de novo em Brasília, nove anos depois do truculento show no Estádio Mané Garrincha. O guitarrista, que nunca mais tinha pisado num palco brasileiro, saiu do Ginásio Nilson Nelson de alma lavada.

Cécé sumiu antes no Rio de Janeiro e depois em Curitiba. Morou em Sobradinho, na Asa Norte e em Valparaíso. Uma de suas irmãs ainda vivia na QE 32, por isso mantínhamos contato. Em 1995/96, ele estava com o estômago costurado e nos encontramos. Sabíamos que eles estavam tocando na Elemento X. Eu conhecia Júnior Gordinho e encontrava Rich na Berlin Discos, reservando alguns LPs. Joel de Oliveira me levou pelas mãos até a chácara do Ricardo no Riacho Fundo e assim foi que ouvi o som deles de uma nova banda chamada ALÉM – após o que, me deu vontade de correr pelos verdes dos campos. Toda a mitologia da estrada foi recapeada. Pisaram fundo de 1994 a 2001. Levei alguns músicos para tirar som, mas eles estavam a fim de permanecer em casa.

A primeira banda que tocou foi Todas as Tribos. Eles surfavam na onda do reggae e faziam sucesso. Não há filme ou foto. Lembro-me de Cleiton Roots, com Zezinho Blues e gostaria de saber quem atuou naquela noite; o povo invadiu o gramado e dançou, a poeira e a fumaça subiram. Narcisa Fonseca também estava lá. Uma audácia. Rock preguiçoso e reggae (contradições).

O caminhão do rock começou a sua saga em 1997. Durante quatro anos, o duo ALÉM (Cécé e Rich) experimentaram suas longas suítes psicodélicas. Eu trouxe algumas bandas para dar movimento: Lú Blues & Skaravelho; banda cujo excelente guitarrista se chamava Luís, arquiteto. Com o fim do Capim Seco, formamos duas bandas: Karniça e Submundo Stewart

– está última o embrião da Banda Mais Lama (covers de Pink Floyd). Todas as Tribos, Terno Elétrico e Máquina do Tempo. Não me recordo como eles foram convidados, me lembro apenas que Jean 'Paice' tocou na bateria do Rich. Comecei a andar nos shows da Casa-Grande, banda do poeta Timm Martins e cujo baterista era Jorge L. irmão de Loro Jones. Tentava reconstituir o Extremo e convidava alguns músicos. Cécé morreu em 2001 e o som sumiu. No ano seguinte (2002) fizemos um show tributo ao Cécé. Comandado pelos grandes roqueiros da cidade destacando o Célio de Moraes nessa noite foram 3 baixistas!



•
 Numa mesa suspeita no Conic tomavam cerveja eu, Joel e Sandro, o taxista, aliás qual mesa não será suspeita? De supetão as vielas e escadas despejaram um batalhão de homens com uniformes pretos e cassetetes cães farejadores e fecharam tudo, pensei fodeu. – Relaxa, Marão. Os cães estão aqui para atuarem. – Atuarem?! – É, o Brazza está rodando o novo filme dele aqui.

Durante a filmagem só faltou helicóptero – numa cena externa, um dos vários vilões do filme sequestrava a mulher do bombeiro e atirava ela no banco de trás, a filmagem foi refeita duas vezes e Claudette Joubert dava chilique e pedia menos realismo e o corpanzil atirava ela de novo que arrumava a roupa curta e o cabelo. Um fotógrafo fez uma foto slide do Brazza naquela hora, jamais vista.

16 DE OUTUBRO

Sub-Way Video Fone: 224 9822	MAPA DA FITA 2/3
--	---

DATA 16/10/97	ASSUNTO KASSIRO	TEMPO : : :	CLIENTE Fone: Mário Pacheco
------------------	--------------------	----------------	--------------------------------

IMAGEM Nº	DE	ATÉ	COMENTÁRIOS
02	00 05 10	0 06 48	TEXTO 9 MESES ... VOCE CONCORDA??
03	00 00	03	PERNAS
04	00 00 10	00 00 55	EU COMEGARE... COMIDA!
05	00 01 20	02 01	SR MARIO 87
06	2 09	2 14	AUDIO
07	2 18	4 04	• TERMINOU COMPARAÇÃO
08	6 53	9 11	2 MESMO 7.08 E MORTA
09	9 12	11 32	TEXTO E MORTA
10	11 38	12 08	OCORRÊNCIA DE P. MIL MULHERA
10B	12 10	12 45	MESMO TEXTO
10C	12 10		
			FITA (3)
11	00 00	1: 31	TOMADA - Beat
12	1 41	5 07	NA NOITE NUNCA...
13	5 07		
13	8 53	9 06	O MÍO EXITO
14	9 33	11 29	BLADAS um dia me d' DE VARIAS two films
15	11 37	14 21	LOJO (que me two films) TRACISIO MEIRA
16	16 56	20 38	(OMISSO)
17	20 41	21 51	AUTOBOLISTA

1998

• “Em 1998, ocupamos a Casa do Teatro Amador. Limpamos tudo, pintamos paredes e oferecemos oficinas de teatro com apresentações. Logo, outros grupos questionaram por que só o Esquadrão da Vida utilizava o espaço, mas antes de irmos pra lá não queiram saber”, comenta Maíra Oliveira, nessa época, eles apresentaram a peça experimental *Óikos*.

• Acontece a *1ª Noite Cultural* do Açougue T-Bone.

10 DE MAIO – SÃO PAULO 3 X 1 CORINTHIANS

19º título estadual

26 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Capital de volta ao início

Com antiga formação, banda toca hoje de graça na Concha Acústica. Loro Jones, Flávio Lemos, Dinho Ouro Preto e Fê Lemos: a formação que gravou o primeiro disco do Capital Inicial volta para shows contra as drogas.

9 DE AGOSTO

Atravessávamos um período de grandes loucuras. Faziam quatro anos que eu tinha voltado ao rock'n'roll e aos jovens. Não é muito diferente de hoje. Meus amigos geralmente são 15 anos mais jovens e agora estou junto com os nossos filhos na casa de 20 anos. Faço o tipo de “o último refém do rock'n'roll”, mas nesses tempos entre 1994-98, botávamos a *f.* – eram os tempos que um duo maravilhoso chamado ALÉM tocou em nosso quintal e nossas almas. Edvar pintou num dia desses e pirou e deixou esse desenho – Kurt Cobain é Arnaldo Baptista e vice-versa, o resto são lendas no canto dos pássaros.

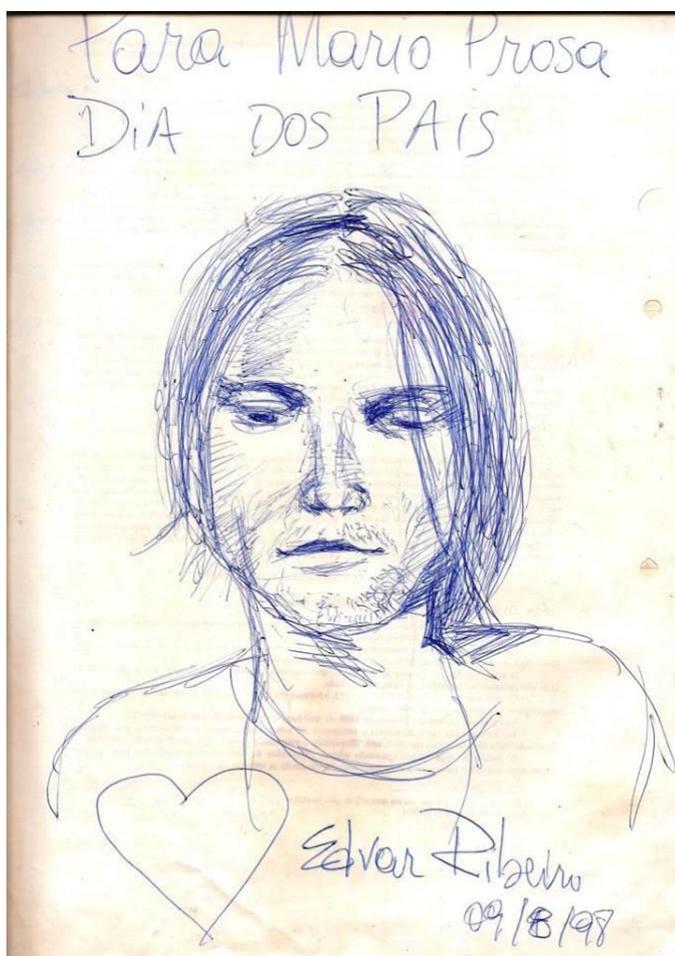
Eu e Edvar nas ilustrações voltamos aos fanzines, eles eram mais polpudos e na mesma de hoje feitos em pequenas tiragens – este era o flyer do par de revistas psicodélicas, não deu nem para o cheiro; o bom é que jogamos tudo na internet

A HEUSTÓRIA DO FRANGO

Uma das especialidades culinárias de Cécé era o frango desossado na grelha. O preparo demorava um pouco, paciência era necessário. Eles voltavam para o ensaio e deixavam o galeto assando. Uma noite, ao voltar, o frango misteriosamente sumiu! Por um tempo acreditaram que eu tinha escondido. Cogitei que um gato deveria ter levado, ao que eles comentaram: “Imagine o tamanho desse gato, deve ser uma onça”.

26 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE/ANTENA

Cassiano Nunes



Os poemas do professor e poeta Cassiano Nunes ganharão em breve edição especial bilíngue. A seleção dos versos de Nunes está sendo feita também pelo professor Mark Ridd, responsável pela edição em português/inglês que será lançada no dia 4 de setembro, no Instituto de Letras da Universidade de Brasília. **(NATAL EUSTÁQUIO)**

30 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Fluxus rompeu conceitos

21 DE OUTUBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Fluxus abriu novas perspectivas

22 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Uma história de sucesso

Ao lado dos amigos Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto, Paralamas estrelam especial para tevê.

•

Incrível como o céu de Brasília ou como nós tivemos que lutar muito para preservar algumas características. Nossos grandes trabalhos jamais levados à frente ou concretizados. Era o medo de ser famoso no deserto. Por isso, a onda sempre será underground, correndo abaixo dos sinais monitorados pelo grande Irmão, que não hesitava em denegrir, do tipo “muito louco”, e era muito louco mesmo! Tínhamos o Edvar nas artes, o Cécé na guitarra, toda a energia do Zezinho Blues soprando a gaita, o embrião da Banda Mais Lama e no palco gente da Let it Beatles, da Terno Elétrico, do Juca Sequela do Farrapo Joe – o rock era arte, só tinha a energia elétrica, nada de facilidades e havíamos começando a segunda dentição do movimento invisível em 1995. O clipe profissional da Bomba, (1998) ainda hoje no ar, uma história de luta, uma heustória rica, que a gente carrega e que hoje é muito mais fácil explicar editar imprimir.

Rock, rock sempre na encolha entre 1994 a 2001. Dois integrantes do trio Extremo voltaram a tocar juntos (a situação é parecidíssima com a de hoje) *Do Próprio Bolço* foi fazer a ponte de gerações quando surgiu a cena da música psicodélica brasileira. Eu desconhecia bandas psicodélicas até então na superfície de Brasília. Essas bandas eram inspiradas nos Mutantes. Daí surge o CD *Onde é que está o meu rock'n'roll?* Primeiro lançamento em CD de uma coletânea de Brasília. Falo de gravadora de outros estado, São Paulo. No piso do salão de sinuca, muitos membros dessas bandas psicodélicas pintaram para canjas – canjas ralas de aparelhagem e vontade, pois os artistas gostam de se esconder.

•

Do nada, do nada Cécé chegou com um par de caixas de som planejadas por ele – na foto o seu pequeno amplificador Peavey – foi uma tarde feliz de inauguração – eu pregava as tábuas do caminhão e esperei um longo tempo para o jardim dessas quaresmeiras florirem – Rich tinha mais energia montava e carregava tudo – o bumbo da bateria vinha em cima do teto do Passat verde – o som era de San Francisco nem havia vizinhos.

A aparelhagem era parca – conectávamos tudo que tinha cabo e entrada. Tinha um som 3 em 1 Sharp, com surround e quatro caixas que ligavam a voz ao gramado do jardim super verde, onde a Submundo Stewart tocava um cover do Pink Floyd original. Ô época de piração! E eu tinha arrastado a minha mulher. Zezinho Blues, Todas as Tribos, Terno Elétrico, Lu Blues foram as primeiras bandas a abrirem espaço para os caçulas psicodélicos e a grande escola do ALÉM – que era o duo Cécé e Ricardo de grandes exibições e shows que jamais realizamos fora das chácaras.

1999

21 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Legião Urbana ganha reeleitura portenha

Banda argentina Ataque 77 lança disco com a faixa "Perfeccion", versão em castelhano da música de Renato Russo. O Ataque 77 regravou no recém-lançado CD *Duas Canciones*, que já vendeu 25 mil cópias na Argentina.

24 DE JANEIRO

Ilusões

MAN RAY: PHOTOGRAPHY AND ITS DOUBLE

Em cartaz até dia 24 no International Center of Photography – Midtown, em Nova York. Sexta Avenida com a Rua 43. Exposição em Nova York celebra em 250 fotos a arte dadaísta e revolucionária de Man Ray.

17 DE FEVEREIRO

Bigroove aposta no pop radiofônico

A banda brasileira grava o primeiro álbum no Zen Studio. Com produção do saxofonista Milton Guedes.

30 DE MARÇO – JORNAL DO BRASIL/FORTUNE AMERICAS

A batalha para controlar seu celular

Qualcomm e Ericsson batem-se em duelo para controlar o futuro das comunicações sem fio.

5 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Impasse emperra disco de Salimon

10 DE ABRIL

Em diferentes estações

Dado e Bonfá tocam projetos individuais e esperam CD acústico da Legião. Enquanto o guitarrista Dado Villa-Lobos toca com Paralamas e produz bandas novas, o baterista Marcelo Bonfá prepara sem pressa o primeiro disco solo.

O lançamento do CD Acústico MTV da Legião Urbana é aguardado com ansiedade pelos inúmeros fãs da banda brasileira. Depois de dois adiamentos da data de lançamento, a gravadora EMI Music promete o pacote – que inclui o CD e o vídeo da apresentação desplugada do grupo, em agosto de 1992 – para maio.

30 DE MAIO

Quem foi Zé Rodrix?

Onde ele possa plantar os amigos...

30 DE JUNHO

Sala Funarte pode ser reativada

Convênio prevê recuperação de Teatro, que se tornou dormitório para desocupados.

SEBOS DE BRASÍLIA

COMPRA, VENDA E TROCA DE LIVROS, REVISTAS, GIBIS, DISCOS (VINIL) E CD'S.

TAGUATINGA

ANTIQUÁRIO FORTALEZA (BANCA)

C 6 - Lote 06 - Taguatinga Centro
Ao lado do Bradesco - Fone: 563-8527

ARMAZÉM DO LIVRO USADO

CNB 06 - Lotes 04 - Lj. 01 - Taguatinga Norte
Rua da Kitoca Calçados
Fone: 562-6868

SABER LER

C 12 - Bloco C - Loja 14 - Taguatinga Centro
Atrás do Banco do Brasil
Fone: 563-1097

CLUBE DO LEITOR - Locadora de Livros

Lateral da Adm. Regional
Av. Com. Centro
Fones: 561-4551/562-4352

SEBO UNIVERSITÁRIO

C 7 - Lote 13 - Sala 9 - Gal. Hotel Solar
Frente ao Colégio Stella Maris - Taguatinga Centro
Fone: 562-4352

PLANO PILOTO

ANTIQUÁRIO FORTALEZA II (BANCA)

W3 Sul 511 - Entre Blocos B / C
Fone: 346-5538

BANCA DE LIVROS USADOS

SCS Quadra 02 - Galeria do
Edifício Goiás

BERLIN DISCOS

SDS Bloco "L" - Loja 63
Fone/Fax: 226-3106

COPE - LIVROS E REVISTAS - Matriz

SCLN 409 - Bl. "D" - Lj. 23 - Asa Norte
Fone/Fax: 274-1017/273-1687

COPE - LIVROS E REVISTAS - Filial

SCLRN 715 - Bl. "F" - Lj. 23 - Asa Norte
Fone/Fax: 347-9200/447-2249

FLOR DAS ÁGUAS

SCLN 406 - Bloco "D" - Loja 32 - Asa Norte
Fone: 347-7074

LENDO E PINTANDO

SCLN 309 - Bloco "C" - Loja 14 - Subsolo
Fone: 273-1326 - Asa Norte

LIVRARIA ANTIQUÁRIO

CLS 108 - Bloco "A" - Loja 05 - Asa Sul
Fone: 244-0560

LIVRARIA DO CHICO - LIVRARIA DO IMAGINÁRIO

UnB - Campus Universitário Darcy Ribeiro
Ala Norte - Minhocão
Fone: 985-5967

LIVRARIA PINDORAMA

W3 Sul - 505 - Bloco "A" - Loja 41 - Asa Sul
Fone: 443-3425

MUSICAL CENTER

SCLN 215 - Bloco "C" - Loja 37 - Asa Norte
Fone: 274-0763

SAMARCANDA - Locadora de Livros

CLS 207 - Bl. C - Loja 35 - Asa Sul
Fone: 244-7022

SEBINHO DE LIVROS E CD'S

SCLN 406 - Bloco "C" - Loja 44 - Asa Norte
Fone/Fax: 272-3090 / 274-7344

ENTORNO

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA GÊNESIS

Qd. 709 - Lote 04 - Loja 01 - Pedregal
Fones: 628-5120 - BIP 321-0410 (618-4036)

6 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

*Turnê brasileira em
ritmo de choro*

Projeto criado em
Brasília pretend elevar
shows a 20 capitais.

O flautista Carlos
Poyares é um dos
músicos brasileiro
sincluídos no projeto
Lamentado Choro.

12 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

A cantora e guitarrista
brasiliense acaba de
estrear em carreira
solo. Ex-integrante da
banda PUS, Syang
(ex-Simone Death)
está lançando o CD
que leva seu nome
pela gravadora WEA.
Ao contrário de seus
tempos de PUS,
quando apostava no
rock pesado, sem eu
próprio disco Syang
preferiu investir em
uma música mais
acústica, com baladas

com cordas e muitos teclados. A produção do CD é de Carlos Trilha, que trabalhou nos discos solos de Renato Russo. O álbum conta com as participações de Kiko Perez, primo de Sy e integrante dos Nativus, e de Ronan, companheiro dos tempos de PUS.

7 A 13 DE JULHO – INVERTA, SEMANÁRIO COMUNISTA

Real 5 anos depois:

Mais de 10 milhões de desempregados, dívida pública de R\$ 500 bilhões, queda da economia de 5,9% para -0,2%, maxidesvalorização da moeda...

Nada a comemorar nos cinco anos do Plano Real. Os fatores negativos na economia brasileira estão claros: o PIB caiu de 5,9% em 94 para 0,2% em 98 como consequência da política neoliberal do governo FHC. A dívida interna subiu de R\$ 153 bi em 94 para R\$ 500 bi em 99. O desemprego batendo recordes. Esta é a cara do Real, povo sem trabalho, moradia e sem dinheiro para comer.

O Ministro do Trabalho Francisco Dornelles afirmou que devem ser modificados os cálculos do índice de desemprego do IBGE. Tudo para mascarar o desemprego que assola o país.

INSUMIDOR PROD. MOD. 002 SÉRIE D
 Portaria SEFP/DF n.º 01/99

E-MAIL: **casalivrobsb@zaz.com.br**

BRASÍLIA LTDA.
 arte, venda de gravura,
 de livros e congêneres,
 copiadora xerox, discoteca.

Fones: (061) 224-3472 - 224-1378 - Fax: (061) 224-3387

SDS Bloco "O" Lojas 3, 9, 13, 17 Ed. Venâncio VI CEP 70393-900 - Brasília-DF
 CF/DF 07317089/001-05 CGC-MF 00314641/0001-10

Data da Emissão: **08/07/99** VALOR **62.80**

O ICMS já está incluído no preço das Mercadorias

Código	Quant.	Descrição	P. Unitário	Total
01		Paranahador no campo de Cerrito		24.50
01		O rei da vela		7.00
01		Ugo, vulgo almeriyada (P)		8.00
01		Uibel del leato (P)		13.00
01		Barulho		10.30
TOTAL				62.80

GRAFIBRAS Tadeo Mae & Cia. Ltda. - SIG Conj. "A" Lotes 1/3 - Taguatinga-DF - Fone: 561-3838 - Fax: 561-0339 - CGC 00105098/0001-01
 CF/DF 07308480/001-76 - 150 Telêes 50x3 - 001 e 7.500 - AIDF 1-213-00356/1998 - 29/01/98 Mod. 002 - Série D

8 DE JULHO - BLUES DO ÁCARO

RASM - Revista Anual do Salão de Maio (1939,) claro que é uma reedição de 60 anos com 10% de desconto saiu por R\$ 22,50; O primeiro terço é o único livro escrito por Neal Cassady - esses eram os livros vendidos pela Casa do Livro de Brasília outra arte era conseguir um desconto com o Sr. Hargreaves e eu sabia que o meu Barulho havia sido comprado lá.

26 DE JULHO - CORREIO BRAZILIENSE

Plebe está de volta aos ensaios

Do nada, do nada Cécé chegou com um par de caixas de som planejadas por ele - na foto o seu pequeno amplificador Peavey - foi uma tarde feliz de inauguração - eu pregava as tábuas do caminhão e esperei um longo tempo para o jardim dessas quaresmeiras florirem - Rich gastava mais energia para montar e carregar tudo - o bumbo da bateria vinha em cima do teto do Passat verde - ao som de San Francisco ainda não havia vizinhos.

NOTA FISCAL DE VENDA A CONSUMIDOR AIDF n.º 1.213
 MOD. 002 Prorrogada

A CASA DO LIVRO DE BRASÍLIA LTDA.
 Livraria, papelaria, galeria de arte, venda de gravura,
 reproduções, distribuidora de livros e congêneres,
 copiadora xerox, discoteca.

Fones: (061) 224-3472 - 224-1378 - Fax: (061) 224-3387

SDS Bloco "O" Lojas 3, 9, 13, 17 Ed. Venâncio VI CEP 70393-900 - Brasília-DF
 CF/DF 07317089/001-05 CGC-MF 00314641/0001-10

Data da Emissão: **04/08/99** VALOR **22.50**

O ICMS já está incluído no preço das Mercadorias

Código	Quant.	Descrição	P. Unitário
		Rasm	
		des 10 %	
TOTAL			22.50

GRAFIBRAS Tadeo Mae & Cia. Ltda. - SIG Conj. "A" Lotes 1/3 - Taguatinga-DF - Fone: 561-3838 - Fone/Fax: 561-0339 - CGC 00105098/0001-01
 CF/DF 07308480/001-76 - 150 Telêes 50x3 - 001 e 7.500 - AIDF 1-213-00356/1998 - 29/01/98

19 DE AGOSTO - CORREIO BRAZILIENSE

As duas apresentações que Cássia Eller faz na cidade neste final de semana abrem aturnê nacional para lançamento do novo disco, *Com Você Meu Mundo Ficaria Completo*, que chegou à slojas em meados do mês passado. De Brasília, Cássia e banda seguem para temporadas no Rio de Janeiro (Canecão) e São Paulo (Palace). Na sequência, virão as regiões Sul e Nordeste. **(NATAL EUSTÁQUIO/ANTENA)**

No dia seguinte, sou colocado à disposição mais uma vez e novo e outras vezes virão... Segui para a Sibéria. Tenho orgulho das carreiras de produtor e a do serviço público – elas se embarçam e andam de mãos juntas.

Era quando eu dava tiro para segurar a terrinha.

Eles tinham promovido o maior boicote da heustória cultural do rock'n'roll contra mim (perdi minha linha telefônica e fui processado) e acharam que algum dia eu esqueceria ou agradeceria. Até a Folha de S. Paulo caiu como patinho. Então a Palavra, a melhor revista literária, veio dar a Mário o que é de Pazcheco – sem telefone, sem poder dar entrevista e no trabalho. Ninguém entendia o meu drama quando fui demitido por usar o telefone do Roriz por fazer interurbano.

Rock'n'roll, lhe dei meus melhores empregos.

•

Mal eu recebi as 50 cópias do CD *Onde é que está o meu rock'n'roll?* – a minha cota como produtor – e logo dividi a metade com o nobre guitarrista, saldando a dívida dos 600 reais gastos por ele na produção do mesmo empreendimento cultural. Onde a sua banda participa, seu nome figura com o crédito de produtor executivo. Dos 25 que me restaram em estoque, repassei 22 CDs para integrantes das bandas – dois CDs me acompanham até hoje. O último escampei com Sérgio Dias, no *Bananada* em 2002, por um trabalho dele. Mário Pazcheco, 33 anos de rock'n'roll, sem dever nada a ninguém e com farta documentação. Até peido gravado para calar qualquer boca.

10 DE NOVEMBRO

Rebeldia digital

Clássicos do Rock Brasília dos anos 80, os primeiros três discos da Plebe Rude, *O Concreto Já Rachou*, *Nunca Fomos Tão Brasileiros* e *Plebe Rude 1988* são relançados em CD.

Este ano é especial para André X, Gutje Woortman, Jander Ameba Bilaphra e Phillippe Seabra. Depois de cinco anos de silêncio, os quatro integrantes da banda brasiliense Plebe Rude voltaram a tocar juntos e vão gravar

• *Nativus lança novo CD e troca de nome*

Banda brasiliense volta às paradas com novo disco e inicia campanha para mudar identidade por exigência legal.

14 DE NOVEMBRO

Liliane Entrevista (TV Apoio)

Inédito Renato Russo exclusivo

Renato Russo, o maior poeta do rock brasileiro, escreveu o sucesso “Pais e Filhos”. Agora Maria do Carmo Manfredini, sua mãe, vai contar tudo sobre a intimidade do seu filho. Meninos e meninas vão adorar a Geração Coca-cola vai vibrar Eduardo e Mônica vão amar e você? Será que vai deixar o tempo perdido ou escreverá com giz a nossa perfeição?

15 DE NOVEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Espaço porno-cultural

Dênis de Oliveira, além de ator, quer ser diretor. Ele pretende realizar um filme no próximo ano. Ator e empresário do Conic, quer transformar a boate Millenium em espaço de convivência da arte com o erotismo.

15 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Folias no subsolo

Primeira boate gay de Brasília, a New Aquarius faz 25 anos e continua um ponto tradicional de shows e muita descontração no Conic. Oswaldo Gessner, dono da New Aquarius, que hoje ocupa oito salas no subsolo do Conic.

25 DE NOVEMBRO

O ska-rock do Amanita Muscaria

Festival da Cultura Calango prossegue hoje à noite no Gate's.

2 DE DEZEMBRO

Funcionários da Novacap bloquearam o portão principal da empresa para reivindicar melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Quinze policiais do 4º Batalhão de Polícia Militar foram enviados ao local, mas não conseguiram controlar a situação.

A polícia forçou a abertura dos portões e os manifestantes resistiram. Cerca de 100 homens do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do 4º BPM foram acionados. De acordo com a versão oficial dada na época, eles usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogênio e dez cães para dispersar os grevistas. Dez minutos depois da confusão, os feridos foram socorridos. No confronto, o jardineiro José Ferreira da Silva morreu e outros 35 sindicalistas ficaram feridos.

- *Salimon estreia na carreira solo*

Ex-vocalista do BsB Disco Club lança 33, no Teatro dos Bancários.

4 DE DEZEMBRO

Em nome do reggae

A banda que se chamava Nativus lança segundo CD com show no late Clube. Alexandre Carlo, vocalista do Nativus: "Não é o nome que vai atrapalhar a carreira da banda".

18 DE DEZEMBRO

Dupla arretada: Raimundos e Cássia Eller Fazem noite explosiva hoje

Bug do rock, Pistão Sul, Taguatinga

Quase todos os integrantes dos Raimundos já tocaram em cidades fora do Plano Piloto: Fred, quando baterista do Roque E Os Billies; Digão, no Filhos de Mengele; e Rodolfo, no tempo de vocalista do Royal Street Flesh. Mas só agora, com oito anos de carreira, Os Raimundos desembarcam numa dessas localidades do Distrito Federal.

Rodolfo, líder dos Raimundos, banda que considera Cássia Eller a mulher mais rock'n'roll do país.

Cássia Eller, prestou atenção ao som dos Raimundos por causa do filho Chicão, de seis anos.

20 DE DEZEMBRO

Guitarras com engajamento

Sem Destino lança primeiro álbum e diz que o rock brasileiro é "um vulcão adormecido e alienado".



Essa foto foi feita em 2000, por Marta Benévolo, para a divulgação da coletânea paulista *Brazilian Pebbles*, pela Baratos Afins, onde a Máquina do Tempo participa com "A Terra parou".

Foi a última vez que eu dirigi um clipe, eu pedi ao baterista para se despir, ele não aceitou, e eu empaquei: "Que diabos de banda de rock é essa?".

2000

SUBLITERATURA ENGAVETADA

Fui fazer um novo livro e ele passou cinco anos na gaveta do editor – só saio daqui com os originais –, nesse ano ocorria uma tempestade que eu não sabia se era a realidade ou o livro. *Lapso* era rebelde, impróprio, era difícil de ser ingerido – volta e meia penso nele: “o meu pior trabalho”. Tem que ser ilustrado como um pesadelo. Coisa de hospício mesmo!

•

De penetra numa festa bacana dos Professores. A *Antologia do conto brasileiro contemporâneo* fez barulho. Muitos tinham os nomes na capa da publicação e, *pqp*, quando peguei o livro, soltei o grito. Realizei o sonho de estar ao lado do imortal Sarney e do professor Cristovam. Correram para ver se meu nome figurava mesmo. Alguns sabiam que era mais uma picaretagem genial de maluco. De qualquer forma o vinho desceu docemente.

A mais completa Antologia dos Escritores Vivos do DF. Todo mundo aqui: Behr, Sarney, Cristovam, Menezes y Moraes, e, entre os mais jovens e loucos, me colocaram.

PUBLICADO ANTOLOGIA CONTEMPORÂNEA DO CONTO BRAZILIENSE

Aquela entrevista sobre os restos remexidos de enlatados importados no contêiner residencial da Península dos Ministros denunciou, por parte do nababo, o desperdício de farta munição contra a fome. O lixo exposto pela reportagem da Globo satisfaz a gula jornalística e suscitou reprimendas típicas do regime das fardas.

Na hora do almoço na Esplanada dos Ministérios, em condição similar aos excluídos da Rodoviária, apesar da qualidade inferior do lixo, os miseráveis caçadores de papéis, fiéis degustadores, amontoados em maior número, “sentam à mesa” e banqueteiavam-se com as fartas sobras.

•

Eu gosto de falar sobre literatura, pois é um processo privado (a única coisa que se faz sozinho).

O livro que jamais foi concluído foi chamado de *Lapso*. Isso foi no ano 2000. Eu queria implodir a minha carreira. Estava revoltado com Editoras e cansado de imprimir brochuras. *Lapso* era um coquetel de loucuras e doenças mentais e a barra pesou mesmo – o que aconteceu? Eu atraí essa imensa nuvem negra e por anos ela ficou me molhando. Saí mais forte, aprendi (*Lapso + Aventura sem dublê*) um livro conjunto é projeto meu. Nada foi em vão.

FURIOSO AUTOMOBILISTA CIVIL

Metida no hábito alvinegro, a velhinha beata violentamente colide com o para-brisa do carro. Ela nem percebe que está voando – seus olhos sem vida e macerados encaram pela última vez o rosto atônito do condutor ao volante. Vagarosamente, os ossos partidos e trincados da anciã rolam abaixo do carro. Na preocupação de pegar o “baú”, ela saiu correndo, atravessou a pista e a bólida luminosa foi sua última visão.

Bem mal. Isto será a manchete do matutino, ou a noviça geriátrica escapou e nem precisou levantar voo? Graças a Deus, não era o dia, a visão do motorista e seus reflexos foram suficientes para evitar a colisão.

O atropelador segue à universidade para ter os livros e os vistos renovados – lá as secretárias idênticas, atrás do balcão, conectadas aos terminais vestidas de bonitas, o atendem. Com as mãos sujas de sangue, ele renova os vistos. Elas também poderiam sair às cegas atrás dos coletivos... Ele imagina.

- “Após o ano 2000, as únicas pessoas que será seguro ter como amigas serão pessoas mortas.” (**HUNTER S. THOMPSON**)
- “Em 2000, passei a sair na rua com um carrinho de supermercado pedindo discos por todo o Guará 1 e 2. Na primeira rua que eu baixei, já inventei o *Museu da Música*, que antes era o *Museu do Vinil*.” (**RICARDO “RETZ”**)
- “Aonde a vaca vai / O boi vai atrás” – Eu e Rogério Duarte no Tropicão em constante surto tropicalista, em ardente espiritual cômico – da série gurus sem casaca. Rogério falava sem caos de consciência sobre o tropicalismo, mas eu não estava ali para anotações. O transe era Glauber e que o mundo monte o meu documentário enquanto eu estiver aqui.
- Waly Salomão lança *Tarifa de Embarque*.
- O álbum *Tecnicolor*, d’Os Mutantes, gravado em inglês na França, em 1970, é lançado finalmente.

17 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Plebe Rude na Villa-Lobos

A edição de verão do projeto *Arte Por Toda Parte* se inicia quinta-feira (e continua até 27 de fevereiro), às 21 h, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, com show da banda Plebe Rude. O grupo, que fez sucesso nos anos 80, está de volta à ativa. Nessa apresentação, além de músicas antigas como “Proteção” e “Johnny vai à guerra”, a Plebe Rude irá mostrar as novas composições de seu repertório. Nas próximas semanas, estarão em Brasília Cássia Eller, Capital Inicial, Zélia Duncan, Raimundos, Paralamas do sucesso e a banda Ex-Nativus.

20 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

O teatro dos roqueiros

Bandas brasileiras dos anos 80 e 90 invadem a Sala Villa-Lobos a partir de amanhã. Um privilégio da Legião Urbana sobre as bandas surgidas no boom do Rock Brasília, na década de 80 e depois conhecidas nacionalmente, a Legião foi a única a se apresentar na Sala Villa-Lobos – considerada o templo da cultura da capital.

21 DE JANEIRO

Plebe Rude show de abertura do projeto *Arte Por Toda Parte*.

2 DE FEVEREIRO

Em busca de parcerias

Projeto precisa de recursos da iniciativa para sair do papel.

Objetos do cantor Renato Russo, incluindo livros, quadros e discos do acervo pessoal, farão parte do memorial que será aberto na 508 Sul.

“O Memorial Renato Russo, a ser instalado em uma das galerias do Espaço Cultural Renato Russo, apresentará acervo em caráter definitivo. O Memorial deverá conter parte de objetos do músico, como também recursos de interatividade e multimídia que contarão a história do cantor e toda a trajetória pessoal e profissional dele.” **(SÔNIA PAIVA, ARTISTA PLÁSTICA)**

4 DE FEVEREIRO, JORNAL DE BRASÍLIA

Hoje tem Capital Inicial

A banda, atração do *Arte Por Toda Parte*, apresenta na Villa-Lobos repertório do CD *Atrás dos olhos*. O grupo está se preparando para gravar um disco acústico.

2 DE MARÇO, CORREIO BRAZILIENSE

Arte pela metade

Média de público do projeto *Arte Por Toda Parte* decepciona artistas locais.

Cássia Eller foi assistida na Villa-Lobos por público de 1.286 pagantes.

Fim do verão do *Arte Por Toda Parte*. Hora de apresentar os resultados do projeto que teve como marca os preços populares – R\$ 5,00 e R\$ 10,00 – e a descentralização dos espetáculos para todo o Distrito Federal.

23 DE MARÇO

Capital para fãs e MTV

Grupo de Brasília rompe amarras do formato acústico.

Dinho e Zélia Duncan cantaram juntos “Eu vou estar”, uma das 17 músicas do programa.

24 DE MARÇO, JORNAL DO BRASIL

Multishow apresenta Tributo a Renato Russo

Com um especial inédito, o Multishow homenageia o talento de Renato Russo no mês em que o artista completaria 40 anos. Rodolfo (Raimundos), Cássia Eller, Paulo Miklos (Titãs), Paulinho Moska, Toni Garrido e Wilson Sideral interpretam as canções deste grande poeta do rock.

- *Tributo à Legião vetado em disco*

Programa vai ao ar hoje no Multishow, com 12 artistas, precedido de making of.

Cássia emociona com “Vento no Litoral” e Paulinho Moska faz uma correta “Meninos e meninas”.

27 DE MARÇO, CORREIO BRAZILIENSE

Data natalícia de Renato Manfredini Júnior, que estaria completando quarenta anos, se vivo fosse.

O Brasiliense Renato Russo

- *A vida em meio ao concreto*

A família Manfredini conta como era a vida do adolescente Júnior antes de se tornar ídolo nacional.



- *Um nome que não morre*

A diferença de Renato para outros ídolos do rock é que ele era um mito, e tinha consciência disso.

- *Alguém com quem conversar*

Quem conviveu com Renato Russo antes da fama tem fortes lembranças da generosidade do amigo.

- *Tão jovens*

Idolatria atinge até fãs que nasceram depois do lançamento do primeiro disco da Legião, em 1985.

- *Entre o passado e o futuro*

Ex-guitarrista da Legião Urbana, Dado Villa-Lobos cuida do legado da banda, mas tem planos para alcançar voo solo. Dado Villa-Lobos confessa que é difícil administrar o espólio da Legião: “Sinto uma pressão enorme, sobre-humana. É um trabalho desgastante”.

11 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Psicodélico

23 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

O poeta em concerto

Renato Russo Sinfônico tem apresentação única no Teatro Nacional. Renato Russo é homenageado em concerto que deve ser gravado e se transformar em CD.



ROCK NO FÓRUM

Até 1999, eu era um bêbado inconveniente. Ano seguinte, na qualidade de réu, passei a frequentar os corredores do Tribunal de Justiça. Pelos corredores, as agentes de camiseta preta e óculos rayban escoltavam os presos de chinelas – não precisava ver os olhos delas para saber que defendiam “bandido bom é bandido...”. Eu morria de medo de um daqueles detentos pegar uma arma. No umbral da sala de audiência, a contraparte interessada do meu processo arrostava-me oficialmente, tentando me reduzir a pó de traque, pré-julgava-me. Eu jogava alucinadamente pela minha vida – como homem, como cidadão. No corredor tem uma espécie de

mediador/segurança (acho que está lá desde a inauguração do prédio). Aproximei-me dele e denunciei timidamente: “Moço, aquela pessoa é a contraparte do processo, e não para de me encarar...”. O agente deu alguns passos e solicitou ao pequeno abutre que parasse de me intimidar com os olhos. Lógico que o sicofanta continuou me enquadrando. Sentei-me e contemplei fixamente meus sapatos (evidente que com aquele gesto de teatral indiferença, presumi ter destruído psicologicamente meu hostil querelante). Já dentro da sala, ao me verem, os promotores e o juiz não conseguiam segurar o riso. Eu era superpopular e bonachão, uma mistura de Silvio Santos e Raul Seixas, naquele episódio da capa. Eu demolia e cuspi labaredas de fogo e tinha o raciocínio rápido e respostas capazes de fazer até estátuas ouvirem. A pior hora era quando o advogado da outra parte, sentado ao meu lado, tinha que se levantar para defender o grileiro. Eu não sabia que ele era o advogado, mas sabia que ele não recebia honorários e que estava ali em favor. Então eu metia a mangueira e a sala ria, ria como um auditório. Depois disso passei a me achar uma estrela da picardia e por um bom tempo não tive cagaço de palco.

DIAS DO TROVÃO OU QUANDO SE TEM QUE SE PEGAR O TOURO PELO CHIFRE

Na virada do milênio, eu estava tendo problemas de verdade. Problemas fundiários com a escória da humanidade, representada condignamente por capangas pagos do Entorno do DF. Juntei-me a rajneeshs e pais de santo. Acendi velas a Deus e ao demônio. Nessa hora, sabemos quem são os amigos, fui procurar secretários, delegados e agentes e fiscais oriundos da velha QE 32. Na delegacia me informaram que o grileiro iria contratar um paparazzi; “Usarei essas fotos no próximo livro”, (riram). O que aconteceu foi mais uma dose extrema de paranoia. A área estava sendo parcelada e qualquer um poderia ser o paparazzi e até algum amigo que chegasse com um desconhecido entrava na linha de desconfiança. Alguns parentes são da AGU, outros amigos do ST. Mas eu fui aconselhado a não falar nada com ninguém.

•

Alguns dos amigos do início da transa da cultura ainda em 1982, que me ensinaram a jogar xadrez e ping-pong, colecionavam selos e jogavam War, foram os primeiros a acampar, os

primeiros a comprarem bicicletas ultraleves, carros, apartamentos etc. Eram os bem-nascidos e sucedidos. Agora passados 18 anos, eles estavam na cúpula do poder. E eu me tornara mais amigo dos pais deles.

– Seu pai veio do Piauí.

– Seu pai era muito legal, gostava de baralho, tomava pinga éramos amigos, e ele gostava de mim.

O primeiro amigo foi seco:

– Você será preso!

O segundo amigo foi mais leal:

– Sua mulher era muito amiga da minha mulher.

– Mário só tem um jeito, você mata um deles, arrasta pro lado da sua cerca e me liga.

Eu contei sobre o advogado e o esquema dele. Apesar da ideologia ter nos colocado em trajetórias diferentes, esse amigo falou não esquentar:

– Não esquentar, me liga.

Eu agora tinha licença para matar!

6 DE MAIO

Show Aniversário da Administração do Lago Norte

18 DE JUNHO, SÃO PAULO 2 X 2 SANTOS

O maior Campeão Paulista do século

27 DE JUNHO, O ESTADO DE S. PAULO

Polêmico, Brennan define-se como um pornográfico

6 DE JULHO

Conheci Paulo Lolovitch no Beirute e conversamos sobre pop arte, eu fiquei encantado com o trabalho dele. No Conic funcionava o escritório depois do expediente. Tempos em que podíamos pegar uma matéria no próprio jornal do dia.

14 DE JULHO – O GLOBO

Os verdadeiros independentes do cinema

São Paulo – os cineastas Simião Martiniano, Talício Sirino e Afonso Brazza explicam como fazer filmes baratos no Brasil.

16 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

IARA KERN

Revelando os mistérios de Brasília

A paixão pelo Egito fez com que descobrisse em Brasília muitas coisas ligadas à época dos faraós e das pirâmides. A tese virou um exótico roteiro turístico.

28 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Musa da Boca do Lixo

Claudette Joubert, que já foi estrela dos filmes de pornochanchada, forma um par romântico em Brasília com o cineasta Afonso Brazza. Ela é personagem da série Retrato Relâmpago.

29 JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Sesc, 913 Sul – *Olho Seco mantém punk vivo*

30 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Imagens naif

Cineastas brasileiros não querem ser chamados de trash. Eles são os nossos diretores "primitivos".

Rambo do Cerrado

O bombeiro-cineasta Afonso Brazza é o representante candango do cinema trash.

"O filme americano que não estoura é igual aos meus filmes, não tem diferença."

(AFONSO BRAZZA)

7 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Tortura Selvagem

Afonso Brazza exhibe trailer

Os fãs do cinema trash de Afonso Brazza têm motivo a mais para conferir a programação dos cines Top Mall (Taguatinga) e Márcia (Conjunto Nacional). As duas salas estão exibindo o trailer de *Tortura Selvagem – A grade*, o mais recente longa-metragem do cineasta-bombeiro, que tem estreia comercial prevista para o final de outubro. Na tela, Brazza interpreta Maicon, catador de papel acusado injustamente de vender drogas. No elenco, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, e os roqueiros Rodolfo e Digão, dos Raimundos. Ontem, Brazza conversou sobre produção artesanal com estudantes de oficina de cinema do Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul). O debate foi precedido da exibição de *No Eixo da Morte*. "Enfim, o trash está ganhando espaço", comemora Brazza.

26 DE AGOSTO – JORNAL DE BRASÍLIA

Trajatória fulgurante do poeta do rock

Chega à livraria *Renato Russo – O trovador Solitário*, biografia escrita pelo jornalista Arthur Dapieve.

26 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

O Jardineiro de Brasília

Há mais de 30 anos, Francisco Ozanam Coelho, o eterno chefe do Departamento de Parques e Jardins da Novacap, sobrevive a governos e ideologias.

8 DE OUTUBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Quatro anos depois da tempestade

"Estamos vivendo e o que disserem, os nossos dias serão para sempre." **(RENATO RUSSO)**

O poeta da religião urbana e solitária

Há quatro anos, morria Renato Russo, vocalista e líder da Legião Urbana e ídolo de uma geração. Compositor e poeta de peso indiscutível, deixou uma obra que resiste ao tempo e aos modismos.

A família Manfredini convida para Missa em memória de Renato Russo, dia 11, às 20h, no Santuário Dom Bosco (702 Sul). Participação especial da Orquestra Sinfônica Cláudio Santoro com a regência de Sílvio Barbato.

9 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Eu sou calango?

Na cidade do rock também rola uma cultura paralela que curte a natureza do cerrado e adota o nome de um simpático réptil.

"O movimento Calango é miscigenado como nossa cidade".

(DREDI, VOCALISTA DA HA-ONO-BEKO)

11 DE OUTUBRO

Celebração do poeta

Morto há quatro anos, Renato Russo é sempre lembrado na cidade que marcou sua vida e obra. Hoje, o líder do grupo Legião Urbana ganha missa e homenagem oficial.

15 DE OUTUBRO

Artistas lamentam fim do Karim

Tradicional sala de cinema da cidade, o Karim (110/111 Sul) se transformou em templo religiosos. "A cidade perde um espaço histórico", diz o cineasta André Luiz Oliveira.

Oficina de veteranos

Diniz juntou Perdiz, Andrade Júnior e Gê Martú e outros artistas brasilienses

Diretor Mangueira Diniz reúne na peça *Cala a boca já morreu* elenco de experientes atores da cidade, que, apesar da longa estrada no palco, trabalham juntos pela primeira vez.

19 DE OUTUBRO – NOITE DE CHURRASCO PARA BANGUELAS

Fazia um churrasco para convidados e perguntei a Arnaldo Antunes se, quando ele se desligou dos Titãs, ele deixou uma música de despedida... Pedi maiores detalhes. Ele negou. Repeti que o técnico do estúdio foi que disse que "na canção você mandava os caras à merda". Arnaldo fugiu comum lacônico: "Estou dando entrevista?" Assim morreu o papo!

5 DE NOVEMBRO

Estouro concreto da boiada

Os badalados Bois de Gerião são a ponta-de-lança da onda de bandas brasilienses de ska. A trilha foi aberta pela pioneira A Vaca Foi Pro Brejo e tem pelo menos dois filhotes conhecidos: Móveis Coloniais de Acaju e Spectroman.

10 DE NOVEMBRO – CORRREIO BRAZILIENSE

Nativus lança novo CD e troca de nome

Banda brasiliense volta às paradas com novo disco e inicia campanha para mudar identidade por exigência legal.

11 DE NOVEMBRO

Wladimir Murtinho

O homem que enfrentou o Itamaraty

Aos 81 anos, o embaixador Wladimir Murtinho pode contar muitas vantagens, se quiser. A maior delas, ter construído o prédio do ministério das Relações Exteriores e, com isso, ajudado a impedir que a capital votasse a ser o Rio de Janeiro.

15 DE NOVEMBRO

Era uma vez...

Nos anos 60 e 70, Brasília ainda era um projeto de cidade, onde a palavra de ordem era ocupar os espaços vazios – urbanos e culturais. Pessoas como Climério, Luís Humberto, Néio Lúcio e João Antônio fizeram história.

- *Rock Brasília, 1985*

Coletânea *Rumores* registra momento único da música brasiliense, com as bandas Detrito Federal, Elite Sofisticada, Escola de Escândalo e Finis Africae.

- *Saudosismo, não!*

Parque da Cidade e Beirute, alguns dos palcos obrigatórios dos artistas e agitadores culturais dos anos 70 e 80.

João Antônio criou a primeira escola de teatro do Distrito Federal.

16 DE NOVEMBRO

Rock Brasília, 1985

Coletânea *Rumores*: registra momento único da música brasiliense, com as bandas Detrito Federal, Elite Sofisticada, Escola de Escândalo e Finis Africae.

25 DE NOVEMBRO, CORREIO BRAZILIENSE

O ska-rock do Amanita Muscaria

Festival da Cultura Calango prossegue hoje à noite no Gate's.

FINAL DE NOVEMBRO

Eu tinha que ter arma de fogo e pagar advogado. O Fusca vinha pelo Eixinho Sul em direção ao *Festival de Cinema*. Uma quadra antes, a mão da lei mandou entrar no estacionamento. O dono do carro ficou bufando: meu primo caiu na besteira de tentar dialogar com os pés de bota. Planejadamente os PMs afirmaram: "D. você é velho conhecido nosso". Até então, eu e Zéantônio, sentados no meio fio, esperávamos como a cena terminaria. Eu me levantei e disse: "O papo é o seguinte, a partir de agora eu sou o responsável e nós quatro vamos perfilar diante do carro que será revistado e iremos para a delegacia. Lá eu vou ligar no meu advogado." (Acredite naquele tempo eu tinha um celular). Ao ouvirem isso, eles baixaram a bola e falaram: "Sabemos que vocês estão doidões e podem ir embora!" O Fusca arrancou e foi direto para a 109 Sul.

2 DE DEZEMBRO

Funcionários da Novacap bloquearam o portão principal da empresa para reivindicar melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Quinze policiais do 4º Batalhão de Polícia Militar foram enviados ao local, mas não conseguiram controlar a situação.

A polícia forçou a abertura dos portões e os manifestantes resistiram. Cerca de 100 homens do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) e do 4º BPM foram, então, acionados. De acordo com a versão oficial dada na época, eles usaram balas de borracha, bombas de gás lacrimogênio e dez cães para dispersar os grevistas. Dez minutos depois da confusão, os feridos foram socorridos. No confronto, o jardineiro José Ferreira da Silva morreu e outros 35 sindicalistas ficaram feridos.

- *Salimon estreia na carreira solo*

Ex-vocalista do BsB Disco Club lança '33', no Teatro dos Bancários

14 DE DEZEMBRO

Glenio é espetacular

A tradicional exposição de fim de ano do grande pintor Glenio Bianchetti começa amanhã, em seu atelier. Já são 20 anos de encontros com o público que aprecia a sua arte nessa época natalina. Como não podia deixar de ser, as telas estão belíssimas. **(VALÉRIA BLANC)**

20 DE DEZEMBRO, CORREIO BRAZILIENSE

Guitarras com engajamento

Sem Destino lança primeiro álbum e diz que o rock brasileiro é “um vulcão adormecido e alienado”.



Completei o livro Da Estética da fome à vontade de comer – Glauber Pedro de Andrade Rocha – Último antropófago brasileiro do Glauber. Desde então eu lanço o texto aos pedaços

2001

1º DE JANEIRO, CORREIO BRAZILIENSE

Zygmunt Bauman – O futuro não existe

"Nossa responsabilidade pela miséria em qualquer lugar do mundo é genuína".

UMA NOVA ERA – Com uma visão amarga, mas otimista da realidade, o sociólogo polonês sonha com uma sociedade justa para reduzir as diferenças entre ricos e miseráveis.



16 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Colônia agrícola Bernardo Sayão tem 49 lotes fracionados que danificam minas d'água do local. Terrenos de 500m² são oferecidos por R\$ 30 mil.

18 DE JANEIRO – FOLHA DE S. PAULO

Legião Urbana é a banda extinta mais ativa do país

Desta vez, a gravadora EMI está reunindo gravações dos shows da turnê de lançamento do disco *O Descobrimento do Brasil*, gravadas em outubro 1994, para lançar um disco ao vivo.

Com o novo CD, que ainda não tem título, a Legião mantém a mesma média de lançamento de qualquer banda em atividade: um álbum por ano.

13 DE FEVEREIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Athos Bulcão

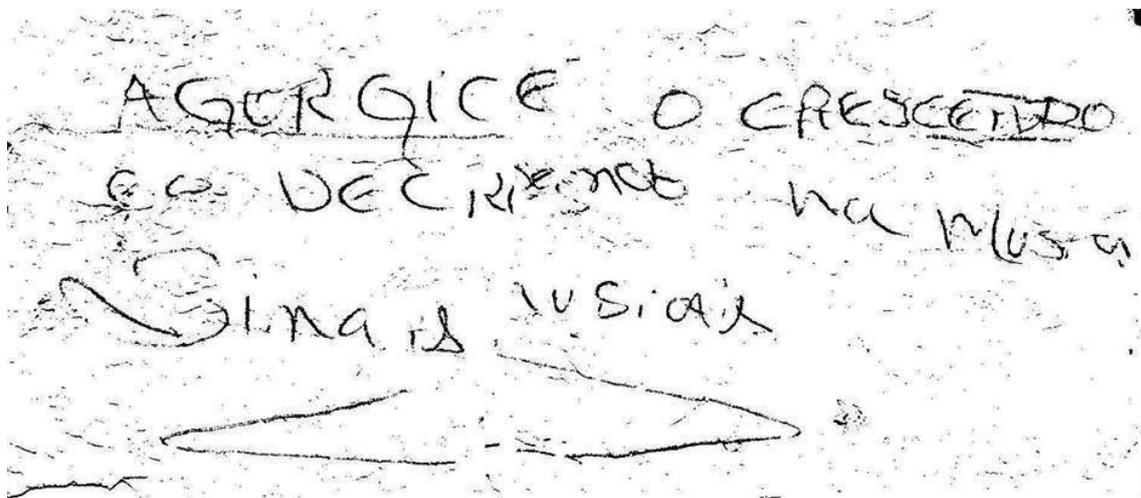
Mestre dos azulejos de Brasília, Athos Bulcão conta centenas de prédios ornamentados com sua arte. Aos 83 anos, este carioca faz questão de acompanhar pessoalmente a montagem de mais uma obra a levar sua assinatura.

MARÇO – FOI UM CLARÃO! FOI UM CLARÃO! CÉCÉ DESENCARNOU!

No fim da linha nos últimos tempos, estávamos debaixo de uma rama, pitando e tomando vinho de garrafão. Não sabíamos que aquele fevereiro seria o nosso último mês de carnaval com rock. Nossas famílias dilaceravam-se pela nossa dedicação ao rock – por isso fazíamos o movimento em casa. Cécé fazia as compras de domingo no Carrefour, depois caía na guitarra. Algumas vezes, reuníamos os meninos com latas de sorvete, e eram muitos meninos na chácara. Tudo foi filmado e espero que algum dia esses meninos revejam aquela heustória que vale muito.

Fornicando numa colmeia ou tocando freneticamente em cima de um formigueiro. Alguns dos dias foram assim. Mas esses dias finais eram especiais – muito som espacial, e, eu de olho na realidade. Estranhamente Cécé voltou a cachimbar! E o garrafão de vinho nunca saiu de lá. O trio debaixo de arbustos pitava silenciosamente no Riacho Fundo, ainda não grilado e não totalmente seco. Cécé sempre foi o meu ídolo, perto dele eu me sentia um farrapo. Como é que ele conseguia combinar aquelas roupas? Não havia como vencê-lo. Para o bem da humanidade, muitos tiveram que se afastar. Alguns se tornaram bundões que eu nem assisti

ao enterro deles. Mas Cécé continuava cativante, genial, louco, faca afiada na guitarra. Nosso amigo de sempre. Na surdina, retomamos a estrada musical juntos. Acho que, nessa eu estava ao volante ou de carona, aí você escolhe. Eu tinha que filmar tudo, desde o nascimento das flores até o luar. O circo do rock'n'roll embalava nossos filhos. Acabei de achar esse manuscrito do Cécé sobre a agógica e o crescendo e o decrescendo na música e sua forma como sinal na pauta. Ele andava obcecado por isso, sua longa música celestial era o conflito e o bem-estar e o momento era aquele feroz de 1994 a 2001. O rock rolou. A vida parecia um documentário sobre os Beats.



O fim foi inesperado – ficamos abatidos e tristes quando Cécé morreu. Morria ali um paiol de lendas da melhor estirpe – a vida do boêmio errante tem 20 horas de material gravado, mas só um Eduardo Castro com sua competência e *pazciência* para montar algo e o tal do dinheiro para cultura!

Em casa o som da guitarra emudeceu e somente em 2007, há precisos 10 anos, atrás voltamos com um projeto de casa aberta à plateia, com shows de Barbarella e Mariana Camelo.

7 DE MARÇO – SÃO PAULO 2 X 1 BOTAFOGO

O primeiro Rio-São Paulo...

10 DE MARÇO – JORNAL DO BRASIL

A maturidade da fúria

Cássia Eller grava 'Acustico MTV' com piadas, letras empacadas, timidez, potência e um ar de Piaf.

23 DE MARÇO – EM POUCOS SEGUNDOS LEVANTEI A GALERA

Eu era um notável desconhecido. Naqueles sarais onde o povo não fechava a matraca e quando eu abria a boca para ofendê-los era expulso do microfone e da livraria.

Em 2001, eu completava dez anos bebendo com os caras, chegando na madrugada fria com os pneus estourados. Os caras eram irmãos amigos que ficaram comigo. Eu estava sendo processado e, nesse ritmo, seríamos perseguidos pela lei do homem branco, do homem negro, do homem baixo etc. Nos bares e teatros, ninguém gostava de nós. Saíamos batendo nos carros, bêbados. Consumíamos a legítima maconha maranhense numa sauna de quatro rodas. Jesus estava por perto. Acredito que nenhum produtorzinho cultural de Pangaré City nos achalaria. Nem darei, o nome, este caiu no descrédito no Conic. Nesse clima de ouvir muito Doors Digital, me chamaram na Planária do Renato Russo. Solenidades – *shave and cut hair*. Peguei meu tênis e a camisa de comparecer em tribunal.

Depois disso nunca mais me chamaram para nada. Tinha um círculo que ria. E eu perdi o gosto pela poesia – nesse clima de ouvir muito Doors Digital.

“Hey! Legião Urbana é nada disso que se apregoa aí! Legião Urbana era um salvo conduto para os marginais franceses”.

“Hey! Garotos da jaqueta com o símbolo da Aborto Elétrico, vou encerrar com uma frase para todos vocês que vieram de longe e que jamais viram seu ídolo!”.

“Não estatize meus sentimentos / Pra seu governo / O meu estado é independente”.

A galera da arquibancada gritou, vibrou e aplaudiu. Eu era Bukoswki e Morrison e Mário Pazcheco. Fizeram fotos que jamais vi fugi da mesa e fui tomar uma no Conic. Foi mais um dia glorioso. Na rádio Zoom Music o produtor, tempos depois, se lembrou dessa tarde que o pai do Renato não tirou o olho de cima de mim. Mande as fotos, Carmem, senão eles falam que é mentira vip.

Eu queria me ver.

24 DE MARÇO – CORREIO BRAZILIENSE

A última declaração de amor

Chega hoje às lojas *Como É Que Se Diz Eu te amo*, disco duplo da Legião Urbana gravado durante apresentação da banda no Rio de Janeiro, em 1994. Amigos e familiares de Renato Russo lembram os momentos marcantes do show.

27 DE MARÇO

A Administração do Lago Sul e a Secretaria de Estado convidam para o show da banda brasiliense Finis Africae, com participação de Renato Rocha da Legião Urbana e presença de Fê Lemos do Capital Inicial. O evento será no local da estreia do extinto Aborto Elétrico, primeira banda de Renato Russo. Na ocasião também será descerrada uma placa em homenagem ao ídolo, dando sequência ao projeto Memorial Renato Russo.

29 DE MARÇO – CORREIO BRAZILIENSE

Russo

Foi incrível a falta de organização na cerimônia de outorga do título de Cidadão Honorário post mortem ao músico Renato Russo. O evento ocorreu sexta-feira no Teatro dos Bancários com pane no sistema de som; videoclipe inaudível; banda (que iria prestar uma homenagem ao poeta) sem estrutura; enfim, uma bagunça generalizada. A família deve ter ficado chateada e os fãs frustrados. **(ELLERY FRITZ, SQS 410)**

1º DE ABRIL

Russo 2

Em relação à carta de Ellery Fritz. Intitulada *Russo*, recebemos o seguinte esclarecimento: O texto começa indicando "Falta de organização na cerimônia...". É de admirar o desconhecimento de um morador da capital política da nação de como funciona um rito cerimonial de uma solenidade do gênero. O Cerimonial da Câmara Legislativa trabalhou com profissionalismo, seriedade e competência de praxe. Os fãs de Renato Russo representantes legítimos no processo, aplaudiram a homenagem. Os deputados Magela e Maria José Maninha manifestaram solidariedade ao músico que em 80 sofreu com a repressão do regime militar. Fritz deixou ter transparecido dormido ou estado apenas em "espírito" no teatro, pois não percebeu que a banda prestou sua merecida homenagem. Quanto à família de Renato Russo ter ficado chateada, basta checar as notas taquigráficas que registram o que o discurso da dona Carminha (mãe de Renato), onde expressou emocionada o sentimento da família em relação ao tributo a seu filho. **(GERALDO RIBEIRO E ROGÉRIO SILVA, BRASÍLIA)**

15 DE ABRIL – OBITUÁRIO: O PAI DO PUNK ROCK

Joey Ramone (19 mai. / 1951 – 15 abr. / 2001)

21 DE ABRIL

Capital leva os violões para a Feira

O show do Capital Inicial é centrado basicamente no repertório do disco *Acústico MTV*. VIII Exposição Agropecuária da Cidade de Brasília (Parque da Granja do Torto).

27 DE ABRIL

O doce poeta

Exposição na Universidade de Brasília, que mostra correspondências trocadas com escritores como Drummond e Mário de Andrade, celebra os 80 anos de Cassiano Nunes. Amigos do autor também preparam a publicação de *12 Poemas sobre Pintura*.

3 DE MAIO

Provocações de Tunga

Com um conjunto de quatro exposições intitulado *Assalto*, em cartaz no CCBB, o artista pernambucano apresenta diferentes variações para seus jogos de tensão. Tunga e as esculturas tidas como células em contínuo inspira/expira.

5 DE MAIO

O palco é na rua

Grupo de teatro Esquadrão da Vida, um dos mais importantes de Brasília, comemora 21 anos de arte mambembe sem perder o compromisso com a crítica social que caracteriza a trupe. A trupe, renovada, prepara um novo espetáculo, que deverá estreiar ainda neste mês. A peça tem temática ecológica. Experimentalismo estético e compromisso social são a base do grupo.

7 DE MAIO

Acústica Atrapalha Show de Cássia Eller

"A acústica da Ópera Hall (um galpão, com capacidade de até 20 mil pessoas) dificultou a audição das músicas. A própria Cássia reclamou da acústica na passagem de som".
(IRLAM ROCHA LIMA)

14 DE MAIO

Prot(o) ataca

Entre Brasília e Goiânia (*Bananada*), o quarteto faz três shows durante a semana. Diversão garantida.

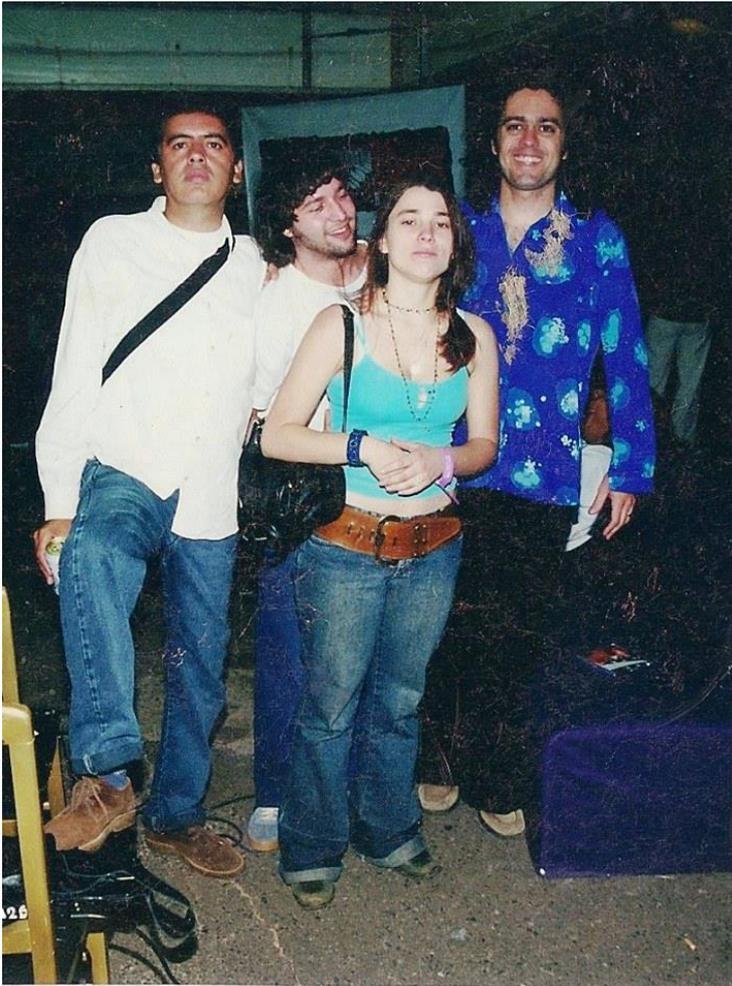
JUNHO – 'PORÃO DO ROCK'

Quando formamos a banda mais psicodélica do Brasil depois dos Mutantes, Eu, a Máquina do Tempo e o guitarrista e cantor do Mopho, João Paulo.

7 DE JUNHO – JORNAL DO BRASIL

Cássia, solo e eclética

Cantora faz apoteose intimista com repertório de show que teve de Joni Mitchell a Zé Ramalho. Com seu habitual despojamento, Cássia Eller se revezou nos violões de cordas de nylon e de aço para abrir o projeto *A Luz do Solo*.



27 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Aluizio o homem de arame e ferro

Vigia do Centro Educacional Lago Norte, Aluizio Cassiano segue reinventando a vida nas esculturas feitas de arame, nos contos que escreve num caderno espiral, nas músicas, poesia, pintura... Aluizio Cassiano já rodou quase todo o Brasil, mas parou aqui "Pra fazer lodo". E enquanto se assenta faz coisas e fala coisas sem parar: "O artista tem que ter um pé na fantasia e outro na realidade, eu aguento, sou libriano". **(ALOIZIO CASSIANO)**

28 DE JUNHO

Rock Candango

Livro de Paulo Marchetti, ex-Filhos de Menguele, relembra os primórdios do Rock Brasília, em abordagem que vai além da trilogia Legião-Plebe-Capital.

Muito além da colina

O legionário Renato Russo ainda nos tempos de Trovador Solitário. Flávio Lemos, no Aborto: único que sabia as músicas. Marcelo Bonfá tocava nos Metralhaz, antes da Legião.

6 DE JULHO – JORNAL DO BRASIL

De camarote no rock de Brasília

Espectador privilegiado reúne em livro histórias saborosas dos anos em que as bandas alteraram decibéis da cidade.

12 DE JULHO

Sucesso e maturidade

Cássia Eller estreia hoje a versão para o palco de seu *Acústico MTV*, que vendeu 200 mil cópias em apenas dois meses. Cássia Eller leva ao palco do Canecão, o CD que a transforma de vez numa estrela pop.

26 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Depois da turbulência causada pela saída do vocalista Rodolfo, o guitarrista Digão supera depressão e anuncia que vai cantar e voltar a tocar com os colegas Raimundos Fred e Canisso. Eles ainda não sabem se utilizarão o nome da antiga banda.

Pronto para um novo mergulho

Na piscina da Academia de Tênis, Digão explica o porquê da decisão de continuar como trio: "A gente tem orgulho de nossa história".

6 DE AGOSTO – JORNAL DE BRASÍLIA

Pop e rock agitam jovens e adultos no fim de semana

Jota Quest e Capital Inicial fazem a festa em duas noites de muito som em Brasília.

Rogério Flausino, vocalista do Jota Quest, no show *Pão Music* na Esplanada: "Sinto uma força estranha quando toco em Brasília".

7 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Fãs deliram com Cássia Eller

Cercada por fãs que a abraçaram no final do show, Cássia Eller deixou ontem à noite o palco da Sala Villa-Lobos, na abertura do *Projeto Concertos MPBR*, comemorando. Ao longo de sua carreira, essa foi a primeira vez que o teatro esteve superlotado para assisti-la. Tanto que cem ingressos extras tiveram de ser colocados à venda. Muita gente se espalhou pelos corredores e em frente ao palco para conferir, sentada no chão, a performance da cantora. Ela abriu o espetáculo cantando "Je Ne Regrette Rien", do repertório de Edith Piaff. Na segunda música, "Malandragem", de Cazuza, o clima já era de total empatia entre Cássia e o público. Os jovens cantaram com Cássia músicas como "Gatas Extraordinárias", "Primeiro de Julho" e "ECT". Quando ela cantava "Partido Alto", de Chico Buarque, houve um rápido apagão no teatro. Foi o suficiente para parte da plateia começar a vaiar o governador Joaquim Roriz. Na segunda parte do show, a cantora chamou ao palco Nando Reis, dos Titãs, com quem dividiu "Relicário" e "Segundo Sol". Em seguida, surgiu em cena o rapper Xis, com quem Cássia dividiu "De Esquina". Durante o show, ela não fugiu das suas características: falou um e outro palavrão e brincou com o público ao rebolar no palco.

17 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE/COISAS DA VIDA

Renato Matos

Cantor, compositor, ator, artista plástico, performer, louco, insensato. Tudo isso compõe um baiano que veio para Brasília há 25 anos e canta esta cidade como ninguém.

Versão moderna do Macunaíma, Renato Matos insiste em ser do jeitinho que é, sem concessões. "Dizem que eu só falo sobre Brasília, e a cidade tem um estigma. Não posso tentar outro tema. Sigo meu ímpeto."

• *Afonso Brazza chega ao circuito comercial no DF*

Diretor trash exhibe seu filme mais recente, 'Tortura Selvagem – A grade', em duas salas comerciais de Brasília, Top Mall (Taguatinga) e Márcia (Conjunto Nacional).

O filme se manteve em uma sala de shopping center por quatro semanas, com mais de dois mil ingressos vendidos.

10 DE OUTUBRO – JORNAL DO BRASIL

O baú sem fundo da Legião Urbana

Cinco anos após a morte de Renato Russo, inéditos e sobras de estúdio continuam a engordar o espólio da banda. Renato Russo vive: fitas gravadas por ele, com a Legião, estão sendo pesquisadas. Bonfá prepara segundo CD solo e Dado, nova trilha.

11 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Discreta celebração

Renato Russo, um dos maiores letristas do rock nacional, morria há cinco anos. Hoje, missa reservada à família vai homenageá-lo. Em todo o país, fãs mantêm de pé o prestígio do Legião Urbana. Fãs aquecem mercado fonográfico e movimentam sites na internet.

- *Começar de novo*

Fred, Digão e Canisso retomam a trajetória dos Raimundos: CD *Éramos Quatro* tem uma inédita e 12 versões selvagens.

- *Brazza na Mostra de SP*

Com as filmagens de *Fuga sem Destino* em andamento, o cineasta-bombeiro Afonso Brazza acaba de conquistar mais uma vitória na carreira de diretor-faz-tudo. *Tortura Selvagem – A Grade*, seu filme mais recente, integra a lista da 25ª Mostra BR de Cinema – Mostra Internacional de São Paulo, que começa na próxima sexta-feira, na capital paulista. Entre os brasileiros, Brazza terá como companheiros diretores como Júlio Bressane (*Noites de Nietzsche em Turim*), Néelson Pereira dos Santos (*Compadre Zé Ketti* e *Vidas Secas*, em cópia restaurada) e Marcelo Masagão (*Nem Gravata, Nem Honra*). Na última sexta-feira, Brazza recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília.

28 DE OUTUBRO

Artistas querem 508 mais autônoma

Menor dependência do Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul) em relação aos recursos da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, à qual é vinculada. Esta é a intenção de um grupo de artistas da cidade, liderado por Wagner Barja e Carlos Alberto Xavier, que pretende reativar a Associação dos Amigos da 508 Sul, fora de atividade desde o início do atual governo de Joaquim Roriz. Inicialmente, a ideia é arrecadar por meio da associação recursos para promoção de oficinas no galpão de artes do espaço, aproveitando as leis de incentivo ou fundos, como o FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador). O dinheiro também serviria para tapar buracos na cobertura do Teatro Galpão, que apenas a secretária de Cultura do DF, Maria Luiza Dornas, ainda não enxergou. Há aproximadamente um ano a cobertura do Galpão é protegida por imenso plástico preto. O teatro alaga sempre que chove. "Se a Defesa Civil ou os bombeiros passarem por aqui, com certeza vão interditar o Teatro Galpão", acredita um funcionário. No dia 7 de novembro, os artistas vão se reunir para eleger os membros da nova diretoria da associação.

CINEMA

Filme de André Luís é premiado

Um projeto de filme brasileiro e outro português foram selecionados para receber apoio financeiro dos Ministérios da Cultura do Brasil e de Portugal. Pelo Brasil, foi escolhido o longa de ficção *Viva o Povo Brasileiro*, de André Luís Oliveira. *Tudo Isto é Fado*, de Luís Galvão Teles, é o filme português selecionado. Cada projeto receberá 160 mil dólares. O anúncio foi feito na sexta, no Rio de Janeiro, onde se reuniu a comissão luso-brasileira, formada por dois representantes do Brasil (o secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura, José Álvaro Moisés, e o coordenador de intercâmbio Audiovisual da secretaria, Samuel Barichello Conceição) e outros dois de Portugal (o presidente e a vice-presidente do Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimídia de Portugal, Pedro Berhan da Costa e Anabela Afonso). O dinheiro será liberado em três parcelas: no início das filmagens, na entrega da cópia e no momento da distribuição no Brasil e em Portugal. No ano passado, os projetos selecionados foram *Desmundo*, do brasileiro Alain Fresnot, e *A Selva*, do português Leonel Vieira.

- *Mestre do trash no circuito* – **JORNAL DO BRASIL**

Brazza, bombeiro de Brasília que faz filmes em casa, entra para a galeria do cult. No papel de herói que salva a loura Claudette Joubert, musa e mulher na vida real.

Em novembro, seu mais recente filme, *Tortura Selvagem – A Grade*, chega aos cinemas do Rio.

O cineasta não para. O oitavo filme, *Fuga sem destino*, está em plena produção, tendo consumido, até o momento, 18 latas de película e 200 tiros de festim. Sempre aos domingos, quando a equipe técnica e quase todos os integrantes do elenco estão de folga. Por "equipe técnica" entenda-se Afonso Brazza. Além de protagonista, ele é diretor, roteirista, fotógrafo, montador e produtor.

1º DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Farra História

Dado Villa-Lobos reedita CD *Combat rock* gravado em 1997 com roqueiros tocando músicas dos anos 80.

- Revista MTV – *Renato Russo como um anjo caído – 5 anos depois*

26 DE NOVEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Depois de quase se separar, no início dos anos 90, e de só reencontrar o sucesso recentemente com o *Acústico MTV*, a banda Capital Inicial tem os 20 anos de contribuição ao rock nacional reconhecidos. O grupo recebe o título de Cidadão de Honorário de Brasília. A sessão solene ocorre na Câmara Legislativa. A banda comemora o título no Planeta Brasília Café, no Brasília Shopping, em festa para 580 convidados. Só que os fãs acharam que fosse um show e a festa quase terminou em confusão. Mas o Capital acabou dando uma canja.

29 DE NOVEMBRO –

Renato Russo ganha pracinha no Parque

Banquinhos, escultura e um belo jardim compõem o cenário da Praça Eduardo e Mônica.

Família e amigos inauguraram, no Parque da Cidade, cantinho em homenagem ao cantor.

- *Squema Seis, 21 anos de estrada*

Falar no mercado musical de Brasília e não citar a Banda Squema Seis, seria uma grande injustiça. Com 21 anos de estrada, o grupo se consolidou como o mais requisitado conjunto de baile da cidade.

Sua história começa em 1980, quando o vocalista Maurício Tuchau, o baterista Onivaldo de Oz e o saxofonista Zezinho, egressos do grupo Tom Maior, resolvem fundar um conjunto para tocar do samba ao bolero. Deu certo. E, hoje, mesmo depois de tanto tempo de carreira, eles continuam fazendo sucesso. São cerca de doze apresentações por mês.

Espaço não vem por acaso. Os oito músicos da banda ensaiam três vezes por semana, durante sete horas, no estúdio do grupo em Taguatinga. "Nosso repertório conta, hoje, com mais de 700 músicas", informa o empresário da banda, Paulo Roberto Lima.

A banda já atuou com artistas internacionais, como Ray Conniff e Billy Vaughn e, nacionalmente, com Milton Nascimento, Chico Buarque e Gilberto Gil, entre outros.

Em 1996, o grupo lançou, pela gravadora Continental, seu primeiro CD: *Coisa de Cinema*. Quando chegaram a vender 20 mil cópias e se apresentaram nos programas do Jô Soares, Angélica e Xuxa. Em dezembro, será lançado o CD *Demo*, onde se mesclam "músicas de nossa autoria e de compositores nacionais", conclui Paulo.

- *Como um ente da família que faleceu*

Sexta-feira, dia 30, Ana Luiza, tinha seis anos, depois de ver na televisão na hora do almoço, veio correndo e disse: "Pai. George Harrison dos Beatles morreu!"

2002

5 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Companheira de Cássia quer Chicão

Cássia Eller deixou um filho de oito anos, objeto de disputa.

7 DE JANEIRO

Filho de Cássia ficará com a companheira

Para esclarecer dúvidas sobre as marcas no braço da cantora, supostamente de originadas por picadas de agulha, a Polícia recorreu a médicos. Segundo a polícia, os médicos explicaram que é muito comum artistas, principalmente cantores, aplicarem na veia medicamentos energéticos para aguentarem a rotina de shows.

10 DE JANEIRO

Companheira de Cássia vai pedir gestão de bens

Recursos vão servir para criação de Chicão cuja guarda provisória foi entregue a Eugênia.

• *Eugênia pode viajar com Chicão – CORREIO BRAZILIENSE*

Maria Eugênia Vieira Martins, companheira da compositora Cássia Eller, já conseguiu na Justiça um alvará que a autoriza viajar com Francisco Ribeiro Eller, o Chicão, 8, filho da cantora. O alvará é um documento importante para que Eugênia volte ao Rio com o garoto. Com a morte de Cássia, ela não tinha podido sair de Brasília com Chicão. Estão na cidade desde o *Natal*.

11 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Médico foi avisado de que Cássia Eller poderia ter usado cocaína

Revelação, em depoimento à polícia, é da percussionista Lan Lan, que levou a cantora à clínica. A outra integrante da banda, Thamyma disse que viu uma secreção branca nas narinas da cantora.

12 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Caso Cássia Eller

Companheira depõe no Rio

Eugênia Martins, a companheira da cantora disse que seu relacionamento com a percussionista Elaine Moreira, a Lan Lan, é de amizade, e negou que Cássia tivesse um romance com ela. Negou ter brigado com Cássia antes de sua morte. **(AGÊNCIA FOLHA)**.

• *Ex-companheira confirma desequilíbrio de Cássia Eller – JORNAL DE BRASÍLIA*

Maria Eugênia afirmou em seu depoimento que o último contato que teve com Cássia Eller foi pelo telefone, na madrugada do dia 29 de dezembro, quando a cantora morreu de causa ainda não revelada.

Segundo o delegado Calazans, Cássia Eller telefonou à companheira via celular, pois já havia destruído todos os telefones fixos de seu apartamento. Maria Eugênia percebeu que a cantora estava deprimida e agitada. “Ela confirmou o estado de desequilíbrio relatado ontem pelas percussionistas da banda”. Durante a conversa telefônica com Maria Eugênia, Cássia Eller teria dito: “No momento, só sirvo para ganhar dinheiro. Não consigo me relacionar com ninguém”.

“Maria Eugênia tinha conhecimento de que ela bebia e usava drogas, e disse que ultimamente uma ou duas cervejas eram suficientes para descontrolá-la”, contou Calazans. “De acordo com o depoimento, Cássia Eller vinha se submetendo a um tratamento para se livrar da dependência química, mas esse tratamento era prejudicado pela agenda movimentada da cantora”.

18 DE JANEIRO – JORNAL DO BRASIL

Pai de Cássia Eller depõe sobre uso de drogas

• *Pai confirma que Cássia usava drogas – O ESTADO DE S. PAULO*

Segundo advogado, ele fez revelações “aterradoras” sobre vício da filha.

25 DE JANEIRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Nem álcool, nem drogas em Cássia

Os exames toxicológicos realizados no sangue e nas vísceras de Cássia Eller não encontraram traços de drogas nem de álcool. A informação foi divulgada pela Globo News. O resultado surpreendeu os médicos que atenderam a cantora: eles ainda suspeitam do uso de entorpecentes. Segundo peritos, Cássia Eller pode ter tido uma alergia medicamentosa. A polícia vai pedir informações sobre o procedimento médico aplicado na cantora à direção da Clínica em que ela foi atendida.

7 DE FEVEREIRO – JORNAL DO BRASIL (BERNARDO SCARTEZINI)

Em busca da vibração perdida

A Banda Plebe Rude volta ao estúdio para encerrar o desafio de gravar um disco só com inéditas.

Brasília – a banda brasileira Plebe Rude enfrentará um desafio que não cumpre desde 1988: entrar em estúdio com a formação original e de lá sair com um álbum só de composições inéditas. Parada desde a primeira metade dos anos 90, a banda voltou a tocar com seus integrantes-fundadores – os guitarristas e vocalistas Philippe Seabra e Jander Bilaphra, o baixista André X e o baterista Gutje – para gravar, em 2000, o disco ao vivo *Enquanto a trégua não vem*, que trazia seus sucessos e umas poucas inéditas. Agora chegou a hora de gravar todas as músicas novas que se acumularam com a volta da convivência. Phillippe Seabra anuncia a empreitada para o próximo mês.

Desencontros – o futuro álbum da Plebe Rude será a segunda tentativa de os veteranos emplacarem no rock nacional, depois de 11 anos de silêncio e desencontros. A primeira foi em agosto de 1999, no festival brasileiro Porão do Rock. Em seguida, veio *Enquanto a trégua não vem*, que não vendeu mais que 30 mil cópias. A volta da Plebe, uma das mais queridas bandas do rock nacional dos anos 80, com sucessos como "Até quando esperar", "Proteção" e "Johnny vai à guerra", não ecoou além do Distrito Federal e de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife (no festival *Abril Pro Rock*). "Foi frustrante", define Philippe. Não apareciam shows. Estava até combinado entre eles: a banda acabaria – depois do *Rock in Rio 3*, em janeiro de 2001, onde se apresentaria por reles 20 minutos na escanteada Tenda Brasil.

Talvez esse fosse um final indigente demais para a Plebe Rude. A solução possível: compor, ensaiar e gravar um novo disco. Passar por cima das divergências que racharam o quarteto logo após a gravação do fatídico terceiro disco, Plebe Rude (1988). Jander e Philippe – que fazem o contraste de vozes em músicas como "Brasília" e "Johnny vai à guerra" – voltaram a se falar, depois de anos de silêncio e rancor. Pelo menos, se falaram o suficiente para arredondar as cinco composições inéditas que surgiram neste verão. Espinha dorsal de um futuro CD que faz Philippe lembrar dos tempos do clássico mini LP de estreia da banda, O concreto já rachou, de 1986. "Escrevi as novas letras na mesma cama que escrevi 'Até quando esperar'", emociona-se.

MARÇO – BACK TO ROOTS

Cécé morreu no início de março de 2001. Um ano depois fizemos um tributo a ele no palco-caminhão (filmado, mas jamais assistido). De 2002 a 2005 foi quando tive que tomar juízo e concluir a construção da casa. Deixei de gastar dinheiro com o palco e o piso estava podre. Retomei a produção externa.

6 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Festival Rock no Sesc

Doze bandas – tocam neste fim de semana, no Auditório do Sesc (913 Sul), na comemoração do primeiro aniversário do selo brasileiro Protons. Com início às 15h30, a programação de hoje terá shows de Vernon Walters, Rockacola, Pulso, Noção de Nada (RJ), Gramofocas e Dance of Days (SP). Amanhã, no mesmo horário, será a vez de Spectroman, Jack Fluster, Bois de Gerião, Prot(o), Pelebrói não Sei? (PR) e Garage Fuzz (SP).

13 DE ABRIL

Retrato de uma geração

Completa 20 anos o filme *O Sonho Não Acabou*, primeiro longa de ficção dirigido por Sérgio Rezende, além de ser o primeiro longa-metragem rodado integralmente em Brasília. "O filme marcou a estreia de muita gente no cinema como o Miguel Falabella, o Chico Diaz e até o Lauro Corona, que era um astro da televisão. Acho que foi também o primeiro filme do Daniel Dantas". **(MARIZA LEÃO)**

30 DE MAIO – SÃO PAULO 4 X 1 ITUANO

Em poucos dias de competição, o São Paulo sagrou-se campeão do Supercampeonato Paulista.

JUNHO

O mundo do rock perdeu dois contrabaixistas, Dee Dee Ramone (5) e John Entwistle (27).

30 DE JUNHO – ESTÁDIO DE YOKOHAMA, NO JAPÃO, BRASIL 2 X 0 ALEMANHA

Brasil é pentacampeão da Copa do Mundo. Ronaldo marca duas vezes e garante o título.

1º DE JULHO – ZERO HORA

Livro Mostra trajetória de Cássia Eller

No sábado passado, completaram-se seis meses da morte de Cássia Eller. E já saiu a primeira biografia da cantora. *Canção na Voz do Fogo*, da editora Escrituras, é definido como um "ensaio biográfico" e faz extenso levantamento da carreira da artista. A autora, Beatriz Helena Ramos Amaral, é insuspeita. Advogada e jurista, é integrante do Ministério Público de São Paulo e também professora de violão erudito.

Pergunta – A sra. Parece ratificar a tese de estresse, desgaste e falência da resistência física como causa da morte dela. O que lhe deu a convicção disso?

Beatriz – O estresse de Cássia em decorrência de aproximadamente uma centena de shows em sete meses, de maio a dezembro de 2001, é inquestionável. As viagens sucessivas e os deslocamentos por todo o país são fatores de desgaste para qualquer artista. Sua idade era de risco e os seus hábitos sedentários são mencionados por todos. Devo deixar claro que meu livro, por não ser biografia, enfatiza só a trajetória musical de Cássia. Mas, já que você toca nesse assunto, esclareço que minha convicção vem de uma prova médico-pericial conclusiva, emanada de um órgão público, cuja credibilidade não se pode contestar levemente.

22 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Cientista dos sons

Jorge Antunes reúne 20 textos em edição comemorativa com as obras mais importantes dos 40 anos de carreira: memória preservada revela pioneirismo do compositor.

MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Pioneiro da música de vanguarda brasileira, o compositor Jorge Antunes lança dois livros, em Brasília, *Uma Poética Musical brasileira e revolucionária* (vinte textos organizados por ele) e *Uma Trajetória de Arte Política*, de Gerson Vale, em São Paulo. “Esse é mais biográfico, uma espécie de tese sobre o papel um tanto raro que foi sempre estar fazendo uma música ligada à preocupação sociopolítica”, adianta o compositor, professor do Departamento de Música da Universidade de Brasília e objeto de estudo de pelo menos mais quatro livros. Dois discos comemoram o sexagésimo aniversário e as quatro décadas de trabalho à frente de pesquisas em eletroacústica. O primeiro disco, traz as 12 primeiras composições do maestro, o segundo faz parte da série ABM Digital, também da Academia Brasileira de Música, e tem registros das experiências com o GeMUnB, grupo de música eletroacústica dirigido por Jorge na UnB nos anos 70.

- *UnB tem estúdio de composição digital*

O professor uruguaio Conrado Silva é o coordenador do laboratório e único professor de composição digital do Departamento.

28 DE JULHO

Quase sem querer

Rock – Há 25 anos, Brasília começava a se transformar na capital dos roqueiros.

Nem só de fama vive a cidade do rock. Permaneceu no anonimato uma geração de adolescentes, influenciados pelo punk, que transformou bares, lanchonetes, colégios e quadras em um grande palco, que mais tarde projetaria muitas bandas brasilienses no cenário nacional. São eles que contam hoje os bastidores dessa história de rebeldia e música. Algumas bandas, como o Detrito Federal, ainda existem.

- *Rebeldia no tempos da ditadura militar*
- *A volta do Capital*

Em turnê nacional com o show *Rosas & Vinho Tinto*, nome do novo CD, o Capital Inicial chega a Brasília sábado para apresentação às 21h no Ginásio Nilson Nelson. A banda brasiliense, formada por Dinho Ouro Preto (vocal), Flávio Lemos (baixo), e Fê Lemos (bateria) conta agora com novo guitarrista, o paulista Yves Passarel, que substituiu Loro Jones recentemente, Yes vem tocando com o grupo desde o *Acústico MTV*.

6 DE SETEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

O pior cineasta do mundo

Afonso Brazza, o bombeiro-cineasta de Brasília, enfim estreia em circuito comercial na cidade de São Paulo. Feito com negativos vencidos, *Tortura Selvagem – A Grade* é o mais caro filme do diretor.

- *Cinema de Afonso Brazza é puro instinto (EDUARDO VALENTE)*

"É fácil rir de Brazza pelo que ele possui de índice da nossa própria precariedade. Em tempos de afirmação de excelência técnica do cinema nacional, ele filma com negativo vencido, sem controle de luz atento, sem atores, sem domínio da chamada decupagem. Mas, principalmente,

ele representa um atentado a toda noção do que seja um cinema aceitável para nossos olhos cheios de 'cultura'.

Muito mais difícil seria gastar um minuto para perceber no cinema de Brazza indícios fascinantes de uma linguagem audiovisual pura, intocada. Efetivamente mal-educado (pois não aprendeu a se portar), seu filme nos remete aos primórdios do cinema, quando ainda não havia gramática a ser seguida. Uma época quando a simples superposição de imagens e sons, ou a ordenação aleatória de imagens, construía relações inesperadas de continuidade e lógica, ou uma pura fascinação.

Seus filmes são a expressão de um imaginário incontido, de uma paixão irracional, de um desejo de fazer cinema a qualquer custo.

Aqueles que liberarem suas mentes poderão se divertir bastante. Rindo com o filme, e não do filme.

Como descrever os planos perdidos de um singelo céu com nuvens, no meio de um tiroteio? Ou um personagem que grita ao longo do filme 'Apareça, Maicon!!', quando não conseguimos nem localizá-lo geograficamente?"

12 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Teatro do Perdiz quase vai ao chão

Localizado em área pública, a área foi construída há 34 anos. De dia funciona como uma oficina mecânica; de noite vira palco para apresentações teatrais. Fruto de ocupação irregular, o teatro, criado em fevereiro de 1989, ocupa um espaço destinado originalmente a um corredor entre os blocos C e D da quadra 708 Norte. Ontem um grupo de atores se preparava para encenar o episódio de uma das muitas tentativas de derrubada do espaço. O ensaio acabou em tumulto, com a chegada de uma equipe da Administração Regional de Brasília, o espaço cultural sofreu derrubada parcial. Manifestantes fizeram "cordão humano" para impedir destruição: 30 minutos depois, um telefonema interrompeu a demolição, os fiscais deveriam apenas entregar uma notificação informando posterior derrubada.

4 DE OUTUBRO – JORNAL DE BRASÍLIA



Córrego Vicente Pires está tendo a nascente drenada e aterrada, segundo denúncia de moradores da área.

Três toneladas de entulho foram colocadas nas margens da nascente pelos especuladores.

14 DE OUTUBRO – JORNAL DO BRASIL

Artistas cobram política cultural

Produtores e intelectuais alinham-se a cada um dos candidatos do governo do Distrito Federal.

Vladimir Carvalho vai votar em Geraldo Magela, enquanto Afonso Brazza aposta em Joaquim Roriz.

- *O novo voo solo de Kiko Péres*

O ex-guitarrista do Natiruts, lança hoje na Martins Penna seu novo disco *Samba Funk*.

"Estou mais amadurecido tanto como músico como produtor".

30 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Jubileu de Prata

Várias Gerações de chorões se reúnem para celebrar os 25 anos do Clube do Choro e já é considerado uma instituição da cidade. A sede da instituição foi doada pelo ex-governador do DF Elmo Serejo Farias.

O primeiro presidente viria a ser o citarista Avena de Castro. Francisco de Assis, a doce figura de Dr. Six. Assim era chamado o advogado, bandolinista e boêmio, por causa de uma anomalia genética: tinha seis dedos na mão. Presidente do Clube do Choro entre 1984 e 1990, numa fase romântica – marcada pela informalidade –, Dr. Six só passou o bastão para Henrique Filho, em 1994, Henrique, mais conhecido como Reco do Bandolim, recuperou a sala e três anos depois partiu para a profissionalização da entidade, captando recursos da Lei Rouanet.

1º DE NOVEMBRO

Filho de Cássia Eller fica com Maria Eugênia

2ª Vara de Órfãos e Sucessões do Rio homologa acordo entre a companheira da cantora e o avô do menino, que pediu tutela do neto após a morte da filha.

"Estou muito feliz. Chicão arrasou. Teve o dedo da Cássia", afirmou **(MARIA EUGÊNIA)**.

10 DE DEZEMBRO – ZERO HORA

Ainda uma garotinha

Cássia Eller é homenageada com o disco póstumo *Dez de Dezembro*. Hoje ela faria 40 anos.

- *Hamilton de Holanda Afinação francesa – CORREIO BRAZILIENSE*

Hamilton de Holanda passou por Brasília para participar da comemoração dos 25 anos do Clube do Choro e conta como tomou por missão divulgar o bandolim brasileiro na França.

2003

8 DE JANEIRO – CIÊNCIA E VIDA

JESUS TERIA USADO ÓLEO DE MACONHA PARA CURAR

Prova estaria nas escrituras

Nova York

De acordo com Chris Bennett, em artigo publicado na revista americana *High Times*, Jesus e seus apóstolos podem ter usado um óleo – o kaneh-bosem – feito com extrato de cannabis sativa (planta da maconha) para curar pessoas com doenças incapacitantes.

O artigo analisa a possibilidade de substâncias com real efeito medicinal terem sido usadas no início do cristianismo em curas milagrosas. Bennett afirma, em entrevista à BBC de Londres, que suas constatações são baseadas no estudo das Escrituras e que “o uso médico da cannabis naquela época é apoiado por registros arqueológicos”.

De acordo com uma receita que aparece na versão em hebraico do *Exodus*, o óleo era composto por mais de meio quilo de kaneh-bosem – substância identificada por etimólogos, linguistas antropológicos, botânicos e outros pesquisadores como extrato de cannabis – misturado com azeite de oliva e uma grande variedade de ervas aromáticas.

Para Bennett, a droga pode ter exercido um papel importante em alguns milagres de cura atribuídos a Jesus e seus discípulos. Segundo o pesquisador americano, a cannabis era eficaz no tratamento de doenças de pele e problemas de vista.

24 DE JANEIRO

Um ano depois de sua morte, Cássia Eller continua na lista dos mais vendidos.

No balanço das vendas de 2002, o *Acústico MTV*, lançado no final de 2001 pela Universal, alcançou as 750 mil cópias. O CD póstumo *Dez de dezembro* já bateu as 100 mil cópias.

UMA DO RORIZ

Eu só tinha uma camisa de botão e fui receber o Termo de Uso e Posse, no auditório do IDHAB (ninguém no meu serviço poderia saber do que se tratava, mas, se eu estava de tergal, tinha que ser alguma reunião formal). Sentei ao lado de uma petista que não fechava a boca protestando. Fui meio rude: “Fique quieta, estamos na casa do inimigo!”. A lista de entrega seguia ordem alfabética. O “P” de Pazcheco, longe. De repente, passei na frente: um assessor se aproximou e sugeriu: “Com discurso! Sei que você é bom de discurso...”. Desenvolvi, prontamente, a teoria da pílula de destruição. Falar pouco e bombardear. Se eu falasse algum impropério, devolveria a vida ao microfone e descobriria que, por mais que parecessem desligados, estavam ligados (este ato me expulsou de algumas livrarias), ao invés do rouba, mas faz, fiz uma variação: “Este governo faz e entrega, este governo acolhe, protege, prospera e é amigo do servidor; a prova está aqui na minha mão. Muitos prometeram e não cumpriram”. O melhor da performance é que eu estava de dedo em riste e vestido como um pastor. O púlpito ficava ao lado da porta do elevador. Peguei o canudo com o termo e fugi para o Conic. Lá eu paguei cerveja a noite toda e ouvia a infame piadinha foi cagar na latinha?

MARÇO

Renato Russo álbum póstumo ‘Presente’

Segundo CD solo depois da morte do cantor.

27 DE MARÇO – JORNAL DE BRASÍLIA/VIVER BRASÍLIA

Memória legionária

Inauguração de placa em Taguatinga amplia roteiro de lugares associados à trajetória de Renato Russo.

A placa será colocada em frente ao Banco BCN, no Centro de Taguatinga numa cerimônia a partir das 9h com a presença dos pais do cantor e autoridades. Nesse endereço, funcionava em 1984 o tetro Rolla Pedra, onde Renato Russo tocou.

“A placa erradamente colada nesse prédio, sumiu...” **(PAULO KAUM)**

O projeto de mapeamento dos lugares em que o roqueiro gostava de cantar começou há três anos e já marcou alguns lugares por onde o roqueiro passou. Quem passar pelo Parque da Cidade conhecerá a Praça Eduardo e Mônica, que faz referência à música homônima do artista. No Gilberto Salomão, existe a Praça Renato Russo, e no Gilbertinho (QI 11 do Lago Sul), uma placa lembra os encontros que marcaram o início da Legião Urbana.

5 DE MAIO – O GLOBO

Para botar Brasília na rota

O *Brasília Music Festival*, que acontece em setembro, será um mini *Rock in Rio*.

25 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

Relíquias para poucos

Entregue às baratas: fechado entre 1998 e 2001, Museu de Arte de Brasília (MAB) não teve a reforma prometida e perdeu público. Museus brasileiros e brasilienses, como MAB, procuram saídas para enfrentar a falta de público e as dificuldades de divulgação e patrocínio.

• *Em cena, o ator*

Humberto Pedrancini vai interpretar dois solos: um na rua; outro no teatro. Mais conhecido como diretor, Humberto Pedrancini comemora três décadas no centro do palco.

“Sou um homem de teatro e que fez dessa arte a minha vida e profissão. Sempre foi muito difícil atravessar esses anos, cercados do desinteresse das autoridades pelo teatro. Tive que matar um leão por dia. Por isso, criei poucas necessidades para me dedicar só ao teatro, porque não acredito em artista com profissão paralela”, sentencia Pedrancini.

24 DE JUNHO – O GLOBO

Sotaque blues da gaita incorporado à comunidade do choro carioca

O brasiliense Gabriel Grossi lança seu primeiro CD, hoje no Mistura Fina.

Gabriel Grossi tem como ídolos Hermeto Pascoal e Maurício Einhorn: “A música não deve ter barreiras”.

17 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA/PS PAULA SANTANA

Syang deu uma canja no Pub Irlandês Dublin, durante lançamento de seu livro erótico, *No Cio*, em São Paulo. Sua vinda a Brasília está prevista para breve, possivelmente em agosto.

29 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Flagrantes pessoais

Sala Funarte Cássia Eller será inaugurada amanhã, com mostra fotográfica dos acervos de Eugênia, ex-companheira da cantora, e da amiga Janette Dornellas.

Início da carreira: em 1987, Cássia Eller canta no bar e restaurante Bom Demais, na 706 Norte, palco onde a cantora se apresentou repetidas vezes e conquistou o público brasiliense, antes de começar a sua trajetória nacional.



16 DE AGOSTO

A morte do concretista

Aos 73 anos, morre Haroldo de Campos, o poeta paulista que casou a poesia com as artes plásticas, que fez do poema esculturas de palavras.

11 DE SETEMBRO

Rock and roll no Planalto

Lula, fã de música sertaneja, recebe a banda Capital Inicial e se diverte com Gil, ao posarem com guitarras que

serão leiloadas para o Fome Zero. O “roqueiro” Lula dá um show ao lado de Marisa, Dirceu, Gil e Dinho: o dia em que o rock nascido em Brasília entrou no Palácio.

O cantor Dinho Ouro Preto virou-se para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e recitou o último verso da canção “Faroeste caboclo”: “Ele queria era falar com o presidente / Pra ajudar toda essa gente que só faz / Sofrer...”.

25 DE SETEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

Brasília Festival tenta emplacar com olhos nos anos 80

Evento na capital federal tem início hoje com shows de Alanis Morissette e dos brasileiros Capital Inicial e Jota Quest.

• *Supla & Suplicy* – **CORREIO BRAZILIENSE**

O figurino não muito convencional para o plenário do Senado, nem para o Salão Verde da Câmara, onde se exige paletó e gravata quando a Casa está em sessão. Mas para o roqueiro Supla foi aberta a mesma exceção que no passado permitiu ao pop star Sting desfilar pelo plenário da Câmara. Artista convidado para o *Brasília Music Festival*, Supla aproveitou a estada na cidade e levou toda a sua banda para visitar o pai, senador Eduardo Suplicy.

13 DE OUTUBRO – SHOW DE BITUCA PROVOCA CONGESTIONAMENTO

Milton Nascimento provocou congestionamento e abandono de carros no Setor de Clubes Sul, neste último domingo, durante a sua apresentação no CCBB-Centro Cultural Banco do Brasil.

Dom Bituca mesmo nos momentos como coadjuvante rouba o show – seja arpejando o violão em “Battle of Evermore” ou brindando/abrigoando generosamente espaço para seus convidados com grande espaço para a cantora Marina Machado.

Falta um pouco de conversa com o público e energia que são substituídos pela musicalidade deste grande artista que sempre demonstra enorme carinho e respeito pelo público.

Imperdível oportunidade para rever amigos e conhecer as novas tribos. Participações emocionadas de Marina Machado/Lô Borges (que lançou o novo disco *Um Dia e Meio*) e Zélia Duncan. A vibrante direção musical do espetáculo ficou nas mãos do baterista Lincoln Cheib. E mais uma vez assistimos à celebração do Clube de Esquina.

14 DE OUTUBRO – TOMATE MARAVILHA, MARMELADA E JABACULÊ PROVOCAM INDIE(GESTÃO)

"A música em Brasília ou no mundo é uma grande panela cozinhando o Jabá".

Festival Fica – Meio-dia e meia, Anfiteatro lotado da UnB, saudades de Gonzaguinha, de 'Clodoaldo/Gérson/Jairzinho', 'Clodo, Clésio e Climério'. Nada da bossa de Nara ou do jazz tropical dos trios. Sem banquinho/barquinho e pernas de fora nem óculos fundo-de-garrafa e sem aparato policial.

Nada na mídia impressa ou televisiva, o olho ainda é a vanguarda. Enquanto no palco a contagem é regressiva para os músicos... A mestre de cerimônia, Sheila relata as proeminentes façanhas do currículo do júri oficial do *V FINCA*, ainda fala mais alguns anúncios até que a Máquina do Tempo começa a passar o som. No cartaz lá fora, escreveram "Máquina" logo corrigido para "Máquina" festival universitário tem esse cerimonial acadêmico e pateticamente parece depender dos anunciantes, mais preponderantes que o produto.

É festival e não faltaram as filmadoras cuja pretensa condição de um melhor ângulo é ter tripé.

Vamos ao que podemos, a MKDT conseguiu inverter os fatores a favor. Eles abriram o curto show com a complicada "Mágica" e suas vocalizações e instrumental complexos, mantiveram um bom nível sofrível, com a linda guitarra azul jazz num certo ponto partiram para um alongamento do tema cooptando "Satisfaction" (Jagger/Richards) uma vez que é impossível recriar o timbre original – reviveu-se o clima de festa, a resposta ainda não acontecia, a linha com o Senhor do Bonfim estava ocupada. Há uma lacuna o que mais esperar? Cadê? Solta a fita! Então a estratégia revelou-se o happening ficou para o final durante a execução de "Brazyl?".

O talentoso júri presta atenção ao primeiro movimento e o discurso da banda coloca o garçom em cena para servir o jabá que é delicadamente recusado pelo júri. E o que se vê são bancos, microfones e excesso de energia finalmente a banda consegue transmitir o recado numa performance furiosa dessa vez preocupada em definir uma massa sonora do que atitudes e performances isoladas e como os fenômenos ao vivo não têm monitoramento prévio chovem tomates no palco que são mordidos sujando as camisas e as maquiagens de plantão.

Os apresentadores estão estáticos vendo no que vai dar aquilo e no momento crucial a plateia atende ao apelo quando o discurso "Ambiente de Festival" de Caetano Veloso miraculosamente sai das caixas depois de uma frase em off, – Abre-te Sésamo!. A banda volta ao tema "Brazyl?" e emenda o canto/discurso: "A mídia matou o rock'n'roll! Uu ahh u jabá marmelada, com jabá é palhaçada. Eu vivo no Brasil, vai pra Pqp. O pior cego é aquele que não vê. Eu vivo no Brazil vai pra Pqp. Vai votar no seu amigo ou em quem pagou para vencer. Isso é o Brazil".

Foi uma das poucas vezes que eu presenciei a Máquina do Tempo superando o ego e viajando juntos. Eles veem respeitosamente galgando um status de independência, foi assim que conseguiram lançar seu primeiro disco pela Baratos Afins. Maltratados pelos habituais esquemas dos festivais (sorteios) eles estão descobrindo que as forças mais veementes habitam o palco e que nele eles podem tudo, mesmo que deixem os apresentadores pasmos e um zumbindo subindo e o Fernandez empolgado no meio do júri sorrindo.

Mágicas forçadas não espantam nossos demônios e algozes! O júri tem o veredicto e o vencedor (pela enésima vez) é... Isso mesmo – Kalango Kid! De novo!?!? É o gosto de sempre do jabá...

Quando Caetano e Gil adotaram o esquema do happening guerrilha eles já tinham sido número um nas paradas. O que veio depois é uma triste paródia e este festival não passa pelo buraco da agulha. Perderam oportunidades anteriores de fazerem o que fizeram agora. Olhai pra frente!

18 OUTUBRO – MÁKINA DUTEMPO: A CASA CAIU!!!

Goiânia-GO – Era 14h do sábado, quando Rockdrigo Terra e Lya Lilith chegaram na minha casa, depois foi a vez do Breno, um músico amigo acompanhado do Anderson e da Luíza. Arrumamos os carros e partimos para Goiânia, no percurso, chooses e cervejas, é claro!

Na entrada de Goiânia, ligamos para o Fabrício Nobre que veio nos buscar e nos levar para o hotel.

Para nossa surpresa o hotel era legal! Cada casal ficou num quarto e o Breno, sozinho em outro quarto, tocava o terror e fumava a noite inteira... Acionamos o serviço de quarto e pedimos empadões goianos com torta de frango e ficamos estufados.

Eram 20h30 e o Fabrício em meia hora nos pegaria no hotel para irmos ao show. Esperamos um pouco e chegou a galera do Monokine que por sinal são muito legais e logo após o Fabrício chegou. Arrumamos os instrumentos e como ele estava em um carro nós demos uma força e a galera do Mo-nokine foi conosco para o show. Chegando lá tivemos outra surpresa, nos deparamos com um lugar cheio e muito legal, logo pensamos: “A Casa vai cair!!!”... Ficamos do lado de fora esperando um pouco e tomando cervejas até que o Fabrício nos convoca e fala: – Vamos lá galera? Então fomos para o camarim e afinamos tudo e nos direcionamos para o palco. Nos intervalos as pessoas saíam do Teatro para a troca de banda e logo começamos a fazer a nossa habitual apresentação psicodélica que fez com que o Teatro se enchesse rapidamente. Aí o pau comeu solto, o que se via eram pessoas cantando as nossas músicas, sabe-se Deus como?!

E isso nos deixou ainda mais empolgados. O repertório foi o habitual, a única surpresa foi “Mágica” (Mutantes) e a casa veio abaixo mesmo foi com “O Rock da Guitarra Quebrada” e acabamos o show com a dobradinha “Brazil?” / “Quem Matou o Rock?” Ao final do show as pessoas se perguntavam, – Já acabou? Saímos de fininho para o camarim. Detalhe o guitarrista Rockdrigo Terra se empolgou tanto que a guitarra ficou com cicatrizes...

No camarim, Fabrício se mostrou muito feliz e nos deu a palavra que essa teria sido a primeira de muitas viagens pra lá, em seguida fui o primeiro a ser congratulado com o CD da Banda NEM, detalhe o disco tinha chegado naquele dia, que honra! Fomos curtir o Monokine, o show foi legal, a galera gostou: o público goiano é insano. Acabados os shows: fomos acertar os nossos CDs que venderam legal. Deixamos as tralhas no hotel: quando estávamos indo embora tivemos a impressão de estar esquecendo algo, foi quando o percussionista do Monokine falou: – Cadê o baixista e o batera da banda? Risos, havíamos esquecido eles. Demos meia volta e voltamos para busca-los, quando chegamos, eles estavam tomando cerveja com uma cara... Não aguentamos e começamos a rir. Voltamos, eu e a Carol, o Rockdrigo e a Lya ficamos no hotel, e a galera saiu para comer, me arrependi pois a conta foi paga pela Monstro (risos).

19 OUTUBRO – TERRA DO BRAZZA (BRUNO MOURA)

Gama-GO – Acordamos às 9h30, para tomar o aguardado café da manhã, destruímos o rango e logo arrumamos as coisas e pegamos o beco. Voltamos ouvindo Beatles/Secos & Molhados... fomos direto para o Gama, chegamos por volta de 4h, é desorganizado e ficamos em penúltimo para tocar, antes do Terno Elétrico, vimos um monte de banda que espantou o público, e tocamos para não mais do que duzentas pessoas. O equipamento horrível não parava de dar pau, fizemos um show repleto de improvisos, não porque queríamos, porque na hora a guitarra parava ou os pratos da bateria voavam, tivemos que improvisar para sair de determinadas situações, foi legal e o público restante gostou. Nós também pois a grana já estava no bolso e eu acho que não fosse por esse fator nem teríamos tocado. O cinegrafista queria que eu ficasse pulando, que fizesse pose. Eu ri e falei: – Te vira! Tocarei como sempre, tocando o terror! Assim que acabou o show fomos embora estávamos extremamente cansados. Dormi e é claro que hoje cheguei atrasado no trampo. Isso foi o fim de semana “monstro” da Máquina do Tempo. Abraços, aos leitores...

***Bruno “Lobão”, o contrabaixista da MKDT nos contou as suas aventuras! Agora, ele contará as histórias da LTDA, sua nova banda!**

25 DE OUTUBRO

Boi eternizado

Trazido do Maranhão logo após a inauguração da Capital, Bumba de Seu Teodoro vai ser tombado como Patrimônio Imaterial de Brasília.

Aos 83 anos, Mestre Teodoro é radical em se tratando de música produzida fora do país. “Aqui não entra rock, pagode, reggae. Quebro disco de banda internacional”, metralha. E aí de quem falar mal de José Sarney. “Ele nunca me negou uma ajuda par ao boi.” Mas tihoso, não dá o braço a torcer. Há 40 anos, a tradição do bumba-meu-boi em Brasília é a mesma. “Não descaracteriza porque sou carne de cabeça.” Para Mestre Teodoro, carne de pescoço é pouco.

4 DE NOVEMBRO

Canto das Máquinas

Organizado pelo maestro Jorge Antunes, *III Encontro Internacional de Música Eletroacústica* reúne debates e concertos sobre a integração homem e tecnologia.

14 DE NOVEMBRO

Sexo frágil?

2 º *Feminifest*, Auditório do Sesc 913 Sul. As meninas das bandas brasilienses Pulso, Kaos Klitoriano e Better Days, a paulista a americana The Haggad: energia e atitude femininas quebrando preconceitos machistas do rock.

22 DE NOVEMBRO – O ESTADO DE S. PAULO

‘Glauber’ de Silvio Tendler comove em Brasília

Plateia aplaudiu muito o documentário sobre o cineasta baiano, em competição no festival.

Talvez por isso mesmo, Glauber, como nenhum outro cineasta, tenha gerado essa grande quantidade de perfis biográficos e análises sobre sua obra. “É que cada um tem o ‘seu’ Glauber dentro de si”, analisa Tendler. “Eu quis falar sobre a pessoa dele, não sobre a obra, e também quis dessacralizar o mito”, diz.

22 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

A vida continua

Mais antigo grupo teatral de Brasília, o Esquadrão da Vida sofre dificuldades depois da morte de seu criador, Ary Para-raios. Agora administrado pela filha do diretor, precisa de recursos e sede própria.

“O Esquadrão da Vida é mais do que um grupo de teatro. Ali existe uma filosofia teatral, uma linguagem de interação como povo desenvolvido por Ary. O grupo é muito importante para Brasília. Se as pessoas não cuidarem daquilo que as representa, será uma perda enorme para a alma da cidade”, reconhece o músico Roberto Corrêa.

22 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Soldados da geração Coca-cola

Família de Renato Russo libera, pela primeira vez, 26 músicas do líder da Legião Urbana.

O espetáculo *R-Revolução Urbana – A Lenda do Rock*, segue a linha do livro de Paulo Marchetti, *Diário da Turma – A História do Rock de Brasília*.

Marchetti chamou Dinho Ouro Preto e Kiko Zambianchi para dividirem a direção musical. Haverá duas músicas inéditas – uma delas dá o título ao espetáculo, “Revolução Urbana”.

- *Irmã abre baú de Renato Russo em 2004*

2004

Houve um tempo em que eu poderia escrever o que desse na telha. Não acredito meus textos semeiem a infâmia ao vento. Ainda assim, juntaram aí – num grupo que não lota uma bike de três garupas – fâmulos da eterna vigilância cultural e colocaram a minha cabeça a prêmio. Gostaria de sugerir que eles praticassem mais guitarra e canto; que lessem mais; que escrevessem letras menos piores do que as que sustentam meu texto. Como a polêmica, transparente e honesta, mata pessoas, conspurca a cultura e desvirtua as ideias, abandonei efetivamente a pena, prefiro não escrever qualquer linha sobre shows ou CDs. Prefiro afastar-me preventivamente destas coisas, antes que os opressores me obriguem a esquecê-las na marra, como nos mandamentos escritos na pedra fria dos muitos Moisés recalcados. Tempos bíblicos são todos os tempos. Não sei se isso é bom para a carreira deles, dos pequenos patriarcas, mas quero distância desses artistas, arremedos de Dart Vader, desde os tempos em que eu mandava uma caixinha de cerveja no gargalo.

26 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Saleta de preciosidade

Discoteca da Escola de Música de Brasília tem acervo disputado pelos alunos do curso de verão. A consulta é gratuita e aberta ao público – o professor Oscar Kobun é responsável pelos discos e diz que o acervo chega a ser consultado por cem pessoas a cada dia.

3 DE FEVEREIRO – FOLHA DE S. PAULO

Brasília noir

Nelson Pereira dos Santos prepara o longa *Brasília 18 graus*, história de amor, crime e política.

FOLHA – Como surgiu a ideia?

SANTOS – Surgiu em 1993, quando eu estava filmando A Terceira Margem do Rio em Brasília. Tenho uma ligação muito antiga com a cidade. Fui professor da UnB, participei da criação do Polo de Cinema de Brasília.

9 DE FEVEREIRO

Morre seu Renato

Faleceu, o pai de Renato Russo, Sr. Renato Manfredini, aos 80 anos. Ele caiu na sua casa e a fratura exigiu que fosse realizada uma cirurgia, que por sua vez provocou uma embolia pulmonar e que por fim deu origem a uma série de infecções – que, uma a uma, foram debilitando suas resistências. Ele ficou hospitalizado alguns dias, mas seu falecimento foi doloroso para todas as pessoas próximas. O corpo de Seu Renato foi cremado na terça-feira, dia 10, pela manhã.

1º DE MARÇO – CORREIO BRAZILIENSE

Por que a exposição no CCBB abre novas janelas de entendimento sobre a obra de Renato Russo

6 DE MARÇO

Palco democrático

Teatro Garagem criado no subsolo do Sesc da 913 Sul completa 25 anos. Projeto original previu um espaço para a experimentação, com preços acessíveis e prioridade para artistas locais.

Um possível erro arquitetônico acabou selando o destino de um dos espaços alternativos mais democráticos da cidade: o Teatro Sesc Garagem, que comemora, em 2004, 25 anos de

existência. Criado para servir como garagem para a frota oficial da unidade do Sesc da 913 Sul, o subsolo do prédio, desde cedo, dava sinais de que não tinha vocação para estacionamento. “O lugar era muito pouco utilizado por ter a rampa um tanto íngreme”, recorda o diretor teatral Humberto Pedrancini.

“Fiz muita coisa bacana naquele espaço entre 1985 e 1990. Felizmente, há registro de algumas das peças que realizei ali. Fico orgulhoso quando passo pelo foyer do teatro e vejo nas paredes fotos daquelas montagens.

Rodas se refere, entre outras, a *Orquestra de Senhoritas*, de Eugène O’Neill; *Jardim das Cerejeiras*, de Tchecov; e *Cora coração*, baseada na obra de Cora Coralina. “Nessa peça todas as atrizes eram da melhor idade, que haviam participado de uma das muitas oficinas que realizamos no Garagem. Atrizes como Adriana Mariz e Catarina Aciolly, que hoje trabalham comigo, passaram pelas oficinas”.

Integrante da trupe de Os Melhores do Mundo, o comediante Victor Leal conta que foi como músico que pisou pela primeira vez o palco do Garagem. Ele fazia parte dos Wallaces, grupo que contava, também, com Adriano Siri, além de Iuri e Márcio, hoje na banda Zamaster. “Foi no Garagem que fizemos nosso primeiro show solo. O teatro estava lotado e as pessoas curtiam muito aquela zona toda, as recriações gaiatas par músicas de Sidney Magal, Evaldo Braga, The Fevers e Dominó”, comenta, com uma ponta de nostalgia.

Logo depois, com o grupo A culpa é da mãe, Victor participou da estreia de *Sexo, a comédia*, carro-chefe do repertório de Os Melhores do Mundo, “o maior sucesso de bilheteria na história do teatro de Brasília, já assistida por mais de 250 mil pessoas”, comemora



Macaé no Jogo de cena. Cortesia dos irmãos Léo e Fatima Sueli Saraiva

Jogo de cena

A culpa é da mãe foi um dos muitos grupos que tomaram parte do *Jogo de cena*, que ficou em cartaz de 1989 a 1992 no Teatro Garagem. “Vários artistas que atualmente brilham na música e no teatro em Brasília participaram do *Jogo de cena*, inicialmente como espectadores. Há os casos de Welder e Pipo, que depois vieram a ser destaque como apresentadores”, revela

James Festenseifer, criador e diretor do projeto. “O Garagem abria espaço para artistas em início de carreira e tornou-se referência para consumidores de cultura na capital”, observa.

14 DE MARÇO

Homenagem ao ídolo

Exposição que será inaugurada em abril no Centro Cultural do Banco do Brasil desvenda a carreira e parte da vida pessoal do líder da banda Legião Urbana.

30 DE MARÇO

Vivos

EMI lança registros de shows das duas maiores bandas do Brasil. Velhos amigos, eles dividiram gravadora, especial de tevê e histórias de (mais de uma) geração. *Uns dias ao vivo* quarto registro ao vivo dos Paralamas do Sucesso. Legião urbana, *As Quatro Estações*.

5 DE ABRIL – JORNAL DE BRASÍLIA

Memorial Renato Russo

Exposição traz a Brasília intimidade do cantor na época de seus 44 anos.

A mostra ocupa duas galerias do CCBB. Na primeira, estão expostos instrumentos musicais e documentos da música de Renato anteriores à sua discografia oficial. Haverão desenhos, fotografias, manuscritos e registros em vídeo de shows. No segundo espaço, no subsolo, estarão reunidos documentos pessoais de Renato, fotos de família, além de boa parte do acervo de livros e discos pertencentes ao músico.

• *‘As Quatro Estações’ 14 anos depois*

Show gravado em agosto de 1990, em São Paulo do álbum mais vendido da Legião Urbana é lançado em CD.

O disco ao vivo foi lançado em dois formatos: CD duplo e simples. O primeiro com todas as 20 faixas e o segundo, com a desvantagem de não conter quatro canções “Ainda é cedo”, “Será”, “Tempo Perdido” e “Eu sei”.

10 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Renato Sempre

Mostra sobre líder da Legião Urbana provoca reações emocionadas em novos e antigos fãs.

11 DE ABRIL

Selton ilumina Brazza

Fascinado pelo trabalho do cineasta-bombeiro do Gama, ator dirige documentário *O Mundo de Afonso Brazza* que estreia hoje no Canal Brasil e pode ser exibido no próximo Festival de Brasília. Brazza, na visão de Selton Mello: “Um cara que amava fazer cinema e levava muito a sério o que fazia”.

• *Último filme ‘Fuga sem destino’ depende de R\$ 80 mil para conclusão*

• *Banda Phonopop fatura o prêmio Indie Destaque*

12 DE ABRIL – O GLOBO

Legião continua viva, em novo disco póstumo

Dado Villa-Lobos diz que baú ainda guarda ensaios, versões alternativas e instrumentais que poderão sair em DVD.

- *Bonfá insiste e lança CD com vídeos*

Baterista faz segundo solo e também estreia como baixista.

• “Renato não parava de produzir. Há projetos de livros, roteiros de filmes para o cinema, livros, e até uma peça curta, que ele escreveu para ser encenada por estudantes e se chama *A Verdadeira Desorganização do Desespero*, que pretendemos montar no futuro”, revela Carmen Manfredini ao Folhateen.

16 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

STJ decide o destino do filho de Russo

O destino do filho de Renato Russo está na pauta do STJ, que vai decidir a guarda do adolescente.

18 DE MAIO

Cinco votos e um destino

Julgamento que vai decidir a guarda de Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, começa às 14h. Advogado vai alegar que família do artista acolheu o menino desde que ele nasceu.

- *STJ decide que mãe de Renato Russo exercerá tutela do neto de 15 anos* – **Agência Brasil**

Os cinco ministros que integram a Terceira Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiram que Maria do Carmo Manfredini exercerá a tutela do neto de 15 anos, filho de Renato Russo, fundador da banda Legião Urbana, morto em 1996. Na prática, caberá a avó decidir sobre os destinos do garoto até que atinja a maioridade, inclusive sobre a administração do patrimônio do único herdeiro de Renato.

- *O ídolo como fã*

Mostra gratuita no CCBB explicita as várias referências de Renato Russo.

- *Uma guitarra made in Cerrado* – **JORNAL DO BRASIL**

UnB pede registro de patente para instrumento criado pelos estudantes Bernardo e Rafael (Capotones) para tocar um tipo de rock, o psychobilly.

- *Quatro meses para ficar pronta*

Os estudantes decidiram que o som deveria ser limpo e as notas graves bem definidas. E a guitarra deveria ser capaz de sustentar o som por bastante tempo. Resolveram também que ela seria exclusivamente talhada em madeiras brasileiras. Procuraram o Ibama que tem um estudo completo sobre a condutividade sonora das madeiras nacionais e o técnico Mário Rabelo indicou o luthier Ronaldo do Carmo que já havia trabalhado com mogno, muiracatiara, freijó, e jacarandá, as madeiras escolhidas para a guitarra.

19 DE MAIO – JORNAL DO BRASIL

O fenômeno Renato Russo

São mais de mil visitantes por dia, que se emocionam ao conhecer de perto a intimidade do maior compositor e artista pop que Brasília já produziu.

- *Mãe de Renato Russo fica com o neto*

STJ concedeu a guarda definitiva de Giuliano Manfredini à avó.

O garoto vive com os avós desde o nascimento mas, até ontem, poderia ter a tutela reivindicada pela mãe, Raphaela Manuel Bueno, que teve o pátrio poder sobre a criança suspenso pela 6ª Vara de Família do Rio de Janeiro em 1997.

O julgamento durou menos de meia hora. A pedido da família Manfredini, a decisão dos juízes foi às portas fechadas.

- *João Ninguém faz show na Sala Cássia Eller*

Espectáculos serão hoje e amanhã. Sexteto grava seu primeiro CD ao vivo.

Rochael A. era um artista bastante ativo nos anos 80 em Brasília, com seu grupo experimentalista Música-À-Tentativa, que misturava interpretação e música. Com o João Ninguém a proposta de continuar fazendo sons pouco usuais prossegue, com melodias quebradas, com um tempo diferente, e um certo diálogo entre as vozes masculina e feminina.

21 DE MAIO – FOLHA DE S. PAULO

Legião versus Legião

A irmã de Renato Russo, Carmem Manfredini, luta na mesma EMI para lançar uma nova versão do álbum póstumo recém-editado *As Quatro Estações – Ao Vivo*. "Aquele que saiu não nos satisfaz de modo nenhum, cortaram 90% das falas de Renato", diz ela.

- *Para fãs de Renato Russo – O ESTADO DE S. PAULO/GUIA CADERNO 2*

As letras do líder da Legião Urbana inspiraram a ópera-rock *R-Revolução Urbana – A Lenda do Rock*, superprodução que estreia hoje no Teatro Gazeta.

23 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

De volta aos 80

No show desta tarde no gramado atrás do CCBB, Philippe Seabra, Jander Bilaphra, da Plebe Rude, (terão como convidado especial o baterista Iuri Freiburger) eles vão homenagear Renato Russo pela primeira vez.

- *Pegada nervosa no novo Capital*

Gigante, o CD que o Capital lança agora, é o quarto desde a volta da banda, depois da dispersão, e o segundo com a participação do guitarrista paulista Yves Passarell. A reconquista do público, com o Acústico MTV, tem a ver também com a performance da banda no palco.

"Gravado em três semanas, procuramos reproduzir no estúdio o que fazemos nos shows. Trata-se de um disco de rock com pegada nervosa. Nessas novas canções, é fundamental a contribuição do Yves, com sua energia metaleira, vigorada", comente Dinho.

Há quase seis anos ininterruptos na estrada, o Capital Inicial emenda com a turnê de Gigante, que começa no final do mês por cidades do interior de São Paulo. "A partir de agosto, vamos para as capitais. Em Brasília, deveremos estar em setembro", adianta Dinho.

- *Os sem-palco*

Uma das cidades com maior número de artistas cadastrado, Sobradinho não tem espaço para encenar sua arte. O teatro, por exemplo, está mais para centro comunitário.

24 DE MAIO – JORNAL DE BRASÍLIA

Fãs fazem tributo a Renato Russo no CCBB

O show da Plebe Rude, em tributo a Renato Russo, reuniu cerca de 3,5 mil pessoas no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) na noite de ontem. A banda contemporânea da Legião Urbana foi a última a tocar. Antes dela, se apresentaram Beto Só, Phonopop, Prot(o), 10 Zero04 e Liga Tripa. As três primeiras são promovidas pelo vocalista da Plebe Rude, Phillippe Seabra, e a última, apesar de ser uma banda de vários ritmos, participou da homenagem porque era admirada por Renato.

1º A 15 DE JUNHO – BOCA DE CENA

Uma noite que mudou a história

A 15ª edição da *Noite Cultural T-Bone* aconteceu no último dia 20 de maio, a festa foi apresentada pelo artista Miqueias Paz que não escondeu sua emoção ao ver cerca de seis mil pessoas passarem pelo evento. No encerramento, o público que lotou a rua comercial, pode assistir ao show de Chico César, que embalou as pessoas com canções de sucesso como “Templo”, “Mama África”, “Onde estará o meu amor”, “Pensar em você” e outras.

- *Conheça o perfil de Luiz Amorim, proprietário do Açougue Cultural T-Bone*

Como surgiu a ideia de realizar as Noites Culturais T-Bone?

"A ideia era para mudar um pouco essa caricatura do açougueiro. As pessoas têm a impressão que o açougueiro é aquele que mata, que sangra. Ele tem uma figura meio grotesca. E também pra dar o aspecto da cultura para a massa, porque ainda é uma coisa do consumo da elite, infelizmente. Quando eu trabalhava de açougueiro mesmo, eu frequentava cinema, teatro, no balé, há pessoas que me conheciam há 10 anos, me viam arrumadinho ali nos eventos, e me falavam: eu te conheço não sei de onde?! Essas pessoas não associavam que um trabalhador braçal também quer arte. Essa iniciativa deu certo, eu estou muito feliz." **(LUIZ AMORIM)**

11 DE JUNHO – GAZETA MERCANTIL

Um voto pela tolerância

A Mostra *Identidade e Conflito* (CCBB), a obra do multimídia Alex Flemming se apresenta como um manifesto a favor da diversidade.

- *Todas as lente do mundo*

Foto arte 2004 (Arte 21), mostra, em Brasília, 74 exposições simultâneas de 198 artistas.

- *Brasília de olho na foto*

Capital celebra a imagem em evento que reúne fotógrafos e artistas em 74 exposições.

13 A 19 DE JUNHO – CADERNO BRASÍLIA

Provocações malditas

Ézio Flávio Bazzo questiona o sistema em suas obras.

Dymphne – A Santa protetora dos Loucos, As sutilezas do mau caratismo ou as engrenagens da miséria existencial e A lógica dos devassos – No circo da pedofilia e da crueldade são apenas alguns dos quinze títulos publicados pelo psicanalista, que busca em viagens ao redor do mundo a sua inspiração.

“Trata-se de uma fúria interna. Uma imbecilidade generalizada das pessoas. A necessidade inconsciente do ser humano de se destruir. Todas as queixas que ouço são as mesmas que ouvia quando era criança, quando era adolescente e hoje como adulto. Para o ser humano, ir se castigando é uma forma de aliviar a culpa que carrega”, diz.

13 DE JUNHO

Sem espaço para a cultura

Grupos de teatro e artistas plásticos de Brazlândia não têm onde apresentar suas obras.

Conhecido na Europa, Francisco Galeno fez apenas cinco exposições em Brazlândia em 35 anos de residência na cidade, onde mantém seu atelier. População que reabertura do museu histórico e artístico.

14 DE JUNHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Brasília em 60 segundos

Chip, de Paulo Eduardo, seguido de *O Ar de Brasília* (Fábio Escugli) e *A Diferença de Tati* (Iberê Carvalho), empatados em segundo lugar, são os vencedores do *I Festival do Minuto de Brasília*, que começa hoje, no Centro Cultural Banco do Brasil.

• Pedacinho de chão – CORREIO BRAZILIENSE

Galeria de arte da Casa do Ceará, que acaba de receber importante patrocínio da Petrobrás para reformar a sede. Casa do Ceará, Casa do Maranhão, Casa de Minas Gerais e Estância Gaúcha do Planalto defendem em Brasília a preservação da cultura de outros Estados. Museus, galerias, festas típicas e encontros ajudam os migrantes a matar saudade da terra.

19 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Viagem sentimental

Selecionado para o projeto de telefilme, documentário *Vladimir Carvalho: Conterrâneo Velho de Guerra* mergulha na vida e obra do cineasta. Dácia Ibiapina e Vladimir Carvalho: admiração mútua move o documentário que estreia em dezembro, resultou de 50 horas de gravações entre janeiro e fevereiro. As locações foram em Brasília, Goiás Velho, João Pessoa e nas paraibanas Itabaiana (cidade natal do cineasta) e Pilar (terra do escritor José Lins do Rêgo).

26 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

Artistas questionam o FAC

Atores, diretores e produtores teatrais revoltam-se com justificativa padrão distribuída a projetos rejeitados pela Secretaria de Cultura. Zé Regino e Miriam Virna receberam o mesmo parecer: papel não diz nada.

8 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA/PS PAULA SANTANA

Múmia Paralítica, a nova banda de Celso Araújo. Hoje a trupe se apresenta no espetáculo *Cabaré do Planeta Circo 2004*, no CCBB.

11 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

A Arte que vem do lixo

Comunidade do Paranoá monta hoje oficina ao ar livre para transformar sucata e outros materiais em artesanato. Meninos e meninas do programa Picasso Não Pichava vão trabalhar como instrutores.

12 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Miniaturas das obras de arte

O artista plástico Darlan Rosa, é o próximo artista convidado a expor suas peças na *8ª Edição do Programa Ford Dakar Cultural*. As peças são objetos de metal, de forma esférica, construídas a partir de módulos vazados que se conectam em si. Nesta exposição, o artista criou uma série de objetos de dimensões reduzidas e duas obras de grandes dimensões.

14 DE JULHO

Brasília gigantesca

Fotógrafo que registrou a construção da capital, Thomaz Farkas expõe lado a lado imagens da cidade feitas no ano 2000 e na década de 60. Thomaz Farkas esteve em Brasília pela primeira

vez em 1960, trazido pelo arquiteto e amigo Jorge Wilhelm, e fotografou os primeiros prédios, como o do Congresso.

19 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Só peso sem preconceito

Primeira noite do *Porão do Rock* reúne 28 mil pessoas no estacionamento do Mané Garrincha. Entre metaleiros e punks, o CPM 22 rouba a cena com letras de amor. CPM 22, a última das 17 bandas pesadas de sábado, salvou a noite apática: o grupo paulista conquistou a plateia com hardcore romântico, muitos hits e pouco papo furado.

21 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Caetano estrangeiro na Villa-Lobos

Cantor inicia, hoje, temporada de quatro dias em Brasília com o show de standards do CD *A Foreign Sound*.

23 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

A história oficial 45 anos depois

Surge o inquérito do massacre da Pacheco Fernandes.

O inquérito policial aberto para investigar as circunstâncias do suposto “massacre da Pacheco Fernandes”. Cópia dos documentos ficou guardada durante décadas e apresenta a versão oficial dos acontecimentos da noite de 8 de fevereiro de 1959.

No Auto de Verificação do Delito e de Apreensão de Objetos encontrados no alojamento da Pacheco Fernandes horas depois dos tiros. Nele, o delegado Arquelau Gonzaga relata a existência de 41 furos de balas no local. Também registra que 13 cápsulas de calibre 38 foram encontradas com os operários.

• *Cortina de silêncio alimentou a lenda*

No imaginário da cidade, o episódio foi um massacre. A polícia realmente abriu fogo, mas somente um operário foi morto. Três outros foram feridos pelas balas e 45 espancados.

Caminhões teriam deixado o acampamento carregados de mortos para serem enterrados em valas. Como não houve um massacre, isso também é lenda.

Um contingente de 60 homens teria reprimido os operários. De acordo com o processo, foram 27. A lenda diz que portavam metralhadoras. Os depoimentos se referem a revólveres 38.

A confusão teria sido motivada pelas péssimas condições da comida servida aos operários. Os documentos oficiais confirmam.

Uma semana depois da invasão, mais de 80 malas teriam sido abandonadas – o que foi tomado como um sinal do número de mortos. Pura lenda. A explicação mais plausível é de que, amedrontados, muitos foram embora sem levar sequer os pertences.

• *Nunca em linha reta*

Dizendo-se “Um cara oblíquo”, Caetano Veloso apresenta em Brasília repertório de *A Foreign Sound*, mesclando canções em inglês, português e espanhol.

25 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Música e ecologia na Chapada

Com apresentação de tocadores de viola, *Festival de Inverno de Alto Paraíso* promove a música regional e defende a preservação do cerrado brasileiro. Nem a temperatura de dez

graus espantou o público. O instrumentista Marsicano tocou cítara na primeira noite do *Festival de Inverno de Alto Paraíso*: evento atraiu um público de 5 mil pessoas.

“Explicar a importância da preservação do meio ambiente é o bastante para mudar a consciência da população”. **(RENATO TEIXEIRA)**

- *Roqueiro inglês leva 500 pessoas ao late*

Ian McCulloch: clássicos do Echo & The Bunnymen empolgam fãs.

É um ídolo do rock, que aos 45 anos, desembarcou no Brasil pela quinta vez de banquinho e violão. Foi a primeira apresentação do trabalho solo do cantor. Mas Ian soube, com sagacidade rara, escolher os covers bem ao gosto de seu público, formado por jovens que estão descobrindo o rock underground e entusiastas dinossauros. “Suzanne”, de Leonard Cohen, “Sweet Jane” e “Pale Blue Eyes”, do Velvet Underground, fizeram a diferença.

Esta versão unplugged de Ian passou por São Paulo, chega hoje a Porto Alegre e ainda tem datas no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Para os shows, ele está acompanhado de Paul Fleming nos teclados, a esquelética figura british de Gordon Goudie na guitarra, e dos brasileiros Da Lua na percussão e Silvio Mazzuca no baixo acústico.

SONS DE LIVERPOOL

O show intercalou a carreira solo, composta por três discos e pouco conhecida, e faixas famosas dos tempos áureos do Echo, formado em Liverpool, em 1978. Gostinho para os fãs, naturalmente, “Pictures on my wall”, “The Disease”, na primeira parte, mais acústica e apenas com Ian e seus conterrâneos. Ainda assim, parecia difícil assistir o pós-punk sentado calmamente como qualquer artista de MPB. E nem complacência dos fãs diminuiu a sonolência do compasso solitário dos acordes sem bateria ou Will Sergeant.

Perguntado sobre o que achou de Brasília, Ian respondeu: “Parece um outro planeta”. Para os fãs certamente foi isso mesmo. De outro mundo.

27 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Capital da música eletrônica

Todos os gêneros do agito eletrônico, como drum'n'bass, house, Techno, hip hop e trance serão ouvidos no fim de setembro. *Brasília Music Festival Electronic*, megaevento, lançado ontem, deve atrair 60 mil pessoas durante 30 horas de som.

28 DE JULHO – JORNAL DE BRASÍLIA

Artes plásticas ficam sem Ecco

Desentendimentos com shopping levam tradicional espaço cultural a encerrar as suas atividades. Karla Osório lamenta deixar o shopping, depois de quatro anos de trabalho e muitas exposições marcantes.

- *A capital vai bombar*

Brasília anuncia as atrações de seu festival de música eletrônica, em setembro. Bryan Gee, da Inglaterra: fera do drum'n'bass estará em Brasília.

- *Tuntistum para balançar a capital – JORNAL DO BRASIL*

Brasília Music Festival Electronic quer reunir 60 mil ao lado do Mané Garrincha para ver os grandes nomes da música eletrônica.

29 DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Figurações do afeto

Um dos artistas mais produtivos do Brasil, expoente do Abstracionismo, Arcângelo lanelli prepara exposição em São Paulo, de 82 obras de fase pouco conhecida.

O MESTRE EM BRASÍLIA

O Museu de Arte de Brasília (MAB) é o único local público da cidade onde se pode apreciar pinturas de Arcângelo lanelli, porém há mais de um ano as obras estão guardadas e não participam de exposições temporárias. Com marcas de fita crepe, manchas e riscos, estão guardadas e aguardam restauro. Há cinco anos, Kátia lanelli foi convidada pela Secretaria de Cultura para avaliar o estado da obra do pai para possível restauro. Além das telas de Arcângelo, Kátia avaliou outras obras em estado questionável. Achou um rasgo feito com estilete em um trabalho de Tomie Ohtake e obras que precisavam de higienização. Mas o contrato para o trabalho nunca aconteceu. “Pedi que mandassem pelo menos as do lanelli, porque não queria que ninguém mais mexesse, estou acostumada a restaurar as obras dele. Mas elas nunca vieram”, lamenta.

1º DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Nada de concreto

Museu do complexo cultural, erguido na Esplanada, ainda não tem curador. A pouco mais de um ano da inauguração, o perfil da coleção é uma incógnita.

3 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Pra levantar poeira

Começa hoje, em Brasília, projeto *Forró de Cabo a Rabo* que, ao longo de cinco semanas, pretende mostrar todas as faces do ritmo mais popular do nordeste.

• *Pé-de-serra ‘cabra macho’* – **JORNAL DE BRASÍLIA**

Forró de Cabo a Rabo apresenta hoje a Banda de Pífanos de Caruaru, com 80 anos de estrada.

4 DE AGOSTO – JORNAL DO BRASIL

Música de Câmara na Martins Pena

Recital traz obras de épocas diversas.

O projeto *Temporada de Música de Câmara*, promovido pelo Departamento de Música da UnB, traz hoje ao Teatro Nacional um recital de violoncelo, piano e oboé – instrumento de timbre parecido com o clarinete, mas levemente nasal.

• *Mistura fina no Clube do Choro*

Show *O Brasil Brasileiro de Ary Barroso* mescla tradição e modernidade.

A criatividade marcará os três dias de show do soprista Calos Malta e do pianista Phillippe Baden Powell no Clube do Choro.

• *Capital Inicial faz as pazes com raízes punk-rock* – **O ESTADO DE S. PAULO**

Turnê do recente CD da banda, *Gigante*, passa pelo Olympia, em São Paulo, nos dias 13 e 14.

• *Renovação plástica* – **JORNAL DE BRASÍLIA**

Exposição itinerante chega ao foyer da Sala Villa-Lobos trazendo 40 trabalhos de 26 jovens artistas comprometidos com a experimentação e a pesquisa de novos modos de expressão.

- *Som da Cidade com muito rock*

A segunda noite do projeto *Som da Cidade* traz as bandas Birinaite e WD 40, o show ocorre, hoje, no Teatro da Caixa, às 21h. O *Som da Cidade* visa a incentivar a cena musical brasiliense, abrindo espaço para os mais diversos estilos, do rock ao sertanejo. A Birinaite, primeira banda a se apresentar hoje, mescla composições próprias com músicas consagradas do rock nacional. Já o WD 40 é o grupo que vai fechar a noite, com muito rock.

5 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Memória para o futuro

Falta de registro sobre o teatro é superada com edição e livros e pesquisas sobre companhias e artistas brasilienses.

Em Brasília, estudiosos procuram resgatar os primeiros passos do teatro local, antes que ele se perca no tempo. A preocupação em prolongar a vida da arte em Brasília tem gerado frutos palpáveis.

Em *Histórias do teatro brasiliense* (Instituto de Artes da UnB), lançado este ano, o professor Fernando Villar e o estudante Eliezer Carvalho mergulham nas origens do nosso teatro, descobrindo pistas de antes mesmo da inauguração da capital. No volume, a pesquisadora Elizângela Carrijo aponta a dificuldade de acesso a material produzido pelos grupos teatrais.

Antes de *Histórias do teatro brasiliense*, que reúne os principais representantes do teatro de Brasília, um catálogo do Teatro Universitário Candango (Tucan) foi distribuído à classe artística. Idealizado pelo diretor Hugo Rodas (da Cia dos Sonhos) e pelo artista plástico Evandro Salles, o catálogo *Pequena história do teatro candango* reúne fotos, sinopses e artistas de produções de 1992 a 1999.

Em 2001, os irmãos Adriano e Fernando Guimarães editaram, *Happily Ever After: Felizes para Sempre*, o livro detalha a proposta de teatro-instalação, feita pela primeira vez na Galeria Athos Bulcão, no anexo do Teatro Nacional. “O livro é um caminho interessante de registro. Em Brasília, a impressão que se tem é que você sempre está começando um novo trabalho, sem passado”, comenta o diretor, que possui 15 anos de profissão.

No segundo livro, *Todos os que caem* registraram trabalhos inspirados no dramaturgo Samuel Beckett, documentaram espetáculos, performances e instalações feitas em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Além de textos em português e inglês, o livro conta com belas fotos do iluminador Dalton Camargos e outros fotógrafos. Estão documentados os trabalhos *Todos os que caem* (2002), *Não ficamos muito tempo... juntos* (2002) e *Felizes para sempre* (1998).

6 DE AGOSTO – CORREIO BRZILIENSE

O novo voo da Codorninha

Depois de quase sete anos separado, trio brasiliense Little Quail and The Mad Birds faz show comemorativo amanhã no Clube Ases, em lançamento de CD do *Projeto Paga-pau Tributo virtual ao Little Quail*.

8 DE AGOSTO – CORREIO BRZILIENSE

Conic no peito

Trabalhadores e frequentadores declaram paixão pelo espaço mais democrático de Brasília e lutam para derrubar o preconceito contra o local.

A prefeita, Flávia Portela, e a galera diversificada do local: plano é obter apoio do governo e da iniciativa privada para manter o Conic em funcionamento 24 horas por dia.

- *O avesso da cidade*

Lançamento do livro *Eu engoli Brasília*, sobre o poeta Nicolas Behr, abre a coleção *Brasilienses*, que pretende recontar a história da cultura da capital.

14 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Encontro punk

Sala Cássia Eller-Funarte – O lendário grupo punk paulistano Cólera é a atração principal de Anos rebeldes, evento encabeçado pela ONG de Ceilândia *Ferrock*. Além deles, se apresentam Presto (GO), Cocktéis, Língua de Porco, Alarme e Terror Revolucionário.

16 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Portas fechadas

Arte contemporânea nacional perde ainda mais espaço para exposições em Brasília com o fim das atividades do Ecco.

17 DE AGOSTO – JORNAL DE BRASÍLIA

Música é um bom negócio

Executivos, governo e músicos anunciam a FMI, feita que deve aquecer mercado fonográfico independente.

O guitarrista Marcelo Barbosa deu o tom no pré-lançamento da *Feira de Música Independente*, comandando o show *Guitarras do Cerrado*.

19 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

As donas da voz

Thais Uessugui (Flash Black), Luara Assunção (10zero4), Ana Paula Valente (Black Machine), Isabella Rocha (Natiruts), Georgia Alô (BSB Disco Club) assumem os microfones das bandas em Brasília e conquistam o público com sensualidade e talento.

• *Liga Tripa sacode a poeira*

Aldo e Sérgio Duboc nos violões, Carrapa no cavaquinho, Toninho na flauta, Fino na percussão e André Felipe no baixo africano, ou seja, a marca registrada do grupo, o negão.

Famosos nas ruas de Brasília nos anos 80, os integrantes do grupo histórico voltam a se reunir, hoje, em show no Bar Praia da Asbac.

Se fosse organismo único e humano, o governo em voga teria tido uma bruta dor de barriga naquele fim de 1979. Pois de suas entranhas nasceu a espontaneidade do Liga Tripa, que fez da rua palco para a liberdade de expressão artística em tempos de ditadura. E tome analgésico policial, carranca de cliente de mesa de boteco, de dono de bar...

O tradicional berço ético e cultural da cidade também foi palco de um “quebra-quebra” com a polícia no início dos anos 80. Violão estrebuchado no chão, páginas dos jornais em piquete contra a ação agressiva, e estava catapultada a fama rebelde do grupo. “O Liga foi muito guerreiro, muito combatido pelo poder.”

“Ele é o resultado de uma tendência que aconteceu nos anos 80 na poesia”, analisa Aldo Justo. “De poetas mimeógrafos que saíam à rua vendendo os seus poemas numa atitude também política, clara de protesto quando à falta de liberdade.”

22 A 28 DE AGOSTO – HOJE EM DIA

A volta de Samuel Rawet

“Duas décadas depois de ter sido encontrado morto em Sobradinho, com uma tigela de sopa Knorr nas mãos, e no mais absoluto desamparo, Brasília e seus críticos de plantão, começam

a compreender que deixaram escapar por entre os dedos um contista e pensador de primeira qualidade... **(EZIO FLAVIO BAZZO)**

29 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

O desconcerto de Samuel Rawet

Vida, obra e angústia de um dos engenheiros calculistas de Brasília: contista aplaudido pela crítica, foi encontrado morto em sua casa, em Sobradinho, há 20 anos (24 de agosto de 1984).

Samuel Rawet tinha solidão como principal companheira: personalidade fascinante.

30 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE

Aruc quer ficar legal

Integrantes da Unidos do Cruzeiro vão à Câmara Legislativa defender a regularização da sede, localizada em área pública.

A sede da Aruc fica no Cruzeiro Velho e ocupa uma área de 38 mil metros quadrados: atividades esportivas e trabalhos com crianças carentes na associação.

Uma das características mais marcantes da Aruc é a atividade carnavalesca. Nessa época ela chega a reunir mais de 1,5 mil pessoas entre os preparativos e o desfile. A associação é tetracampeã do carnaval brasileiro e tem a maior sequência de vitórias do Brasil. A escola de samba foi oito vezes campeã brasileira entre 1986 e 1993.

3 DE SETEMBRO – O GLOBO

Tom Capone morre nos EUA

Produtor criado em Brasília e que trabalhou com bandas da cidade nos anos 90 sofre acidente de moto logo após a premiação do Grammy, em Los Angeles. Capone subiu ao palco do Shrine Auditorium ao lado de Maria Rita, que ganhou três prêmios. Capone produziu álbum.

4 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Ele fez a diferença

A morte do produtor Tom Capone, responsável por deixar sua marca em mais de cem trabalhos em dez anos, abre lacuna irreparável na cena pop nacional. O produtor Tom Capone no estúdio de Belo Horizonte, onde ajudou o Skank a recuperar a linha evolutiva do rock com o disco *Cosmotron*.

• Tribo da Pesada

Para alegria dos cultuadores do heavy metal, banda Angra lança o disco *Temple of Shadows* em Brasília, comprovando o vigor do gênero. Abertura: Khállice, no Clube Ases.

5 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Buzina mais uma vez, Brasília

Vinte anos depois da bem-humorada manifestação contra a ditadura militar, o maestro Jorge Antunes busca patrocínio para lançar em CD a *Sinfonia das Diretas*, para coro, orquestra e automóveis.

Jorge Antunes utiliza tecnologia digital para “limpar” o som gravado na *Campanha das Diretas: Buzinação* com arte para defender a volta do país à vida democrática.

Em 1984, Antunes regeu uma inédita “Orquestra” de carros na Torre de TV: agentes infiltrados não tiraram o brilho da manifestação.

7 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Arte em atividade

Grupo comemora quatro anos de atividades no Cantoria MPBar.

Poetas, atores, músicos, fotógrafos, artistas plásticos e militantes culturais se reúnem em mais uma edição do Sarau da Tribo das Artes.

Cacá, um dos coordenadores da Tribo, na Feira do Livro: Nosso objetivo é ter contato com o público”

9 DE SETEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Revitalização promete resgatar o Conic

Prefeita e condomínios se unem para melhorar o SDS.

A reforma das praças será uma das prioridades na revitalização do Setor de Diversões Sul.

A bancada do DF no Congresso Nacional já garantiu R\$ 2 milhões para as obras, mas os recursos ainda não foram liberados. No mês passado, o Ministério dos Esportes liberou mais de R\$ 70 mil para a construção de pistas e rampas de skate.

14 DE SETEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Um grande achado

Painel de Athos Bulcão encontrado na Granja do Torto do Riacho 1 fundo será restaurado.

O estado do painel branco e azul que ornamenta a residência presidencial está longe do ideal. Cerca de 50 azulejos que compõem o painel de 40 metros quadrados estão quebrados e rachados. O resto da obra, porém, está encardido e sofreu o desgaste natural do tempo.

28 DE SETEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

Festival brasileiro reúne 67 mil no fim de semana

Soul II Soul, Green Velvet e Patife foram os destaques do *BMF-E*, que aconteceu ao lado do estádio Mané Garrincha.

6 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Tempo da delicadeza

Antônio Poteiro, Diolino, Diô Viana e Glênio Lima têm na pintura suporte para se expressar. Exposições marcam a semana com obras recentes e retrospectivas.

É a força delicada da pintura que ocupa grande parte da agenda de artes plásticas desta primeira semana de outubro. Três exposições inteiramente dedicadas às tintas e telas abrem as portas em espaços e galerias da cidade. Na Embaixada da França, Antônio Poteiro inaugura a exposição *O barro e as cores*. O artista português radicado em Goiânia apresenta pinturas recentes e esculturas. Depois de anos dedicados aos objetos e instalações, Glênio Lima volta a pintar e realiza individual exclusiva de telas na galeria Ford Dakar. Já Diolino, que nunca deixou de pintar, ganha a retrospectiva *A lição do amigo* no Conjunto Cultural da Caixa. No Museu de Arte de Brasília, Diô Viana apresenta *A outra margem*, uma série de telas inspiradas pela cultura amazônica. E na Câmara dos Deputados o presidente da casa, João Paulo Cunha, abre o próprio gabinete para receber *Arte baiana*.

13 DE OUTUBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

Ligação Direta registra ao vivo as canções de uma longa estrada

O trio, fundado pelo guitarrista e vocalista Leonel Niemeyer e com os também veteranos Marcos Perrone (baixo) e Luiz Coêlho (bateria), completa 25 anos de história com a gravação do primeiro CD ao vivo, em show gratuito na Sala Martins Penna, na noite de hoje.

14 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Contra os moinhos de vento

Trajatória do imortal personagem Dom Quixote inspira mostra de gravuras dos séculos 18 e 19, que o Conjunto Cultural da Caixa apresenta a partir de hoje.

José Del Castillo desenhou e Fernando Selma gravou os amigos em *Don Quijote e Sancho Camino de la aventura*. 90 gravuras concebidas por artistas do séculos 18 e 19 para edições de Dom Quixote.

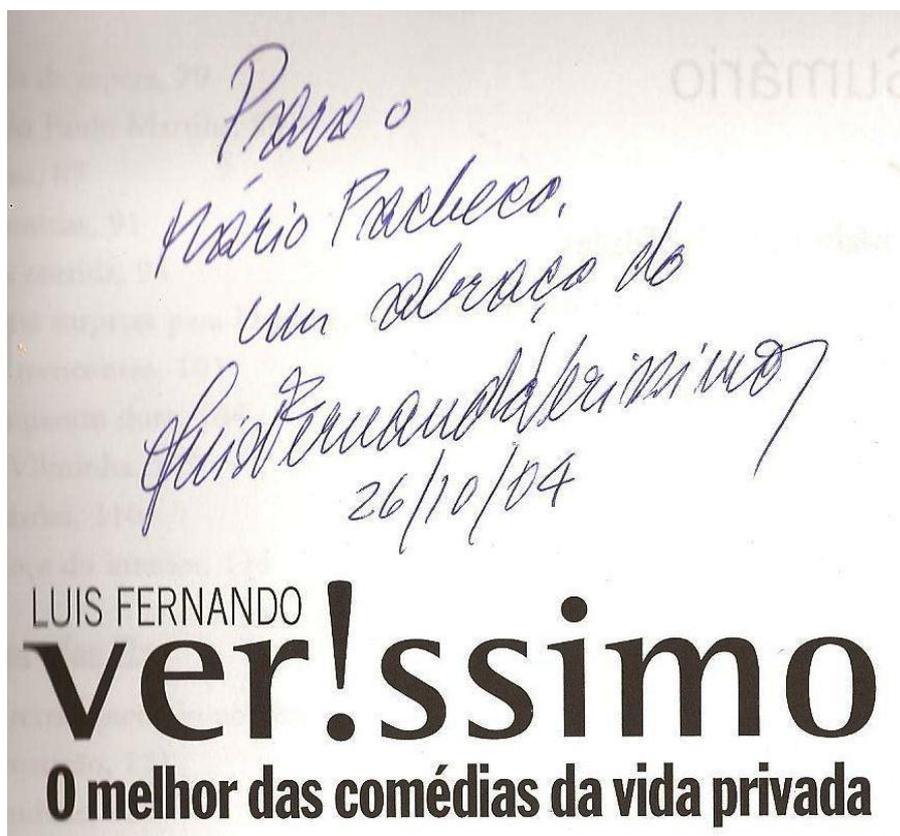
16 DE OUTUBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Óperas minguadas

A boa temporada de *A Carta* (primeira ópera de Elomar) no CCBB não condiz com as dificuldades que produtores e cantores líricos enfrentam para montar espetáculos. Em Brasília e no Brasil, a quantidade de produções se reduz a cada ano.

"O mercado em Brasília ainda é muito tímido. Por isso, faz diferença ir para São Paulo. Lá as possibilidades são maiores pois há mais coros e mais montagens"

(LUCIANA TAVARES DO MADRIGAL DE BRASÍLIA)



26 DE OUTUBRO – UMA DELÍCIA DE CALVÁRIO

O escritor, Luis Fernando Veríssimo é amigo do livreiro Ivan “Presença” que trouxe o mestre em outras oportunidades a Brasília. Numa destas, Luis Fernando Veríssimo caiu do palco mal iluminado e quebrou a rótula. Foi bem tratada, sua única reclamação: ele não podia mais fazer foto de time de futebol porque não dobrava o joelho... (agachava)

Aos 46 minutos do segundo tempo... quando esta parábola futebolística valia...

No Venâncio 2.000, na Feira do Livro, não existia nenhum livro à venda do Luis Fernando Veríssimo e fã das crônicas dele no Zero Hora corri ao andar de cima saquei o cartão e comprei o mais recente dele...

Poucos dias antes, ele havia sido paraninfo e apertado as mãos de 859 formandos da Universidade de Viçosa.

Meio ressabiado, falei rapidamente com ele sobre jazz e peguei o autógrafo.

Ao voltar para o meio dos meus algozes fiz uma expressão triste de que não havia conseguido o autógrafo. Quando eles começaram a rir... Eu abri o livro e mostrei o autógrafo...

Ríamos sem parar e sem maconha...

27 DE OUTUBRO – O ESTADO DE S. PAULO

Cássia Eller: MP culpa médicos

Segundo parecer do Ministério Público, cantora recebeu medicação inadequada para intoxicação por álcool e cocaína.

• *Laudo indica erro médico no caso Cássia Eller* – FOLHA/COTIDIANO

Peritas dizem que médicos não deveriam ter dado Plasil à cantora, por causa de suposta ingestão de álcool e drogas.

• *Para médicos, não houve erro* – METRÓPOLE

Cardiologistas discordam de que o medicamento Plasil possa complicar problemas cardíacos.

O cardiologista Carlos Serrano, um dos diretores da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), discorda da avaliação de erro médico. Serrano disse que o Plasil é inócuo para o coração. “O Plasil é exclusivamente para problemas gastrointestinais, cujo principal sintoma é o vômito”, diz, “Para complicar, o vômito também pode ser um dos sintomas do enfarte. Por isso que não é um absurdo o médico dar também um Plasil ao paciente que chega vomitando ou com dor no estômago.”

O presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, Antônio Carlos Lopes, disse que o Plasil é inócuo quando em contato com drogas estimulantes. “A cocaína estimula a adrenalina e o Plasil não tem nenhuma relação com ela. Ele pode potencializar o efeito do calmante, isso sim.”

O diretor do Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas, Anthony Wong, disse, porém, que o medicamento pode potencializar o efeito de estimulantes, anfetaminas e antidepressivos. Quanto ao álcool, disse, o medicamento não teria esse efeito.”

• *Chicão é do rock* – CORREIO BRAZILIENSE

O filho de Cássia Eller, Francisco Ribeiro Eller, a quem ela chamava de Chicão, continua vivendo com a companheira da cantora Maria Eugênia. O garoto, que está com 11 anos, continua frequentando a mesma escola, o Centro Educacional Anísio Teixeira, em Santa Teresa, e toca bateria numa banda de rock formada com amigos.

REVIRAVOLTA

Novo laudo indica que Cássia Eller pode ter morrido em consequência de falha médica. O medicamento Plasil, injetado na veia cantora, é contra indicado para pessoas que fazem uso de álcool e drogas.

30 DE OUTUBRO – O GLOBO

MP apresenta denúncia contra dois médicos que atenderam Cássia Eller

Promotores fazem acusam Marcus Vinicius Gondomar de Oliveira e Jorge Francisco Castro Y Perez de homicídio culposo, já que o tratamento dado pela equipe médica teria reduzido as chances de a paciente sobreviver.

Quando chegou à Clínica Santa Maria em Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro London Tavern, Cássia estava agitada, confusa e com vontade de vomitar. “Pensaram que fosse só álcool. Achavam que era intoxicação alcoólica. Só quando houve a primeira parada cardíaca perceberam que era mais grave. Encontrei uma moça com muitos enfartes, o coração com muitas lesões. Provavelmente chegou a este quadro com agentes externos”, afirmou o cardiologista Rafael Leite Luna, chamado ao hospital pela família de Cássia duas horas antes da morte. **(CB, 31 DEZ. / 2001).**

30 DE OUTUBRO A 5 DE NOVEMBRO – JORNAL DA COMUNIDADE

Conic O resgate do sonho de Lúcio Costa

Confirmando o aforismo a voz do povo é a voz de Deus, o conjunto arquitetônico que o urbanista Lúcio Costa sonhou em transformar no quarteirão de lazer cultural de Brasília (réplica minimizada do Quartier Latin parisiense) foi batizado pelo povo como Conic.

– Dos 15 prédios que compõem o setor, o primeiro ficava mais próximo da Rodoviária, o Boulevard. Acontece que a construtora, que se chamava Conic, resolveu colocar na fachada esse nome num gigantesco outdoor. Os milhares de pedestres que transitavam por ali passaram a chama-lo assim. Desde então a versão popular ficou valendo para todo o conjunto. O nome oficial continua sendo Setor de Diversões Sul, mas de verdade é mesmo Conic.

“Acontece que na retomada da ‘descoberta’ de Brasília, em 1972, havia duas áreas disponíveis para quem pretendia alugar imóvel: na W3 e aqui no SDS. E como lá era caríssimo, o pessoal correu para este conjunto, que se convencionou chamar Conic.”

(WILSON HARGREAVES)

• *Dependentes de liberdade*

Banda Prot(o) deixa sua marca na noite de Brasília e se prepara para lançar novo CD

O Prot(o) teve início em 1999, e deixou de ser fruto de um projeto solo de Pinduca, ele se reuniu com três amigos para formar uma banda, que foi batizada com o mesmo nome do projeto original. No começo, a aguitarra era comandada por Rafael, hoje vocalista da banda Bois de Gerião. Em 2001, com a saída do guitarrista, que foi tocar sua própria banda, assumiu Tharsis.

Em maio de 1999 a banda lançou a primeira fita demo, com cinco músicas. A segunda fita foi lançada em 2001 e em maio de 2003 o Prot(o) lançou seu primeiro CD. O selo da banda, desde o começo foi a Monstro Discos, gravadora reconhecida pelo apoio às bandas independentes.

3 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

O seminário *4º Seminarte* e a exposição *Sem título* na Faculdade Dulcina pretendem tratar do processo criativo dos artistas plásticos e cênicos e da produção contemporânea de Brasília.

- *Amigos homenageiam o guitarrista carioca Tonho Gebara que tocou com a banda brasiliense Natiruts por um par de anos, gravando o álbum Quatro (2002)*

Morto aos 31 anos, Tonho Gebara deixou gravado o álbum *Ímpar*.

4 DE NOVEMBRO – JORNAL DE BRASÍLIA

O teatro que não é tira-gosto

Teatro Caleidoscópio brinda os dez anos com portas escancaradas à interação de todas as tribos.

A Farsa de Pixreals, resultado de fragmentos de diálogos de mais de 30ª autores, não é colagem, mas uma tela de inquietações.

“Geralmente as pessoas querem o teatro como tira-gosto, para depois irem jantar”, resume André Amaro fundador e diretor do Caleidoscópio. “Não fazemos teatro para isso. O teatro é um encontro tão único que deve propor alguma reflexão”.

O Caleidoscópio, que hoje tem prédio próprio no Sudoeste e funciona como espaço permanentemente aberto a oficinas e a apresentações de outros grupos, é um filhote bem-sucedido dessa inquietação. Da trupe inicial, quem permanece no staff é a atriz Lilian França. Mas o grande barato do Caleidoscópio, cujo nome lhe cai como luva é a interação com quem faz teatro.

Salas do Teatro Dulcina e outros palcos – inclusive o apartamento da atriz Paula Passos, onde foi montado o monólogo *A Órfã do Rei* – já foram cenários do Caleidoscópio antes da criação da sede própria.

7 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Kraftwerk Máquina Humana

O pioneirismo no uso de sintetizadores e computadores na composição de música pop fez do Kraftwerk uma entidade que se transformou em razão de culto e embrião para uma série de gêneros musicais que se estabeleceram a partir dos anos 70 – do Techno ao hip hop. Por essas e outras, a passagem do “robot pop” de Ralf Hütter e Florian Schneider por Brasília, amanhã no Teatro Nacional, não é um evento qualquer. Depois de abrir sexta-feira a edição 2004 do *Tim Festival*, em São Paulo, e de se apresentar ontem no Rio de Janeiro, a dupla chega à cidade pela primeira vez (no Brasil, já se apresentou em 1998) com um arquivo de clássicos nos laptops e a disposição de conhecer a arquitetura e a performance de DJs locais.

10 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Androides com coração

Kraftwerk promoveu momentos de deslumbramento no show de anteontem: aula de eletrônica.

“Por aqui, o ambiente era de deslumbramento muitas vezes silencioso, quebrado apenas pelas introduções de hits como ‘Autobahn’, ‘Trans-Europe express’, ‘Computer world’, ‘The model’ e ‘Radioactivity’. Mistura de instalação com sinfonia, é uma apresentação exata, comovente, rara em qualquer sentido. E que entusiasmo principalmente por mostrar que o Kraftwerk ainda tem muito a ensinar a quem se dispõe a encarar a eletrônica de frente: a lição atualíssima de que computadores fazem arte, mas no peito dos androides também bate um coração”.

(TIAGO FARIA)

- *Barrados no memorial*

Depois da apresentação na Sala Villa-Lobos, o Kraftwerk participou de festa, somente para convidados, no Espaço Dercy Gonçalves, no Teatro Nacional. “Gostamos muito do show. O espaço é ótimo, muito bonito”, elogiou Ralf Hütter, bem-humorado, enquanto autografava capas de discos de fãs brasilienses. Impressionados com a arquitetura da cidade, Ralf, Florian,

Fritz Hilpert e Henning Schimitz chegaram a Brasília domingo, visitaram o Catetinho e, segunda, deram de cara com o Memorial JK fechado para manutenção.

11 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Viagem no tempo

Remontagem de exposição idealizada por JK em 1944 ocupa o Palácio do Itamaraty com oras históricas do Modernismo.

Sessenta anos depois, a curadora Denise Mattar propõe uma viagem no tempo, ao transformar parte do térreo do Palácio do Itamaraty em estrutura circular para receber uma reconstituição da mostra idealizada por Juscelino. *O olhar modernista de JK*, é a remontagem da exposição que agitou a cena artística de Belo Horizonte nos anos 40. “Foi a exposição mais importante da segunda metade daquela década”, conta Denise Mattar, curadora.

Na obra de Tarsila do Amaral, retomada do movimento antropofágico. Senado Galeria.

12 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

O romance inaugural de Brasília

Ao contrário do que indicavam os estudos até então, a primeira ficção tendo a capital federal como cenário e personagem é *Luana*, do mineiro Garcia de Paiva, ambientado na cidade em construção. O livro foi escrito em 1960 e lançado em 1962.

Na W3 no início dos anos 60, época em que se ambienta o romance *Luana*, de Garcia de Paiva: em suas andanças, o personagem principal toma batida num bar da jovem avenida.

A Brasília descrita no romance está em construção, engasgada com a poeira e freneticamente ocupada dia e noite, imprensada entre o cansaço e os prazos a serem cumpridos. Assim também é o protagonista de *Luana*, engasgado com a beleza da cunhada e tentando se manter ocupado todo o tempo, no afã de, assim, conseguir cumprir seu prazo – que seria a volta do irmão e a possibilidade de ele mesmo ir de vez para o Rio de Janeiro, livrando-se daquela obsessão. Mas cidades e pessoas são realidades de distintas essências.

• *A esquina de Brasília* – **DIÁRIO DO COMÉRCIO**

O maior desafio na revitalização do centro é a retransformação do Conic, desenhado por Lúcio Costa Para ser a “esquina” da cidade.

Flávia Portela, a prefeita: “Imaginemos que aqui é a esquina de Brasília”.

De dia, um lugar para a recapacitação profissional.

Magela e Chico Vigilante: muitos políticos preferem o Conic.

Loja hip-hop: lugar para todas as tribos, partidos e religiões.

A vocação cultural do SDS será incentivada ainda mais.

Reformas são financiadas pelos próprios usuários.

17 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

A herança dos orixás

Senado Galeria, do Senado Federal. Mostra das divindades africanas homenageia a luta dos negros brasileiros pela conquista da cidadania. A mostra levou dez meses para ficar pronta – desde a pesquisa até a conclusão das peças. O público poderá ver textos sobre a história de cada divindade, além de uma explicação sobre os símbolos principais. A escolha dos materiais reciclados também faz parte do enredo dos orixás. “Como guardiões da natureza, para

representá-los é preciso preservar. Ser ecologicamente correto”, explicou a artista plástica Marly Viana.

- *Reggae na Caixa*

Jah vai pairar sobre os participantes do show de hoje, no Teatro da Caixa, pelo projeto *Som da cidade*. No palco estarão as bandas Mira Reggae e Tijolada Reggae, além de um convidado muito especial: Renato Matos, cantor e compositor que faz parte da história da música brasiliense. Com seis anos de estrada, o Mira Reggae lançou há dois anos o CD *Positividade*. No álbum há as participações de Renato Matos e Alexandre Carlo, líder e vocalista do Natiruts. O Mira Reggae abriu shows do Cidade Negra, Rappa, Tribo de Jah e do cantor Edson Gomes. Ano passado, acompanhou Andrew Tosh no evento *Reggae sua alma*, que teve Gilberto Gil como atração. Com 10 anos de carreira, o Tijolada Reggae tem um trabalho em que reprocessa as influências recebidas dos mais importantes regueiros jamaicanos. Há cinco anos o Tijolada chegou ao primeiro disco, *Tempo*, e no dia 5 de dezembro lança o CD *Construção* em show no Teatro Galpão. **(IRLAM ROCHA LIMA)**

- *O olhar estrangeiro de Cathleen Sidki – MAB*

O olhar de Cathleen Sidki é intimista. A artista norte-americana radicada em Brasília há 32 anos olha para o mundo de maneira reservada. E reproduz em telas, gravuras e desenhos um universo contido, às vezes sombrio, outras vezes melancólico, sempre deixando entrever uma luminosidade velada. Esse é o tom dos 50 trabalhos de *Vivências brasilienses*.

A seleção das obras expostas no Mab reúne as temáticas mais constantes na produção da artista e conta um pouco como essa estrangeira encarava a cidade nos primeiros anos de sua chegada e como esse olhar foi se fixando em determinados aspectos da vida no Planalto Central. “Quando juntei todo o trabalho percebi as temáticas que tinha trabalhado: tem cerrado, cidade, família, morte e carnaval. São coisas imediatas, que tiveram impacto na minha vida”, explica Cathleen.

- *Altar mexicano – Mab*

Recebe a partir de hoje a exposição *Os mortos*, do artista mexicano Nicolas de Jesús. Homenagem aos escritores Juan Rulfo e Fernando Sabino reproduz um altar mexicano com oferendas e objetos típicos, geralmente artesanato. A tradição mexicana manda montar esse tipo de altar para celebrar a memória dos mortos. A exposição acontece em parceria com o grupo Operação Plástica, que também apresenta alguns de seus objetos confeccionados com lixo.

21 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

‘As vidas de Maria’ abre o Festival de Brasília

Ingra Liberato interpreta a protagonista na vida adulta, mulher nascida no dia da inauguração de Brasília.

- *Salvas a Vladimir, velho conterrâneo de guerra – JORNAL DE BRASÍLIA*

Cineasta paraibano toma a frente das câmeras e se torna alvo de homenagens no *37º Festival de Brasília*.

Homenagem ao cineasta Vladimir Carvalho – com o lançamento do documentário *Vladimir Carvalho: Conterrâneo Velho de Guerra*, de Dácia Ibiapina; e exibição do filme restaurado *O País de São Saruê*.

23 DE NOVEMBRO – FOLHA DE S. PAULO

Novatos invadem o ‘Festival de Brasília’

Com orçamento de R\$ 1,6 milhão, a 37ª edição começa hoje e traz quatro longas assinados por diretores estreates.

Depois de uma edição em que o traço mais evidente foi o experimentalismo autoral, o *Festival de Brasília* volta a ter neste ano um tom fortemente político.

Além dos longas de temática diretamente política (*Peões*, *Cabra Cega*) ou social (*500 Almas*, *Cascalho*) que participam da competição, o filme escalado para encerrar o evento é *Entreatos*, de João Moreira Salles, que mostra os bastidores da campanha presidencial de Lula.

- *Política nas telas da capital* – **JORNAL DO BRASIL**

Festival de Cinema de Brasília, que tem início hoje, é marcado por filmes com teor político.

Em *500 Almas*, Joel Pizzini aborda os costumes da tribo Guató. *Cabra-cega*, de Toni Venturi, uma love story nos anos de chumbo. *As Vidas de Maria*, do diretor Renato Barbieri, é o longa que abre o 37º *Festival de Brasília*.

- *Brasília faz apostas no escuro* – **O GLOBO**

Festival dá vez a estreantes e *Peões* de Eduardo Coutinho, já é favorito.

- *Capital do cinema* – **CORREIO BRAZILIENSE**

A 37ª edição do *Festival de Brasília*, começa hoje, destacando novos diretores e a produção brasiliense.

Duas das mais importantes obras da história do cinema brasileiro poderão ser vistas durante o festival. O clássico de Glauber Rocha *Terra em transe* será apresentado em versão restaurada, o mesmo acontecendo com *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho.

24 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Maratona musical de verão

Quarenta e dois cursos especiais em janeiro atraem para Brasília músicos de todas as partes do Brasil e do mundo. Cem apresentações gratuitas serão realizadas durante o mês.

O *Curso de Verão* foi uma ideia do maestro Levino de Alcântara, em meados da década de 70. Ganhou força com o passar do tempo. O então reitor da Escola de Música pensou num projeto onde os músicos da cidade pudessem aproveitar o período de férias para aprimorar conhecimentos com grandes mestres. Em 1976, foi realizada a primeira edição.

25 DE NOVEMBRO – O GLOBO

Cássia Eller: juíza rejeita denúncia contra dois médicos

- *Médicos se livram no caso Cássia Eller* – **O ESTADO DE S. PAULO**

Juíza rejeita acusação de imperícia feita pelo Ministério Público, aos médicos que atenderam cantora.

2 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Um caminho na pintura

Inspirado nos netos, o pintor resolveu fazer uma fusão das brincadeiras infantis e práticas de circo em pinturas datadas deste ano.

O artista gaúcho Glênio Bianchetti lança *G. Bianchetti*, primeiro livro dedicado à sua obra e inaugura exposição para celebrar os 55 anos de carreira.

- *Caleidoscópio no Planalto*

A partir de hoje, o salão térreo do Palácio do Planalto recebe um caleidoscópio gigante que vai exigir do público certa interação para poder funcionar. Concebida pela cenógrafa Cecília Modesto e executada pelo produtor Oscar José, a peça foi criada para celebrar a sétima edição

do Prêmio Finep de Inovação Tecnológica e leva o título de *Mandalas da inovação – Prêmio Finep e sua história*. Trata-se de uma instalação que reproduz os princípios técnicos do caleidoscópio e seu jogo de espelhos. "Só que, ao invés de olhar pelo buraco, a pessoa vai se posicionar no meio do caleidoscópio. É uma forma lúdica de a pessoa vivenciar a inovação", explica Oscar José.

No chão, discos de 2,40 metros giram em torno de seu próprio eixo, rodeados por jogos de espelhos que refletem cada um dos finalistas do prêmio. "Vira uma mandala que fica repetindo as imagens. Como é prêmio de inovação, a gente propôs um suporte que sublinha o conceito de inovação", avisa Cecília, que montou quebra-cabeça para construir um caleidoscópio que pudesse ser usado por várias pessoas ao mesmo tempo.

4 DE DEZEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Um mundo mais completo

Canal Multishow cria *Dia Cássia Eller*, com programas que celebram aniversário da cantora, morta há três anos.

10 DE DEZEMBRO – JORNAL DO BRASIL

Forró deixa as satélites e chega ao Lago

Ritmo de origem nordestina supera preconceitos e agora marca as noites de sexta-feira no Setor de Clubes Sul.

A banda Zabumbazul adotou o forrodélico: o público se diversificou e vai da patricinha ao trabalhador braçal.

- *Multishow comemora dia de Cássia Eller*

Emocionado também pode ficar o telespectador, graças a um golpe baixíssimo da edição – o de finalizar o especial com imagens caseiras e felizes de Eller, de seu filho, Chicão, de Eugênia e de amigos, alguns presentes na festa de seu dia na tevê.

2005

5 DE JANEIRO – JORNAL DO BRASIL

Clássico traz estrelas a Brasília

Beatriz Segall é uma das atrações em *Pequenas Raposas*

As atrizes Beatriz Segall e Joana Fomm, e os atores Rogério Fróes e Sérgio Britto estão na peça *Pequenas Raposas*, no CCBB, até o dia 16. A peça, da intelectual norte-americana Lillian Hellman, é considerada uma das mais importantes do teatro contemporâneo. Ambientada em 1900, no sul dos Estados Unidos, tem nítida semelhança com debates atuais. Conta o drama de uma família que tem o seu cotidiano marcado pela ambição, pelos preconceitos arraigados e pela disputa de poder entre irmãos.

9 DE JANEIRO – JORNAL DO BRASIL

Duas décadas de rock

Há 20 anos, em janeiro de 1985, chegava às lojas os primeiros registros fonográficos de Legião Urbana, Capital Inicial e Banda 69, os grupos pioneiros do rock brasileiro a assinar com gravadoras majors nos anos 80.

13 DE JANEIRO – CORREIO BRAZILIENSE

Forrozeira arretada

Em Brasília para dois shows Gate's Pub, hoje e Apcef no sábado, a cantora paraibana Marinês conta como foi sua carreira na música popular desde o encontro com Luiz Gonzaga.

Marinês era adolescente, no começo da década de 50, quando conheceu Luiz Gonzaga – à época já artista consagrado. Aos 14 anos, a cantora, casada com o sanfoneiro Abdias, estava em Propriá (AL) e naquela noite seria inaugurada uma praça com o nome do "rei do baião. Não demorou muito para ela e o marido tomarem o rumo do Rio de Janeiro. "No show de inauguração da praça, fizemos a abertura e depois cantei junto com Gonzaga. Ele já tinha ouvido falar de agente e gostou do nosso jeito de nos apresentarmos. Eu cantando e tocando triângulo e Abdias na sanfona. Na mesma noite ele nos convidou para ir ao se encontro no Rio", lembra Marinês com riqueza de detalhes.

Xaxado na Rodoviária

A convite do Correio, Marinês fez rápida apresentação ontem pela manhã na plataforma inferior da Rodoviária de Brasília, em frente à tradicional Pastelaria Viçosa. Acompanhada pelo filho, o sanfoneiro Marcos Farias, cantou alguns dos seus muitos sucessos e chamou a atenção das pessoas – muitos nordestinos como ela –, que se aproximaram para ouvi-la e vê-la melhor.

Pernambucano de Parnamirim, o músico João Batista da Silva (toca num grupo de forró) se mostrou entre surpreso e encantado "ao dar de cara" com a forrozeira: "Nem consigo acreditar. Isso é bom demais. Ganhei minha manhã". Reação semelhante teve a cobradora de ônibus Lucineide Alves Lopes: "Sempre curti a música de Marinês e estar aqui frente a frente com ela é um presente". **(IRLAM ROCHA LIMA)**

Marinês não só cantou como mostrou por que Luiz Gonzaga a chamou de "rainha do xaxado". Como viu que as pessoas estavam tímidas, limitando-se a observá-la, pegou Benedito da Silva pelos braços e saiu dançando. "Essa mulher é arretada. Se eu contar lá em casa que dancei com ela aqui na Rodoviária, ninguém vai querer acreditar", disse o camelô, paraibano de Bonsucesso.

30 JANEIRO – FOLHA DE SÃO PAULO

(FRANCISCO JORDÃO – COORDENADOR DE POLÍTICA DA SUCURSAL DE BRASÍLIA. FOLHA DE S. PAULO)

Após 20 anos, ato com buzinação vira CD

Protesto que reuniu cento e setenta e sete carros pró-diretas em Brasília, inspirou a *Sinfonia das Buzinas*.

Uma placa de trânsito alerta quem chega a Brasília: "Evite buzinar". Na noite do dia 1º de junho de 1984, o aviso foi solenemente ignorado por cento e setenta e sete motoristas em um comício pelas diretas. Por quarenta minutos, buzinas em si, lá, sol, fá, mi, ré e dó, além de músicos e um coral, produziram aquela que ficou conhecida como a *Sinfonia das Buzinas*.

Mais de vinte anos depois, o CD a *Sinfonia das Diretas – Sinfonia das Buzinas* acaba de ficar pronto e será lançado em março. Além dos quarenta minutos da sinfonia, o mastro e compositor que regeu a orquestra de carros, Jorge Antunes, 62, faz no CD um histórico sobre a peça.

Foram mais de vinte anos "sonhando com a possibilidade de filtrar" os muitos ruídos inerentes a um comício, que teve discursos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Ulysses Guimarães, e transformar a *Sinfonia das Buzinas* em CD, revela Antunes, que é professor titular do Departamento de Música da UnB (Universidade de Brasília).

O comício em Brasília ocorreu depois da derrota, na Câmara, da emenda constitucional que restabeleceria eleições diretas para presidente, em 26 de abril.

"Mesmo com a derrota, o Comitê pelas Diretas-Já continuou a se reunir e marcou um comício para o dia 1º de junho. Foi daí que surgiu a ideia de unirmos buzinas, músicos e poesia. A minha batalha era para termos um música engajada e panfletária de qualidade", diz.

O primeiro passo foi catalogar os carros e as buzinas. Um formulário foi distribuído e preenchido pelos motoristas interessados em participar da sinfonia. Constava nome, endereço, marca, cor, placa, a buzina e sua respectiva nota musical e uma pergunta: "Pode levar crianças com panelas? Quantas?".

A ideia também era a de realizar um "panelaço" no dia do comício. Um dos formulários que Antunes guardou foi preenchido por Maria Helena Andrade. Ela informa que vai ao comício com uma Belina laranja e vai levar três filhos, "sendo uma criança com frigideira".

Antunes e seus alunos catalogaram trezentos e três veículos, mas no dia do comício apenas cento e quarenta e um compareceram. "As pessoas ficaram com medo da repressão. No fim, foram apenas cinco crianças com panelas, incluindo meus dois filhos. Mas foi suficiente".

Aos cento e quarenta e um carros foram incorporados na hora outros trinta e seis. Os carros ficaram atrás do palanque divididos em filas. Exemplos: todos os carros com buzinas em dó ficavam na mesma fila e assim por diante. Do palanque, Antunes regia a orquestra com um megafone para um público de cerca de trinta mil pessoas.

Entre os trinta e seis motoristas anônimos que se incorporaram à sinfonia das buzinas, dois foram identificados como sendo agentes do então SNI (serviço nacional de informações). Antunes conta a história no CD: um era um fusca vermelho que estava na fileira da nota fá e outro um opala da fileira do lá.

Antes do fim, ou porque estavam cansados de buzinar ou porque precisavam de um lugar melhor para vigiar os participantes, os supostos agentes do fusca e do opala abandonaram a fila. Para Antunes, sem prejuízo da sinfonia das buzinas.

• *Diretas do barulho*

3 DE ABRIL – SÃO PAULO 0 X 0 SANTOS

21º título de Campeão paulista

28 JUNHO

Sérgio Pinheiro recolheu os cabos e resolvemos passar no Beirute. Lá encontramos Magu Cartabranca e uma pilha de revistas Informação Tributária, com edição de 80 mil exemplares, para circulação nacional, em distribuição gratuita. Serginho e Magu Cartabranca revisitaram seus 25 anos de agitos na cena brasiliense. Fazia seis anos que Serginho não pisava no Beirute, e não posso continuar... porque ele não gosta que eu conte as histórias.

Conhecemos pessoas de outra escala social que perguntavam se o movimento era aquele mesmo na terça. As revistas saíam rápido. Sem beber, eu analisava a falsidade daqueles que recebem as rodadas que nós bancamos. Magu Cartabranca nos convidou para uma entrevista no seu especial de rock aos sábados. No celular, Judivan, colaborador da Informação Tributária, nos mandava um alô. Ele é músico, e seu último CD se chama *Espelhos*. Distribuídas as revistas, de soslaio, vi Iolovitch, de casaco vermelho, exibindo as suas telas. E voltamos para o Guará.

Em casa, depois da meia-noite, foram duas geladas e dois conhaques. Serginho fez um mapa das quadras onde morou no Plano. Falou do tempo em que morava no Clube de Imprensa, sob a regência de Jota Pingo, e dos seis anos que mora na 40 do Guará. Falou-nos da primeira música da Mel da Terra, de divergências de ponto de vista no texto "Mel-limão", do primeiro ensaio com o baterista Beto, da entrada do Haroldinho. De algumas músicas inéditas, e essas coisas fluem... Na sua casa, ele me deu um CD com uma hora de música inédita da Mel da Terra, com a minha promessa de ficar com o disco somente para uso próprio – o material só existia na minha mão e no HD dele.

8 JULHO – O BOLÇO SEMPRE COBRE A ARTE

Andei com produtores de todos os tipos de eventos, costumava jogar uma grana na mão deles...

A filipeta atraiu Os Homens à porta da casa de show. Expliquei que só tinha caras feias: a minha, a do Timm Martins e a do Luís Eduardo – os responsáveis por essa barbárie.

Pela metade, exibimos no UK Brasil Pub, um raríssimo filme do original Pink Floyd. O povo da casa só queria dinheiro.

Colado ao palco, uma mesa com os convidados se fartando de cerveja, então pensei: "Em casa seria mais divertido". Sim eu produzi coisas boas por aí – e outras merdas –, mas grande parte, este resultado deve-se ao fato de os estabelecimentos viverem mais interessados em faturar. Esse quadro não muda.

Um espetáculo lisérgico na contramão – sucesso artístico. Reuniei um bom número de pessoas... e o gerente: "Você disse que iria encher". Eu me pergunto: "Tu és doido, dois dias depois do *Porão do Rock* e no meio de semana?" O que fizemos foi milagre.

Rock'n'roll, lutei demais.

Só saí de casa um ano depois, para trazer a Patrulha do Espaço, Aí foi casa cheia no Blues Pub. Depois que comecei minhas matinés caseiras parei – minha última produção fora de casa não foi legal; não faltou espiritualidade. Foi no Conic. Geralmente eu fico legal quando ouço um "foi louco!". Tentei produções sérias que me fizeram cair a ficha; essa foi uma delas.

1º DE JULHO – CORREIO BRAZILIENSE

Doce rebeldia

Três anos e meio depois da morte da cantora, *Apenas uma garotinha* biografia que chega hoje às lojas revela todas as faces de Cássia Eller. Escrita por Eduardo Belo e Ana Cláudia Landi. Editora Planeta.

14 DE JULHO – SÃO PAULO 4 X 0 ATLÉTICO/PR

O Primeiro Tri das Américas

8 DE SETEMBRO

ENTRE O BACKSTAGE E A COCHIA SAÍDA PELA DIREITA OU SALVE RORIZ!

Agradeço imensamente a este contato. Apesar de não conhecer o som das bandas de abertura, eu sinceramente não aguentaria até a hora do Prot(o)colo. Então, eu estava tomando cervejas no Conic e vi vocês na tevê e passei para deixar o DVD! Que é o show na íntegra do Mopho e do Prot(o)! E bastidores, entrevistas etc – uma hora disso. Então, o Senhor Fernando Rosa fez o seu be-a-bá e eu fui ao backstage, o combinado, e procurei você pelo nome, Pinduca do Prot(o)! Camarim etc! O cara, filho do Senhor F foi bem grosseiro e quis ficar com o DVD, ao que eu disse não! E ainda repetiu você quer falar com quem? Pinduca! Risos! Teu nome não me livrou de ser expulso da Sala Martins Penna, onde o michê queria que eu voltasse pelo palco em fila indiana. Então eu, como cidadão e servidor do GDF, tive que acionar o Chefe de segurança para sair pelo local certo. Pois a segurança do palco, que havia falhado já no primeiro momento, não sabia me retirar e fatalmente estava naquele papo: “estou te tirando numa boa...”. Depois de meia hora, o servidor Carlos Alberto aparece e pergunta o que aconteceu. Eu disse: “Medo de agressão. Está escuro aqui, o cara me dá um cascudo e fica por isso mesmo? Providencie meu-salvo conduto até a portaria, por favor”. “O que aconteceu?”; O cara do palco (que não tava lá) se referiu a mim como um senhor muito mal educado. Achei engraçado, pois ele me ameaçou retirar da sala e falei que não era uma escolha política correta.

Foi um lançamento emocionante do DVD. E eu saquei que a exclusão praticada é séria. Isto não me abala. Achincalhe contra achincalhe. Hoje eu vou no show da Lú Blues em Taguatinga. Amanhã às 18 horas da tarde na Berlin posso entregar o teu DVD. Um abraço, inda bem que não me apresentei como Mário Pazcheco senão o tombo era maior.

OUTUBRO – BANDA CASA-GRANDE, NO RITMO CERTO DAS COISAS!

No Estúdio, Casa-Grande, agora quinteto: Jorge L. (bateria) • Marcelo Pilastra (contrabaixo) • Gogh Sanz (guitarras) • Afonso Carísio (guitarras e violão) • Marcelo Café (voz) assessorados por várias participações luxuosas.

Faixas

01. “Corra e Olhe o Céu” / 02. “Cara a Cara” / 03. “Scotch” (instrumental) / 04. “Chapéu” / 05. “A Ida” / 06. “Samba Novo” / 07. “Gosto” / 08. “Saudade Fez um Samba” / 09. “Rasgar” / 10. “Chega de Mentira”

Cobrimos a estreia do vocalista Marcelo Café e sempre me incomodou de maneira positiva o experimentalismo e o rock mais stone que o Casa-Grande cometia quando Timm Martins, empunhava o microfone. Eu achava desproporcional porém não banalizante.

Passado mais de um ano e chegamos ao CD. Na abertura feliz de “Corra e Olhe o Céu” o tom será de musical, com a voz aveludada de Marcelo Café, as raízes da Casa passam por Cartola/Dalmo Castelo.

“Cara a Cara” traz a perseguição do barzinho e da bossa, na última sílaba, a bela diz, – Sim! “Scotch” é a primeira grata intervenção instrumental e não dá pra deixar de perceber uma batida 'policeana' ao fundo do saxofone de Nando Nandes.

“Chapéu”, é batucada de salão e uma nova intervenção de sopro, a flauta de Larissa Andrade.

“A Ida” começa com um violão marca de acampamento e nos remete a outra ida...

A melhor definição dos instrumentos de percussão prossegue em “Samba Novo”, destaca-se a bateria virada de Jorge L.

O apelo mais pop e não menos poético fica por conta de “Gosto” um romantismo existencial apoiado em guitarras que se tocado na rádio poderia atrair a atenção do ouvinte. Colada vem “Saudade Fez um Samba” remetendo às origens e a arrogância substituindo a lacuna, "Então não vamos mais brigar / Saudade fez um samba em seu lugar" com o suspirar do piano de Kaley Seraine.

“Rasgar” quase põe fim ao disco exibindo uma forma instrumental de fôlego. Mas é na última faixa, “Chega de Mentira”, um libelo contra a mídia, cantada por Gogh Sanz na forma de blues e resultado de uma guerra clânica esvaziada que me faz dar boas gargalhadas, rádios del globito toquem o Casa-Grande, eles têm as canções e o ritmo certo!

Casa-Grande unidos na nova cor novo som novo momento recomeçando... O mesmo bom gosto e a identidade gráfica de Toninho de Souza na capa. Um disco enxuto até o próximo show ao vivo! Participações instrumentais realçaram o todo!

18 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 1 X 0 LIVERPOOL

O Campeão Mundial de Clubes da FIFA

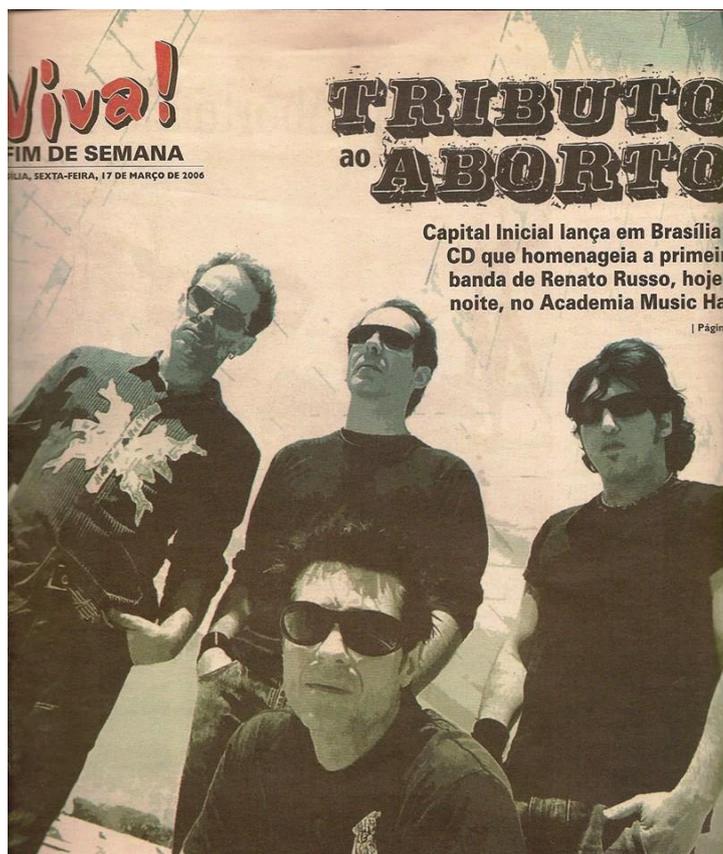
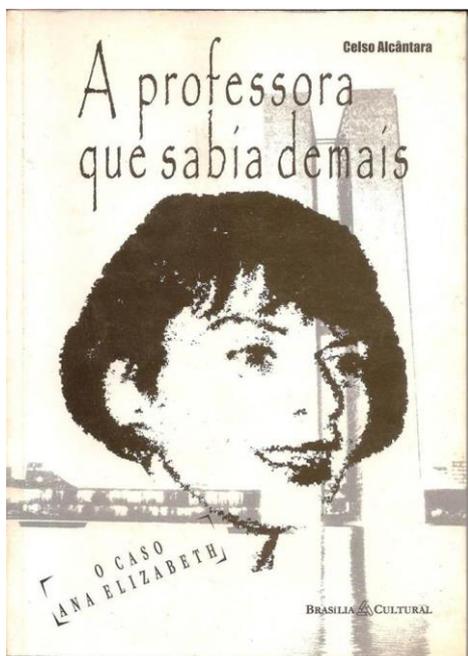
SÃO PAULO TRICAMPEÃO MUNDIAL DE CLUBES TÓQUIO

O nome da partida foi o volante Mineiro. Além de marcar um gol, o atleta impediu o avanço dos atacantes ingleses e, por muitas vezes, tornou-se uma barreira intransponível até mesmo para a bola. Rogério Ceni também teve uma atuação de gala. Com defesas importantes, o arqueiro segurou a vantagem para o Tricolor até o apito final.



2006

17 DE MARÇO



ABRIL

Têm caras que nunca tiveram medo e eu não queria fazer parte desse grupo: "Pazcheco, a polícia ideológica dos anões do orçamento vai pegar um por um da lista de agradecimentos e você é um deles". Foi isso que Celso Alcântara me disse na noite do lançamento do livro dele. Mais um motivo para beber no Conic e no Beirute. Eu olhava para o Zéantônio com medo de a intervenção chegar, e não era brincadeira. Foi uma das coisas mais fortes que nós vivemos no Conic.

6 DE JULHO

Houve um tempo, nesta cidade em que você encontrava a velha guarda. De 2001 a 2006, era possível tomar um chopp (cortesia do livreiro Ivan "Presença") com o decano Jaguar, muito amigável e aberto. Os donos dos botecos chiques são sempre uns avaros, nunca abrem a mão; se esquecem do talento dos cartunistas que tanto ajudaram na promoção de suas pocilgas.

Da série: nenhum direito toral. Fomos nos encontrar com Jaguar, que nos fez dedicatórias especiais. Estava lançando o livro do Pasquim. Klebinho 'bancou' a conta...



Fomos ao lançamento do Jaguar, ele fez dedicatórias especiais para nós. Lançava a Antologia do Pasquim – Klebinho 'bancou' a conta...

SHOW

CONTRA OS MUROS DA FOME

UNIVERSO PARALELO DO ROCK

MURILO LIMA (EX-CAPITAL INICIAL)

GIULIANO MANFREDINI

ROGÉRIO D' SOUZA

PRODUÇÃO: RICARDO BOTELHO
CLIPCOLAGEM: MÁRIO PACHECO
DIREÇÃO MUSICAL: ROGERIO D. SOUZA
DIREÇÃO DE IMAGENS: PABO CHAGAS

17/ NOV. SEXTA 20H30

TEATRO DOS BANCARIOS 314 / 315 SUL

ENTRADA MEDIANTE CONVITE Fone: 33469 090

REALIZAÇÃO: **Sindicato dos Bancários de Brasília**

APÓIO:

UP-ROCK	SINOPSIS	MUSEU DO DISCO	BRISTOL HOTEL
Erika Kakey	ALTA VOLTAGEM	3381 7160	Integração e Mercings

9 DE NOVEMBRO – SÃO PAULO 1 X 1 ATLÉTICO PARANAENSE

Tetra Campeão Brasileiro

Cheguei no Conic e falei: "A partir de hoje quero meu nome no cartaz!"; "Você não é artista!"; "Ah então chega de pôster colagem, chega de exposição de Tropicália, chega de áudios – tens razão não sou um artista, sou um otário. E, nunca mais fiz nada. Minha produtora saiu a logo num cartaz do Retz. Eu nem ligo quando não publicam nem o nome *Do Próprio Bol\$ô* em filipetas ou CDs – é a negação da história de propósito. Quando me chamam para lançar o livro logo pergunto: "Vai sair um flyer impresso?" Assim foi no Kareka's Bar e no *Ferrock* (se não nem saio de casa), chega de ser trampolim. Rogério "Águas" foi muito importante para mim. Esse foi o primeiro cartaz que vi meu nome. Antes Magu Cartabranca me arrumou espaço nobre em revista federal, em 2005, e programa nacional na TV Justiça. Se não

O REBELDE ENTRE OS REBELDES

A VIDA E OBRA CONTINUAS DE ARNALDO DIAS BAPTISTA

A inserção de Arnaldo em um mundo do qual ele nunca participou se opõe à gênese de sua nova empreitada, a publicação do livro *Rebelde entre os Rebeldes*. Livro, aliás, que já lhe valeu outra nota em coluna social, dessa vez do jornal *Folha de S. Paulo*. A ligação com o estilo literário é embrionária, pois o nome da banda foi inspirado na obra *O Império dos Mutantes*, de Stefan Wul. No final da década de 70, Arnaldo se aventurou a transformar parte do universo que admirava – e vivia – em texto. O primeiro capítulo do livro já havia sido organizado por Mário Pacheco, que escreveu a biografia do mutante: *Balada do Louco*. O livro de Arnaldo – que está espalhado em pedaços escritos a mão em diversos cadernos e em trechos feitos a máquina de escrever – será reunido por Leonardo Villa-Forte, fã que procurou o ídolo e resgatou os originais. O lançamento é aguardado para março ou abril do ano que vem.

O texto flutua entre alucinações, miragens oníricas e descrições com um quê biográfico: “Começarei alargando o porão da casa. Eu poderia fazer um salão interno de pesquisas, forrado de cimento armado para no caso de uma explosão atômica eu descesse ao salão por uma escada que mais tarde seria substituída por um elevador, e, após construir as bancadas para os testes, me sentaria e ligaria um possante aparelho de som e então pensaria no que fazer com o laboratório. Adormeci e, levado para os confins do além por sonhos dos quais Morfeu teria inveja, acordei num dia seguinte estranho e repleto de incertezas, fui despertado por vozes e risadas de gente desconhecida no corredor que dava acesso ao quarto dos meus pais”.

Caros Amigos, novembro 2006 Daniel Camargos

fossem esses caras, o ostracismo seria tangível – um monte de merda impressa respiga em nós.

Em fins de 2006, participei do show *Contra os muros da fome*. Trouxe a Patrulha do Espaço. Na manhã da segunda-feira, conseguir esse tijolinho: foi um triunfo, pois o show era incerto. A Lázia do Blues Pub foi muito legal. Depois dessas experiências, decidi: “Vou retomar o espaço do caminhão, chega de dar murro em ponta de faca”. Ano que vem completará 10 anos desse novo ciclo. Aí uns registros das big productions, mas eu preferiria as big trepadas.

Rolando Castello Jr., chegou na Rodoviária de Goiânia e comprou a

passagem e um Correio Braziliense. Viu o tijolinho da Patrulha do Espaço e ficou confiante. No Guará, um mapa de ação na parede: Marssal iluminação, Nathal de Almeida bateria, Joubert e Tiago roadies e técnicos, Dudu filmagem... Percy Weiss comentou "o Mário é uma espécie de guru" e eu ao telefone fazia os corres e garantia tudo e garantindo tudo também o grande coração da Lázia. O rock numa segunda chuvosa foi de arromba 27 nov. / 2006 aniversário de Jimi Hendrix. Há pouco tempo falei com o guitarrista Fabrício de Moraes e disse-lhe, produzi o seu show com o maior público, ele qual? A abertura da Patrulha pelo Misty Mountain, ele me abraçou.

Fomos fazer o show da Patrulha do Espaço porque o movimento tava precisando de alegria e fomos competir com a Monstro e o Moto Capital ainda bem que a banda topou e não se arrependeu da noite de arromba.

UMA HISTÓRIA

Por isso mantenho o ponteiro no máximo – Percy do bombom de cupuaçu, Percy cozinheiro, Percy no *Do Próprio Bolço* em novembro de 2006 – quem colou curtiu a Patrulha do Espaço num dos maiores shows de rock em Taguatinga no Blues Pub que em 2012 foi revivido no Gama

Conheci Percy em 1992, conheci de palco de gravação ao vivo com a Patrulha do Espaço – em 2006 nos reencontramos com a mesma Patrulha do Espaço em Goiânia para mim eram dois caras diferentes e essa versão atual muito mais legal. Percy seguiu no seu carro para Brasília para a minha casa – como ele chegou na frente teve que esperar frente ao Parque Dener frente aos Condomínios onde eu moro – encontrando Percy no trevo da QE 40, ele disse que sabia que tinha certeza que era ali – eu ri muito e disse: “... é aqui mesmo que fica a boca!”.

[Mover para pasta] [OK] [fechar]

Responder Responder a todos Encaminhar como Anexo Encaminhar Imprimir Apagar

De: Lucinha & Arnaldo <arnowdo@terra.com.br>

Data: 18/11/2006 (19:22:01)

Cc: 'Daniel Camargos' <daniel.camargos@uai.com.br>

Assunto: sabotagem

Prioridade: Normal

Para: <pazcheco@ig.com.br>

SALVAR CONTATO

[ver cabeçalho da mensagem]

Mario Pacheco...

Da próxima vez que voce usar ou passar alguma coisa do Arnaldo sem autorização, vou te processar... anote aí.

Lucinha e Arnaldo

Arquivos Anexos: file1.txt (text/plain)

Responder Responder a todos Encaminhar como Anexo Encaminhar Imprimir Apagar

[Mover para pasta] [OK] [fechar]

2007

13 ABRIL – ‘ POWSIA’ & PANCADA : MOVIMENTOS CULTURAIS DA QE 32



Na esquerda, a namorada do Véber (já falecido, poesia); Hugney Geraldo, contrabaixo; Pazcheco, canto silencioso – assim caminhava a humanidade, em passos errados desde 1981! (FOTO: IVALDO CAVALCANTE)

- O Pantera sempre repetia a cassete com aquele hit do Frampton: “Breaking all the rules”!
- A equipe de som de vocês tocavam discos ou era tudo fita?



ROLANDO ROCK

O Rock Vai Rolar no Cerrado

ROLANDO CASTELLO JR

Patrulha do Espaço - Made in Brazil - Inox - Aerobius e outros clássicos



"Fiquei muito impressionado com o estilo, atitude e técnica de Júnior. Tornei-me seu fã (...) é considerado um dos melhores bateristas do rock brasileiro".
Charles Gavin, baterista dos Titãs, revista Bateria e Percussão.

Músicos convidados - Luis Maldonelli - guitarra
Célio de Moraes - baixo e rolando os vocais de
Marta Benévolo e Thomé de Souza

16 - Junho

gate's pub

Sempre viajando na música

CLS 403
61 3225 4576

23 - Junho

Blues
Pub

QS 03 - Taguatinga
61 3352 3031

30 ABRIL – PACOTÃO 30 ANOS! (JORGE ANTUNES)

Em abril de 1977, o regime militar, comandado pelo general Ernesto Geisel, decretou o famoso *Pacote de Abril*, que logo virou motivo de piada entre os brasileiros.

Um grupo de jornalistas de Brasília, num sábado de verão, jogava conversa fora numa mesa do bar do Clube da Imprensa, recheada de garrafas e mais garrafas de cerveja. No meio da conversa, alguém teve a ideia: vamos fundar um bloco de carnaval. Todos concordaram. Pronto. Surgia, aí, oficialmente, a Sociedade Armorial Patafísica Rusticana – O Pacotão.

Para efeito de registro histórico, os integrantes dessa animada mesa – Carlão Lysias, Carlos Augusto Gôuvea (Carlão), David Renault, Fernando Lemos, Guarabira, Márcio Varela, Moacyr de Oliveira Filho (Moa) e Racsow – são considerados os fundadores do Pacotão.

O então diretor do Departamento de Turismo de Brasília, Carlos Black, ameaçou não permitir a passagem do bloco pela W3, já que ali eram realizados os desfiles oficiais da cidade. O Pacotão não só passou, como passou pela contramão. E para ironizar com o diretor do Detur, os "pacoteiros" criaram o personagem que é o "presidente vitalício e ditador

perpétuo" do Pacotão, o Charles Preto, trocadilho com o nome do diretor do Detur.

O bloco, que neste ano de 2007 completa trinta anos de existência, já lançou alguns CDs e ficou famoso não só porque sempre desfila na contramão, mas também porque suas músicas sempre foram de forte e ácida crítica aos políticos e aos governos brasileiros.

Com o advento da Nova República, vários dos jornalistas fundadores começaram a ascender a postos do governo, alguns por concurso, outros por nomeação. Na medida em que a chamada "esquerda" foi ganhando terreno no Poder, as marchinhas do Pacotão passaram a perder a tradicional acidez na crítica política. Chegou-se ao ponto de, num determinado momento, a marchinha oficial falar de "camisinha", em lugar de criticar os políticos.

Neste momento em que o excesso de escândalos políticos grassa, a desilusão faz com que pacoteiros voltem aos temas políticos em suas marchinhas. O maestro Jorge Antunes, pacoteiro de tradição, leal ao espírito do bloco desde os anos 70, fez uma marcha-rancho, para 2007, que critica o próprio Pacotão.

31 DE OUTUBRO – SÃO PAULO 3 X 0 AMÉRICA DE NATAL

Com quatro rodadas de antecipação, o São Paulo Futebol Clube conquistou o título brasileiro pela quinta vez.

18 A 24 DE NOVEMBRO – HOJE EM DIA

Na última semana, o servidor público Mário Pacheco enviou um e-mail à redação do

Reportagem
HOJE EM DIA, DISTRITO FEDERAL, DOMINGO, 18 a 24/11/2007

Caderno Brasília em que dizia que os sócios da G4 acusados na Operação Mecenaz já haviam cobrado propina em outra ocasião. “Em março último, quando fui entregar material da banda Maquiavel, percebi que havia uma outra porta de entrada para o festival, e concluí que quando alguém vai à sala da G4 tem que estar preparado para ofertar. Isso me encabulou e eu andei comentando com membros de bandas e produtores que o jabá estava presente”, afirma Pacheco. No entanto, segundo a Polícia Federal, não há nenhuma evidência que comprometa a Ong que organiza o festival ao esquema de corrupção dos acusados no MinC.

2008

LENHA!

Assusta a quantidade de conservadores por metro quadrado em todas as cidades. Assusta a ingenuidade da observação. Pior, todos estão indo pelo ralo – desde o culto escritor até a dona de casa. Por que mudou o tom da bandeira do azul para o vermelho? O daltonismo seria curado? Haveria recursos para todas as mazelas? Porra! Leia O Globo, pelo menos você aprende a pensar como a mídia-punheta pública. Ou na próxima eleição vote no outro candidato. Saco cheio de e-mail-denúncia; de quantos cifrões as companheiras dos eleitos recebem; da malversação das verbas públicas; das falcatruas. Por que isto não pode ocorrer dentro do PT? Afinal eles não são políticos profissionais? Agora, vamos passar mais um semestre discutindo os gastos dos cartões. E a justiça? Ela absolverá a todos por falta de provas? Começando pelo Maluf. Assim como aconteceu com Najas, o investidor. E a gente fica aqui falando mal do governo, como se ele estivesse aí para nós. Criticar com demagogia é pecaminoso!

'10.000 DIAS DE ROCK': A FLECHA VOARÁ NOVAMENTE

Por fim, passaram-se 13 anos de solidão e eu resolvi fazer outro livro com o português revisado pelo Luís Eduardo (ficou ruim, não).

Em tributo aos fanzines no livro *10.000 dias de rock*, publico uma parte do material que rolou nestes relevantes glossários. E depois vieram uns *m.* tentando requentar e reinventar a roda, refazer um movimento tão vigoroso que foi o nascimento dos fanzines na década de oitenta.

11 DE JANEIRO – LENDO PEDRO JUAN GUTIÉRREZ, COM O CORAÇÃO VAZIO (RODRIGO SOUVES)

Dentro da coordenação, sozinho, horário de almoço, cheiro bom de bife com cebola, o colega não tem os medos constantes de bactérias e fungos e afins, deixa a marmita aberta na mesa e eu imagino se o sujo ar condicionado geral do prédio não manda partículas de imundícies, quando bebo sempre solicito para molharem a lata da cerveja, o colega considera isso coisa de "mocinha". Ele chega e pergunta algo, ignoro, estou com fones ouvindo Liverpool, banda gaúcha dos anos 60, um amigo músico sempre ouve, seu velho tio baixista participou da gravação, é suave o som, me acalma.

O colega mastiga o bife com seus dentes encardidos, me impressiona o fato da dentadura ser desbotada e furada de tanto café e cigarros, quando o conheci ele não vinha trabalhar com dentes, quando colocou a dentadura pareceu que seu rosto aumentou muito verticalmente, ele se cansou das sacanagens alheias. Um dia o paraíba, um sujeito trabalhador, tosco como o que se convencionou nos anos 2000 chamar de "Zé povinho", trouxe um envelope e deixou na mesa do colega, ele abriu e se espantou com o mau cheiro, jogou fora e nunca comentou o assunto, curioso fui até o paraíba que rindo me informou que se tratava de uns dentões que tiraram de um cavalo morto, não contou mais nada, reclamou da barriga doendo de tanto rir. Com a rotina diária me acostumei com o aspecto vertical do rosto do colega, quando ele tira os dentes seu rosto diminui um pouco e considero esquisito, nos acostumamos a quase tudo mesmo.

A música do Liverpool me acalma mas por dentro estou tenso, essa tensão já dura quase quatro anos, trabalho a sete no mesmo posto e sou visto como alguém com possibilidades e que não é esperto, não sabe ganhar dinheiro com o conhecimento que detém. Não largo o emprego para estudar para não cair na desgraça de não ter dinheiro para se pagar o dia a dia, com quase trinta anos não posso exigir de meus pais boa comida na mesa, julgo que meu quarto deveria ser do meu sobrinho, gosto muito do garoto. Como repetido no bom filme *O Cheiro do Ralo*, a vida é dura.

Sou pragmático, quando vejo gente fazendo o contrário do que manifestam como valores absolutos, sempre exalto a hipocrisia do momento. São vários exemplos, às vezes pessoas que se dizem distintas não valem o que deixam no vaso, isso é um paradoxo e tanto.

O tocador de Mp3 começa a tocar Dead Kennedys, "Take This Job and Shove it", infelizmente não posso fazer isso, no momento não há possibilidade para eu mandar nada para a casa do c..., quase tudo está me importando: minha família onde sou ausente, meus poucos amigos, a mãe de minha joia que nem atende meu telefone, tudo. Concluo que realmente me convenceram que a vida é um rio que flui e eu estou agarrado a capins da margem, o problema é o que fazer para começar a mudança. Para não ser um martírio a tal mudança vou fazer algo fora do padrão do meu dia a dia: natação, me fará bem.

Muitas elucubrações depois de uma longa conversa com o colega dos dentes encardidos, a situação é a mesma, apenas essas palavras ficaram no papel, fica meu registro para alguns finitos leitores, a vida é dura... Nem sei mais se vale a pena ser mais racional que sentimental. Pedro Juan Gutiérrez em todos os seus livros se apresenta como um animal sexual, talvez bissexual, não importa, o importante que é que ele ganha a vida fazendo o que gosta, escrever.

7 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 1 X 0 GOIÁS

São Paulo sagra-se hexacampeão brasileiro, além de ser o primeiro clube a vencer a competição por três vezes consecutivas.

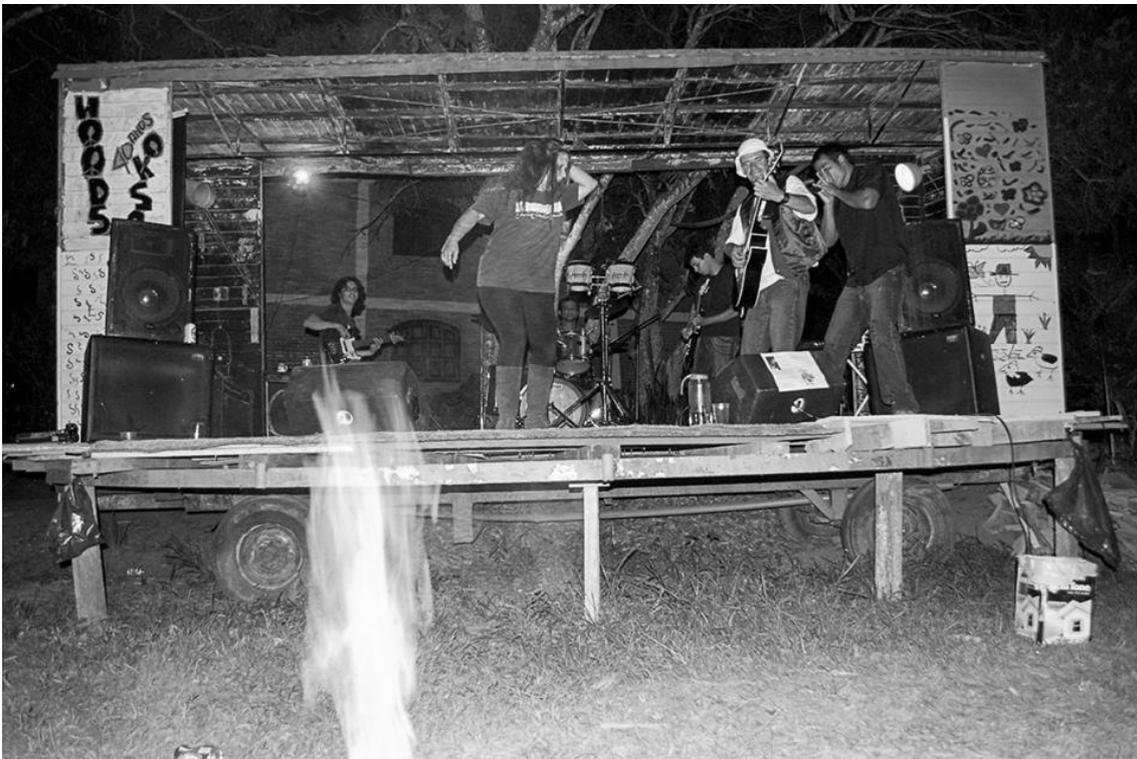
2009

28 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

“Não tem ninguém no Brasil hoje que não ouviu falar da Legião”.
(GIULIANO MANFREDINI)



15 AGOSTO • ‘WOODSTOSKO’ – UM FESTIVAL À MARGEM DO GRANDE FESTIVAL
VALDEZ • BARBARELLA • TERROR REVOLUCIONÁRIO • GUARIROBA BLUES •
ZEZINHO BLUES • LU BLUES



30 DE OUTUBRO

Foi uma festa com muitos, mas muitos amigos especiais (in memória da Vanesca). Alexandre Podrão começou a frequentar nossas festas e, quando viu o *Mural dos Arrebetados Políticos*,



ficou estupefato com a colagem. Tinha esse lance de luz que tinha que ficar na penumbra pra projetar as sombras. Enfim rock, quando Robson enchia a Kombi com os petrechos. E foi uma festa coladinha depois de *Woodstoko* – que foi o primeiro grande festival que fizemos. Só love.

A vida é produção – foto de Sandro Alves, que resgata o ambiente perdido, quando jogávamos sinuca (Barbarella & Guariroba Blues se apresentaram nessa noite) Essa é uma das duas fotos desta noite feitas de dia.

NOVEMBRO

Fazia quase 25 anos que nós não nos encontrávamos! Fui encontrar o Zeca onde jamais esperava encontrá-lo. Nesse dia houve uma espécie de dança manguebeat, quando fiz de conta que a dança não era dirigida a mim. Ouvi: “Nem consegue encará-la

dançando... rock'n'roll candomblé e disse-me-disse”. Nesse dia reencontrei o Zeca e os seus LPs, e o mais incrível: demoramos a nos reconhecer eram... 24 anos e 24 horas. Um álbum triplo nacional do Led Zeppelin, chamado *Remasters*, que eu curto muito que era da coleção do Zeca, me foi dado pela Sueli.

13 DE DEZEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Rock made in Ceilândia chega às telas

2010

25 DE FEVEREIRO – O GLOBO

Livro em forma de exposição de arte

Waltécio Caldas lança publicação como um percurso por 25 criações.

28 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

Os duelos de Renato Russo

Em 1981, quatro anos antes do início do sucesso nacional com a Legião Urbana, o jovem Renato Manfredini Jr. submeteu à censura algumas de suas composições da época do Aborto Elétrico. Ganhou seu primeiro veto por conta dos versos nihilistas de “Heroína” (“Eu não quero mais viver, eu quero ser um vegetal”). Tempos depois, já contratado pela gravadora EMI-Odeon, Renato Russo voltaria a ter embates com a censura. “Baader-meinhof blues” e “O reggae”, duas faixas do primeiro disco da Legião, tiveram a radiofusão proibida. E “Dado viciado”, submetida em 1984, mas apenas gravada no *Uma Outra estação*, 1997, foi vetada por três censores diferentes.

Em 1987, “Faroeste caboclo” também ganhou três condenações por “linguagem vulgar e grosseira” e “expressões empregadas por viciados e traficantes de drogas”. A EMI-Odeon, então, utilizou um recurso maroto: substituiu no recurso os trechos considerados problemáticos, mas os manteve no disco e no encarte. Meses depois, a artimanha foi notada multada. “A referida melodia vem sendo veiculada através de organismos de radiofusão locais em sua versão integral”, alertou a censora federal Telma Maria de Melo Costa. Tarde demais: mesmo com 9 minutos de duração, a saga de João de Santo Cristo já era executadas em todo o país. **(CARLOS MARCELO)**

11 JUNHO – ‘SARAU PSICODÉLICO’ APRESENTA O RESGATE EMOCIONAL DE SERGUEI + BANDA PANDEMONIUM (RJ) • KÁBULA • ELFFUS • QUINTA ESSÊNCIA



America Rock Club. O tecladista Marssal Leones sabe o que significa para mim conhecer o artista, ele me levou aos camarins e eu pude conversar com o Serguei, aliás Marssal sempre me apresenta algumas estrelas do blues; com Gérson Deveras também acontecia da gente conhecer alguns medalhões da MPB.

7 DE JULHO

A semântica do Ezequiel Neves era intransferível e intransponível e impossível de se apropriar. Foi o crítico rocker mais descaracterizado. Curtia os bardos de Dylan a Lou Reed. O homem conhecia todos os becos do rock'n'roll – eu o chamaria de bicha elétrica e foda-se. Muitos achavam que ele deveria morrer de boca fechada, mas caiu na besteira de falar das suas orgias romanas e com quantos caras trepou numa única noite. Era insaciável. Ou estava fodendo ou escrevendo. Foi minha maior influência no sentido de ser desbocado impetuoso. Não escreveu autobiografia. A Globo não o pagou. Desconheço se deixou textos teatrais – mas



quando vejo uma foto sua, fico de língua dura! Evoé, Ezequiel!

AGOSTO – CRUMB: COMENTANDO SUA PASSAGEM PELA FLIP

"Fiquei impressionado como havia muitos jovens agradáveis lá. Isso foi bom. Mas, ao mesmo tempo, eles colocaram uns caras imensos com ternos pretos em todo o lugar, para fazer segurança. Houve algumas vezes em que eu estava no meio da multidão, e aqueles guardacostas empurravam as pessoas de forma violenta. Isso foi estranho". (

27 DE AGOSTO

Iolovitch expõe no jardim de casa

Artista plástico deixa o circuito boêmio e expõe no jardim de casa.

4 DE DEZEMBRO

Rock, motos e velhos tempos

Os paulistas do Patrulha do espaço prometem levar o velho e bom rock par ao Gama, na Praça do Cine Itapuã.

2011

A Plebe Rude lançou DVD e CD *Rachando Concreto: Ao Vivo em Brasília* que conta com um resumo da carreira da banda. No mesmo ano, o álbum concorreu ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Rock Brasileiro.

Plebe Rude recebeu o título de cidadão honorário de Brasília.

JANEIRO – FLAGRANTES

Na Argentina, aconteceu uma coisa altamente estupefaciente: um comerciante de discos me vendeu um álbum duplo com um LP inteiro e o outro quebrado! Quando consegui respirar imediatamente troquei os dois discos só que somente por um. Voltar de avião com dois LPs no colo foi a coisa mais traumática, espero jamais repetir a não ser que sejam discos de ouro. Em Buenos Aires, eu me sentia como John Lennon um prisioneiro na rua 46. Uma tarde tomei coragem e segui em linha reta fui procurar uma revista chamada Pelo “Cabelo”, nesta rua existiam dois sebos, um para ricos e o outro para quem passava com um trocado no bolso e não se importaria em voltar duro para casa. Peguei o troco e comprei o livro *Led Zeppelin A Celebration* de Dave Lewis, na hora pensei tive que vir aqui para buscar você. O livro é do início dos anos 90, que eu tive a oportunidade de ser presenteado pela vida, obrigado.

URUGUAI

.....

Pelas ruas de Montevideú, capital do Uruguai, encontrei esta Oficina de Música e Reparos. Estavam expostas algumas esculturas musicais ao lado de cítaras e harpas, num clima indiano. O Luthier tirou um som das esculturas, mas não quis aparecer nas fotos!



Álbum de viagem – Pazcheco, Vanesca Campanella, Leonardo Valério e Zanza, da Argentina para o Uruguai

6 DE ABRIL – OZZY EM SUA PRIMEIRA PASSAGEM POR BRASÍLIA

Ginásio de Esportes Nilson Nélon, em Brasília

Casa lotada: 10.000 pessoas foram abençoadas por ele e pelo rock'n'roll



MÚSICAS

01. / "Bark at the Moon" / 02. "Let Me Hear You Scream" / 03. "Mr. Crowley" / 04. "I Don't Know" / 05. "Fairies Wear Boots" / 06. "Suicide Solution" / 07. "Road to Nowhere" / 08. "War Pigs" / 09. "Shot in the Dark" / 10. "Rat Salad" / 11. "Iron Man" / 12. "I Don't Want to Change the World" / 13. "Crazy Train"

BIS – 14. "Mama, I'm Coming Home" / 15. "Paranoid"

Terça-feira. No show do Ozzy, O Sepultura mandou muito, talvez mais que o anfitrião. O Sepultura tocou os clássicos "Arise", "Refuse/Resist" e "Roots, Bloody Roots", este último agradou-me mais do que o normal.

Pontualmente às 21h30, Ozzy Osbourne subiu ao palco. Sua incrível e forte voz e a excelente forma física impressionaram. A mesma energia, timbre, vivacidade e agitação... e com uma pistola em punho. Os mesmos baldes de água e espuma sobre o público, dissipou o empurra-empurra frente ao palco, assisti o show pelo telão. O incrível também era o fato de estar na companhia do Virgílio, meu filho de dezoito anos e do amigo dele, Artur da mesma idade, trinta anos depois do fanzine *Sleeping Village* que eu editava muitos antes do *Rock in Rio*. Para mim, era um sonho que caiu do alto.

Abriam com o poderoso riff do clássico eterno *Bark at the Moon*. "Quero que vocês enlouqueçam!", bradou, para a empolgação geral dos novos e velhos admiradores de heavy metal. Na sequência, o cantor anunciou uma canção de seu último trabalho, a empolgante "Let me Hear You Scream", que levantou ainda mais os brasilienses com seu refrão pesado e pegajoso.

A interação de Ozzy com o público foi marca do show. Ele estimulava o público empolgado a gritar cada vez mais alto "não consigo ouvir vocês, p***. Mais alto", dizia em várias oportunidades, levando os fãs ao delírio.

Ozzy gostou muito do público de Brasília, ele estava seguro e feliz assim como o público.

No meio do concerto, Ozzy apresentou sua banda, que deu um show à parte, sem a presença do cantor. O guitarrista Gus G. exibiu um solo que deixou o público boquiaberto, chegando a tocar o conhecido choro "Brasileirinho" com um som bem rock'n'roll. O baterista Tommy Clufetos também levou os fãs ao delírio com sua performance.

A galera animada até nas arquibancadas cantou em uníssono a faixa "Mr. Crowley", do seu primeiro disco solo. Também vibraram muito com os clássicos do Black Sabbath, "War Pigs" e "Shot in the Dark", além das aguardadas "Iron Man" e "Paranoid", música que encerrou o show.

Ao final, a gratidão ao público pelo Príncipe das Trevas. "Deus abençoe vocês, obrigado por virem", disse. Terminou por volta de 23:10h o terceiro show da atual turnê *Scream*.

MUITOS CONSIDERARAM ESTE SHOW COMO O MELHOR DE SUAS VIDAS!

"Curti o show. Achei o baixo um tanto inaudível, e que aquela enorme bateria foi pouco usada, além de achar que rolou um playback básico, quando o Ozzy ia falar com o público sua voz estava rouca demais, e ele voltava a cantar normalmente logo em seguida. Em "War Pigs" também deu um certo eco, que a voz ficou meio atrasada, e deu pra perceber o playback. O show consegue ficar entre os melhores que eu já fui". **(GABRIEL MARTINS)**

"Sou muito fã do Mr. Ozzy! O show foi fodástico! Maravilhoso é sem dúvida o melhor show da minha vida. O Madman mandou bem demais e o Gus G solando 'Brasileirinho' é muito massa. O solo do batera empolgou a galera. Além de assistir esse show lendário levei pra casa uma baqueta do Sepultura é uma palheta que o Gus G jogou pra galera que estava na grade. Inesquecível!" **(KELLEY)**

20 DE MAIO – 'TUDO PRONTO PÁRÁ O ROCK' • CURSE OF FLAMES • DÍNAMO Z • WENDEL ROCHA • MIRO FERRAZ





5 DE JUNHO

À noite, Guará 2. Casa de Saraiva. A Turma dos Skrotinhos grafitava e fotografava. A cerveja era gelada e, sob influência narcótica, assassinávamos “Nada vai mudar” (Mopho) “Além de mim, a velha vitrola. E aquele disco dos Mutantes”. Eu fazia coreografia e Saraiva errava a letra. Hu-GO era o único que sabia...



Coisas e cheiro de tinta no terraço rolaram até às 3 da manhã. Saí cedo. A segunda-feira, foi infernal.

**23 JULHO •
'SÉTIMO CÉU'**



MIKE E DEVERAS





BESOIRO DO RABO BRANCO



SUPERFOLK



16 DE OUTUBRO

Dias insuportáveis de um mês coercivo. Tortuosos pensamentos esvaem-se para o nada nesta longa semana de outubro. Como em tantas tardes anteriores, imerso em melancolia, antevejo o desacordo. Diante do ano morto, o cortejo diário desfila. Dias infindáveis desmancham-se em semanas longas, tardes manchadas de sangue e esperança no calendário perdido da quarta estação do ano.

12 DE DEZEMBRO CONVERSA AO PÉ DA LETRA



Estudos da baianidade com Rogério Duarte

2012

ATÉ 6 DE JANEIRO – CCBB

Antony Gormley – *Corpos Presentes*

28 DE JANEIRO – RITA LEE “FERIADEU-SE



FEVEREIRO – GOING ROCK

As coisas *Do Próprio Bolço* são capengas mesmo – eu coloco tudo na planilha, até a previsão do aumento da conta de energia no mês posterior e até o papel higiênico; faço uma lista enorme e vou saqueando os lares para diminuir o impacto. Junto moedas e corto custos: faço o rock. E ligo: “Você poderia contribuir com uma caixa de cerveja?”. Pareço esses atendentes pedindo uma bolsa.

Fui ao Mike's Bar em Taguárockcity, contatar o Félix e fechar uma apresentação da Stoner Babe, nos 30 anos de causa em abril. Tomamos todas e cheguei de madrugada em casa. O show da Stoner Babe foi o mais acidentado.

Depois fizeram outro show *Slamdancer* que virou vídeo. O fotógrafo Zeca Ribeiro fez uma famosa sessão que acabou no Correio Braziliense. Fora a vez que dirigi até Luziânia com eles ou peguei a bateria na Arniqueira para o show começar. Fizemos uma parceria vitoriosa. Nunca quis ser membro de banda, nunca fui fã de ninguém, exceto dos Beatles. O que eu faço é produção. Se alguém que eu conheço logo fala “vamos fazer uma brincadeira...”, ele nunca mais botar os olhos em mim é assim que a coisa funciona.

•

Escrever é encolher fórmulas. Comecei a prestar mais atenção à pontuação. Agora leio a biografia do Bukowski e, sendo sincero, nela não há nada que não saibamos. Textos são coisas próprias e basta. O prazer é ter a oportunidade de um Revisor dar um trato – quanto mais louca a linha, mais convulsiva, mais ilegível, melhor o delírio. Adoro meu último livro. Nesse agora sou cortante numa mistura de Facebook com diário de adolescente em crise de meia idade. No penúltimo eu reuni alguns estilos que estavam na gaveta. Acho os amigos escritores donos de boas barrigas brancas e soberba maior do que o talento. Acham-se os

melhores do mundo. Você tem que abrir a própria vala e voltar para o sereno e dormir na relva depois de dias de bebedeira. Expor-se. Uns chamam isso de autopromoção, autoajuda, exposição demasiada, isso do “desespero ajuda a dor”. Bruno Schulz, John Fante, Kafka, Henry Miller e muitos textos de escritores paranoicos, atravessados, perturbados, esquizofrenia pura, como um som enferrujado de sax. O que você faz? Posso escrever a sua biografia, mas você não terá grana pra tanto. Penso em escrever duas biografias ao mesmo tempo: John Lennon – 1980, e outra de Jimi Hendrix. Precisaria de dois anos e elas poderiam vir num mesmo volume. Tenho mais talento como editor das minhas coisas. Mantenho o olhar firme e o controle em tudo o que eu participo. É sim. Ainda bem que você não nota o controle.

Ganhei concursos de redação e até hoje escrevo errado. Hoje escrevo mais conciso que antes – os Escritores são uns trouxas – menos os publicados, que podemos manter a fé neles. Estou lendo uma biografia do Bukowski e a cada página fico mais deprimido e louco e me perguntando como foi que eu esqueci aquele estilo de escrita de 20 anos atrás. Acabei um livro agora e nada me paira na cabeça. Parece que eu exterminei todas as ideias. A medicação, o ócio, a falta de sossego, de paz, a rotina de levantar às 6 da manhã me deixa ensimesmado como um gato em cima do criado. E você nem vem foder as minhas bolas, mas vem me encher o saco com sua indelicadeza.

17 DE ABRIL – BOB DYLAN EM BRASÍLIA, GINÁSIO NILSON NELSON

“Esperei tanto e com muita ansiedade para vê-lo, mas acabei chegando um pouco atrasada e o show já tinha começado, então não tinha mas nenhum lugar mais próximo ... e tive que me contentar em ficar na lateral e aproveitar o máximo, de qualquer forma, afinal era Bob Dylan, um dos meus artistas mais favoritos – ele me trouxe as informações mais importantes para a minha formação pessoal – eu realmente gosto e acho que chorei durante o show (muita emoção, gente!) porque cheguei atrasada e nem sei se vou vê-lo novamente, mas o que importa mesmo é que tive essa oportunidade única na vida! (...)

"O que me deixou severamente impressionada foi a organização, na minha frente havia um garotinho que estava com sua mãe, em um momento percebi que tinha algum problema em suas pernas; fiquei muito emocionada ao vê-lo ali tão feliz e atento, cantando e se balançando; depois vi mais algumas gravações e num registro vi um fã numa cadeira de rodas que estava no meio e muito feliz e tal, mas pensei que a organização poderia ser um pouco mais cuidadosa nesse sentido, essas pessoas mereciam estar mais seguras, estava muito cheio, claro que não há violência num lugar desses, eu acho, mas pelo fato de pagarem um preço muito alto e não terem um angulo melhor para 'ver'(...)

"Falar um pouco do tipo o quanto foi emocionante ver o meu o nome impresso no ingresso, que era obrigatório esse registro e identificação, a voz dele naquele som me soou como a voz do Tom Waits, e que ele não tem o mesmo fôlego com a gaita, mas continua com a mesma energia, e que ele é um fofo." **(DAGMAR DO CARMO)**



9 DE MAIO A 5 DE AGOSTO – MUSEU NACIONAL DOS CORREIOS

Paixões Privadas – a arte europeia nas coleções particulares do Rio de Janeiro”.

22 DE MAIO A 29 DE JULHO – CCBB

Índia!

JULHO – COMO CONHECI NARDELLI

Conic. Um ponto de táxi é sempre um local inusitado.

Um garotão de cabelos grisalhos ainda musculoso, de óculos escuros aguarda a corrida. Para variar reclama da praça.

– Fala Nardelli Gifone! E o reggae?



Rapidamente, Nardelli fala do amigo paulista proprietário da loja Johnny B. Good de discos de reggae que morreu de repente, e me pede o e-mail para passar suas fotos na Jamaica, onde lá estive duas vezes. – De táxi? Ele ri.

No melhor momento da conversa, ele desafiadoramente

encara a multidão de garotos com camisetas pretas, cabelos coloridos, piercings, tatuagens e retruca: “É Marão, fomos nós que começamos tudo isso: dreadlocks, cabelos coloridos, camisetas, piercings e revolução juvenil”. O comentário de alguma forma, faz justiça e traz reconhecimento.

Eu fico pensativo, eu não, eu nunca fui estrela quem tinha dreadlocks que mediam 1 metro era ele que era exímio capoeirista. E, rapidamente vem à cabeça momentos tristes e alegres envolvidos pela costumeira onda de violência que se abate sob os cabeludos. Mas nós sabemos que depois do Maranhão, o reggae surgiu foi no Guará 2 e estávamos à frente do movimento. Éramos os patriarcas do culto à personalidade, à necrofilia divulgávamos assuntos proibidos e filosofias e estéticas que despertavam suspeitas e aglutinávamos centenas de seguidores, tínhamos um óbvio potencial político que utilizávamos.

14 DE JULHO – OS HOMENS DA STONER BABE

FAH BIO, CONTRABAIXO; FÉLIX AMORIM, VOZ E GUITARRAS; TIAGO RABELO,



BATERIA; “MÁGUIM”, VOZ / FOTO: ©ZECA RIBEIRO

5 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE "Eu quero seguir vivendo"

O cantor e compositor Caetano Veloso completa 70 anos na próxima terça-feira. A idade, contudo, não o impede de continuar ávido por novas experiências.

Playing for Change Band (composta por músicos do mundo todo), no Bourbon Street Fest.

10 DE AGOSTO A 14 DE OUTUBRO – MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

Oswaldo Guayasamín: Continente Mestiço



**21 DE AGOSTO
– FESTA DE
ANIVERSÁRIO
DOS 50 ANOS
DE JOELZINHO**

Prefiro uma
festa de amigos
/ À grande
família

“A Feast of
Friends” (Uma
Festa de
Amigos) The
Doors / Jim
Morrison

"Dizem que
amigos
verdadeiros
podem passar

longos períodos sem se falar e jamais questionar essa amizade. Quando eles se encontram, independentemente do tempo e da distância, parece que se viram ontem, e nunca guardam mágoas ou rancor. Entendem que a vida é corrida, mas que você os amará para sempre".





22 DE SETEMBRO – ‘SLAMDANCER FESTIVAL 2’ – HOMENAGEM A RAUL SEIXAS

• CARAJÁS • ANTIMACULÁ • LIS NEGRA • TERROR REVOLUCIONÁRIO • A.R.D. • STONER BABE • DURÂNGOS DA AMÉRICA





25 DE SETEMBRO – REAPARECEU O MICROFONE...

Três coisas: 1. Amplificador, 2. microfone e 3. estabilizador envolveram pessoas – o amplificador poderia ter sido queimado (ainda não testado) pela falta do estabilizador – o sumiço do microfone veio coroar a confusão – poderia ter levantado falsa acusação, poderia ter cobrado pessoas sérias que não tinham nada haver. E não vou apontar heustórias e motivos que não resolvem. Acredite em telepatia, agora acredito na literatura de Aghata Christie e Coyle, a melhor forma de se resolver um mistério.

OUTUBRO

Ação devastadora é legitimar uma ação que não existe: colocar o rock Brasília no mapa, quando o filme, na mão certa, mostra claramente que o legado vive pelos nomes do passado. É uma ação metódica e planejada e segura e orquestrada pelo governo do PT, que quer empurrar com a barriga a questão da cultura. Então, juntam-se estes peões sem-vergonha e nos apregoam de "amadores". Por aí vai... A derrota é iminente. Penso em Ian Curtis, que gravou sua obra em poucos anos. Ele tinha 23 anos. Por isso, neste culto é que eu acredito, e por ele é que tomo atitudes irracionais e radicais. Briguei muito com a realidade. Você é um dos poucos caras que se mostram – ponto para você! Félix Amorim! Dos 5 Generais – da Stoner Babe – do Cogumelo Atômico ou uma expressão sábia de Ronaldo Lima: “farinha pouca, meu pirão primeiro”.

ANTES DA LEGIÃO URBANA EXISTIRAM



John Lennon, The Byrds, Sid Vicious, Ian Curtis – pequena fábula do rock. Rock pra mim era O Terço, Mutantes e 14 Bis era uma decepção pois a gente não entendia do plantel das gravadoras. Robertinho de Recife, Baby e Pepeu, A Cor do Som e Roupas Nova era o rock das multidões. Em Brasília, ainda

existia o guitarrista Anapolino e o grupo Matuskelas, com LP na praça em 1979. O lance era lançar compactos duplos – Jorge Antunes chamava a atenção pelos seus LPs exóticos! Tinha a Banda Grande Circular com Aristides – um rock mais progressivo e com raízes brasileiras, feito pelo Tellah desde 1976. Aliás, ele lançou um dos primeiros discos de rock independente do Brasil. Os caras que estudaram conosco começaram a aprender seus instrumentos e a ganhar festivais, como o FICO. Os músicos do Guará eram bons na linha do chorinho e da MPB. No biênio 1980-81, esses ex-estudantes formaram Extremo, Fusão, Nirvana. Se a coisa tivesse ficado só no Aborto Elétrico, como aconteceu com a maioria, alguém se lembraria de Renato Russo?

Pioneiro do punk rock no Brasil, com o Aborto Elétrico em 1979, para desespero dos paulistas que não aceitam tal história saída de manchete de jornal.

Brasília revela uma fina flor de altos instrumentistas reconhecidos mundo a fora. O rock pesado foi feito, aqui, em português pelo Sepultura em 1980! Antes do Wham, que foi o grande sucesso em 1981/82, os moleques desde 1978 estudavam nas Vigus; e a Giannini em 1979 lançou uma Stratocaster verniz, de estojo branco com alavanca. Disco punk neo não saía aqui – tudo vinha da televisão americana, o Devo etc. O revisionismo de alguns alunos do curso de comunicação do IESB é tão gritante que daqui a pouco só falta algum aluno afirmar que Renato Russo desenhou Brasília. Consulte o catálogo da Ordem dos Músicos de 1981 e veja os nomes que tem lá: em Sobradinho existia desde 1978, a Feto Podre (uma banda comum de rock meio Janis, meio Stones), e o Marciano Sodomita é de 1977, a Ligação Direta e o Mel da Terra que estiveram em todas com LP de sucesso nacional.

"Muitas vezes, o revisionismo e a simplificação são sintomas de preguiça que alguns pesquisadores têm para não fazer uma investigação acurada." **(AROLDO JOSÉ MARINHO)**

6 A 10 DE OUTUBRO – PALÁCIO DO PLANALTO

Caravaggio



• *Robert Plant, no Ginásio Nilson Nelson*

NOVEMBRO

Verdade uma ilusão, de Marisa Monte, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

Slash no Opera Hall.

3 DE DEZEMBRO



508 Sul – frente ao teatro alta cortina espessa de fumaça dentro vinho mesa farta seu corpo chegou e o estandarte do bloco Pacotão sinistramente balançou

Joãozinho da Vila recebia os náufragos. Ivan Presença estava ao seu lado e o cineasta André Luís falava da intenção de exibir seu filme Loucos por cinema. Rênio Quintas não saía de perto do piano e Alberico Rosa dos filmes de Brazza sempre gentil. Eternamente em passant o secretário de Cultura, do DF, Hamilton Pereira apertou nossas mãos...

Ficando insuportável o clima era como estar na tempestade em companhia dos membros família Manson... Nem na morte de John Lennon eu ouvi suas músicas. Naquele velório, era totalmente estranho ouvir o álbum branco, You say it's your birthday / It's my birthday too – yeah.

Roqueiros e cineastas entram em ação.

Nessa hora amigos e inimigos esquecem suas vaidades e todos formam o coro desconsolado

– Corta! Close na cara de Pingo! Glauber gritava na minha cabeça.

Se fosse um velório surrealista de Buñuel – Pingo olharia para a câmara e piscaria.

– Esquenta não você será o próximo...

"Cascão" resolve falar "E eu, que tive o prazer de gozar da cordial e sempre solidária amizade do querido saudoso Jota Pingo, que tive a honra de me divertir trabalhando por três vezes com ele, espero que, neste momento, já tenha encontrado o Robson Graia, Ary Pára-raios, Cristina Borracha e tantos outros que já partiram, e estejam encenando mais um espetáculo com cenário de nuvens e luz de estrelas". **(AFONSO LIGORIO ARAUJO MESQUITA)**

Sua face serena de cavanhaque branco quando eu estiver com 64 anos – se parecia com o Rui Barbosa da cédula do cruzeiro ou abandonava fisicamente a Academia Taguatinguense de Letras.

No final, o popular José Garcia Caianno que todo mundo conhece como Dedé de Olinda estava com Mauri Ramalho animadamente lembrando as falas atuais para a nova montagem de *O último rango*, – Quando Jota Pingo ia no secretário levava um saquinho de amendoins e na medida que as cascas caíam no carpete rapidinho atendiam ele...

Vi Paulão de Varadero, vi Cicinho, vi "Cascão" do Detrito Federal deu tempo para todo mundo se despedir. E um dos primeiros a chegar foi um dos moradores das imediações da 508 Sul que veio dar seu reconhecimento. Emocionante!

12 DE DEZEMBRO – SÃO PAULO 2 X 0 TRIGRE

Campeão, invicto da Copa Sul-Americana

20 DE DEZEMBRO – METRO

Revisando 50 anos de arte candanga

Literatura. Coleção 'Cinco décadas de cultura' faz importante registro histórico dos primeiros anos da capital em 10 volumes escritos por figuras de peso em Brasília.

3.000 mil exemplares é a tiragem inicial de cada um dos livros da coleção. Eles podem ser comprados na livraria do CCBB e custam entre R\$ 30 e R\$ 50 cada.

Eduardo Cabral desafia o leitor a lembrar de alguma grande cidade que teve a oportunidade

de registrar os primeiros 50 anos de sua história em detalhes, por gente que ajudou a construí-la. Diante do provável silêncio da resposta, ele explica: "Isso é uma oportunidade única de Brasília e, por isso, fizemos questão de documentar tudo".

O resultado desse esforço é apresentado hoje ao público, com o lançamento da coleção *Arte em Brasília – cinco décadas de cultura*. Em 10 volumes, os autores resgatam a história de expressões culturais como arquitetura, artes cênicas, artes visuais, artesanato, cinema, fotografia, literatura, manifestações populares, música e esporte. Isso mesmo, Cabral fez questão de incluir o esporte na seleção.

"Se voltarmos no tempo e observarmos a Grécia Antiga, veremos que o esporte sempre esteve conectado às artes", justifica. "E o futebol é uma manifestação popular importantíssima para o brasileiro, eu não poderia contar a história cultural de uma cidade sem ele."

Os autores de cada tomo foram escolhidos a dedo por Cabral e um conselho informal de especialistas. São pessoas que atuam nas respectivas áreas e/ou participaram da construção da modalidade sobre a qual escrevem.

Itens de coleção de luxo, com capa dura, papel couché e belas imagens coloridas, os livros têm uma tiragem limitadíssima. Todos aqueles que forem ao lançamento beneficente, no entanto,

ganharão uma cópia em sua área de atuação. E terão a oportunidade de adquirir um segundo ou terceiro volume, comprando uma cesta básica, que será doada a instituições de caridade.

O conteúdo das obras reflete uma inquietação dos artistas candangos por encontrar uma identidade para a jovem cidade. "Na literatura, é como se os autores fossem responsáveis por colocar a seguinte placa: 'Desculpe o transtorno, leitor, estamos trabalhando para melhor atendê-lo. Em breve, aqui, literatura brasiliense'", brinca Paulo Paniago, organizador do volume de literatura. Já Cabral acredita que esse questionamento é bobagem.

"Como capital, a identidade de Brasília é a síntese das identidades do país que representa. Não podia ser diferente."

Hoje, às 19h. No Foyer da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro (Eixo Monumental). Grátis.

29 DEZEMBRO – BAR DO PAULINHO

Experimentei uma sensação de repulsa quando me aproximei para abraçar o artista declaradamente bissexual, eu estava magrinho.

Nasci hemofílico. E devido a tratamentos dentários, eu tomava o anticoagulante cril, o que me pode ter provocado uma infecção pelo vírus da hepatite C. Entre 2012/13, na rede pública de saúde, fiz um primeiro tratamento (sem sucesso). E talvez a maior seqüela deste tratamento é a dolorosa lembrança das agulhadas na pele da barriga e de sua total ineficácia. Quando a minha mãe me viu, após este tratamento – que sequer para placebo serviu –, nem coragem de perguntar se eu estava "doente" ela teve. O bom Deus, não me curou ainda nesta fase, mas, posteriormente, permitiu que eu me recuperasse e saísse em turnê pela cidade, para exibir minha saúde de búfalo da ilha do Marajó e disposição criadora de poeta romântico alemão.



No auge do delírio, eu a pedi em casamento na igreja, com a banda tocando as faixas do *Lóki?!!*

Achei que iria morrer. Jesus é generoso e benevolente, escapei mais uma vez das várias vezes que corri riscos fatais. Numa sentada fiz 10.000 dias de rock e havia muito amor envolvido.

Por um ano, viajei no coquetel duplo de rivotril com interferon e mais a balada diária de ribavirina – este comprimido me afetava de tal maneira que eu subia paredes. Emagreci tanto que desapareci num profundo desexistir. Meus cabelos ficaram brancos e danei a esfregar ódio na cara de gente próxima. A medicação para o fígado abalava o centro das emoções. Queimei os dedos e 2012 foi um ano infernal. Ano que eu estava no bico do corvo; com a alma encomendada, de modo que novamente serei uma cobaia de drogas experimentais. Como na última vez quase perdi meu emprego, sugiro um distanciamento de provocações e disputas, pois andarei novamente com o certidão de louco.

Escrevia o meu livrinho de rock da capital, sem capital algum. Então, o advogado das estrelas indagou: “Se estiver escrevendo uma biografia do Renato Russo, tem que ter a autorização dele”. Chefia, a gente conhece o Giuliano, obrigado! É assim que essas sanguessugas vivem.

2013





3 FEVEREIRO – PATRULHA DO ESPAÇO ‘POWERHOUSE’

30 DE MARÇO



13 DE ABRIL – BANAD MAIS LAMA EM URUAÇU/GO



2 DE MAIO – CORREIO BRAZILIENSE

Tradicional Espaço Ecco fecha as portas depois de 13 anos de atividades

Os problemas que culminaram com o fechamento do Ecco iniciaram em 2009. A placa da entrada do espaço foi retirada de um galpão no Setor Comercial Norte no último dia de funcionamento, terça-feira.

3 MAIO – NO AR AGORA 'PROGRAMA RÚIDO URBANO' COM A GALERA DO VIOLETA DE OUTONO AO VIVO, MAIS TARDE SHOW NO AMÉRICA ROCKCLUB!!!!!!!!!!!!



6 MAIO – FINALMENTE PAUL MCCARTNEY AO VIVO: O ÁPICE NA VIDA DO BEATLEMANÍACO!

11 MAIO – O CÉU VAI TER QUE ESPERAR UM POUCO MAIS PELO ‘ANJO MALDITO’







© henrique ferrera

24 MAIO – CENA CULTURAL EM PESO CELEBRA OS '31 ANOS DO PRÓPRIO BOL\$O'

• STONER BABE • BEER HEAD • RED ZONES • MAVERICK '79 • OS MERAH • OS CABELODURO



JOELMA ANTUNES

OS MERAH



OS CABELODURO

29 DE JUNHO



© henrique ferrera

13 DE JULHO – ‘DIA MUNDIAL DO ROCK’ • YASMIN OLIVEIRA • PROTOFONIA • DÍNAMO
Z • THE BARBIRAS • DAVI KAUS E OS IRMÃOS METRALHA



PODE SER QUE EU TENHA VIRADO UMA PARÓDIA DE MIM MESMO

Em estado de colapso quase pulando pela janela, a foto mais verdadeira dos dias embriagados feita por Joelma Antunes de Sousa

"Ainda me lembro daquele dia em que, do nada, fomos parar no Bandeirante. Te amei naquele dia. Puro rock, dos mais lindos. Fui ouvindo suas histórias tão lindas e tão bem contadas. Me senti maravilhado, cheio de luz e de força, além de uma puta vitalidade intelectual para ir além de mim. Ou seja, senti o que seria razoável, ou esperado ou desejado, sentir próximo ao



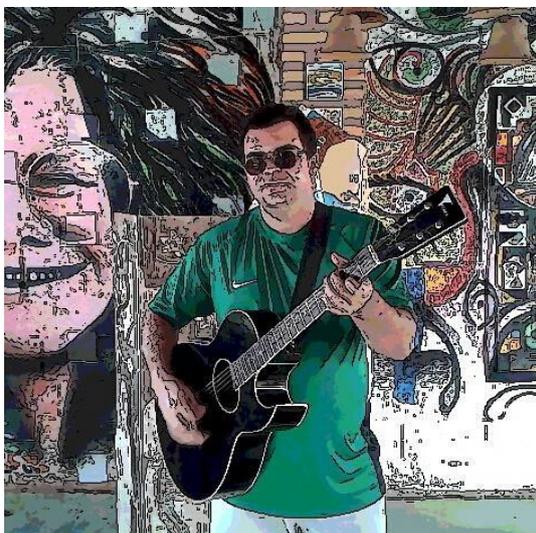
estranho encantamento. Há línguas de fogo por todos os templos. Tenho me preparado para viver tempos difíceis, onde o amor, essa grande aventura, não tem quadrinho. Ando tropeçando em portas." **(JOSÉ NILDO SOUZA)**

3 DE AGOSTO – MUTANTES NA ÁREA EXTERNA DO MUSEU NACIONAL



27 DE AGOSTO

Às vezes eu me sinto morando num buraco de queijo, ou as bolotas de pão que a gente vai comendo como uma trilha de João e Maria, pois nada acontece. Já me acostumei. Então, nesse asilo contracultural, eu leio sobre o Anvil, e no outro dia recebo um DVD sobre o Anvil, que trouxe a banda à tona novamente. Um documentário para os fortes. Tornei-me fã de heavy metal? Um saudosista dos 60s e um seu amigo dos 80s se encontram para reverenciar o heavy metal e descobrir que a vida é feita de metal. *The Story of Anvil* é a história de todos os envolvidos com os artifícios do rock'n'roll: 'gravadora bando de sanguessugas', e a gente participa do filme metendo as mãos pelos pés, e voltando até o útero, como naquela cena do filme *Rock é Rock Mesmo*. O resultado é caótico. Em compensação deixa a gente de cabeça erguida. Devasta nossos arrependimentos ensaiados, pulveriza-os. Não revelo o final. Agora eu sou fã do Anvil. Obrigado a Léo Saraiva pela sincronia e pela sinfonia do metal.



4 DE SETEMBRO

**SABADABADOO
ROCK FEST** 07.09.13

ROCK COM AS BANDAS:

Tributo a Tim Maia
Cromus
Diferencial Zero
Plus Ultra
Red Zones
Neuras Planetóides

CONCERTEIRO
 AS
 16 HORAS

Traga agasalho, e sua bebida

QE40 COL AGRICOLA BERNARDO SAYAO
 CHACARA 12 LT 01 - GUARA 2

INFO: 8107.8902

7 DE SETEMBRO 'OS HINOS DO '7 DE SETEMBRO' • PLUSULTRA • ENCONTRO RACIONAL, TRIBUTU A TIM MAIA • DIFERENCIAL ZERO CROMUS • NEURAS PLANETOIDES • RED ZONES • THE BARBIRAS



PLUSULTRA



© henrique ferrera

CROMUS



© henrique ferrera

NEURAS PLANETOIDES



DIFERENCIAL ZERO



NOVEMBRO – EXCITADO COMO PICA

10.000 dias de rock, o tal livro do rock Brasília da Geração Oitenta, finalmente se aproxima da sua fase final de diagramação. São mais de 400 páginas e as coisas vão acontecendo ao vivo,

as mudanças, as correções dos furos. Vamos formatando os parágrafos, os depoimentos. Um trabalho de louco: uma pesquisa de 30 anos! Uma exposição em site por 10 anos. O livro começou a tomar a forma a partir de 2008... Num Cine-foto scaneando recortes, montando a primeira boneca. Lá ficou boa parte da grana. Depois, uma primorosa revisão de português e, agora dentro dos padrões possíveis e com a grana *Do Próprio Bolço*, uma superrealização na diagramação. E ainda tive que reaprender português etc. Eu me emociono e fico a noite toda pensando nos próximos andamentos e nas modificações. Ainda bem que dormi! Um almanaque repleto de citações onde tudo está interligado com suas respostas. Finalmente 20 anos depois do meu primeiro livro, faço um que vale por dois. De agora em diante só falo nisso e vivo disso. Pirei!

16 DE NOVEMBRO A FIRMA FOTO DE SUELI SARAIVA

Agradeço de coração a Rosângela, Robson, Julimar e Titi.

I'm waiting for my man / Twenty-six dollars in my hand / Up to Lexington, 125

Feel sick and dirty, more dead than alive / I'm waiting for my man

Jamais imaginei que o Bazar virasse uma festa para Lou Reed!

Demais o som redondo das guitarras do Barbarellas e Say Land Dance surpreendeu o público com seu rock nacional coeso. Lógico que tocaram um Beatles para mim e senhor Válter.





SAY LAND DANCE





26 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Conheça a história de grupos brasileiros surgidos na época da Jovem Guarda

Não havia disputa entre aqueles conjuntos. Os Infernais, por exemplo, costumavam dividir fraternalmente o palco da TV Brasília e da TV Nacional com Os Primitivos. Os Infernais: o conjunto gravou um compacto simples e um duplo. Os Geniais: o grupo abriu, em 1966, show de Roberto, Erasmo e Wanderléa.

ROCK DO PE

No caminho amoroso que trilhamos – ao aprendermos o amor à vida, ao ser humano, ao próximo, o animal, além dos vegetais silenciosos e pacíficos –, adquirimos uma força grandiosa, na atualidade estimulada por nosso forte envolvimento com a internet, além das experimentações históricas das diversas drogas.

Isso tudo nos faz alcançar uma grande conscienciosidade, em nosso dia a dia.

Sexta-feira - 06/12 às 16 horas
rock • poesia • vinho & fuleragem
Onde? aqui em casa!
entrada livre

DoPróprio Bolso

- Brasília entrou na Onda do lê-lê-lê e viu juventude aderir à Moda do Rock

Os LPs dos cantores e grupos – a expressão banda ainda não era utilizada – do movimento disputavam com os dos Beatles espaço nobre nas prateleiras da Discoteca Paulistinha.

22 DE DEZEMBRO – DIAS DE ROCK

A mais recente fase *Do Próprio Bolso* começou em 2007 e se estende até os

dias de hoje. Como sempre, tudo pintado, bordado, novo, harmonizado, aparado e a ideia de fazer grandes coisas desde que você não seja a pedra de uma tonelada no caminho. Diariamente! Me fazem propostas indecorosas para me tornar um capitalista de cartola, para pagar cachê a 'grandes atrações'. Irmão! Quem maior do que a Patrulha do Espaço? Prefiro fazer o showzinho particular e psicodélico de rock'n'roll com Os Merah, Barbarellas e David Kaus. Nos deixam numa boa.

•

Então, nesse momento, estou carregado de ódio e rancor bem puto das calças. É um risco tentar me abater, pois nem uso o passado para me apunhalar. Nem me abalo. Tenho chumbo nos bolsos e topo bater de frente. Tenho novelos em metros de retórica. Mas, na verdade, o que eu quero é que você se foda e que a gente chamusque um brown. Não foi sempre assim? Faça uma matéria sobre isso.

28 DE DEZEMBRO – SURGEM OS \$ALVADORES

Lesma dos \$alvadores: "O país que precisa de um salvador não merece ser salvo".

Olvidado\$ pelos blogs da ionosfera e pelas páginas de várias bandas da capital. Num ato brutal de escavação, a foto que registra Os \$alvadores três dias após o *Natal* na base do vinho e da comunhão (sistema cooperativo que vinga até hoje).



2014

3 DE JANEIRO



12 DE JANEIRO

Ficarei longe da área, entrarei em férias – volto dia 25! Minhas desculpas aos Barbarellas por introduzirem vocês no problema da constância da Banda Mais Lama. Quero agradecer a Sérgio, Robson, Alessandro e Bob pela força, talento, honradez e o show perfeito para uma tarde. Mais Lama acho que vou começar a tocar bateria ou vou por a Luiza na fita. Produtores, grafiteiros e a fins – irmão Retz pela discotecagem e esse baluarte novo de malucos que a cada dia sobe – o povo da arte. As meninas, minha mulher – Julimar que vai ficar livre de mim por uns dias. A Sky oferece um serviço horrível de internet lenta por isso o álbum *Deus Salva, o rock alivia e o crente enche o saco* vai ficar para outro dia.

17 DE JANEIRO – NÃO ESPEROU PELO O CAFÉ

(pode ser que eu tenha virado uma paródia de mim mesmo)



25 DE JANEIRO – SALVEM OS BLUES

Facebook é pouco inspirador você atira uma bunda e mais bundas serão atiradas na sequência. Os comentários são covardes vivemos uma vida de covardes, mas algumas pessoas estão livres para suar. Nada de dono ou mercador da verdade apenas a luta diária – estou com nojo de alienação de oportunismo ou você capitula e toma conta das dívidas ou acabará esgotado quem faz alguma coisa não é perseguido, é ignorado. Nessas rixinhas do Guarã, eu me calo diante delas para não ser agredido fisicamente a fidelidade à minha amizade não custa nada, eu queria deixar claro que não gosto de traficante e não gosto que queime fumo na minha casa ponto final essa é a minha lei posso às vezes tolerar – foram fazer um salão psicodélico na minha casa e soltaram um flyer com um horrendo Syd Barrett vidrado pingando a gota de LSD na guitarra. Jesus!? Para que isso? Qual é a ideia? É isso que eu passo? Fiquei preocupado com o endereço da residência. Pensei nos vizinhos, pensei no síndico falando – Olha, Mário o que você atrai! Baixei a cabeça as bestas da direita e do rock me infernizavam fui lá com a espada de Jorge e domei o dragão.

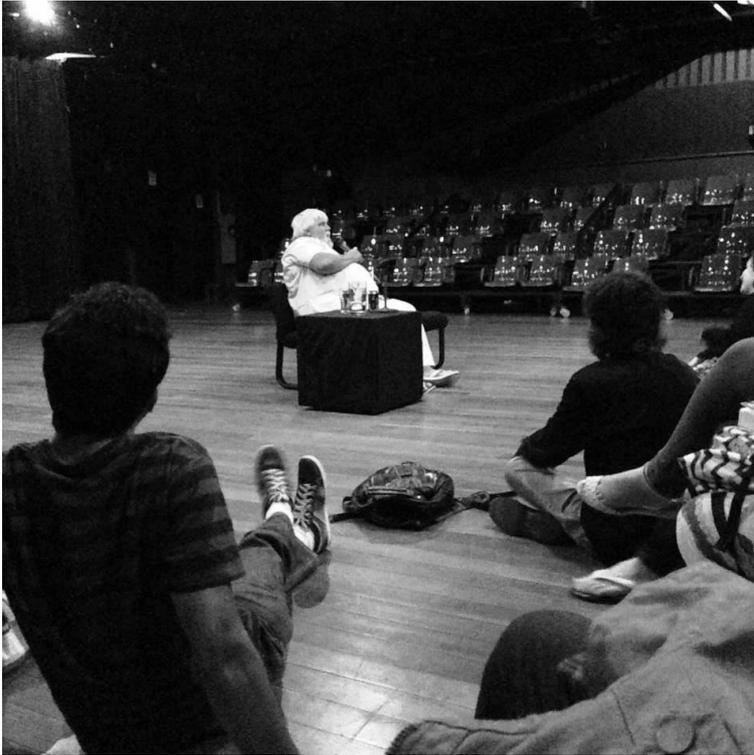
14 DE FEVEREIRO – DE MALUCO PARA MALUCO

Magu Whiteletter me ligou falando maravilhas da grade do seu programa *O Libertário* contendo um seguimento de imagens e 3 entrevistas durante o *Sarau Psicodélico Do Próprio Bolso* (nas palavras dele) – Eu fico gritando: Robson! Robson! E corte para o Robson dos Barbarellas no palco. O empolgado Magu Whiteletter disse que o programa ficará um mês em exibição e que não irá ao ar neste sábado, pois está editando os créditos. Por outro lado, Alexandre Magno trouxe-nos os DVDs, que são de áudio, eu só ouvi meia-hora. São coisas singelas. Não pense num DVD com todo o show das bandas. Mas elas aparecerão na tevê a cabo. Enfim, convites de entrevistas, o chato é que os jornalistas querem que eu fale dos assuntos que interessam a eles. O bom de ser independente é que você pode dizer o que quando e com quem... Essa pressão de ter que provocar um alvoroço no lançamento não é de acordo com a minha personalidade e deixa o meu psicológico ameaçado. Até já colocaram preço no meu livro R\$ 10,00! Não é dessa vez que ficarei rico.

1 DE MARÇO – DIAS DE GLÓRIA

Até no carnaval as histórias surreais do rock'n'roll – Gordo Miranda chegou e abafou e disse tudo. Conquistou a todos dosadamente irreverente e sério contou a história do rock'n'roll

De rachar o cérebro dos cucos. Meu encontro quasiagora com o poeta Paulo Cauim, do livro *Demorou*. Paulo, de maneira singela, me entregou um envelope com dois ímãs de geladeira estampando a capa do *Rumores*. Minha filha logo perguntou: “E esse disco, pai”. Respondo felizinho: “É a primeira coletânea de rock com bandas de Brasília, em julho de 1985, Luíza”. Paulo nos falou de Isnaldo e do seu livro a respeito do Rolla Pedra, que frequentamos (eu & Zanza) entre 1984-86. Paulo também nos falou de Renato Russo e de quase todos os nossos amigos da cena do rock. O único digno de nota é você Sandro Alves Silveira. Paulo saiu no seu carro em direção ao Sebinho, para comprar outro livro vital para a sua pesquisa. É claro que munido de seu celular, fez algumas fotos da imensa engrenagem de papel. Disse-me que vai me entrevistar para o livro dele e revelou como foi difícil conseguir alguns depoimentos. A história da capital vive – e que Alah me ajude no meu!



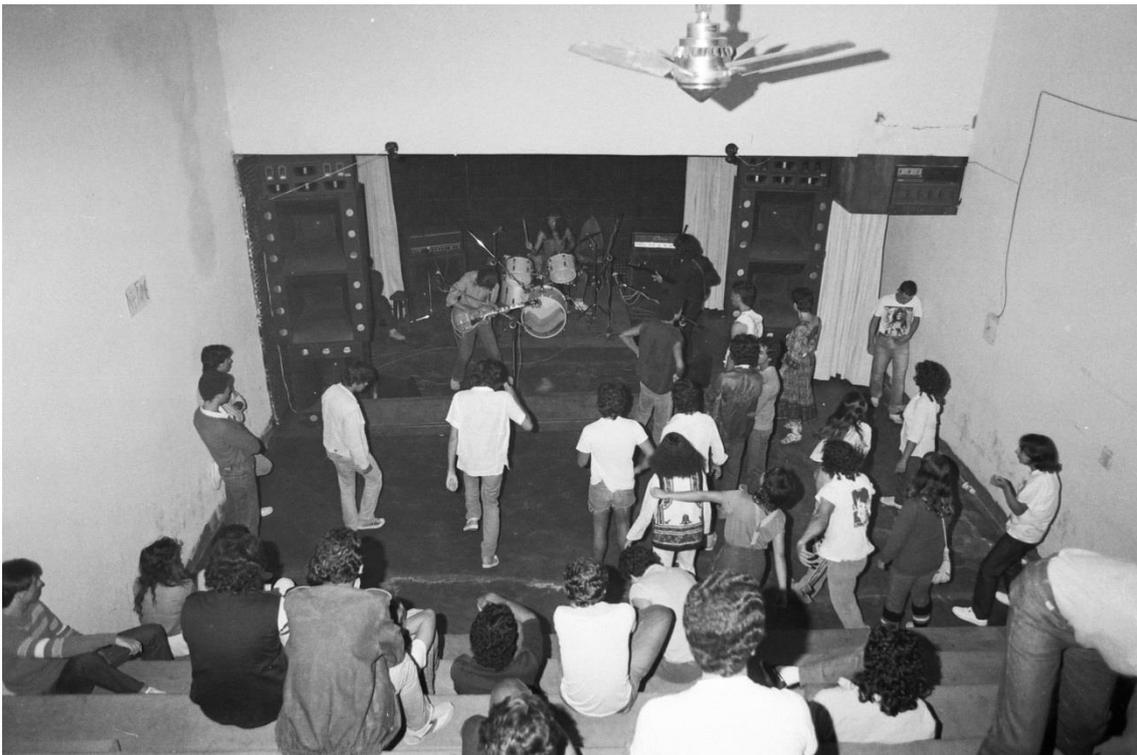
debaixo dos seus olhos e ouvidos. Muito educado! Hoje tá tirando um som aí com uma banda. Ao segurar o livro *10.000 dias* riu muito da dedicatória e ao ver a contracapa, exclamou – Fejão! Fejão! – Caralh... 4 x ! Perguntou por que eu não tinha aparecido. Minha filha disse, ele está como os roqueiros d'agora só na base d'água!

FOTO: MARCELO TURKO

5 DE MARÇO

Minha obra-prima, dez anos juntando papel e 20 anos de leitura pela primeira vez um

português que me representa. O livro ainda nada por aí – um dia todos ouvirão falar dele.



10.000 dias de rock chegou em Marte, nos EUA, Espanha e Argentina. Eu não sei que sucesso é esse que as pessoas perseguem, mas eu acho que você deve começar a jogar duro. As coisas não caem do céu. Hoje você é um rostinho bonitinho, amanhã não terá nem bundha.

8 DE MARÇO – ‘10.000 DIÁS DE ROCK’ • REBEL SHOT PARTY • KÁBULA • ROCK BRASÍLIA • BARBARELLA

Congratulações aos ouvintes por mais essa ameaçadora exposição aos raios cósmicos. Pá! Valeu! Como se fosse minha última apresentação pública nas ondas do desejo do seu corpo. Foi muito bom, foi pirante e põe outro. Cortesias especiais de Marco A. Gomes e da dupla presente do quarteto Dög Savanna falando sobre coisas impensáveis e impublicáveis de sua trajetória e ao nosso cicerone Cristiano Porfirio e no maior respeito dediquei o programa à mãe do Podrão, pois ele racionalmente preferiu ouvir o programa *Na rota do rock* ao lado dela – saravá fields forevis!



REBEL PARTY SHOT

25 DE MARÇO – THIS IS NOT AMERICA NA RADIO FEDERAL

9 DE ABRIL – EVENTO PRODUÇÕES PRESENTA O MEGAEVENTO QUE É FESTINHA

Conheço cinco produtores Jussara, Felipe CDC, Cida Carvalho, Nader Arar, Magu Cartabranca; a fim de tocar Os Cabeloduro, Land of Lies, Dög Savanna, Labirinto Negro; eu tô a fim de chamar o Valdez e o Diferencial Zero; artistas Julimar, Hamilton Zen, Edvar, Thales, Micro, Odrus, quem poderia dar uma força no rango? Marilange, Magda, Jenira, Su; fotógrafos Henrique, Edson, Joelma, Marcão; aparelhagem do Formiga... Tem os meninos do heavy-metal – Betto Tutu pode dar uma força... Lincon pode declamar, Nini pode pintar – deejay – Léo – Daibes pode pintar – falta Iguém? esqueci alguém? se seremos apenas 50 (geralmente o número dobra) no mínimo 1.000 cervejas em lata. Que tal pensarmos e assumir-mos ou sumiremos mesmo? Divulgadores da onda Sylvania, Robson – então vamos fazer a lista de responsabilidades e coçar o bolço.

4 DE MAIO

Estacionamento Ginásio do Cave (Guará 2), às 16 horas. Hoje domingo, Barbarella (segunda banda). Barbarella atuará em trio: Robson guitarra e voz, Sérgio contrabaixo e teclados e na bateria, Alex. Para dia 24, eles estão correndo atrás de um contrabaixista...



17 DE MAIO – RELATÓRIO 1

Mergulhado em tirânicas preocupações – afundado na cadeira, onde é que está o meu rock'n'roll? – um sentimento de contra o mundo todo – estamos sem P.A, sem pedal de bumbo, pratos, estantes e caixa. Sem amplificador de guitarra – sem confirmação das bandas Paralello e Marciano Sodomita tudo para a última hora (Eu odeiooooo!). Se der certo deus – eu não vou mais arrancar um braço para ninguém curtir o rock'n'roll sem fazer nada e encher o c. de cerveja – se liga!



24 MAIO – 32 ANOS DE REAFIRMAÇÃO, INSUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA (AFINAL, 50 ANOS É SÓ UMA VEZ NA VIDA)

• DÍNAMO Z • ANTIMÁCULÁ • BRAZILIAN BLUES BAND • PARALELLO SÔNICO • RED ZONES • LINCON LACERDA



© henrique ferrera



© henrique ferrera

Paralello Sônico: Lucas Sousa, distorções; Wildon Odaime, bateria; Narla Verohanne, vocais; Sanderson Átomo, graves e vocais



**Sarau Psicodélico
E DoPróprioBolço
Dia Mundial do Rock**

Bandas

- RED ZONES
- Téssera
- Terror Revolucionário
- Lady Laura

ROCK

13/07/2014
17:00 Horas

Poesia
Cida Sanna

ROLL

Substante

cenário e Produção
Cida Caruinha
Rocio Torquato
DoPróprioBolço
8471 - 4671

Gaffa regulou o som, Nader canjou... O Sapiens fez um som redondo

13 DE JULHO

Ôrra, o melhor retrato da contracultura *Do Próprio Bolço*, e querem que eu recorra às verbas do BNDS. Que vá tomar chá de cadeira no Gabinete do Meirelles. Porque sou solto como feijão e grão de milho, e me deixo bicar nos olhos pelas galinhas furiosas, disputando migalhas. Eu disse migalhas, não preciso do azul, do verde, do vermelho do administrador – do cara que cobra quinze por cento. Eu preciso de gente que vive para carregar os ventos nas costas, e inflar e inflar, e prender, e respirar de novo, e pensar, e voar como os balões mágicos. *As guitarras em Brasília nunca desligaram*, e isso é paradoxal e tem que sair, é atual está aí o ciclo, está aí o cio.



© Marco A. Gomes

15 de maio de 2015 • *Divirta-se Mais*

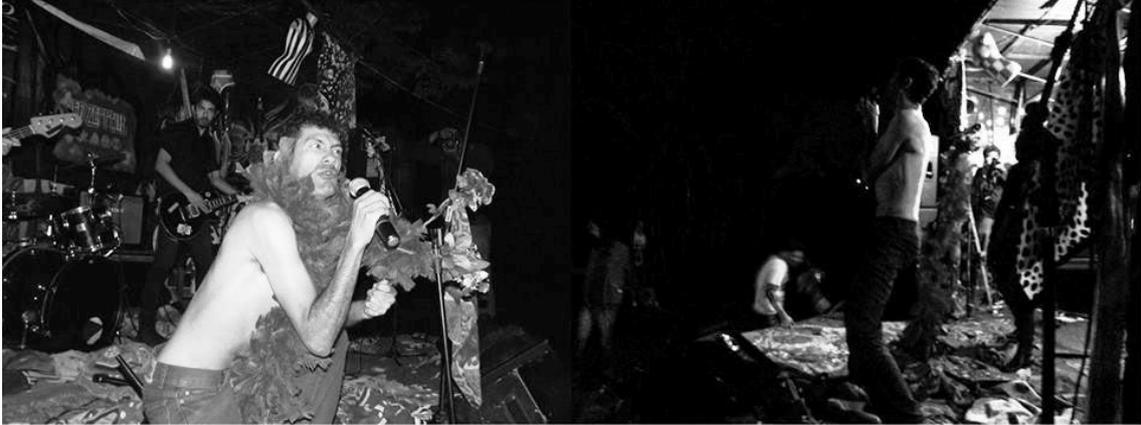
MINHA AGENDA

Cida Sann

“Não sou poetisa”, afirma Cida Sann. No entanto, outros artistas brasileiros pensam o contrário. Também não concorda o público do Sarau psicodélico. Nascido em 2003, em Taguatinga, o evento idealizado por ela proporciona, pela Federal com a produção independente da região. Entre a poesia e o rock’n’roll, a agitadora cultural promove o que mais lhe atrai: os trabalhos autorais. “Estou sempre aprendendo com meus amigos poetas”, conta Cida, que tem três livros publicados. Amante da natureza e muito caseira, gosta de aproveitar os finais de semana para descansar com os três filhos e com a “cara metade”.

07/2014 17:15

60



DUALID

20 DE JULHO GUARÀ I, CARAVANA DA MÚSICA



Guará 1, as sombras velvéticas de Barbarella – uma do Robson, senão ele chora

10 DE AGOSTO – ALGUMA COISA COMO 'ARTIVISTAS'

Cuidados com a própria imagem. Curto fotos de todos os ângulos e em todas as situações – as fotos são essenciais. Este par de fotos foi feito ontem, na QE 32, onde há 32 anos comecei o fanzine *Oldies but Goldies*, dos Beatles, onde começamos a estampar camisetas e os rastas a desbundaram em seus dreadlocks! A repressão cultural acontece em todas as instâncias para tornar possível o lazer. A iniciativa tinha que partir dos moradores para ser aceita. O quadro não mudou muito. Nas fotos, alguns memoráveis asseclas, cupinchas atrelados, combatentes do ócio. Mesmo que as meninas fiquem fumando seus baseados e os meninos fiquem bêbados, queimando o filme, e a música horrorosa que o Retz toque. Enfim e por fim, um livro no futuro, recheado de fotos, contará a história independente do movimento cultural do Guará.

11 DE AGOSTO

Os beatlemaníacos vão muito além da realidade em suas lendas urbanas. Eu nem devia contar essa. Na minha geração, para sair do país tinha que fazer o tal depósito compulsório. Jamais consegui juntar nem a grana de ida de navio. O que mais acontecia era gente chegar do exterior e dizer que trouxe um disco dos Beatles e me mostrar aquele bootleg que eu, em minha humildade atroz, nunca colocaria as mãos.

Desde 1980, eu guardava catálogos e ligava para lojas. Até hoje eu faço isso, conquanto a primazia do papel tenha cedido espaço à propaganda digital. Nesses tempos pintou um fantástico lote de discos piratas dos Beatles à venda! Pô, eu que nunca tive cartão de crédito! Fiz uma pesquisa e o Carrefour entregava o Mastercard na hora! Fui e tirei o cartão. Tinha recebido a restituição do imposto de renda, juntei com o limite do cheque especial e levei pra casa, pimpão e de olhos a brilhar, o lote de discos com preço proibitivo. Dez meses pagando as prestações. Assim um lote de discos especiais de um dos maiores Beatlemaníacos do Brasil veio parar na minha mão. Colecionadores mantêm sigilo absoluto de suas fontes. Por isso, não revelarei o nome da loja e o dono dos discos – que já subiu, para tocar com George.

Sofri uma recaída e novamente me viciiei em LPs. Eles já haviam arruinado minha vida várias vezes – perdi empregos, namoros, deixei de ir a pizzarias em noites especiais, joguei futebol com bola emprestada e outras canalhices mais. Uma praga, uma sina, uma veleidade sem cura – tudo para apalpar ou ouvir um LP adquirido em condições heterodoxas. Foram várias as vezes que atravessei cidades, com um guia amarfanhado nas mãos suadas, procurando por ruas desconhecidas e números de casas que ninguém conhecia. Esse lance de LP não sobe o meu pau. A delícia, a língua em riste é o preço em oferta – eis o tesão. “Tenho dois destes, mas alguma coisa me impede de passá-lo à frente”. Em 1985, eu era tão fissurado em LPs, que Ricardo Bonisson vendo como eu fiquei desconcertado, me passou alguns LPs que ele não curtia de rock clássico trazidos da Inglaterra. Veio o *III* do Led Zeppelin, que está comigo desde lá. As batidas do LP dele permanecem aqui. Que Deus me permita ficar com meus LPs, pois o preço de cada um é sentimental e me faz milionário.

16 DE AGOSTO – FOLHA DE S. PAULO

Documentos inéditos expõem perseguição da ditadura a Glauber Rocha

28 DE AGOSTO – CORREIO BRAZILIENSE/DIVIRTA-SE

Ézio Flávio Bazzo descreve como os anões são ‘explorados moral e socialmente’

O 24º livro *Inventário de cretinices* tem lançamento marcado para esta quinta-feira no Senhoritas Café.



Bazzo: “O mais surpreendente e o mais incômodo durante este trabalho foi o registro (a confirmação) de como eles (os anões) são e sempre foram explorados moral e socialmente.”

“Escrevo apenas e sempre para tentar salvar-me neste mundo problemático e vil”, completa.

“Apesar do livro trazer uma bibliografia importante sobre o assunto, fui olhando o mundo e observando esses pequenos seres. Enfim, por que sempre tive um sentimento ambíguo pela “pequenez” humana”, diz. Bazzo conta que não chegou aos anões por acaso. “Foram eles que me escolheram!”, garante.

5 DE SETEMBRO – DO PRÓPRIO BOLSO COM BARBARELLA & RED ZONES

Discotecagem de Edson Salazar

Na Semana da Pátria Apresentam

Show-Apoio ao Conselho de Cultura do Guará Fernanda Morgani & Julimar dos Santos
Robson Majus Soares Ricardo Retz – sábado 20 horas

Não precisa dançar na minha tumba mas tem que trazer os quitutes antes que a demência tome conta da su'alma.

26 DE OUTUBRO

Vivo há 33 anos no Guará, desde os tempos em que ao ainda não era morada dos nobres. Neste período além de acumular papel impresso e PVC sonoro, coloquei vidraças em alguns lares e usei muita picareta para vir de cima para baixo e não prejudicar a coluna. Tiradas as pedras vem a grama. Foi um processo chamado de amansar a terra, sem água encanada e sem luz. Dr. Paulo Octávio no\$ entregou a luz em 1992. Frente à QE 38, sempre houve uma pista asfáltica e campos livres antes da cidade expandir. Tudo isto é bonito. Outrora, o Guará foi um reduto de esquerda – ajudou a eleger Lula! Ontem, 26 de outubro, foi a noite mais surreal da minha vivência em Guará Rock City. Não havia uma única alma nas quadras, às 22 horas, nenhum carro com bandeira ou som alto ou algum ajuntamento. Este flagrante revela o tamanho da nossa missão, revela a cilada que nos cerca, revela as pessoas do alto de seus espigões contemplando os dias. E nós formigas-operárias da cultura? Eu não estou interessado em quantidade – quero qualidade humana. Como é trágico ter que explicar algo a uma pessoa que você sabe que jamais poderá esperar algo dela – uma ilusão, um trio elétrico passando e a multidão gritando. A duras penas o underground vive. O tempo passou e eu vejo nossos filhos entre 20 e 26 anos fazendo as nossas coisas e representando nossos papéis. Por isso, a vida valeu para mim. Certas pessoas não têm base, não tem vida, têm línguas afiadas e ferinas e compridas. Que tenham cuidado, tão compridas que podem ser cortadas. Gente que acha que será eternamente jovem e inconsequente e que a vida é uma piada.

15 NOVEMBRO • 'ROCK VERMELHO' E SEUS VALOROSOS /RESISTÊNCIA DO ROCK

• SAY LAND DANCE (VÉSPERA) • BANDA SER • BARBARELLA • TERNO ELÉTRICO • BOSCO (DETRITO FEDERAL) • GUARIROBA BLUES





TERNO ELÉTRICO

21 DE NOVEMBRO

Se sumi, não foi por esnobação ou ostentação – tenho que dar um tempo. Estou concluindo a pérola chamada *Mais 10.000 dias de rock*, para início de 2015 – acabei de fechar contrato para a impressão. Não é lá grande coisa – muita coisa foi reproduzida no Facebook. Agradeço a licença de uso da fotografia do Renê Seabra, por Lyrian Oliveira. Aproveito para lembrar Henrique Ferrera que estou ansioso para ver a capa do livro e agradecer a Tomaz André, por aceitar diagramar o novo livro de rock; e livro de rock tem que ser estridente. E eu sei que fortes emoções rolarão dos globos oculares quando rolar o doc. *Quase Sósias*, no dia 27, no qual banco o repórter de rock, inspirado em Ezequiel Neves.

9 DE DEZEMBRO

No texto, a restrição, a limitação do escritor pode ser positiva. Essas imperfeições, pelo inusitado, podem provocar risos. Às vezes o texto é lindo, é massa, porém contém erro crasso de informação. O emaranhado, a amarração da pesquisa, a apresentação, a validação de sua legitimidade, o caminho para o início da revisão final é o começo do fim do texto – e o início do livro. Eu afirmo que não conseguiria atravessar tantas etapas sem a prestigiosa consultoria de Luis Luiz Calanca e Dado Nunes, sem as traduções do inglês made by Rodrigo Souves e Révero Frank. Outro suporte vital são as fotografias de Joelma Antunes de Sousa, Henrique Ferrera e Marco Gomes, que cobriram lacunas das palavras e Edson Salazar que vem surpreendendo. Agradeço a enorme dedicação de Henrique, que além de fazer a capa está diagramando o texto das orelhas e da contracapa. Sem esquecer, é claro!, a centena de bandas citadas do ano 2000 a 2014 – três lustros contemplados com brilho e brio. E vejam só que ironia gostosa: em tempos de Google e gigapixels, quando vacilei, recorri a bibliografia fanziniística de Fellipe CDC, que colaborou. Agora colocarei CDC como Consultor. Tropicalista, beatlemaníaco, underground, metal extremo, Mutantes, Skrotinhos na área, um dicionário à mão, sacou? Um dicionário à mão – pronto falei demais.

2015



Essa foto foi feita no início de 2015, quando vimos que a barra iria pesar, que só poderíamos contar com os mais determinados obstinados. Dei a Micherlândio uma carona de volta a sua casa. Inaugurei a decoração que é essa tela que perdura até hoje. E os músicos foram surgindo de todos os lados. Montamos uma sintonia. Chegava ao fim o ciclo das grandes produções porém a gente iria fazer um som aquecido pela fogueira. Micherlândio, Cleitinho, Zezinho, Tiago, Blavis e Dudu salvaram a casa.

17 DE JANEIRO



À tarde postarei 36 fotos num novo álbum, deu pau agora na hora da edição. Gostaria de agradecer imensamente a Edson Salazar pelo cenário e fotos e tudo mais, um abraço pela determinação de Tiago Rabelo, à amizade de Rafael Pedrosa e nem citarei Os Mais Lamas com a participação da Banda Mais Podre da Mais Lama, meus parceiros diletos de quase uma década tocando rock'n'roll, Robson do Barbarella Banda, Bruno Caetano e superparticipação com uma banda afiada segurando o lado country tipo REM e por aí segue – o grande herói da

guitarra para mim, Reynaldo Frota e a seminal e perturbadora e estridente apresentação dos garotos de girassóis, Red Zones. As nossas boas fotos internas as passarei num CD e você meu camarada Henrique Ferrera sempre marcando ponto e o pintor Julimar Dos Santos que poderia terminar o jardim na parede se eu tivesse azul. Meu! quem tem vocês como amigos, vibra de felicidade e o grupo heavy metal de amigos do Virgílio na pizza e nas fritas.

18 DE FEVEREIRO – MEMÓRIAS DE UM GUITARRISTA BASE

Nick tem o cabelo de guitarrista, blusão de couro de motociclista, jeans e tênis de cano duplo e uma camisa de flanela. O guitarrista mais fraco da sua lista é Gary Moore – e fala de Johnny Winter, o tempo todo. Mostra petrechos de guitarra o tempo todo (passei a achar que são falsos). Finalmente, Nick apareceu num ensaio da banda. Ficou como Syd Barrett por meia hora no estúdio, passando a guitarra e a voz. Quando começamos a tocar, sua guitarra continuava alta e desafinada. Claro que a culpa não era sua. Tocou errado por estar muito doido (ou de propósito). O fato é que não acertamos nenhuma. Nick que se foda, a banda que se foda, acabei de largar a banda mais ruim e careta de rock'n'roll do mundo.

25 DE FEVEREIRO – PEDREIRAS

Como será o rock *Do Próprio Bol\$o*? Pá. Boa pergunta. Com Dudu Pinto, vou pegar a caixa de voz, vou alugar um cubo de baixo e outro amplificador de guitarra e ver se Tiago vai disponibilizar a bateria Yamaha. Para as bandas que possuem dois guitarristas em suas fileiras será necessário que traga o próprio amplificador. Aos bateristas tragam caixa, pedal, pratos e estantes. Não haverá mesa de som, não haverá P.A então qualquer ideia de vídeo é furada pois o som comprometerá. Preferiria ter um P.A do que a ideia de gravar um DVD. 33 Anos *Do Próprio Bol\$o* será ato de resistência. Sem essa de grande show, de grande celebração. Só tocarão as cinco bandas listadas no flyer. E a fórmula da sobrevivência será o kit do momento, traga o seu isoporzinho com seus condimentos e líquidos. Vamos ficar de boa, virão quem sempre veio. Não é festa de entrega do Oscar e nem festa de aniversário. Não haverá superprodução. A ideia é tirar um som.

1º DE MARÇO

Se tem uma coisa que me perturba são os amigos do século passado. Prova de fogo é ir a comércio cortar cabelo ou comprar pão nas QEs 34, 32, 30 e 28, sem sofrer assédio do tipo paga uma cerveja. Outro dia, Paulinho do Reggae foi bem claro: "Você ainda está vivo?" Não sabia que você queria tanto a minha morte! Dei-lhe as costas. Estive na 28 e sentei numa mesa. Por cortesia, cai na besteira de falar "terá um rock lá em casa, pinta lá"; o amigo do século XX, perguntou: "Há casais do mesmo sexo e consumo de drogas?". Humpf: "Ô velho! Lá não é um bom lugar para você ir. Convite retirado, fugi". O rock é associado ao fim do mundo, à falência dos costumes. Outra coisa que me deixa encabulado é: "Você não fica com medo, não tem medo de abrir a sua casa?". "Nunca aconteceu nada?" Esse tipo de pessoa fora de ocasião. Como produtor e motorista e advogado dos Rolling Stones tenho às mãos os alvarás de soltura e uma propina para a polícia, síndicos e outras falcatruas nada dignas que acompanham o rock. Além dos bêbados, doidões, inconvenientes, bicões, é todo tipo de gente que rola na esfera. Afinal é rock, não é?

19 DE MARÇO

No bagulho do rock, minha vida é um caos. Geralmente, ela começa depois das 18 horas, quando me inspiro e arrumo um bom LP do gênero para ouvir. Nunca consigo expor o que eu faço. Cápsulas do tempo, sacos plásticos, caixas de informações, livros de recortes, registros do dia a dia (nisso, o Facebook me ajuda muito). Construindo um livro, voltei ao universo da memória recente, pela trilha de reabrir vestígios e montar uma história narrada de várias formas e, assim, ultrapassar suas páginas como quem sobe uma pirambeira no Nepal. Ah, os labirintos infernais, as encruzilhadas sem sinalização, os blocos plasmados de informações hieroglíficas; ah, e o livro-bloco-solo e a comunicação mínima, o banal a ser cozido, deglutido. A forma bela do épico, descrito na base do cuspe e da linha. Meditando e fazendo amor com a imaginação. Fugindo. Poetando, punhetando para o centro do labirinto. Sozinho! E tosco! O



telefone
toca:
"Mário
como anda
o seu
livro?
Temos um
contato
que está
interessad
o em
diagramar
o seu
livro". Senti
que o livro
sairá. Um
cara
fantástico
que me
liga para
cobrar o

meu livro e ainda me oferece a ajuda de um outro amigo de muitas décadas. O bom da vida é jamais ser esquecido. Munido de tesoura e cola, precisando de toda solidão do mundo, começarei a montagem final do meu livro-filme, que fala dos nossos últimos dias. Você cede, trabalha e sonha alto, alto – um livro forte e avassalador do ponto da reconstituição. Muito bom quando o seu trabalho é reconhecido, mesmo sem estourar. Do contrário, não seríamos The Kinks. Foi o que me marcou para sempre, numa crítica dos discos deles feita pelo Antônio Miguel, no Correio Braziliense. Ah, como eu preciso de uma nota no Correio Braziliense! Mas ninguém presta atenção ao meu delírio – só eu mesmo.



OUTUBRO HC A 11 DE ABRIL DE 2015



11 ABRIL • NOITE MÁGICA: '33 ANOS DO PRÓPRIO BOLSO'

• SAY LAND DANCE • A BANDA MAIS LAMA DA CIDADE • DINO BLACK • GUILHERME ALMEIDA (RJ) • NENHUMA ILHA • KBÇÁ DI PRAIA • KÁPHÁGÉRSÓN • BANDA SER • OUTUBRO HC



SAY LAND DANCE

A proposta sempre foi representar o underground, tivemos Say Land Dance com muito balanço e soul, na sequência o show quase correto da Banda Mais Lama, Dino Black cantou os grandes hits do rap, Nenhuma Ilha fez um show feroz de rock, Kbça de Praia surpreendente, Guilherme Almeida (RJ) e seu folk vigoroso, Gerson Deveras e suas imagens em duo com todo mundo, Banda Ser cantou no meio do público e como cortesia Outubro HC – os melhores shows uma pena que não dá para ser sempre – valeu moçada.



NENHUMA ILHA

BANDA MAIS LAMA





GUILHERME ALMEIDA (RJ)



Flagrantes da rave de mister Gérson Deveras





KBÇA DI PRAIA

12 DE ABRIL

Estou em débito com toda a turma e agradeço e foi demais quem viu viveu – queimou o amplificador, perdi o cheque do Araken, meti o pé na jaca – azedou o caldo, mas tudo deu certo – os melhores artistas os melhores shows o melhor público – na semana postarei mais fotos – agora é só uma faxina – nem vou citar nomes – devo o fim de festa a Tiago Rabelo e Nader Arar valorosos são os amigos – que minha mulher que me desculpe, mas eu não consigo encarar tanta loucura de cara.

22 DE ABRIL

Eu acho graça. A nova história do *Mais 10.000 dias de rock*, é muito fiel, cronometrada, azeitada – muito unida. São 15 anos, comprimidos entre 2000 e 2015. É o fim da picada que alguém diga: “E eu?”. Ora bolas: “Onde você estava nas últimas décadas, o que fez?” Inserir qualquer nome sem ligação é desestabilizar, desafinar, tocar uma nota a mais num acorde antes perfeito. Inserir um nome significa comprometer (para bem ou para mal) a história. Daí, teríamos que ter uma espécie de índice onomástico de bandas. No livro refluirão as bandas que efetivamente tocaram na geografia captada por minha honesta percepção e acurada pesquisa, ao longo dos três primeiros lustros do Novo Milênio. Que o historiador de cada satélite faça o seu livro. Nossa história pertence a nós – e chegará a dois volumes. Eu acho que cinema e teatro e literatura e pintura tinham que bancar seus próprios livros. Não estamos na Escandinávia – unfortunately. Contudo e com tudo isso, tem dias que acho o livro distante, tem horas que eu o sinto nas mãos.

MAIO – SEGREDOS DOS COLECIONADORES

Fernando Camufloyd descolou um LP *Pet Sounds*, stereofônico, prensado no início dos 70s. Na bondade da sua alma nobre, ele emprestava o LP por duas semanas, o qual jamais saía do prato da vitrola. Meus meninos agora têm 25, 22 e 20 anos, e o maior legado musical foi ter tocado tal disco na infância deles. Zanza, minha companheira, fala: "Você nunca mais o tocou!"

A faixa "Wouldn't It Be Nice" faz da parte do filme, *Como se fosse a primeira vez*. Os meninos ao assistirem-no, comentaram: " Ah, é daquele disco dos Beach Boys". Esses malandros andam ouvindo *Vol. IV* do Black Sabbath e de vez em quando pedem: "Põe um disco pai". Desconfio que o som que sai do iPhone não é humano.

Malucos! É legal quando você encontra outro maluco que joga na mesma área. Conheço Fernando Camufloyd desde 1979, desde quando ainda estávamos no Segundo Grau. Já disputávamos os gibis, discos e alguma fama. Alcançamos alguma notoriedade por não perder shows e o nosso grupo de amigos incluía guitarristas de peso e bebedores da fonte da Beat generation. Curtíamos escutar caras não muito conhecidos naquela época, como Rory Gallagher. Camufloyd preferia ouvir Velvet Underground e ser soturno. Eu falava pela culatra.

Nós reencontramos ontem e o papo musical se estendeu noite adentro. Fernando coleciona aparelhos antigos de som, tem uma aparelhagem de som impecável dos 70s e estantes com livros, discos e alguns gibis ainda herdados do seu pai. O incrível é que guardamos discos em estantes semelhantes e mantemos a mesma faixa de gastos com discos no cartão de crédito. Uma das qualidades fundamentais do colecionador é conseguir o maior número de coisas legais com a menor nota. E Fernando é mestre nesta matéria. Na sua bicicleta, circula pelo biombos e brechós do DF. Sessenta reais é o valor mais alto que ele atualmente gastou com o LP *Radio Ethiopia* (que ele já tinha). Tem alguns LPs de Ravi Shankar e Yes em duplicata, para rolo, jamais à venda. Sofre alguns atentados em suas andanças. Por sorte jamais enxergam a mochila colada às suas costas com várias raridades: – "Ah! Tenho o primeiro importado do Monkees, posso fazer rolo com você." Enquanto eu compro "tudo" que o Mercado Livre oferece ("tudo" que me interessa), Fernando age num universo brega e na faixa do que não existe. Ele tem os LPs dos Matuskelas, do Assim Assado, *Lotus*, o triplo do Santana, com a capa mais invocada e espiritual do rock. Atualmente, três quartos da casa dele estão abarrotados com seus tesouros onde até ele se perde nas buscas. Algumas vezes, ele me cita como um beatlemaníaco. É o louco que você tem que conhecer. Planejamos uma exposição conjunta das nossas coisas. O empecilho será cobrar o ingresso (atualmente estamos numa encruzilhada não dá mais para produções *Do Próprio Bol\$o*). Nossas coleções, mais as coleções do Sindicato do Reggae, do Museu da Música, da CD SHOP, do Sinval e de Sylvio Edgard – o fã de Elton John – estranhamente estão no Guará. Existem outras coleções, mas a serviço de alguma coisa de fundo cultural só estes seis acervos. E o segredo de quem coleciona? Não chegar atrasado no serviço, na manhã seguinte.

•

Ouvir discos inteiros pode ser uma penitência, pois o estado de espírito tem que ser ideal. Estou no sétimo CD (box) *Recording the fantasies*. Gravações de John Lennon inundaram o mundo através do especial de rádio *Lost Lennon*: 218 episódios! Devo ter uns 30 baixados da internet e uma dezena de CDs oficiais com este material em bloco. Só que eles mesclaram estas gravações caseiras com as tentativas de estúdio. O termo tentativas é figurativo, pois os takes de Lennon eram perfeitos – ele dominava a atmosfera do estúdio. O barato nessas gravações é o telefone tocando insistentemente. Escreveram que Lennon jamais atendia ao telefone. Sinto-me do meu jeito, como Lennon, sem atender ao telefone, só andando com o cachorro no jardim – uma atmosfera de 1980 como se eles estivessem compondo aquelas canções. Jesus! Obrigado por estes tapes existirem. Lennon lia, muito especialmente, livros e livros sobre o milionário Howard Hughes. Claro que eles eram diametralmente opostos em diversos aspectos. Enquanto isso, eu fico clipando paredes de jornais, para fechar o livro, arrumando os arquivos de Brasília, juntando o turismo à cultura. Vivendo um grande tempo de paz: mergulho nas canções que me emocionam e me tiram a respiração.

Uma conexão além de rebelde. Lá no último ano da vida de John Lennon (1980) nas Bahamas, eu sabia que ele andava curtindo Bob Marley e que até algumas de suas últimas canções soavam meio reggae. 35 anos depois, estou ouvindo as fitas do LP *Double Fantasy* e durante as sessões, eles tocavam "Get up, stand up" para tirarem o falsete e o contrabaixo oscilante dem-dem-dem. Vivendo e aprendendo.

22 MAIO – DADO VILLA-LOBOS LANÇA O LIVRO ‘MEMÓRIAS DE UM LEGIONÁRIO’

Venâncio Shopping – O livro *Memórias de um Legionário* foi apresentado à mídia, no início de maio, recebendo páginas inteiras nos principais cadernos culturais do país e matéria especial no *Fantástico* da Rede Globo.

Memórias de um Legionário foi escrito por Dado Villa-Lobos em conjunto com os historiadores, Felipe Demier e Romulo Mattos, lançado pela editora MAUADX.

O segundo guitarrista da Legião Urbana foi atencioso com os seus fãs, atendendo à pedidos e oferecendo um show de valor inestimável aos fãs.

SETLIST DO SHOW

“Tempo Perdido”, “Teorema”, “Tédio”, “Filho”, “Há Tempos”, “Ainda é Cedo”, “Eu sei”, “Marcianos”, “Giz”, “Tudo que vai”, “Teatro dos Vampiros”, “Quase sem Querer”.

BIS – “Geração Coca-Cola” e “Que País é Este?”.

“Eu fui lá tão descompromissada que nem prestei muita atenção ao show, mas observei as pessoas, o público, famílias inteiras ali com suas crianças cantando e dançando, foram as cenas mais marcantes para mim!”. **(DAGMAR DO CARMO)**



23 MAIO – EXPOSIÇÃO, CINECLUBE, MÚSICA: ‘VISLUMBRE E DESLUMBRE O DESBUNDE’ • A BANDA MAIS LAMA DA CIDADE • SAY LAND DANCE • BETTO TUTU & IZABEL TUTU • KBÇA DI PRAIA • LAURA BEATRYZ





7 DE JUNHO

Tomaz André acabei de fechar o livro tenho que jogar o livro no formato e no tamanho da letra para definir o número de páginas, e liberá-lo para que o revisor solte os bichos sobre o texto; se não a coisa não andar. E, com dó, cortaremos fotos e páginas, se for o caso. Quando podemos fazer isso? Acabei de receber o “13º mandamento” e, se eu não entregar o livro na gráfica, a grana vai evaporar e livro só em 2016! Help, Help!

14 DE JUNHO

Via Correios entregaram a minha caixinha de LPs e o Bã-bã falou mandei a caixinha com a cara do Bob Marley para a PF. Chamei o milico na porta e perguntei – E, aí, você é maluco? – Tem um aí? – Não, não. – Ah! Você é do tipo que só os outros, né? – Tô sabendo. O diretor ficou sem graça e nunca mais me encheu o saco a respeito das amadas encomendas de LPs. Quando ando

com camiseta de Bob Marley parece que alguma coisa em mim fede! Eu fico olhando e falando qual é? Aí vejo a camiseta e entendo a curiosidade, rejeição do dia e calúnia e fofoca e foda-se. Foi em 2013, que comprei minha primeira camiseta do Bob Marley, elas vieram da Jamaica. Outro dia mandei esticar uns panos de lolovitch e uma senhora falou: – É arte dos rastas, né? Aqueles das praças, dos semáforos – eu sabia que ela fazia o tipo que desprezava qualquer religião que não a sua e sabia que se fumava maconha como coça o saco. Falei: – Não! Não tem nada de rastafári é de um *fdp* de um pintor do Plano Piloto que pinta como os grandes canalhas da Humanidade – tipo Toulouse-Lautrec, mas também fuma mais maconha do que a senhora desejou ser fodida – por isso uso Marley, no mínimo, eles acreditam que é para os loucos.

•

Sem esse papo de mártir do rock'n'roll – eu quero orgasmo. O Say Land Dance correu atrás ou melhor desceu atrás do som e foi feito com o que tinha. Rock agora é na base do improvisado e do Na Hora (vapt-vupt). Quem chegou fez o som. Sem essa de convocar a torcida canarinho.

Voltou os tempos do Cécé e do Ricardo guardada as coisas debandar ir para casa curtir a família. Rock pra mim é energia e momento. Farei rock assim. Concerto público me passa uma ideia complicada. Afinal a ideia é gozar, onde é que está o orgasmo, o prazer divino? Sem essa do dever, do escravo – eu quero que o rock'n'roll se foda, faremos dele o que quisermos e quando quisermos – sem essa de calendário, sem essa de esticar – rolou, aconteceu, findou é um trampo não um embalo, ainda é uma curtição irresponsável de adolescente. De repente, a coisa fica velha e chata e competitiva e perde o significado. Banalizado, o rock não pode ser banalizado, ele tem que ser revigorado."Que maravilha tocar um instrumento tão cheio de sons guardados. Mas uma vez só tenho a agradecer ao evento, a amizade e ao bom e velho roquenrou." (BLAVIS)

ZOOZOO

4 JULHO – 'NONO ATO DE RESISTÊNCIA' • BETTO TUTU & IZABEL TUTU • A-MÁRTE • ZOOZOO • SAPIENS • BARBARELLÁ • JAM: SAPIENS & BARBARELLA

Rock é bom, rock é do rei e grande rock é no tabuleiro – fico rejubilado (existe essa palavra?) com a presente espraiação do *Nono Ato de Resistência 2015*, das maravilhosas pessoas que atenderam à convocação e as perfeitas imagens de uma noite em chamas. Depois de 33 anos de ação, a produtora comprou sua primeira bateria, foi uma noite de gala: a luta continua companheiro.



© Henrique ferrera

ZOOZOO



© Henrique ferrera



Barbarella & Sapiens: o maior delírio

10 DE AGOSTO

Algumas vezes a gente recebe uma homenagem em vida e fica mais vivo. O novo livro – deixei a revisão na mão do Luís Eduardo e ele me perguntou: “É para 2000 e quando?”. Não que o Luiz seja o meu escritor fantasma, meu português é até capaz de “fazer o quatro”, porém um

livro precisa de um arremedo magistral. Sem revisão de Luís Eduardo sem livro novo. Talvez ele me entregue no *Natal!* O livro é uma reunião de fatos, de traduções, informações e fotografias reúne uma vastidão de conhecimento e o não pode ser fake, se não fracassa mais rápido. Neste livro, eu senti até um prazer mórbido de estar vivo e relatar atrocidades em nome da cultura independente. Obrigado, Senhor Jesus Cristo pela inspiração e pela determinação, que eu carrego de berço – livro comigo é ópera-rock.

25 DE AGOSTO – SOCIEDADE CAPITALISTA QUER SENTAR NO KAREKA'S BAR

Tem quase duas décadas que eu faço um rock antes da chuva, começou como *Folk Festival para Primavera* – pomposo, né? Eu pensava em fazer algo tipo Dylan, Joan Baez. Enfim, neste rock eu faço uma reflexão sobre caminhos & encruzilhadas. Pela primeira vez estou fazendo um concerto de rock sem a sensação de ser o último, este concerto é muito importante para mim porque eu fui duramente atacado e pensei meu Deus será que eu vou conseguir fazer mais um rock? Então, o rock do dia 5, é isso é uma luta contra os demônios internos e externos. Estou com dificuldades em fazer uma elaboração visual melhor definida, queria fazer uma exposição de telas ou de fotos acontece que eu sempre carrego o mundo nas costas. A aparelhagem é Plebe Rude o som será Capital Inicial, mas a conjuntura será Legião Urbana. Espero vocês no dia 5, nosso lado artístico poderia se manifestar e não uma reunião para curtir beber e fumar maconha (pense nisso).

TICKET TO RIDE

O segredo está no disco em si, e na capa e na tiragem. Um disco pequeno pode custar igual a um LP. Você pode não ter o LP e desprezá-lo em detrimento de um compacto que você já tem as mesmas músicas 20 vezes! Colecionar compactos dos Beatles é a última viagem surreal – nem próximo do fim da vida terei o que eu quero. Algumas vezes eu perco o arremate de lotes de compactos, o que até hoje me dá pesadelos. Este é um lote especial da fase psicodélica-monocromática – são especiais a chance de revê-los é mínima. Acho que vou no gerente pedir o adiantamento de 2016!

26 DE AGOSTO

Twist de Branco Produções Orquestrações e Sonorização agradece a Betto Tutu, a Campanha de Ajuda, Tiago Rabelo, Henrique Ferrera, Magu Cartabranca, Edson Salazar, às bandas e ao corpo performático do *Corpo Do Próprio Bol\$o*. Adianto, logo existo. Eis o último *SuperConcerto de Rock* de 2015. Não fique em casa esperando que vá rolar outro – pois estarei livre de ocorrências, só voltando em 2016, nos cinquenta anos do psicodelismo na



música. *Do Próprio Bol\$o* solicita ao respeitável público, co-anfitrião dos músicos, que traga cerveja para que ninguém fique de bico seco. Será necessário o uso de repelente e agasalho. O rock será da melhor qualidade feito pelas melhores bandas do perímetro. Fico emocionado e em débito permanente com a cena amadora, Underground, que banca a nossa estripulia e curtição: Rock & Progresso.

5 DE SETEMBRO CONSPIRAÇÃO UNDERGROUND

Diante de fatos não há teoria ou o que não falta é argumentação para mentir

• BRUNO CAETANO • DÍNAMO Z • A BANDA MAIS LAMA DA CIDADE • ANTIMÁCULÁ • DINO BLACK • SÁPIENS • KELTON BANDA



Música nova 'Da queda ao levante', ao vivo com a presença marcante do batera Tiago Rabelo

11 DE SETEMBRO

A onda será o livro para 2016, em conjunto com a *Exposição Psicodélica*; para 2017 será a hora e a vez do pôster dos 35 anos *Do Próprio Bol\$o*, com os nomes das bandas que tocaram aqui nos últimos 20 anos. Faço como Zé do Caixão, que sabe a data da sua morte e não revela. O banner com a nova logomarca é uma realidade. É como tatuagem fora de moda. O rock tem que ser acasalado, na encolha, não há fundos, não há público – nosso modelo estava em extinção quando se tentou abrir na marra; eu estava ameaçado. Tudo virou uma paródia, com a qual eu fazia rock'n'roll todos os dias – é chato, prefiro colar papéis. Temos que tocar agora, quando a Zanza sair. Temos que tocar quando a chuva cair; procuro bandas ideológicas para tirar um som sem a veleidade de aparecer.

•

Falar de mim é fácil. Tudo se resume à loucura. Ando falando das maravilhas da tevê à cabo. Você tem que experimentar. Segunda que vem o final de *Under the Dome*; ontem, no *Mentalista*, Patrick Jane casou-se com Teresa! Em tempos de Lei Seca, mantenha o fígado no congelador. Ficar em casa, tornou-se um ato criativo. Nas segundas e quintas, as minhas fugas; na quarta-feira, havia um outro seriado-ficcional muito bom, *Os Suspeitos*. Foi Souves que disse que a Rede Globo mandou comprar outro aparelho de tevê. Eu não comprei, esta já é digital. Mudando de esboço para tela, Renata Agostinho vai realizando uma grande produção, inserindo na mídia as chamadas para a *Noite azul* – eu tomo a liberdade de chamá-la da *Primeira Noite Azul*. Já nesse fim-de-semana, eu serei uma incógnita. Como lembrado no início do parágrafo, segunda-feira estaremos na 408 Norte, com a tevê ligada em *Under The Dome* – a idade transforma seu corpo, mas as palavras continuam com o mesmo peso do corpo.

22 DE SETEMBRO – EU GOSTO DESTAS PIRAÇÕES CABALÍSTICAS

Eu tinha casado pela primeira vez e voltei para a estrada. Para mim, eu produzia as melhores bandas de rock'n'roll, e tinha inventado a ideologia de algumas delas, tinha produzido um disco, acumulara 17 anos de experiência produtor. Então, dois velhos amigos – guerrilheiros – novamente se reuniram, e ficamos, de 1997 a 2001, tocando a música das esferas. Uma vez eu ouvi: “A banda sou eu e fulano...”. Retirei-me e pensei: “Quero vê-los sobreviver sem mim!”. Em 1999 surgiu a Submundo Stewart, que viria a se transformar n'A Banda Mais Lama da Cidade, em 2011. Voltei ao rock pela terceira vez em 2007. Descobri o Barbarella – fazia décadas que eu não descobria nenhuma banda de rock. Fui à Ceilândia, no Red Pub, e vi o Red Zones detonando o rock. Era falho, mas tinham potencial e, portanto, tinham estrada. Red Zones, para mim, soou como V.U. (Velvet Underground) Cheguei para o guitarrista e disse: “Você vai tocar lá em casa”. Igor, o guitarrista, riu. E tocamos algumas vezes e tocamos com amor ao que fazíamos.

10 DE OUTUBRO



Robson reapareceu – tenho que tirar o chapéu para o Tiago, o cara deixa o som redondo mesmo. Robson, a primeira guitarra fez essa foto. Thome canta e toca como nos tempos do Guariroba Blues, no cantinho é o Wendel que mesmo costurado veio para o rock

20 DE OUTUBRO – O ESTADO DE S.PAULO

Álbum da Legião Urbana não deve ser mais relançado

Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, afirma que é dele os direitos de uma música inédita que sairia como bônus em disco.

22 DE OUTUBRO

Briga por direitos autorais impede lançamento de box da Legião Urbana

23 DE OUTUBRO – UOL BRASIL

Livro sobre Renato Russo cria impasse entre herdeiro e ex-colegas da Legião

.....

Um livro com letras de Renato Russo organizado pela Companhia das Letras pode ser o novo ponto de discórdia entre o herdeiro do cantor e os outros dois membros da Legião Urbana. Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos discordam do projeto e ameaçam não dar a autorização para sua publicação.

1º DE NOVEMBRO

Raramente indivíduos se levantam contra a Lei do couvert artístico, os vejo reclamarem das condições precárias de som. Hoje, pagamos uma diária de 120 reais a Jailson Oliveira para ajudar na montagem da decoração pois no dia do show não há ninguém para fazer – aluguei um cubo e um amplificador do senhor Saulo Moscardini por 125 reais na esperança do desconto de 25 reais conquistar mais uma caixa de cerveja. Acabei de ligar ao senhor Dudu Pinto, do flyer e a Rodrigo Souves para a Banda Mais Lama da Cidade abrir mão de sua apresentação, ainda liguei para big mister, Lucky at Yourself pedindo que não trouxesse a sua banda e que fizesse uma ponta. Ainda ontem, falei para o guitarrista Silvester que não tinha jeito, pois às 18 horas poderiam haver seis bandas ainda para tocarem – vocês sabem que numa realidade dessa, o mais forte vence e avança na frente e deixará fatalmente aquela banda de Luziânia sem tocar, pois, todos sabem a energia será desligada às 23 horas – p... não vou deixar de tentar ser um show man a despeito da verdade eis a ordem de apresentação que provou ataques raivosos contra minha produção eternamente independente:

1. Saulo Moscardini abrindo a passagem de som com seu trabalho instrumental; 16 horas pontualmente Dínamo Z; III – Banda Malagoli (GO), IV – Banda Marcianita (GO), V – Banda Ser (GO), VI – Barbarian (GO), VII – Se Tiago Rabello e Blavis quiserem tocar e aparecerem, tocarão, pois, eles estão participando desde o início das *Guitarras mágicas* que sem eles perde um pouco da magia mais sabe recitar o encanto.

3 DE NOVEMBRO

Utopicamente começamos a fazer shows ao vivo em 1996-97. A duras penas fomos montando a aparelhagem; eu na parafernália da imagem. Agora, em 2015, temos nosso próprio som, que só rola porque Beto Betto Tutu nos doou duas caixas, que fazem milagre e revolução. O microfone Shure pifou e Virgílio doou o microfone da extinta banda de heavy metal Curse of Flames. Ainda estou na quarta parcela da bateria Jaguar (chinesa, e muito quente, muitos já experimentaram). Em todos estes anos de dedicação extrema ao rock, jamais deixei de delirar com uma produção, um cenário – e a melhor condição possível (se não a única) para o rock rolar. E um público avidamente interessado em participar do movimento, como cidadania, como curtição fraterna. Esta é a paz. Dia 14, eu queria servir licor de amora com panquecas, mas será servido mesmo é o rock. Obrigado por vocês estarem vindo de tão longe para um momento único e mágico e, se alguém trouxesse o Paulo Sales, a festa seria completa e se



Cervejaria
KAIXA D'ÁGUA
A HISTÓRIA DE GOLE EM GOLE
CNF 2 LT 1 LJ. 4/5 - PÇA. DA CNF - TAG. NORTE/DF 8489-1539
f karekasbarkaixadagua

POLO CULTURAL DE TAGUATINGA
Programação de OUTUBRO

24 SAB 22h00 - Lançamento do Livro **10.000 Dias de Rock**
de Mário Paz Checo e Show c/ Cachorro das Cachorras e convidados

Magu
Cartabranca
pudesse
documentar tal
encontro mágico,
seremos
manchete.
Dividirão o palco
com as quatro
bandas de
Luziânia; Dínamo
Z e Say Land
Dance e ainda o
gritador Lucky At
Yourself, que
poderá cantar
conosco. Do

Próprio Bolço não paga caixa 2 e não faz maracutaia com verba do FAC, tampouco distribui injúrias. Pense nisso antes de cuspir no prato que derrubaste da mesa, depois da sua fome saciada.

6 DE NOVEMBRO – SEXO & DELIRIO EN LAS BANDAS DO GUARÁ

Foi uma grande a demonstração de afeto: Jorge passou a tarde falando como ela gostava de mim. Mas estes dias ficaram no passado. Dias gloriosos, quando calçávamos as mesmas sandálias. Meu espelho era o seu retrato. Minha escrita afiada, quanto mais tesão eu tinha, mais o canal se alongava. Eu era a tesoura cortando o vestido. Somente nós ouvíamos nossos risos insanos. O primeiro sol despertava sensações que evaporavam sentimentos de uma longa noite de repressão patrocinada por você. (Aqui vários nomes de Mishima a Geraldo...). Eu sabia que eu era um homem cego mergulhado numa fenda. Vou me abrir com você – ouvíamos 'Steppin' out (Joe Jackson) – na tinta cor-de-rosa. Escrevi um diário íntimo, com poemas loucos por picos de heroína e desenhos de corações furados por flechas. Eis o diário e as cartas e algumas peças de Fantasy Lingerie, figuras instigantes repletas de literalidade. Arderam. Eu me sentia seguro, descobrira-me de novo. O cinto apertado da minha cintura estava acochado no melhor buraco. No tapete flamejante eu cantava em seu ouvido: “Slow ride, take it easy – Slow ride, take it easy”.

16 DE NOVEMBRO – TOQUE UM BLUES AÍ

Amadoramente, são 33 anos e sete meses que faço rock. Sempre na medida do “fi-lo porque qui-lo”. Vez em quando, tenho que limpar as arestas – o rock'n'roll jamais deixará de ser show business. Mas nós por algum motivo vivemos afastados das grandes ou pequenas multidões dos estádios, dos teatros, das praças e dos bares. Imagine do cinema! Este rock Brasília, das telas, não me representa. Minha carreira de comunicador/embromador está em alta. Sandro Alves fará o meu retrato. Chega a me dar dor antes de dar vertigem (prometo emagrecer 5 quilos bem pesados e usar a camiseta vintage que o Mario Henrique me deu). Gravei uns takes polêmicos para o Programa Guará Urgente (lá vem mais dor de cabeça) e fizemos grandes tomadas para um futuro instante n’*O Libertário*. Tudo corrido, tudo sofrido em demasia, tudo angustiantemente desejado com onanismo pungente. Minha mulher fez a mais maravilhosa mesa farta que jamais vi e, das bugigangas, fiz o melhor cenário e, no limite, as bandas fizeram o melhor rock. Foi rockado, sangrado, sacrificado e filmado. Diante de tantos dias indo a shows mambembes (sempre) e fazendo rock, este foi o melhor show com a melhor brodagem que tivemos. A Irmandade ditará o cast. Não faço rock para aparecer para ninguém. Os melhores dos disponíveis vieram nos salvar. Emocionei-me com Magu cantando, Tiago no coro e todos os loucos juntos numa só voz. Salve o rock, salve as águas, salve Minas! Para 2016, meu livro, desde que o Revisor entregue. E ainda recebi uma ideia para um filme O dia que conheci Renato Russo (eu disse que queria algo bem Buddy Holly). Avisaram-me que eu não poderia ser o Diretor. Eu: “Serei Consultor” e acrescentei: “... para dirigir posso convidar o Pedrancini, o Túlio, o Johny, o Ribondi”. Eles ficaram meio cabreiros. Aí, bati o martelo: “Sei só citei diretores de teatro. Mas pode ser também o Magu...”. Com certeza levarei o rock Brasília das satélites comigo na trilha Fusão, Nirvana, Extremo. A idade não me deixou gagá, deixou-me mais prudente. Agora eu ajo mais por impulso calculado.

11 DE NOVEMBRO

Já vestes um pica-pau cagando? É lindo. Long Hair era o artista do momento no seu tempo. Usava seu long hair para atrair algumas gatas que quando se entediava, mandava falar comigo, é claro eu era todo ouvidos e satisfação. Fui na sua exposição e caí na besteira de perguntar, – qual o quadro mais lindo da exposição? – A mesa de comes-e-bebes. Fiquei desapontado, pensei que fosse o do 'pica-pau/caga-pau'. Nessa exposição foi servido o famoso vinho de milho da Embrapa que ele conseguira inúmeras garrafas plásticas de dois litros com o líquido. Long Hair abriu pouquíssimas garrafas e levou o montante para seu atelier – ele era o próprio nó no sistema. Conseguiu como patrocínio tacinhas descartáveis de plástico empoeiradas que ele não lavou e servia o vinho assim mesmo. No Conic, me perguntou, – Você não quer ser o garçom? E, quem vai filmar? Esta foi a primeira exposição de Long Hair

que eu compareci, outras aconteceram. Não sei qual mando, ele tinha sobre mim, mas eu adorava acompanhá-los nessas performances porcas.



Aqui nós gostamos de Raul Seixas; Gérson gosta de Luiz Gonzaga. Aqui é Brasil! Mutantes! Som Nosso! Patrulha e rock Brasília. O maior show de rock dos últimos dez meses será na churrasqueira – uma garagem em forma de metrô. E nada de som mecânico, nada de competição – sob o sol ou debaixo da chuva. O rock vai rolar.

'Mamãe, não quero ser prefeito/ Pode ser que eu seja eleito / E alguém pode querer me assassinar / Eu não preciso ler jornais / Mentir sozinho eu sou capaz...'

26 DE NOVEMBRO – DPB\$-DO PRÓPRIO BOL\$O

Fanzine desde 1982. Produtora do CD *Onde é que está o meu rock'n'roll?* – *Arnaldo Baptista Novamente Revisitado*; site contracultural de rock, desde 2003. Pró dutora de si mesma; chega a 33 anos, quase 34 de ação. Com trajetória registrada em jornais de Brasília e do mundo e alguns programas a preços culturais. Se Deus permitir conseguirei lançar *10.000 dias de rock*, a nova emoção literária (tudo isso não é brincadeira gente).

7 DE DEZEMBRO

O rock rolando alto, o acordo na mesa de Gilmar e a volta do Antimácula ao Guará no final de janeiro de 2016. Quem viver, perderá seus tímpanos. Que Deus nos ajude a fazer um rock independente dos conchavos, dos picaduras, dos falsos picassos, das elites despolitizadas. Longe dos artistas mercenários, contra os motoclubes dos festivais da agonia. Que Deus me descole uma aparelhagem melhor, sem que eu tenha que dever favores. Que venha um público a fim de prestigiar a cena autoral. Que 2016 seja com muita luta e conquistemos o prazer, pois prazer dado é logo esquecido.

25 DE DEZEMBRO – PAGANDO UM ALTO PREÇO

Depois da longa mesa na esquina do Conic onde Carlão bebeu e cujas fotos serão postadas por Welber Lume, passamos de surpresa no apartamento do Pintor Paulo Iolovitch – Azul / Auroro. Embriagados e alterados, fomos tratados como chefes de Estado. Iolovitch, que terminava a tela de Dick Tracy, me presenteou com ela. Também ganhei outros que tais. Já de saída, pintou uma discussão ideológica entre Klebinho e Iolovitch, retomando algum ponto de reflexões que começaram 15 anos antes. O sempre bem informado Paulo Iolovitch sabia detalhes minuciosos do falecimento do Carlão. Levei a dupla para conhecer o *Ateliê de Athaide*. Lá, mais conversa animada em torno de Niemayer. Batemos fotos. Por fim, deixamos

lolovitch para a ceia de *Natal* no MSPW. Sempre que bebo no dia de *Natal* a conta vai para mim – um preço alto, sem blefes. Começarei 2016 com altos planos e custos e sonhos. É por isso que eu sempre sinto que estou naquela reta sem volta; por isso não posso parar ou ser abalroado e nem multado. Conforme a escassez da grana, o sonho via ficando preto-e-branco e você acorda. Gostaria de agradecer as afetuosas mensagens de *Natal*. Valeu que o dia seja generoso e longo.

26 DE DEZEMBRO – A VOLTA DO 'COMUNISTINHA LEGAL'



Luciano, ex-guitarrista da banda Speed May, de Brasília, dono de selo de música eletrônica em SP, veio adquirir o livro 10.000 dias de rock; Anísio Maia veio do RJ e trouxe uma mala de zines e Ricardo Tubá veio mostrar a sede

Anísio estava com os antigões do PC do B e dividia suas angústias e paranoias desenfreadas pela perseguição da PF, que fazia fotos deles espreguiçando-se na porta de suas casas

Anísio trouxe um fanzine de 1978. O número 8 do *Monopo*. Uma edição baiana mimeografada de poesia, um dos fanzines mais antigos, agora do nosso acervo. Trouxe também o fanzine *Arqueologia de Nossa Vergonha* – um livro em pedaços da Lilith Publicadora e Cia., de janeiro de 1988, que eu desconhecia. Lilith publicava a *Víbora do México*; trouxe duas edições do *Soma Rajneesh Buddhafield*, jornal sul-americano de 1982, que líamos e inspirou nossos fanzines. Veio também o fanzine punk *Molotov Protesto Suburbano*, sem data e sem cidade (deve ser de 1981); e ainda revistas literárias baianas, desconhecidas por mim – alto nível. Destaca-se a revista *Bando* (fantástica) e várias edições antológicas do boletim *CEPA* (fundado em 1951, essas edições são de 1991!); edições raras do fanzine *Xibiu* e edições de outro fanzines: *Guarnicê*, quando o povo do Circo Voador agitou na Bahia em 1986! Compactos da revista *Rock Espetacular* e apostilas inéditas com trabalhos de escritores, como o desaparecido Haroldo Maranhão. Nome da apostila? A leitores e a possíveis leitores. Neste *Natal* eu lavei a jega.

27 DE DEZEMBRO

Facebook virou chiqueiro e eu não estou gostando deste torresminho. Mensagens e vídeos e páginas invasivas. A versão brasileira dominou o Facebook e o deixou poluído como o Rio Doce. Quanto à imagem, eu acho o seu caráter indestrutível. É o que todos querem e servem para qualquer um – que se foda 2016, 17, 18... e por aí vai. Não vale a pena ter calendário; o que vale é o Sol de Cuba nas pregas do cu.



2016

No início do ano, completei 40 anos de Brasília. Na verdade, cheguei de Osasco-SP em dezembro de 1975. As boas andanças pela Comercial e o futebol no pátio da Escola Classe 23 no DI. Na Comercial, na vitrine da loja de jeans, exibia um pôster de John & Yoko nus, naquela pose que Lennon esconde o bilau com o jornal. Invejo as pessoas que conseguem esquecer as coisas ruins. Desde ontem, o meu subconsciente começou a remexer em feridas ásperas: família, e os gibis de super-heróis da Marvel que jamais terei de novo.

9 DE JANEIRO



26 DE JANEIRO

Sílvicola, do jeito que vier, 3 paus! Não sei que hora você vai chegar com a aparelhagem, quanto tempo gastará para montar. Não sei se vai chover. Jogando búzios para decidir onde faremos o show. Conforme o público, eu farei uma singela produção com delírio. Ainda não arrumei ninguém para fazer o caldo (esse é o buraco). Do seu lado Ser, Acústika 15 e Cleiber Motta; do lado de cá Bruno Z e Betto, Tutu & Izabel. Linha de frente fechada. Do meu lado tudo certo.

•

O festival, que completará 20 anos, começou com as longas suítes instrumentais, muito embriagadoras, para quem ainda caminhava de headphone. Eles tocavam exclusivamente para as crianças e as formigas. Essa foi a primeira fase – tocavam na biblioteca ainda vazia e sem vizinhos. Então Cécé morreu e levou com ele minha vontade fazer rock. Foi sem aviso, em 2001. Tentei fazer rock no circuito em 2005-6. Não era nem tio, mas me sentia um lesado. O único lugar legal era o Butequim Blues, que lotamos com a Patrulha do Espaço. Vou repetir Elvis Presley e Little Richard ainda me excitam – eu vi o “rei” hoje na Fátima Bernardes. e ele estava vivo! Sou louco, sou perfeccionista, sou tirano e não estou aí para perder tempo, não tenho o menor dos interesses em me enganar e posar de estrela dos caras que conheci. Nenhum era estrela, uns poucos coitados carregavam o peso da sua falta de exposição. Sempre fui polemista, sempre discordo é isto que me mantém vivo. Não tenho medo de falar abertamente que fulano é chato – a maioria fala que fulano é chato pelas costas, e o pior é quando fulano é chato mesmo e você tem que concordar. No meio cultural em Brasília existem chatos na tevê, na rádio, no jornal, no Facebook. A única diferença é que eu tenho mais bactérias que eles no estômago e estou com fome de rock agora.

8 DE FEVEREIRO

É isso aí as articulações foram firmadas. O importante é a participação de vocês. Estamos num momento em que as atividades culturais mais divulgadas e populares e iniciativas privadas e independentes sofrem ataques e tentativas de boicote. *Do Próprio Bolço* jamais fará qualquer tipo de divulgação para o convite do seu baile. Os últimos 9 anos foram tentativas de realizar Happenings aquele tipo de coisa que as pessoas saem de dentro de sacos como esperma. Como o povo sempre tratava essas iniciativas como "festa". Decreei o fim dos happenings entra a Era da Festa na festa e nesse formato estou me divertindo mais muito mais até encontrei parceiros que também beijam o chão e não são o Papa. Obrigado a todos os caras envolvidos que se sacrificaram e nos ofereceram grandes shows. Pois o melhor rock ainda é *Do Próprio Bolço*. Saliento que o sucesso deste rock de carnaval só foi possível a arte culinária da Zanza que preparou o caldo das morangas e ainda pagou pelo corte da grama. Izabel Tutu trouxe o caldo de feijão e Jenira e Sueli os salgados. Por trás da cortina a Banda Mais Lama sempre deu cobertura. Silvio na sua dedicação à música nos deixou a aparelhagem, ele volta novos 60 km na semana para levá-la. Atuaram Dínamo Z com Chacal; Dínamo Z com amplificador; Acústika 15 com o roadie Tiago; Vítor Madureira e seu reggae maneiro de Alto Paraíso; Banda Ser; Banda Ser e Zezinho Blues Tributo Explosivo a Raul Seixas; Izabel e Betto Tutu e seus convidados (Blavis na guitarra, Póbeta no contrabaixo e Karlel Black na bateria; o último show ficou por Cleiber Motta e a sociedade dos primatas modernos com a participação de Biscoito na bateria; Póbeta no contrabaixo, Betinho na guitarra e Cleiber no violão e voz. Sentimos falta dos nossos irmãos enlutados Hamilton Zen e Tiago Rabello. *Do Próprio Bolço* agradece aos pais que vieram com seus filhos e pedimos desculpas por mais um domingo de ressaca. O churrasco alternativo foi uma produção de Nader, Retz e Alexandre.

27 DE FEVEREIRO – ANTIMÁCULÁ VIDEOCLÍPE DE “VÍCIOS DO ROCK”



31 DE MARÇO

Eu escrevia críticas sobre o rock Brasília e sou convidado para escrever em importante tabloide, mas não aceitei. Minha última resenha sobre rock Brasília foi em 2015. Pediram a minha cabeça e eu teria perdido a cabeça, se não fosse Marcelo Turko: "Você não escreveu nada demais". Lidar com o ego troglodita de músicos que não me enfrentavam no conteúdo me levou a largar a vida de crítico musical, espiritual e carnavalesco. Não queria voltar a andar armado. Não tinha mais idade para Academia das Agulhas Negras e, tinha cansado de colocar os amigos em roubadas. Não mais podia sair de casa – 34 anos de rock'n'roll sem tirar da reta: "Você entende?"

8 DE ABRIL

34 ANOS DO PRÓPRIO BOLSO

SEXTA
BLUES
DO PRÓPRIO BOLSO

08 DE ABRIL DE 2016
SEXTA-FEIRA
A PARTIR DAS 19H

ABERTURA:
IZABEL TUTU & BETO TUTU

CÊSAR DE PAULA

LANÇAMENTO DO CLIP:
"VÍCIOS DO ROCK" DA ANTIMÁCULÁ

BARTÔ BLUES

Do Próprio Bolso



© Henrique ferrera



© Henrique ferrera



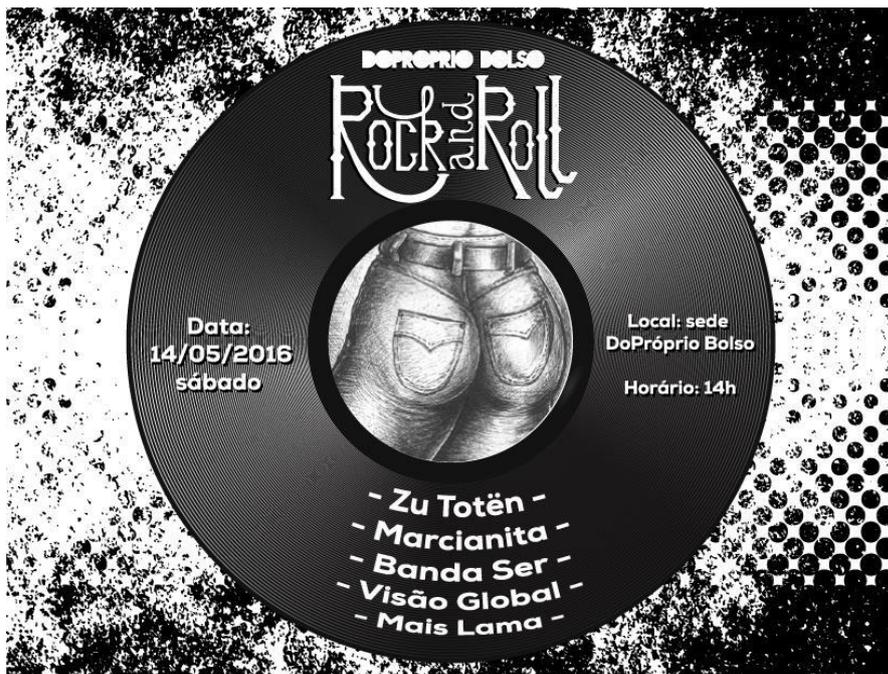


10 DE ABRIL – 34 ANOS PROFISSIONALMENTE, COMECEI AINDA MENOR

O cara do Jornal do Rock era conhecido no Cruzeiro, Gama e Sobradinho. Se ele fez seguidores? Boa pergunta. Ser conhecido nas bocas não ajudava a arrumar emprego. Conheci os roqueiros do Guarã 1 e de 1982 a 1985 fizemos nossas loucuras quando cortamos nossos *pelos*, e fomos ser contínuos em bancos ou técnicos de laboratório. Também fui o um dos roqueiros a pular a cerca para o reggae.

9 DE MAIO – PRIMEIRO AVISO AOS NÁUFRAGOS

Acho altamente burguês essa onda de "pelo menos poderia ter um som decente" ou "faltou guitar hero" vá ao show cover do Led Zeppelin lá tem até fogos. Acho a total contramão da



construção
bandas ficarem
esperando pelo
amplificador
chegar para tocar
– toquem
pandeiro ou caixa
de fósforo. Não
temos
amplificador de
guitarra ou de
contrabaixo.
Temos voz e
bateria. Quando
começamos
usávamos os
autofalantes do
Chevette – Aí
Silvio Duarte
dependemos de
você para ligar as

cabeças, aí Igor Amoras terá como trazer os amplificadores? Tiago Rabelo e Blavis será que vocês poderão nos dar uma aula de como ser rock'n'roll com o que temos? Que é o talento? Não me cobre superproduções, não me cobre nada, não me cobre público eu não tenho nada a ver com isso meu nome é Mário Maranhão.

11 DE MAIO

O dia foi violento soltei um "golpista" na foto do Rogério Rosso e o tempo fechou no whiplash. Pela manhã tive que defender o meu tratamento de hepatite c com os dentes. E no final da noite em frente ao banco, uma moça com um cachorro amarrado na mão avançou pra cima de mim me pedindo dinheiro que estava grávida e com fome. Foi muito doido o dia. Além de que a filha do Manoel me ligou falando que o 'ferro entrou no olho do meu pai' depois fiquei sabendo que o extintor de incêndio caiu no supercílio e ele levou 8 pontos. Tudo isso com a trilha sonora do CD do Bartô Blues que ouvíamos. Quero agradecer a atenção e carinho dos amigos do Dudu Pinto, do Julimar, do Jaílson que estão garantindo a feitura do festival. Detalhe o festival só vai começar quando o amplificador chegar. Estou tranquilo não assino contrato em branco.

15 DE MAIO

Depois de inúmeros atos de resistência musical, durante o ano inteiro de 2015 e metade desse 2016, o escritor Mário Pazcheco retira da gaveta o seu livro As guitarras em Brasília nunca desligaram. Totalmente revisado por Luís Eduardo da Silva. O livro do Mário é feito em cima do Facebook nos últimos quatro anos e mescla palavras rudes e belas. Num primeiro momento, expressões sem nexos, mas extremamente coerentes. O Mário não tem grana, e quem tem grana? Mas ele tem o livro e ele quer fazê-lo independente do poder de qualquer sedução. Meus amigos, é arma na cabeça. Vocês tem que me ajudar a fazer o livro. O livro tem que sair. A angústia em mim explodiu como miolos na parede depois do disparo. Preciso de você, Eduardo Pinto, preciso de você Mario Alencar, preciso de você Henrique Ferrera e preciso de você Tomaz André. A partir de segunda-feira, irei em vossa captura. Tenho o texto, tenho as imagens, o título, a revisão e o caralho. Preciso fazer o livro até o mês que vem, se não 13º salário só no ano que vem. Help! Ajudem-me!

28 DE MAIO

Dia de rock, pegue seu rastafári e seu óculos escuros faltando lente, como é dia de rock se ninguém confirmou, ninguém pode dar um telefonema, um alô? Vou dançar por aí. Fui no ensaio deles e me ofereceram uma canção "Rock pro cu" e eu disse é isso mesmo? Teledramaturgia meu livro fala mais alto do que os outros livros ensaiados devidamente ensaiados. Minha fome é infinita, os tesouros dos Beatles me fazem passar fome. Jamais tive os milhões da EMI-Odeon, jamais tive público, jamais tive amplificador Marshall. O que eu tenho? A loucura da necessidade usada como sabão. Não tenho glamour, meto umas meias verdades de patacas no texto. Minhas bolas diárias mudam meu humor, cerveja não posso beber, só comprar. Tenho sonolência, é impensável assistir show de rock às 23 horas, tenho medo de ambiente de bar, fui outra tarde no almoço e vieram me encher o saco tive que levantar o dedo em riste das duas mãos. Desculpem-me, não posso confirmar nenhum compromisso. Eu continuo um p. profissional.

3 DE JUNHO

A produção do rock sempre vai contra o próprio rock. Algumas vezes você só tem um coração musculoso como escudo. Eu voltei a ter grandes ideias, entre elas uma caixa de fósforos pode começar um grande incêndio. Meu ato é solitário, solitário mesmo. Todas as pressões e cobranças são indesejáveis, impropriedades. O que mais ouço é produtor falar que o problema é meu. Sem cobranças corro livre como o rio. Você pode fazer um espetáculo memorável com um violão e a luz de uma lamparina. Estou cansado de depender de amplificador de guitarra e cubo de baixo. Quando tudo está montado o comentário é 'de quem é?' A bateria é minha e o PA do Betto. Vamos para o rock como se fossemos ser baleados na altura do peito onde fica o S. Tocar até a última gota de sangue do lábio de Iggy Pop. Manter as sutilezas das pernas no banquinho, manter o peito aberto esportando punk rock. Viremos das estradas com nossos carros grandes e velozes e seremos grandes para nós mesmos. A cada dia, eu tento ficar valente, para fazer rock o caboclo tem que no mínimo trabalhar com profissionais. Teve um rock na minha casa que o flyer era o Syd Barrett pingando uma gota de LSD na guitarra. Não achei engraçado, pensei está bosta está a matar o rock. Tem um monte de gente que está a matar o rock. Mas eu vou viver, nós vamos viver, nós vamos fazer. Acabei de ganhar um tapete. Sei que eu vou atrair mais coisas legais. Nos próximos dias ou nas próximas horas eu paro de falar de rock para ter saudade. Todos os envolvidos estão suando, gastando, jogando o melhor pra cima de nós. Todos vocês pediram Mariana, ela estará conosco e eu quero ver todos os fãs dela aqui em casa. Quer dizer que vai ter um número expressivos de mulheres e a casa vai ter que arder em ordem!

Maluco é o seguinte não vou passar o resto da vida no Facebook. Esse trabalho de arquivo é envolvente e leva o dia todo. Tudo o que ficou para o domingo que se desmanche menos o futebol. Vou acolá aqui agora. O cínico síndico não quer que se fume maconha, ele anda cheirando nas alturas. Não se pode ouvir Bob Marley às 9 da manhã porque o vizinho está dormindo. Em respeito à Lei do Silêncio, agora tenho que esperar o vizinho acordar. Essa é a situação infiltrada no cotidiano debaixo das suas pálpebras. E ser rebelde é coisa do lar quando morávamos com nossos pais. Aqui a velha ladainha dos jantares a luz de vela, tudo morto só esperando pelo vento soprar e põe outro, doce rebeldia.

26 DE JUNHO

Foderam com o meu Facebook (e nem sei se foi de propósito). Meu Facebook nunca mais postou ou reconheceu imagens e fiquei sem abrir alguns sites. Até os boletos de pagamento não se abriram e agora está tudo em atraso. O assunto agora é rockmania – eu sou um rock maníaco e meu próximo projeto se chamará 10 Anos Depois. Nele trarei uma mala de apresentações de artistas que eventualmente tenha se apresentado uma única vez aqui em casa. Trarei até bandas do além-túmulo. Lógico que tem umas bandas frescas e não frescas, no sentido do proibido sentar (essas ignorarei). A grade de atrações se estende até o dia do lançamento do meu livro. Outro dia estava comentando que se nós tínhamos o A.R.D., porque precisaríamos de alguma outra lenda do punk. O menino era jovem e desconhecia o A.R.D., e

quanto mais eu explicava mais latente estampava-se sua ignorância. Então é isso: algum dia, perto de você, A.R.D., Barbarella Parafernália Banda Ser. Eu não vendo jujuba na porta de teatro para conseguir finas atrações. Tenho saudade de artistas como o Carlinhos Piauí, que arrastava perna do Gama para vir tocar aqui – e ainda choro assistindo aos poucos filmes dos artistas que tocaram aqui. Eu nunca levei um não na cara ou na contracorrente, porque a gente só pode lidar com viciados em rock'n'roll. Eu nunca sei de onde tirar a aparelhagem, eu nunca sei como chegará ao final. Mas parece que é fácil – e desse fácil eu quero distância. Comentaram que agora eu só transo o povo de Luziânia. E eles têm razão. Eu quero o Madrenegra, o Penteando Macaco e, se a gente conseguir uma atração a mais, de longe a gente topa. O show aqui é faroeste. Use peruca e botas, que a estrela é minha.



Onde foram parar as artes e as árvores que estavam aqui? Ninguém mais solapa, só papa defunto... Nem mais é carnaval que fim levou você festival de rua num domingo tão modorrento? Dois caras vieram falar em dinheiro e eu perguntei: – cês são do banco? É a promissória do carro? é o plano de saúde? é o exame do coração? Todos os dias, eu tomo duas bolas que me fazem feliz, todos os dias eu penso quantos dias faltam pra uma cerveja, hoje 20 dias... Pois é né, são 34 anos de pau dentro ou sem tirar de dentro. Agora é onda lamentar a falta de apoio estamental. Quando o estado das coisas não foi assim abandonado? Ah o que tem lá Juliana? Essa é fácil 34 anos de história com H maiúsculo, 34 anos da alucinação de Oiticica de LPs redondos, de recortes de jornais. Nenhum título e três livros malditos – sabe a minha vantagem? morrer em cima nesses 34 anos eu nunca desisti, o negócio é tão ruim que a gente força: – tem que continuar – eu queria ser uma artista excêntrico mas não sei tocar guitarra e nem tenho dreadlocks por isso me tornei radialista urologista meteorologista e fã de Zappa que chega tarde pra salvar uma bruxa afogada. Eu sou o grito da arte, eu sou a arte do embalsador, a arte que pulsa diante da repulsa – ninguém mais aceita ser enganado por banda que nem consegue enganar a si mesma – todos uns tratantes dependentes do coro e é golpe sim, Júnior é golpe mas não é de mestre é da alta burguesia.

28 DE JUNHO

A grande (the big) atração do rock na capital do rock será uma banda cover americana dos Doors – aqui em Brasília já teve Os Poortas e também veio cover dos Doors do Sul. Cover por cover dos Doors eu ficaria com o Eriberto Leão que cantou Doors na Fátima Bernardes, na segunda-feira. Ah o papo é mamulengo é anti-Globo, mas o festival segue essa receita de calcinação do rock. A grande banda pop presta tributo ao juiz cantando "Que país é este?" Digo duas bandas Necro, de Alagoas ou Bugarins ou ainda Almirante Shiva ou ainda Protofonia ou Antimácula. Por favor, não me venha com as ideias de shows, ocupações que o estado é altamente burguês e entreguista. Falta convicção – eu encerro minha participação nesse território. Rock pra mim agora é jogo de amarelinha. E não se esqueça que o grande festival foi o *Nívea Rock* quer dizer que há público, mas foi o próprio Lulu que disse 'o público é burro' – fique aí nessas de comprar clássicos de 180 grammas de Led Zeppelin, Stones que cada vez mais vai faltar energia não é só para o supercomputador. E viva Lulu Santos, Roberto e Erasmo Carlos e os sertanejos o resto é cover.

30 DE JUNHO

Do primeiro material, descartei as notas internacionais. Depois cortei novamente as notas do rock nacional. Mais um novo corte nas notas e textos do rock Brasília e filtrando e aproximando a lente, o texto ficou só no Guará. Com galhardia e sem falsa eloquência, eu quero que a mídia se foda. E que se foda ainda mais o político. Não fiz pacto e não faço concessões. Tudo uma onda para te derrubar – vender livro eu não vendo, troco pelo trabalho das pessoas. De vez em quando vem um amigo de fora com a mesma idade e só falta chorar quando vê o livro. Ontem eu tive um reconhecimento no Conic. Foi legal. Um dia de glória. Andei por aí, bem-humorado e disparando piadas. Comecei o livro ainda em 2012. Pra mim, é maravilhoso. É tudo que faço e espero estar vivo pra ver resultados. Dou muito valor a minha obra afinal são 34 anos de sonhos, suor e lágrimas misturados a tinta gráfica e sons de cosmogonia primata. Eles podem vender mais e sair mais no jornal, mas eu dou as minhas pinceladas nos muros como nos anos 80 – quando comecei com um texto na cabeça e uma estranha força-de-trabalho na mão. E este texto é melhor do que o texto de muita gente boa que a gente nunca vai ler. Lamentavelmente, segundo suas próprias réguas de medida, jamais deixarão de ser os bons – pau neles! Meus fanzines fazem sucesso até hoje. Um monte de gente ainda tira xerox e os faz circular. Mas uma boa parcela pergunta: "Quem é Mário Pazcheco?". Eis o enigma da fé.

13 DE JULHO – ODE AO LP 'NEVER SAY DIE'

Dia do rock né e a gente lê um monte de matérias na Folha e no Estadão absurdamente tendenciosas e falaciosas, mas a gente tem que seguir uma categoria. Dizem que o rock

DO PRÓPRIO BOLSO
CONTRACULTURA
IRREVERÊNCIA
IDEIAS

O ROCK VAI ROLAR

DIA 16.07 14H

ZÚ TOTÉN
OLÍVIA E OS BRUTOS
BANDA ROCK BRASÍLIA

MARIANA CAMELO
VISÃO GLOBAL
MAIS LAMA

LOCAL: SEDE DO PRÓPRIO BOLSO

morreu em 1959, morreu em 1979. Se eu fosse músico eu tocaria todo esse LP seus sons são sobrenaturais rock e jazz harpas mortes partidas saudades, mas Ozzy ainda está aí. Esse disco me passa uma energia fantástica e eu ainda posso tremer os joelhos sem sair do lugar. Tínhamos 15 anos, mas já sabíamos que nossa rebeldia fora patenteada. Um chute no c. rock tem que ser um chute no c. – amigos malfadados do

rock amigos difamados do rock até hoje é assim comigo basta um de vocês virem aqui no Condomínio. Hoje (teve) eu vi rock no programa da Fátima Bernardes – a banda de palco era Vanguard, eles homenagearam Raul Seixas e pasmem acabaram com “Ainda é cedo” com todo mundo cantando. Colocaram imagens da Legião Urbana então rock ainda são eles podem falar mal que a tevê vai continuar mostrando eles como rock e isso é divertido quanto mais você falar mal mais eles terão poder e isso é divertido duas vezes sua ânsia em acabar com a Legião Urbana, mas sem se inclinar ao rock gringo pelo menos no dia mundial do rock pense numa banda do Brasil e toque uma da sua cidade satélite – rock tinha isso de cidadania hoje o roqueiro é um bundão conservador ainda bem que Ana Luíza me retirou da aposentadoria ao combate social.

16 DE JULHO – SAY LAND DANCE





5 DE AGOSTO

*Atrás do balcão na Maloca,
na QE 32: – Uma
Antarctica, por favor*



Edson Salazar, o Chefe da noite cossaca





6 DE AGOSTO

BANDA MAIS LAMA





OUTUBRO HC





RED ZONES

Rock é pedra, não se pode parar de tocar, depois morre e fica o resto da vida lamentando... vamos tocar – vamos tocar até a pedra queimar – rock é happening é a revolta é a ejaculação através dos dedos – foi emocionante foi especial foi erótico foi artístico – meus caros vocês são especiais que o rock acompanhe a sua alma e o dia a dia de vocês Salve! Keith Moon e a formação dessa banda agora é muito marrenta com aquele gigante no contrabaixo.

Red Zones foi uma experiência sonora ensurdecadora truculenta. Se ora doce como Jesus Fuck, ensurdecadora como River Phoenix. Com certeza a apresentação de maior decibel ao vivo, o sangue quase coalhava.

FBI apresenta:

Zu Totën
Suicídio Coletivo
Banda Mais Lama
REd Zones
Outubro HC

06 de agosto 2016
15h - Sede do ProprioBolso

De Proprio Bolso
CONTRACULTURA & UTOPIA 1982 - 2006

"Depois de 1 ano sem tocar nesse lugar de energias positivas, resurgimos Red Zones é sangue no olho e rock na veia como sempre somos gratos Mário támo junto só chamar."
(ROGÉRIO SANTOS)





8 DE AGOSTO

9 DE AGOSTO

É claro que eu tenho que me ligar, estou nessa de rock há mais de 40 dias, bebendo e curtindo três manhãs de ressaca por semana, chegando uma hora atrasado no serviço. “Amanhã o chefe quer falar comigo”. Caçando pokemon no Conic. Tenho que dormir mais e a pauta da minha vida tá trancada. Não consigo mais curtir terças e quintas. Agora inventei um ciclo louco de tinta e fumaça. E acima de tudo tenho que manter o bom-humor. Você entende a pressão no ânus? De repente alguém vira e responde: “Por que você não procura uma igreja?” Lá tem rock?



21 DE AGOSTO – II PASSEATA RAUL SEIXAS



Nos Círculos Raulseixistas com Tomaz André e o calmo e simples Wilson Aragão, autor de "Capim-Guiné" curtindo a alta temperatura do show da banda S.O.S Raul Seixas que teve a participação de Thaise Mandalla mandando ver – vimos Ricardo Retz agitando. Muito astral na *II Passeata Raul Seixas* em Brasília. (FOTO: MARIA HELENA)

22 DE AGOSTO – DESAPRENDENDO & VIVENDO

A Efervescência cultural é porreta e bem-vinda porém mal divulgada e competitivamente larga pra cacete. Aprenderemos a ser profi\$\$ionais? É isso aí vivendo na Ilha da Ilusão pode ser a terra das angústias descaracterizadas protegidas por sonhos e alertadas por pesadelos. É difícil derrubar um homem sóbrio atolado em sonhos e promessas. Estou longe de ser um superstar e perto de ser um papa. Ninguém ligou, ninguém telefonou e eu andei em todos os lugares e ainda não consegui o novo exemplar da Revista Traços e nem sei mais se conseguirei dormir.

25 DE AGOSTO

É muito fácil gostar do Renato Russo. Ele e Cécé foram dois caras que eu seguia por curiosidade, por prazer. Acho a maior paga essa peleja de atrelar a carreira da Legião Urbana ao rock midiático (que não é rock). Acho desnecessário e descortês o criticismo pelo criticismo. Já pensou se ficassem falando mal da sua banda o resto da vida? Estamos em 2016, acho qualquer visão negativa descartável, mesmo pautada na da bandeira da "opinião". Porém e quando a sua opinião nunca é positiva quanto a alguém? Essa frase aí à frente esclarece a diferença: A vida é luta. O Renato lutou e venceu. E não se vendeu. Queria ser livre para escrever. Mas não há imprensa livre depois da ditadura. Quem fala do Renato Russo fala com propriedade. Geralmente, o lado negativo parte de frustrados que acham que justo sobre seu virtuosismo é que as massas deveriam opinar. E arte não é isso, não é essa disputa de integridade de referência de eternidade. As coisas são assim e se bastam. Você pode não gostar da música, mas suas palavras vêm com ranger de dentes, de modo que a mensagem acomode-se à situação a qual você está acostumado. Eu gosto de Legião Urbana. É o retrato da minha cidade. Indiretamente, de alguma maneira, a música feita na cidade ajuda as pessoas desta cidade – o resto me parece discussão de ratos roubando Camembert.



6 DE SETEMBRO

A casa e o público agradecem ao empenho, à energia e dedicação de Tiago Rabelo e Robson dos Santos Gomes que trouxe a Barbarella para matar as saudades dos seus fãs do Guará – um puta roquenrou com 3 guitarras e Robson estava com fome de palco.

10 DE SETEMBRO

Os ocidentais são muito parciais nas experiências de vida. Para mim, o princípio da amizade é a lealdade depois disso só fealdade. Vivo bem, muito bem. Tenho meia

dúzia de amigos que me ligam (vc Jorge Dupan é um deles, o Rafael Pedrosa que vem aqui com a sua família, os brothers que sempre estão trabalhando no terreno – do rock amigo do rock é o Ricardo Retz que se contenta com um disco que a gente toque. O mundo aí fora está muito chato só nos veem como oportunidade de dinheiro. E têm meus amigos da Mais Lama – o pessoal da Dög Savannah também é legal – e estou em débito altíssimo com Betto Tutu & Izabel se aparecerem hoje eu pago cervejas – gosto de Juliana Krause mãe de Ernesto – Robson Gomes também gosto pelo seu distanciamento e como não esquecer Titi? Joelma – é meus amigos – amizade não é um título remido de clube, amizade é manifestar esse sentimento (Edson, não o citei se não o ciúmes aumenta).



21 DE SETEMBRO

www.zoommusic.com.br

Zoom Music
RÁDIO WEB

Album de Família
às 20h.

SUPER ENTREVISTA
Mário Pazheco
+ set list irado

Ouçã também pelo aplicativo

ANDROID APP ON
Google play

APÓTIQ

DO PRÓPRIO BOLSO
CONTRACULTURA
IRREVERÊNCIA
IDEIAS

DO PRÓPRIO BOLSO APRESENTA:

CÍRCULO DO BARULHO

RED ZONES
OUTUBRO HC
BANDA MAIS LAMA
ARD

SÁBADO, 24/09/16
16 HORAS

DIRETORIA É NOZES



Os meninos da Outubro HC deram o seu recadinho rápido estão em época de provas

Outubro HC vai tocar a faixa "Faça você mesmo" na rádio ZoomMusic – a faixa fala do que estamos vivendo desde os anos 80 quando foi possível "fazer" sem estar atrelado.

2 DE OUTUBRO





A incompreensível atividade de ser livre e a hercúlea atividade radical caminham juntas no blues de vagar pelas vielas pelos parques, bosques, quadras – a diligência precisa de cavalos alados e vorazes – ainda tenho ilusões e presentes tenho ganhado – ontem ganhei um contrabaixo de cinco cordas cortesia de Virgílio, o amigo guitarrista na A.R.D., o mesmo contrabaixo marrom que Gilmar usava – agora eu penso em como ligar tudo isso junto com a guitarra – eu fico *p.* de coração quando eu ouço 'o que tem lá?' E gente que não tem o próprio amplificador – mas como eu não vou nem me corrigir lutarei dentro do possível para conquistar meu próprio Marshall e eu não terei a sabedoria alheia: pode usar, pode usar – se eu tivesse um mínimo real pagaria a fatura da água que faltou nesse domingo.

Rock das Lontras

Eletro Acústico

Weslei Lima | Cleiber Mota | Banda Mais Lama



Amanhã Terça – 11.10.2016 – 19h – Sede do PróprioBolso

12 DE OUTUBRO

Não incomode os bêbados, eles bebem e caem lentamente ou gimme some rock'n'roll e inale a fumaça até apodrecer – adrenalina as ameaça do síndico e da chuva, a pressão não é pra quem tem fígado é pra quem tem c. e tome rock – rock da rebeldia da irreverência da alegria da falta de limites, mas todos os excessos serão controlados pelos marcadores de consumo d'água d'energia, d'álcool etc – os parafusos do vaso foram apertados agora podemos descarregar em segurança, mas não jogue papel dentro do vaso, *fdp!* A bateria tá caída cada dia espana um parafuso e eu ainda não tenho amplificador, mas estou muito satisfeito com o que eu consegui e dar-me faz-me sentir vivo como a manhã e preciso provar a cada dia que estou mais sábio e menos besta humana – Senhor Síndico, se o senhor que mexer no botão de volume do rock vais ter que falar com o Igor Amoras.

Não darei a receita de sucesso sei que sou deslumbrado e contraditório eu tenho o espírito do rock'n'roll – rock por magia, rock por arte pelo absurdo pelo absoluto – tudo pelo espetáculo até a última moeda – pá agradeço a todos pelo apoio e sem amplificador sem rock'n'roll – sem músicos sem som sem alma – a parada foi bancada por todos – e doa a mim mesmo continuarei fazendo o que é melhor para mim.

Não vou dar receita de sucesso sei que sou deslumbrado e contraditório eu tenho o espírito do rock'n'roll – rock por magia, rock por arte pelo absurdo pelo absoluto – tudo pelo espetáculo até a última moeda – pá agradeço a todos pelo apoio e sem amplificador sem rock'n'roll – sem músicos sem som sem alma – a parada foi bancada por todos – e doa a mim mesmo continuarei fazendo o que é melhor para mim.

17 DE OUTUBRO

Virtualmente eu estou correto ou faltam parafusos na caixola – desce a carroceria sem freios ladeira abaixo e entra a cena da novela onde a banca de frutas voa. Não vou assumir meus compromissos "assumidos" ou "assumíveis" de repente me toquei que não sou estúdio ou laboratório de sons – não vou arrumar ou descolar amplificadores – bandas made in Brazil não dá para tocar sem o próprio amplificador não é uma situação confortável ficar na sombra dos outros – eu não tenho organização de festivais. Muda tudo muda a linha de bandas – não poderemos mais bancar um status absurdo – isso não quer dizer que vamos deixas as coisas de lado – eu estarei sempre na produção purpurina do painel procurando uma nova ideia e tentando fazer o troco render – quer tocar? por favor traga seu amplificador – eu não vou mais

garantir que ninguém saía de sua casa para tocar na minha casa – pois eu estou como você meio desligado e sem amplificadores, mas nunca sem tomada. Quem quiser me ajudar na arte, na cozinha ou tomar uma cerveja isso é mole. Beijos o dia que eu deixar de ser livre dou um tiro na cabeça.

NOVEMBRO

Happenings instantâneos e grátis – confraternização, troca de presentes. Onde andaré essa onda? Na cartola de quem?

8 DE NOVEMBRO

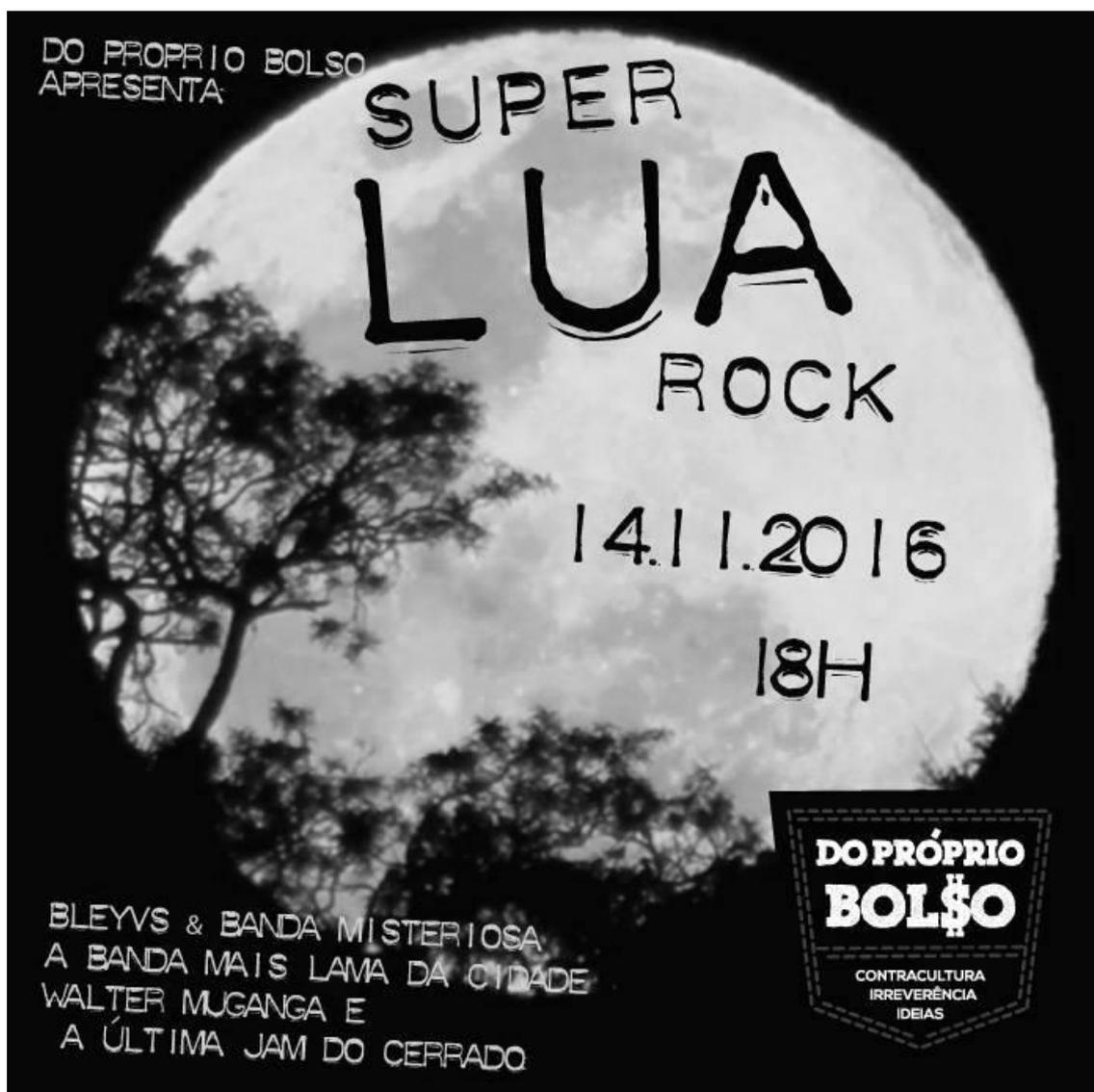
O site é bom. É como se fosse um vômito de arte. Estou bem vivo; mais do que mereço. A



mente antenada, fazendo um cenário com uma lata de tinta de 52 reais: são seis banners que nós dependuramos. Precisam-se pintar umas nuvens, preciso que o Devana venha declamar, precisa-se que o Jeff Sena venha tocar guitarra. Há uma iluminação fodástica de disco voador girando. Mas os eus estão amarrados em si mesmos, escolhendo o caminho mais difícil.

23 NOVEMBRO

Na primeira vez que Alcir veio aqui em casa jamais havia pisado o pé e saiu do carro apertando um baseado, eu virei de costas para não falar nada. Alcir voltou na terça e na quarta... Na quinta, eu fui fazer churrasquinho para as despesas de hospital do saudoso Paulinho Bar e na sexta-feira trabalhei no GDF. Alcir acabou indo em casa nessa sexta-feira e foi logo avisado pelo o caseiro que com ar irônico, avisou: – Mário tá dormindo!... Alcir me tirou da cama e logo disse: – Vamos fumar? – Vá fumar na *pqp*, que eu quero dormir. Se sou louco? Então, sim sou!



20 DE NOVEMBRO

Eu vou ganhar uma bandeira gigante do Brasil por esses dias. Nesse cenário vou fazer um rock e nele estarão H.N.G., DuoDemo e A.R.D., – (breve) notícias e infos porém eu quero o que merecemos, eu quero segurança, eu quero rango, eu quero a mesma dedicação e atenção aos artistas e eu não me importo se vierem só 20 pessoas.

2 DE DEZEMBRO

Tenho um único compromisso que será a ida da A.R.D. para a Europa. Sei que farei uma festa. Virgílio, o guitarrista, foi um dos caras que serviram de pilar e se muita coisa rolou foi por causa dele. Por exemplo, temos uma caixa passiva de voz funcionando e uma guitarra de emergência aquele instrumento que se exhibe e literalmente não se toca. Outro cara que segurou a onda foi o Dudu, levando o rock'n'roll a vocês em diversas datas, através dos flyers inspiradíssimos. Tiago Rabelo que estará com atividades novas a partir de 2017 (espero poder contar com a sua batida). Paulinho Castelo, do Memorial Russo, foi um cara exorbitante em generosidade ao abrir-me espaço. Outro cara que arrasou foi o Andrew Simek, ao me colocar na televisão no início do ano, provocando a maior onda de ciúmes e colapso de egos inflados. Julimar dos Santos esteve comigo em todas as noites nessa primeira temporada de 2017. Vamos reunir os banners e acrescentar alguns novos ao varal (essa será a decoração). Também agradeço a todos que tocaram comigo. Estes são os importantes para mim. Balanço feliz? Sim, claro. Então que venha um tempo sabático para entender e tentar alcançar o que se deseja. Saem de cena festas, imensas festas, e volta o happening. Que seja eu mesmo, sozinho, como numa punheta máscula. 35 Anos de *Do Próprio Bol\$o* e eu jamais estive tão necessitado. Mas tenho minha agenda de férias de serviço de família e que os novos tributos cheguem para pagarmos o ano. Todos tributos. E o nosso *salarim ameaçadim sim salabim*.

12 DE DEZEMBRO

Não vou me calar e se eu tiver que defender a palavra até o último gole de cerveja talvez eu vá ou talvez eu cuspa um dente cariado para fora da boca. Facebook é apenas uma agenda, onde eu escrevo in box e on-line ou vou ligando o s pontos existenciais às ideias, na verdade a gente somos 'himpotente' por isso eu fico chamando pra dar uma risada ou cof, cof maneiro. Nessa segunda-feira, minha cara está estampada na tela local da superGlobo e eu curto pacas não posso nem ir ao supermercado comprar uma pizza que o povo pergunta: “É você?” Começou hoje pela manhã cedinho no serviço, gente de todas as idades e posições falando “Conheço aquele cidadão”. É legal isso. É uma referência carregada de respeito ninguém mais do que eles sabem da minha luta, fanatismo etc – cheguei hoje e estava na minha mesa o pacote dos Correios e o servidor: “Eu recebi na sexta e guardei para você”. Com quase 53 anos e outros 35 anos de contracultura ninguém melhor do que eu me dou o valor – me faço de doido e nem gosto de maconha – quem me conhece sabe disso – vou ali vivendo – fazendo conta para atender uma cartinha do papai Noel – é assim que somos, mas o meu sangue é quente mesmo tipo 40 graus de febre suína.

19 DE DEZEMBRO

Em tudo que eu faço, mantenho o espírito do fanzines e o espírito do fanzine é a união. Quero abrir a minha página e rir. Ela tem que ser astral, verdadeira. Essas qualidades embrenhadas em liberdade eu as levo pra tudo o que eu realizo. Sou relações públicas do Estado. Destarte, tenho que atender e tratar as pessoas bem (já ganhei uns elogios). Assim prossigo com a minha marca, seja no site, seja aqui, seja na publicação das fotos. Brigo muito com as pessoas para manter esse painel de cidadania. Portanto, não será você que, me dando puxões de orelha, vai me condenar; você vai dançar eu não vou mais interagir na sua a página. Não preciso – na verdade eu estava dando um grau no barraco com uma tinta.

21 DE DEZEMBRO

Rock – a gente tenta dar uma força, mas o povo insiste em ser amador. Ah, o que é ser amador? Marcar e furar e nem ligar: é o foda-se. Não venha marcar hora e dia comigo, assim, cansado dessas mentiras. Amador é chegar sem instrumento e pensar que a nossa vida está com as horas disponíveis para quem nunca chega na hora. Cansei. Pode ser que uma bateria e umas caixas seja nada. Na real, na real o mercado está cheio. Todas as bandas estão formadas. E vocês agindo como crianças na primeira banda. Sempre querendo o que não vão conseguir. Sempre reclamando da sorte – quer aquele baixista, quer aquele guitarrista aquela banda, e você não tem nada. Esse meu apoio é extraordinário, mas não com o objetivo de

galgar palcos maiores. Da vida de vocês, eu não sei. Sei da minha e, por favor, se for furar, se não deu certo, se foi uma louca ideia sua, assumo o risco e os efeitos colaterais. Velho, essas desculpas estão tão manjadas! Nem atrapalhei e nem ajudei. Mas que porra é essa que ninguém veste camisa de ninguém e fica-se no individualismo. Eu e Tiago ficamos com a sensação de arrastar dinossauros sentados na própria calda

24 DE DEZEMBRO – 10 ANOS DE ROCK'N"ROLL AO VIVO EM CASA

Uma década significa mais tempo de vida do que muita banda teve. Tinha um esquema em Brasília de oligopólio cultural e eu não curti. Dinheiro ou Barrett: Psicodelia foi o que eu pensei. Para começar, o projeto já fui rompendo uma amizade de 23 anos (1984-2007) e fui me afastando dos egoístas, dos escrotos, dos espertos e tenho medo de ter me tornado tão vil quanto eles. Outro dia ouvi o comentário: "fui lá e dei uma força pra ele". Nesse negócio, eu só recebi força. Jamais dei força, jamais foi recíproco. Rompi com os bêbados, com os maconheiros, com os sacanas, com os malas. Rompimento é uma forma de aflorar. E muitos acham que essas apresentações começaram agora.

Foram 26 apresentações públicas. Hora do recolhimento. De pensar em outros espetáculos, momento de assentar a poeira. Foi bom, foi divertido e foi *Do Próprio Bol\$o*.

MURO DAS LAMENTAÇÕES

Sem um mouse decente, sem WI-FI, sem bandeira gigante, sem faixa. Na base do cálculo renal. Frase mais repetida: "Ninguém traz cerveja". Nenhum fotógrafo massa aparece mais. Quem tem o amplificador se nega a emprestar: "e essas bandas que não trazem nada?". Contra tudo isso, contra os vizinhos, contra àqueles que ficaram de fora segura na mão de Deus e vai desafiar – desafiar a si mesmo – eu estarei eternamente atormentado pela questão Por que continuar nessa? "Larga isso". Dia 7, eu vou encerar o chão, lavar os tapetes, fazer um café, limpar o freezer. Vou juntar as caixas, montar a bateria e quem chegar que ligue a guitarra. Será simples e solitário e até triste.

27 DE DEZEMBRO

Estávamos muito loucos curtindo um curto período de liberdade e sol. Pegamos uma folha de papel vegetal e eu disse do-pró-prio-bol-\$o agora será esse o nome. Desenhamos uma bundinha continental estilo Crumb. Ali nascia a encrenca, já tinha 10 anos de underground e passaria os próximos 25 explicando que *Do Próprio Bol\$o* não deu certo, porque não recebeu o *empurrãozinho* – a logo foi atacada de machista e logo um batalhão de artistas queriam livros e que eu injetasse grana nas bandas. Dá uma bola aí, prensa, passa... 35 anos de padrão sinuoso, você conhece do it yourself ou macaco vê, macaco faz? E fui, o melhor é que os poucos amigos capitalistas que tinham alguma grana saíram fora. Ficou a utopia e a perseverança. E eu tive tempo demais para fazer as minhas coisas. Aos envolvidos por favor chegar cedo com amplificador e cubo e microfones e evitar esperar que alguém traga senão o rock nunca começará.

2017

EXEMPLARES DOADOS PELA LUANA



Triste paródia sentar no trono como no cárcere para folhear Os Fradins. Voltei lá na Avenida Cruzeiro do Sul em Rochdale, Osasco. São Paulo onde comecei a comprar revistas. É certo que foi aqui na Capital Federal que me foram presenteados exemplares como estes que você (Luana!) nos doou hoje. As cartas de Henfil (eu pensava que ele era americano e pronunciava Rênfil) para sua mãe desde 1974 e republicadas em Istoé; o jornal Movimento; as revistas de cultura da Editora Vozes; Roberto Muggiati; os livros da Editora Codecri; Pasquim; Rolling Stone; Bicho; Rock a glória e o mito; Tarso de Castro; Luís Carlos Maciel; Júlio Medaglia; as revistas Escrita e a Ficção em formatinho é o legado mais importante que uma pessoa pode passar para uma outra geração. Klebinho, Zeferino, Menezes, Kleber da Víbora, Anísio nomes comuns que sofreram por esse país. O jeito agora é você me ajudar numa exposição com cuba-libre e caipirinha. Muito obrigado pela grandeza do ato político de desprendimento.

1º DE JANEIRO

Rock A.R.D. Excursão será o primeiro compromisso nosso em 2017. Sei que todos estão afiando as unhas famintas. Vamos trabalhar com atenção redobrada. Vamos tocar para nós e por nós mesmos, não mais do que isso. Continuo acreditando na solidariedade nem que iremos conseguir um ótimo som. *Do Próprio Bolço* é essa luta, essa pegada, sem se render jamais e sempre economizando recursos. Não tem porque ser administrado de outra forma.

6 DE JANEIRO

Rock me dá tensão e desespero e dor de cabeça. Geralmente antes desses rocks, a minha vida passa por um descontrole total. Acontece de tudo: tipo perder o zipdrive, mandar pintar o carro, coisas estressantes e eu, como guardião do rock, digo NÃAAO. Nem fodendo! São 35 anos de rock. Se eu sei de alguma coisa? Não quero polícia, não quero overdose, não quero confusão. Não quero saber de necessidades dos outros. Quando o bicho tá pegando, eu dou as costas e vou beber num lugar improvável. Ontem fizemos isso. É como fazer parte de uma banda de rock que depois dos shows ainda sai junta pra beber. Rock, pra mim, é rasgar a roupa, é gritar até ficar rouco e voltar caminhando a noite toda para casa. Rock são aqueles recortes dos lábios de batom de Mick Jagger, aquela pinta falsa no rosto, o cabelo descendo



na testa e uma camisa italiana florida. Rock is my life, coisa de Brian Jones, Arnaldo Baptista – eles ainda são os meus heróis Citadel. O lance do rock é a produção gloriosa como a preparação do Carnaval. Amanhã estaremos ensejando esse ritual. Estou feliz com as bandas prometendo os melhores shows de suas carreiras; estou feliz com o Julimar dos Santos pintando o som da Red Zones; estou feliz com a adesão de dois fotógrafos amigos meus; estou feliz com a adesão de músicos que não vão tocar, mas vão curtir; estou

feliz pela minha mulher estar nos dando a maior força. Já vencemos. Lotação esgotada!
Obrigado, Senhor!





ANTIMÁCULA





SAPIENS



RED ZONES



18 DE JANEIRO – BLUES DO VÁ PRA PQP

Facebook aqui em suas páginas a vida é maneira e hilária às vezes melhor do que a vida em si. Sim, eu ando dando porradas virtuais ao ar socando a indigestão e anotando os lances. Chamando a atenção variando de 1800 a 700 reações per semana. Despejando um litro de fotos ácidas na sua pupila. Lutar até morrer sem pensar em envelhecer. Vamos ver se O Som Beatle rola amanhã no Landscape sem rodízios – faltará água na sexta e fatalmente no sábado, então teremos de adiar o churrasco de espetinhos com pães de queijo e amêndoas. Meu único amigo que me restou no mundo das artes gráficas salve o meu livro – sigo sem rumo sigo livre livro-me do que me traz problemas – duas ou três pessoas podem te fazer feliz: na verdade as pessoas só estão interessadas no seu saldo bancário ou cada um vive com o seu extrato – beijo, beijo – e no sábado estaremos no Urbanus com o parceiro padroeiro do Underground, o mano Edu K do De Falla sim a banda e não o violonista – sorry periferia (sempre pensei em terminar um post com sorry, periferia é só depressão profunda e nenhuma ereção decente).

25 DE JANEIRO

Rapaz, quando a gente está fodido ou desiludido ou agradecido por manter um mínimo de bem-estar social, a gente tem que pensar na dança, pensar na dança com os parceiros; os parceiros de corpo de birita os amantes propositais – não vamos falar de terceiros, não vamos priorizar situações – vamos bailar – encarnar esse espírito Underground pode ser muito doloroso, desafiador, batalhador – *Porra!* Dizem que eu sou orgulhoso que eu sou pessimista na verdade me siga ande comigo ou vá pra *pqp* (sinto muito).

16 DE FEVEREIRO

Camarada, na manipulação do I-Design, eu estava enferrujado como bisturi esquecido em barriga de baleia. Então o menino Virgílio teve que aprender com alguns tutoriais e conseguiu colar o texto; outro menino, o Dudu, colou as imagens e os flyers e fez a capa. Tudo com pitaco meu no meio dos olhos, tipo aquela dedada dos *Três Patetas*. O meu português maroto recebeu um ar lusitano devido à dedicada revisão geral de Luís Eduardo. A pesquisa é gigante, cobre de 2000 a 2017. A revisão final é minha, desdobrei e redobrei e enfie nos olhos uma centena de vezes. O além e o imponderável atuaram Não sei como foi escolhido o tipo de letra do livro. Faltam dois arremates – com você vamos chegar lá! – o menino vai nascer! Usei tudo

do meu arquivo sujo: as melhores fotos os melhores efeitos que poderiam ter sido conseguidos com gigantesca limitação. Meu filho, quando viu a capa, falou: "Pai, você voltou a fazer zines?"

28 DE FEVEREIRO

Nós gostamos de rock'n'roll; nós nos importamos em preparar a casa. Acabei de dar licença de trabalho não remunerada: "Não precisa cortar a grama e não precisa entregar a nova cobertura do quiosque". Eu já sabia onde seria o rock. O rock é uma das coisas que deu certo na minha vida. Meu maior prazer é comprar LPs. Eles não me decepcionam, posso aplicar tudo no rock'n'roll. Isso mesmo: não toco nenhum instrumento, mas eu acredito e acabei de descobrir que a correia do contrabaixo era da guitarra do meu filho; o contrabaixo voltou. Se não pudermos ajudar... Nessas produções *Do Próprio Bolso* eu coloco a alma, eu gosto da alegria da tinta, do volume. É uma questão de desobediência. Deus salva e o rock alivia e eu não vou ficar nessa a vida toda. Esperamos vocês e aqueles que puderem tragam cerveja aqueles que não agitem suas joias.

3 DE MARÇO – O GLOBO

'Renato Russo, o musical' obtém liminar e se apresenta neste domingo

Produtora de 'O grande sucesso' pretende cancelar a temporada caso o problema de vazamento de som continue.



4 DE MARÇO – ROCK'N'ROLL SEM PROFETAS E NINFETAS

Sábado. Fodam-se todos os malditos esnobes! O rock'n'roll não se comove com vocês e não se pode desarmar o bote da cobra! Ou porque eu briguei com todos os seres humanos que conheci.

KRIG-HÁ, BANDOLO PRODUÇÕES CONVIDA CINCO BANDAS UNDERGROUND: • SELENITA • DUODEMO • BEER HEAD • O DIA D • CORTE SECO. PONTUALMENTE ÀS 15 HORAS, COMO DOR DE BARRIGA E DOR DE OUVIDO

'FESTA ROCK'N'ROLL' • SÉRGIO FONSECA & AYLA SERENA • TRIO MAIS LAMA • CORTE SECO • DUODEMO • HELLEN AQUINO & ÁLCOOL 70 • CLEIBER MOTA & ÁLCOOL 70 • BEER HEAD



Lilian & Zé Otávio, eu e 'Bodão' ou 39 anos de Guará 2, QE 34 desde 1978 junto com a UVA



Selenita não atuou, mas curtii



DUODEMO



Surf guitar music

6 DE MARÇO



Roriz no Coreto servimos água mineral



•
No Pará, eu e Zanza. Eu, muito louco. A onda do Pará me deixou mais doido (quem conhece sabe) era hora do café: "E o que você faz?" Perguntou o casal paulista "Eu sou escritor!" "Escreve onde?" "No Facebook!" O silêncio foi total. Não adiantou eu emendar que colaborava no Jornal do Guará, tinha livros e site.



21 DE MARÇO – ROCK'N'ROLL FRIENDS





Registro inevitável na terça-feira, ano do 57º Aniversário de Brasília. A banda Roriz homenageou o guitarrista astromanegro Chuck Berry, com uma pegada texana nas cordas da guitarra que provocou câimbras no punho do cara. Por outro lado o punho do ritmo dessa banda é totalmente nacional, com puxões de Pedrinho Batera e o baixista? [é interrogação mesmo? Você está perguntando algo?] Pô, um baixista de rock de verdade, o que é raro. Como disponho de uma big aparelhagem por mais algumas horas, convido vocês para reviver o transe; mas acima de tudo é trabalho – e se me perguntarem por que Roriz? Eu respondo Roriz é socialista!

Estou num momento de reflexão no qual acredito que não fiz nada e mais: me escondi. Acho necessário achar que tudo é uma merda. E importante, para mim, é não associar meu nome à merda. Que cada um faça a própria merda! Cheguei à conclusão que *Do Próprio Bol\$o* não é banco. No banco você pelo menos paga empréstimo com a alma. No Pará, sonhei todos os dias com o meu novo livro. Neste sacrifício, vou gastar mais uma vez o décimo

terceiro e as férias. Gostaria de ser um cara excêntrico e dizer peremptoriamente: “Pode não vender uma cópia sequer, mas está feito!”. Tomaz André, pelo amor de Deus, vamos fechar esse livro imediatamente, que eu não tenho mais estrutura emocional. Adiante, Eduardo Pinto, Marcelo Ferreira, Rodrigo Souves, o rock vai rolar que dia? Que hora? Com que carvão? Carne? Cerveja? Virgílio Ataíde, me devolva a guitarra, estou me sentindo nu. Tiago Rabelo, ah, esse nunca me deu problemas; Thomé de Souza e Blavis, março de 2017, chega de se esconder e sejam mais pontuais. As mesmas perguntas... quando e como? Vai dar para juntar com a Mais Lama. Como ainda tenho uns contratados, Walter Muganga, onde andarás você? Cleiber Mota, cadê você, filho? É. Eu estou aqui, assim meio de passagem, ouvindo Traffic bem alto. Nunca tinha notado como Stevie Winwood canta parecido com o Frampton – tudo culpa dos Stones. Devido à saudade dos meus amigos, que são muito importantes, estarei na terça e na quarta-feira à disposição deles. De você também, José Otávio. Depois desse longo parágrafo, que não será lido, eis as minhas razões para não assumir nenhum compromisso cultural, pois eu quero estar livre dos problemas alheios. Compro baratinho um amplificador de guitarra ou um cubo de baixo, apesar de achar que os músicos deveriam tê-los. De agora em diante bancarei o som e só trabalharei com quem eu quero, no sentido de achar importante culturalmente. Não faço festa, balada, aniversário e *Do Próprio Bol\$o* não é democrático, não: é louco e só incomoda, tá ligado?

5 DE ABRIL

Eu não entendo muito de rock'n'roll entendo de produção e o mar não está para peixes elétricos – é hora de recolher o travesseiro e o lençol – o rock de maio pode ser em junho – se pretendo alguma surpresa pretendo por enquanto é mistério – eu sempre preciso de um bom amplificador de guitarra – a cada dia a mágica e o fascínio vão perdendo o impacto – e querem transformar a gente numa máquina registradora – eu prefiro sucumbir e desaparecer de vez – vamos fazer um rock bem calminho sem devoção à mídia sem querer aparecer na verdade, na verdade eu quero distância do \$ produtores (só vejo olhos de ganância e eu sou a presa) nesse momento agora eu penso num canhão com a luz vermelha apontando pra cortina negra – no meio do palco tem um buraco de um metro quadrado – estou a procura de uma chapa e depois alguém pra soldar – pretendo fazer uns 3 rocks colossais depende da participação das

bandas (eu estou achando as bandas muito estrelas vamos fazer, vamos fazer no dia tal porém ninguém nunca fala como e com o quê – querem divulgar um flyer no Facebook e juntar um monte de gente bebendo até parece uma discoteca – cadê aquela magia dos festivais e curtir o verde e comer um rango comunitário?

15 DE ABRIL

Vamos tocar? experimentar? suar? lutar? ou vamos esperar as coisas caírem do céu ou o garçom servir tudo pronto em pratos limpos? Vamos carregar caixa ou ficar curtindo as estrelas? Cadê a guitarra? Acho que vou ter que empurrar o pessoal para o palco e pegar emprestado um P.A e um amplificador de guitarra. Mas as bandas só querem tocar em bar de pagode e conquistar multidões invisíveis (cansa a estática cadê a iniciativa? (vou fazer uma mini entrevista e a partir das 14 horas estou liberado (um pouco de rock não faz mal, mas você fica no sofá esperando que alguém faça o que você tem que fazer.

23 DE ABRIL

Bons batedores de panela não escolhem marcas. Eu prefiro as de marca Rochedo. Uma vez, levei a tampa velha da panela de alumínio e atentamente observei o homenzinho de camisa aberta no peito apoiado, de óculos e bigode, mexendo na válvula. Ele me cobrou dois cruzeiros e me disse que estava como nova. Sinto falta das panelas que me roubaram na chácara. Sinto falta das panelas furadas. O único som de panela legal foi o Hermeto Paschoal, na W3 Sul. O ritmista da panela do diabo será como o sambista de uma nota só, que sai no carnaval atrás do cachento? Os paineleiros aparelhados tocaram o *Hino Nacional* no 7 a 1 em suas marretas sem asas? Usaram as cores do Capitão América, será que sentiram o prazer da desconstrução da soberania? Ficaram felizes em acabar com o futuro dos nequinhos caboclos? Ameaçaram Tom Zé, deduraram Jesus Cristo aos Moros de Curitiba. É um tipo de gente que compra diploma, fraudou concurso e usa dedo de silicone. É, eu ouvi a praga das panelas. De repente, nem o like do Facebook levanta a moral das panelinhas.

1º DE MAIO – UMA DAS MAIORES LENDAS DO PUNK MUNDIAL, PELA 1ª VEZ EM GOIÂNIA! DIRETO DA INGLATERRA: GBH!

• DEATH FROM ABOVE • LOBINHO E OS 3 PORÇÃO • ÍMPETO • OS CABELODURO (DF) • DESASTRE

Essa noite foi importante reuniu GBH, Rafael, o editor do Jornal do Guará; o informado Renato Alexandre e eu bochecha de trombone quando fui convidado a começar a coluna *Polo de Cultura* no jornal.

Abraço a Alexandre Renato pela alegria expansiva, um cara alto astral. Fomos a Goiânia e a banda Cabeloduro protestou de maneira enérgica contra o covarde PM agressor do estudante; no show um ruidoso fora Temer, Caiado etc. Na praça do Martin Cererê tinha mais gente de Brasília do que os locais. Na banquinha de discos, o guitarrista Colin olhava as caixinhas de CDs... perguntaram quem são esses caras? – São nossos amigos de Brasília devem ser amigos do Júlio vindos de algum motoclub... Podrão chegou e pegou um autógrafa nas costas da jaqueta com o nome GBH bem grande; Renato que não é de tirar fotos também fez pose e Alexandre ia fotografando e eu rindo muito. E aí Mário esses são os caras do GBH! Não acredito! Os caras são simples e usam camisetas das nossas bandas. Colin, o guitarrista, o mais simpático; Scott, o baterista, o mais louco e na dele, também muito simpático e Ross no contrabaixo 'I want you' foi o que eu disse para pegar o autografo dele nas capas dos discos que ele não participou. Saquei um compacto simples de 1982 com foto deles na capa; GBH surtou! Na sequencia mais um EP e Colin, o guitarrista gastou tinta preta nas capas dos discos e por último um CD de 1999 que eles falaram que tinham gostado muito desse disco. O estampido e o alarido das vozes foram rápidos e estávamos juntos tirando fotos da diversão. Joelma conseguiu aparecer pois estava a nossa procura para os autógrafos. Foi legal, o show foi ótimo e estávamos com saudades de um show punk genuinamente inglês dos pioneiros. GBH e Goiânia; Goiânia e os Cabeloduro e nós na estrada no estranho ritual de seguir a caravana do rock em nosso ônibus



Selfie com GBH é para os fortes!

5 DE MAIO – NEGÓCIOS

Blues da *ppp* ou eu não sou alérgico nem evangélico – parece que eu atraí um clima de cataclismo para a página e foi como abrir a caixa de pandora e muitos relatos davam a sensação de perdido de indefeso de *p.* de revolta, um típico mar de lama, mas a situação sempre foi esgoto esgotável – como o meu rock se aproxima de forma hilária irei revendo – quando eu comecei a foto 10 x 15 custava 15 centavos então dava para imprimir convites e entregar às pessoas geralmente eu ouvia: – Vai ter mulher? Eu respondia traga a sua mãe, a sua irmã e a sua namorada... ou cê tá pensando que a minha casa é puteiro? Era claro que isso não fazia bem ao negócio e se você for montar um negócio não mexa com rock – infelizmente a situação sempre será de sanguessugas e lógico você o sangue oxigenando a paisagem (ah todo mundo vive isso, isso) então hoje eu terei mais uma pauta pela frente mais uma entrevista sobre o rock Brasília, eu me sinto como Glauber disparando e dando entrevistas o tempo todo. Sempre será tempo de rock desde que você tenha *c.* e consciência a partir de agora responderemos alguns ataques pessoais e responderemos a esses produtores por que estão na merda: procure um trabalho – o trabalho dignifica levante cedo – ganhe dinheiro – se dedique de corpo e alma e chega de lengalenga ou festa o ano todo – estamos no Brasil.

17 DE MAIO



22 DE MAIO

Pqp! Parir o texto, dar autógrafa, comprar ingresso do Arnaldo, assistir à reprise de *Game of Thrones*, comprar fita do Detran pra salvar a rama de maxixe do esmagamento dos pneus, lavar os banheiros, comprar caixa de fósforos, postar fotos e uma coisa importante, fiquei com o coração dolorido porque não chamei a Duodemo. Rezar 77 vezes pedindo a Deus, um sábado de paz e glória e rock, tirar os cabelos da orelha, pagar o IPVA mais as multas e esperar pelo IPTU. Ir ao dentista, ler os gibis que Beto trouxe, trazer kit de sobrevivência: casaco e cerveja e preservativo e não esquecer o presente, trazer bateria, capotraste e cordas sobressalentes para violão, bateria para o pedal, cabos, amplificadores, extensões, latas de grafite, vinho sorrisos e abraços, pedal de bateria, pratos e caixa, microfones, palhetas, pautas, cifras, dublês, ônibus, máquinas de filmar e fotografar, livros de autoajuda serão necessários brindes e muita boa vontade é claro que conseguiremos.

23 DE MAIO

Competir com a mass-media de bolsos vazios só com a cara e a coragem é o que eu pratico no site desde 2003. Eles, os críticos xibungos, dominam as redações e impõem suas mentiras. Tudo amiguinho! E que esses fãs baba-ovos, que nunca ouviram um disco nacional e ficam dando força, fodam-se! E que viva a subliteratura e o rock marginal! Agora, ou pare de chorar nos meus ombros com a falta de rockeiros no mercado nacional ou vá para a Venezuela.



27 DE MAIO • 8 BANDAS NA RESISTÊNCIA DO ROCK – • BLAVIS • ANTIMÁCULA • CROMUS • A BANDA MAIS LAMA DA CIDADE • BANDA SER • CORTE SECO • TERNO ELÉTRICO • BARBARELLA (TIAGO RABELO E THOMÉ SÃO CASOS À PARTE)

DO PRÓPRIO BOLSO
APRESENTA

**RESISTÊNCIA
ROCK
ROLL**

27.05.2017 - 15h
sede do Próprio Bolso

CULTIVE A ALEGRIA

Bandas Convidadas:

- Terno Elétrico
- Corte Seco
- Banda Mais Lama
- Antimácula
- Cromus
- Banda Ser
- Barbarella

Não esqueça a sua cerveja e a dos músicos

2 DE JUNHO – COMO NO BACKSTAGE DE UM SHOW DOS STONES EM GOIÂNIA



"Você me vem com o primeiro disco dos Mutantes?" Foi a frase que eu ouvi de Arnaldo, de saco cheio de Sérgio e de Rita Foto: Sandro Alves

Metade da Asa Norte passou por mim dando *joinha*. Esses jovens mancebos acreditavam que eu me foderia e não veria Arnaldo. Nem eu mesmo acreditava no poder mágico do meu nome. Aí, me lembrei de um show do Arnaldo e que, quando ele cantasse ...when the angels call my name..., a gente danaria a gritar: "Arnaldo! Arnaldo!".

Como eu entrei? – Devoção. Eu estava com o meu último livro colado ao peito. Passou uma menina de camiseta preta, escrito Arnaldo, e eu mostrei a minha foto com ele dentro do livro, e disse-lhe que queria entrar para entregar o livro. A moça foi sensível e minha mulher gritou: "Mário Pazcheco tá aqui". E, como num abre-te-sésamo, as portas vermelhas do subsolo do teatro se abriram. – daqui em diante deixo pela imaginação, apenas transcrevo a resenha do show *Sarau o Benedito*:

Arnaldo Baptista é o rocket man do rock nacional. Sua luta é inspiradora vê-lo tocar coisas de seus quatro LPs-solos foi partilhar da sensação do artista contemplando a sua arte. Rever Arnaldo equivale ao êxtase da missa de domingo. Éramos os fiéis de uma igreja elétrica. O tom sombrio é narrado por um personagem alegre. Ouvi-lo cantando "Meu limão, meu limoeiro" foi inesperado.

Arnaldo Baptista andou pelos 60s com canções de Herman's Hermits, pelos 70s, com Elton John e Rolling Stones. As canções do show eram sobre o amor, mas com a visão personalíssima de um Rimbaud. Agora sabemos do que trata o *Sarau o Benedito*? Um apanhado de coisas do tempo doce da infância. É a mais dolorosa das verdades. Arnaldo Baptista sobreviveu e não virou bolor! Foi emocionante!

Minha cabeça ouvia comentários conjugados por Zé Brasil e Antônio Peticov.

Rock'n'roll, tem gente que fala que o Arnaldo é monossilábico. Não é bem assim. Sua única frase no show foi: "Louvado seja Deus". No camarim, eu falei: "Rolou até o tema do pica-pau", então Arnaldo cantou um trequinho de "Everybody Thinks I'm Crazy". Arnaldo nos contou que

Caetano Veloso e Hermeto Paschoal vão participar do seu novo disco. Foi aqui que você leu pela primeira vez!

POVÃO DO FACEBOOK

Eu e nosso mestre – ou a hierarquia da loucura. E o mais legal é que a Betina, irmã da Lucinha



Barbosa e cunhada do Arnaldo, me reconheceu como o autor do livro do Arnaldo e me convidou para visitá-los na sua casa no Lago Norte. Obrigado, Sandro Alves, obrigado Brasília, obrigado Sônia Maia. Fotos de Sandro Alves, o fiel fã do Arnaldo.

12 DE JUNHO

É hoje, né? Um recadinho cifrado: só vou viajar com ela, se ela me readicionar no Facebook – ela desconhece minhas

exigências. Uma frase dela me soou como um caminhão desgovernado avançando sobre pessoas. “As mulheres precisam de ética entre si”. Eu poderia gastar toda a tinta da impressora, escrevendo sobre as iniciativas e a coragem dela. Informações repassadas para nossa filha. Hoje eu me toquei: sou um homem doente, ciumento e possessivo e talvez sem cura. Esses recadinhos costumam atravessar oceanos e cair dentro da sua orelha fria.

1 DE JULHO – NAPOLEONIC (AUS) NO ZEPELIM



Uma das muitas jams do rock'n'roll – com Julio Cesar Batista da Silva e Ricardo Retz.

6 DE JULHO

“Um Virtuoso da Vida Deus disse: Bem, aqui está como é. Por algum tempo agora, nós estamos à frente em escrever as Cartas do Céu. Hoje, no momento em que Eu sussurro no éter esta nova Carta do Céu, a data dada é 6 de julho de 2017, o primeiro dia do Novo Ano. Isso é anunciado no mundo como um Dia Especial, um Feriado, um Dia Sagrado. Claro, todo dia é um Dia Santo e notável no mundo. De onde vem os dias no mundo a não ser do Céu? Todos os dias são notáveis. Cada dia é um Dia Vindo sobre o Horizonte, que nunca chegou à Terra antes. Cada dia é digno de celebração. Ao mesmo tempo, há o Infinito. Podemos descrever o Infinito como sem costura. Sim, o Infinito é sem costura. Não há separação. É impossível para o Infinito separar-se a si mesmo. Não há no mundo uma maneira para descrever ao pormenor um novo dia, que é diferente de um outro dia no mundo. Um novo dia é novo em folha. No Infinito, tudo é revigorado. Hoje, o dia em que tu recebes esta Carta do Céu, é um dia, um dia comum, se o desejares. Cada dia é realmente um dia normal até que o nomeies de outra forma. Eu chamo cada dia de notável.”

9 DE JULHO

Cheio de rock, né! Rock capital, rock vital até parece que todo dia é Dia de rock eu ainda estou procurando aquelas bandas obscuras de som único – pô preciso de um microfone não precisa ser do Silvio Santos; preciso do reparo no fio da caixa de som – preciso de decoração para jardim (pedras) preciso fazer a nova instalação elétrica. Pá! Mas eu consigo um monte de ajuda por aí – rock é como empurrar uma Kombi quebrada na descida tudo bem... – Preciso de uma equipe gigante de limpeza, carregadores, maquiadores preciso de uma superprodução – preciso que filmem e olhe que eu me cerco de gente que não se importa com o capital – preciso de fotógrafos amadores – preciso de grafites e um blusa de frio – todo os dias eu encontro novos contatos, jovens promessas como o Luca Teixeira ou bandas marginais como A Bomba, têm mais gente do heavy metal kids – então, a gente vai juntar todas essas gerações, mas precisamos de amplificadores precisamos de quem está disposto a se foder pelo rock'n'roll legal – porque se for do jeito que anda aí, eu nem tiro o pijama – quero um cover do Raul Seixas invocado, quero a volta do Duodemo, do Gérson Deveras. Pop – quero o absurdo da alegria da franqueza do rock – e vá se foder que eu não carrego ninguém nas costas a não ser os meus fantasmas.





13 DE JULHO – COMO UM ALVO A SER ABATIDO E SEM NADA PARA COMEMORAR

Agregar custa valores e sabemos que muitos de nós estão espalhados. Pra mim, dia do rock é como o 4 de julho. Nada a ver. Se eu pudesse, lhe daria um pedaço de torta de maçã e cantaria 'a bandeira estrelada' – pau no Tio Sam, pau de dar em doido no Trump, pau sem elegância. Maluquetes vai um abraço a Célio, Thomé, Bruno e Tiago e a todos que vivem em cima do palco para completar o orçamento. Foda-se a mídia. Já fomos Os \$alvadores e também Os

Paladinos, hoje somos Os Profissionais, e quem estiver nas imediações que pinte, que se manifeste e que pule fogueira. A banda, não sei se tocará com um ou dois guitarristas. Quem aparecer será um dos Paladinos, um dos que poderão escalar um 38. na sua cara e explodi-lo como fogos do nosso pobre cotidiano de instruções – rock'n'roll vá pra puta que o pariu! Será rock de garagem, quase punk, rápido; não é rock de vitrine, é rock arte, é rock quadro pintado e cuspidor, é cotidiano, é urgente e será caótico, pérfido, sarcástico, lisérgico, módico e tétrico, catatônico, elétrico, rock proparoxítono como um anátema, versículo bíblico, pântano sólido e cálido – tudo, menos insípido. Não sendo assim, fique com o cartum desse flyer. Sinta-se como o alvo abatido, sem nada para comemorar e não tenha dúvidas de que eu estou quase doido!"

• *O radialista Renato Russo* – **CORREIO BRAZILIENSE**

Com documentos exclusivos, Correio relembra outra faceta de Renato Russo.

Documentos revelam detalhes da passagem do cantor Renato Russo pela emissora dos Diários Associados e dos programas apresentados por ele.

23 DE JULHO LANÇAMENTO DO 'LIVRO NEGRO DO ROCK'

Em Brasília, no Conic aconteceu a segunda data da segunda turnê de lançamento do *Livro Negro do Rock* do autor Antonio Celso Barbieri morando em Londres há 28 anos e um dos maiores divulgadores do rock feito no Brasil. Saliento que o encontro foi majestoso e a redenção veio do Underground. Discotecar músicas de Made in Brazil, Raul Seixas, Black Sabbath, Led Zeppelin, Coven, Lucifer's Friends naquele pátio do Conic frente a Alternative Discos foi praticar um ritual de intervenção e independência. Estamos na penosa missão de ser independentes de todos os caminhos que nos levam à prisão dos modinhos conhecidos dos ditames infundados, sim esse é o mundo que eu quero distância. Renova-se as baterias e vamos atuar juntos. Agradecemos ao Underground de Brasília que nos instiga e inspira a fazer essas coisas que não chamam a atenção da mídia e dos patrocinadores pois é uma aposta nossa. Agradeço a Luisinho da Funhouse Discos que há décadas apoia o Underground!



5 AGOSTO • 'DO PRÓPRIO BOL\$O', O ÚLTIMO BURACO DA CAMISA DE FORÇA



• LUCA TEIXEIRA • A BANDA MAIS LAMA • DURANGOS DA AMÉRICA • LUD

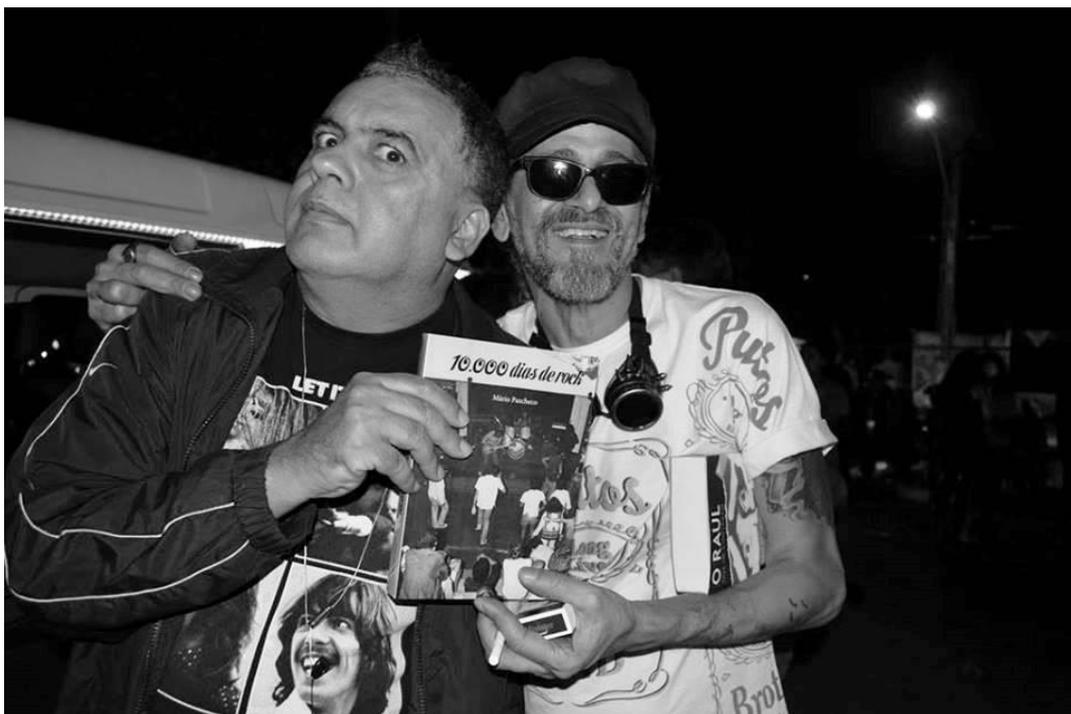


13 DE AGOSTO – FREVO UNIVERSITÁRIO, ANIVERSÁRIO DA MAÍRA

Essa noite foi muito louca de intensa troca de amizade energia, eles vinham em bandos isolados porém resolveram virem juntos – a metade eu conhecia de nomes Julia, Helena – teve a Natália (também aniversariante) que assistiu a dois shows dos Mutantes justamente os mesmo que eu assisti, eu disse que a possibilidade de encontrar era remota – teve a Marina que é a maior fã do Grateful Dead ! Vieram músicos jovens e diferentes – veio uma jornalista jovem muito cabeça.



19 DE AGOSTO



No camarim improvisado da Pulos Brothers Band, Sylvio Passos recebe 10.000 dias de rock



Como manda o figurino da Sociedade Alternativa: Tika Seixas, Cláudio Roberto e Mário Pazcheco com direito a capa de Raul

FOTO: EDSON SALAZAR

25 DE AGOSTO – 'LITTLE ROCK' • METRÓPOLE LOCOMOTIVA • FELIPE ZUCCO & BLUES BAND



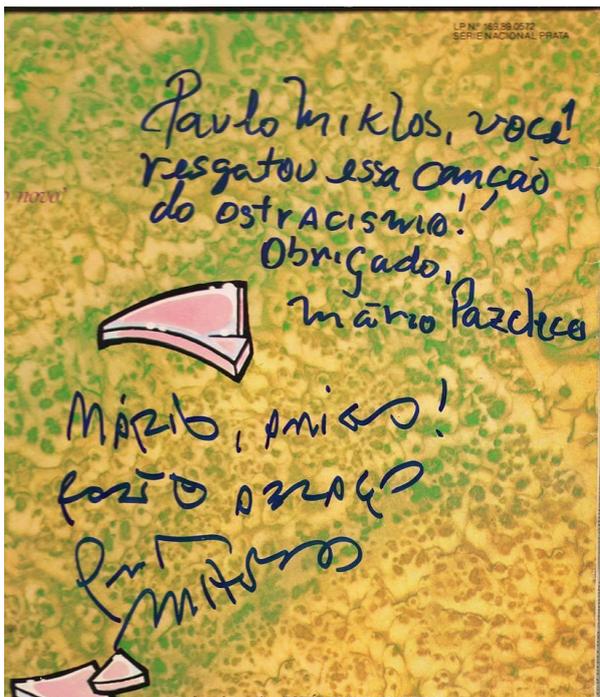
No contrabaixo Dudu Pinto e nas guitarras os garotos Felipe Zucco e Victor



Felipe Zucco & Blues Band, o blues louco de Santa Maria

30 DE SETEMBRO

Sisters & Brothers, a noite foi grandiosa e linda. O relato está aí e o primordial é ser feliz. Vocês conseguiram resgatar o sentimento de luta, de inconformismo e o mais belo. sem perder o emblema: “há que endurecer, sem perder a ternura, jamais”. Agradecemos a todo o esforço envolvido para o sucesso da doce sublevação do *Oitavo Mulheral*, o primeiro na Urbanus no ano de 2017.



4 DE OUTUBRO

Como manda o figurino, o autógrafo de Paulo Miklos capturado para mim por minha filha. Miklos disse que queria fazer um lado “b” do Arnaldo, sozinho ao órgão. Sua primeira observação foi "esse disco é da gravadora Eldorado e é raro", ainda fez um comentário sobre a biografia dos Titãs (que aqui não cabe reproduzir...). Quanto a Fernando Eiras, a cada dia aumenta o meu fascínio por ele Para meu deleite, ele tirou uma foto com a minha filha para eu ver: "Ana, seu pai é músico? Você deve ter sido criada com muita música". O mundo gira e a Terra é azul.

11 DE OUTUBRO – 21 ANOS SEM O ROCKEIRO D'ALMA LITERÁRIA

Entre 1980-81, o DaMatta exibia fitas raras dos *Beatles* na Cultura Inglesa.

Renato Manfredini Jr., poderia ser visto durante a exibição dos filmes *Help! Magical Mystery Tour* e *Alucinados do Som e da Guerra* na Cultura Inglesa. Somente lá poderíamos pagar para ver essas cópias desgastadas e originais de *Help!* E a cópia importada do *Magical*.

24 DE OUTUBRO

Em relação às postagens eu vejo que têm eco e eca foram 51 reações incluindo compartilhamento e comentários. E há uma grande diferença numa curtida de quem exerce cidadania e não segue a fumaça. O Facebook é diferente da mídia impressa, mas não pode ser alienado. Sei lá um golpe de vista ou as pessoas acham que o Facebook é para postar flyers e capas de CDs e nada do social nenhuma queixa nenhuma campanha. A cultura se resumiu a uma vaca gorda a um sistema de arrecadação onde o artista explora você para satisfazer-los. Ninguém fala de FAC. Eu quando era adolescente media superfícies usando a mão: um palmo, uma chave, quatro dedos etc e estou nessa com o meu livro, hoje eu vi o tanto de cartão de gente que me estendeu a mão querendo ajudar há ato mais capitalista? – Se você não participa como é que a coisa anda? Enquanto outras coisas inalcançáveis a gente protela e arruma um esquema pra viver – eu sempre vivi de esquemas mirabolantes fui na loja e estourei o cartão comprei um amplificador e uma guitarra a guitarra não a melhor, mas a boa e o amplificador uma joia ah por que você fez isso? Ah, porque eu não aguentava mais fazer nada nas coxas dependendo dos outros – rock sem dependência e o mais louco sem drogas.

27 DE OUTUBRO – PENSAM QUE EU SOU RICO

Hoje, o gerente do banco apareceu para emprestar grana ao servidor público a 3% sei lá – na hora eu pensei no livro – na hora do orçamento do livro foi um dos momentos mais tristes da minha vida não me deram atenção não me deram desconto nenhuma esperança sai dali pensando e repetindo 'pensam que eu sou rico' daí eu desisti do livro. Eu ainda estou fechando o livro falta uma revisão nas últimas páginas, eu ainda quero trabalhar na diagramação me falaram que aumentaram o tamanho das letras porque a nossa geração não enxerga mais com antes – papo sério – eu quero chegar no livro e ver o número final de páginas eu quero sangrar os nossos olhos com as lágrimas, eu estou decidido, eu estou pronto fiz duas viagens com a Zanza agora eu posso me dedicar ao livro e pagar pelo amplificador e pela guitarra assim é a vida ou pensam que eu sou rico. Um dos envolvidos no livro me deu uma ordem vá lá no banco e pegue o dinheiro! Eu nunca mais falei com ele.

•

Eu estava dando bye bye à carreira de produtor, primeiro eu não sou considerado um produtor porque não ganho dinheiro com produção e sem ganhar dinheiro suas coisas não tem valor. É a mais pura verdade que uma pessoa pode ouvir – dói – e por outro lado o lance técnico apertava o nó górdio na garganta sem guitarra sem cubo sem amplificador sem microfone sem caixa de som bateria desafinada – aos trancos e barrancos cantando à capela – esse quadro tem que ser levado à sério – primeiro nós fomos repondo as partes da bateria pedal canoa suporte e nesse ciclo sempre alguma coisa sumia ou quebrava a bateria vivia desmontada – os servidores do GDF consertaram a caixa e o microfone. Eu alugava o amplificador e o Formiga tinha que o subir como uma cama de casal. "E essas bandas que não trazem nada" era a frase mais chata de se aturar. Pra fugir disso eu comprei uma guitarra e um amplificador isso significam 10 parcelas com orçamento apertado por isso eu vou pedir que não peçam pra tocar sem trazer nada eu acho extremamente desconfortável falar em tocar sem manifestar ou apresentar as armas. Quanto a trazer amplificadores e aparelhagem nesse quesito Banda Mais Lama como Durangos da América sempre bancaram o show, Marcianita bancou o show, Tiago Rabelo, Tutu e Corte Seco bancaram o show, então só pode tocar quem banca e lógico os convidados que arrastam seus amplificadores pelo cerrado desde o Entorno. É isso aí eu quero dizer que mesmo o dono da casa de show comercial que ganha dinheiro responde que não pode bancar o mecenato imagine como a conta para mim é alta. Se alguém se manifestar ou me mandar tomar no c. é lógico que eu irei se não eu estaria sendo hipócrita e irracional.

31 DE OUTUBRO

A nova cena de Brasília acenou nesse livro de capa dura chamado *Retrato Brasília* editado em 2015, e patrocinado pelo Banco do Brasil. Uma das cenas mais novas e diversificadas acontecem no Conic, na Dente, com a sua Feira de Publicações com o zine *objetus lúdicus antimatéria*. A cantora, Haynna me falou da nova cena de cantoras na Casa Ipê na Ceilândia, onde encontramos Túnel do Tempo, Tapera, Roberto Garagem Forte Cultural, Ragnarok – Toinha – Red Saloon e lógico *Samamba Rock*. Outro bar de rock a Zepelim tem mostrado a nova cena musical. Os alunos de cinema da UnB têm realizado seus curtas. A Lombr Records prensa os novos vinis. As novas lojas de discos, como Givaldo, Dom Pedro e Modern Music vendem os novos CDs. O programa *Distrito Cultural* e as rádios web com Brockado, Maionese Alternativa, ZoomMusic, 4 tempos, Web Zone Rádio, Cult 22 e Rádio Federal (Cristiano

Porfírio); o musico-jornalista Devana Babu, com seu movimento *Buraco de Minhoca*, e participação na revista *Traços*. O *Rock na Ciclovía* e, ainda no Guará, o Estúdio Formiguero apresenta as novas e mais pesadas bandas da cidade. Eu acho que é isso que eu vejo como a nova cena multipartida multitalentosa, se tudo isso estiver junto e misturado, aí teremos "uma nova cena" diversificada. E se lembrarem de Mário, Tomaz e CDC. O mundo ainda vale uma valsa rebelde –o livro dessa explanação foi doado pelo amigo Jorge Dupan.



4 DE NOVEMBRO – JAM SESSION NA SEDE 'DO PRÓPRIO BOLSO'

15 horas. A jam session rolará neste sábado (e espero contar com as fotos de Joelma). Será uma coisa simples e com muita responsabilidade, a complicação, o destino é deixar de lado. Participam Banda Ser (GO-Luziânia) do maestro Silvio na guitarra, amigos de verdade, Muskga é a música experimental de outro amigo, o Rubens baterista; a gente se rende ao talento da dupla acústica LucyFê e traz o amigo de todos o violonista, cantor e compositor Marcelo Marcelino que foi da Sem Destino. Quem quiser vir tocar e cantar conosco, o portão estará aberto. *Do Próprio Bol\$ô* não faz show para multidões e nem garante público em nenhuma ocasião e também não tem nada além de um guarda-chuva. Agradeço aos amigos que atenderam ao convite e virão tocar a música autoral que embriaga a alma. Volta a Banda Ser que tocou na primeira semana de janeiro e três novos artistas que jamais tocaram aqui LucyFê, Muskga e Marcelo mas que são nossos amigos de séculos. Se é para ajudar venha e traga cervejas – flyer de Antonio Celso Barbieri,

24 DE NOVEMBRO

Do Próprio Bol\$ô comunicação virtual é um cast hospedado no endereço do meu serviço, na Asa Norte, onde a rapaziada guarda a correspondência. Acabei de receber via Moisés Santana (SP) um pacotinho recheado de *recuerdos* do rock dos 70s. Foram quatro CDs das bandas: Zona Proibida, Mamparra, Zé Brasil EP 2017 e Juliana Valadares, cantora mineira com o álbum *Vem cá*. No mesmo pacote vieram prospectos dos *50 anos da Made in Brazil*, no CCSP, que é um pôster preto e branco, e outro, *SP Rock 70 Imagem*, curadoria do próprio Moisés Santana. O legal é que de alguma maneira estamos juntos. *Do Próprio Bol\$ô* sorri e vive.

30 DE NOVEMBRO – CÓRREGO VICENTE PIRES AINDA VIVO



Bota pra foder e pra correr os invasores de sua margem – esse dia é uma glória – obrigado, senhor, centenas de quilos de garrafas pets, de vidro, quadro de bicicletas, carcaças de fogões e geladeiras, sofás, grades, berços e rios de isopor acompanhados por um insuportável cheiro de esgoto invadiram hoje as chácaras do Bernardo Sayão. Foram vistas cobras, jararacas e lagartos flutuando em cima de galhos. O córrego está rugindo uhhhhhhhh uhhhhh – os moradores assustados e paralisados veem a água suja do córrego invadir suas casas. É o terror, é o terror sem fim.

1º DE DEZEMBRO

A gente meio que tá vivendo do mito, mas também pode ser do vômito – a gente tá vivendo com o que tem – encontrei Cleiber Mota hoje no Conic e o assunto imediato foi fuga. Walter Muganga me ligou... A vontade de fazer som sobrevive. Blavis trouxe uma Gibson e o amplificador Blackstar e uma linha de tempo – dobrou as bases solou em cima e cantou com garra. Foi um *p.* show na tarde dentro daquilo que a gente chama de big arte simples minimalista e necessária – são 36 anos a maior parte empurrando o carro.

4 DE DEZEMBRO – BLAVIS EM DIA 36



9 DE DEZEMBRO – MESA REDONDA ORGANIZADA PELO 'FERROCK'

A mesa clássica do rock Brasília – eu fui fundo nas origens desse tal de rock que começou dublando The Platters na televisão em 1958. No início selvagem o rock do DF era influenciado pelos pioneiros do rock americano e o regionalismo eram os candangos; já em 1964 a influência era dos Beatles e dos servidores cariocas. Anapolino perguntou em qual banda eu tocava – respondi que tocava acordeon com Luiz Gonzaga.

NA ERA DIGITAL

Eu estou num jogo longo onde o resultado não será positivo – uma operação clandestina de informação alvo da CIA da KGB e MI6 e G2 – a terra da paranoia das ideias de ficção do faz de conta toda a tortura e a beleza dos Lsdays dos 60s – isso não tem preço e nem precisa de mídia – o site vive por ele mesmo só preciso pagar pela hospedagem – sete anos de zines de papel (1982/89) mais quinze anos de zine virtual (desde 2003...) são 22 anos de fanzine feitos com o gosto de sangue na boca do morto.

Eu estou no jogo há muito tempo. Jogo longo, que o resultado não será positivo Operação clandestina de informação, alvo da CIA e MI6, G2 e o Mossad e até as aposentadas KGB e Stasi. Terra da paranoia das ideias. Ficção. Faz-de-conta. “Toda tortura será castigada” e o fulgor, e a beleza dos Lsdays dos anos 60 – isso não tem preço e nem precisa de mídia.

O dopropriobolso.com.br começou a respirar por si mesmo, precisando pagar apenas pela hospedagem. Foram sete anos de zines de papel (1982/89), até o par de revistas psicodélicas: são 21 anos de fanzine feitos com o gosto de sangue na boca do morto.

Estamos postando às margens do córrego Vicente Pires: *Do Próprio Bolso*, um dos arquivos confiáveis da contracultura! Câmbio! Sabemos que você pode nos encontrar durante a sua busca no Google. Não esqueça de curtir, salvar e compartilhar – 21 anos de proliferação de informações devidamente catalogadas na história da cidade. Câmbio!! Glauber profere seu verso: “Os bárbaros plantam os seus mortos”.

10 DE DEZEMBRO



O time dos Meneses quase completo é um combinado entre Flamengo e Vasco (onde entra São Paulo e Cruzeiro) faltaram dois sobrinhos – eu sou a estrela da liberdade.

15 DE DEZEMBRO – O BAGULHO É QUENTE

Logo na abertura dos trabalhos estourei os miolos de Julimar que não conseguia achar a casa de tintas na QE 40. O rock não perde a sua coroa e as bandas sujas e jovens estão aí. Quando a gente tiver um tempo legal para a sessão nós vamos empunhar a guitarra e os pincéis. Não tem amplificador de guitarra não tem patrocínio da cerveja só tem um montão de amargura de competição de vaidade. Como em todo dezembro na pausa final do ano, a gente põe pra explodir e hoje não será diferente. Vamos ouvir a banda californiana, LOVE!

17 DE DEZEMBRO – COLOCANDO UM OVO EM PÉ

Minha vida social está estagnada, mas a cabeça viaja e essa é a melhor das sensações. Envolvermo-nos profundamente nesse processo enlouquecedor de criar e recriar. Julimar é muito concentrado e dedicado. É uma viagem minimalista por uma prateleira de tintas. Meio que do meio pro final, ainda temos rabanadas para o café. O tempo não ajuda a ler notícias e a tinta demora horas para secar. Esse é o preço. Agradeço a companhia de Julimar e sua paciência em retocar a borda da lata que eu borrei ontem. Viva a vida como você quer. Sabemos que é difícil, mas tentar faz parte da tradição.

18 DE DEZEMBRO

Só o cão e a gata me dão sorrisos e pulgas – fui ao Conic trocar um blu-ray por um LP de Lou Reed, *Mistrial* ("juízo") o blu-ray dos Stones não abriu era americano. – Ah, compre um calendário com 365 fudas para eu almoçar.

– Amigo, eu também estou com fome.

Depois do almoço, ela me disse – você está desacreditado! Fiz uma cara de Syd Barrett e sorri como maluco que pula a poça d'água – aquele FDP faz suas festas e me assedia no celular da minha mulher – aquele outro FDP só fala em dinheiro vou mudar meu nome para BRB – respondi festas custam dinheiro e suor e o carnê os cartões e o crédito estão no vermelho e na mira do Serasa, mas você sabe que só os ricos entram no reino de deus. Nunca nada vi ser fácil nunca vi nada ser imediato tenha paciência mais paciência do que você já teve a vida toda. Volta e meia aquela chave-de-cadeia me cerca e eu chamo o Chaveiro Xinxá, na noite molhada de sexta-feira ela estava no forró com outro homem-gay e eu com a latinha de cerveja na boca a olhei de cima em baixo, se ela pudesse me comeria ali mesmo. Ela gosta da minha coleira, ela também gosta das minhas iniciais e seus gemidos altos acordam o prédio. Fodendo no banco de trás de um velho automóvel com as molas saltando ah ah ah ah e o dinheiro caindo do bolso e a cabeça estourada e o saco inchado e satisfeito tremendo da cabeça aos pés mordendo o bico do seio com os olhos revirados amarrando seu cabelo sussurrando em furá-la a noite toda e de manhã você fica batendo punheta enquanto lê as mensagens em que mundo você está – em quem você pensa quando fode com os outros caras? Por que você não arruma uma foda de meia idade com cicatrizes de verdade e dentes faltando na boca e a corrente saindo da bicicleta?

21 DE DEZEMBRO

Ainda ontem Mariana e Alexandre indicaram Bruno Z para a jam – Lya tava na fila e surgiu o happening *O som da lata* devemos vestir Carmem Miranda – o som era pra ser predominantemente acústico porém teremos Lya and The Red Strings e Diferencial Zero na parte elétrica – Betto & Izabel são nossos apoiadores de longa data e eu havia adiado o ensaio deles aqui em casa. Peço tragam latas de sopa e ketchup com Mean Mr Mustard. Quanto a não veicular endereço no flyer é um expediente para não deixar a casa vulnerável. Agradecemos de coração ao jovem-mestre Julimar pela inspiração dedicação e cores na superfície e os mesmo cumprimentos de admiração ao mestre-experiente Antonio Celso Barbieri que nos embala e nos divulga conforme as cores do arco-iris. Convido Tiago Rabelo e Blavis para tocarem conosco a sua bateria e guitarra pau para toda obra. Aviso aos navegantes o próximo rock será trepidante e a sua banda estará conosco.



O Som da Lata
30/12/2017 ÀS 15HS.

Com:

Mariana Camelo

Diferencial Zero

Betto Tutu & Izabel Tutu

Lya & The Red Strings

Na sede do próprio bo!\$o!
Traga a sua bebida que a sopa é por nossa conta!



2018

2 DE JANEIRO – BASTA DE POLÍTICA ESTOICA

Os meios de comunicação usam a violência para narcotizar os eleitores e os leitores – eu estou saindo de férias, mesmo que na verdade eu esteja indo trabalhar todos os dias para tentar quitar o cartão de crédito, então não dá para curtir a noite com cervejas e cigarros – Ah! são três meninos para segurar a barra e logo, logo os impostos estarão chegando.

A grama estará alta temos que levar em conta que o vencimento mensal é insuficiente para o mês inteiro e que não é viável economicamente comprar cerveja no cartão de crédito, abastecer, comprar no supermercado. Eu não vou apoiar, não vou teatralizar, serei livre e sem imposição de ostentação – o amplificador está desligado ou queimado ou sei lá, o rock está silenciado – a fina arte de esmurrar a adaga – eu rompi com as pessoas que não sabem o valor do esforço e que esperam que as coisas aconteçam do céu – meu livro vai fazer um ano que eu não o vejo – sei lá acho que posso aguentar outro ano – eu curti, curti mesmo comprar LPs, comprar guitarras e amplificadores e livros e CDs e dar festas, foi louco, mas o preço está me degolando, se me visitar traga cerveja e uma ponta que nesse ano não vou bancar nada, estava atraindo atrações de todo o DF!

19 DE JANEIRO

Com o devido respeito a Boscox, hoje eu vou ocupar a cadeira de DJ no Landscape, no cardápio rock'n'roll dos Beatles como se fosse possível um lado B deles, só iremos até 1966 sem hits e pré-psicodelia, jogo rápido com amigos descolados. Nós encontramos lá! Agradecimentos à casa, a Hellen Aquino e Edson Salazar da ZoomMusic



Jesus! Que noite, quando abandonei minhas botas cansadas – ah as casas dormiam, as pessoas eram felizes fugindo de si mesmas. Tínhamos voltado no tempo ao tempo que a gente tinha apenas que balançar, ah eu abandonei o Facebook e abandonei o livro. Esqueci do tempo, esqueci da sexta-feira. A primeira palavra nova que os Beatles trouxeram ao meu léxico

desgastado foi – Volúpia. Aquele velho som desgastado dos Beatles sempre trouxe grande prazer sexual e auditivo. Você já se balançou ao som dos Beatles? Primitivo, radiofônico, bilingue, sexual. A festa foi demais, foi maneira.

24 DE JANEIRO

Do Próprio Bolço quer trabalhar Selenita, Jack Gôd, Into the Dust, O Dia D, Evil Corpse, Ordonai, River Phoenix, Pelicanos da Lua – as ruas estão cheias de shows e espaços e nós não somos tão imprescindíveis – não sei o que farei no carnaval não sei quando marcarei as férias não sei para onde viajarei – faltam 5 prestações do amplificador que queimou e está na garantia esperando as peças de São Paulo – a reposição da pele do bumbo custa 180 pilas – falta P.A falta microfone falta caixa de baixo falta tesão e compromisso Terra repetindo o festival acontecerá sem endereço telefone e contato no flyer que é para não atrair parasitas e os cheiradores de plantão – rock'n'roll você não *vai me f.* sou eu que vou abrir as suas pernas – Selenita, Into the Dust, O Dia D, Evil Corpse, Ordonai, River Phoenix, Pelicanos da Lua, Jack Gôd – será o cast agora não me pergunte quando o festival acontecerá ha ha ha falta mufufa grana cerveja participação amor ardor eu quero arte, mas eu tenho que estar a fim de dar a carne à faca.

25 DE JANEIRO – O SONHO VIVO

“De onde saiu essa aparelhagem maravilhosa?”, “Do Estúdio Formiguero”. Então, eu tive que aprender a carregar o mundo nas costas. Cotidianamente, me perguntam : “Quando será o próximo?” Se o camarada é legal é ativo eu respondo: “Estamos tentando!” Agora quando é uma cara que eu vi no século passado. Respondo: “O que me garante que você vai aparecer no próximo? Onde você esteve nos últimos dez de 2017?” Esse papo de “quando será o próximo?” Não deixa de ser uma cobrança: – Vá se foder filho-da-puta!



26 DE JANEIRO – HAMBURGUERIA ZEPELIM FESTIVAL ANO UM

Tertúlia na Lua, a última banda de rock psicodélico acabou mais rápida do que um piscar de olhos

30 DE JANEIRO

Eu economizo 180 reais para uma pele de bumbo – o amplificador ainda não voltou da Asa

Sul – estou atrás de uma mesa de som, uma caixa potente de voz, a tal potência – mais um microfone isso pro rock começar e mais uma caixa de baixo. Rock de bar que é o canal é mais barato e o cara ganha grana. Rock dia primeiro, Zepelim; rock dia 2, Espaço Nave; dia 12 *Carnaval meu ovo* – então, a gente aperta o cinto nos 28 dias fevereiro. Passa março, chega abril e as férias devem estar marcadas e o cartão saneado. Rock consumiu água, energia bandeira, dois talheres, copos, pratos, cumbucas, descartáveis, rolos de papel higiênico – sacos de lixo (horas de limpeza) – gás de cozinha, então, chegamos no lanche e na biritinha, no supermercado, na distribuidora e coloque a gasolina, a divulgação, a necessidade de pedir favores a Deus e ao diabo e ir atrás de bandas que aceitem dar a cara a tapa e tocar de graça, por prazer e daí uma lista de inconvenientes: brigas não programadas, amigos cheirando cocaína isso é um *pnc* e a vizinhança de conservadora e religiosa de olho na minha morada:

"sabemos o que rola lá" e eu "daqui a pouco vocês falarão que eu também dou o c.". Isto é rock'n'roll, eu pego essa de otário ou de guru, mas eu queria mesmo a participação e o apoio popular fora a mesquinha das relações interrompidas e outras pressões: "deixa a minha banda tocar" – e uns músicos bem relaxados bon-vivant sem nem suar "é um barato, é muito doido" e eu achando um baita dum *pnc* e carregou minha própria cruz digo, caixas!

FEVEREIRO – QUASE 36 ANOS DE GUERRILHA E ENCRUZILHADA

Em meio aos enlatados americanos de domingo, via tevê por assinatura e entre notícias fakes da Golpe News, rompi o invólucro do bem-apresentado CD-revista do Liga Tripa. Fui passando os olhos estavam/estão todos lá. E fui rindo e chamando um a um (um rico painel de nossa cultura). De repente dei um grito daqueles que abalam os abajures dos tetos, cortei o silêncio de todos: "eu existo, eu existo" – nome do meu blog está nas referências. Isso sim é o combustível que inspira a manter essa revista online desde 2003.

Retroceder como quem levita acima do travesseiro, para encontrar elos fulminantes de discórdias, de conforto, de realização, de vaidade, de infortúnio, enquanto cargas pesadas de críticas desabam sobre a sua cabeça-bendita. Esta ainda ostenta fios de cabelo. Maluco não dorme de toca (ou de toga) ou a terapia de voltar do útero à ejaculação. Encontrei! O fanzine *Oldies but Goldies* nasceu numa singela porta interna de guarda-roupa, onde eu pregava fotos dos Beatles. Era o porto secreto dos LPs e das poucas roupas.

Em meio aos enlatados americanos de domingo, via tevê por assinatura e entre notícias fakes da GolpeNews, rompi o invólucro do bem-apresentado CD-revista do Liga Tripa. Fui passando os olhos estavam/estão todos lá. E fui rindo e chamando um a um (um rico painel de nossa cultura). De repente dei um grito daqueles que abalam os abajures dos tetos, cortei o silêncio de todos: "eu existo, eu existo" – nome do meu blog está nas referências. Isso sim é o combustível que inspira a manter essa revista on-line desde 2003.

26 DE FEVEREIRO

Os paladinos das guitarras plugam seus instrumentos e deles escorrem blues incendiários – as guitarras são ardentes e o sol me faz delirar – quero um cigarro.

Foram dias sem o comando do Capitão Blavis, convidado logo abraçou a guitarra (faltava a corda mi) ele fez um fundo de violino em "Stairway to heaven", uma das canções que a dupla eventualmente toca.

ROCK'N'ROLL CIRCUS

Paulo Biko doura a pele debaixo do brilho do sol. Ele varia entre o elétrico e o acústico e passa a limpo histórias de sua carreira como músico em Brasília desde os tempos do Liga Tripa ou de



quando foi o auxiliar do grã mestre da cozinha, Edu Viola na peça *O último rango*. Paulo Biko aproveita para mostrar uma composição sua com trecho de uma outra composição do mestre Edu Viola. Ele ainda manda "Blue do Biko", "Quase 20 dentes", "Um telefone é pouco" e mais uma outra canção de

Renatinho Matos. Nesse momento, é Paulo Biko é quem embala do próprio bol\$o no colo: 'pode me chamar qualquer hora', e geograficamente somente os anjos sabem quando ele está próximo para nos presentear com argumentos da nossa existência. E, vamos com fé Paulo Biko que mais companheiros chegarão.



10 DE MARÇO – GUITARRAS – AS JAMS FORAM JUPTERIANAS

Aí Sérgio Passos, vamos montar uma banda, a gente chama o Walter Muganga e chama também o Kelton que também sabe tocar contrabaixo, então a gente divide contrabaixo e a guitarra com o Wendel e põe o Zen na bateria aí a gente monta o Fella's guru



O Frevo d'O troca





Seis cordas salvarão o mundo? Se seis fosse 9 a conta não fecharia. I'm the young fella's guru, teaching him the ways of the world. Sem ataques sem atabaques sem cascudos apenas rumando ao braço calmo da noite. O que dizer garotos que seremos a próxima atração? que foi apenas um ensaio faiscante com licks de rock'n'roll? O velho papa do rock'n'roll eu serei mais tinoso e ofensivo e delirante com minha própria sombra. Vocês, Os Fella's guru salvaram a noite salvaram a nós mesmos salvaram ao bazar – da boca saliente de Cristina ouvimos "jamais imaginei que teria som" e foi com essa surpresa árdua que somamos mais uma apresentação com o estilo e a nobreza daqueles dias de 2007 quando tocávamos para nossos amigos mulheres e filhos ainda no ventre. Eu digo que o rock'n'roll ainda tem vestígios e nós somos esses rastros. Sem flyer sem commodities, sem motivos sem armas na cabeça – amplificadores ligados e guitarras em punho – porque somente você pode salvar a si mesmo de sua solidão celular.

25 DE MARÇO

Polentas do rabo cheio – em pleno centro cultural coniquiano eis que o grande musgo Sabá me pega pelo braço e me leva Dulcina adentro para conhecer um outro grande musgo entre eu e o grande musgo a grande mesa farta a produtora estranhou a minha presença ali e ficou com medo de eu avançar em cima da grande mesa dos biscoitinhos, o grande guitarrista amigo de Sabá Jones foi legal e fizemos uma selfie o que não me desceu foi a grande produtora me olhando daquele jeito esse foi o ponto de vista do meu estômago pelos menos nas minhas parcas produções não há miséria repetindo para os miseráveis nas produções do próprio bol\$ a mesa é farta até de maconha VENHA MATAR A FOME! DO RICO

6 DE ABRIL

Mamãe, do rock'n'roll só me lembro de coisas boas, então amigas me ajudem a manter o espírito da coisa: permanecer legal. Será minha saideira do show business – de agora em diante faça rock como a sua cartilha quer... Queria passar a tarde conversando com Ricardo Retz e Julimar no ofício da sabedoria de espalhar tinta pelo céu na forma de nuvens. Às vezes consigo ser ruim e manter as minhas palavras: eu não me vendi e foi porque jamais alcancei oferta.

10 DE ABRIL

É engraçado, todos os anos fazemos aniversários. Este de hoje é um aniversário inverso: 36 anos de semiobscuridade, semiclandestinidade, semioficial e semiamador. Montava o fanzine e despachava os exemplares, by bike, pelos conjuntos residenciais. Mais adiante, via Correios. Até hoje tem um nominho, uma chama morna. Ainda existem fãs que perguntam se tenho todos os números. Vou leva-los à Administração do Guará para mostrar-lhes o que era jornalismo cultural! Quando eu escuto esta pergunta, fico orgulhoso. De vez em quando faço mágicas e nada mais de discursos esporrentos. Contracultura nunca para de andar na contramão – nisso se parece com O Pacotão! Deguste 36 anos de rock com fome, com dor, com júbilo (é tudo o que eu faço).

14 DE ABRIL – CORREIO BRAZILIENSE

O rock não pode parar

Dado Villa-Lobos conversa com o Correio sobre seus dois lançamentos e faz um balanço da carreira.



25 DE ABRIL

• *I want you so bad*

Dia louco – gravação do clipe da Lya – Victor esqueceu uma mochila e a camiseta

ROCK DIGNO!



com as
bandas:

**Jack Gôd
Banda Ser
River Phoenix
Corte Seco**

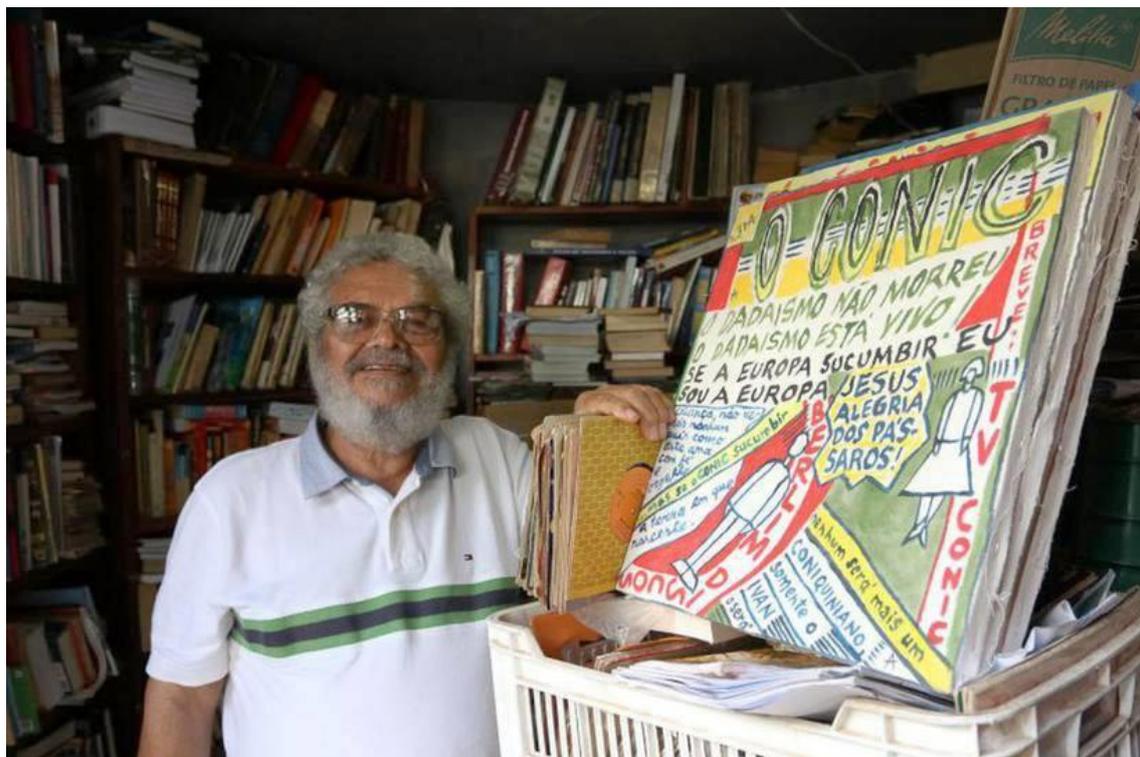
não esqueça
traga cerveja!

**21 ABRIL 2018 ÀS 15 HORAS
NA SEDE DO PRÓPRIO BOLSO**

Irmão Victor nos apresenta o novo roteiro da sua ópera rock soup. No íntimo, o grito é seria melhor ter uma lata de soup. O que incomoda nessa narrativa é a veracidade e a ferocidade que andam lado a lado nas ruas desses Brasis engraçados ridículos e desvalidos de época de motivo de ação ah saquei vivemos no paraísos dos gerentes como se estivéssemos em Águas Claras e Turvas. Fico com o teu conto que tem a fome e o futuro do miserável e o desprezo com quem toca na rua pela falta de opção no meio daqueles que escondem a renda e com o bico da gula mamam e engordam filas às custas dos

sonhos alheios.

16 DE MAIO



No estupor da criatividade consumimos generosas talagadas de chá e removemos caçambas de fatos – falamos de todo mundo de tudo da minha briga porque ela jogou fora o OBI – aqui resistem os últimos amigos e mais uma vez estamos enfileirados para aplaudir o show do Rafael Sales – vamos fazer rodas de choro livre – instrumental – vamos de MPB armada até os dentes iremos por nós mesmos – o ritual será nas sextas-feiras haverá e já há subversões poéticas no Thainá – estive com minha mulher lá e os casais alegremente bailavam – eu quero essa música de metais – sair de casa é bom e como disse Paulo Iolovitch: "Nenhum será mais

um coniquiano. Somente o Ivan o será”, nenhum será mais glauberiano... nenhum será mais alegre... a métrica do Conic agora é um longo retângulo oco.

3 DE JUNHO



O show deve continuar – vou dar uma paradinha pra cair matando na limpeza: valeu Blavis, valeu Tiago, valeu Toco, valeu Julimar, valeu Banda Mais Lama, valeu Kelton – um valeu dobrado às meninas que trouxeram o rango – a noite foi rápida como um flash.



6 DE JUNHO

Meu velho Papa fez 82 anos em junho e não liguei para ele. Minha amiguinha de Facebook me disse: "Seu pai ficou desapontado por você não ter ligado". Eu também não liguei para a Tânia

que perdeu a mãe (na verdade dando um tempo para mim e para as pessoas). Peguei o telefone e dei-lhe os parabéns e passei-lhe uma saraivada de memórias de parentes dele da parte baiana-paulista. Pense num povo debochado e eloquente! Meu pai ficou feliz. *Porra!* Vou aí te ver. Ontem, meu pai viu Zanza: "E o Mário? Não veio me ver" Hoje larguei o carro no meio da rua e fui rude ao interfone: "É o Mário e vim ver o meu pai!". Meu cunhado me recebeu muito bem. Subi ao quarto dos meus pais e os móveis estão do mesmo jeito. Os velhos estão a par do que acontece nas redondezas, como a derrubada de casas no perímetro de preservação. "E, aí Pai, o senhor está parecendo o Abraão". Foi a mais longa e louca conversa onde há todos estes tópicos que tenho postado. Falei com ele. Meu pai ficou feliz! O Homem que trabalhou em 1957 e nos 70s na RCA Victor na linha de prensagens dos LPs e em dezenas de fábricas. Ele riu ficou feliz pra caramba e ainda me falou "Não vá embora". Ele tinha que dormir. No atelier da minha mãe, as mais lindas telas. Gosto do seu trabalho: porque ela nunca fez uma exposição. No cavalete, uma supertela de 2003: uma árvore. Me falou que o sofá é original recapeado (com 50 anos) e eu falei da mesinha com o desenho dos peixes e de pés palito). A tela era de lindas cores, com predomínio do verde-natureza. Talvez, eu volte para arrumar espaço no atelier. Me despedi com uma velha fala de origem bíblica e significado universal da finitude dos dias: "...e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso...". Ela riu. Mamãe tá batendo um bolão. Ainda lhe disse que queriam tirar a tela de Cristo da entrada da nossa casa para figurar num filme: "Quem é esse louco?". Meu pai me disse que, se ele ainda estava vivo, era devido ao carinho e cuidado que meu cunhado Gérson tem com o senhor Ivan!

17 DE JUNHO – CORREIO BRAZILIENSE

O show que não acabou

Há 30 anos, fãs da Legião Urbana provocaram um badernaço no Mané Garrincha, uma história que marcou a cidade.

21 DE JUNHO



Ensaios secretos da Banda de Baile Mais Lama da Cidade – A Banda Mais Lama sabe a força da comunicação do seu repertório perante o público. A banda se exercita para subir ao palco

de um evento de Motociclistas. Foram ensaiadas desde as microfônias à canção dos Pholhas, "My mistake"! Enfim, 0 som que se ouve na cabeça. O sucesso depende de lutas...

30 DE JUNHO

Espaço Cultural Renato Russo reabre depois de cinco anos fechado

A reinauguração do espaço foi marcada pela manifestação de grupos de teatro, grafite, abertura de exposições de arte e pela confraternização de antigos e novos artistas do teatro, música, grafite, cinema e circo.

14 DE JULHO

Em matéria de rock, eu sou um torniquete que deixa passar uma pessoa por vez. Jamais chamei ninguém para ficar, chapar ou virar a noite na minha casa. Sou radicalmente contra isso, contra a má educação. Nem que eu estivesse com o Mal de Parkinson derrubaria duas latas de cervejas sobre o tablado em menos de 5 minutos! Isso mostrou que os jovens não vieram para curtir o rock, mas para se entorpecer. Aproximava-se das 22 horas e mais jovens ainda chegavam para ver a banda. Comentei: "Ainda bem que eles não fazem shows de 6 horas!". É isso que rola nas entrelinhas: às vezes o rock é bom, outras vezes é uma bosta. Você não vai segurar a onda de ninguém. É livre colocar a cabeça nos trilhos e apertar o botão vermelho. Por favor, sem chapação irresponsável, com barbitúricos, garrafões de vinho e todo tipo de birita destilada. Aqui não fica o abismo, paz!

26 DE JULHO



Paulo Biko e Eduardo Leal

30 DE JULHO

Quando concluí o livro *10.000 dias de rock*, havia tanta informação que eu tinha em mãos um segundo volume. Eu não queria que os *10.000* só fossem até 1999 e então dei uma atualizada até o fim de 2012. O livro seria lançado em 2014. De lá para cá foram 4 anos e 4 meses de pesquisa ferrenha, trabalho árduo e incansável. A tônica desses trabalhos é que você tem que ser rápido habita o medo da morte e o trabalho ficar pela metade. Parece que mais uma vez eu

vou conseguir. E, não posso esquecer as pessoas aguerridas e talentosas e comprometidas que me acompanharam nessas páginas.

1º DE AGOSTO

Escrever é derreter a vela e redescobrir que eu era o estudante com o maior número de notas vermelhas do Colégio JK. Corri o sério risco de não concluir o Segundo Grau. O prejuízo não vingou porque, naqueles idos, as instituições entregavam os diplomas (fiquei em duas matérias, uma delas Física, que quase me custou a vida). Escrever é redescobrir-se no início de 1985, quando eu vivi em romance tórrido num trem que rumava pra São Paulo; revejo o último show da Legião Urbana que assisti com ela, que eu havia tomado do meu melhor amigo. Redescobri que de dia escrevo com a sombra do diabo e à noite com as asas do anjo torto da cocaína – *Heustória: nascido para ser insano* – reviveu em mim o *End of the Century*. Eu gostava dos Ramones porque os Ramones gostavam de John Lennon – “Will you remember Jerry Lee, John Lennon, T. Rex and Oi Moulty?”. “Do you remember essas sacações?”. Acho o disco mais bizarro deles de difícil audição de engolir, mas o disco era como um imenso outdoor. Tinha crítica do Jornal de Música da Somtrês, tinha Phil Spector. Eu achava que os Ramones eram como Devo; tem aquela gíria da rua: “Como os discos pintavam?”. Acho que as informações vinham da escola em que Os Magrellos estavam matriculados em 1981-82.



3 DE AGOSTO

Esse papo de ser seguido é muito CIA, KGB, G2, e Interpol, meio pai de santo. Estou totalmente tomado pelo espírito de Glauber Rocha mordendo os seus pecados com a boca quieta; estou sofrendo o calvário de Glauber, que é Jesus, com todo respeito. Trata-se de um roteiro – nessa foto sentado Renato que é um cara que sabe fazer negócio – também na foto em pé de óculos, o Marcão tratando do disco da vida – Mr. Lucky merecidamente colhe reconhecimento com as bandas em que ele canta. O papo rock'n'roll é bem brega, mas sem enganar. Lucky cantará no disco, nessa sessão eu serei roadie, o disco anda, mas é deles o voo.

12 DE AGOSTO – DIA DOS PAIS

Me lembrei do Moacyr, meu primeiro amigo de infância. Moacyr morreu ainda na infância, vítima do vírus da raiva. A última cena foi o seu isolamento num quarto acolchoado e os pais vendo-o da janelinha.

17 DE AGOSTO – WHERE HAVE ALL THE GOOD TIMES GONE

Sem jogar pesado, sem demonstrar descontentamentos, sem cobranças e sem desmantelamentos de amizades. Agora, sem ego já é querer demais. No Brasil, a viatura em alta velocidade liga o giroflex, e você muda de faixa para descobrir que os PMs recolham a viatura no quartel, na QE 36. Talvez tivessem que bater o ponto. Hoje, faz 10 dias que o BRB sequestrou 50% do salário e desde então vou à agência, ligo no Sac, na ouvidoria e nada – ninguém trabalha certo. Sou mais uma vítima do sistema bancário, que o Mais você, da Ana Maria Braga mostrou. Essa oração é para mostrar como somos parecidos. É claro que não iremos desistir: estou mais velho: "Where Have All the Good Times Gone" é uma canção refeita pelo Van Halen e que tem esse verso: "Get your feet back on the ground." Sigamos com a ajuda divina esperar o pé esquerdo desinchar e deslanchar.

"Where Have All the Good Times Gone" – título de uma música do Elton John, lançada no disco *Jump Up* de 1982, que também tem 'Empty Garden', homenagem a John Lennon."
(SYLVIO EDGARD CASTRO)



A capa do livro é essa e a satisfação é vê-la impressa com o lápis do Bonvart e o letreiro do Barata. Assim é rock, assim é legal. Já faço a produção do dia 7 da melhor qualidade e no padrão *Do Próprio Bolso* totalmente dedicado à música das esferas e do coração.

No uso das atribuições do regulamento interno, face à reclamação no livro de reclamações, servimo-nos da presente a fim de NOTIFICÁ-LO, como notificado se encontra a partir do recebimento desta, com a seguinte reclamação:

Reclamação

1- DADOS DO PROPRIETÁRIO

NOME: MARCELO SERGIO P. DOS SANTOS LOTE/Nº: 01

2- NOTIFICAÇÃO

EVENTO FORA DO HORARIO ITEM: 6 ARTIGO: Q

3- ENQUADRAMENTO DA NOTIFICAÇÃO

4- PRAZO PARA REGULARIZAÇÃO

1ª NOTIFICAÇÃO (ISENTO)

2ª NOTIFICAÇÃO (100% DA TAXA DE CONDOMÍNIO)

3ª (ou mais) NOTIFICAÇÕES (100% A 500% DA TAXA DE CONDOMÍNIO)

APLICAÇÃO

IMEDIATO

ASSINATURA DO PROPRIETÁRIO

ASSINATURA DA TESTEMUNHA

ASSINATURA DO SÍNDICO

Um museu abandonado numa ruela abandonada de um país abandonado. Um discurso de William Pitt, propondo a criação de Brasília em 1809, vira cinzas.

7 DE SETEMBRO – LANÇAMENTO DO LIVRO, 'COISA DE FÃ'



BANDA MAIS LAMA • JAQUE SOUL-BRASILEIRA • BLAVIS + DUDU PINTO + TIAGO RABELO • ALARME • BANDA SER • LUCKY AT YOURSELF + BLAVIS + TIAGO RABELO + SILVIO DUARTE + WERRY RODRIGUES • BETTO TUTU & IZABEL TUTU • AS SÚDITAS DA FAVORITA (MARIANA CAMELO + BRENDA KUBOTA) • DINO BLACK + DJ NADER ARAR + DIEGO SOUSA + JULIMAR DOS SANTOS



Resplandecente a generosa e completa produção de Zanza Meneses nesta tarde, quando o livro, *Coisa de Fã*, foi lançado. Aconteceram entrevistas para No Sofá Amarelo e flashes foram colhidos pel' *O Libertário*. Marcão Gomes alavancou a propaganda nas redes com o polêmico vídeo, *Eu sou Universal*. Quem tinha que dar as caras veio e deu talento e ritmo e cor.



Na tarde do lançamento do livro, *Coisa de Fã*, rolou uma entrevista "psicótica, psicológica e psicodélica" ao vivo para o programa literário *No Sofá Amarelo*.

16 DE SETEMBRO – SARAU PSICODÉLICO, GUARÁ



Na companhia de Júlio Junky, comentei: esse é o tipo de show que queríamos tanto ter visto nos idos de 1983/84. Eles não escondem suas influências de Iron Maiden e usam camisetas com o nome de Megadeth. Um heavy-metal como o do Cérbero, Vírus, Centúrias, Metalmorphose bandas de quem eles são fãs! Cantam em português com aquela guitarra triangular onde abraça-se toda a extensão do braço. O power trio Crushing é uma banda poderosa, fãs da ANVIL e a reencarnação de todo o percusso e tradição e marcas que as bandas desse estilo representam para os fãs.



24 DE SETEMBRO

A maior surpresa estava por vir, os cinco minutos da entrevista, Museu do Rock, no quadro Ligação Direta do jornal do meio-dia do SBT/Brasília. Diogo Sombra, foi o repórter e a direção de imagens ficou por conta do mestre Joaquim Santos. A pauta foi sugerida por Rodrigo Neves e Luryan Junqueira.

28 DE SETEMBRO – 'EM BUSCA DA MEMÓRIA', UM LIVRO DE ARQUIVO

A conclusão do texto de *Refrescando a mente* foi rápida devida

à revisão das mãos calejadas de Gicello que agarram o texto com tenacidade e sapiência. A vitoriosa dobradinha na diagramação com Marcone Barros, encurtou o tempo. Uma trajetória de 45 anos é como o passado de uma banda de rock em plena atividade se a gente girar da safra de 1974, teremos Kiss e Judas Priest. *Em busca da memória, também de resistência* foi um disco achado.

•

A reflexão é um buraco enorme por onde voa merda. São 36 anos de rock turbinados pela bipolaridade. Se em Deus eu deitasse tanta paixão, seria um fanático; se fosse no dinheiro, eu seria milionário. O rock tinha aquela coisa de delinquente, de cartão de visitas, de ser conhecido e admirado. Ah, estávamos no rock'n'roll pelo álcool, pela amizade, pelo ato de barbarizar. Eles me olhavam e me chamavam de maconheiro. Eu os mandava tomar café. Vivem comigo? Me sustentam? Vagabundo! Ah, mandei muita gente boa tomar Campari e a melhor coisa é que eles começaram a pensar duas vezes antes de ferirem outros. Amenizaram. O discurso agora é "ele é louco!". E fazendo fanzines, editando livros e CDs, subindo sites sem subsídio – não me arrependo. A única coisa que eu posso dizer: fazer rock por 36 anos é venturoso e a gente se acostuma. A fúria tem nome: *Do Próprio Bolço*. Enfie entre as pernas os seus flyers com logomarca do FAC.

9 DE OUTUBRO

São muitas injeções infiltradas no olho do furacão muitas castrações medievais artificios maléficos de Malekitch, mas no cinema marvel, os deuses nórdicos sempre vencem a ira de Khan. Foi Paulo Fernando Zanetti que popularmente é o compositor brasileiro Paulo Bicko que forjou a ideia da exibição da forja musical. O que é isso Mário? Será uma mostra musical onde serão exibidos nossos amplificadores e instrumentos nada soberbo mas teremos duas baterias e guitarras e violões que serão performáticos. Também serão exibidas as novas pinturas eólicas e telúricas do já mestre Julimar. Vamos oferecer um show que é diferente pois será mais acústico trarei do alto da montanha, o Gilmar do Gama e o seu repertório inusitado, trarei o Juka e pela primeira vez uma grande cantora do Guará atuará aqui em casa – três shows acústicos e a velha pauleira do rockvintage de sempre. Não haverão ingressos, flyers



voadores e toda essa mixórdia despejada em facebook não sei quando será – essa é a ideia. o happening depende da sua força motriz por isso é para gatos pingados debaixo da aba do guarda-chuva de fevereiro.



12 DE OUTUBRO

Julimar, pintor e utopista profissional irá no mínimo a 4 eventos antifascistas hoje

Nossos mundos se colidem: sétima arte com quadrinhos. No *Natal* de 2015, Paulo lolovitch me deu uma tela com o desenho de Dick Tracy, fato apagado da minha memória, mas não dos meus cadernos aqui em Facebook. Um dia desses, tinha que dar um presente e a tela de



lolovitch

de Dick Tracy foi parar em Goiânia, a pessoa que a recebeu a merecia, um grande colecionador. Só que depois que eu "percebi" que era um presente de *Natal*, buá, buá... Por isso pintamos as portas em homenagem a Andy Warhol e Paulo lolovitch. Agradeço muito por estar com Julimar e aprender os detalhes que somam preferência. A verdadeira arte é um achado.

Associação de Moradores da
Colônia Agrícola Bernardo Sayão

NOTIFICAÇÃO 00043

CNPJ: 04.455.266/0001-78
Colônia Agrícola Bernardo Sayão, Chácara 12 - Guará II

DATA: 22/10/2018

No uso das atribuições do regulamento interno, face à reclamação no livro de reclamações, servimo-nos da presente a fim de NOTIFICÁ-LO, como notificado se encontra a partir do recebimento desta, com a seguinte reclamação:

Reclamação

1 - DADOS DO PROPRIETÁRIO
NOME: MARIO SERGIO P. DOS SANTOS LOTE/Nº: 01

2 - NOTIFICAÇÃO
FESTA FOLIA DO HORALIO ITEM: 6 ARTIGO: 02
OBS: FESTA DIA 20 ATE 21/10

3 - ENQUADRAMENTO DA NOTIFICAÇÃO **4 - PRAZO PARA REGULARIZAÇÃO**

1ª NOTIFICAÇÃO (ISENTA)
 2ª NOTIFICAÇÃO (100% DA TAXA DE CONDOMÍNIO)
 3ª (ou mais) NOTIFICAÇÕES (100% A 500% DA TAXA DE CONDOMÍNIO)

APLICAÇÃO: _____

ASSINATURA DO PROPRIETÁRIO: _____ ASSINATURA DA TESTEMUNHA: _____ ASSINATURA DO SÍNDICO: _____

20 DE OUTUBRO – A ERA DAS NOTIFICAÇÕES

27 DE OUTUBRO

Uh uh uh – o rock anda engessado e pesado igual ao meu bucho com tornozelo cansado – então, guardarei a energia para hoje à noite ver a banda Athena – irei ao almoço das fraldas (espero você, Julimar lá) – meus amigos estão tristes enquanto outros colegas vegetam – a degola vai rolar – seremos mais

underground ainda – estou para comprar um cubo de baixo com corneta de prata para entrar na celebração dos 37 anos de total independência sem me vender e fazer política suja – cabeças vazias e mandadas serão degoladas – sou ninguém para afirmar isso, mas vou manter a cabeça ereta – não é briga não é ilusão é questão – o rock avança como o mar dentro de você afogando-o.

28 DE OUTUBRO

Em atividades insuspeitas ao redor dos artistas – estamos por um triz – eu vou propor a volta do boteco de estrada com reuniões mambembes e espontâneas de porteira fechada – ainda sinto falta dos amigos que não vieram mais tocar aqui – sabemos que o preço da vida está pela



hora da
morte –
quero vocês
quero
situações e
vamos
manter a
tenda
tremulando –
vamos fazer
um som com
carnaval
vermelho ou
não.

3 DE NOVEMBRO – EPITÁFIO UNDERGROUND, A VIDA DELES DARIA UM FILME

A cabeça tomada de assalto pelo melhor skank varou a noite ligada na tevê: *Timeless*, e suas aventuras pelas linhas do tempo, fez menção a 'Os Waltons, série clássica dos anos 1970. *The End*, Começa o longa *Dois Caras Legais* (2016), uma comédia surreal, rodada na metrossexual Los Angeles e inspirada em absurdos contos noir – tipo pornojornalismo investigativo – protagonizado por Russell Crowe. Eu juro: Os Waltons são citados na fita (e homenageados!), com direito à aparição de um ardiloso vilão codinome "John Boy", o qual, soberbo, ostenta uma mancha sinistra na carantonha.

Eu e um screenplay de injúrias: é quando a tevê te mastiga e te deglute. Meu pulmão esquerdo estava com a ventilação prejudicada, e eu respirava, lentamente, pela boca, para tossir menos. Ingeria generosas colheradas de melaço, buscando alentar a imunidade, e mascava cravo, para alcançar a chegada da manhã. Tossia, tossia muito, não suave. Pensei em hospital. Dispensei.

Um cochilo me trazia paz de espírito – ou estaria eu desvanecendo pensando estar em placidez etérea?

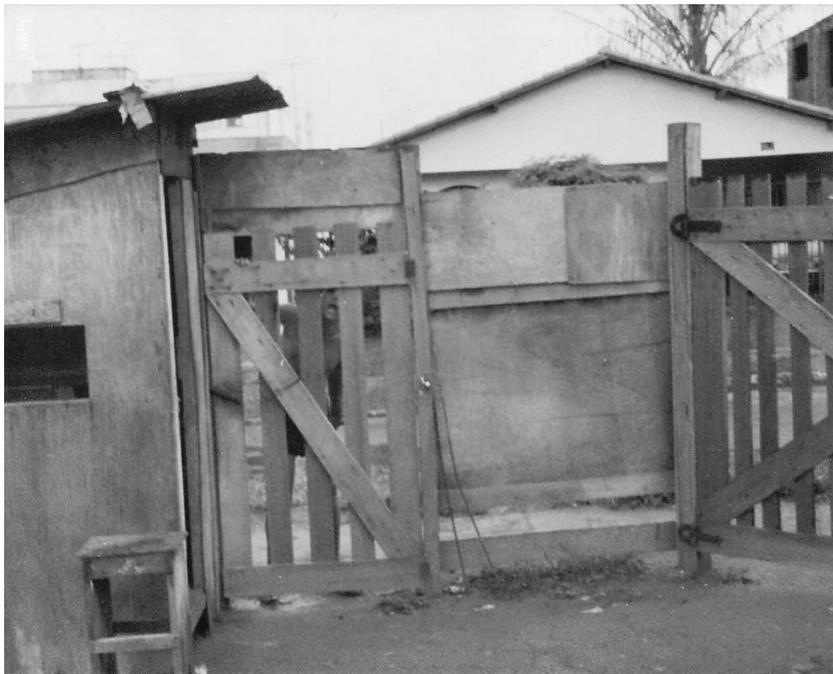
Décadas antes do cosplay e dos quase sócias, clones e fakes, atravessei uma noite de sábado mergulhado em febre alta e relembro o saudoso Michael Jackson da QE 32 Andarilho descalço, notável pedinchante de cigarros, arrastava a barra da calça boca de sino listrada pelo asfalto, e – ai que dó! – nu da cintura pra cima, sempre suplicando por um violão, do qual não sabia combinar três notas harmônicas. Chamavam-no de Michael Jackson acho que porque era moreno e miúdo.

Nesta galáxia, também habitava o rockstar Roberto Plant, da QE 28.

NESSA HISTÓRIA SÓ TINHA LED ZEPP

Nos anos de lazer na praça, uma das maiores sensações era o esguio Roberto Plant da QE 28. Um dos malucos da paz, sempre sem camisa, bronzado, cabelos curtos e o rosto marcado por eczemas lunares. Não havia uma só atividade nas redondezas em que nosso Robert Plant particular não prestasse a tradicional canja: enroscado no pedestal abraçado ao microfone com a cabeça levemente inclinada, os quadris fechados e o tronco retesado, sua postura era bem

Robert Plant, desabusado, trauteava: "See Me / Feel Me / Touch Me / Heal Me". Apesar de carregar o nome dos Led Zeppelin na hora da convocação se bandeava para o The Who.



Num domingo, no Guar 1, fomos ensaiar em trio num canteiro de obras onde Júlio "Page" trabalhava como apontador. Ele estava na Gibson, além de um colega dele e de mim. Na hora, minha inaptidão nas quatro cordas foi determinante para que eu fosse sumariamente defenestrado do conjunto!

Eis que, do nada, irrompendo vociferante, surge pelos portões do canteiro da obra, nosso Roberto Plant, e, aos brados, nos anuncia em frenesi: "Voces tocaram como homens!". Com uma única pose para a câmera, achei melhor fazer o registro. Um dos caras do trio (agora um duo) disse: "Voce deveria era ter feito uma foto nossa", e ainda propôs que eu aprendesse gaita para retornar  banda. Fiquei puto, não necessariamente com minha exclusão, mas tomado por um cioso e íntimo desprezo pela gaita de boca. Objetei: "Voces deveriam convidar o Roberto Plant para os vocais". Foi a gota d'água, o solo sem cordas, o desafino sem perdão. Por conta de minha amizade com Júlio "Page" – que era um bárbaro guitarrista – aquele meu último ensaio como membro de banda foi tolerado.

"Roberto Plant era uma figuraa, ele chegava na roda de violão em hora de ensaio e já soltava logo a voz , a gente dava um tempo dos trabalhos para viajar um pouco com ele, eu jogava uns acordes e ele mandava um The Who....muito boa a lembrança." **(MIRO FERRAZ)**

•

Naquele domingo, soube que dois amigos subiram as escadas de minha casa e foram até meu quarto. Sobre a estante de madeira negra, de duas prateleiras, onde eu guardava os discos, coloquei o bloco de vales-transportes, o relógio e uma mixaria. Tenho clara consciência dessa cena. Depois senti falta da grana. Não sei se ela foi surrupiada para compra de maconha.

Com o Júlio, penso que pisei na bola. Desconfiei dele e, injustamente, o coloquei como suspeito, e sem direito a defesa. A história chegou a seus ouvidos através de uma terceira via, colegas em comum. Errei com o amigo, mas não fiz acusaes deletérias – foi mais um desabafo. Aquelas coisas, hoje, não significam absolutamente nada.

•

Perdemos vários amigos regenerados. As perdas mais inesquecíveis e mais dolorosas foram as de Delinho, atropelado abaixo da QE 32 e de Dejanlton, covardemente esfaqueado pelas

costas no Bar do Gui-gui, na mesma quadra. Deixa era próximo, ele carregava um enorme senso de justiça. Sem camisa, num sábado tomava a sua cerveja no balcão. Reprimiu um menor que queria tirar na base da força o dinheiro de um outro menor. Deixa avisou: "Aqui na área não tem isso!" O menor correu na casa da tia e na volta desferiu um golpe mortal na altura do rim de Deixa, que instantaneamente caiu morto. Pior foi a matéria dos jornais na manhã seguinte, noticiando a tragédia como "acerto de contas".



5 DE NOVEMBRO – ENTRE CONVERSAS & POESIAS

Eu me pego falando sozinho, os meus próximos demoram a pegar as minhas ideias (pqp) que momento crucial e a loucura geme no pé do meu ouvido e eu escrevo o diário para ser impresso. Me sinto transtornado como Tom Zé, ô meu Deus como é que eu vou por pra fora toda essa sensação de tortura que angustia o meu peito? Que paralelo com o Brasil na fala do Paulo Henrique Amorim da TV Record – falar da arte que retomamos todos os dias na companhia de Julimar? Falar da música que nunca cede seus encantos aos nossos ouvidos. Pô alguém tinha que ir me filmar nesses momentos e no funeral também, por isso, é que meu doc. nunca começa. Senhoras e senhoras amanhã na Rádio Zoom Music – mr. Mário Pazcheco numa sinuca de bico entre mostrar alguma experiência e conseguir esconder como estes tempos me deixaram como os fundos molhados. Recuperando de uma quase pneumo indo ao dentista o homem com o microfone d e ouro na boca – acho que será legal.

Entre conversas e poesias foi trepidante, me senti como uma onça desdentada no jardim – a parada foi aberta e udigrudi e abrimos fogo contra os problemas de locomoção emocional na cabeça do público e dos moradores do Guará. Falamos com sinceridade de nossas próprias feridas arrancamos casca e pus para todos os lados. As poesias sensuais de temperatura



elevada da Laura Gomes que lança seu livro na primeira semana de dezembro, a minha fala grossa e o acalanto e a compreensão femininas e a estupefação e uma trilha sonora de primeira. Pá, foi uma nova experiência ótima no rádio. Me sinto um ex-defunto em pé novamente, podem jogar flores e flechas usamos armaduras. Evoé! O sangue novo jorra na cova do vampiro de meia idade.



**17 DE NOVEMBRO –
ANIVERSÁRIO
BLUES DE IZABEL**

**KELTON ALEX •
BETTO • TUTU &
IZABEL TUTU**

*Reedição do Sarau
Vermelho que
acontece de quatro
em quatro anos. O
povo tava sem norte*

Blues de Sucupira,
muito bom mesmo e

do jeito que as coisas tem que ser – estamos sendo perseguidos pela ADM do Condomínio são 2 multas. Mas nem por isso arrefecemos os músculos ou as pessoas chegam no horário ou que vão para outras baladas. Não dá para misturar, o toque de recolher voltou. A produção foi bela, foi iluminada e podemos perceber o toque na guitarra, foi um bom show sem aquela pressão e burburinho das mesas do bar. Gostei da versão que o Kelton fez de "Mais do mesmo". Um show rico e exclusivo e bonito. Boas pessoas vieram, pessoas do Conic apareceram, amigos dos tempos da UVA, aportaram. Marcão deu aquela força. A vida segue, é domingo e o sol pira

O ALEGRE SHOW TERMINOU COM 'LINDA MANHÃ'



Betto Tutu & Izabel Tutu estavam com fome de palco, foi uma apresentação bastante segura. No total foram 3 horas de som! Eu disse que seria um jantar cultural e foi o que foi servido, agradeço à toda produção envolvida: (“Não deixe os bastardos te oprimirem”).

18 DE NOVEMBRO – CORREIO BRAZILIENSE

Irmã de Renato Russo vence disputa judicial contra filho do cantor

Carmem Manfredini era processada por Giuliano Manfredini por causa de carta publicada na imprensa, que demonstrava descontentamento com o leilão de parte dos bens de Renato Russo

Carmem Manfredini, irmã do ídolo Renato Russo, saiu-se vencedora numa disputa judicial envolvendo seu sobrinho Giuliano Manfredini, filho do líder da Legião Urbana.

Incomodado com uma carta publicada pela imprensa redigida pela tia em seu desfavor, em que ela demonstrava descontentamento com o leilão de parte dos bens de Renato Russo, o sobrinho ajuizou ação requerendo retratação pública e danos morais da tia.

Na sentença, o magistrado do TJDFT julgou improcedentes os pedidos e condenou Giuliano a pagar as custas do processo e os honorários advocatícios ao advogado de Carmem, Paulo Cesar Cascão. Ainda cabe recurso.



Carlos Amaral e Meneses Y Moraes: literatura & Conic & Sindicato dos Escritores presentes

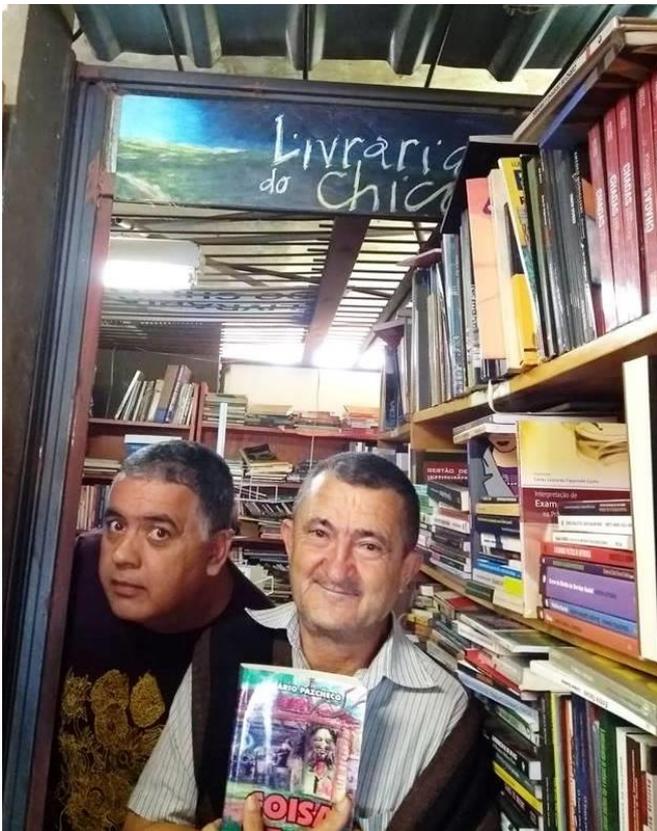
22 DE NOVEMBRO – OS MUTANTES NO AÇOUGUE CULTURAL T-BONE

Dias & Dias

O lance capital desta foto aconteceu quando, o atencioso Sérgio Dias pediu a Sandro Alves que fizesse mais uma foto, pois ele, o mutante não havia me visto na foto. Depois do click mágico nos cumprimentamos e soltamos o grito: Ave Gengis Khan! Sai rápido, para que outros poucos fãs privilegiados tivessem seus momentos. Rock é isso, rock é coisa de fã! Foi a quarta oportunidade de ver dos Mutantes e todas no Centro-Oeste!



Velhos cães de guerra ou ainda no embalo de Sérgio Dias. 'Coisa de Fã' chegou na Livraria do Chiquinho



27 DE NOVEMBRO



Ana Luíza recebeu nota máxima da banca de TCC da UnB! O filme *Alves de Jesus'* dirigido por ela aborda a preservação das florestas e da vida dos moradores da região amazônica em Alter do Chão no Pará. Estamos felizes apesar das preocupações exaltadas no filme. Por fim da tarde e conagração: cervejas & LPs no Conic.



2 DE DEZEMBRO – COVESCOTE – CLEITON ROOTS & MICHERLÂNDIO LOPES (DUO REGGAE) • BETTO TUTU & IZABEL TUTU



8 DE DEZEMBRO – 33º FERROCK (SÁBADO, PRIMEIRO DIA)



Não temos palavras: Zéantônio, Pazcheco e a dupla do Terno Elétrico